

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**MOISÉS WAGNER FRANCISCON**

**A REVISTA VEJA E O BLOCO SOVIÉTICO**  
**DO IMPÉRIO DO MAL AO FRACASSO DO COMUNISMO: 1985-1991**

**MARINGÁ**

**2013**

**MOISÉS WAGNER FRANCISCON**

**A REVISTA VEJA E O BLOCO SOVIÉTICO  
DO IMPÉRIO DO MAL AO FRACASSO DO COMUNISMO: 1985-1991**

**Dissertação encaminhada à Banca Examinadora como exigência para a obtenção do título de Mestre no programa de pós-graduação em História, na linha de pesquisa de Política e Movimentos Sociais, da Universidade Estadual de Maringá, sob orientação do professor doutor Reginaldo Benedito Dias.**

**MARINGÁ**

**2013**

**Este trabalho é dedicado à minha família,  
especialmente meu pai, Jorge Franciscon, e a minha  
mãe, Luzia Tomadon Franciscon**

## **AGRADECIMENTOS**

**Tenho muito a agradecer ao meu orientador, professor doutor Reginaldo Benedito Dias, pela indicação de leituras sem as quais esse trabalho não seria possível; ao professor doutor Sidnei Munhoz e a professora doutora Carla Luciana Silva, pelas atenciosas correções conceituais e mesmo ortográficas e gramaticais.**

O modo de o Ocidente perceber a União Soviética ficava seriamente cerceado por um esquema cognitivo que impedia os analistas de verem o mundo com realismo [...].

O trabalho erudito na União Soviética precisa ser confrontado com opiniões amplamente consolidadas e fervorosas – um “discurso público” altamente estruturado, que não existe em outros campos do conhecimento. Esse discurso se baseia em uma série de erros metodológicos que são exibidos nos diversos veículos como verdades óbvias.

O anticomunismo (e suas ramificações) não é erudição histórica: é uma ideologia disfarçada como tal. Não apenas não corresponde à realidade dos “animais políticos” em questão, mas, desfraldando a bandeira da democracia, paradoxalmente explorava o regime autoritário da URSS (ditatorial) a serviço de causas conservadoras ou pior (LEWIN, 1988, 20; 2007, 459).

## RESUMO

Este trabalho se intitula *A revista Veja e o bloco soviético - do Império do Mal ao fracasso do comunismo: 1985-1991*, por cobrir o período cronológico recortado de suas páginas e por identificar o percurso que o anticomunismo declarado por seu editorial traçou dentro desse mesmo espaço de tempo. A União Soviética e seus satélites europeus orientais representavam uma poderosa ameaça. Uma superpotência militar agressiva e expansionista, apoiada em uma base material que não poderia ser considerada a de uma superpotência econômica, uma vez que não se destacava decididamente das da Europa Ocidental e Japão. Mas que ainda assim era a segunda economia do mundo. Ao fim do período essa ameaça não era mais perceptível. Construiu-se o discurso de que o comunismo foi um fracasso político, econômico e social desde seus primórdios. O que contrariava suas próprias afirmações de seis anos atrás, rapidamente apagadas da memória. Do auge territorial do sistema do socialismo real e das nações de orientação socialista (provavelmente 1983 e a crise em Granada) ao colapso do próprio conceito político de Europa Oriental e de Segundo Mundo, oito anos depois, o anticomunismo e a imagem feita por este da experiência socialista, passou por uma revisão total, da qual *Veja* é testemunha engajada. Essas alterações discursivas, se orientadas e inspiradas por políticas externas e intelectuais em boa medida estrangeiros, possuíam como alvo a formação de opinião dos grupos leitores cativos da revista, e na formação de uma teia de argumentos e imagens discursivas que poderiam ser facilmente replicados, no rádio, telejornal, jornal impresso e outras revistas, alimentando um extrato comum de repúdio à União Soviética e a todo adversário político e econômico interno que pudesse ser associado de alguma forma – mesmo a mais enganosa – aos interesses, métodos ou princípios pertencentes (ao menos no imaginário anticomunista) ao universo dos regimes socialistas. Aqui tentamos traçar essa mudança discursiva e como ela era objeto de uma tentativa de enquadramento na situação político-econômica no Brasil.

**Palavras-chave:** revista *Veja*, totalitarismo, perestroika, glasnost.

## ABSTRACT

This work is entitled *Veja magazine and the Soviet bloc - the Evil Empire to the failure of Communism: 1985-1991*, the period covered by chronological cut of your pages and identify the route that anticommunism declared by its editorial outlined in that area of time. The Soviet Union and its Eastern European satellites posed a powerful threat. An aggressive and expansionist military superpower, supported on a base material that could not be considered an economic superpower as it did not stand out from the decidedly Western Europe and Japan, but it was still the second largest economy in the world. At the end of the period that threat was no longer noticeable. He built up the speech that communism was a political failure, economic and social since its inception. The statements that contradicted his own six years ago, quickly erased from memory. Peek territorial system of real socialism and the socialist-oriented countries (probably 1983 and the crisis in Granada) the collapse of the very concept of political Eastern Europe and Second World, eight years later, anticommunism and the image made by this experience of socialist , has undergone a complete overhaul, which See is engaged witness. These discursive changes, if guided and inspired by intellectuals and foreign policies largely foreigners, had targeted the opinion forming groups of captive readers of the magazine, and the formation of a web of discursive arguments and images that could be easily replicated in radio, television news, newspaper and other magazines, feeding a common statement repudiating the Soviet Union and all internal economic and political opponent that could be associated in some way - even more misleading - the interests, principles or methods belonging (at least in anticommunist imaginary) to the universe of socialist regimes. Here we try to trace this discursive shift and how she was the object of an attempt to frame the political and economic situation in Brazil.

**Keywords:** *Veja* magazine, totalitarianism, perestroika, glasnost.

## SUMÁRIO

Introdução.....	1
-----------------	---

### Capítulo I

#### A construção discursiva de Veja

1. Perestroika e glasnost.....	18
1.1 Os oráculos de Veja.....	25
1.2 Um analista mais importante que Reagan?.....	37
1.3 Origens de um novo consenso político-econômico.....	41
1.4 O combate à esquerda.....	45
1.5 Mudança na visão da revista Veja.....	50

### Capítulo II

#### O discurso anticomunista – 1985-1987

2.1 Uma superpotência global.....	54
2.2 A Guerra Fria.....	55
2.3 Terrorismo internacional.....	62
2.4 Totalitarismo ou autoritarismo? 1985-1987.....	68
2.5 As negociações de paz: como apagar a estrela de Gorbachev – 1985-1986.....	73
2.6 A situação econômica no Leste Europeu entre 1985 e 1987.....	84
2.7 A glasnost de 1985 a 1987.....	95
2.8 O discurso anticomunista – 1985-1987.....	120

### Capítulo III

#### A percepção de um líder realmente revolucionário: 1987-1988

3.1 O novo pensamento diplomático e o fim da Guerra Fria - 1988.....	132
3.2 O exemplo dos bons negócios – 1987-1988.....	144

### Capítulo IV

#### O discurso anticomunista: 1988-1989

4.1 O totalitarismo de 1988 a 1991.....	154
4.2 Totalitarismo e a reforma do sistema político – 1987-1991.....	168
4.3 Propaganda, revisão histórica e ideológica – 1988-1991.....	197
4.4 O papel internacional da URSS – 1989-1991.....	217

### Capítulo V

#### As mudanças no rumo das reformas

5.1 Perestroika – 1987-1988.....	222
5.2 Perestroika – 1989-1991.....	234
5.3 Mudanças sociais – 1988-1991.....	250
5.4 Colapso – 1989-1991.....	262

### Capítulo VI

6.1 O exemplo para o Brasil.....	272
6.2 As relações do noticiário com a publicidade – o caso Lada.....	291
Conclusão.....	300
Bibliografia.....	305
Fontes.....	316
Anexos.....	326

**GLOSSÁRIO E ABREVIACÕES**

- Apparatchik – integrante do aparato de órgãos administrativos, burocrata
- CEE – Comunidade Econômica Europeia
- Comecon – mercado comum dos países socialistas
- Dacha – casa de campo
- Demokratizatsiya – democratização
- FMI – Fundo Monetário Internacional
- Glasnost – transparência ou abertura
- Glavlit – o órgão de censura soviético
- Gosagropom – o superministério agroindustrial criado por Gorbachev
- Gosplan – comitê responsável pelo planejamento econômico
- Grospienka – órgão estatal de controle da qualidade da produção
- Gulag – Diretoria Geral dos Campos
- IDE – Iniciativa de Defesa Estratégica – o projeto Guerra nas Estrelas
- Intelligentsia – a camada de técnicos, pensadores e artistas
- KGB – Comitê de Segurança do Estado
- Khozraschet – cálculo econômico
- Kolkhozes – cooperativas agrícolas
- Kommunalka – casa coletiva
- Konsomol – União da Juventude Comunista
- MI6 – serviço secreto britânico
- Myshlenie famousnovoe – o novo pensamento diplomático, político e ideológico
- NAFTA – Tratado Norte-Americano de Livre Comércio
- NEP – Nova Política Econômica, em vigor de 1921 a 1929
- Nomemklatura – a lista da qual eram chamados os quadros do aparato político-administrativo
- OLP – Organização para a Libertação da Palestina
- Ossies – alemães orientais
- OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte
- Pacto de Varsóvia – Aliança militar envolvendo a URSS e o Leste Europeu, com exceção de Iugoslávia e Albânia.
- PC – Partido Comunista

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PCF – Partido Comunista Francês

PCI – Partido Comunista Italiano

PCUS – Partido Comunista da União Soviética

PEA – população economicamente ativa

Perestroika – reforma, reforma radical ou reconstrução

Privatizatsia – privatização

Politburo – órgão político máximo, sede da liderança colegiada formada por quinze membros

POUP – Partido Operário Unificado Polonês

RDA – República Democrática Alemã, Alemanha Oriental

Reaganomics – a política econômica desregulamentadora formulada pelos assessores de Reagan

Refuseniks – dissidentes judeus que queriam emigrar da URSS para Israel. Para o Kremlin, *sionistas*.

RFA – República Federal Alemã, Alemanha Ocidental

RFSS – República Federada Socialista Soviética (ou ainda, RSFSR), cada uma das 15 repúblicas que compunham a União Soviética

RPG – lançador-propelente de granadas soviético, visualmente parecido com a bazooka

Samoupravlenie – autogoverno

Securitate – Departamento de Segurança do Estado

SED – Partido Socialista Unificado, da Alemanha Oriental

Sovkhozes – fazenda estatal

Stasi – Ministério para Segurança do Estado

Tratado AMB – Tratado de Mísseis Antibalísticos

Tratado INF – Tratado de Mísseis Balísticos Intermediários

Tratado Salt II – Acordo de Limitação de Armas Estratégicas

UE – União Europeia

UES – União de Estados Soberanos: a denominação que substituiu a de União das Repúblicas Soberanas Soviéticas, que por sua vez substituiria a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas com o Novo Tratado da União elaborado por Gorbachev nos encontros de Novo-Ogareno.

Uskorenie – aceleração da eficiência e da produção

Zabastóvska – greve

## INTRODUÇÃO

Pretende-se traçar as alterações do discurso da revista *Veja* sobre a União Soviética (tocando, sempre que necessário, em sua esfera de influência) entre os anos de 1985 e 1991. O recorte cronológico refere-se à Era Gorbachev. Justifica-se em decorrência da importância assumida pela liderança soviética nas contínuas reformulações da visão da revista.

Os redatores e editores de *Veja* são jornalistas que precisam absorver discursividades de outras fontes: especialistas, autoridades, colunistas. Os editores o fazem segundo os interesses da direção da empresa e repassam as tendências discursivas para as redações. Então passam a cumprir o papel de disseminadores de uma ideologia, que não criaram, mas que em alguns momentos a manipularam, recortando, montando e interpretando as informações e falas de seus especialistas. Assim pode-se explicar os ataques de *Veja* ao que acreditava ser uma postura demasiadamente acrítica da *Time* para com Gorbachev, mesmo tendo que recorrer às entrevistas que ela coletou.

Se pretendermos analisar a construção do discurso de *Veja*, precisamos cotejá-la com a historiografia, como uma forma de controle sobre a própria revista. Entretanto, ao buscar por especialistas que possam explicar-lhe com autoridade processos e acontecimentos segundo ou próximos à sua ótica e interesse, ela mesma iria sofrer influências de uma historiografia conservadora e adepta da teoria do totalitarismo. Essa busca por especialistas propícios explica a razão pela qual alguns especialistas importantes não foram recrutados pela revista. Stephen Cohen, mesmo sendo um historiador liberal, ao se por favorável às negociações de paz com Moscou (MLYNAR, 1987, 199) entra em choque com a visão estritamente anticomunista e acusadora do expansionismo soviético de *Veja*. Assim, ela prefere mesmo os argumentos de Sakharov, que previa, com uma possível queda de Gorbachev, a elevação da linha dura ao poder e a explosão incontrolável das ações militares soviéticas<sup>1</sup>. Os relatórios e discursos de Gorbachev são necessários como meio para examinar as assimilações e silêncios de *Veja* e sua construção da imagem das reformas. A fonte principal constitui-se do próprio semanário em suas edições de 1985 até o fim de 1991. Foi utilizada a versão impressa e a digital do semanário. O acervo em papel da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Maringá demonstrou-se imprescindível

---

<sup>1</sup> Sinal de Alerta. *Veja*, nº 1054, 16/11/1988, 66.

em alguns casos em que matérias ou edições completas não estavam disponíveis on-line. Além da Seção Internacional, foram selecionadas todas as reportagens que tratavam sobre o Leste Europeu, que apareciam ocasionalmente também nas seções Radar, Livros, Cinema, Reportagens Especiais, Frases da Semana e Notas Internacionais, Economia e mesmo Esportes. O recorte cronológico se justifica por assinalar o período em que Gorbachev governou a URSS e as reformas foram implementadas.

Concorda-se, em linhas gerais, que a ineficiência e rigidez do regime barraram de tal forma sua modernização que entrou em colapso econômico, ao mesmo tempo em que eleições permitiam que lideranças anticomunistas (LEVÉSQUE, 1997, 135) chegassem ao poder, como uma reação diante da crise. “A glasnost a fim de forçar a perestroika: deveria ter sido o contrário” (HOBSBAWM, 2007, 310). Obras mais direcionadas para uma cobertura jornalística podem colocar as razões econômicas em segundo plano, diante da crise moral do Partido Comunista, seguida pela da ideologia socialista (ASH, 1990, 146), ou a influência de uma nova mídia sem censura e defensora entusiasta da aceleração das reformas (MCNAIR, 2006, 64-78) – um pesadelo pelas diretrizes do ex-chefe da KGB, Yuri Andropov, que havia recomendado a censura como um dos pilares de sustentação ideológica e política do regime, e para seu sucessor, Vladimir Kryuchkov (TWINING, 1992, 77). Marxistas clássicos apontam que a saída para a estagnação encontrava-se no aprofundamento das relações produtivas já existentes, criando condições para impulsionar as forças produtivas, e não em seu completo abandono. Analistas políticos podem chamar a atenção para os objetivos da reforma do sistema e as condições político-partidárias para serem realizadas (BRESLAUER, 2002, 6). Tributaristas e historiadores institucionais podem enfatizar o hercúleo projeto de converter o Estado soviético de proprietário dos bens de produção em coletor de impostos em um welfare state, ou quando participantes desse processo, se eximirem da culpa do fracasso (YAKOVLEV, 1996, 59-91). A história militar pode inventariar os custos da Segunda Guerra Fria e o impacto da Iniciativa de Defesa Estratégica (ZUBOK, 2007, 287), como também podem surgir pesquisas que coloquem em xeque a importância dos gastos militares (SEGRILLO, 2000, 125-131). Ou a degeneração de uma economia que funciona por ordens, pela decadência dos quadros do PC ou a cristalização da *nomemklatura* e a generalização da corrupção (SEGRILLO, 2000, 188). A maior batalha historiográfica se forma em volta das correntes adeptas do totalitarismo (ASH, 1990; BRZEZINSKI, 1990; BIALER, 1981) e daquelas que o contestam (LEWIN, 1988;

HOBSBAWM, 2001). As correntes mais dissonantes pertencem a grupos radicais envolvidos política e ideologicamente, menos preocupados com salvaguardas metodológicas, com o tema.

Inclusive porque a perestroika previa uma reconstrução econômica, e a glasnost, moral (GORBACHEV, 1987a, 58) e espiritual (GORBACHEV, 1988, 31; WITHE, 1995, 234), o melhor referencial teórico seria aquele que consegue conectar os campos materiais e ideológicos: o modelo se tornou claramente ineficiente apenas quando a burocracia se enfeudou em cargos; as reformas iniciadas com Kruschev outorgaram a ela a liberdade de ação – inclusive para não fazer nada, na prática; a crença no socialismo se enfraqueceu com o desfecho da Primavera de Praga, gerando cinismo e oportunismo políticos irrestritos; os meios de pressão do regime para que seu aparato político, burocrático e de mão-de-obra, que constituíam uma economia de mando, funcionasse foram postos de lado; os dissidentes ganharam notabilidade com a assinatura do Tratado de Helsinki e a Cortina de Ferro não barrava mais o contato da população e da economia com o Ocidente (HOBSBAWM, 1995, 365). Hobsbawm, apesar da brevidade, conseguiu abarcar em sua análise quase todos os componentes da crise descritos por outros autores, por meio do uso do marxismo da New Left.

Quanto à revista *Veja*, há três grandes correntes na análise do discurso: a anglo-saxã da Análise Crítica do Discurso (ACD), a francesa Análise do Discurso (AD) e a alemã, vinculada à Escola de Frankfurt, a Teoria Crítica. A AD foca-se em bases mais empiristas de estudo do texto; a Teoria Crítica, em buscar as falhas de um discurso, mostrando sua construção; a ACD em delimitar uma ideologia e identificá-la no discurso. Todas são prestativas à disciplina histórica. Todas são convergentes quanto ao método, tendo mais aspectos em comum do que rejeições. A Escola Francesa é a mais usada em propostas de análise de texto jornalístico. Ela se adapta bem ao materialismo histórico, às necessidades de análise da construção de discursos e a formação ideológica destes. Seus principais teóricos aproximam esse sistema dos problemas práticos da pesquisa. Segundo a AD, o discurso constitui e não descreve aquilo que é por ele representado. Esta concepção abala a prática jornalística pois, se é assimilada, deixa de reivindicar a imparcialidade ou a neutralidade na passagem do acontecido para o editado, e reconhece a notícia como construção de um acontecimento pela linguagem. Ao mesmo tempo, esta perspectiva enfatiza a tensão inerente ao fazer jornalístico, pois é na “crença” da superposição entre o real e o texto que reside a credibilidade da imprensa (MAINGUENEAU, 1989, 20).

Bourdieu, por meio da teoria dos campos, pode relacionar o lugar da produção social com o lugar da produção simbólica de um discurso, bem como estudar a dinâmica interna de cada campo e suas interdependências. Estipula que o capital simbólico é superior aos demais, por dar sentido ao mundo e transitar por todos os campos. A este capital cabe o poder de fazer crer e é nisto que consiste sua superioridade. O Campo do Jornalismo detém o capital simbólico, pois é da natureza do jornalismo fazer crer, ter ou almejar a confiança do público por meio do lucro discursivo (BOURDIEU, 1983, 156-183). Credibilidade tem a ver com persuasão pois, no diálogo com o leitor, valem os “efeitos de verdade”, que são cuidadosamente construídos para servirem de comprovação, através de argumentos de autoridade, testemunhas e provas (BOURDIEU, 1990, 167). Para que um discurso seja aceito e incorporado basta que ele vá ao encontro do habitus de quem o recebe. Habitus são esquemas de ação e pensamento que surgem dos condicionamentos sociais – formando os habitus gerais, e da assimilação em partes ou da combinação única desses esquemas por cada pessoa – que são habitus individuais. Constitui o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes (BOURDIEU, 1974, 191). O discurso de *Veja* é direcionado para classes e grupos que desejam ouvir o que lhes agrada como uma profissão de fé. Para que tenha o efeito a qual se destina ela precisa de um público que comungue com o corpo de suas posições ideológicas. O discurso ideológico serve também para fortalecer os elos culturais internos já existentes de um mesmo grupo. Essas proposições restringem a importância e a influência que a revista divulga a seu próprio respeito.

Opinião um pouco diferente surge quando, mais que a ideologia e o discurso em si, se analisa a influência política palpável da imprensa com o conceito de bloco de poder e hegemonia gramsciana, como Carla Luciana Silva. O discurso ideológico dos meios de comunicação e outros aparelhos privados de hegemonia teria a capacidade de se expandir por meio de propaganda, aceitação ou inculcação para outras classes sociais, que não compartilham das mesmas condições econômicas e sociais da determinada classe que construiu esse discurso. Que podem ter interesses orgânicos diferentes ou antagônicos aos professados por tal ideologia. Também pode unir grupos e classes com interesses semelhantes, mas divididas ideologicamente – ou uma mesma classe, porém pulverizada em seus interesses imediatos em torno de um consenso de uma visão de mundo que se tem por verdade concreta (FONTANA, 1998, 238), que legitima como naturais o funcionamento de uma sociedade, ou o funcionamento ideal, quando alicerça um programa de

reformas liberais, que permitiriam a economia tomar seu rumo natural para além das travas legais, sindicais e governamentais, por exemplo. A revista opera como uma fonte de aglutinação de grupos sociais e políticos em torno das posições neoliberais, num momento em que estas eram apenas uma das posições que frações destes mesmos grupos seguiam. O nacionalismo econômico, que poderia ser interessante para amplas faixas do empresariado, estava longe de se tornar marginal.

A revista teve papel privilegiado na construção de consenso em torno das práticas neoliberais ao longo de toda a década. Essas práticas abrangem o campo político, mas não se restringem a ele. Dizem respeito às técnicas de gerenciamento do capital, e à construção de uma visão de mundo necessária a essas práticas, atingindo o lado mais explícito, produtivo, mas também o lado ideológico do processo (SILVA, 2009, 32).

A importância de *Veja* como veículo ideológico protagonista na consolidação da hegemonia do pensamento neoliberal entre as classes A e B, modificou-se com o tempo. Teve muito mais êxito em construir uma memória de agente importante na derrubada de Collor (após um período de ambiguidade) do que sua tentativa real e recente de derrubar Lula (MAKHOUL, 2009, 32). Talvez tão importante quanto isso seja seu papel silenciador:

Fatos são sonogados e tornados secretos pela imprensa não por segurança nacional, como o alegado, mas para impedir a tomada de consciência e assim de ações democráticas pelas suas populações, abrindo caminho livre à vontade de suas elites, respaldadas pela ignorância provocada (CHOMSKY, 1996, 71).

O conceito de campos, além de significar o espaço emblemático onde o poder simbólico é disputado, também tem conotações mais concretas, como um ambiente de luta concreta entre agentes. E o ambiente editorial é um local de disputas em torno da matéria, ou ao menos a produção de algo diferente do que os repórteres de campo imaginavam após coletar dados (HERNANDES, 2001, 29), mesmo seguindo a pauta e preenchendo material de acordo com o roteiro encomendado e imposto pela direção. A visão do jornalista é comprimida ao máximo, inclusive pela reelaboração de seu texto pelos editores, escapando desse destino apenas alguns jornalistas mais conceituados, enquanto não criarem tensões que terminem em dispensas.

Bourdieu comenta as dimensões do poder da mídia. Ele constituiria fundamentalmente no monopólio da informação pública capaz de fazer pressão sobre todos os demais campos, como o cultural, político, social ou científico, na medida em que possui o poder da credibilidade:

O reforço da influência de um campo jornalístico, ele próprio cada vez mais sujeito à dominação direta ou indireta da lógica comercial, tende a ameaçar a autonomia dos

diferentes campos de produção cultural, reforçando, no interior de cada um deles, os agentes ou as empresas que estão mais propensos a ceder à sedução dos lucros “externos” porque são menos ricos em capital específico (científico, literário, etc.) e estão menos seguros dos lucros específicos que o campo lhes garanta imediatamente ou em prazo mais ou menos longo (BOURDIEU, 1997, 110).

Os meios de comunicação de massa também criaram uma “visão deshistoricizada e deshistoricizante, atomizada e atomizante” (BOURDIEU, 1997, 140) não só do cotidiano, como dos processos políticos e econômicos. A política é despolitizada, esvaziada e tornada algo natural como desastres climáticos aos quais resta apenas acompanhar de forma conformista, como que carregada pelos fatos.

A grande imprensa tem inclusive o poder de criar uma determinada realidade que existia previamente apenas no discurso de seus editores:

Os perigos políticos inerentes ao uso ordinário da televisão devem-se ao fato de que a imagem tem a particularidade de poder produzir o que os críticos literários chamam o *efeito de real*, ela pode fazer ver e fazer crer no que faz ver. Esse poder de evocação tem efeitos de mobilização [...] (ou de desmobilização) (BOURDIEU, 1997, 28).

Um dos móveis das lutas políticas, a nível das trocas cotidianas ou na escala global, é a capacidade de impor princípios de visão do mundo, óculos tais que as pessoas vejam o mundo segundo certas divisões [...]. Ao impor essas divisões, formam-se grupos, que se mobilizam e que, ao fazer isso, podem chegar a convencer de que existem, a fazer pressão e a obter vantagens (BOURDIEU, 1997, 30).

Arbex concorda com Bourdieu nesse ponto, e chega a falar em “estado hipnótico” do público e na importância do esquecimento como necessário para a construção da narrativa do jornalismo (ARBEX, 2001, 63; 37-38). *Veja* se define explicitamente como formadora de opinião e defensora neutra dos interesses nacionais desde sua primeira edição<sup>2</sup>. Quanto *Veja* desejava direcionar a opinião de seus leitores naquele momento de elaboração de uma nova constituição? Bem como pacotes contra a crise, greves, inflação, falta de mercadorias e filas, confisco da poupança, ingerência do FMI nos assuntos internos, a busca desesperada por investimentos e empréstimos externos, caos orçamentário, o surgimento das questões ambientais para a opinião pública, de eleições livres, mercado negro, dívida externa, privatizações e abertura econômica – debates também pertinentes ao Brasil da época – bem como questões exclusivas do Leste Europeu, como surgimento de uma opinião pública, Guerra Fria mais real, uma nova posição das sociedades quanto à memória coletiva e à história oficial bem como das identidades nacionais, o medo constante de guerra civil, repressões violentas e golpes de Estado. Mais precisamente:

---

2 CIVITA; Victor. Carta do Editor. *Veja*, nº 1, 11/09/1968, 21.

No jargão da imprensa, os leitores da revista estão na categoria dos “formadores de opinião”. É gente que, no trabalho, em casa, na escola ou no bar, influencia outros brasileiros com sua visão de mundo. A maneira como VEJA expõe a realidade é, desse modo, reproduzida muito além dos limites de seus próprios leitores (HERNANDES, 2001, 8).

Tais temas eram importantes meios para qualquer agente desejoso de construir a percepção política e social de determinados grupos diretamente ou por difusão (LAGE, 1979, 22). O discurso da *Veja*, com sua dimensão ideológica demarcada, conquistava pontos de apoio ao explicar ao seu modo para o seu público o sentido dessas transformações internacionais que eram também nacionais, pois todo um sistema global bipolar de meio século ruía. É declarar vitória de sua ideologia sobre outra (BLACKBURN, 1993, 216). Formar opinião sobre o colapso do Leste Europeu era formar opinião sobre a situação do Brasil. Carla Luciana Silva, em *Veja: o indispensável partido neoliberal*, aponta que a revista tem disposições neoliberais afinadas com o Fórum Nacional de João Paulo dos Reis Velloso. Os intelectuais membros desse fórum e a própria revista também foram influenciados pela experiência de reforma e abandono do socialismo por um radicalismo de livre mercado imposto quase de imediato no Leste Europeu. A escrita e o envolvimento da revista eram feitas de forma bem mais sofisticada na época do que hoje em dia.

Um bom manual para o funcionamento das redações é a tese de Hernandes, *A revista Veja e o discurso do emprego na globalização*. Dois nomes são importantes para a análise da imprensa, apesar da abordagem muito diferente entre ambos: Chomsky e Bourdieu. O enfoque sociológico de Bourdieu atinge qualquer redação de jornal e qualquer assunto: dos comentários sobre livros lançados às análises das plataformas políticas pelos editoriais, pode esclarecer as lutas em tono do capital de credibilidade que é o objetivo moral de cada empresa midiática, ou as relações entre a empresa e seu público alvo. Permite ir até pormenores dos bastidores da produção conflitante do noticiário e do discurso ideológico. As preocupações de Chomsky concentram-se na cobertura de acontecimentos e processos que podem servir à interesses geopolíticos e de controle do público interno, e uma abordagem linguística para se destrinchar os discursos doutrinários ou partidários em torno destes temas. Chomsky permite avaliar principalmente as grandes questões. A cobertura de *Veja* debruçou-se sobre o Leste Europeu nos mais diversos desdobramentos, que exigem o uso de ambos os autores. As preocupações de um estudo sociológico da luta dentro dos editoriais e das relações entre os jornais e seus públicos, por Bourdieu, e as preocupações linguísticas e políticas de Chomsky.

Por exemplo, o impacto da onda conservadora e anticomunista da mídia mundial nos anos 1980, seguindo a retórica política reaganista, pode ser mais bem observado com a ajuda de Bourdieu. Se *Veja* formava coro com a *Newsweek*, criticava a postura pouco crítica da *Time*, que, segundo a revista, permitia que Gorbachev a usasse como um holofote<sup>3</sup>. Já as tentativas de descrédito do sistema socialista real e de colá-lo aos projetos e partidos políticos desenvolvimentistas, estatistas e a esquerda em geral, seguindo os percalços da realidade brasileira, pertencem a uma tática mais ampla. As ligações entre veículos de comunicação e interesses governamentais, por sua vez, é uma boa explicação para a forte influência da campanha pelos direitos humanos no Leste Europeu, lançada na administração Carter e presente ainda no início do segundo mandato de Reagan, em *Veja* durante os anos de 1985 e 1986.

Noam Chomsky chama atenção ao fato da responsabilidade e importância dos meios de comunicação para impor o discurso de alguns grupos como sendo a verdade objetiva. Em seu livro *Novas e velhas ordens mundiais*, Chomsky, para analisar o discurso daqueles que controlam o Estado norte-americano e que ditam ao seu povo e Estados aliados e satélites o que devem saber e entender, usa principalmente grandes jornais. Ele aponta para a ocorrência da supressão de informações que possam levar à reflexão dos acontecimentos ou mesmo uma tomada de posições diferentes daquela pretendida por estes veículos e seus grupos mantenedores, extirpando informações que desmintam as posições afirmadas como certas pelos mesmos, não se dá apenas pelos jornais (CHOMSKY, 1996, 71). Elites poderosas e governos de países desenvolvidos lançam campanhas de difamação, descrédito e assim preparam um caminho interno entre a opinião pública para a ação militar, boicote econômico, etc., através da saturação um tema de conflito internacional, com muitas páginas, menções, títulos e capas. Essa versão é aceita e cultivada pelos meios de comunicação no Brasil – nos mesmos termos que fazem os dos países centrais do capitalismo – absorvendo e divulgando, muitas vezes, a versão exata dos mesmos. Mas a imprensa dos países subdesenvolvidos não pode constituir sequer desculpas de segurança nacional. Uma pergunta a se colocar seria porque eles reproduzem dessa maneira o discurso dos países desenvolvidos acerca de tudo, desde que não entre em choque com seus interesses. Boa parte das elites nacionais nos países periféricos (principalmente os ligados com comércio externo e a produção de mercadorias para este) tem interesses conjuntos com os das elites dos países centrais – pois formam um circuito econômico. Chomsky chega a chamar essa fatia

---

<sup>3</sup> A tesoura perde o fio. *Veja*, nº 931, 09/07/1986, 37.

representativa das elites da periferia de “gerentes locais” da economia globalizada, coordenada em núcleos nada dispersos mundialmente. Nesse sentido, Chomsky e Carla Luciana Silva convergem. Mesmo meios de comunicação que são financiados pelos setores protecionistas dos países periféricos precisam recolher informações sobre o restante do mundo, a não ser que queiram as recolher de fontes independentes. Mas as provindas das grandes agências internacionais são mais fáceis de coletar e são portadores da mesma ideologia, o que torna as fontes independentes pouco atraentes.

Esses interesses comuns provêm do pertencimento a uma mesma classe social, por parte dessas elites, tanto na periferia como no centro do capitalismo. Se não, trata-se de classes que mantêm relações entre si, sendo que uma é subordinada e possui existência, cultura e razão de ser dependentes das elites dos países centrais. Usam essas informações como meio de convencimento da naturalidade de suas convicções.

Carla Luciana Silva reconstrói a formação da grande mídia no país, derivada de um processo de modernização dos meios de comunicação sob a égide das concessões do Estado e do aporte do investimento de capital externo. “Uma peculiar coligação entre setores das frações mais autoproclamadas como “modernas” (isto é, concentradas) do capital se encontra em estreita conexão com setores tradicionais e retrógrados” condicionaram a mídia nacional, num longo período de adaptações, mudanças e continuidades, a combater antigos inimigos, como reivindicações classistas e movimentos sociais. Essa foi a

maneira pela qual se constituía ao mesmo tempo um partido não oficial de determinadas frações dominantes brasileiras, que impulsionou uma impressionante máquina midiática na campanha político-eleitoral e seu mascaramento sob a criação discursiva de um “sujeito” *Veja* que supostamente representaria o homem médio brasileiro [...], tratava-se de construir um senso comum baseado em certos interesses e que não se esgotavam na propriedade da editora [...]. A revista encontrava apoios sólidos nos grandes conglomerados empresariais multinacionais e em alguns de origem brasileira [...]. Vivem da garantia interempresarial, traduzida em contratos de publicidade, para que sejam não apenas os porta-vozes dos maiores empresários, mas para que os ajudem a “educar” a sociedade para a dominação capitalista (SILVA, 2009, 16-17).

Mas mesmo os meios intelectuais recebem pressões para infligir seu silêncio. Assim, livros que vão contra esses grupos e trazem informações que possam desmascará-los acabam sendo embargados; apenas tem livre acesso à mídia os intelectuais domesticados – que também tem importância de convencimento junto à massa. Pierre Bourdieu, no *Sobre televisão*, dá indicações de como esses intelectuais são escolhidos e suas falas pré-fixadas. Os debates empreendidos, quando o são, formam-se em torno de personalidades confiáveis e que mantêm ou

mantiveram contato entre si. “De fato, o universo dos convidados permanentes é um mundo fechado de auto-reforço permanente”. São “debates verdadeiramente falsos ou falsamente verdadeiros” (BOURDIEU, 1997, 42-44). Há uma pauta para o debate, e esta possui uma assimetria variável, privilegiando e dando autoridade a alguns convidados e inferiorizando a outros – quando este for o objetivo. E sempre que algo escapa do roteiro previamente combinado, há uma chamada expressa à ordem, feita de diferentes formas, inclusive atrapalhando a entrevista, “não lhe dando a palavra no momento certo, dando-lhes a palavra no momento em que já não a esperam, manifestando sua impaciência, etc.” Há também a colaboração: intelectuais que não tem um reconhecimento dentro da academia, mas que ao colaborar com os interesses da mídia, recebem desta toda a atenção. Estes são os especialistas respeitáveis.

O jornalismo é muito mais limitado e engessado do que se pode imaginar. “O mundo dos jornalistas é um mundo dividido em que há conflitos, concorrências, hostilidades. Dito isto, minha análise permanece verdadeira pois o que tenho no espírito é que os produtos jornalísticos são muito mais homogêneos do que se acredita” (BOURDIEU, 1997, 30). Os mesmos anunciantes, as mesmas restrições, o credo liberal, a luta com a concorrência, o acesso às pesquisas de opinião, impelem os jornais para a homogeneidade ou mesmo à cópia de pautas, pois os jornalistas têm como uma atividade indispensável a leitura dos jornais concorrentes (BOURDIEU, 1997, 32). “Essa espécie de jogo de espelhos refletindo-se mutuamente produz um formidável efeito de barreira, de fechamento mental”.

Nas sociedades mais livres, os controles do Estado são raramente exercidos diretamente: “O fato sinistro sobre a censura literária na Inglaterra”, escreveu George Orwell, “é que ela é claramente voluntária. Ideais não populares podem ser silenciadas, e fatos inconvenientes mantidos na obscuridade, sem nenhuma necessidade de qualquer banimento oficial”. (...) centralização da imprensa nas mãos de homens ricos que tem todos os motivos para ser desonestos em certos tópicos importantes (CHOMSKY, 1996, 115).

Os métodos iam desde a manutenção de cátedras de Livre Empresa a enormes campanhas de propaganda contra a tendência comum dos alvos: impostos, regulação dos negócios, bem-estar (para os pobres), “burocratas” cabeçudos que interferem com o empreendedor criativo, corrupção sindical e violência, apologistas diabólicos de nossos inimigos, etc. (CHOMSKY, 1996, 121).

A censura voluntária também era objetivo da modernização empreendida por Gorbachev que, no entanto, foi incapaz de impor limites claros, pois esperava uma subordinação totalmente imediata e que mudasse em sincronia perfeita com as próprias propostas de governo – o que foi impossível quando o campo reformista rachou e Gorbachev perdeu a liderança que

exercia junto a ele. Assim os postos que permitem alguma ressonância de opiniões que possam vir a ser destoantes são preenchidos por intelectuais que fazem parte das elites, por outros que são domesticados, e os que se mantêm posições contrárias ou mesmo indiferentes aos interesses expressos dos grandes meios de comunicação são afastados ou marginalizados dos mesmos. “É tarefa da erudição responsável manter tais assuntos longe do conhecimento do público” (CHOMSKY, 1996, 23). A defesa ideológica do livre mercado, das ações militares, boicotes, pressões de todo tipo dos países centrais, que se pretende que estes pensadores com acesso aos meios de comunicação façam, constituem uma barreira contra qualquer abordagem menos imparcial dos países periféricos independentes ou do Segundo Mundo de então. Por intermédio dessa política de propaganda e “engenharia da história”, através dos mais variados meios de comunicação, determinados grupos poderiam “garantir o front interno” e “combater o inimigo interno”, controlando suas populações. Os critérios de *Veja* para a escolha e a entrevista com intelectuais não foi diferente deste padrão geral.

Noam Chomsky fala sobre o silêncio premeditado, acobertamento de dados e fatos antigos, recentes ou atuais, tornados secretos para além dos círculos acadêmicos com mais acesso à informação independente, como da possível mudança de foco, se seus interesses correlatos também mudarem: “A mídia nesse meio tempo declarou-se chocada com a revelação daquilo que havia decidido ocultar quando tinha importância” (CHOMSKY, 1996, 128). Estavam dispostos a escancarar a informação anteriormente suprimida se assim obtivessem vantagens, como na doutrinação da população e divulgação do passado velado conscientemente.

A definição da região e de seus regimes assumem as versões mais variadas. *Veja* prefere falar em comunismo e em Europa Oriental. Com o passar do tempo, sua imagem desses países também assume a feição de regimes de tipo oriental, como os descritos pelos europeus ocidentais desde o século XVIII na forma do “despotismo asiático”. Ou, nas imediações de 1989 e do bicentenário da Revolução Francesa, usa frequentemente o termo “Antigo Regime”, como também o reforço da noção de totalitarismo. Nos anos finais, 1990-1991, promove a identificação do que chamava comunismo com o socialismo. Para ela os regimes comunistas, como na Albânia, apesar de algumas nuances, são essencialmente iguais aos de Berlim Oriental até a Kamchatka. “Socialismo real” talvez fosse um termo mais apropriado. Esse conceito de forma alguma foi formulado de maneira neutra. Foi cunhado pelo secretário-geral do PCUS (Partido Comunista da União Soviética) Brejnev, articulador de um governo de conservadores, como

oposição ao reformismo do secretário de estado Krushev. Esse termo apontava uma definição contrária ao programa Krushev, como sendo o socialismo irreformável, como tendo uma única forma de expressão: a soviética, e que o regime, sob Brejnev, teria chegado ao “socialismo maduro”. Era o “socialismo realmente existente” (HOBSBAWM, 2001, 364).

Mesmo se o termo “socialismo real” fosse o escolhido, ainda assim surgiriam problemas de definição. O socialismo real descrito por Brejnev conhecida dois Estados oficialmente rebeldes, na Albânia que se crê a única herdeira legítima do marxismo-leninismo, e na vizinha Iugoslávia, que repeliu a presença de Stalin tão cedo quanto 1949, adotando o socialismo de autogestão. A Romênia distanciou-se da URSS a partir da intervenção das tropas do Pacto de Varsóvia na Tchecoslováquia, passando de uma aproximação econômica com o Ocidente nos anos 1970 para um fechamento do regime nos anos 1980. A Hungria e a Polônia desde os anos 1970 promoviam reformas visando um “socialismo de mercado”, bem sucedido na primeira e desastroso na segunda (NOVE, 1989, 231). A realidade dos países do Leste Europeu era bem mais complexa do que as definições criadas pelos gabinetes políticos. Como Hobsbawm aponta:

O fato de que a Europa seja naturalmente um constructo não significa que não existisse ou não exista [...] Só que se trata de um conceito mutável, divisível e flexível, embora talvez não tão elástico quanto “*Mittleuropa*”, o exemplo clássico de programas políticos disfarçados de geografia [...] “Europa” não é tanto geográfica – para fins práticos, todos os atlas aceitam a linha dos Urais – quanto política e ideológica (HOBSBAWM, 1998, 234).

Quando detalhes conflitantes acabam passando despercebidamente pela edição, ocorrem os episódios de “informações desencontradas”, como nas dúvidas temporárias se um determinado movimento deve ser apoiado ou combatido, ou, no caso soviético, se Gamsakhúrdia, o novo senhor da Geórgia, era um personagem com imagem positiva ou negativa – flutuando nessas posições de uma edição para outra<sup>4</sup>, ou se o terremoto na Armênia era uma catástrofe natural ou resultado do desastre do comunismo<sup>5</sup>.

Podem-se apontar duas funções principais para os meios de comunicação modernos: uma com finalidade de divulgação de opiniões e ideologias, e tentar convencer a sociedade

---

<sup>4</sup> Inicialmente foi tratado como legítima expressão da democracia emergida das urnas nas eleições para as repúblicas (GASPARI, Élio. Um partido destruído. Veja, nº 1191, 17/07/1991, 41). Em menos de dois meses foi retratado como ditador em formação, o “Mussolini do Cáucaso” ou “Saddam Hussein da Geórgia” (Veja, nº 1201, 25/09/1991, 52), apenas para ser legitimado novamente pouco depois. Até que ponto colunistas e repórteres poderiam colidir em suas posições? Até que a redação traçasse claramente a posição da revista. O que, em temas menores como o do chefe da Geórgia, nem deveria ocorrer.

<sup>5</sup> Armênia arrasada. Veja, nº 1058, 14/12/1988, 64; Caos entre as ruínas. nº 1059, 21/12/1989, 61.

destes, e a outra como empresa na qual se aplica e se deseja o retorno de capital. Trata-se da comercialização da “verdade” (MARCONDES FILHO, 1989, 11). Ainda segundo Ciro Marcondes Filho, a notícia tem uma lógica que supõe três dimensões: a) a inserção da notícia como fator de sobrevivência econômica (infraestrutural, portanto) do veículo (como mercadoria); b) como veiculador ideológico; e c) como estabilizador político. A televisão, que é o objeto de estudo de Bourdieu, não deixa de ter seu equivalente no jornal, na medida em que ambos formam a grande imprensa. Pode-se “ocultar mostrando”, um quadro sistêmico e inconsciente de fabricação do noticiário:

Pode, paradoxalmente, ocultar mostrando, mostrando uma coisa diferente do que seria preciso mostrar caso se fizesse o que supostamente se faz, isto é, informar; ou ainda mostrando o que é preciso mostrar, mas de tal maneira que não é mostrado ou se torna insignificante, ou construindo-o de tal maneira que adquire um sentido que não corresponde absolutamente à realidade [...].

Os jornalistas têm “óculos” especiais a partir dos quais veem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado.

O princípio de seleção é a busca do sensacional, do espetacular [...] convida à *dramatização*, no duplo sentido: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância, a gravidade, e o caráter dramático, trágico (BOURDIEU, 1997, 24-25).

Arbex tem um raciocínio parecido<sup>6</sup>. Assim, o que é publicado na revista resulta também das pressões citadas. Ao mesmo tempo em que difundiu informação ela vêem a se tornar transmissora das posições de determinados grupos da sociedade. O desejo das pessoas de se informar é suprido assim com informes que ao contrário do que apregoam esses meios, não são gerados nem de forma neutra nem democrática, mas desde sua formação já estão inseridos e formados pelas perspectivas da revista, formada desde os grupos dos quais provém seus funcionários e redatores, como aos que mantêm ou possuem a empresa, como aquele ao que esta se dirige.

*Veja* é uma revista que se torna cada vez mais em uma revista de opinião em detrimento de uma revista de conteúdo factual. Hernandez aponta que toda revista que pretende aumentar sua vendagem precisa abandonar em parte o seu nicho inicial para que possa atingir um maior número de pessoas, que não teriam interesse na pauta de assuntos mais fechada que a revista possuía no passado. Com o tempo, se *Veja* aumentou o número de páginas destinadas à variedades (HERNANDES, 2001, 46), ao mesmo tempo radicalizou suas posições ideológicas.

---

<sup>6</sup> O maior problema, para o pensamento crítico, é tornar visível não apenas o oculto, censurado ou ausente como texto ou imagem, mas o que as tecnologias da informação tornam aparente visível por um processo de exposição extrema que, fingindo tudo mostrar, de fato nada revela (ARBEX, 2001, 142).

Alguns jornais mantinham redações em Moscou, como a *Folha de S. Paulo*. *Veja* raramente mandou repórteres seus para o Leste Europeu. Quase sempre utilizou informação de segunda mão. Seu primeiro enviado especial foi Roberto Pompeu de Toledo, quando o programa de Gorbachev ganhava os contornos de uma reforma radical<sup>7</sup>, que também é o principal repórter para as questões do Segundo Mundo. Também esteve em Genebra para a cobertura da reunião de cúpula de 1985. Seus dois outros enviados foram J. A. Dias Lopes e Guilherme Costa Manso<sup>8</sup>, em meados de 1989, que cobriram as reformas pluralistas e de economia de mercado na Hungria, pouco antes do partido local renunciar ao seu papel protagonista na condução do país, e o esfacelamento econômico e nacionalista na Iugoslávia, com as eleições pluralistas para o legislativo na URSS como cenário de fundo<sup>9</sup>. Ambos nutriram admiração pelas reformas, mas isso se devia à postura da própria revista e não fruto de uma ponderação pessoal independente.

A imprensa faz o uso de técnicas de manipulação da notícia segundo sua visão e interesses. Ciro Marcondes Filho enumera os principais artifícios usados: 1º – personificação dos processos sociais; 2º – fragmentação da realidade; 3º – falsidade dos registros históricos; 4º – distorções; 5º – seleção das fontes (MARCONDES FILHO, 1989, 41-47). *Veja* serviu-se de todos. José Arbex Jr, um ex-jornalista, da *Folha de S. Paulo*, elenca ainda outras técnicas de manipulação: o uso da amnésia ou da memória, em geral sucedendo uma à outra, ao abordar alguma questão de seu interesse; o maniqueísmo intenso na construção de cenários de preto ou branco, bem versus mal; a construção da notícia segundo as mesmas regras e funcionamento de um espetáculo; a criação de uma relação de empatia, pondo-se no lugar ou narrando um acontecimento sob a ótica do personagem que se queria criar laços benignos e de intimidade, o humanizando; ou seu avesso, atribuindo a outro personagem o papel do estranho, do outro, do cruel e sem sentimentos, o descaracterizando como figura humana. Arbex aponta para uma imitação jornalismo televisivo pelo jornalismo impresso (ARBEX, 2001, 88-89; 103; 128-129). Se isto é verdadeiro, também deve-se ter em mente o efeito contrário – o efeito replicante de matérias de revistas para um público muito mais amplo, constituído pelo mais popular jornalismo televisivo (MAKHOUL, 2009, 68). O público poderia não se interessar em ler ou não ter acesso à

<sup>7</sup> TOLEDO, Roberto Pompeu. A revolução de Gorbachev. *Veja*, nº 986, 29/07/1987, 46-72.

<sup>8</sup> Entretanto, nenhum deles assinam a matéria. Seus nomes apenas são citados na Carta ao Leitor (Carta ao Leitor. *Veja*, nº 1074, 05/04/1989, 27).

<sup>9</sup> Terremoto no Leste. *Veja*, nº 1074, 05/04/1989, 42-54.

seção internacional de *Veja*, mas possivelmente assistiria à jornais televisivos que comungavam e repercutiam o mesmo discurso, ou ecoavam a própria reportagem.

Para análise de textos contendo o discurso da revista, foi de grande ajuda os métodos de análise linguísticos, semânticos e semióticos (CARDOSO; VAINFAS, 1997, 467-478). Ana Rosa Ferreira Dias, em *O discurso da violência*, menciona alguns tipos de linguagem usados em tabloides, nos meios de comunicação impressos. A própria linguagem jornalística é a fusão das diversas linguagens que ele apresenta: “linguagem verbal escrita, a linguagem fotográfica, a linguagem gráfica e a linguagem diagramática (que se refere aos diagramas de distribuição da informação no espaço da página)” (DIAS, 1996, 103).

Outros elementos que compõe uma verdadeira análise semiológica do jornal, em que não se poderiam desprezar as informações visuais; os ângulos intencionais das fotos; as cores usadas como fundo para as notícias (com ênfase no vermelho nas tragédias sangrentas); a distribuição das informações e sua inter-relação no espaço da folha; o critério de escolha do fato para a manchete do dia; e até mesmo, o tamanho dos caracteres gráficos (DIAS, 1996, 174).

Nilson Lage comenta o que, além do texto, pode o jornal, ou a revista, nos informar sobre de onde fala (pois se tenta ocultar no discurso da objetividade, neutralidade e até de democratização do acesso ao mesmo), a que grupo social, ideológico, partidário, classe, etc, esse discurso se destina (para retornar a ele e tentar convencer a outros de suas opiniões particulares) e provém. No caso de *Veja*, sua filiação já foi mais do que destrinchada, apesar que ela sofreu algumas alterações dos anos 1980 para cá, como a fusão mais profunda com o capital internacional representado por grupos da mídia conservadora externa. No mês de maio de 2006 o Grupo Abril anunciou a sociedade com o grupo de mídia sul-africano Naspers, ligado ao conservadorismo dos partidos bôeres, que passou a deter 30% do capital da empresa.

Um tipo de contexto é fundamental para a pesquisa: é o que se passava no país quando a revista *Veja* publicou essas matérias. Estavam sob influência desse contexto: a revista, ao publicá-lo, o público, quando toma conhecimento dessas reportagens, as relações mutuas entre o primeiro e o segundo, o que o leitor quer saber e está propenso a acreditar, como acha a credibilidade da revista, e por outro lado o que a revista está interessada em transmitir, como o pode transmitir e seus interesses financeiros de propaganda (ideológica e comercial). “De um modo geral, quem dispõe da palavra respalda-se de alguma credibilidade. Tal relação é quantificável, atingindo o grau máximo na fé” (LAGES, 1979, 41).

A reportagem, como aparece publicada na revista ou no jornal, não é obra somente de um escritor. Seu produtor tem que ser a revista, pois há uma equipe por trás desse trabalho: um grupo para fazer a reportagem, pessoal da pesquisa, da fotografia, do arquivo, do arquivo fotográfico, do editor ou secretário, os diagramadores (estes que calculam o tamanho dos textos, títulos, letras, projetam as páginas, colocam subtítulos e enunciados extraídos do texto em letras maiores no meio do texto ou o seccionando). É todo um processo industrial, e em geral, impessoal entre os funcionários, no sentido até mesmo de muitas vezes não se comunicarem e acertarem o trabalho coletivo final. E por fim e mais importante, editores que coordenam, orientam, selecionam e editam todo o trabalho (HERNANDES, 2001, 32) Isso é regra principalmente no caso de *Veja* dentro do período de 1985-91, quando poucas matérias recebiam a assinatura do autor.

O primeiro capítulo faz um breve resumo dos projetos de reformas na URSS antes da ascensão ao poder de Gorbachev e das modificações que a perestroika e a glasnost passaram no período de 1985-1991, tanto enquanto planos e teses como em sua aplicação real. Há ainda, logo em seu início, um brevíssimo resumo sobre os projetos da perestroika e da glasnost, suas dificuldades, mudanças e consequências.

O segundo capítulo trata da construção discursiva de *Veja*, sobre como ela montou sua imagem dos regimes do Leste Europeu utilizando-se de analistas de confiança, que foram trocados com o tempo. Uma parte significativa das opiniões de *Veja* constituía-se de tentativas de traçar um cenário futuro para estes países. Tal ânsia por previsões se baseava sobre as promessas de fáceis e certeiras interpretações dada a rigidez e imutabilidade do totalitarismo. Além destes, seguiam-se uma miríade de especialistas mais infreqüentemente inquiridos ou de uma natureza diversa da academia. A construção de seu discurso acompanhou as origens de um novo consenso político-econômico que ia substituindo gradativamente o fracionamento decorrente da crise do modelo econômico e da hegemonia política do regime militar. A atuação da imprensa como partido encontrava um espaço mais que propício nessas circunstâncias. As incertezas internas e externas promovem a ocorrência de fases da revista na avaliação das reformas e da liderança soviéticas.

O terceiro capítulo trata das características do antigo discurso anticomunista, no período de 1985-1987, período dentro de nosso recorte cronológico, mas com origens ainda na administração Carter (1977-1981). A URSS constituía-se em uma superpotência mundial, num

“império do mal” que só poderia ser contido pela outra superpotência, os Estados Unidos, dentro do clima de Guerra Fria. Além do expansionismo militar representado pelos conflitos regionais a ação comunista também fazia-se sentir através do terrorismo internacional e da espionagem política, bélica e industrial. *Veja* esforçava-se para apresentar um líder pacifista como beligerante e um beligerante como pacifista. Conduta que ficou patente com as negociações de paz entre 1985-1986. O regime em si era um misto de totalitarismo e autoritarismo, ou então um totalitarismo sem os tons e todas as características que passariam a marcá-lo após 1988, e se não apresentava o mesmo dinamismo econômico que o Ocidente, estava longe de enfrentar uma crise de via ou morte. As reformas eram “cosméticas”, superficiais, e mesmo preconizando o incentivo ao trabalho individual, à descentralização, à desburocratização, ao fim da censura, uma abertura econômica e informativa, estas medidas eram minimizadas. Sobre Gorbachev ainda pairava a desconfiança de suas reais intenções, se era de fato um líder “respeitável”.

O quarto capítulo trata da percepção de *Veja* de que as reformas eram mais profundas do que havia suposto e que constituíam-se como um importante fator de pressão política interna no Brasil para a adoção da agenda defendida por seus editores e na constituição de uma nova hegemonia político-econômica, da vitória americana na Guerra Fria, na inescapável necessidade da inserção no comércio internacional, do investimento estrangeiro, da presença benéfica dos Estados Unidos e da retirada soviética em todas as frentes militares e ideológicas. O quinto capítulo mostra a sedimentação progressiva de um novo discurso anticomunista entre 1989-1991, baseado na concepção de um totalitarismo radical, não apenas existente na época de Stalin ou sobrevivendo apesar de erodido, na era Brejnev, mas como inerente ao comunismo, presente em qualquer momento de sua existência. E por fim, na identificação entre comunismo e socialismo.

O sexto capítulo expõe o retrato feio por *Veja* da desagregação final da URSS após o Golpe de Agosto, das relações práticas entre publicidade e objetividade, das novas formas de combate ao comunismo desacreditado, das vinculações feitas entre sua derrocada e a inviabilidade ou necessidade de modernização da esquerda nacional e da inelutabilidade da aplicação do mesmo receituário da *privatizatsia*. A conclusão versa sobre o teor triunfalista e irreversível que o colapso da URSS entre 1989-1991 proporcionou às práticas e as justificativas neoliberais, bem como no exemplo para o Brasil da necessidade da aplicação do mesmo modelo, uma vez que todo o mundo o adotava, mesmo seus antigos inimigos declarados, que agora precisavam reconhecer sua superioridade natural.

## CAPÍTULO I

### A construção discursiva de *Veja*

#### 1. Perestroika e glasnost

As tentativas de reforma do sistema econômico e de distensão social eram tão antigos quanto a vitória de Krushev sobre o grupo antipartido em 1957 (BROWN, 2010, 245). Se o degelo ideológico terminou em 1964, não ocorreu uma reestalinização (LEWIN, 1988, 18), e o que se vê como conservadorismo e estagnação sob Brejnev, pode também ser visto como uma série de reformas malogradas ou mal vistas impetradas por Kossíguin (BACON; SANDLE, 2002, 144) e que retomavam os anseios de descentralização e de incorporação de mecanismos de mercado, que flexibilizassem e racionalizassem a economia soviética, mas que acabaram oficializando a economia cinzenta das trocas entre diretores de empresas e dos desvios para o mercado negro. Andropov acenou com uma reforma baseada na incorporação de tecnologia e na reimposição forçada da disciplina (YAKOVLEV, 1991, 28), abandonada com o governo de transição de Chernenko. A extenuação do modelo de crescimento econômico quantitativo ou extensivo, diagnosticado desde os anos 1970 (POMERANZ, 1990, 13) impunha à nova liderança “opções difíceis”, já que “a política de canhões, manteiga e crescimento – a pedra fundamental política da era Brejnev – já não é possível” e teria que se optar por uma delas (KENNEDY, 1989, 487).

Como aponta Brown, nada pode ser mais falso do que a ideia de que a perestroika e a glasnost eram projetos prontos e acabados, expostos de maneira definitiva no *Perestroika*, de fins de 1987 (BROWN, 2007, 31). Nesse sentido, mesmo *Veja* consegue ser mais precisa, ao afirmar que Gorbachev

se viu diante de uma tarefa assustadora: reafirmar que o comunismo é o melhor sistema do mundo e, ao mesmo tempo, explicar porque funciona tão mal e por isso precisa mudar [...] o líder soviético foi mudando, mudando tanto que minou os pilares mais reverenciados do socialismo do qual ele se pretende o revitalizador e deflagrou um processo incontrolável [...], confidenciou [...] com a Primeira Ministra inglesa Margaret Thatcher [...] que não tem mais certeza se é mesmo comunista<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Comunismo, adeus. *Veja*, nº 1111, 31/12/1989, 109.

Inicialmente, perestroika e glasnost eram objetivos mais distantes da nova liderança, que previa, de imediato, a *uskorenie*, a aceleração quantitativa da produção em termos andropovianos de cumprimento de metas e rigidez no ambiente de trabalho. A perestroika era a reforma a longo prazo do parque agroindustrial do país e a glasnost a liberdade de expressão e informação *dentro das empresas e dentro do partido* (BROWN, 1996, 87). Falava-se mais em corrigir os problemas econômicos com reavaliações das prioridades e dos orçamentos destinados pelo plano quinquenal e em uma economia mais aberta à iniciativa individual e coletiva, como a introdução dos contratos por empreitada, mas dentro da propriedade dos meios de produção pelo Estado. Alguns preferem ver este como um momento de tentativa de prussianização da URSS. Seja pelo reconhecimento de que os russos não eram alemães orientais (BRZEZINSKI, 1990, 69), seja pela impaciência de Gorbachev por resultados (AGANBEGUIAN, 1988, 15-17), pelos erros na implantação da reforma (POMERANZ, 1990, 57) ou pelo reconhecimento de que os problemas do país eram muito mais profundos (GORBACHEV, 1987a, 28), o plano da reforma sofreu uma inflexão no fim de 1986 e foi esboçada claramente apenas durante o ano de 1987. Aqueles que percebem a perestroika e a glasnost como planos de reformas já completos em 1985 apontam que os dois primeiros, e talvez o terceiro, anos da era Gorbachev destinavam-se a mobilizar a população para o apoio às reformas, uma campanha de conscientização dos problemas do país e da profundidade da virada na condução do mesmo. Os anos posteriores seriam dos de implantação prática das reformas, já com um público simpatizante que as apoiasse e dificultasse seu retrocesso. Mas mesmo essa campanha de mobilização transformou-se com o passar do tempo. No início era fundamentalmente uma campanha contra o alcoolismo e ganhou contornos de crítica e de um levantamento dos problemas do país quando o próprio secretário-geral os citou em 1986, no XXVII Congresso do PCUS (GORBACHEV, 1986a).

As reformas poderiam ser necessárias diante da perda relativa de importância da URSS frente a novas nações em ascensão econômica e que debutavam na geopolítica planetária (KENNEDY, 1989, 476; BRZEZINSKI, 1990, 53), da esperança de se poderia manter como superpotência militar e assumir um posto mais destacado enquanto superpotência econômica com a modernização (VICENTINO, 1995, 49), ou da necessidade de não se afastar cada vez mais da pujança americana (BIALER, 1986, 147; LÉVESQUE, 1997, 9).

Não partiu apenas de Gorbachev o ato de repensar a situação do país e reformular por completo a política de reformas. As discussões, existentes nas academias há anos (LEWIN, 1988,

113), atingiram novos grupos de debates nas instituições e sociedade soviéticas (MLYNAR, 1987, 187) e a presença das formulações de acadêmicos pode ser constatada até pela proximidade destes com Gorbachev enquanto assessores (BROWN, 2007, 187; LEWIN, 1988, 87). A origem das pressões vindas de baixo pelas reformas podem ser levantadas ainda nos tempos de Krushev: pela maior liberdade intelectual da intelligentsia (DIAS, 1994, 240; LEWIN, 1988, 18), pela vida privada surgida com a substituição progressiva das *kommunalkas* por casas e apartamentos (BROWN, 1996, 17) e a urbanização, educação e crescente complexidade social (LEWIN, 1988). Mas não havia qualquer consenso em torno das reformas (KAGARLITSKY, 1993, 91) para além das metas de descentralização e mecanismos de mercado de Alexei Kossíguin. A falsa impressão de um consenso pode ser levantada pela semelhança da agenda dos dissidentes dos anos 1970 com as medidas reformistas até 1988, que se enquadravam como uma reforma a partir de dentro do sistema, o modificando e renovando mas não o destruindo, constituindo uma “dissidência intraestrutural” (BROWN, 1996, 8). Entretanto, ao contrário do que sugerem alguns especialistas (MLYNAR, 1987, 125), a recepção das reivindicações dos dissidentes no meio da sociedade soviética era mínima (BROWN, 1996, 8). Também é duvidoso que no regime soviético, sem o aval e a iniciativa vindos do alto, esses desejos represados escapassem para além dos círculos não oficiais de discussão na academia ou entre amigos. Toda reforma obrigatoriamente teria que vir do alto (HOBSBAWM, 2001, 388; 463), apesar de necessitar de bases sociais de amparo e gestação (LEWIN, 1988, 164).

Só a partir de 1987 a *perestroika* e a *glasnost* ganharam o sentido comumente usado de reforma econômica radical e de transparência das ações do governo e liberdade de circulação de informação na sociedade. A *uskorenje*, antes a principal meta, desaparece. Os resultados no abastecimento só viriam a longo prazo. O caráter quantitativo desaparece frente ao qualitativo. Mas quem o asseguraria seria a *Grospienka* – uma agência de controle de qualidade. Previa-se uma gradual diminuição do papel da planificação e um aumento das trocas no mercado, numa tentativa de conciliar ambas as formas econômicas e no futuro, legar aos ministérios a formulação de horizontes de desenvolvimento e não o controle e condução das empresas, bem como o incentivo às formas não-estatais de propriedade (GORBACHEV, 1988, 93) e a remodelação da “propriedade socialista” (GORBACHEV, 1987a, 33). A autogestão deveria ser implantada, o que significava que as empresas passariam a depender de seus lucros, controlar seus gastos, seus investimentos, sua produção e comercialização, pagar os operários e os impostos devidos ao

governo, dentro de um quadro de tabelamento de preços pelo Estado (KOTKIN, 1991, 76; ASLUND, 1992, 122-124). Falava-se na promoção de formas variadas de propriedade, que aproximassem o trabalhador do trabalho, ou mais precisamente, da necessidade de trabalhar disciplinadamente. As formas econômicas dirigidas deveriam ser substituídas por mecanismos automáticos, uma “gestão administrativa” ou “burocrática” pela “gestão econômica” (GORBACHEV, 1988, 99). A demokratizatsiya aparece enquanto revitalização dos soviets, que criariam uma pressão pela reforma e se responsabilizariam por alguns setores econômicos diante da descentralização administrativa nas repúblicas, e da implantação do Estado de Direito Socialista (GORBACHEV, 1988, 122; 1987a, 119), que marcaria o fim da prisão de dissidentes e a responsabilização dos atos do sistema de segurança. A glasnost passou a ser também a imposição de uma revisão ideológica, da exigência do abandono do “dogmatismo” (GORBACHEV, 1987a, 31) nas ciências sociais e de uma revitalização da arte e da cultura com o fim da censura.

No ano de 1988 novas transformações ocorrem. As apostas deixam de mirar o convívio de planejamento e mercado pela suplantação de um pelo outro. Ao invés de um mercado regulado, preferia-se um livre mercado. Ao invés de um desenvolvimento qualitativo guiado por organismos estatais, confiar-se-ia no mercado como a melhor ferramenta para premiar o trabalho e penalizar o desleixo, e na iniciativa privada para substituir os funcionários públicos (ZASLÁVSKAIA, 1989, 105). Formulava-se, com a ajuda de cientistas sociais, uma política de desigualitarismo social que promovesse a iniciativa dos trabalhadores criativos e se penalizasse aqueles que não o fossem (GRANT-FRIEDMAN, 2008, 189). Nesse cenário, novos organismos estatais de controle, como a Grospienka, que acabara de sair do papel e entrar em atividade, perdem o sentido e são extintos (VOLKOGONOV, 2008, 414-415).

O ímpeto pelo livre mercado e pela privatização que tomava conta da cúpula do partido alarmou até mesmo deputados conservadores ingleses que visitaram o Kremlin em fins de 1988. Esse ímpeto teve respaldo e reverberação na mídia estatal (KAGARLITSKY, 1993, 14). Gerou-se uma ilusão coletiva em torno do mercado e de suas benesses: vários movimentos sindicais – que abraçaram as orientações dos novos protopartidos, em gestação ou oriundos do PCUS, como o Grupo Inter-regional de Deputados – fizeram greves exigindo o livre mercado, a privatização das empresas estatais e a desregulamentação econômica (POCH-DE-FELIU, 2003, 178).

O processo de privatização dava seus primeiros passos com a liberalização de arrendamentos privados da terra, a concessão de empresas para cooperativas e o foco dos empréstimos e financiamentos para o nascente setor privado e não mais as firmas estatais ou cooperativas de modelo antigo. As tentativas de sabotar essas reformas, com o aumento das encomendas estatais pelos ministérios, levou primeiro à exclusão destes do Comitê Central do partido, impedindo de agir sobre as estatais por meio do poder político, e por fim, em 1989, na abolição do Plano Quinquenal. Demonstrariam que a presença do Estado na economia era danosa. Para que a reconstrução avançasse, era necessário destruir as fundações antigas. As novas brotariam naturalmente. O mercado promoveria isso, uma vez que emergiria imediatamente após o fim da tutela estatal. Entretanto, as coisas não correram como os reformistas imaginaram (HOBBSAWM, 2001, 474). Não havia mercado.

A autogestão e a desnacionalização não poderiam vingar com um sistema de preços tabelados, que tornava prejuízo certo produzir um grande número de artigos essenciais. O que pode ser levantado como uma das principais causas do fracasso da perestroika, já que a liderança titubeava em tomar decisões diretas e impopulares como a reforma e liberalização de preços (BRESLAUER, 2002, 81). A descentralização da gestão econômica nas repúblicas lançou o caos entre as empresas, livres das interferências e burocracias de Moscou e submetidas às novas localmente, bem como o início das hostilidades entre elas, que bloqueavam a produção em um país com uma forte regionalização e integração econômicas (POCH-DE-FELIU, 2003, 54).

Como reformista, Gorbachev se viu no difícil papel de “Papa e de Lutero” (BROWN, 1996, 93), e teve que assumir um discurso ambíguo, em torno da purificação do leninismo e do uso de antigos termos para expressar novos conceitos, para levar adiante seu processo revolucionário de ocidentalização, ou modernização segundo modelos externos considerados bem-sucedidos. Pode-se afirmar que o projeto de modernização era também de ocidentalização (ENGLISH, 2000, 237), uma vez que previa a convergência dos dois mundos (LÉVESQUE, 1997, 45). Entre esses modelos o mais atrativo aparenta ter sido o espanhol. A glasnost poderia assumir as funções do processo de democratização, fim da censura e do desmonte da ditadura franquista. A perestroika, a inserção do país na Comunidade Econômica Europeia e no circuito de comércio internacional, atração de capital e investimento estrangeiro, desregulamentação e desnacionalização econômicas. Todos os processos iniciados por um líder com amplos poderes, como era o caso de Juan Carlos II após a queda do franquismo, num país não homogêneo

culturalmente. A reforma se processou sem maiores sobressaltos do que o aumento da atividade do ETA e de algumas ameaças de golpe. Porém, a classe política espanhola seria muito mais responsável que a russa (BROWN, 1996, 254). Se recusar-se o modelo espanhol como um possível vislumbre do Kremlin, e virar-se os olhos para o Leste, China, Hungria e Iugoslávia apresentavam modelos com anos ou décadas de prática bem-sucedida do que se tentou realizar econômica e politicamente em 1988 na URSS. Mas não se enquadrariam seriamente como modelos após 1988. Pode-se fazer um resumo dos passos da perestroika:

Os dois critérios econômicos de um sistema comunista - comando ao invés de economia de mercado e propriedade do Estado ao invés de propriedade privada ou mista - sobreviveu por mais tempo do que o centralismo democrático e o papel dirigente do partido. Mas eles não sobreviveram incólumes. Até o final de 1989, a economia de comando foi deixando de funcionar. A Lei sobre a Empresa Estatal de 1987 havia devolvido o poder aos gerentes de fábrica, e o Comitê Estatal de Planejamento (Gosplan), o Ministério das Finanças e o setor dos ministérios industriais estavam perdendo sua capacidade de controlar empreendimentos econômicos. Além disso, Gorbachev tinha abolido em setembro de 1988 a maioria dos departamentos econômicos do Comitê Central, de modo que o partido tinha essencialmente perdido o seu “papel de liderança” na economia. As mudanças debilitaram a camada superior de comando do que os economistas ocidentais nomearam de “economia de comando”, o que na União Soviética havia sido chamado de “economia planificada”, e que o próprio Gorbachev, desde 1988, pejorativamente rotulou de “sistema de comando-administrativa” (BROWN, 2010, 520, tradução livre).

O processo de desnacionalização teve diferentes propostas formuladas pelos diferentes e cada vez mais hostis grupos políticos. Pode-se falar mais em hostilidade do que em antagonismo uma vez que as metas propriamente ditas não variavam de maneira inconciliável, mas sim seus cronogramas (HOUGH, 1997, 136-137). O que se costuma chamar de conservadores, por mais variados internamente que fossem, preferiam uma reforma gradual que preservasse alguma coisa dos planos quinquenais e dos ministérios econômicos. Foi o projeto que se impôs pelas mãos do Congresso em fins de 1989. O Plano Abalkin, cujo cronograma se estendia até o ano 2000, pretendia privatizar a maior parte da economia, tornar o rublo conversível e estabelecer um livre mercado sem a presença de planos e ministérios. Era o favorito de Gorbachev. Derrotado em 1989, acabou sendo adotado temporariamente em 1990. Os reformistas radicais, encabeçados politicamente por Yeltsin, Sobchak e Popov, exigiam a adoção da terapia de choque ao estilo polonês. Em meados de 1990 a aproximação entre os grupos reformistas de Gorbachev e Yeltsin gerou o Plano dos 500 dias, uma terapia de choque que preservava o objetivo de livre mercado mas estabelecia um prazo maior do que 300 dias. Entretanto o plano não foi aplicado. Aqueles que veem um Gorbachev marxista-leninista, indicam essa atitude como mostra do zelo ideológico

com o comunismo (VOLKOGONOV, 2008, 388). Ou, como socialista, decidiu-se contrário ao choque econômico (HOUGH, 1997, 133). Parece ser mais certa a análise que entende esse ato como expressão de fraqueza política, diante da impopularidade e desagregação dos instrumentos efetivos de poder, como uma postergação enquanto se buscava novas alianças políticas que permitissem a imposição forçada da redefinição de propriedade a contragosto de amplos setores sociais (KAGARLITSKY, 1993, 178). Assim, a “fase autoritária da perestroika” ganha um novo sentido e a crença de que os golpistas de agosto pretendiam um retorno ao comunismo perde espaço.

Quando a glasnost passou a denotar liberdade de expressão, reunião e publicação, tornaram-se possíveis comícios e manifestações em larga escala, a disseminação e a atuação política de oposições dentro e fora do partido bem como de movimentos dos mais variados: nacionalistas, tradicionalistas, religiosos, fascistizados, anarquistas, sindicalistas, marxistas-leninistas puristas, liberais, que ofereciam um campo fértil para a carreira política, como demonstraram a nova política de militantes de rua de Yeltsin, como forma de arrebanhar votos ou promover pressão sobre instituições (KAGARLITSKY, 1993, 148). Entretanto, não foram as lutas de rua no Báltico ou mesmo confrontos armados no Cáucaso o grande desafio para a unidade da URSS. Seu maior efeito foi sobre a regionalizada economia do país e o consequente racionamento provocado com a interrupção do circuito econômico. Mas nenhum governo republicano caiu devido às manifestações propiciadas pela glasnost – não por populares. O entrelaçamento entre glasnost e demokratizatsiya, entre a possibilidade de expressar a ira popular e a capacidade de demonstrá-la nas urnas, foi realmente decisivo. A partir desse fenômeno as seções do partido no Báltico foram tomadas pelo nacionalismo (KAGARLITSKY, 1990, 75; 195) e deram os primeiros passos para a soberania, novas lideranças se tornaram possíveis para o campo reformista, desalojando Gorbachev, e políticos como Yeltsin ou Gamsakhúrdia chegaram ao poder em suas respectivas repúblicas.

O grupo de Gorbachev acreditava ser possível e preferível coordenar e direcionar politicamente os novos grupos sociais e políticos para a execução e apoio de sua agenda, encontrando forças para pressionar o partido a se reformar, ao mesmo tempo barrando e cooptando o radicalismo interno desses movimentos (LÉVESQUE, 1997, 82). A realidade foi muito mais dura do que puderam prever. Nem a atividade política desses grupos foi constante, nem ficou sob a batuta do Kremlin (WHITE, 1999, 160) de forma a ser aproveitada no jogo do

poder. O fracionamento do poder nas bases, nos soviets locais e da União e a concentração do poder de cúpula, da direção colegiada do Politburo e do Comitê Central nas mãos de um presidente com amplas atribuições e prerrogativas, e que reunia ainda os cargos de secretário-geral do único partido oficial do país até 1991 e de presidente do Soviete Supremo e condutor de suas seções e votações, não funcionou como previram e a cúpula se viu alijada de poder real, apesar de conseguir vitórias em casos antes tidos como perdidos no Legislativo da União, mas amargar também derrotas inescapáveis.

A separação entre partido e Estado e o autoimposto afastamento do partido de várias esferas da vida social e econômica não resultaram em maior dinamismo do sistema e em facilidades para reformá-lo sem a presença de uma oposição encastelada na máquina, como uma necessária emergência do livre mercado. Mas sim na pane do mesmo sistema.

A modernização da URSS assumiu os contornos de uma ocidentalização das instituições e do sistema político, social e econômico, bem como de uma aproximação diplomática com o Ocidente, culminando no apoio à intervenção armada da aliança em torno dos Estados Unidos no Golfo. Descortinou uma séria polarização entre reformistas parciais e reformistas radicais, estes últimos capitaneados inicialmente por Gorbachev, mas cada vez mais magnetizados por Yeltsin. Conflito que pode ser vislumbrado também como sendo mais um capítulo da luta entre ocidentalistas e eslavófilos (ENGLISH, 2000, 235; BERTONHA, 2008, 167). As consequências desse confronto e do encaminhamento das reformas impregnaram e deram a substância de um novo discurso difundido pelos veículos de comunicação mundo afora.

### **1.1 Os oráculos de *Veja*.**

O primeiro soviétólogo que aparece com frequência como fonte para *Veja* é Seweryn Bialer<sup>11</sup>. Sua primeira aparição nas páginas da revista, como a voz da autoridade emanada dos

---

<sup>11</sup> Nascido em 1926, é professor emérito de ciência política na Universidade de Columbia e especialista em partidos comunistas da União Soviética e na Polônia. Nascido em Berlim, Bialer se juntou ao movimento antifascista clandestino em Lodz, na Polônia, em 1942. Entre fevereiro de 1944 e Maio de 1945, ele foi prisioneiro no campo de Auschwitz. De maio de 1945 a junho de 1956 (ano em que emigrou para o Ocidente), ele foi diretor da força policial da Polônia (Milicja Obywatelska). Em 1951, tornou-se professor do Instituto de Sociologia e Política e editor do jornal *Trybuna Ludu*. Em maio de 1981, depois que o presidente Reagan, na Notre Dame University, afirmou que o

especialistas (faz questão de alertar o leitor que Bialer é professor na Universidade de Columbia), foi tão cedo como o início de 1986<sup>12</sup>. Suas participações se tornam cada vez mais frequentes no ano de 1987 e 1988<sup>13</sup>. Bialer é um kreminologista adepto de uma teoria do totalitarismo mais flexível e amena. O que era importante para que as informações da revista recebessem de seu público a chancela da credibilidade nessa fase de crise sistêmica mais branda do comunismo. Ainda assim, Bialer considera a URSS um Estado totalitário ao menos até a virada dos anos 1990 (BIALER, 1991, 105-106). Sua percepção de que a URSS ainda era um adversário formidável para o Ocidente ou que as reformas de Gorbachev eram sobretudo cosméticas, e, posteriormente, fadadas ao fracasso, é absorvida pela revista ao fazer seus prognósticos.

Timothy Garton Ash<sup>14</sup> foi usado como o correspondente que *Veja* não possuía no Leste Europeu no momento da queda em efeito dominó dos regimes da região. A revista enviou repórteres para cobrir os avanços da perestroika em julho de 1987 e as reformas de mercado e de pluralismo político húngaras de meados de 1989. Mas estava desprevenida quando uma sucessão ininterrupta de eventos se desenrolou: quando Tadeusz Mazowiecki, do Solidariedade, tornou-se primeiro ministro da Polônia, em agosto de 1989; quando o muro de Berlim caiu em outubro; quando o governo húngaro permitiu eleições pluripartidárias em outubro; a Revolução de Veludo na Tchecoslováquia entre novembro e dezembro de 1989, a revista não possuía qualquer enviado especial. Os artigos de Ash para o *The Guardian*, publicados rapidamente de forma a acompanhar o rápido processo revolucionário, ou “refolucionário”, uma mistura de reforma e revolução (ASH, 1990, 16), como o autor prefere, foram muito importantes para a revista. Com a deterioração da situação econômica e política da região, uma visão mais radical do totalitarismo podia ser aceitado como factível e real. Ash, com seu modelo de totalitarismo forjado sobre seus objetivos prediletos – ditaduras do Leste Europeu e os sistemas de segurança internos – era o jornalista-soviólogo perfeito para a revista.

---

comunismo era “um capítulo triste e bizarro na história humana cujas últimas páginas estão agora mesmo sendo escritas”, Bialer contradisse Reagan em um artigo na *Foreign Affairs*: “A União Soviética não está passando agora e nem passará até meados da próxima década por uma verdadeira crise sistêmica, pois dispõe de enormes reservas não utilizadas e de estabilidade política e social suficientes para suportar as mais profundas dificuldades” (STEELE, 1992, 396).

<sup>12</sup> SANTA CRUZ, Selma. A ascensão de Gorbachev. *Veja*, nº 904, 01/01/1986, 72.

<sup>13</sup> TOLEDO, Roberto Pompeu. A revolução de Gorbachev. *Veja*, nº 986, 29/07/1987, 49; BIALER, Seweryn. Por trás da glasnost. *Veja*, nº 1031, 08/06/1988, 58-63.

<sup>14</sup> Timothy Garton Ash, nascido em 12 de julho de 1955, é um historiador britânico, autor e comentarista de jornais. Seus temas são as ditaduras comunistas da Europa Oriental e as polícias secretas desses regimes, as revoluções de 1989 e a transformação do antigo bloco soviético europeu em estados membros da União Europeia.

Timothy Ash, mesmo sendo colunista de um jornal britânico de centro-esquerda liberal, o *The Guardian*, também é um entusiástico adepto da teoria totalitária, sendo perfeitamente assimilável por *Veja* ao se tratar da Europa Oriental. A primeira vez que *Veja* fez uso do historiador britânico em suas matérias foi na propaganda de seu livro *Nós, o povo: a Revolução de 1989 em Varsóvia, Budapeste, Berlim e Praga* em sua seção de leitura<sup>15</sup>; também como um reforço para as suas posições pró-Mazowiecki e anti-Walesa, que é justificada pela própria revista um pouco antes, logo abaixo do título “tucanos poloneses”: “a agremiação política de Mazowiecki, Road, nascida de uma divisão do próprio Solidariedade e do Fórum da Direita Democrática, é um pouco como o PSDB, o partido brasileiro dos tucanos: tem ótimas ideias, candidatos de prestígio e pencas de intelectuais, mas lhe faltam votos”<sup>16</sup>; novamente na questão das eleições polonesas entre o intelectual e o sindicalista símbolos do fraturado Solidariedade<sup>17</sup>; no uso do termo “barão vermelho” (*Veja* também usa o de “caciques comunistas”) para descrever o processo de apropriação pelo antigo aparato do regime, no caso polonês, das estatais que foram privatizadas<sup>18</sup>, ou para afirmar que as peças teatrais de Vaclav Havel são importantes não como arte, já que são fracas, mas historicamente admiráveis, como parte do combate ao comunismo na Tchecoslováquia<sup>19</sup>. É usado até mesmo como parte de seu saudosismo da estabilidade política do mundo da Guerra Fria, ao citá-lo sobre a Guerra do Golfo: “com o fim da guerra fria [sic], os países ocidentais deixaram de ter medo de uma retaliação nuclear: já voltaram a guerrear à vontade”<sup>20</sup>.

Zbigniew K. Brzezinski<sup>21</sup>, o mais radical dos adeptos do totalitarismo, a ponto de afirmar que, por serem totalitários, “comunismo, fascismo e nazismo eram genericamente

<sup>15</sup> Primavera no Leste. *Veja*, nº 1142, 08/08/1990, 88-90.

<sup>16</sup> Duelo de gigantes. *Veja*, nº 1152, 17/10/1990, 48.

<sup>17</sup> ALTMAN, Fábio. A caneta contra o martelo. *Veja*, nº 1157, 21/11/1990, 49.

<sup>18</sup> *Idem*, 50-51.

<sup>19</sup> NERY, Mario. Caça os burocratas. *Veja*, nº 1181, 08/05/1991, 97.

<sup>20</sup> *Veja*, nº 1167, 30/01/1991, 50.

<sup>21</sup> Zbigniew Kazimierz Brzezinski, nascido em 1928, é um cientista político polonês, que fez carreira nos Estados Unidos, geoestratega e estadista que serviu como Conselheiro de Segurança Nacional do presidente Jimmy Carter, de 1977 a 1981. Os maiores eventos da política externa durante o seu mandato incluíram a normalização das relações com a República Popular da China (e do afastamento da República da China ou Formosa ou Taiwan – ambos processos iniciados com Nixon e Kissinger); a assinatura do segundo Tratado de Limitação de Armas Estratégicas (SALT II); a campanha diplomática dos direitos humanos, a fim de minar a influência e imagem internacionais da União Soviética; o financiamento dos mujahideen no Afeganistão. Após a vitória eleitoral em 1976, Carter fez de Brzezinski Conselheiro de Segurança Nacional. Fez o uso das cláusulas dos Acordos de Helsinque pra apoiar os dissidentes soviéticos. A União Soviética queixou-se que esta retórica ia contra a détente que Nixon e Kissinger haviam estabelecido com Brejnev. Brzezinski deparou-se com membros do seu próprio partido que não concordaram com essa interpretação da détente, incluindo o Secretário de Estado, Cyrus Vance. Vance defendeu uma ênfase

relacionados, historicamente ligados e politicamente bastante similares” – cepas de uma mesma planta, inimiga das democracias ocidentais (BRZEZINSKI, 1990, 20), tornou-se, a partir de fins de 1989 e no ano de 1990 o grande oráculo para *Veja*. É por meio dele que a revista faz sua avaliação (ou extrai ideias) do regime, de seu passado, dos cenários possíveis para seu futuro. É o momento em que a Polônia adota o Plano Balcerowicz e a URSS tenta emplacar o Plano dos 500 dias – a terapia do choque é imposta sobre a antiga terra dos soviéticos. Não só o que a própria revista convencionou chamar de comunismo, mas o socialismo (exceto a experiência espanhola de livre mercado, vista como modelo), o Estado de Bem-Estar Social ou o desenvolvimentismo e estatismo são confinados como projetos análogos. Todos compartilham do “grande fracasso” comunista diante da vitória da livre empresa, como assinala Brzezinski. *Veja* não se encanta apenas pelas ideias vindas do ex-professor de Columbia. Ele é mais que um especialista confiável e responsável. Ele participou do combate efetivo ao comunismo enquanto assessor em diferentes funções dos presidentes Carter, Reagan e Bush. O que, a partir da desintegração dos regimes do Leste Europeu, mas não antes, teria sido visto como fraqueza, como um acovardamento frente ao inimigo, que é como a administração democrata de Carter passou a ser retratada pelos republicanos conservadores, foi resolvida pelo próprio Brzezinski ao romper com os democratas e alinhar-se com os republicanos e o agressivo discurso de Reagan. Isso permitiu a Brzezinski fugir da impressão causada pela administração Carter de que ninguém em seu governo entendia de fato os soviéticos (HOBSBAWM, 2001, 242), que foi o mote de campanha de Reagan em 1980 – os acordos SALT II, dos quais Brzezinski tomou parte, limitavam o número de armas nucleares em um patamar igual para as duas superpotências, o que, para os reaganistas, era a razão da paridade nuclear alcançada pelos soviéticos e uma derrota estratégica para os EUA (WEILER; PEARCE, 1992, 187).

---

menor na questão dos direitos humanos dos dissidentes, a fim de obter dos soviéticos a aceitação dos acordos SALT. Vance procurou continuar o estilo de distensão projetado por Nixon e Kissinger, com foco no controle de armas. Brzezinski acreditava que a distensão encorajara os soviéticos a estabelecer sua presença em Angola e no Oriente Médio, e por isso defendeu um uso maior da força militar e a ênfase na questão dos direitos humanos. Com um novo clima de insegurança, Brzezinski defendeu o acúmulo de novas armas e o desenvolvimento de forças de intervenção ligerias - políticas que hoje são geralmente associados com Ronald Reagan. Em 1980, Brzezinski planejou a Operação Eagle Claw, para libertar os reféns na embaixada americana no Irã, usando a recém-criada Delta Force e outras unidades das Forças Especiais. A missão foi um fracasso e levou à renúncia do secretário Vance, como foi também um dos fatores da derrota de Carter na corrida para a reeleição. Com o fim da administração Carter não se manteve afastado dos assuntos de Estado. Entrou em relação com a administração Reagan e foi assessor do vice-presidente George H. W. Bush (BRZEZINSKI, 1983; WILENTZ, 2008).

Não se pode deixar de avaliar a mudança de visão de Brzezinski sobre o comunismo da Europa Oriental no seu *Ideologia e poder na União Soviética*, de 1962, e em *O grande fracasso*, de 1988. A teoria do totalitarismo e a retórica anticomunista ganharam ainda mais impulso. Ocorre também a absorção do discurso reaganista antissoviético. A visão mais branda no primeiro livro é decorrente da inquestionável desestalinização, reforma e dinamismo econômicos. E, como ele mesmo tem que reconhecer, essa ampliação da visão negativa do legado e história do comunismo, ou mesmo da pertinência dos Estados socialistas, foi motivada pela confirmação dessa mesma visão pela própria liderança soviética, e em menor medida, dos reformadores chineses (BRZEZINSKI, 1990, 251) de antes do massacre da Praça da Paz Celestial (um evento que marcou a saída de alguns reformistas da cena política, às vezes mesmo para a prisão, e um abandono das críticas ao passado do regime e do significado de Mao Tsé-tung).

Mesmo sendo um político democrata, após o governo Carter, Brzezinski tentou se descolar da impressão de fracasso, ou, segundo o público interno, de fraqueza na condução da política externa americana (que ele mesmo elaborou) por não se opor firmemente contra a URSS. Além disso, ocorreu sua ruptura com o partido Democrata e sua aproximação com o partido Republicano, recebendo do presidente Reagan e do vice-presidente Bush vários cargos e missões (BRZEZINSKI, 1983, 23). A retórica reaganista precisava se fazer presente na obra do acadêmico de Columbia. Se Carter rendeu elogios ao escritor que deveria ocupar a mesma posição de Kissinger e de sua política bem-sucedida de diplomacia triangular, agora a eloquência de Reagan deveria ter algum respaldo nos meios acadêmicos. Para *Veja*, Brzezinski é um “analista tarimbado”, uma vez que é polonês emigrado e assessor do governo Jimmy Carter. É ele que ela cita ao afirmar que a Polônia pode desestabilizar as reformas de Gorbachev, pois se ela se rebelar novamente, como tantas outras vezes, Gorbachev seria obrigado a invadi-la com as tropas do Pacto de Varsóvia, e essa ação conservadora poria fim às suas tentativas de reforma<sup>22</sup>. É Brzezinski e as ideias de seu livro “*O grande fracasso*”, prestes a ser lançado, mas que já constituía a temática das notas do autor para a imprensa que o procurava como soviétólogo, que usa para explicar e escalar a importância dos crescentes conflitos nacionalistas, por ocasião do massacre em Tiblisi. “A questão das nacionalidades é o calcanhar-de-aquiles da perestroika”<sup>23</sup>, ou, como o próprio autor diz, “o problema nacional é claramente o calcanhar-de-aquiles da

---

<sup>22</sup> Pela perestroika. *Veja*, nº 1027, 11/05/1988, 60-61.

<sup>23</sup> Tremores no império. *Veja*, nº 1076, 19/04/1989, 55.

*perestroika*” (BRZEZINSKI, 1990, 106), ou que Gorbachev não permitiria a independência da Lituânia pois seria abrir a porta para a desintegração política da URSS, ou como *Veja* diz, ao citá-lo, “o separatismo vai se espalhar como o fogo na floresta”<sup>24</sup>. Também o menciona para explicar os dilemas dos Estados Unidos frente a política de “casa comum europeia” de Gorbachev, que, segundo a revista e o soviétólogo, significava uma Europa sem a presença americana, e daí a necessidade de “uma Europa dos Urais à Califórnia”<sup>25</sup>. A revista elogia seu oráculo, o “Salieri”<sup>26</sup> da política internacional”, apontando seus dotes para perfeitos prognósticos:

A sorte de Brzezinski começou a virar no final de 1989, quando o Muro de Berlim ainda estava de pé. Enquanto Kissinger dizia que as mudanças no mundo comunista “virão de uma forma lenta e ambivalente”, Brzezinski previa que a Rússia “será levada de volta às suas fronteiras do século XVII”<sup>27</sup> e que não só o império soviético estava condenado à morte, mas a própria URSS corria o risco de ser “libanizada”. “Zbig”, com suas ideias audaciosas, estava de volta<sup>28</sup>.

É provável que, para a revista, a participação mais inusitada de Brzezinski em suas páginas tenha sido a citação de suas previsões pelos grupos políticos que ela prefere chamar de comunistas adeptos da lei e da ordem:

Dos três elementos de seu projeto – mercado, socialismo e governo forte – o que Kramarenko gosta mesmo é do último. “Se aparecer um mercado livre, com cada um fazendo o que quiser, o Estado estará morto. Vai acontecer o que o professor Brzezinski previu: a URSS virará um Alto Volta com armas nucleares. Nós temos uma História muito grande e muito rica, isso não vai acontecer”, arremata”<sup>29</sup>.

Outros analistas aparecem em suas páginas, inclusive soviéticos, desde que alinhados com a *perestroika*, ou, preferencialmente, com os grupos que promoviam pressão pela aceleração nas reformas rumo ao mercado, como o historiador Yuri Afanassiev, aludido pela revista em três ocasiões: para condenar os Processos de Moscou como criminosos<sup>30</sup>, para fazer um alerta sobre a intensificação e radicalização das manifestações populares no Báltico<sup>31</sup> e da formação de seu partido de tipo socialdemocrata<sup>32</sup>. O general e historiador Dmitri Volkogonov tem seu livro *Stálin: tragédia e triunfo* comentado pela revista em sua seção de livros, a medida que faz críticas

<sup>24</sup> Torniquete russo. *Veja*, nº 1127, 25/04/1990, 35.

<sup>25</sup> Paradoxo americano. *Veja*, nº 1131, 23/05/1990, 44.

<sup>26</sup> A revista se refere não ao Antonio Salieri histórico, mas ao personagem intrigante e invejoso que fazia de tudo para apagar a estrela rival de Mozart, no filme de 1984 de Peter Shaffer, *Amadeus*.

<sup>27</sup> Que, de fato, se assemelham as fronteiras russas atuais, destituídas das outras 14 ex-repúblicas soviéticas.

<sup>28</sup> GASPARI, Élio. O duelo dos titãs. *Veja*, nº 1163, 02/01/1991, 30-31.

<sup>29</sup> GASPARI, Élio A segunda Revolução Russa. *Veja*, nº 1191, 17/07/1991, 46.

<sup>30</sup> A volta do leão. *Veja*, nº 993, 16/09/1987, 41.

<sup>31</sup> Hora de conversar. *Veja*, nº 1043, 31/08/1988, 40.

<sup>32</sup> Operação Resgate. *Veja*, nº 1133, 06/06/1990, 48.

à condução do país por Stalin durante a Segunda Guerra e pelos expurgos promovidos no exército<sup>33</sup>. O poeta siberiano Yevgeny Yevtuchenko merece uma entrevista nas páginas amarelas, porém desaponta a revista por seu excesso de zelo de uma glasnost que não incomoda ao Kremlin<sup>34</sup>. Entretanto, os analistas soviéticos raramente aparecem fazendo prognósticos. Talvez por não considerá-los adequadamente confiáveis. A exceção parece ser o economista Stanislav Shatalin, que aparece como “um dos mais expressivos economistas do país”, por ocasião da aprovação do seu plano de privatização em 500 dias por Gorbachev<sup>35</sup>. Ela apoia o plano de ação que ele traça para Gorbachev após o Golpe de Agosto de 1991:

Comemorando o que chamou de “dia mais feliz da minha vida”, Stanislav Shatalin [...] encarou de frente o problema. “Esse é o fim do comunismo. O partido precisa ser varrido para fora do poder de uma vez por todas”, disse ele. “Se Gorbachev não romper com o partido, vai perder todo o apoio”<sup>36</sup>.

Para cada momento da trajetória das reformas, a revista teve um analista favorito, que se encaixava de maneira que seu discurso aparentasse ser mais palpável, bem como alinhado com as tendências do jornalismo conservador no exterior. Esses três autores proporcionaram a *Veja* a autoridade provinda da academia, pontos de vista muito semelhantes ao seu, o material discursivo e ideias que ela mesma não foi capaz de produzir – pelo menos não na mesma qualidade – são indubitavelmente especialistas confiáveis e respeitáveis (na caracterização sociológica feita por Bourdieu), e a facilidade de escreverem para periódicos ou colunas ou serem entrevistados em jornais com circulação global, livrando os editores e redatores de *Veja* de terem que ler seus longos livros, substituídos por breves e leves trechos de conferências para a imprensa ou quando muito, artigos de uma página de jornal, publicados, no máximo, poucos dias antes da edição semanal da revista. Eles também evocam a mudança da visão da revista *Veja* sobre o Leste Europeu. Se no início Bialer, que é adepto de uma perspectiva mais tênue da teoria do totalitarismo, falando até mesmo em flexibilidade política no tratamento do Estado com seus cidadãos (BIALER, 1981, 212), é quem destoa em suas reportagens, a partir de 1989 são Brzezinski e Ash, defensores da noção de um rígido esquema de totalitarismo, que preenchem suas páginas. O que era um discurso de Reagan, que antes era encaixado no mundo das bravatas

<sup>33</sup> Golpe de papel. *Veja*, nº 1034, 29/06/1988, 66-67.

<sup>34</sup> YEVTUCHENKO, Yevgeny. A liberdade chegou. *Veja*, nº 965, 04/03/1987, 5-8. Entrevista por Mário Sérgio Conti.

<sup>35</sup> Pão e planos. *Veja*, nº 1148, 19/09/1990, 53.

<sup>36</sup> A louca era de Agosto. *Veja*, nº 1197, 28/08/1991, 24.

políticas, foi lentamente se tornando a verdade objetiva para *Veja* e a retórica de liberais e conservadores. A acusação de que a URSS era o “império do mal” inicialmente era vista primordialmente como uma arenga formulada por Reagan diante de uma convenção evangélica num hotel em Orlando, em março de 1983 (KENGOR, 2006, 174), e que tentava canalizar politicamente a crise da derrubada do voo 007 da Korean Airlines pelos soviéticos. No fim da década, para estes setores, era o melhor quadro explicativo para o bloco soviético. Havia deixado o campo da arena política para tornar-se uma definição funcional.

Alguns termos se disseminaram entre os meios da imprensa e da política. É o caso da demarcação de bizarro para o sistema soviético. Uma palavra persistente nos discursos de Reagan e na caracterização feita por Brzezinski ou *Veja*. Quando a revista fala sobre a “bizarria” da URSS pela primeira vez, ela cita as frases públicas de Ronald Reagan<sup>37</sup>, e não a Brzezinski, e ambos usaram a expressão em frases bem parecidas<sup>38</sup>. Os dois últimos bebem na fonte do primeiro. Portanto, devemos marcar o discurso de *Veja* como oriundo dos discursos políticos de Reagan, ou, mais precisamente, dos assessores que escreviam para Reagan suas prédicas (HOBSBAWM, 2001, 246). Deve-se procurar aí a origem da terminologia que os grupos neoliberais e conservadores usam nos anos 1980. A revista passa a usar o termo bem depois dos discursos de Reagan ou dos artigos de Brzezinski. Mas ela passa gradualmente a absorver as mesmas expressões. Já que comunga do mesmo substrato ideológico, em algum momento *Veja* precisa buscar orientação e fórmulas entre os destaques dessas correntes de pensamento político e econômico. O momento chave é o ano de 1991, onde ela se refere ao termo, por exemplo, “mastodôntico”, ao setor estatal em processo de privatização na URSS<sup>39</sup>, ou o orçamento e as estatais do Brasil<sup>40</sup>. As imagens retóricas reaganistas também receberam definições parecidas como “mamute” ou similares de uso mais comum na língua portuguesa, como “elefante branco”. Estatais, fossem soviéticas ou brasileiras, passaram a ser um sinônimo, para *Veja*, dos termos expostos acima<sup>41</sup>. De fato, a elevação de Reagan ao status de oráculo não pode ser creditada

<sup>37</sup> Caça ao dragão em Moscou. *Veja*, nº 1031, 08/06/1988, 55.

<sup>38</sup> Reagan, para *Veja*, era “o homem que previu que no futuro o comunismo seria lembrado apenas como “um capítulo triste e um tanto bizarro da História da humanidade”” (Caça ao dragão em Moscou. *Veja*, nº 1031, 08/06/1988, 55). Para Brzezinski, a bizarria e morte anunciada do sistema permaneceria igualmente em sua memória, pois “o comunismo será lembrado principalmente como a mais extraordinária aberração política e intelectual do século XX” (BRZEZINSKI, 1990, 15).

<sup>39</sup> FUSER, Igor. Lá é muito pior. *Veja*, nº 1213, 18/12/1991, 38.

<sup>40</sup> As ilusões perdidas. *Veja*, nº 1173, 13/03/1991, 22; nº 1213, 18/12/1991, 9;22), ou ainda o “mastodonte” da burocracia (*Veja*, nº 885, 21/08/1985, 87).

<sup>41</sup> *Veja*, nº 1214, 25/12/1991, 24-26; *Veja*, nº 1174, 20/03/1991, 44; *Veja*, nº 1142, 08/08/1990, 22; *Veja*, nº 1122,

apenas à *Veja*. Como ícone do conservadorismo e da doutrina neoliberal, sua imagem de um quase santo foi sendo construída com o tempo, e formou-se uma mitologia em torno de sua figura. Esse processo não se iniciou com a administração George W. Bush, mas ainda no fim do próprio mandato de Reagan. Como Brzezinski, suas afirmações eram políticas, e suas análises e prognósticos mudavam ao sabor dos ventos. No ano de 1981, ao tentar angariar apoio na Europa para o aumento da presença militar americana por meio da OTAN, apontava as ameaças do poder comunista crescente (LONGLEY, 2007, 26). No mesmo ano, na Universidade de Notre Dame, previa a morte iminente do bizarro comunismo (KENGOR, 2006, 77). Para a formação de sua fábula de oráculo ou visionário suprime-se o primeiro discurso e lembra-se do segundo, como fez *Veja* e ainda fazem alguns autores (KENGOR, 2006, 77-78).

Pode-se também constatar a adesão crescente a essa temática e imagens. O prognóstico de Brzezinski de que a crise que se abatia sobre o mundo comunista era de fato sua crise de morte, que ganhou repercussão por ter sido lançada dias antes da queda do muro de Berlim, foi assimilada pela revista com as mesmas palavras, “crise terminal”, ainda sob o impacto da queda do muro<sup>42</sup>, ou do fim do papel protagonista do PCUS, ou, como *Veja* prefere, do monopólio do poder político pelos comunistas e a evasão dos filiados do PCUS<sup>43</sup>. *Veja* procura por analistas que possam elaborar desdobramentos futuros dos temas abordados em suas reportagens. Bialer, Brzezinski e outros cumprem esse papel. Sua autoridade é lembrada. Mas é Reagan que desfruta do status de oráculo, de elaborar previsões acertadas.

Entretanto, mesmo a noção dos regimes comunistas como totalitários apresentou um crescente e de alusões e da própria afirmação com o tempo. De 1985 a 1987 a revista usava a noção de totalitarismo apenas para enquadrar o regime cubano – talvez o exemplo mais perigoso de comunismo, ou ao menos mais próximo geograficamente. A primeira menção que vinculava diretamente a URSS ao totalitarismo veio apenas no ano de 1987, e ainda assim descrevendo a época de Stalin, e não os atuais regimes do Leste Europeu<sup>44</sup>.

Pode-se também inferir quanto de cada autor *Veja* leu, ou ao menos se preocupou em conhecer a trajetória. Se Brzezinski sempre é mencionado como o famoso assessor de Segurança Nacional de Carter e emigrante polonês, Bialer, que participou do sistema de segurança interna e

---

21/03/1990, 49; *Veja*, nº 1104, 08/10/1989, 22; *Veja*, nº 1074, 05/04/1989, 107; *Veja*, nº 1061, 04/01/1989, 83; *Veja*, nº 1033, 22/06/1988, 51; *Veja*, nº 997, 14/10/1987, 33; *Veja*, nº 997, 01/06/1987, 37.

<sup>42</sup> *Veja*, nº 1119, 28/02/1990, 50.

<sup>43</sup> GASPARI, Élio. Um partido destruído. *Veja*, nº 1191, 17/07/1991, 42.

<sup>44</sup> *Veja*, nº 966, 11/03/1987, 120.

da vida partidária e acadêmica da Polônia, antes de desertar em Berlim, não tem essa história realçada ou lembrada como ponto de autoridade. Se o soubesse, é difícil não imaginar uma chamada para o especialista como “o homem que vem de dentro do sistema para narrar seus crimes” – que é o que faz no caso do anúncio do livro do duplo espião e desertor da KGB, Arkady Shevchenko<sup>45</sup>.

Nem sempre as citações são explícitas, ou necessariamente retiradas das entrevistas e notas para a imprensa, feitas pelos seus analistas de confiança. Podem ser também parte de um estrato comum de pensamento neoliberal e conservador, o mesmo programa político-econômico, que identifica inimigos e obstáculos semelhantes. Se Brzezinski já alertava em seu livro que o governo dos Estados Unidos deveria se preparar para um novo adversário no pós-comunismo, o nacionalismo político e econômico das antigas ou, no caso do antigo Segundo Mundo, recém-incorporadas às áreas periféricas do capitalismo (BRZEZINSKI, 1990, 258-262), *Veja* afirma que:

A década começou com o comunismo aparentemente no auge de sua expansão e chegou ao fim com todos os sinais trocados. Um dirigente comunista foi preso por seus ex-camaradas, como na Alemanha Oriental do ex-todo-poderoso Erich Honecker, e um outro foi derrubado, capturado e fuzilado, na Romênia do vampiro megalomaniaco Nicolae Ceausescu. Outros, ainda, foram despachados para a aposentadoria sumária, surrados nas urnas sempre que se abriu uma brecha para a expressão da vontade popular, obrigados a dividir o poder, trocando de nome às pressas na esperança de sobreviver. Na troca de sinais, a economia de mercado foi celebrada, nas palavras do primeiro-ministro iugoslavo Ante Markovic, como “uma conquista da civilização e instrumento para um desenvolvimento mais rápido e eficiente”. O retrato do líder soviético Mikhail Gorbachev e sua palavra de ordem – glasnost –, empunhados pelas multidões que tomaram as ruas das capitais da Europa Oriental e ao mesmo tempo gritavam “abaixo os russos”, atestam que o comunismo foi colocado de perna para o ar [...]. A década de 80 termina com o desempenho do atleta que derrubou uma marca difícil. Isso, porém, está longe de significar que o atleta se tornou onipotente. Os generais africanos e latino-americanos continuarão por aí [...]. A eles caberá a triste tarefa de demonstrar que no fim do século XX a guerra é coisa de ditador pobre [...]. A URSS decidiu saltar fora desse tipo de espetáculo de subdesenvolvidos<sup>46</sup>.

A previsão de *Veja* pode ter se demonstrado equivocada, mas já era um prenúncio do novo mito defendido por historiadores liberais de que guerras ocorrem entre democracias e ditaduras, no melhor estilo “bem contra o mal” ou entre ditaduras, “mal contra mal”.

Às vezes uma frase ganha projeção sem que a fonte seja dada, como a que *Veja* cita sem mencionar o nome de seu autor<sup>47</sup>, Timothy Ash, em um encontro com Havel, durante a

<sup>45</sup> *Veja*, nº 858, 13/02/1985, 38-41.

<sup>46</sup> Comunismo, adeus. *Veja*, nº 1111, 31/12/1989, 106; 134; 138.

Revolução de Veludo e a previsão para a queda do regime tchecoslovaco: “na Polônia levou dez anos, na Hungria dez meses, na Alemanha Oriental dez semanas; talvez na Tchecoslováquia leve dez dias!” Nesse caso, os redatores de *Veja* não precisaram sequer ler o *The Guardian*. A frase se Ash foi gravada em vídeo e exibida na mídia que apoiava as manifestações (ASH, 1990, 89), e pode ter chegado ao conhecimento da revista pelas mais diferentes fontes. É um caso das frases que ganham espaço por um efeito replicante e se torna difícil traçar sua origem. *Veja* forneceu os créditos pela fala de Vaclav Havel, publicada em seguida, mas não fez qualquer menção a Ash.

A linha de um analista, além de frequentes referências suas que demonstrem uma preferência, pode sugerir que *Veja* usou material de determinado autor, publicado em algum grande jornal, para elaborar seus próprios textos. É o caso da imagem de Bialer de uma União Soviética poderosa o suficiente para converter “Estados clientes incipientes” em aliados, ou, que no início do governo de Gorbachev ocorreu um forte avanço militar e o corte das linhas de suprimentos das guerrilhas anticomunistas (BIALER, 1981, 267; 1986, 337) e a previsão de *Veja* de que a URSS acabaria não só por vencer a guerra, mas também incorporar o Afeganistão<sup>48</sup>, ou que o expansionismo soviético tinha como alvo certo outras regiões do Oriente Médio<sup>49</sup>, que Bialer faz questão de mencionar, como o Irã, como foco do fundamentalismo que ameaçava a Ásia Central soviética, ou o Paquistão, aliado estadunidense exprimido entre aliados soviéticos (Afeganistão e Índia) e abastecedor dos mujahedins (BIALER, 1986, 261). Mais ainda se essas opiniões servirem de reforço às convicções da retórica reaganista, que tinha por objetivo justificar o endurecimento político e militar frente a um ameaçador bloco soviético e como negação da política externa baseada na détente (LONGLY, 2007, 6).

A relação de *Veja* com seus especialistas competentes é bem mais variada e complexa na assimilação ou replicação de ideias que sejam pertinentes aos seus interesses ideológicos e palatáveis ao seu público alvo. Estes são apenas os principais, mas durante os seis anos do recorte cronológico ela cita a muitas dezenas deles. Em geral oferecendo mais espaço na medida em que as credenciais de determinado especialista são mais confiáveis, como na entrevista nas páginas amarelas com a ex-embaixadora americana na ONU, a linha-dura Jeane Kirkpatrick, sobre as relações entre Estados Unidos e União Soviética<sup>50</sup>. Ela aparece uma única vez em todo o período

<sup>47</sup> Abertura em tempo recorde. *Veja*, nº 1108, 06/12/1989, 66; Comunismo, Adeus. *Veja*, nº 1111, 31/12/1989, 115.

<sup>48</sup> Guerra sem vencedor. *Veja*, nº 853, 09/01/1985, 37.

<sup>49</sup> *Veja*, nº 866, 10/04/1985, 59.

<sup>50</sup> KIRKPATRICK, Jeane. Profeta da linha dura. *Veja*, nº 879, 10/07/1985, 5-8.

de 1985-91, mas com destaque. Algumas ideias de Kirkpatrick e dos reaganistas passam a ganhar mais ressonância na revista, como a de que os soviéticos nunca cumprem acordos internacionais e “jamais se pode confiar nos russos”. Nos meses anteriores, deste que é o primeiro ano da pesquisa, alguns elementos dessa retórica não existem nas páginas de *Veja*, mas então aparecem com frequência, como na matéria sobre os mísseis atômicos que os soviéticos perderam num naufrágio – as informações dadas pelo Kremlin não eram dignas de qualquer confiança<sup>51</sup>.

A criação de seu arcabouço retórico não se deve apenas à analistas estrangeiros, mais ligados ao anticomunismo, mas também à especialistas nacionais que mereciam seu crédito. Boaventura cita, entre outros, a Roberto Campos, Mário Henrique Simonsen, Delfim Neto, que durante o ano de 1988 foram elencados para formar um coro liberal e conservador contra a Constituinte (SILVA SÁ, 2002, 76). Essa influência também seria muito importante para o desenvolvimento da retórica antissocialista. Ela podia ser transferida da crítica e combate ao caso das políticas estatais e desenvolvimentistas brasileiras para o desmerecimento e descrédito do modelo do socialismo real e vice-versa.

Os últimos anos do governo Reagan recebem uma abordagem diferente da revista. Mais que um ícone da direita e de *Veja*, ele passaria a ser igualmente o portador do modelo econômico-político considerado por ela como o único funcional. Suas ligações com setores econômicos refratários ao neoliberalismo, como o dos fabricantes de computadores, haviam cessado (ver pág. 41-42). Os discursos de Reagan tornaram-se ainda mais interessantes:

O presidente norte-americano revelou diversas ambiguidades em suas declarações. No mesmo momento em que defendeu a institucionalização da política, através do fortalecimento do governo, atacava o “gigantismo” do Estado, particularmente o Estado resultante do *New Deal*, do governo Roosevelt (1933-1945), e suas comparações, politicamente direcionadas, com os Estados socialistas (PINTO; GIL, 2005, 7).

Com a crescente tentativa de construção de um consenso em torno da reforma neoliberal, *Veja* precisa encontrar o Reagan brasileiro. Imperativo para infligir seu projeto ao país, apesar da oposição política, dos industriais e da sociedade. Capaz de “racionalizar” os gastos do Estado e de cortar os benefícios sociais. Seu protótipo sempre foi Reagan, ao contrário de *O Globo*, que chegou a procurar o seu Gorbachev (COSTA, 2008, 139). Este jamais teve o pulso firme que considerava necessário (provavelmente o teve, mas em 1985-86, quando não poderia ser visto como um exemplo de líder liberalizante, sob hipótese alguma). Estava

---

<sup>51</sup> Mísseis ao mar. *Veja*, nº 945, 15/10/1985, 66.

manchado por sua recusa em abandonar o formalismo da definição partidária do socialismo e a crítica verbal da diplomacia estadunidense. Os socialistas plenamente responsáveis, como faz questão de frisar no exemplo espanhol, haviam ao menos abandonado esse último ponto. Apesar de figurar ao lado de Thatcher como responsável pela “guinada ideológica” que enterrou a diferenciação entre esquerda e direita e no consenso em torno do Estado mínimo<sup>52</sup>, ele não é um modelo do porte de Reagan. Na falta de um ator de faroestes B, um político com trejeitos de astro seria o ideal.

Entretanto, a fonte de longe mais usada por *Veja* e mais persuasiva diante de seu público alvo (bem como de uma plateia muito mais ampla atingida ocasionalmente pela revista) para a possibilidade dessa escalada retórica anticomunista foi ninguém mais do que o próprio líder máximo do bloco soviético, Mikhail Sergeyevich Gorbachev.

## 1.2 Um analista mais importante que Reagan?

Vários setores não acreditariam no discurso anticomunista de fins dos anos 1980 como não acreditaram antes também, pela própria distância que mantinham da imprensa nessas questões. Como Ferro aponta, a mídia ocidental perdeu a credibilidade no trato das questões soviéticas diante de vários setores sociais tão cedo quanto os primeiros anos de Lenin à frente da Revolução (FERRO, 1984, 55-54), mas também a recuperou, em parte, no fim dos anos 1970, porque a experiência soviética teria perdido o brilho entre as massas (FERRO, 1984, 101-104). Além disso, alguns grupos sempre se mantiveram fiéis aos jornais conservadores. Mas mesmo os setores não afetados de início pela nova onda anticomunista não podiam ficar indiferentes à imprensa quando Gorbachev lançava seu anátema contra o socialismo real.

Se era o comentarista mais importante na prática, não o foi aos olhos da revista, cujo ícone incontestado mais era Reagan. E Gorbachev não se encaixa exatamente como analista, apesar de seu uso para a descrição do socialismo real. Ele jamais é convidado a fazer prognósticos, principalmente para o seu socialismo renovado, exceto quando ele já se tornou algo muito próximo ao louvado socialismo espanhol da virada dos anos 1990 (BROWN, 1996, 116), que

---

<sup>52</sup> Debate ideológico. *Veja*, nº 1202, 02/10/1991, 24-25.

para *Veja* é o “socialismo que dá certo” na medida em que fornece “a receita socialista para abrir a economia, atrair capital, fechar estatais e fazer da Espanha um país do Primeiro Mundo”<sup>53</sup>. Entretanto, a partir de 1987, quando a intenção é desacreditar e mostrar o fracasso e a inferioridade dos regimes do Leste, Gorbachev sempre é convocado, com direito, inclusive, a uma reportagem especial que substituiu as páginas amarelas, com *Veja* citando e comentando os pontos que julgou mais importantes em seu livro *Perestroika*<sup>54</sup>.

Vários dos motes políticos usados posteriormente pela revista surgiram com o próprio círculo gorbachevista. Eles foram os primeiros a confundir esquerda e direita políticas – como Gorbachev ao criticar a esquerda e seus maiores fundamentos (GORBACHEV, 1988, 219-222) ao mesmo tempo em que apela para uma ampla união de esquerdas (GORBACHEV, 1987b, 72-73) – para, em seguida, negar a existência ou a relevância destas demarcações (YAKOVLEV, 1991, 64). Confusão e descrédito eram armas poderosas dentro ou fora da URSS.

Mais do que professores de Columbia elevados a conselheiros de Estado, ou a saturação e sensacionalismo no noticiário, é a liderança da URSS, com suas declarações que pretendiam desarmar os opositores internos, que permitem à imprensa conservadora colher os louros de uma credibilidade em assuntos sobre o socialismo real perdida fazia décadas entre alguns setores, de reafirmar ao seu público devoto que sempre esteve certa e de confrontar os grupos que a tinham em descrédito. Que preferiam negar o quadro do regime socialista traçado por essa imprensa como propaganda e contrainformação. Agora, para essa mesma imprensa, não era necessário mais do que se referir às palavras do próprio comandante do sistema rival. Para combater os erros do passado, Gorbachev apontava ser necessário conduzir uma autocrítica muito mais demolidora “do que jamais o Ocidente sonhou em fazer”. Mais: ele acreditava que isso poderia não só debelar as forças conservadoras em seu front interno, como desarmar o discurso anticomunista político e midiático ocidental (GORBACHEV, 1988, 147-148). Sem dúvida *Veja* ficou aturdida num primeiro momento e teve que se esforçar para construir um contradiscurso que fosse ao mesmo tempo pró-Reagan e não objetivamente anti-Gorbachev, mas a partir de 1987 ela conseguiu conciliar uma imagem positiva de Gorbachev com suas posturas anticomunistas e até

---

<sup>53</sup> LOPES, J. A. Dias. História de sucesso. *Veja*, nº 1103, 01/11/1989, 62-69. O programa do primeiro-ministro Felipe Gonzáles (1982-96), do Partido Socialista Operário Espanhol, agradou à revista não só pela condução macroeconômica que aproximou e inseriu a Espanha na Comunidade Europeia, mas também pelas reformas dos programas sociais, como o fim de subsídios para vários medicamentos, a liberalização das leis trabalhistas que derrubaram o valor dos salários dos jovens, a remodelação do seguro-desemprego e do sistema de educação (CORTÁZAR; VESGA, 1997).

<sup>54</sup> A segunda revolução. *Veja*, nº 1000, 04/11/1987, 4-11.

mesmo anti-esquerda. Mas Gorbachev não deixou de ser o verdadeiro guru da credibilidade da mídia conservadora. Quando ele não conseguia mais segurar a dianteira nas críticas ao regime e, portanto, já não era tão interessante assim, *Veja* se voltou para outras fontes de dentro da URSS, como os analistas já citados, as memórias dos crimes do stalinismo e as denúncias raivosas contra o regime<sup>55</sup> que apareciam na imprensa soviética (KAGARLITSKY, 1993, 63-64), ou as novas lideranças políticas que brotavam na URSS<sup>56</sup>.

O capital de confiança que as acusações de Gorbachev conferiram à mídia tradicional possibilitou à revista promover a crítica a uma ampla gama de partidos de esquerda. Mesmo antes do vendaval provocado por Gorbachev, alguns grupos já sofriam com a escalada do anticomunismo, como o PC do B. Não há sequer uma matéria sobre a Albânia desvinculada de críticas explícitas nomeadamente dirigidas ao PC do B. O pequeno país balcânico, pobre e isolado, provavelmente teria menos destaque em suas páginas se não existisse esta ligação ao combate ao PC do B. Sem dúvida a escalada do discurso da mídia ocidental teria encontrado na Albânia seu exemplo acabado da inferioridade do comunismo, ao afirmar ou sugerir que todos os regimes socialistas seriam idênticos ao regime de Tirana. Mas foi o isolamento de Hoxda das reformas liberalizantes empreendidas pelo Kremlin que serviram à *Veja* para indicar um caráter retrógrado do PC do B e de insinuá-lo a toda uma esquerda no Brasil.

As reformas liberalizantes no Leste Europeu são mostradas como exemplo para o Brasil do que deve ser feito, e como uma humilhação, por ser mais atrasado e fechado que os países comunistas, e que, ao contrário destes, insiste em não reconhecer seus erros e não se reformar. “O Brasil, que pode ser considerado o país mais fechado do mundo no comércio, sem contar botocudos como o Irã, a Albânia e outros jogadores desse gênero, precisa abrir-se para o exterior” e fazer isso, como aponta o ministro da Fazenda Maílson da Nóbrega, sem criar qualquer lei ou “política de desmontar cartéis no Brasil, justamente na hora em que precisamos de empresas poderosas para enfrentar as de fora”. Para reforçar o exemplo, a foto dos 3 000 ladas, da gigante Avtovaz, desembarcando em Santos<sup>57</sup>. A URSS se torna exemplo de liberalização econômica para o Brasil, se voltando para o comércio externo e os grandes conglomerados. É nesse sentido que se pode entender a frase da mídia “quando chegará o nosso Gorbachev?”, enunciada no *O*

<sup>55</sup> Inventário da repressão. *Veja*, nº 1056, 01/02/1989, 85-86.

<sup>56</sup> GASPARI, Élio. Um partido destroçado. *Veja*, nº 1191, 17/07/1991, 43; nº 1137, 04/07/1990, 37.

<sup>57</sup> Um soco na letargia. *Veja*, nº 1155, 07/11/1990, 86.

*Globo*<sup>58</sup>, ainda em 1988. Pode-se fazer uma lista das relações de pressão que a revista constitui com a comparação do regime que ainda não é uma “plena economia capitalista” com o passado do Leste Europeu e com o aprendizado deste com seus “erros”. O Brasil vivia um cenário quase brejneviano de estagnação. Uma perestroika liberalizante era necessária:

Nas estatais, há produtividade baixa, incompetência e um ideário corporativista que propicia privilégios de todo o tipo. Não é necessário, em absoluto, que o Estado esteja à frente de atividades que, entregues à iniciativa privada, poderiam trabalhar e render resultados muito melhores. A saída óbvia para a ineficiência das estatais inúteis é privatizá-las, e essa é a postura defendida pelo governo do presidente Fernando Collor<sup>59</sup>. [O Brasil] entendeu, com o andamento da privatização, que a alienação de estatais deve ser encarada como um processo contábil e não como uma manobra ideológica, a ponto de discutir-se hoje sem espanto a privatização da própria Petrobrás, sacrossanta instituição do nacionalismo brasileiro que viceja nos braços do monopólio. Na semana passada, foi a vez do Fundo Monetário Internacional<sup>60</sup>.

Há ideias anacrônicas a derrubar, numa sociedade que, segundo Serra, construiu um “muro de burrice” em torno de si própria<sup>61</sup>.

Enquanto os alemães derrubaram o Muro de Berlim, o Brasil continua paralisado diante do seu Muro de Burrice; a renda por habitante entrou em estagnação pela primeira vez neste século; o Brasil precisa educar-se, reformar o Estado e atrelar-se a uma utopia<sup>62</sup>.

Marcha emperrada: o Brasil parte para a competição do mercado mundial com uma máquina industrial ineficiente, com produtos caros e de pouca qualidade<sup>63</sup>.

Toda vez que o Estado tenta deixar suas atividades próprias para exercer funções estranhas a sua natureza o resultado é sempre o mesmo. Durante sete décadas tentou-se a experiência de substituir as oscilações e os riscos do mercado pelo planejamento centralizado da economia na União Soviética, onde a ideia foi perseguida por mais tempo, e o resultado da experiência é conhecido. No Brasil, país curioso que ainda não atingiu o estágio de plena economia capitalista, um sistema Proálcool parece ter sido gerado dentro de um daqueles planos quinquenais soviéticos<sup>64</sup>.

Esse discurso não se limitou à *Veja*. *O Globo*, segundo Costa, foi bem menos modesto e sutil em suas comparações e críticas relacionando o quadro brasileiro ao da URSS que Gorbachev queria mudar:

Certamente, *O Globo*, árduo defensor do sistema capitalista, não se bandeou para o campo socialista. Na sua leitura, a utilização da *perestroika* como um exemplo para o Brasil apontava a natureza das reformas na URSS, que se baseava em diversos valores preconizados pela publicação: a economia de mercado, as privatizações, o fim dos monopólios e a abertura para a entrada de tecnologia e de capital estrangeiros. Enfim, as

<sup>58</sup> “Quem fará a nossa Perestroika? Esta surpreendente pergunta foi feita por *O Globo* em 1988. Mais desconcertante ainda: a publicação utilizou-se das reformas na União Soviética (URSS) de Mikhail Gorbachev para defender uma visão de mundo e um projeto político para o Brasil”. COSTA, Izabel Cristina Gomes da. Quem fará a nossa Perestroika? Imagens de Mikhail Gorbachev no jornal O Globo. Tempo. Niterói, vol. 13 nº 25, p. 139, 2008.

<sup>59</sup> *Veja*, nº 1135, 20/06/1990, 25.

<sup>60</sup> *Veja*, nº 1220, 05/02/1992, 15.

<sup>61</sup> *Veja*, nº 1141, 01/08/1990, 59.

<sup>62</sup> *Veja*, nº 1141, 01/08/1990, capa.

<sup>63</sup> *Veja*, nº 1261, 07/11/1990, 88.

<sup>64</sup> *Veja*, nº 1135, 20/06/1990, 25.

transformações soviéticas atestavam a irresistibilidade do capitalismo diante do fracasso do socialismo real.

A leitura do jornal teceu uma série de comparações entre os processos vividos pelo Brasil e pela URSS. Comentando a viagem do presidente José Sarney àquele país, o editorial estabeleceu a seguinte simetria: as duas nações, cada qual a seu modo, viviam um processo de abertura. Contudo, as diferenças eram enormes. E as mais importantes estavam contidas no caráter das mudanças efetivadas em cada uma das regiões:

“Na União Soviética, há o esforço para sacudir uma sociedade sepultada na apatia por décadas de dirigismo econômico, de preconceito ideológico contra a iniciativa privada e por uma produção desenvolvida à revelia do mercado; enquanto no Brasil, a sociedade que com tanta espontaneidade respondeu à abertura política está sendo ludibriada por um estatismo de má-fé nacionalista e por um pretense progressismo, de interesse apenas de uma bem estabelecida nomenklatura (O Globo, 23/10/1988, p. 4)”.

Quem ludibriava a sociedade brasileira, colocando-a na contracorrente da história? As esquerdas estatizantes defendiam os pressupostos que o socialismo soviético estava sepultando. Comportavam-se como os *burocratas* do PCUS, protegendo os interesses de um pequeno grupo. Assim, a *burocracia* no Brasil era constituída pela *nomenklatura* do movimento organizado dos trabalhadores, como o funcionalismo público, empunhando as suas *bandeiras corporativistas* (COSTA, 2008, 142).

*Veja* nunca fez comparações tão diretas e extrapoladas quanto *O Globo*. Agiu de uma maneira muito mais arguciosa, apesar da orientação geral ser muito semelhante, girando em torno do descompasso entre a esquerda nacional e a externa, principalmente a da pátria do socialismo. Outra diferenciação entre a postura de suas redações foi o destaque conferido ao encontro de Gorbachev com o Papa João Paulo II. Enquanto *o Globo* conferiu proeminência à reunião, *Veja* dedicou apenas meia página:

Em troca, Gorbachev assegurou ao papa que está muito próximo o dia em que a liberdade religiosa será uma realidade em seu país [...]. “Nos últimos tempos, a religião foi tratada de maneira simplista na União Soviética”, admitiu. “Hoje reconhecemos que os valores da religião podem ajudar na renovação do nosso país”<sup>65</sup>.

### 1.3 Origens de um novo consenso político-econômico

Em 1985 o modelo econômico do regime militar ainda não estava desacreditado por completo nas páginas de *Veja*. A tentativa de construção de um novo consenso ainda não havia começado seriamente. Em sua “Carta ao Leitor”<sup>66</sup>, *Veja* afirma que Sarney possui à sua disposição dois caminhos possíveis e não aponta nenhum deles como o único correto. Ou sana o orçamento ou tenta melhorar o quadro social. Uma opção exclui naturalmente a outra. Mas no

<sup>65</sup> A perestroika abençoada. *Veja*, nº 1108, 6/12/1989, 72.

<sup>66</sup> *Veja*, nº 874, 05/06/1985, 28.

caso da segunda, só surtirá efeito se a máquina pública, que absorve os recursos invés de redistribuí-los dos ricos para os pobres (e *Veja* não sugere nada de mal nisso) for alterada. Se há a defesa da redução da máquina do Estado, não há ainda a de suas funções. Não há ainda um discurso que tentem impor uma hegemonia dentro das várias facções e grupos que dividem o poder político e econômico no Brasil, não há a fala de que “não existem alternativas”. Os liberais e os conservadores tem amplo espaço mas trata-se mais da divulgação de suas ideias do que de uma imposição hegemônica ou busca pela hegemonia.

O Chile ainda não é modelo, até pelo estigma da ditadura e de seu fim melancólico no Brasil. As arbitrariedades e as condições econômicas reais ainda estavam frescas na memória, ou ainda se desenrolando até 1989 no Chile. *Veja* não fez pressão política com uma sugerida ameaça de retorno dos militares ao poder antes de 1987<sup>67</sup>. Bem como o desempenho econômico de Reagan, que não podia ainda ser escamoteado como sucesso entre tantas crises recentes (como os crashes de 1983 e 1987). O que, futuramente, *Veja* classificaria como uma “heresia econômica”, como o acordo entre o ministro Funaro com os supermercados para evitar a alta dos preços, foi bem vista. Um “acordo de cavalheiros”, não só em face da outra opção, muito mais herética, do congelamento de preços<sup>68</sup>. posteriormente se adotou o congelamento ante o fracasso desse acordo. Com o fracasso do congelamento devido ao ágio, quando este plano também é abandonado, ela assume posições ideológicas mais firmes ao afirmar: “de volta ao mundo real: Funaro autoriza aumentos dos preços, descongelando o Cruzado, enquanto Pazzianotto ressuscita o velho INPC<sup>69</sup> para medir a inflação”<sup>70</sup>. Mesmo a FIESP<sup>71</sup>, que Carla Luciana Silva aponta como um entrave à consolidação do discurso hegemônico neoliberal entre o empresariado, e portanto alvo das pressões de *Veja* (SILVA, 2009, 44-45), não constituía ainda um inimigo. Pode não ser vista como o modelo ideal, mas não expressa mais do que um desgosto com a realidade de não existir empresários “realmente liberais” como supunha<sup>72</sup> – sem os quais é impossível sustentar um discurso ideológico. Suas relações com o capital externo e a burguesia nacional eram mais ambíguas. Como foi a questão da reserva de mercado para computadores. Para *Veja*,

<sup>67</sup> *Veja*, nº 974, 06/05/1987, 32.

<sup>68</sup> *Veja*, nº 888, 11/09/1985, 112.

<sup>69</sup> Índice Nacional de Preços ao Consumidor.

<sup>70</sup> *Veja*, nº 955, 24/12/1986, 20.

<sup>71</sup> Federação da Indústria do Estado de São Paulo.

<sup>72</sup> “A unção do grupo de Amato [para a chefia da FIESP] põe por terra a mística do empresário liberal que por algum tempo rondou a FIESP – em geral, os empresários que se rotulavam liberais ou não tinham empresas, ou não eram tão liberais” (*Veja*, nº 896, 06/11/1985, 99).

inicialmente, “a indústria nacional de computadores mostra sua força e domina a Feira Internacional de Informática, em São Paulo”. No meio jornalístico o “jabá” predomina em todo tipo de matéria que se torna também um *stand* de produtos. Quem financiava *Veja* nesse momento não se oporia à reserva de mercado que seria imposta pelo governo em poucos anos. Essa matéria especial soa como uma declaração de capacidade do setor nacional de informática de tornar viável a reserva de mercado. A isso influencia a propaganda de computadores da Digital, como as constantes matérias sobre a bolsa, envoltas em comerciais da corretora do Banco Sudameris<sup>73</sup>. Essa posição só seria definitivamente negada com a matéria de capa “Reserva de mercado: o que isso tem a ver com sua vida”, de 16/07/1986, quando ela fecha definitivamente com a burguesia ligada ao capital externo. Até lá havia uma burguesia nacional pagando publicidade em *Veja* num momento pouco anterior à reserva de mercado.

Serra já era influente nessa época, como FHC também, o que lhe valeu na cobertura da disputa pela prefeitura de SP, a famosa foto de capa, sentado na cadeira de prefeito<sup>74</sup>. Nem este grupo e nem *Veja* haviam endossado o neoliberalismo dogmático em 1985. Essa foi uma construção demorada e o modelo ainda não era tão influente. Portanto a revista nem os grupos econômico-político-sociais alinhados se digladiavam ainda com a questão da hegemonia e de um novo consenso, como consta na matéria favorável “Primeiro recado: assessores de Tancredo querem cortar juros”, algo não muito liberal<sup>75</sup> com Serra se colocando a favor da revisão da dívida externa e um crítico do FMI. Seu apoio, espaço de propaganda e disseminação de ideias e orientação políticos era bem mais fragmentário do que no período pós-1989, assim sua atividade partidária também era reduzida.

Outra explicação plausível não seria a de um processo de radicalização ideológica e discursiva progressiva em torno do neoliberalismo, mas sua presença anterior seguida de um período de necessária “lua de mel” com o governo Sarney (um meio de comunicação que desde o primeiro dia de um novo governo pode perder credibilidade junto as fatias mais razoáveis de seu público). Isso explicaria o caráter menos ideologizado de suas matérias do período. *Veja* estava claramente ligada, ao menos parcialmente, aos interesses e ao projeto político-econômico que fora consenso anos a fio nos anos 1970 e início dos anos 1980.

---

<sup>73</sup> *Veja*, nº 891, 02/10/1985, 88-90.

<sup>74</sup> *Veja*, nº 878, 03/07/1985, capa; 20.

<sup>75</sup> Primeiro recado. *Veja*, nº 30/01/1985, 98-99.

O discurso neoliberal como substituto ao antigo programa desenvolvimentista do regime militar e aos sucessivos pacotes dos anos 1980 se aprofunda com o tempo, mas ainda assim apresenta contradições, como em 1987: “menos blablablá: a diplomacia latino-americana começa a se afastar da retórica e tenta seguir o bom exemplo da Europa para enfrentar os problemas do continente”<sup>76</sup> – na qual, apesar do título, aposta na união dos países endividados como forma de renegociação da dívida externa – uma heresia. E na matéria ao lado: “atrás do lucro: governos privatizam para salvar a economia”<sup>77</sup>:

Tradicionalistas adeptos do socialismo declaratório, das ditaduras de partido único e do gigantismo do Estado, vários países africanos nunca se preocuparam em exigir a lucratividade de suas empresas e, por anos a fio, desembolsaram milhões de dólares em empreendimentos improdutivos, mal administrados e que frequentemente prestavam serviços de péssima qualidade. Nações [...] sufocadas por dívidas externas [...], vastos déficits públicos e economias desordenadas – começam a ensaiar o enterro dos imensos paquidermes que elas próprias colocaram em seu caminho<sup>77</sup>.

Ou no uso da crise militar provocada pelo general Leônidas Pires Gonçalves, com uma mensagem clara: se a constituinte não se moderasse, um golpe militar iria ocorrer, ou a recusa de Sarney de promover para além dos discursos o corte de gastos<sup>78</sup>. O cenário internacional foi decisivo para essa mudança em *Veja*, com blocos econômicos em formação, como o NAFTA e a UE. Ocorria um crescente fortalecimento da ideologia neoliberal alicerçado em ações reais dos governos Reagan e Thatcher, e na necessidade de convencimento, seja para que povos hostis ou desconfiados passassem a viver juntos dentro da União Europeia, seja para a derrota de partidos com uma filiação política que poderiam perturbar esse roteiro. Ou como justificativa para um presidente que assumiu com a promessa de conter a crise na indústria americana mas procedeu à abertura para os produtos japoneses, como carros. Os meios de comunicação nos Estados Unidos, fossem cinema, TV ou jornais, apoiavam o discurso de Reagan, que previa o corte de impostos das grandes fortunas. Havia uma onda midiática e política conservadora e neoliberal percorrendo o mundo. Era do agrado de *Veja* e de seu público. Permitia um posto avançado nas pressões e formulações políticas. Isso permitiu e fomentou a escalada das reformulações na revista, que adotou uma linguagem ainda menos objetiva e mais adjetiva e passou a ser menos uma cobertura do noticiário do que uma revista de opinião.

---

<sup>76</sup> *Veja*, nº 989, 19/08/1987, 34.

<sup>77</sup> Atrás do lucro. *Veja*, nº 989, 19/08/1987, 37.

<sup>78</sup> *Veja*, nº 991, 02/09/1987, 25; 89.

Fica clara uma maior militância de *Veja* com o passar do tempo. Isso seria devido às sucessivas falhas dos pacotes econômicos. Tal desempenho e decepção com o receituário antigo podiam oferecer alguma justificativa moral para sua nova opção econômica – que ainda era apenas uma opção política. *Veja* era uma entre muitas vozes discordantes e tinha consciência disso. Em 1989 a TV e não a revista possuía uma plateia mais vasta e uma área de cobertura maior. *Veja*, entretanto, tinha a força de repercussão das ideias, mas seu público era restrito à classe média e alguns empresários (apesar dela mesma ver nesse o seu nicho natural e os formadores de opinião mais importantes para dar ressonância à suas ideias. Eles tratariam de popularizá-las). Em 1986 pôde ainda fazer críticas ao plano que combatia a inflação mas que não promovia o crescimento econômico, como era caso do Plano Austral de Alfonsín<sup>79</sup>. Posteriormente, tal postura não tem mais espaço em seus editoriais. O combate à inflação é mais importante que qualquer outra coisa, devido a sua maior aglutinação com o capital internacional, que precisava de estabilidade monetária (SILVA, 2009, 102-103).

#### 1.4 O combate à esquerda

O consenso político-econômico até os anos 1970 nos países centrais do capitalismo era o do Estado de bem-estar social<sup>80</sup>. Nos países periféricos o consenso geral se dava em torno do nacional-desenvolvimentismo. Porque foi necessário um novo consenso? Porque a onda de conservadorismo e anticomunismo se espalhou daquela forma?

De acordo com o crescimento dessas empresas [adequadas pelo capital oligopolizado] mundialmente e a concentração das mídias, torna-se cada vez mais importante a defesa dos projetos políticos de desregulamentação da economia, para permitir englobar no Brasil os setores conglomerados (SILVA, 2009, 21).

Mas o consenso em torno do neoliberalismo foi construído durante toda a década de 90. Carla Luciana Silva estabelece o ano de 1989 como o marco inicial desse processo – Costa prefere o ano da Constituinte, 1988 (COSTA, 2008, 163). E é um marco tanto pelos fatores

<sup>79</sup> *Veja*, nº 928, 18/06/1986, 108.

<sup>80</sup> A Guerra Fria reaganista era dirigida não contra o “Império do Mal” no exterior, mas contra a lembrança de F. D. Roosevelt em casa: contra o Estado do Bem-estar Social, e contra qualquer outro Estado interventor (HOBSBAWM, 1995, 245).

internos dos projetos para o país debatidos nas eleições de 1989 quanto ao cenário externo de desintegração do socialismo real.

1989 traz um símbolo histórico, a derrubada do Muro de Berlim. O que contribuiu para a disseminação do discurso de que “não há alternativas”. É também o ano do Consenso de Washington, que propunha as formas de atrelamento dos países periféricos às políticas do FMI. É nesse contexto que se dão as eleições presidenciais, em que um candidato de esquerda chegou ao segundo turno (SILVA, 2009, 29).

O que Carla Luciana Silva não chega a comentar é que o próprio discurso de que “não há alternativas” perante a necessidade de entronização do mercado pertence também ao círculo reformista na URSS, de Tatiana Zaslávskaja (ZASLÁVSKAIA, 1989, 94) a Gorbachev (GORBACHEV, 1988, 135). Além da organização de uma agenda e torná-la comum, é necessário o amparo moral e o combate ao inimigo comum. O tipo próprio de combate político pela imprensa é a crítica, a desmoralização, o descrédito. Se não se pode atingir o adversário diretamente, procura-se relacioná-lo a outros grupos e personagens mais facilmente passíveis de uma imagem negativa. Essa tática de adesão de imagem através da condenação possibilitou a construção de uma esquerda idêntica ou semelhante em todo o seu variado espectro, como um só corpo homogêneo e culposos das mesmas condenações lançadas contra uma de suas facções.

Para *Veja*, a esquerda (enquanto o discurso da indistinção e dissolução entre esquerda e direita não ganhava força) pode ser classificada em duas correntes distintas: uma esquerda vista como positiva, vinculada às práticas econômicas neoliberais, como o novo socialismo espanhol, ou uma esquerda especialmente negativa, e volumosa: aquela que não acompanha os ventos provindos de Moscou exatamente quando o deveria fazer, abraçando o mercado e a supremacia da livre iniciativa sobre as atividades estatais, emanadas dos reformadores do Kremlin. É uma esquerda retrógrada, mais atrasada inclusive do que os regimes que personificam o atraso, pois estes se abandonaram a uma adoção desesperada das forças do mercado – opinião compartilhada não apenas por *Veja* (KAGARLITSKY, 1993, 14). São os adeptos de Hoxda, as “viúvas de Stalin”, os estatistas. Ao mesmo tempo é um campo de dimensões variáveis, pois sempre alguma fração da esquerda pode ser vinculada ao socialismo real ou ao comunismo, e sempre o campo mais à direita o pode ser de uma maneira mais profunda e mais agressiva for a fração política a ser comparada ou defendida. Assim, mesmo os socialistas reformados podem ser acusados de serem igualitaristas quando o círculo de Gorbachev é apaixonadamente anti-igualitarista, ou “antiplebeu” (HOBSBAWM, 2001, 463), ou na defesa da desigualdade pelo próprio secretário-

geral (GORBACHEV, 1987a, 34); de serem opressores diante de uma vontade de ser desigual – apesar da revista nunca falar quem e como o pretende ser; de singrarem a mesma rota que leva à improdutividade do trabalho numa época em que a competitividade é questão de sobrevivência; de defenderem a propriedade coletiva e estatal quando esta, segundo o próprio Kremlin, só serve como o caminho para a servidão, ou a “ditadura” e apenas a propriedade privada é a garantida das liberdades individuais (YAKOVLEV, 1991, 61), ao melhor estilo de Von Hayek, ou, ao menos, de que a liberdade econômica e a iniciativa são fundamentais (GORBACHEV, 1988, 63). Ainda, segundo Gorbachev, “a Mão Invisível [do mercado] *merece dois vivas*, e não três ou quatro propostas por seus ideólogos fanáticos” (GORBACHEV, 2000, 49, tradução livre). “O mercado não é onipotente, mas a humanidade não elaborou ainda um mecanismo mais eficaz e *democrático* de gestão da economia”. O papel do Estado na economia é a “criação de normas e condições para o funcionamento das empresas” e da iniciativa individual e coletiva, e não ordens, posse e controles econômicos diretos (GORBACHEV, 1990b, 69-70. Grifos meus). Gorbachev, já sem comprometimentos com o PCUS e seu cargo de direção, afirmaria:

Quanto à experiência da União Soviética, provou-se que quando o governo assume a função de único proprietário ou detentor principal da propriedade, é transformado em um instrumento de dominação irrestrita da burocracia, enquanto os produtores são privados da oportunidade de mostrar iniciativa e cultivar o espírito de empresa. Estas qualidades não encontram espaço de expressão em condições em que o governo dita a política econômica (GORBACHEV, 2000, 51, tradução livre).

A crise do centro do socialismo levou à revisão dos fundamentos teóricos de movimentos sociais e políticos. É um dos fatores do refluxo de poder e presença políticos das esquerdas clássicas nos anos 1990. Esse refluxo no Brasil dá margem à criminalização dos movimentos populares por parte da mídia (SILVA, 2009, 123).

Qual a força real de *Veja*? Carla Luciana Silva fala sobre “o caráter sistemático da “ação pedagógica” de *Veja*. Ela se dá por intermédio da construção de uma lógica de espetáculo, de uma cultura midiática, que abrange um público muito mais amplo que o leitor das seções “política” (SILVA, 2009, 21). Hernandez dá uma noção do alcance desse público mais amplo ao lembrar da obrigatoriedade e longevidade das revistas em consultórios (HERNANDES, 2001, 11). A força de penetração e de autoridade em meio a sua plateia fiel pode ser explicada, além da noção de habitus de Bourdieu, por Arbex, ao falar do imaginário criado pela imprensa<sup>81</sup>.

<sup>81</sup> O imaginário construído pela mídia é composto por uma vasta rede de símbolos e signos, de referências culturais, sociais, políticas e artísticas que prefiguram a constituição de uma espécie de memória coletiva “globalizada” em um

O Fórum Nacional<sup>82</sup>, muito mais que apenas um guru intelectual de *Veja*, propunha como programa para o país, no início de 1990, “submeter as revoluções de ideias de nosso tempo – os ventos liberalizantes do *thatcherism*, da *reaganomics* e da Perestroika – ao teste de como se mostrar relevante e aplicável, na prática à situação brasileira” (VELLOSO apud SILVA, 2009, 32). Os principais especialistas formadores de uma agenda nacional para *Veja* puderam aproximar as três políticas econômicas e exibi-las como modelo para o país. E é exatamente assim que a revista entende as reformas de Gorbachev – a vitória de Reagan e Thatcher em solo soviético e espantinho para os grupos adeptos do nacional-desenvolvimentismo ou do estatismo.

A atuação partidária da revista *Veja* se dá em três eixos devidamente alinhados com os interesses do grande capital: os formuladores de agendas e estratégias, baseados no Fórum Nacional; os dos partidos políticos em si mesmos, alinhados ao Fórum, como o “PFL, PMDB, PSDB”, que cuidam da luta parlamentar; a imprensa militante, que angaria apoio à atuação política e a agenda intelectual. Tal alinhamento precisa ser escamoteado com a autoafirmação de *Veja* de independência espiritual e de que defende os interesses maiores do país, e não de grupos de indivíduos e corporações. “A criação do “*sujeito Veja*” é a forma de ocultar o “*partido Veja*” (SILVA, 2009, 23-24). No papel de partido político, *Veja* organiza políticos em torno de seu ideário, defende alianças, apoia ou combate partidos, muda de candidato, retira ou reitera seu apoio à figuras públicas como forma de pressão, lembra às coligações partidárias e políticos que apoia quais foram os interesses que deveriam favorecer e o programa que devem seguir, e que uma vez no poder muitos dos pontos programáticos não são passíveis de revisão como forma de enfrentar pressões e acalmar interesses (SILVA, 2009, 30-40; 48). A força aglutinadora e programática que um partido político teria em tese, se encontram mais definidos e aguerridos em *Veja* do que nos próprios agrupamentos políticos no Brasil, mais gelatinosos do que a defesa intransigente que os editores fazem da agenda neoliberal da burguesia ligada ao capital externo. Muitas vezes cabe a ela blindar, orientar, fornecer o discurso e impelir seus homens públicos de confiança ao embate político para a consecução de seu projeto.

A revista apresenta a necessidade de politizar sua pauta e de orientá-la para as suas posições. Em nosso caso, a admiração por Reagan e a dúvida sempre a pairar sobre Gorbachev.

---

mundo cada vez mais desterritorializado (ARBEX, 2001, 35).

<sup>82</sup> Grupo autodefinido como associação de intelectuais dedicados a problematizar a realidade brasileira e criar programas de ação política. Surgido a partir de 1988, adotou várias denominações. Se não foi constatado nenhum vínculo físico do grupo com *Veja*, há, entretanto, uma afinidade programática que possibilita uma presença destacada de seus pensadores nas páginas da revista (SILVA, 2009).

Essa ânsia política era o prenúncio da constituição da imprensa como partido no molde dos anos 1990. Sua tática era a de “formulação, organização, policiamento” (SILVA, 2006, 230).

Apontar para a existência e ameaça de um inimigo em comum é um importante meio para a imprensa organizar e reunir grupos com programas e métodos heterogêneos dentro de uma mesma causa ou visão. Acusar o comunismo, o socialismo ou a esquerda de inimigos e tumultuadores da ordem e do bom funcionamento da sociedade era possível por meio de um imaginário comum. Carla Luciana Silva demonstra como esses grupos conservadores foram arregimentados em torno do anticomunismo (SILVA, 2001).

Costa fala em “sinais trocados” sobre a visão feita por *O Globo* das reformas na URSS (COSTA, 2008, 159). O socialismo renovado é mostrado com as premissas do neoliberalismo, disfarçadas. Isso seria parte do estranhamento e da falsa compreensão da imprensa acerca do fenômeno Gorbachev, como aponta Arbex (ARBEX, 2001, 223). O que ambos os autores afirmam é válido até 1990, mas não para além dessa data. A partir daí quem de fato mais se aproxima de Gorbachev é a mídia neoliberal (como *Veja* ou *O Globo*), ou o caminho inverso.

Pode-se traçar uma estrutura baseada nas mudanças da visão da revista sobre as reformas. Nessa divisão por fases a abordagem seria quase anual: 1985 (fase das reformas vistas como “cosméticas”), 1986 (reformas mais profundas), 1987 (Gorbachev como promotor de um discurso demolidor), 1988-89 (gorbymania e tentativa de suplanta-la pela imagem de Reagan), 1990 (abandono do socialismo), primeira metade de 1991 (guinada à “direita”), agosto a dezembro de 1991 (golpe e colapso). Um recorte econômico seria muito útil para a percepção da mutação da percepção de *Veja*. Este compreenderia três fases distintas: de 1985 a 1987, quando a revista vê o bloco como um conjunto de economias de baixo crescimento mas não chega sequer a usar o termo “crise econômica” para definir a situação de seu desempenho econômico; 1988 a 1989, onde passa a usar o termo com frequência crescente; 1990 a 1991, onde predomina a percepção de colapso econômico e sistêmico. Outras periodizações também são possíveis, como a principalmente política e centrada na conduta de Gorbachev, feita por Archie Brown:

Foram mais ou menos seis fases distintas: primeiro, a da preparação do terreno para a reforma (1985-6); em segundo lugar, a reforma política radical (1987-8); em terceiro lugar a transformação em na casa e no exterior (desde o início de 1989 até o outono de 1990); em quarto lugar, a “virada à direita” de Gorbachev (no inverno de 1990-1); em quinto, o processo de Novo-Ogarevo (a tentativa de alcançar um acordo voluntário sobre um novo Tratado da União, de abril a agosto de 1991); e sexto, do golpe de Estado ao colapso (a desintegração da União, de agosto a dezembro de 1991) (BROWN, 1996, 160, tradução livre).

Já Costa delinea quatro fases do olhar de *O Globo* sobre Gorbachev: 1 – 1985-87, em que Gorbachev passa de uma novidade intrigante a um inovador e crítico mordaz do sistema; 2 – 1988, onde se consolida como um líder carismático, liberalizante, modelo; 3 – 1989-90, em que é o “inconformado no poder”, que tergiversa com o Congresso e o Partido, atrasa as reformas de mercado mas ainda é líder incontestado; 4 – 1991, Gorbachev é homem de centro, que ao se apoiar no Partido, no exército e na KGB punha em risco toda a reforma. O único rival capaz de garantir a implantação do capitalismo é Yeltsin (COSTA, 2008, 145-155).

### 1.5 Mudança na visão da revista *Veja*

A percepção de um determinado fato, processo ou sociedade pode mudar com o passar do tempo, com a mudança das circunstâncias que haviam gerado uma percepção anterior, ou com o surgimento de novos interesses, que entrem em conflito com a ótica marcada por interesses anteriores ou diversos. Os interesses na criação e disseminação de visões podem ocultar o que de fato acontece. Uma das mais repetidas ideias desde o fim da URSS é a de que “o socialismo acabou”<sup>83</sup>. Que ele, mesmo em utopia e em seus princípios de igualdade, se tornou desagradável. É uma tentativa de se tornar incompreensíveis as lutas sociais em nossos dias.

A mesma visão enviesada pode ser feita sobre a indústria dos países socialistas. Algumas áreas dessas economias passaram como exemplos clássicos de seu atraso e ineficiência. Isso era apenas meia verdade, mas algumas informações, como a de que parte da indústria automobilística soviética era baseada em patentes de países capitalistas, precisaram esperar o momento oportuno para serem divulgadas – como o momento em que *Veja* e *Lada* tinham um contrato publicitário. A partir daí “os motores da Lada são uma *evolução* de motores italianos e alemães”<sup>84</sup>.

---

<sup>83</sup> Como em reportagem posterior (*Veja*, nº 2054, 02/04/2008, 52-53). Apesar que *Veja* aponta que mesmo em 1997 o “comunismo não está morto na China”. O governo de Pequim apenas fazia concessões (*Veja*, nº 1514, 24/09/1997, 40).

<sup>84</sup> *Veja*, nº 1155, 07/11/1990, 19. Grifo meu. Os carros da Lada, em geral, eram patentes da Fiat compradas pela URSS, produzidos na cidade industrial de Togliatti, na região do Volga.

Essa propaganda se completa com a reportagem que faz o aviso do início das vendas da Lada no Brasil: “Desembarcaram no porto de Santos, em São Paulo, 3 000 carros da marca soviética Lada [...]. No mundo inteiro, a indústria soviética é conhecida como um sistema pesado e fora de moda, mas os carros Lada chegam ao Brasil a um preço competitivo”<sup>85</sup>. Mesmo com os pesados impostos de importação e custos de transporte, eles saíam ao preço de um carro popular. Mesmo com os da Fiat produzidos no país. Ao anunciar o produto da Lada, a revista usa os termos “pesado” e “fora de moda” para o sistema produtivo soviético. Em geral, acusa esse sistema de falido. Assim *Veja* constrói um exemplo de como o país precisaria se abrir rapidamente ao capital estrangeiro. A revista fez críticas à regulamentação do mercado brasileiro: seu fechamento prejudicaria o consumidor, impedido de obter bens mais baratos e de melhor qualidade; desestimularia a indústria a ser mais produtiva, pelas barreiras artificiais. Estas distorceriam a realidade, beneficiando a indústria primitiva e onerosa. O que levaria o país ao atraso econômico e a incapacidade de competição. Até mesmo para os produtos soviéticos. A abertura dos mercados, com a saída da ingerência das barreiras estabelecidas pelo Estado, seria a fórmula miraculosa que permitiria que a economia retornasse ao seu caminho natural e que o país pudesse absorver a tecnologia e padrões de consumo (ao menos para alguns) iguais aos dos países ricos. Com isso há o apoio tácito ao programa de abertura comercial e ao capital estrangeiro iniciado no governo Collor (SILVA, 2009, 34). Como à ideologia que torna possível que esse pacote de medidas seja entendido como solução mágica para o desenvolvimento.

Há o intuito deliberado de mostrar a indústria dos países socialistas como atrasada, exibindo o que o possuía de pior. Mesmo quando em pé de igualdade com o Ocidente em algum setor, com fábricas modernas e com tradição (como a indústria ótica da Alemanha Oriental, a eletrônica húngara, ou a tchecoslovaca Skoda, cujo padrão de qualidade foi um atrativo para sua rápida incorporação por montadoras ocidentais), não é apresentada como modelo de empresa socialista. Mais ainda como competitiva frente a uma economia capitalista. Coloca-se como contrária à existência de um Estado-desenvolvimentista ou empresário, em seus modelos socialista ou capitalista e com economia mista. *Veja* não pode deixar de saudar Gorbachev quando ele deixa de ser “ufanista” – com elogios cada vez mais exíguos aos avanços do regime e críticas paulatinamente mais contundentes e gerais, ou o pedido para que atenção se fixasse no que havia de errado e não na autoindulgência das conquistas passadas (GORBACHEV, 1987a,

---

<sup>85</sup> *Veja*, nº 1262, 07/11/1990, 84.

29). O que era visto como sucesso econômico passou a ser visto como fiasco, ou parte da herança de elefantes brancos da economia dirigida. Visão típica dos reformistas soviéticos (KORONEV, 1990, 9). Assim *Veja* pôde afirmar que “Gorbachev não deixa pedra sobre pedra”, faz uma “impiedosa radiografia” dos “males que afligem o império soviético desde o terror stalinista até a estagnação vivida sob o reinado de Leonid Brejnev”<sup>86</sup>.

O papel dos editores de *Veja* é criar pautas que serão preenchidas e referenciais que serão observados pelos jornalistas, redatores, fotógrafos, entrevistadores, colunistas. Essa presença editorial é tão acentuada que o semanário possui uma característica rara: ter mais editores do que jornalistas (HERNANDES, 2001, 18-19). Esse aparente desequilíbrio de cadeiras e funções permite uma vigilância mais próxima do resultado final do trabalho, que virá a ser publicado. Por maior que seja o número de pessoas envolvidas na elaboração de uma edição, e por mais distintos que possam ser, sempre o resultado final pertence ao corpo de editores e de sua direção sobre os demais. *Veja*, portanto, pode ser tratada como um sujeito, desde que, é claro, lembre-se de suas vinculações e interesses econômicos partilhados com certos grupos político-econômicos (SILVA, 2009, 23-24). Esse não seria o caso da *Folha de S. Paulo*, uma vez que seu correspondente em Moscou, José Arbex Jr, garante se “reconhecer nas páginas do jornal”<sup>87</sup> (ARBEX, 2001, 250).

Ao mesmo tempo esse corpo de editores, repórteres, etc., necessita de ideias para elaborar seu trabalho, montar suas reportagens, demarcar o que considera um fato, um marco ou uma análise e prognóstico confiáveis. Todos são criadores de ideias, em especial editores e colunistas. Mas alguns assuntos fogem ao seu conhecimento, como é o caso do Leste Europeu. A revista (ou o corpo editorial) lança mão de especialistas de confiança e busca ideias compatíveis com seus interesses e visão de mundo. O que não é difícil de encontrar em agências de notícias. Essas, entretanto, dão suas informações e perspectivas enviesadas sobre fatos. Para opiniões mais elaboradas e assumidas são de serventia as publicações similares nos Estados Unidos e Europa

<sup>86</sup> A segunda revolução. *Veja*, nº 1000, 04/11/1987, 4.

<sup>87</sup> O que o próprio Arbex demonstra ser um caso atípico, já que os editores também exerciam um papel crucial no jornal. “Cabia a esse “corpo de elite” implementar o projeto no dia-a-dia. Qualquer semelhança como o modo de funcionamento de um partido centralizado não é mera coincidência. A direção do jornal era plenamente consciente: estava implementando um projeto político-ideológico e seu sucesso dependia da capacidade de impor disciplina à redação”. “A única ideologia tolerada pelo *Projeto Folha* era a ideologia do próprio jornal”. A *Folha de S. Paulo* era “o seu próprio partido”. “Como consequência, a implantação do projeto exigia uma “guerra contra a esquerda” dentro da redação”, como forma de cooptar jornalistas de renome, através de salários e menos trabalho. Seria, portanto, um “jornal ideológico a censurar ideologias, partidário a rejeitar partidos e sensacionalista a atacar o sensacionalismo” (ARBEX, 2001, 151; 154; 158). *Veja* não seria tão refinada quanto a *Folha* em alguns pontos.

Ocidental. *Veja* periodicamente se reporta à *Time* e à *Newsweek*. O que, conforme Bourdieu, é de praxe no fechado ambiente jornalístico (BOURDIEU, 1997). Nesse meio há o encontro com figuras de autoridade como Zbigniew Brzezinski, Seweryn Bialer, Timothy Ash, Michael Tatu, Stephen Cohen, etc., colunistas ou entrevistados dessas revistas. A própria redação de *Veja* não deveria ter contato com esses autores para além da coluna de livros. A incapacidade do uso dos conceitos mais elaborados dos mesmos não se trata apenas de uma falta de interesse da revista. Confundir ou renegar conceitos é parte necessária da construção do discurso feito pela revista. Em compensação, outros conceitos são facilmente identificados e promovidos a ferramenta perfeita de análise da realidade – como é o caso do totalitarismo. A facilidade de absorção de conceitos vagos e caricaturais mas que vão ao encontro do imaginário, permitem que *Veja* instrumentalize seu público alvo e ofereça a ele os meios necessários para justificar suas próprias posições políticas, econômicas e sociais, fazer sua publicidade e confirmar a autoridade emanada da revista e do analista.

Esses analistas confiáveis veem principalmente das universidades estadunidenses. O desenvolvimento da glasnost possibilitou a eclosão de um inusitado tipo de especialista: vindo das academias soviéticas e que afirmavam exatamente aquilo que *Veja* e seu público queriam ouvir. Como é o caso do inflamado discurso anti-igualitário de Afanassiev, Zaslavskaja, Popov, Sobchak, Shatalin, Schmelev, Yakovlev e mesmo Gorbachev. Como fonte de autoridade, não perdiam em nada para um Kissinger vindo de Harvard, uma vez que falavam de dentro do sistema e que constituiriam a verdade. Como as vozes conservadoras da URSS não faziam se ouvir nas páginas de *Veja* – exceto as afirmações desastrosas ou descontextualizadas – eram portadores também da verdade incontestável. Essa autoridade demonstrou-se importante durante o processo de troca do projeto político-econômico do regime militar pelo novo projeto neoliberal. A força da *verdade incontestável* do fracasso do socialismo real também foi disseminada por *Veja* para todo o tipo de projeto que defendia o desenvolvimentismo, a atuação econômica e social do Estado, o planejamento do crescimento econômico, etc. Foi com base na observação da defesa da liberalização econômica promovida pela perestroika que *Veja* classificou a esquerda em grupos retrógrados ou que percebiam a incontornável necessidade do livre mercado e da privatização.

## CAPÍTULO II

### O discurso anticomunista: 1985-1987

#### 2.1 Uma superpotência global

A menor pressão exercida sobre a política econômica do começo do governo Sarney talvez até possa ser explicada pelo período de “lua de mel” com o novo governante e não pelo menor nível de pregação ideológica em *Veja*. Este não é o caso da URSS em 1985. A mesma postura menos parcial se repete nas matérias dedicadas ao país desde janeiro. Era sem dúvida, como alguns autores demonstram (BROWN, 1996, 82; VOLKOGONOV, 2008, 398), uma liderança nova e relativamente desconhecida até sua viagem à Inglaterra, em dezembro de 1984, quando já estava a assumir progressivamente as atividades do enfermo Chernenko (BROWN, 1996, 86; VOLKOGONOV, 2008, 375), não poderia ser imediatamente coberta de opróbrio em seus comentários. Gorbachev também precisava de uma “lua de mel” com os editores da revista.

Em meados dos anos 1980 o panorama pintado era bem diferente do de 1989. O foco da revista não podia ser a dissolução do bloco soviético e da própria URSS, pois isto era impensável – para além dos discursos de ocasião de Reagan ou das previsões ambíguas de Brzezinski. Tampouco a crise econômica se estendia para além das filas para compra de certos produtos, uma vez que os cartões de racionamento, que o país não via desde o fim dos anos 1940, logo depois da Segunda Guerra (e que a Inglaterra do conservador Churchill usou até o fim do conflito) só passaram a ser aplicados no fim de 1989 (POCH-DE-FELIU, 2003, 65). A revista não teria bases mínimas de realidade para poder tecer o discurso de 1990 em 1985. O fracasso sistêmico do comunismo não teria credibilidade alguma, fora grupos muito específicos dentro de seu público ou das linhas do entrevistado Jean-François Revel<sup>88</sup>. Uma concepção anfibológica de fracasso, que prevê, no futuro, a expansão do bloco socialista. A própria Europa Ocidental correria o risco

---

<sup>88</sup> Veja, nº 881, 24/07/1985, 6.

de cair na área de influência soviética se o passado do regime não fosse devidamente exposto pela mídia e governos ocidentais<sup>89</sup>.

Pelo contrário. *Veja* apostou não no fracasso mas na capacidade econômica e científica do regime em sustentar a corrida armamentista da Segunda Guerra Fria e seguir, com um atraso de poucos anos, as conquistas em tecnologia bélica feitas pelos Estados Unidos. Afinal, era isso o que a história provava, que a URSS sempre havia logrado até então atingir seus objetivos, por mais negativos que fossem os prognósticos emanados da Casa Branca. Isso valia inclusive para a IDE, com uma versão soviética da barreira antimísseis instalada no espaço<sup>90</sup>. De fato o programa avançou até 1987, quando foi abandonado por ordem do Kremlin.

## 2.2 A Guerra Fria

Em 1985, o grande foco sobre o Leste Europeu para *Veja* não é o da crise econômica, quanto mais o da morte e desaparecimento do comunismo, mas sim o de sua ameaça ao *mundo livre*. São os conflitos abertos da Guerra Fria no Terceiro Mundo, a crise da escalada armamentista no continente europeu e, principalmente, a espionagem internacional, que ocupam páginas e páginas da publicação. Esse tema é o que eletriza seu público.

*Veja* recorre a uma dramatização e ficcionalização do noticiário. Os acontecimentos se tornam e são narrados no formato de novelas, seguindo os modelos da literatura. É o que Arbex comenta, no caso da televisão, das fronteiras entre jornalismo e ficção, ou ainda, no “telejornalismo” e “showrnalismo” (ARBEX, 2001, 32; 226). Além de usar trabalhos de historiadores, cientistas políticos, sociólogos ou qualquer outro analista tido como confiável e referencial, para caracterizar o socialismo real ou a posterior derrocada do Leste Europeu, ela usou de meios mais digeríveis ao seu público e ao seu propósito de formar opinião: literatura (Orwell principalmente a partir de 1989), cinema (maniqueísmo entre bem e mal absolutos) e noções de políticos como Ronald Reagan (inferioridade material e moral do socialismo). Um jornalismo baseado na literatura. Um material bem acessível e assimilável para a classe média

---

<sup>89</sup> REVEL, Jean-François. Democracias em perigo. *Veja*, nº 881, 24/07/1985, 8. Entrevista por Paulo Moreira Leite.

<sup>90</sup> Poder de fogo. *Veja*, nº 886, 28/08/1985, 58.

que tem *Veja* como fonte de autoridade. Contudo, antes de Orwell, usado para narrar e explicar o terror de Estado e a máquina de segurança interna, seu modelo de redação estava em Ian Fleming e John le Carré e suas ficções do mundo dos espões. O “jornovelismo” de *Veja* lembra as tramas de *Casa da Rússia* e *O espião que veio do frio* – traições, reviravoltas, o jogo da dupla ou tripla espionagem, ou o uso de mulheres e dispositivos de alta tecnologia para a obtenção de segredos, como em 007. O novelista militar Tom Clancy, autor de *Tempestade Vermelha* (além de *Caçada ao Outubro Vermelho* e *A soma de todos os medos*), na época dos mais vendidos<sup>91</sup>, também é lembrado por *Veja* em casos de deserção ou em que se acusa a tripulação de tentativa de deserção<sup>92</sup>. Isso não exclui o uso de especialistas, como nos comentários de autoridades o sistema de segurança inglês e estadunidense acerca do maior dismantelamento de uma rede de espionagem internacional em décadas. O serviço secreto soviético mantinha agentes ligados às autoridades. Inclusive tinha no chefe da contraespionagem da Alemanha Ocidental, um agente duplo<sup>93</sup>. O grosso da atividade de espionagem industrial não estava nos casos com roteiro de literatura ou cinema, mas sim, como *Veja* teve que reconhecer posteriormente<sup>94</sup>, na mais sóbria, metódica e monótona espionagem industrial. O destaque de suas páginas, no entanto, são mirabolantes ações em bases militares, o suspense da revelação da pessoa menos desconfiável como um agente secreto, etc.

As histórias mais escabrosas de espionagem constituem boa parte do material do noticiário internacional em 1985. A Segunda Guerra Fria, uma retomada ao fim de 1979 das tensões que marcaram a fase que vai de 1946 a 1953, após um período de distensão (HALLIDAY, 1983, 3), está no auge e *Veja* não dá qualquer indicativo de que ela esteja cedendo, como a moratória unilateral soviética de testes nucleares, que passa despercebida. Se ocorrem trocas de agentes capturados de ambos os lados da Cortina de Ferro, ela mostra que outras redes estão caindo e as ações de infiltrarem e prisões de espões não arrefecem.

Nada menos que 28 reportagens sobre a espionagem soviética são publicadas entre janeiro de 1985 e maio de 1987. A própria bilheteria dos filmes do agente de Ian Fleming pode ter incitado a revista a proporcionar tal cobertura atendendo a esse tipo de consumo. O papel apaziguador e justo desempenho pelos Estados Unidos frente à infiltração comunista é sempre

---

<sup>91</sup> *Veja*, nº 1032, 15/06/1988, 111.

<sup>92</sup> Mísseis ao mar. *Veja*, nº 945, 15/10/1986, 66.

<sup>93</sup> Espões em polvorosa. *Veja*, nº 886, 28/08/1985, 54.

<sup>94</sup> O triunfo de Mitterrand. *Veja*, nº 906, 15/01/1986, 41.

afirmado ou implicado. Assim, a expulsão do adido militar estadunidense pego filmando uma base militar na Polônia recebeu “uma reação de simétrica reciprocidade que é praxe nesses casos”, com a expulsão imediata do adido polonês nos EUA. A legitimidade da ação é reforçada com o título “na estaca zero”<sup>95</sup>. Não foi, todavia, simétrica a reação soviética de abater, ou como *Veja* prefere, fuzilar, um major estadunidense que espionava uma base em Potsdam<sup>96</sup>. Tenta indicar as articulações entre a KGB<sup>97</sup> e o serviço secreto búlgaro na tentativa de assassinato do Papa em 1981<sup>98</sup>, em matéria de 1985. Na matéria “Olhos de Moscou: família que espiona unida vai presa unida” aponta para a subversão de toda uma família de militares americanos que repassou para a URSS a localização secreta dos submarinos nucleares e de suas táticas de rastreamento dos submarinos soviéticos, assinalando o quanto dissimulada pode ser a espionagem, já que um membro da família havia ganhado o título de “marinheiro do mês”<sup>99</sup>, “um dos mais danosos golpes já desferidos contra os Estados Unidos pela KGB [...] a maior operação de espionagem desde o caso Rosenberg”. Uma “epidemia de espiões” teria sido deflagrada com o primeiro caso de um agente do FBI espionando para os soviéticos: “uma coisa ficou patente: os Estados Unidos estão às voltas no momento com uma maciça ofensiva de espionagem soviética dentro de seu território”<sup>100</sup>.

Dois meses depois dizia que “fazia tempo que o mundo da espionagem internacional não experimentava terremotos como o da semana passada” Soviéticos aplicam um pó invisível, e potencialmente cancerígeno, nos estadunidenses residentes na URSS para reconstituir seus rastros. Dois dias depois o chefe da contraespionagem alemã ocidental, Hans Tiedge, desertou para a Alemanha Oriental. O episódio “se descobriu, numa mistura de drama e comédia digna das histórias de James Bond [...] que Tiedge era, ele mesmo, um espião infiltrado.” Situação pior do que o do secretário espião no gabinete do chanceler Willy Brandt, em 1974. Pouco tempo ocorreu a crise da família Walker, mas o sensacionalismo é importante uma vez que há uma busca do público pelas histórias de intriga da espionagem<sup>101</sup>. Depois da deserção do chefe da contraespionagem da RFA, “como num jogo de dominó, peças começaram a cair, ou sumir, por

<sup>95</sup> Na estaca zero. *Veja*, nº 858, 13/02/1985, 32.

<sup>96</sup> *Veja*, nº 865, 03/04/1985, 40.

<sup>97</sup> Uma vez que trata-se do Komitet Gosudarstvennoi Bezopasnosti, ou, em português, Comitê de Segurança do Estado, a maneira correta de se referir seria o KGB. Mas preferiu-se seguir o uso muito mais frequente de a KGB.

<sup>98</sup> Por mais que sejam improváveis (ZEMTSOV; FARRAR, 2007, 108).

<sup>99</sup> Olhos de Moscou. *Veja*, nº 874, 05/06/1985, 48-49; 54.

<sup>100</sup> Epidemia de espiões. *Veja*, nº 875, 05/06/1985, 41-42.

<sup>101</sup> Espiões em polvorosa. *Veja*, nº 886, 28/08/1985, 54.

toda a parte, desde Berlim Oriental até Londres, passando pela Suíça e a Argentina” com o desaparecimento, morte ou prisão de agentes e o desmantelamento de redes de espionagem de ambos os lados da Cortina de Ferro<sup>102</sup>. A novela se desdobra quando o diplomata e chefe da KGB em Londres deserta para o Ocidente e novas prisões ocorrem. Sobre essas repetidas ações, toma as palavras do ex-ministro do Exterior inglês de que “é preciso aplicar de novo pesticidas, porque as pragas sempre reaparecem”<sup>103</sup>. Para a revista, ambos os lados perderam redes, mas “nos círculos ligados à espionagem americana, a atmosfera da semana passada era de euforia. “A KGB foi atingida por um terremoto de grau 8 na escala Richter”, comparou em Washington George Carver [...] nós só levamos algumas pedradas”<sup>104</sup>.

O tema da espionagem foi tão importante para *Veja* em 1985 que ganhou uma seção própria na retrospectiva do ano<sup>105</sup>. A espionagem industrial era parte importante dos “episódios rocambolescos característicos deste mundo de trevas indispensável para a compreensão dos tempos de hoje que é o mundo da espionagem.” É

um dos setores mais importantes da espionagem de Moscou, se não o mais importante – a espionagem tecnológica e industrial, principalmente para fins militares. Que os soviéticos roubam segredos técnicos do Ocidente e com eles subsidiam grande parte de seu desenvolvimento é algo já sabido<sup>106</sup>.

Mas não diz que o contrário também ocorre, com o roubo de informações militares e industriais por parte do Ocidente. Essas são ideias também expressadas por Jorge Ferreira (FERREIRA, 2000, 88), de que tudo o que o sistema é capaz de produzir se dá na forma de roubo de ideias, e não com o uso de um termo como “via japonesa”, como nos casos em que produtos ocidentais eram comprados, estudados e reproduzidos pela indústria nacional.

Num certo momento tal ameaça teria que chegar ao país. Afirma, sem indicar a fonte, que no Brasil existiriam 26 diplomatas soviéticos envolvidos com espionagem, mas que não seriam expulsos até que ocorresse uma situação de conveniência ou de reciprocidade. “Hoje em dia, no tabuleiro da espionagem, é como se a trapaça fosse permitida, desde que dentro de certos limites” como a da cidadela para o corpo diplomático soviético em Viena, a pequena Moscou, “local já considerado o maior ninho da KGB na Europa”<sup>107</sup>. Fica bem claro quem é o responsável

<sup>102</sup> Rede de intrigas. *Veja*, nº 887, 04/09/1985, 66.

<sup>103</sup> Trama nas sombras. *Veja*, nº 889, 18/09/1985, 62.

<sup>104</sup> Elo da cadeia. *Veja*, nº 892, 09/10/1985, 65.

<sup>105</sup> SANTA CRUZ, Selma. O ano da espionagem. *Veja*, nº 904, 01/01/1986, 111.

<sup>106</sup> O triunfo de Mitterand. *Veja*, nº 906, 15/01/1986, 41-42.

<sup>107</sup> Na espionagem, expulsões viram rotina. *Veja*, nº 910, 12/02/1986, 25.

pela trapaça e em benefício de quem tais normas acabam fixadas – mais uma forma dos soviéticos arrancarem vantagens do ocidente. Uma rede de infiltração que operava até em um país vizinho ao Brasil, e que atingiu o território nacional, foi desbaratada graças à ação da CIA e da ofensiva externa de Reagan. A revista mexe com o medo das massas de uma Terceira Guerra Mundial.

A partir de meados do ano de 1986 o foco de *Veja* sobre a espionagem muda. Passou da intriga internacional e roubo de informação para a questão dos direitos humanos e da segurança interna – um campo em que a CIA estava em uma posição vantajosa frente à KGB e o discurso de Reagan se afiava (WILENTZ, 2008, 280) como preparativo para as rodadas de negociação para o desarmamento.

Assim é a matéria “olho implacável: a KGB grava conversas privadas de Sakharov. Yelena tinha razão ao se comparar com um micróbio”. “Para a KGB, não há limites quando se trata de espionar e humilhar cidadãos indesejáveis”. Não podem ouvir rádio pois a KGB interfere no sinal. O casal vai até o cemitério local para sintonizar emissoras estrangeiras. “Ao manter Sakharov confinado, os soviéticos exercem uma prerrogativa típica das tiranias – a de libertar os adversários a seu critério”, como outro dissidente, Sharansky, “mas manter sempre um preso notável como símbolo de resistência a pressões externas e uma advertência interna para a força da repressão”<sup>108</sup>. Sequer uma palavra sobre as acusações de espionagem e do conhecimento do físico pai da bomba H da URSS sobre o programa nuclear soviético – razões do regime para não deportá-lo ou deixá-lo ir para o estrangeiro como a outros dissidentes. *Veja* menciona que ele está preso apenas por suas ideias – que também não cita, mas que pediam uma união e maior firmeza do Ocidente contra a própria URSS (SAKHAROV, 1975, 81).

Segundo a reportagem “olho por olho: jornalista americano é preso em Moscou”, os soviéticos montaram uma fraude para incriminar um jornalista estadunidense como forma de manter o critério de reciprocidade na expulsão de espiões, já que um agente soviético fora preso no EUA – “os soviéticos garantem que havia mapas secretos” em poder do jornalista, que afirmava que eram apenas fotos comuns. É relatado um outro caso de plantio de provas falsas contra um jornalista em 1984. “A indignação gerada entre os americanos pela prisão farsesca de Daniloff acontece em má hora”, quando Shevardnadze e Shultz se reúnem para marcar a reunião

---

<sup>108</sup> Olho implacável. *Veja*, nº 929, 25/06/1986, 56.

de Reykjavík<sup>109</sup>. A matéria seguinte é “vitória tática: acusados de espionagem são libertados”. “Segundo fontes diplomáticas em Moscou, a União Soviética obteve uma vitória tática sobre os Estados Unidos, conseguindo manter um elemento de ligação entre os dois casos” agora era uma questão de semanas para que ambos sejam trocados e o status de Daniloff deixe de ser classificado por Washington como de um refém<sup>110</sup>. Para a revista, e para Reagan, Daniloff sempre fora um refém estadunidense em mãos da KGB. *Veja* abraçou a campanha de pressão internacional pela situação dos presos políticos na URSS como tática diversionista de Reagan ante sua recusa em reduzir os arsenais de médio alcance em Reykjavík, que era exatamente o trunfo de Gorbachev. Ainda assim prefere explicar o ocorrido como uma sequência de erros diplomáticos de ambos os lados, que de “crise menor” virou um “impasse”<sup>111</sup>. O caso Daniloff seguiu a tática da saturação. Durante a cúpula de Reykjavík seu caso foi lembrado outras duas vezes<sup>112</sup>.

Meses depois do encontro de cúpula estourou o caso dos grampos na embaixada americana em Moscou, que *veja* considerou uma “bisbilhotice” às vésperas do encontro entre Reagan e Gorbachev<sup>113</sup>. Na semana seguinte ela já tinha seu veredicto:

Por parte da Casa Branca, ensaiou-se uma tentativa de apresentar a infiltração da embaixada como justificativa para o melhor desempenho de Gorbachev na conferência de cúpula de outubro passado, na Islândia. Por essa visão, o líder soviético teria se valido de informações obtidas por espões da KGB, o que – mesmo a ser verdade – não explica a desarticulação de Reagan nas reuniões. Ela foi tão grande que Reagan chegou a propor a união entre as duas superpotências caso a Terra fosse invadida por seres de outro planeta<sup>114</sup>.

Havia se instalado uma “Guerra dos Grampos”. “A embaixada em Moscou voltou à era pré-eletrônica”. Iria se repetir o quadro da conferência de cúpula de Nixon e Brejnev de 1972, com os delegados em hotéis de Moscou, discutindo os acordos “com rádios ligados e batendo xicaras de louça nos pires, na tentativa de interferir na onipresente escuta da KGB”. “Segundo uma convicção americana, os soviéticos levaram vantagem em tudo, a começar pela localização dos respectivos conjuntos de edifícios” – a soviética, no “Monte Alto”, entre a Casa Branca e o Pentágono, cujo “prédio já está cravejado de antenas que captam tudo o que os americanos não

<sup>109</sup> Olho por olho. *Veja*, nº 940, 10/09/1986, 54.

<sup>110</sup> Vitória tática. *Veja*, nº 941, 17/09/1986, 66.

<sup>111</sup> Tudo errado. *Veja*, nº 942, 24/09/1986, 66.

<sup>112</sup> De novo a nós. *Veja*, nº 945, 15/10/1986, 58; Tropeção na chegada. *Veja*, nº 946, 22/10/1986, 70.

<sup>113</sup> Namoro perigoso. *Veja*, nº 970, 08/04/1987, 45.

<sup>114</sup> Guerra dos grampos. *Veja*, nº 971, 15/04/1987, 36.

estiverem preparados para contra-interceptar. Em compensação, a futura embaixada americana em Moscou está enfiada na área mais baixa da cidade – exatamente sobre um antigo pântano”, que é o mesmo tipo de lugar para onde os deputados estadunidenses desejam enviar a embaixada soviética. *Veja* não profere nem uma palavra sobre a geografia pantanosa de Moscou ou à presença da Universidade de Moscou, ao fundo da foto da embaixada estadunidense. Foto que exhibe a reluzente embaixada soviética de mármore branco vista do alto, em uma verdejante Washington. Ao lado, a cinzenta e suja Moscou com um mal-humorado guarda na porta, vista por baixo. Ao fim da reportagem segue alguma coisa próxima a uma versão soviética: os soviéticos contra-atacaram, fizeram uma exibição em Moscou do equipamento de espionagem que os estadunidenses vinham embutindo nos materiais pré-fabricados desde 1979 em sua embaixada em Washington – “microfones, transmissores, fios e cabos – tudo de bom tamanho, muito diferente dos aparelhos ultraminiaturizados usados na vida real pelos serviços secretos”. Mas a mensagem é clara: não se deve confiar em Moscou. Será mesmo que o serviço americano usaria equipamento daquele tamanho? Não seria mais uma prova forjada do Kremlin?<sup>115</sup>

Ao fim desse período as reportagens sobre o mundo da espionagem escasseiam rapidamente. É um tema que sai de moda repentinamente com o avanço dos tratados de desarmamento, em especial o INF, de fins de 1987. Agora o secretário de Defesa americano, Frank Carlucci, “teve acesso à fina flor dos arsenais soviéticos: inspecionou tanques de guerra de última geração, assistiu a uma batalha simulada”, do mais moderno navio de guerra e do novo bombardeiro nuclear TU-166 Blackjack, que é a foto usada por *Veja*. Ao pedir a designação oficial, os soviéticos recusaram, afinal, “para que assustar as pessoas?”. A revista faz questão de lembrar o caso do major estadunidense “fuzilado” em Potsdam, três anos antes. A matéria era intitulada “removendo o manto do segredo”<sup>116</sup>. O mundo da espionagem perdia o glamour frente a abertura da URSS e mesmo 007, em 1989, teve que abraçar como inimigo a nova campanha de Reagan – a guerra ao narcotráfico (*007 – Permissão para matar*).

A revista personifica e romantiza a realidade num quadro para o agente do MI6. Ou Rambo. O terrorismo e a espionagem internacionais fazem suas vítimas; as forças militares ocidentais tentam trazer o mundo à ordem. Mísseis soviéticos disparados a esmo ou acidentalmente riscam os céus europeus e lançam o perigo do holocausto atômico; a revolução

---

<sup>115</sup> Guerra dos grampos. *Veja*, nº 971, 15/04/1987, 38.

<sup>116</sup> Removendo o manto do segredo. *Veja*, nº 1040, 10/08/1988, 59.

avança em diferentes partes do mundo, incluindo cantos remotos como a Nova Caledônia<sup>117</sup>; generais imaginam os cenários prováveis para a Terceira Guerra Mundial; a guerra se espalha pelo Terceiro Mundo, incluindo guerras civis em aliados soviéticos, que põe em polvorosa áreas já conturbadas, como o Oriente Médio; guerrilhas investem e ameaçam depor os governos em El Salvador e Peru.

Assim é a matéria “como um louco busca-pé”, em que um míssil SS-N3 caiu na Finlândia poucos dias antes da cúpula de Genebra. Nos “inúmeros acidentes” “a URSS tem adotado quase sempre o silêncio para encobrir o próprio embaraço”.

Não deixa de ser irônico que o primeiro incidente internacional provocado por um foguete cruzador [...] seja de responsabilidade da União Soviética, exatamente o país que mais condena a decisão ocidental de instalar uma moderníssima geração de Cruise, os foguetes Tomahawk, em vários países europeus aliados<sup>118</sup>.

Enquanto a URSS teria mísseis como o SS-N3, de 1962, os EUA teriam o seguro e cirúrgico Tomahawk. O conflito em torno da paridade geoestratégica na Europa é convertido por *Veja* em uma comparação de suposta segurança e tecnologia, e uma justificativa para a escalada nuclear dos euromísseis estadunidenses.

A intenção de *Veja* não é mostrar um império soviético decadente ou em dissolução. Isso era impossível prever na época. Pelo contrário, a URSS continuaria a ser um império expansionista, agressivo, inimigo da paz, e um estopim para a Terceira Guerra Mundial e o holocausto nuclear. Um poder invasivo, ameaçador e poderoso, que pede um contrabalanceando e alguma outra superpotência que possa defender militar e diplomaticamente o mundo livre de seus tentáculos e impedir que o cenário internacional se degrade até a eclosão de um novo conflito mundial. A União Soviética representa a guerra, o terrorismo internacional, o medo atômico enquanto que os Estados Unidos são a paz, os direitos humanos e a negociação. É ainda o antigo discurso anticomunista, que se apoia na interpretação histórica ortodoxa ou tradicional, baseada na diplomacia ocidental, em especial na perspectiva estadunidense (MUNHOZ, 2004).

### 2.3 Terrorismo internacional

---

<sup>117</sup> Veja, nº 854, 16/01/1985, 69.

<sup>118</sup> Como um louco buscapé. Veja, nº 853, 09/01/1985, 32.

*Veja* propaga a noção de que o terrorismo internacional é um monopólio da esquerda e é apoiado pela União Soviética, o que já ficou claro desde que Kirkpatrick<sup>119</sup> colocou o terrorismo e a União Soviética lado a lado como os principais inimigos dos Estados Unidos<sup>120</sup>. Essa associação, segundo Mariani, era anterior à retórica de Reagan. Teria aparecido como discursividade na mídia brasileira tão cedo quanto o início dos anos 1970, e propunha, desde o início, o “combate pelas armas” (MARIANI, 1998, 216-217), num cenário em que se enfatizava o terrorismo de esquerda tanto na Europa quanto no Brasil da ditadura militar.

A ligação entre comunismo e terrorismo era muito antiga. O forte movimento comunista nos Estados Unidos e as insurreições comunistas na Europa nos anos subsequentes à Revolução de Outubro, acabaram herdando a acusação de vinculação ao terrorismo que pairava sobre os anarquistas no fim do século XIX e começo do XX. Da mesma forma que não existia (e nem poderia existir) na propaganda uma tentativa de separação entre as correntes anarquistas, a delimitação dos adeptos da ação direta e os responsáveis pelas ações extraordinárias desses anos<sup>121</sup>, também os grupos comunistas e anarquistas poderiam ser mais facilmente homogeneizados e confundidos por esse mesmo discurso, que, entretanto, veio a ser esquecido ou marginalizado por décadas, até retornar com força no Brasil da ditadura militar ou na imprensa conservadora estadunidense dos anos Reagan. A imagem de que comunistas sempre estariam envolvidos com atentados levava a necessidade de argumentar a existência da ligação da União Soviética com essas ações, mediante apoio financeiro, logístico, de treinamento, etc.

*Veja* afirma que, em Beirute, com um diplomata morto e três sequestrados, Moscou teria experimentado a agonia do terrorismo. “A União Soviética conheceu pela primeira vez, na semana passada, a agonia, a humilhação e o sentimento de impotência que outros países, sobretudo os Estados Unidos, têm experimentado nos últimos anos como vítimas assíduas de ações terroristas”. A matéria anterior da mesma revista se referia as ações contra terroristas de Israel no bombardeio à sede da OLP na Tunísia. Porém, a URSS foi vinculada à imagem de grande financiadora e organizadora do terrorismo internacional, com destaque para fotos dos

---

<sup>119</sup> Jeanne Kirkpatrick é mais um exemplo da construção de discursos políticos legitimadores e de sua assimilação pela mídia conservadora. Desde 1979 ela formulava a retórica usada por Reagan contra o terrorismo e de pressão sobre as ditaduras aliadas (LONGLEY, 2007, 19), que serviu de base moral para o ataque à URSS com base nos direitos humanos.

<sup>120</sup> KIRKPATRICK, Jeanne. Profeta da linha dura. *Veja*, nº 879, 10/07/1985, 5. Entrevista por Flávia Sekles.

<sup>121</sup> Que contam, entre outras ações, o assassinato dos ministros da Espanha e da Rússia (Stolypin), da imperatriz austríaca (Sissi), do rei Umberto I, do presidente estadunidense (McKinley).

RPGs em mãos da OLP. A ideia é que Israel combate o mal plantado pela URSS – que agora está tomando de seu próprio veneno. Assim o papel desempenhado por Israel na Guerra do Líbano se tornava positivo, enquanto o da URSS e da Síria era negativo. Também o papel estadunidense, uma vez que sua resposta a ataques terroristas a aviões estadunidenses em Beirute foram dadas por Moscou apenas como pretexto para manobras no Mediterrâneo – mas isso quando o país era imune ao terrorismo e não conhecia a realidade. A censura e falta de humanitarismo dos soviéticos se mostraram uma muralha para a promoção na mídia pretendida pelos terroristas<sup>122</sup>.

A ofensiva diplomática de Reagan encontrou no terrorismo internacional mais uma fonte de atividade e justificativa para a presença global americana (LONGLEY, 2007, 17). Era a hora de associá-lo ao socialismo real, ou, como *Veja* faz, sugerir que comunismo é igual a terrorismo. Com o ataque de Reagan à Líbia de Kadaffi ocorreu a tentativa de grudar o terrorismo internacional à imagem do socialismo, e o combate ao terror de Reagan ao combate anticomunista do mesmo. Compara o “histórico” bombardeio à Trípoli com a malfadada invasão da Baía dos Porcos, ocorrida em uma data próxima, 25 anos antes, “essa frustrada invasão serve hoje muito mais aos estudiosos do mau uso do poder do que à bibliografia do combate ao comunismo”. “Os americanos perceberam com mais clareza que, embora o inimigo ideológico número 1 dos EUA continue sendo a União Soviética, seu adversário mais palpável no momento é o terror”. O “terror” representado pela Líbia estava equipado com o armamento, principalmente soviético, adquirido por Kadaffi num valor de 10 bilhões de US\$, como o sistema antimísseis SAM-5, que custou aos Estados Unidos dois caças F-111 “desaparecidos”, já que o armamento soviético “se mostrou ultrapassado e ineficiente”. O que servia igualmente como uma demonstração de força frente aos soviéticos<sup>123</sup>. *Veja* faz coro ao discurso de Reagan de que a Líbia era um exemplo dos “países fora da lei [...] geridos pela estranha coleção de desajustados, Looney Tunes e os criminosos miseráveis desde o advento do Terceiro Reich” (LONGLEY, 2007, 19, tradução livre), e era a União Soviética quem apoiava essas ditaduras terroristas, enquanto os Estados Unidos conduziram gradualmente seus aliados da ditadura para a democracia. As palavras de Gorbachev, condenando o ataque, não tem qualquer menção em *Veja* (GORBACHEV, 1988, 244).

---

<sup>122</sup> A vez dos soviéticos. *Veja*, nº 892, 09/10/1985, 55-56.

<sup>123</sup> Um tiro no escuro. *Veja*, nº 920, 23/04/1986, 36.

Segundo o semanário, os ataques estadunidenses são cirúrgicos – o discurso aparece cinco anos antes da Guerra do Golfo. A destruição do centro de Bengazi e Trípoli não foi fruto das bombas americanas, mas dos foguetes líbios de tecnologia soviética, que “se perderam e caíram na cidade”. Com o subtítulo de “escudo prussiano”, *Veja* aponta ainda que “atrás de suas muralhas também ficava aquartelada uma tropa de elite encarregada da segurança do “Líder da Revolução” e comandada por um ex-oficial da Alemanha Oriental Karl Haenshe”. Evoca assim tanto o militarismo prussiano como o socialismo da Alemanha Oriental como seguranças do terrorista Kadaffi. Esta ação não foi nem contra os direitos humanos nem contra a lei, uma vez que “a morte de Kadaffi num ataque militar para prevenir atos terroristas [...] não poderia ser considerada um assassinato político”<sup>124</sup>. Na entrevista concedida a Flávia Sekles, com o embaixador estadunidense na ONU, Vernon Walters, a ligação entre terrorismo e comunismo é aprofundada para as ligações entre terrorismo e esquerda, e de uma perseguição e discriminação contra os ditadores de direita – enquanto Pinochet e Ferdinand Marcos, ditadores de direita, são feitos de párias por outros países, ditadores de esquerda não recebem o mesmo tratamento. “Os ditadores de esquerda exercem muito terrorismo no mundo inteiro. Os ditadores de direita exercem um certo terrorismo interno, mas normalmente não se metem em assuntos de outros países”. “Outros países” tem uma conotação bem mais realística se for trocado por “Estados Unidos”. O que se pode esperar de ditaduras como Chile e Paraguai? “Esses países, sendo ditaduras de direita, vão evoluir para a democracia. Mas não lhe posso dar a mesma esperança em relação a Checoslováquia, Nicarágua ou Cuba” – ditaduras de esquerda seriam terrivelmente mais repressoras que ditaduras de direita: enquanto há 20.000 emigrados chilenos, há 2 milhões de Cubanos. Sobre a reação da Europa frente ao bombardeio, mais uma vez a retórica que liga a democracia aos aliados dos EUA e sua influência benigna e a ditadura e a repressão como características de todo regime que se aproxima da URSS: “na OTAN, ao contrário do Pacto de Varsóvia, muitas vezes há posições divergentes. Somos uma aliança democrática, e não uma aliança de ditaduras”<sup>125</sup>.

Poucos meses depois esse discurso é relembrado e fortalecido. Na matéria “Pinochet em guerra com a URSS” *Veja* indica quem de fato é um problema para o relacionamento pacífico entre as nações. “O general Augusto Pinochet, presidente do Chile, está em guerra com a união

---

<sup>124</sup> Escudo prussiano. *Veja*, nº 920, 23/04/1986, 45-47.

<sup>125</sup> O ninho do terror. *Veja*, nº 920, 23/04/1986, 48.

Soviética”. Pesqueiros soviéticos estariam enviando arsenais para os “terroristas da Frente Patriótica Manuel Rodriguez”<sup>126</sup>. A União Soviética seria um país problemático e beligerante, bem como seus aliados, seja na guerra entre Vietnam e Camboja, no Chifre da África<sup>127</sup> ou no sudoeste da África<sup>128</sup>. Um caso que *Veja* destaca em reportagens seguidas e com várias páginas é a situação de guerra civil no Iêmen. O país da Península Arábica também havia sido palco de intervenção militar cubana, apoiada pelos soviéticos a partir do Iêmen do Sul, em 1978, quando aviões soviéticos despejaram cinco mil soldados cubanos e milicianos iemenitas treinados em Cuba, apoiados por navios de guerra soviéticos, sobre Áden e o Estreito de Bab-el-Mandeb (AMSTUTZ, 1994, 45). Na reportagem “Sob fogo cruzado: no Iêmen do Sul, 42 brasileiros vivem o pesadelo de uma inesperada guerra civil e só conseguem escavar com ajuda soviética e britânica”. O que poderia ser uma impressão positiva da URSS para o público interno é contornado com a presença da foto de refugiados em um navio russo, com a foice e o martelo estampados na chaminé – foto disposta logo abaixo do título “fogo cruzado”. Sempre há relação entre os russos e vários conflitos distribuídos pelo globo. Os brasileiros empregados nas prospecções da Petrobrás no Iêmen e acuados pelo estouro do conflito, convidados a saírem do país pelos soviéticos, se defrontaram com um navio russo que admitia apenas crianças e mulheres, mas que exigia que os brasileiros ficassem nas imediações, mesmo não embarcando. Tal postura fez com que os empregados da Petrobrás preferissem se refugar num navio inglês, mesmo tendo que chegar a ele “à nado”. A falta de humanitarismo soviético e a mão de Moscou atingem até mesmo os brasileiros – não é uma ameaça longínqua e um problema que condiz apenas à Reagan, ou mesmo algo que não se pode classificar como problema. O que fica bem claro com o título da foto: “Áden bombardeada: 12000 mortos numa guerra civil entre grupos pró-soviéticos”. “Sempre que se vê diante de convulsões políticas num país de sua órbita, a União Soviética tem por hábito apontar um dedo acusador para os Estados Unidos”. Portanto problemas seus são jogados sobre os EUA como forma de se eximir de suas responsabilidades. “Os grupos que se engalfinhavam com ferocidade nas ruas de Áden, na semana passada, eram todos de fachada marxista, duas ou três facções rivais movidas mais por ambições pessoais e

---

<sup>126</sup> Pinochet em guerra com a URSS. *Veja*, nº 938, 27/08/1986, 58.

<sup>127</sup> *Veja*, nº 868, 24/04/1985, 116.; Mudança de assunto. *Veja*, nº 895, 30/10/1986, 54.

<sup>128</sup> *Veja*, nº 866, 10/04/1985, 63.

antagonismos tribais que por divergências ideológicas”<sup>129</sup>. São ferozes, são marxistas, são facções hostis – três características em comum para identificar esses grupos.

O Afeganistão, que posteriormente passou a ser a imagem do fracasso até mesmo militar do regime, nesse período está mais para um teste de força, no qual os soviéticos faziam progressos lentos mas seguros rumo à sovietação do país. O cenário do conflito pôde ter sido retratado pela revista como um “inferno” igual ao Vietnã<sup>130</sup>, porém estrategicamente a URSS contaria com trunfos que os estadunidenses não tinham. Uma vez que o território afegão era contíguo ao território soviético, e não separado por 12 000 quilômetros, como no caso dos EUA e do Vietnã, a logística militar funcionaria muito melhor. A URSS poderia atacar com maior coordenação e força os insurgentes. Já havia etnias no Afeganistão que também habitavam o território soviético, como os tadjiques, o que possibilitaria um maior apoio à ocupação. Os membros do partido comunista afegão enviavam seus filhos para estudar em Moscou, o novo corpo de profissionais tinha por professores técnicos vindos da URSS – ocorreria fatalmente uma sovietação mental de parte da população afegã. Os recursos naturais do país estavam sendo canalizados para a URSS, que em troca fornecia produtos acabados. A integração e regionalização econômicas típicas do modelo soviético acabariam também por se impor sobre o Afeganistão. A imagem é a de uma 16ª República Federada Socialista Soviética em meio a um longo, tortuoso, mas invariável processo de gestação<sup>131</sup>. Se Gorbachev retira um contingente de 7 000 soldados isto não se deve à crise econômica ou uma política de boa vontade para com os Estados Unidos, mas a percepção de que o apoio soviético dentro do Afeganistão aumentou com a elevação ao poder de Najibullah, um homem que não esteve envolvido com a crise de 1979, o assassinato de Tarak ou o fuzilamento pelos soviéticos de Amin. Seu maior apelo popular possibilitava a URSS retirar suas próprias tropas para usar em seu lugar as tropas afegãs. Faz questão de lembrar que são meros sete mil de um exército invasor de mais de 100 mil. “A retirada de tropas, no entanto, não significa que o Kremlin esteja disposto a abrir mão de um rígido controle sobre o Afeganistão”. Portanto o acontecimento não deveria ser visto como um desengajamento soviético, pelo contrário. O ano de 1986 foi de uma campanha árdua mas de avanços para o Exército Vermelho<sup>132</sup>.

---

<sup>129</sup> Sob fogo cruzado. Veja, nº 908, 29/01/1986, 36-39.

<sup>130</sup> A guerra em casa. Veja, nº 875, 12/06/1985, 54.

<sup>131</sup> Guerra sem vencedor. Veja, nº 853, 09/01/1985, 37.

<sup>132</sup> Meia volta. Veja, nº 935, 06/08/1986, 54.

Com o tempo a retórica reaganista também se introduziu mais profundamente nas avaliações feitas por *Veja* do cenário afegão, bem como as próprias propostas de Gorbachev, em parte. *Veja* admite como sincero o recuo militar por motivos econômicos, como declarado por Gorbachev (GORBACHEV, 1986a, 96), mas não como uma manifestação de espírito pacífico, como defendido pelo mesmo líder (GORBACHEV, 1988, 293). Em 1987 já afirma que o secretário-geral entendeu que o conflito que “se arrasta por sete anos entre o “Exército do regime comunista do Afeganistão” (e não o “exército do Afeganistão” – uma síndrome de Savimbi, em que ocorre a negativa de reconhecimento de um governo como forma de legitimar o litígio entre as facções) e soldados soviéticos de um lado e guerrilheiros mulçumanos do outro”, que lhe rendeu “críticas constantes a um ato fragrante de intervencionismo armado. Mas os mujahedins já deixaram claro que não vão tratar com Najibullah, “um fantoche soviético”, mas sim diretamente com Moscou. Governos títeres dos EUA não tem o mesmo tratamento por parte da mídia. A retirada permitiria a Gorbachev destinar recursos para a recuperação da economia, evitar as deserções humilhantes e “o envolvimento de soldados com drogas, problema até pouco inimaginável na sociedade comunista”. A guerra “tem obscurecido o brilho da abertura engatilhada por Gorbachev”, como a crítica à violação dos direitos humanos<sup>133</sup>.

Conseguindo ou não retirar os soldados soviéticos do Afeganistão sem deixar um regime alinhado com Moscou, Gorbachev deu um ar mais realista no Kremlin. Ao contrário de seus antecessores, ele tomou a iniciativa de buscar a paz no Afeganistão, ainda que ela traga um governo que não siga as mesmas diretrizes do regime soviético<sup>134</sup>.

A chave para a compreensão do discurso de *Veja* é o discurso que o governo e a mídia americanas formaram sobre o Leste Europeu. No mundo da Guerra Fria ambas as superpotências sempre eram convidadas a opinar sobre qualquer acontecimento em qualquer parte do mundo. Mas o que se fazia, era, no caso de informações sobre o bloco soviético, usar o discurso formulado pelo Estado americano. Além do noticiário romantizado ao estilo Rambo. E *Veja* tinha a pessoa certa para encarnar Rambo em pessoa em suas dramatizações, como deixou claro no subtítulo: “Reagan reage como o herói Rambo”: “depois de um inédito ato de sequestro de um navio no Mediterrâneo, os Estados Unidos dão o troco, sequestrando os sequestradores”<sup>135</sup>.

<sup>133</sup> Retirada à vista. *Veja*, nº 958, 14/01/1987, 43.

<sup>134</sup> *Idem*, 44.

<sup>135</sup> Terror e ganância. *Veja*, nº 893, 16/10/1985, 54.

## 2.4 Totalitarismo ou autoritarismo? 1985-1987

Em 1985 a URSS e seus aliados europeus não constituem sequer os Estados completamente totalitários que aparecem nas páginas de *Veja* poucos anos depois. A primeira vez que a revista emprega essa palavra é em direção à Cuba<sup>136</sup>, e à Nicarágua<sup>137</sup>, não ao Leste Europeu. Ambos os países eram mais próximos e cativantes para alguns grupos políticos brasileiros do que seus congêneres europeus. Interessava a *Veja* direcionar acusações mais rígidas exatamente contra eles. Faz suas as frases de Jean-François Revel, que alerta para o crescimento das atribuições do Estado na vida social e econômica: “Hoje em dia, o único regime totalitário puro é o de Cuba. As ditaduras militares fascistas não são exatamente regimes totalitários e, além disso têm existência mais efêmera que os regimes comunistas”<sup>138</sup>. “Na Nicarágua, assim, um regime totalitário de esquerda abre espaço de oposição que, normalmente, só conseguem sobreviver nas ditaduras de direita”<sup>139</sup>. Ou na China da repressão aos protestos na Praça da Paz Celestial<sup>140</sup>. A primeira menção explícita ao totalitarismo no Leste Europeu só ocorreu em 1989, numa matéria anunciando um livro de Kundera e comentando a Primavera de Praga e “o regime totalitário imposto pelos tanques invasores da União Soviética”<sup>141</sup> e ao quadro da própria URSS em 1988, ao elogiar Sakharov<sup>142</sup>. Quando o faz antes desta data, dá a entender que a máquina totalitária existiu de maneira perfeita apenas na era de Stalin<sup>143</sup>. Tal diferenciação fica latente ao falar em “terror stalinista” nos anos 1930 e em “reinado” de Brejnev nos anos 1970<sup>144</sup>. Porém usou tal vocábulo antes desta data, quando em entrevistas ou análises com seus especialistas de segurança, como foi com o soviólogo Michael Tatu, que definiu o quadro atual da URSS como a de uma difícil transição do totalitarismo para o autoritarismo<sup>145</sup>. Ou do dissidente e ex-vice-presidente iugoslavo Milovan Djilas, que previa que “as reformas na URSS vão conduzir a uma

<sup>136</sup> *Veja*, nº 997, 14/10/1987, 5.

<sup>137</sup> *Veja*, nº 1001, 11/11/1987, 63.

<sup>138</sup> REVEL, Jean-François. Democracias em perigo. *Veja*, nº 881, 24/07/1985, 8. Entrevista por Paulo Moreira Leite.

<sup>139</sup> *Veja*, nº 1001, 11/11/1987, 57.

<sup>140</sup> Temporada de caça. *Veja*, nº 1084, 21/06/1989, 50.

<sup>141</sup> Minueto de salão. *Veja*, nº 1096, 16/08/1989, 117.

<sup>142</sup> Frente a frente. *Veja*, nº 1011, 20/01/1988, 34

<sup>143</sup> Cartas na manga. *Veja*, nº 1037, 20/07/1988, 58.

<sup>144</sup> A segunda Revolução Russa. *Veja*, nº 1000, 04/11/1987, 4.

<sup>145</sup> O discurso da razão. *Veja*, nº 1001, 11/11/1987, 47.

espécie de autoritarismo liberal, que continuará totalitário”<sup>146</sup>. A revista, que usava a expressão de uma maneira mais prudente e ponderada, exceto nos casos onde havia uma possibilidade de pressão política sobre fatias da esquerda nacional, como o cubano e o nicaraguense, a partir de então passa a abusar do mesmo incessantemente.

Esses contornos que confundem autoritarismo e totalitarismo insinuam que *Veja* construiu esse discurso baseada em seu principal analista para o Leste Europeu em meados dos anos 1980, Seweryn Bialer (BIALER, 1981, 71). Invés de uma ditadura personalista, centralizada num único indivíduo (o secretário-geral do PCUS), ela identifica uma liderança colegiada que compartilhava o poder central, que tomava decisões apenas em um consenso geral. É no “Politburo, um restrito clube de uma dúzia de homens que tudo decidem, é que está o verdadeiro núcleo do poder da União Soviética”, e que, se chamava a si todas as tarefas, tinha menos poder real do que se supunha<sup>147</sup>. Excetuando-se as duas últimas características, assim era como o próprio Kremlin considerava seu poder, inclusive com o mesmo nome de “liderança colegiada” ou “liderança coletiva”, que considerava essencial para impedir que um novo período de culto à personalidade se instalasse. Essa visão do sistema político é diferente da dos autores clássicos do totalitarismo. Essa confusão conceitual não era um dado específico e restrito às relações de *Veja* com seus analistas prediletos. Ela era parte integrante e essencial do discurso político ao qual a revista se filia e do qual Reagan se fazia seu mais alto porta-voz no período (PINTO; GIL, 2005, 13), e que era absorvido pela mídia.

A afirmação da ideologia como um componente do totalitarismo, por parte de Ronald Reagan, apareceu na distinção feita, aí de modo direto, dentre democracia e totalitarismo. A democracia, para o presidente norte-americano, é um ideal, ou seja, algo que todas as pessoas aspiram, o que lhe confere um caráter positivo. Assim, a democracia aparece como um sistema perfeito, livre de vícios e/ou problemas. Mas, esta afirmação encerra uma omissão, pois de qual democracia Ronald Reagan se refere, ou seja, ele generaliza o fenômeno tornando-o natural [...].

Por outro lado, os regimes totalitários são ideológicos, o que confere um caráter negativo [...]. A ideologia é para o totalitário, na ótica neoconservadora, o mecanismo mais apropriado para o processo de ocultação e dominação. O que na maioria das vezes, não é percebido, por desconhecimento ou interesse, que na existência de uma ideologia, possa existir uma contra-ideologia (que também não deixa de ser uma ideologia). Exercício que Ronald Reagan fez ao contrapor democracia e totalitarismo (PINTO; GIL, 2005, 14).

<sup>146</sup> Volta à praça. *Veja*, 1011, 20/01/1988, 38.

<sup>147</sup> Chegando ao alto. *Veja*, nº 852, 02/01/1985, 28.

Fernandes catalogou uma ampla gama de tentativas de interpretação do sistema soviético e dos problemas enfrentados por cada teoria. A tese do totalitarismo, surgida ainda nos anos 20 por meio dos ensaios de definição feitos por intelectuais fascistas de seu próprio movimento, acabou sendo estendida por pensadores liberais ocidentais também à URSS de Stalin, nos anos 1930, e veio a constituir um consenso político, midiático e acadêmico nos anos 40. Para Hanna Arendt, segundo Fernandes, a entrada das massas na política levou a formação de estados em que o indivíduo é alvo do terror institucionalizado, assim é atomizado e mais facilmente mobilizado enquanto massa para a obediência ao Estado (FERNANDES, 2000, 24-26). Outro autor clássico seria Brzezinski, o mais marcante e duradouro dessa corrente. O totalitarismo seria uma atualização dos regimes autocráticos para o século XX, baseada em características entrelaçadas:

- a) uma ideologia oficial altamente elaborada, abarcando todos os aspectos da existência humana;
- b) um partido único de massas, tipicamente liderado por um ditador, que se sobrepõe à (ou se mescla à) burocracia governamental;
- c) um sistema de terror, exercido por meio do controle do partido e da polícia secreta, dirigido contra classes da população selecionadas de forma mais ou menos arbitrária;
- d) um monopólio quase completo de todos os meios modernos de comunicação de massa pelo partido/Estado;
- e) um monopólio quase completo do uso efetivo de armas de combate; e
- f) o controle e direção central de toda a vida econômica via a coordenação burocrática de entidades corporativas previamente independentes.

Do ponto de vista metodológico, eles se apoiaram numa construção taxinômica que erige em características definidoras do totalitarismo, precisamente, aqueles elementos que pudessem ser apresentados como “opostos” às instituições e práticas dos Estados liberais democráticos no Ocidente (ou, para ser mais preciso, “opostos” ao discurso liberal dominante sobre o Estado neste) (FERNANDES, 2000, 26-28).

Assim “as teorias do totalitarismo induziram a analogias infundadas e enganosas que não corresponderam aos desenvolvimentos objetivos das sociedades do Leste”, uma vez que percebiam todo o poder de políticas públicas no partido e no líder; “exageravam o poder autônomo do partido/Estado e seu líder na sociedade, desconhecendo ou subestimando os limites e constrangimentos existentes para o seu exercício”; tudo baseado numa “falsa concepção monolítica e estática tanto do Estado quanto da sociedade”. O Estado unipenetrante controlando o indivíduo atomizado pressupõe que o modelo se reproduza eternamente sem mudanças políticas, a não ser pela derrubada violenta externa ou interna. As reformas políticas e econômicas promovidas por esses países ao longo do tempo contradizem a teoria e vão no caminho inverso de suas previsões. Uma vez desmontado o Estado totalitarista, essas sociedades deveriam ter presenciado um florescimento econômico, político e social baseado na libertação dos indivíduos.

Mas ocorreu o contrário (FERNANDES, 2000, 34-36). Lewin também estabelece os parâmetros e as inconsistências do modelo:

No campo dos estudos de soviologia, o conceito predominante e firmemente arraigado é o do “totalitarismo” – que leva a pensar num governo terrorista, buscando o controle total da população por meio de doutrinação maciça, força policial, lavagem cerebral ideológica, monopólio das fontes de informação, exercício de poder e controle direto da economia. Segundo esse modelo, o Estado orienta seus poderes no sentido de impedir toda autonomia de organização e expressão cultural e de qualquer outro tipo, exceto quando autorizada [...].

O termo, embora cumprindo bastante bem sua função ideológica, era inútil enquanto categoria conceptual. Pouco dizia acerca da origem do sistema, de seus objetivos, do tipo de mudanças que sofria – caso sofresse alguma – e do que seria a forma crítica e séria de estudá-lo [...], o próprio termo era “totalitário” em sua autossuficiência vazia; não reconhecia qualquer mecanismo de mudança na União Soviética e em nada contribuía para qualquer processo histórico [...]. O modo de o Ocidente perceber a União Soviética ficava seriamente cerceado por um esquema cognitivo que impedia os analistas de verem o mundo com realismo [...].

Algo bastante a-histórico: um sistema político sem um sistema social, um Estado que paira sobre todas as coisas [...]. Um Estado assim, sujeito apenas a suas próprias leis, só se explica em seus próprios termos. Qualquer tentativa de imaginar o que poderiam ser essas “leis” não iria além das normas de imutabilidade, estagnação e fixidez [...]. Jamais se pensaria na possibilidade de reformas de vulto num Estado desse tipo (LEWIN, 1988, 19-21).

A melhor definição, e a que aparece mais vezes, é que, para *Veja*, no período 1985-87, os regimes do Leste Europeu são autoritários com fortes tendências totalitárias herdadas do passado (BIALER, 1981, 48), ou com um sistema totalitário atenuado. O constante reforço de ideias por parte de especialistas confiáveis ajudou a montar o discurso neoliberal e o aprofundamento da definição totalitária para tais regimes.

Para *Veja*, inicialmente, a sociedade não seria tão homogênea, atomizada e inerte, como afirmaria posteriormente. Pelo contrário, existe a indicação de uma nascente sociedade civil autônoma, como na matéria “Silêncio rompido: católicos nas ruas pedem liberdade religiosa”, sobre manifestações em Praga durante as comemorações dos 1100 anos da morte de São Metódio e São Cirilo, evangelizadores dos eslavos. *Veja* diz que a Igreja local fez convites para altas autoridades estrangeiras da Igreja, que não foram “subscritos” (chega a usar até um termo brando) e assim não puderam cruzar as fronteiras. 150 000 pessoas imprimiram à festa “um tom ao mesmo tempo religioso e de contestação”, pedindo pela presença do Papa, que não teve a entrada no país liberada, e destinando vaias aos líderes do partido que fizeram um discurso pela paz e pelos 40 anos do regime. Fala da existência de dois movimentos católicos no país: o *Pacem in Terris*, alinhado com o regime, e o outro, alinhado com o Vaticano, responsável pelas

contestações às restrições e escassez de religiosos – uma vez que o regime autoriza e paga os sacerdotes. Era a maior manifestação desde 1968, significaria um sinal de descontentamento, mas não de revolta, como as que já eclodiam na Polônia com a recente visita do Papa<sup>148</sup>.

A repressão do regime aparece em *Veja* nessa época com as cenas de prisão em massa, mas não dentro de um regime de terror totalitário contra todo e qualquer pensamento divergente, mas com a política de combate ao alcoolismo, formulada por Gorbachev, como na matéria “Gole difícil: campanha contra o álcool dá primeiros resultados”. A URSS era um país onde faltava até a liberdade para beber, em que “os comandos de repressão à embriaguez tornaram-se mais temíveis até do que a onipresente polícia secreta”, ao efetuar prisões aos milhares<sup>149</sup>. Mas este não é o quadro típico do regime pincelado após 1989.

Fernandes aponta para a crise e decadência da teoria totalitarista ainda nos anos 1960, quando foi incapaz de perceber ou explicar o novo cenário soviético da desestalinização que se descortinava sob seus olhos. No fim dos anos 1980, a corrente que sobrevivia especialmente em meios políticos e na imprensa retornou ao mundo acadêmico, como tentativa de explicar o colapso do sistema durante as reformas e pelo impacto da adesão de intelectuais do Leste Europeu a essa teoria para explicar a realidade de sua sociedade até então. O totalitarismo teria que adotar o ecletismo teórico, a absorção de outras teorias para tentar dar conta dessa realidade que não se encaixava a seus pressupostos. Esse ecletismo pode ser observado em Bialer ou nas fases iniciais de *Veja* (1985-87). Misturam-se as teorias do totalitarismo e da burocracia, totalitarismo e grupos de interesse, totalitarismo e corporativismo, totalitarismo e desenvolvimentismo econômico.

Após 1988, *Veja* passa a defender uma visão purista do totalitarismo, como era concebido por Hanna Arendt ou Brzezinski, a medida que os anos de mudança política e social sob Kruschev e Brejnev eram mais facilmente esquecidos com o passar do tempo, a revisão histórica e a campanha por reformas dentro da URSS. A escalada do discurso do totalitarismo seguiu ao próprio movimento da imprensa dos países desenvolvidos sob governos conservadores, como também dos reformadores de dentro do Kremlin. E é nestes que repousa a verdadeira força de convencimento que estas posições ganharam.

---

<sup>148</sup> Silêncio rompido. *Veja*, nº 879, 10/07/1985, 45.

<sup>149</sup> Gole difícil. *Veja*, nº 886, 28/08/1985, 62.

## 2.5 As negociações de paz: como apagar a estrela de Gorbachev – 1985-1986

Novamente é o embate entre os líderes das duas superpotências que conduz a construção do discurso da revista. Gorbachev e a URSS só aparecem como obstáculos a um pacifista porém realista e enérgico Reagan. Para parte da imprensa e da população soviética, bem como de toda a mídia soviética, Reagan era um belicista e Gorbachev um pacifista (LONGLEY, 2007, 39). Não é isso o que aparece em *Veja*. Gorbachev não tem propostas. Estas pertencem a Reagan. A grande preocupação é inverter as posições e engrandecer o presidente estadunidense enquanto se minimiza o secretário-geral soviético.

*Veja* sempre duvidou das possibilidades de sucesso nas negociações de paz, fosse pela manutenção da atitude de suspeita frente aos soviéticos, fosse quanto a probabilidade de Gorbachev aceitar ou concretizar as negociações e se manter no poder. Ela partilha da opinião de Bialer<sup>150</sup> de que Gorbachev manipulava a mídia ocidental (BIALER, 1986, 330):

Desde que assumiu o poder, vem se mostrando interessado em aprender a arte de utilizar os meios de comunicação para cortejar popularidade. Em pouco tempo, figurou quatro vezes na capa da revista americana *Time*, o semanário de informações de maior circulação em todo o mundo, [...] numa delas concedeu uma entrevista em que seduziu os editores da revista a ponto de ser chamado de “Grande Comunicador”, um título antes exclusivo do presidente Ronald Reagan.

Gorbachev começou a utilizar os meios de comunicação como um chefe de Estado moderno – justamente a imagem que pretende projetar [...] toda vez que sai para visitar fábricas, hospitais ou escolar na União Soviética, ele vai sempre acompanhado de uma equipe de televisão<sup>151</sup>.

A *Time* poderia ser enganada e manipulada, mas não *Veja*, em sua auto avaliação. A revista é calejada nas jogadas soviéticas para extrair vantagem sobre todos – mesmo a mídia ocidental – para fazer sua propaganda política ideológica sobre a mente do público. Provavelmente os redatores memoravam o caso da garotinha Samantha Smith, ainda nos tempos de Andropov. A carta da menina do Maine ao líder soviético, pedindo paz, pesou sobre a campanha de Reagan pelo aumento da fatia do orçamento para a corrida armamentista e o complexo industrial-militar. A florescente gorbymania teria o mesmo intuito oculto de

<sup>150</sup> “Ele atribuiu uma atenção muito maior para o campo das relações públicas da política externa, e parece determinado a utilizar e manipular os meios de comunicação do Ocidente para impor o ponto de vista soviético embalado nas aparências mais atraentes” (BIALER, 1986, 330, tradução livre).

<sup>151</sup> Gorbachev usa a mídia para ganhar popularidade. *Veja*, nº 931, 09/07/1986, 37.

“perturbar” o verdadeiro Grande Comunicador, que agora é obrigado a dividir o título com um político que não sabe o que é realmente a “cata de votos” e só tem expressão midiática por ter a “vantagem de ter todos os veículos soviéticos a seu dispor”. Só é notável porque é o primeiro líder soviético em décadas a “aparecer em público, falar e andar”, ao contrário dos seus “septuagenários antecessores”. Um homem capaz de extrair vantagem até desse passado.

Quando o secretário de Estado americano, George Shultz, e o ministro das Relações Exteriores soviético, Andrei Gromyko, reestabeleceram em Genebra o diálogo quase nulo entre as superpotências desde a ascensão de Reagan (VOLKOGONOV, 2008, 325-26; BROWN, 1996, 77), *Veja* apostou na impossibilidade de qualquer acordo.

O mais provável, porém, é que os EUA estejam apenas exibindo à URSS o tamanho do desafio tecnológico e financeiro que ela teria que enfrentar para construir sua própria Guerra nas Estrelas, para finalmente usar o sistema como moeda de troca na hora de exigir concessões concretas dos russos<sup>152</sup>.

Na matéria seguinte, “degelo sob a neve”, apesar das propostas de concessões mútuas, *Veja* aponta que a vitória foi dos Estados Unidos e de sua ofensiva diplomática, uma vez que a URSS prometeu voltar à mesa de negociações apenas após os EUA cancelarem seus programas da IDE e dos euromísseis, o que Reagan se negou. *Veja* o cita para afirmar que “ninguém aposta numa rápida descompressão nas relações entre Moscou e Washington”<sup>153</sup>.

De início *Veja* percebe inclusive uma deterioração nas relações entre a URSS e o Ocidente, como na matéria “Paz sob fogo: guerra de palavras na festa da vitória”. 40 anos após a Segunda Guerra, o cenário mundial estaria mais parecido com o de 1939 do que com o de 1945, e quem detonou a nova crise foi a URSS. “Os primeiros petardos partiram de Moscou”: Gorbachev condenou as propostas de reunificação alemã e acusou os EUA de praticarem uma política antissoviética como a de Hitler. A réplica coube a Reagan, que no domingo havia visitado ao lado de Kohl um cemitério das SS em Bonn: a URSS praticaria a dominação de outros países ao estilo nazista e prepara-se para o ataque nuclear ao mundo civilizado. Porém Reagan deu sinais de reconciliação ao prometer visitar a URSS se Gorbachev for à ONU em setembro<sup>154</sup>. O ato de depositar flores num cemitério nazista (WILENTZ, 2008, 209; LÉVESQUE, 1997, 147), que poderia colocar a dupla Kohl-Reagan em um embaraço público, tem um desfecho invertido. É Gorbachev a figura condenável, ao disparar a crise.

<sup>152</sup> Como um louco buscapé. *Veja*, nº 853, 08/01/1985, 33.

<sup>153</sup> Degelo sob a neve. *Veja*, nº 854, 16/01/1985, 64.

<sup>154</sup> Paz sob fogo. *Veja*, nº 871, 15/05/1985, 34.

Genebra foi o momento em que Reagan deveria aparecer como realista, e Gorbachev como um líder sem propostas<sup>155</sup>. Em matéria anterior<sup>156</sup> *Veja*, que já havia apontado a tática de Reagan de mudar o foco do desarmamento entre as superpotências para a pacificação dos conflitos regionais no Terceiro Mundo, agora toma a voz dele para apontar que “é ridículo esperar que se resolvam em dois dias problemas deste porte”. É a maneira da revista noticiar, expor e apoiar as posições de Reagan, que nunca aparece como contrário à paz ou ao desarmamento, ou como belicista. Assim pode-se preparar o público para a oposição dos EUA a qualquer acordo em Genebra. O verdadeiro poder belicista é a URSS ao se envolver com os conflitos armados no Terceiro Mundo e a não promover um diálogo com os Estados Unidos sobre seu desengajamento. Reagan estaria disposto a negociar, já que um grande acordo internacional é o que faltaria para consagrá-lo completamente. Já Gorbachev precisa do acordo para poder prosseguir com suas reformas, mas não será bem sucedido nos tratados pela oposição dos conservadores. Isso torna pessimista o tom do encontro, uma vez que “Gorbachev não apenas se recusou a fazer concessões que aproximassem as posições dos dois países como se mostrou arrogante no diálogo [...], mais um sinal de que não há qualquer garantia de acordos realmente importantes em Genebra”. Gorbachev é um impedimento para a paz, uma vez que ainda não tem poder suficiente para negociações importantes<sup>157</sup>, e não as demandas de concessões unilaterais por parte dos estadunidenses ou sua crescente lista de exigências baseada na necessidade e nas declarações e necessidades de reformas e paz de Gorbachev (GORBACHEV, 1986b, 53).

Uma semana depois, fitas de áudio contendo as negociações foram parar nas mãos da imprensa. Atrás do clima oficial de cordialidade ocorreram momentos de tensão, resolvidos por Reagan: “nas ocasiões em que o ambiente ficou muito carregado, Reagan chamou a si a tarefa de desfazer as nuvens. Também coube ao presidente estadunidense a iniciativa de abordar a questão de futuras reuniões”. Como a principal vitória em Genebra foi a decisão das superpotências de continuar conversando, pode se atribuir esta a Reagan<sup>158</sup>. Gorbachev em seguida fez pública a íntegra de sua ousada proposta de desarmamento: eliminação imediata de metade dos mísseis intercontinentais e a erradicação de armas nucleares até o ano 2000 (GORBACHEV, 1986b, 173). A transparência adotada pelo secretário-geral tanto sobre a reunião de Genebra como a de

<sup>155</sup> Retomada do diálogo. *Veja*, nº 898, 20/11/1985, 68-72.

<sup>156</sup> Mudança de assunto. *Veja*, nº 895, 30/10/1985, 54.

<sup>157</sup> Retomada do diálogo. *Veja*, nº 898, 20/11/1985, 70.

<sup>158</sup> LEITE, Paulo Moreira. O espírito de Genebra. *Veja*, nº 899, 27/11/1985, 68.

Reykjavik gerou nervosismo entre a equipe de Reagan (GORBACHEV, 1986a, 97), e nenhum comentário por parte de *Veja*, exceto a de que “quebrou flagrantemente o acordo” que impunha silêncio até o fim das negociações (Tropeção na chegada. *Veja*, nº 946, 22/10/1986, 70). Gorbachev continuava sem propostas ou propostas realistas. Sequer a moratória unilateral de testes nucleares soviéticos (BROWN, 2007, 85) foi anunciada na revista. A alegação do secretário-geral de que, de propaganda em propaganda, de concessão em concessão, ambos os lados chegariam a um acordo do controle dos arsenais, foi vista também como um blefe publicitário e irrealista<sup>159</sup>.

Quase um ano depois os dois líderes se encontraram novamente para uma reunião de cúpula para o desarmamento. Na reportagem “de novo a sós: Gorbachev e Reagan escolhem a remota Islândia para seu segundo encontro, pensando na outra reunião que terão nos Estados Unidos”<sup>160</sup>, do enviado Roberto Pompeu de Toledo, inicia-se com a descrição do local:

Ambos escolheram uma cidade situada no fim do mundo [...] e um cenário que, a começar pela fama da casa e a terminar pelo barulho do vento, mais conviria a um filme de terror nuclear, porém, além de outros terrores menores, que os dois estavam reunidos. O cenário era, portanto, apropriado<sup>161</sup>.

A preocupação agora era dar motivos suficientes para a hostilidade com a qual Gorbachev foi recebido para o encontro. Com o subtítulo de “civildade escandinava”, *Veja* afirma que só em um país escandinavo como a Islândia, a presidente e o primeiro-ministro podem achar mais importante assistir à reunião do Parlamento do que receber Gorbachev. Reagan, que chegou adiantado um dia inteiro, “portanto sem nenhuma coisa mais importante na agenda das mais altas autoridades locais – teve direito a uma recepção com a presidente e o primeiro-ministro”. *Veja* enfatiza que Gorbachev é impontual e por isso não foi recebido, afinal, como explica sob a foto, “Reagan chegou 10 minutos antes: sorrisos à porta da casa-assombrada”. O que poderia ser um incidente diplomático foi apenas a exibição da mais alta educação. Novamente há uma inversão dos papéis desempenhados pelas superpotências durante a Guerra do Vietnam. O que era uma Síndrome do Vietnam torna-se uma “Síndrome do Afeganistão” (POCH-DE-FELIU, 2003, 104). Segundo *Veja*:

“O nível das armas não pode ser permanentemente baixado enquanto existir um constante ataque ao equilíbrio internacional”, escreveu Kissinger num ensaio publicado

<sup>159</sup> SANTA CRUZ, Selma. A ascensão de Gorbachev. *Veja*, nº 904, 01/01/1986, 72.

<sup>160</sup> De novo a sós. *Veja*, nº 945, 15/10/1986, 54-58.

<sup>161</sup> *Idem*, 55.

às vésperas da reunião de Reikjavik. Ou seja: para os americanos, cada vez mais, existe um contexto geral para ser discutido – indo de armas nucleares a conflitos localizados, como o do Afeganistão, e passando pelo desrespeito aos direitos humanos na União Soviética. Os americanos irão tanto mais fundo na dissecação desses assuntos quanto mais sentir no adversário uma pressa afobada para conseguir acordos de armas<sup>162</sup>.

Para *Veja*, os estadunidenses são pacifistas. Não se trata de uma questão deles não quererem o desarmamento ou serem belicistas. É que eles desejam jogar duro e impor ao “Império do Mal” uma gama ampla de mecanismos que assegurem uma paz mais ampla e a defesa do humanitarismo.

Gorbachev quer um acordo de limitação de armas nucleares [...] porque a corrida armamentista custa ao seu bolso uma fortuna que poderia ser muito melhor aplicada na modernização de uma economia cada vez mais capenga. Já Reagan quer um acordo sobre armas porque faz bem para a biografia de um presidente americano ser coroado com a aureola de pacificador<sup>163</sup>.

Gorbachev o faz por necessidade, Reagan por um interesse pessoal, porém de benevolência para o mundo todo. Também aponta “que a União Soviética, para conversar com os EUA, está disposta até a passar por situações que resvalam na humilhação é algo que ficou claro em Reikjavik”. O que era alta civilidade se tornou humilhação, se isso pode passar uma imagem negativa. Mas Reagan não tinha motivos para ceder mesmo diante da liberação de dissidentes e do jornalista estadunidense preso por espionagem: “Isso não muda o fato básico de que o desempenho soviético em direitos humanos continua se deteriorando e de que a emigração judaica está em seu mais baixo nível”, disse o presidente americano”, que está diante de “um lance da batalha publicitária a que a URSS respondeu apresentando o cientista estadunidense Arnold Lokshin, que se mudou com toda a família para Moscou dizendo-se vítima de perseguição insuportável nos EUA.” Trata-se de propaganda uma vez que saiu dos EUA para a URSS por causa de perseguição – quando apenas o outro lado comete ações desse tipo. “Quando se encontravam, olhos nos olhos, como quer a moderna mística das reuniões de cúpula, tinham pela frente fantasmas que iam do terror nuclear aos sofrimentos impostos aos dissidentes soviéticos”.

Era uma matéria toda montada, em cada detalhe, para que a imagem de pacifista, humanista e de liberalizador não colasse à Gorbachev e a de belicista não aderisse à Reagan, apesar das condutas reais dos dois dirigentes<sup>164</sup>. Também tenta-se minimizar o encontro, como

<sup>162</sup> Idem, 58.

<sup>163</sup> Idem, 58.

<sup>164</sup> “Os historiadores do século XXI, longe das lembranças vivas das décadas de 1970 e 1980, vão ficar intrigados com a aparente insanidade dessa explosão de febre militar, a retórica apocalíptica e o muitas vezes bizarro

apenas uma formalidade e não como a reunião que mudaria os destinos da Guerra Fria<sup>165</sup>. Desde o início a questão do tempo foi levantada como culpa do próprio Gorbachev. O fantasma da casa mal-assombrada onde a reunião foi sediada simbolizava também o do espectro do comunismo, da ameaça nuclear soviética e da repressão aos dissidentes políticos. Posteriormente, Roberto Pompeu de Toledo disse que “o encontro de Reykjavik foi como uma corrida em que os nadadores dão tudo de si, superando marcas com quem ninguém sonhara – apenas para morrer na praia”. Entretanto, a “opção zero” americana e a proposta de Gorbachev foram embaralhadas pela revista, como se tratassem de uma única proposição de Reagan, negada pelos soviéticos: “Gorbachev disparava: “Só um louco poderia aceitar o que propunham os americanos””. Os soviéticos teriam considerado propostas absurdas o esforço pacifista estadunidense, como a retirada de todos os mísseis apontados para a Europa, metade dos ICBMs,

e, num prazo de dez anos, desativariam o resto de seus arsenais nucleares, às vésperas do ano 2000 [...]. O que deu errado foi a exigência soviética de que Reagan, como parte do pacote colocado na mesa, desistisse de seu projeto batizado de Iniciativa de Defesa Estratégica ou, mais popularmente, Guerra das Estrelas<sup>166</sup>.

Nenhuma menção ao fato de que a opção zero representava a destruição do principal trunfo soviético, que era sua superioridade nuclear na Europa, ao eliminar os mísseis de ambos os lados – enquanto preservava o estadunidense – seus mísseis alocados em submarinos e bombardeiros estratégicos. Os soviéticos teriam que destruir muito mais bombas que os Estados Unidos. Nenhuma alusão de que foi Gorbachev, redarguindo a Reagan, que propôs essa desnuclearização global até o ano 2000 (GORBACHEV, 1986a; 1986b). O mais extraordinário: as sucessivas exigências americanas renovadas a cada concessão soviética, como a contagem em separado dos mísseis dos membros da OTAN (que, com exceção dos Estados Unidos, signatários do acordo, estariam isentos de eliminação) (LÉVESQUE, 1997, 25), não são mencionadas. *Veja* tampouco dá voz à crítica de Gorbachev de que o Ocidente não queria de fato embarcar numa

---

comportamento internacional de governos americanos, sobretudo nos primeiros anos do presidente Reagan (1980-8)” (HOBSBAWM, 1995, 244). Já no caso de Gorbachev, Brown chega a falar em “ofensivas pacifistas” (BROWN, 2007, 261).

<sup>165</sup> Se ocorreu com anticlímax com o cancelamento dos acordos já negociados diante de novas exigências americanas, ambas as superpotências tiveram uma ideia melhor sobre quanto cada uma aceitaria fazer concessões (LÉVESQUE, 1997).

<sup>166</sup> Tropeção na chegada. *Veja*, nº 946, 22/10/1986, 68.

política desarmamentista (ENGLISH, 2000, 219). Ela reproduz a argumentação de Reagan, já que ele é “um homem que sabe negociar”<sup>167</sup>.

Gorbachev já havia feito muitas concessões unilaterais importantes para deslançar o processo de desarmamento. Prolongara duas vezes a moratória de testes nucleares, concordara em não considerar as forças nucleares independentes da Grã-Bretanha e da França caso fosse possível um acordo soviético-americano, e fez concessões a respeito dos mísseis de médio alcance europeus e asiáticos. Aceitara também o princípio de inspeção e verificação *in loco*, modificara sua posição quanto à pesquisa IDE, e comunicara uma consequente redução das forças soviéticas no Afeganistão. Nenhum desses gestos foi objeto de reação positiva por parte dos EUA. Lá pensava-se que as ações unilaterais de Gorbachev eram o resultado da pressão da situação econômica interna soviética, sinais de uma reavaliação das prioridades que continuaria por algum tempo, e indício de que a política dura de Reagan estava surtindo efeito. A administração norte-americana estava convencida de que poderia cobrar bem caro pelos benefícios mútuos da redução do armamento nuclear (MEDVEDEV, 1987, 255).

*Veja* inicialmente tece críticas à proposta Guerra nas Estrelas, não por seu militarismo, não pela tentativa de acabar com o equilíbrio estratégico, nem sequer pelos impostos necessários para o custeio do projeto, mas pelas prováveis reações causadas no adversário: “Reagan espera empurrar os soviéticos para um acordo, na reunião de novembro. Corre o risco, porém, de estar deslançando um novo páreo na corrida armamentista”<sup>168</sup>. Segundo Arbex, a imprensa, ao não relacionar os interesses do complexo industrial-militar na continuidade da corrida armamentista e na forte relação de apoio e financiamento de campanha entre este e Reagan, promoviam o presidente estadunidense ao posto de estrategista que forçava os soviéticos a paz através de uma inescapável pressão militar:

De fato, a difusão do mito do governo do governo Reagan como o estrategista de uma “cruzada” antissoviética teve uma dupla função: por um lado, servia para “dourar a pílula” da destruição do edifício socialdemocrata criado por Roosevelt e, por outro, servia como luva às técnicas narrativas do telejornalismo, que descrevia a Guerra Fria como a luta do “Bem” contra o “Mal” (ARBEX, 2001, 227).

Nesta fase Gorbachev ainda não havia mudado drasticamente sua política externa, até por ainda concordar que a “opção zero” era “ferir a inteligência” dos soviéticos, como disse um diplomata de Brejnev (BROWN, 2007, 25). Mas a abordagem de *Veja* sobre o próprio Gorbachev sim. Após uma lua de mel, diante das reformas e da mudança de estilo, passou a adotar e defender a retórica dos grupos conservadores estadunidenses, principalmente a dos assessores políticos de Reagan, na íntegra. Com o avanço das negociações, afirma que

<sup>167</sup> Um homem que sabe negociar. *Veja*, nº 1006, 16/12/1987, 53.

<sup>168</sup> Poder de fogo. *Veja*, nº 886, 28/08/1985, 58.

a agenda de discussões já partia de um ponto bem diferente do emaranhado de avanços e recuso que marcaram mais de seis anos conversas, desde que, em 1981, Reagan propôs a chamada “opção zero”. O que o presidente americano sugeria – e a URSS, ainda liderada por Leonid Brejnev, recusou na ocasião – era exatamente o que agora Gorbachev anunciou aceitar: não apenas a retirada, mas a destruição de todos os mísseis com ogivas nucleares que as superpotências instalaram na Europa nos últimos anos. Até o final da semana, um único detalhe parecia prejudicar um passo final para um acordo: os soviéticos insistiam no desmantelamento também de 72 mísseis do tipo Pershing I pertencentes à Alemanha Ocidental, fora do comando da OTAN<sup>169</sup>.

Os reais motivos para que os soviéticos concordassem com a paz eram outros, pelo que se pode inferir por *Veja*: os mísseis Pershing e Cruise. “Pershing II: 10 minutos até Moscou” – um logro da tecnologia ocidental e não de sua disposição junto à Cortina de Ferro. “Cruise: a 100 metros do chão para driblar o radar inimigo”. A URSS é esmagada pela superioridade tecnológica do arsenal estadunidense. Não há qualquer menção objetiva da superioridade estratégica ou da presença de mísseis também no território dos países do Pacto de Varsóvia. Reagan é que queria a paz com o desarmamento total nesse cenário desde 1981. Os soviéticos só o fizeram agora por necessidade, diante da derrota militar e tecnológica. Necessidade que Reagan não tinham nem em 1981 nem agora. Ele age por desprendimento. Gorbachev apenas cansou de lutar contra o que Reagan já pretendia. Ainda assim se opôs a paz até o último instante, ao jogar um assunto fora da questão principal – mísseis que não pertencem a outra superpotência nem tampouco à sua aliança militar. Também dá eco à ideia de que as superpotências instalaram os euromísseis a partir de uma escalada militar da União Soviética, e não que os antigos modelos soviéticos foram apenas substituídos em número pelos modernos mísseis SS-20 (FLERON; HOFFMANN; LAIRD, 1991, 495).

A corrida começou com a multiplicação acelerada dos mísseis SS-20 soviéticos voltados para alvos em toda a Europa – uma escalada que, em 1979, levou os Estados Unidos a persuadir seus aliados europeus a entrarem em campo para empatar o jogo. Alemanha Ocidental, Inglaterra, Itália, Bélgica e Holanda concordaram em instalar em seus territórios mísseis americanos Pershing II e Cruise em quantidade suficiente para contrabalançar o arsenal soviético. Os primeiros mísseis chegaram em 1983 e, em quatro anos – sem que os soviéticos arrefecessem a escalada –, a Europa alcançou a aterradora cifra de 909 mísseis prontos para o disparo em caso de guerra. Computando-se outros 100 SS-20 dispostos na parte asiática do território soviético, são ao todo 1 891 ogivas nucleares – algo suficiente para destruir o mundo todo, e não apenas a Europa, duas vezes<sup>170</sup>.

<sup>169</sup> A caminho do zero. *Veja*, nº 05/08/1987, 50.

<sup>170</sup> A caminho do zero. *Veja*, nº 05/08/1987, 51.

Com a assinatura do tratado INF em Washington, afirma que, “para os americanos, o tratado é uma vitória sobre a decisão soviética de 1977 de infestar a Europa Oriental com esses mísseis. Trata-se aí de uma vitória de Reagan sobre Moscou, pois foi ele, e não Gorbachev, quem propôs a varredura dos foguetes”<sup>171</sup>. A vitória americana é mais extensa que isso, já que a presidência americana

garante seu poderio através de super-bombardeiros, de submarinos nucleares e, acima de tudo, dos mísseis de longo alcance, baseados nos EUA. Para os russos, o acordo retira os foguetes que estavam na Europa, permite que reorientem suas despesas e, principalmente, oferece a oportunidade de rever o erro tático de não terem aceito a proposta de Reagan há mais tempo [...] Assim, na região onde ambos lutam por alianças, ambos aparecerão agora como patronos de uma paz nuclear<sup>172</sup>.

Mas ainda assim ela dá voz à linha dura de Washington, lembrando que não se deve confiar nos russos:

Nem por isto os adversários americanos do acordo se deram por satisfeitos – e alguns pontos pesam em seu favor. Os soviéticos, argumentam eles, sempre poderão transferir a produção de mísseis para fábricas não incluídas nas cláusulas de verificação – o que não é impossível. Os mesmos críticos insistem que os mísseis cuja destruição vai começar nos próximos meses nunca tiveram grande importância militar em si mesmos e valiam mais como um símbolo do empenho dos Estados Unidos em abrir o “guarda-chuva nuclear” diretamente sobre seus aliados europeus – o que também tem sua dose de verdade<sup>173</sup>.

Em nenhum momento mencionam que retirar o arsenal nuclear do Leste Europeu é abrir mão da superioridade estratégica soviética no continente, que, se desnuclearizada, tem em frente os arsenais nucleares próprios de Inglaterra, Alemanha e a França que havia retornado à OTAN (LÉVESQUE, 1997, 14). Ou que o poder de fogo estadunidense não se encontrava em bases de mísseis de médio alcance na Europa Ocidental, mas no bombardeio estratégico e na frota de submarinos, que não foram atingidos pelo tratado (LÉVESQUE, 1997, 25). Essas informações apontariam que o esforço pacifista de Reagan era muito menor, enquanto o de Gorbachev era muito maior. Portanto teriam que ser silenciadas. E mesmo os acordos INF não significam uma mudança real na Guerra Fria. “Olhando-se com o rigor dos conservadores ou com o radicalismo dos pacifistas exacerbados, a limpeza do matagal [a zona de tensão e primeiro palco em um conflito entre as duas potências, representada pela Europa] não quer dizer nada”<sup>174</sup>. O problema

<sup>171</sup> Noites de Moscou em Washington. Veja, nº 1006, 16/12/1987, 51.

<sup>172</sup> Balanço de sucessos e fracassos. Veja, nº 1006, 16/12/1987, 51.

<sup>173</sup> Noites de Moscou em Washington. Veja, nº 1006, 16/12/1987, 55.

<sup>174</sup> Noites de Moscou em Washington. Veja, nº 1006, 16/12/1987, 55.

continua do mesmo tamanho, com os ICBMs. Gorbachev é que fracassou ao não conseguir um novo acordo, como o de mísseis de curto alcance. Para *Veja*, pensar em pacifismo era irrealista, pois a maior parte do arsenal nuclear continuaria intocada. De fato, apenas 5% deste era composto de mísseis intermediários sediados em solo europeu (DESAI, 1989, 94).

A vinculação da ação diplomática soviética e conflitos espalhados pelo globo é novamente tocada na reportagem sobre o massacre em Meca e as tensões crescentes sobre a navegação no Golfo Pérsico. No mapa sobre os interesses em jogo na região, aponta para os das superpotências. O interesse dos “Estados Unidos: nem guerra nem aiatolás. Para os Estados Unidos, este seria o melhor dos mundos no Golfo Pérsico”. E um mundo de liberdade e paz não é o melhor dos mundos apenas para ele. É uma forma de direcionar os interesses do público para uma identificação com o dos EUA. Já os da “URSS: quase todos os envolvidos são inimigos da URSS. Enquanto a confusão não aumentar demais, Moscou sai lucrando com a guerra”<sup>175</sup>.

A diplomacia soviética seria uma diplomacia sem ousadia, mas de pressão constante para extrair concessões, técnica aprendida na história diplomática czarista<sup>176</sup>. As negociações diplomáticas são apenas um reflexo das atuações de dois grandes comunicadores rivais diante das câmeras. Um duelo de personalidades. É ainda a noção do expansionismo soviético que coordena o editorial da revista, apesar de sua não-operacionalidade (RODRIGUES, 2006, 294).

Repete as declarações de Kirkpatrick, os falcões de Reagan e o secretário de defesa Caspar Weinberger, que, uma vez “que a URSS não cumpre sequer os tratados já no papel” é inútil perseguir novos acordos “a todo custo”<sup>177</sup>. Assim reuniões de cúpula não produzem efeitos palpáveis, o que era uma justificativa para a manutenção do belicismo estadunidense. Também é o argumento que pode disfarçar os desrespeitos flagrantes de Washington aos tratados internacionais e mencionar apenas as faltas soviéticas. Assim é tratada a IDE. Diante de um teste balístico antissatélite bem sucedido, às vésperas de Genebra, a URSS reagiria ao trunfo estadunidense pedindo à ONU uma conferência para “discutir a proibição da militarização do espaço”<sup>178</sup>. Não menciona que acordos proibindo a militarização do espaço e testes de mísseis antissatélites existem desde 1972, com os tratados ABM entre Nixon e Brejnev (BROWN, 2010, 501), que, como o soviéticos reclamavam, reduziria a IDE à testes em laboratório (MCCGWIRE,

<sup>175</sup> Nas águas do ódio. *Veja*, nº 988, 12/08/1987, 38.

<sup>176</sup> Gromyko, presidente. *Veja*, nº 879, 10/07/1985, 42.

<sup>177</sup> Os riscos da cordialidade. *Veja*, nº 898, 20/11/1985, 72.

<sup>178</sup> Poder de fogo. *Veja*, nº 886, 28/08/1985, 58.

1991, 200), mas afinal, os EUA não rompem contratos, e confinar os testes do projeto Guerra nas Estrelas em experimentos era mais uma forma dos soviéticos auferirem vantagens. Este é o caso da reportagem “Ouvidos atentos: americanos vão vigiar testes soviéticos”. O título poderia ser sobre a tentativa soviética de promover o desarmamento ou a confiança mútua com a moratória de seus testes atômicos, mas soa como uma nota de descrédito frente a mesma, como um pedido de vigilância fechada contra uma propaganda pacifista. Cientistas estadunidenses instalaram sismógrafos a 200 quilômetros da base secreta de Semipalatinsk. A resposta americana, e de *Veja*, frente à promessa da moratória, é que os soviéticos se deixaram envolver pela falta de liberdade de informação em seu próprio país e esqueceram que, quanto aos testes estadunidenses no deserto de Nevada, não são necessários uma contrapartida de sismógrafos soviéticos, mas a “consulta aos jornais científicos americanos [...], tal recurso não é facilitado aos cientistas americanos, que não tem acesso a informações soviéticas sobre testes nucleares”<sup>179</sup>.

A partir de determinado momento essa retórica ficou caduca. Por mais que parte da imprensa tentasse negar o acesso do líder soviético ao contato direto com as massas dos países ocidentais, como parte de uma política de pressão interna e de apelo pacifista (ZEMTSOV; FARRAR, 2007, 112), esse bloqueio não foi seguido por toda a imprensa, para desgosto de *Veja*<sup>180</sup>.

## 2.6 A situação econômica no Leste Europeu entre 1985 e 1987

*Veja* não classificou como crise as condições econômicas do bloco soviético antes de 1988. Entre 1985 e 1987, suas características seriam filas e escassez crônicas de alguns produtos, o baixo crescimento, o burocratismo e centralismo exagerados. Mas ainda assim a segunda economia do mundo. Não era uma economia inviável. Mas estava se demonstrando cada vez mais como incapaz de concorrer com o capitalismo.

Em 1985 aponta que a escolha de um jovem e pouco conhecido membro do Politburo para o cargo de secretário-geral devia-se à necessidade de enfrentar de uma maneira séria esses

---

<sup>179</sup> Ouvidos atentos. *Veja*, nº 933, 23/07/1986, 66.

<sup>180</sup> Gorbachev usa a mídia para ganhar popularidade. *Veja*, nº 931, 09/07/1986, 37.

problemas. Há no texto, ao mesmo tempo em que uma análise retrovisora que já apontava que Gorbachev seria o novo líder do país, dado seu papel no encontro com lideranças ocidentais em dezembro de 1984<sup>181</sup>, um certo desconforto e surpresa com a escolha do “jovem e pouco conhecido” homem de comitê. Essa admiração pode ser explicada porque ela não acometeu apenas *Veja*, mas muitos soviólogos (BROWN, 1996, 82). Uma vez que o totalitarismo era imutável e previsível, o novo líder deveria ser outro gerontocrata, aquele que apareceu recentemente junto ao último líder em momentos importantes, e este era Grishin, quase um espelho de Chernenko. Ou alguma figura eminente da gerontocracia, como Gromyko ou Tikhonov. A perspectiva negativa e o espanto diante de um “garoto no Kremlin” são sugeridos ainda pelo silêncio do semanário em sua edição de 13/03/1985, três dias após a morte de Chernenko e dois após a ascensão de Gorbachev. Uma matéria sobre a nova liderança só apareceu na semana seguinte, em 20/03/1985.

“Desde a passagem de Yuri Andropov pelo poder em Moscou, fala-se na URSS em reformar a catatônica economia do país, e periodicamente convocam-se os trabalhadores a maior disciplina ideológica e empenho no trabalho. Em vão”<sup>182</sup>. Nas primeiras semanas de governo do novo líder soviético, considerava que ele seguiria o modelo de reforma de Andropov (VOLKOGONOV, 2008, 375; 403; PALAZHCENKO, 1997, 62; BRESLAUER, 2002, 53), primeiramente por não ser um excelente economista, em vista das safras “desastrosas” que presidiu enquanto ministro da Agricultura e, em seguida, por não destoar dos discursos dos secretários-gerais do passado. Seu discurso de posse havia sido o de praxe, o da “promessa de encorajar os cidadãos que demonstrarem de modo prático atitude honesta e consciente em relação ao dever cívico”, o que significaria premiar os melhores trabalhadores<sup>183</sup>. E estava desde já fadado ao fracasso. Se afirmava que “a URSS de Gorbachev será mais democrática, mais eficiente na economia e mais flexível no plano internacional”, cita o dissidente Zinoviev para asseverar que os planos de Andropov, que Gorbachev estaria resgatando, de “descentralização, incentivos para os trabalhadores e maior disciplina”, não pode ser aplicado, pois o sistema era coletivista, se afirmava sobre vontade das massas inertes e acostumadas ao aparelho econômico e social, com milhares de funcionários públicos e suas famílias que queriam a continuidade de seu

<sup>181</sup> Um garoto no Kremlin. *Veja*, nº 863, 20/03/1985, 68.

<sup>182</sup> Uma czarda de sucesso. *Veja*, nº 856, 03/04/1985, 55.

<sup>183</sup> Um garoto no Kremlin. *Veja*, nº 863, 20/03/1985, 69.

*status*, que mesmo essas mudanças superficiais seriam difíceis<sup>184</sup>. O modelo de sucesso no bloco, num dos poucos episódios em que a revista demarca sua diferenciação interna, seria o do regime húngaro. O exemplo oferecido é o de que invés de reformas disciplinadoras no aparelho de gestão econômica, a introdução do mercado impessoal é a verdadeira solução para os problemas econômicos. Há 6 anos a admissão “das leis de mercado, pequenas empresas privadas e o lucro individual na agricultura” fizeram todo o trabalho de modernização econômica sozinhos. Coisa que os chamados à ordem jamais farão. Aponta que:

Budapeste parece ter mais a ver com a opulência de Viena, a 240 quilômetros de distância, do que com a eterna escassez e as filas de Moscou, a 1600 quilômetros [...]. Os húngaros hoje ostentam o mais elevado padrão de vida dentre os 110 milhões de pessoas que vivem nos seis países satélites da União Soviética<sup>185</sup>.

O maior PIB da região, ao contrário do que afirma a revista, não era não o da economia de “socialismo de mercado” húngara, mas a centralizada e disciplinada economia estatal da Alemanha Oriental (BRZEZINSKI, 1990, 255). Tampouco existe qualquer referência à Polônia, a segunda economia de “socialismo de mercado” do Leste Europeu, em termos cronológicos. Esse silêncio pode ser explicado uma vez que, ao contrário de se constituir em exemplo de sucesso, teria que figurar como modelo de fracasso na introdução do mercado e na redução da presença do Estado nas relações econômicas (NOVE, 1989, 232). Assim, pode afirmar que a teimosia soviética em não seguir o exemplo húngaro tornaria difícil acreditar que sua economia voltaria a crescer em ritmo acelerado. O “planejamento da produção é tão centralizado e os preços tão artificiais” que é “tarefa hercúlea” devolver o dinamismo à economia.

Enquanto especialistas destacam a importância da crise provocada pela falta de matéria-prima nas indústrias, causada pelo esgotamento do modelo extensivo (RODRIGUES, 2006, 130, SEGRILLO, 2000, 115; POMERANZ, 1990, 23), *Veja* afirma que essa não passa de uma causa secundária para o arrefecimento da atividade econômica. “Nas fábricas, o maior problema não é a falta de matérias-primas, mas o absentéismo, a ineficiência, o alcoolismo e a indolência pura e simples”. Kádár, pelo contrário, “encoraja as diferenças”, incrementa o desenvolvimento e muda o país sem perder os privilégios existentes. “O fato, porém, é que na Hungria a liberalização econômica foi feita sem destruir o sistema e sua elite dirigente”. A adaptação magiar não é

---

<sup>184</sup> Um garoto no Kremlin. *Veja*, nº 863, 20/03/1985, 73.

<sup>185</sup> Uma czarda de sucesso. *Veja*, nº 856, 03/04/1985, 55.

apenas interna. “A Hungria dobra-se à política externa e à soberania ideológica de Moscou, mas em troca de uma considerável autonomia doméstica”<sup>186</sup>.

Dois meses depois faz uma lista dos problemas da URSS: “doenças crônicas como baixa produtividade, absenteísmo e lassidão no trabalho, uma pesada burocracia centralizadora e paralisante e, ao lado de tudo isso, problemas sociais graves como a corrupção e o alcoolismo”. A fórmula para combater esses problemas foi anunciada.

Gorbachev pediu mais ênfase nas forças do mercado, atenção às necessidades dos consumidores e maior autonomia de cada setor de produção. Nem de longe, porém, é de se esperar na URSS uma nova revolução baseada na livre iniciativa e no lucro remunerador do risco pessoal, como a que está ocorrendo com tanta rapidez na China comunista<sup>187</sup>.

O Kremlin está apenas modernizando o planejamento centralizado, que é o principal problema econômico e o retentor das forças produtivas. Como prova da culpa da planificação e estatismo viciosos cita o caso da fábrica que entregou um lote de botas com o calcanhar no lugar do bico. Mesmo a revolução que corria na China não significava que ela estaria abandonando o comunismo. Porém estaria reconhecendo a existência de mecanismos próprios do capitalismo que seriam inerentes ao funcionamento de qualquer economia, além de apontar problemas teóricos e práticos do próprio comunismo, que *Veja* faz questão de enfatizar. Como na matéria “a via chinesa: numa entrevista a *Veja*, Zhao Ziyang fala de comunismo, capitalismo, Mao Tsé-Tung e relações bilaterais”. Através da entrevista, há a crítica contundente aos radicais do passado e da ala esquerda do PCCh, à experiência da Revolução Cultural, à ortodoxia marxista, aos erros de Mao Tsé-Tung, e um louvor as reformas de mercado<sup>188</sup>. A China, tanto na crítica teórica ao marxismo-leninismo quanto na reforma econômica liberalizante, estaria bem à frente da URSS, e isso, ao contrário do que Brzezinski afirmaria em 1988 (BRZEZINSKI, 1990, 155), não a tornava menos comunista, para *Veja*. “Entenderá mal o que ocorre no país, porém, quem imaginá-lo – como às vezes sugerem as notícias que chegam ao Ocidente – transformado do dia para a noite num novo paraíso capitalista”<sup>189</sup>. Trata-se apenas de um “comunismo atualizado” – e dever-se-ia esperar que ocorresse o mesmo aos comunistas e socialistas brasileiros.

---

<sup>186</sup> Uma czarda de sucesso. *Veja*, nº 856, 03/04/1985, 55.

<sup>187</sup> Gorbachev vai à luta. *Veja*, nº 876, 19/06/1985, 37.

<sup>188</sup> A via chinesa. *Veja*, nº 896, 06/11/1985, 52-53.

<sup>189</sup> A segunda revolução. *Veja*, nº 881, 24/07/1985, 45.

*Veja*, inicialmente vê as reformas pretendidas por Gorbachev como de pequena monta, mencionado brevemente experiências anteriores fracassadas. De fato, além das grandes reformas sob Kruschev, depois de 1965 teriam lugar ainda três cautelosas tentativas de reforma descentralizante e de racionalização sob Brejnev, duas das quais sob a batuta do reformador presidente Kossíguin (BROWN, 2010, 369; 403-404). Mas, apesar dos esforços do presidente, com uma minoria de adeptos, as medidas ficaram emperradas no Politburo (PLOSS, 2010, 122). *Veja* previu o mesmo destino de fracasso e resistência dos demais líderes componentes do órgão máximo do país, e ao retorno ao antigo sistema totalitário, imutável. A rápida tomada de poder dentro do Politburo<sup>190</sup>, além da própria formação pessoal de Gorbachev, poderiam, entretanto, invalidar essa previsão.

Há quem veja com ceticismo as chances de sacudir com reformas limitadas a emperrada burocracia soviética, algo que já foi tentado no passado. Gorbachev, contudo estaria mais bem posicionado do que qualquer outro dirigente soviético do passado para tentar transformar seu país numa potência econômica, em pé de igualdade com seu poderio militar<sup>191</sup>.

Da mesma forma que as mudanças na conduta externa eram “cosméticas”, as reformas econômicas não poderiam passar além da superfície do sistema. Assim a URSS abria as portas para 32 fábricas da grife Pierre Cardin. A ortodoxa Bulgária já as possuía desde 1981. A China, desde 1984.

Em poucos territórios o atraso soviético é tão visível como no do vestuário. Produzidos em série, os modelos de roupas disponíveis na URSS [...] são, invariavelmente, pesados e cinzentos – seguindo o figurino pós-revolucionário, que considerava a elegância um vício burguês<sup>192</sup>.

Mas a profundidade das reformas seria tão restringida à aparência quanto o vestuário. Isso “pode ser visto como mais um indício dos novos ares de modernização que sopram em Moscou sob o comando de Gorbachev”. O êxito da modernização limitada é pouco esperado. “Numa sociedade cujo governo proíbe listas telefônicas e máquinas xerox, temeroso de que sejam usadas para fins subversivos, qualquer campanha de modernização mais ampla pode tonar-se uma armadilha perigosa”<sup>193</sup>. O objetivo de Gorbachev seria circunscrito a uma reforma

<sup>190</sup> Retomada do diálogo. *Veja*, nº 898, 20/11/1985, 69.

<sup>191</sup> LEITE, Paulo Moreira. O espírito de Genebra. *Veja*, nº 899, 27/11/1985, 71.

<sup>192</sup> *Veja*, nº 903, 25/12/1985, 36.

<sup>193</sup> *Veja*, nº 903, 25/12/1985, 36.

baseada em levar os “soviéticos a sacudir a letargia da máquina burocrática, acelerar a produção e transformar a URSS numa potência econômica de primeira linha”<sup>194</sup>.

As comparações com Krushev vêm depois, principalmente com o demolidor relatório do XXVII Congresso do PCUS, em 1986. Agora a impressão é que as reformas são mais profundas, talvez até mais do que as do antigo secretário-geral, e como ele, o caminho mais provável era o do fracasso e o da deposição pelos conservadores e o retorno à imutabilidade totalitária.

O sistema soviético é notório pela sua inércia, uma máquina econômica que funciona em baixa voltagem, com graves gargalos na produção e distribuição de bens. Mas a contrapartida das filas para compra de alimentos e escassez de bens duráveis é a garantia de emprego. Nem trabalhadores nem burocratas são demitidos por incompetência, e a maioria é avessa a mudanças que ponham em risco tal estabilidade. Compara o cientista político Seweryn Bialer, da Universidade de Columbia, nos EUA: “Depois do terror stalinista, Krushev devolveu aos líderes soviéticos o direito de continuarem vivos, mesmo quando em desgraça. Seu sucessor, Brejnev, devolveu-lhes a estabilidade no emprego”. Assim, azeitar a engrenagem para torná-la mais eficiente, como pretende Gorbachev, seria um desafio equivalente a fazer um elefante dançar<sup>195</sup>.

Analogia que dá espaço para sugerir que Gorbachev irá falhar. Se há contrapartidas benéficas no sistema para sua baixa competitividade, são essas mesmas que provocam sua própria deficiência – o caráter de funcionalismo público generalizado, que *Veja* tanto deplora (SILVA, 2009, 49-51).

Com o XXVII Congresso do PCUS, de fevereiro de 1986, Gorbachev teria deixado de ser um reformador tímido e superficial, como Yuri Andropov o foi, para superar até mesmo o arrojo das propostas de Nikita Krushev.

Não foi por acaso, afinal, que o dirigente soviético marcou a abertura do 27º Congresso para o dia 25 de fevereiro – a mesma data do início do histórico congresso de 1956 [...] Nunca antes, porém, Gorbachev fora tão claro em seu repúdio ao imobilismo da era Brejnev<sup>196</sup>.

Ou na “necessidade de mudanças que resultem num melhor desempenho da economia soviética” que *Veja* lembra, citando Gorbachev, que passam pela superação da “inércia e imobilismo das formas e métodos de administração, o declínio do dinamismo em nosso trabalho e o aumento da burocracia – todos estes, fatores que causaram grandes danos”. Medidas que o semanário entende como necessárias para qualquer economia, principalmente a do Brasil

<sup>194</sup> SANTA CRUZ, Selma. A ascensão de Gorbachev. *Veja*, nº 904, 01/01/1986, 71.

<sup>195</sup> *Idem*, 72.

<sup>196</sup> De olho no futuro. *Veja*, nº 913, 05/03/1986, 50.

(SILVA, 2009, 35). Não é à toa o título da reportagem ser “De olho no futuro”. Porém isso não significa o início ou o sucesso futuro das reformas, como aponta ao citar os especialistas Charles Bettelheim, ocidental, e Roy Medvedev, dissidente<sup>197</sup>. Se as mudanças na liberdade de expressão e informação promovidas pela glasnost já se sentiam,

Os ventos de reforma de Gorbachev, porém, ainda não atingiram os problemas fundamentais do país. A ineficiência crônica da economia, aliada à baixa dos preços do petróleo que fez a URSS perder cerca de 10 bilhões de dólares no ano passado, freou em 3,1% o crescimento econômico soviético em 1985 – a segunda taxa mais baixa desde a II Guerra Mundial<sup>198</sup>.

Gorbachev pretende atrelar os salários à produtividade, a liberação da venda do excedente agrícola no mercado, mas “nada disso deverá sequer arranhar a centralização do planejamento da economia soviética”, no momento. *Veja* previu que a centralização seria alterada já em 1987 e abolida totalmente em 1989 – uma boa análise tendo em vista que a Lei de Empresas Estatais foi aprovada em 1987, a do arrendamento privado da terra passou em 1988 e o Plano Quinquenal foi eliminado em 1989 (RODRIGUES, 2006, 229), mas que certamente não pensava em mudanças tão profundas. O próprio Gorbachev, falando a assessores econômicos de países da Europa Oriental, em 1985, advertiu:

“Alguns de vocês veem os mecanismos de mercado como salva-vidas de suas economias. Mas, camaradas, vocês precisam pensar não nos salva-vidas, e sim no navio – e o navio é o socialismo”, e Ligachev, chefe ideológico do PCUS, advertiu que isso não significa “uma guinada para a economia de mercado ou para a iniciativa privada<sup>199</sup>”.

A campanha de combate à corrupção teve um tratamento especial pela revista, como no subtítulo “Gorbachev: mostrando o inferno aos burocratas”. O fuzilamento de diretores de estoques e do comércio varejista por desvio e roubo da produção, ocorridos entre 1985 e 1986, que poderia ser acusado de retorno ao stalinismo, jamais é retratado como tal.

“O suborno é o pior inimigo da revolução”. Ao fazer essa afirmação, Lenin jamais poderia imaginar que, 69 anos depois de implantado o regime comunista na URSS, os russos tivessem no seu cotidiano palavras de uso obrigatório como *na levo* (por baixo do pano) ou *blat* (termo aproximado de nosso “pistolão”) [...]. Na verdade, o suborno e a corrupção, produtos da burocracia do imenso aparelho estatal soviético, incorporaram-se de tal modo no dia-a-dia do cidadão russo que o governo resolveu lançar na semana passada mais uma campanha para tentar acabar com isso [...]. As disposições agora

---

<sup>197</sup> De olho no futuro. *Veja*, nº 913, 05/03/1986, 51.

<sup>198</sup> *Idem*, 51.

<sup>199</sup> *Idem*, 51.

baixadas ameaçam aplicar plenamente as rigorosas punições previstas nas leis soviéticas, que chegam até mesmo a pena de morte nos casos mais graves<sup>200</sup>.

O suborno e a corrupção são produtos da burocracia, ou seja, não deveria aparecer ou não seria natural, em ambientes desburocratizados, como o atual sistema financeiro dos EUA. É a tendência adotada tanto por jornalistas como especialistas: os problemas no mundo capitalista são naturalizados enquanto que os dos países socialistas são, inversamente, atribuídos ao sistema, mesmo quanto a corrupção – talvez os escandinavos não tenham palavras próprias para esta ação, mas mesmo os estadunidenses as tem – mas isso a revista não lembra ou não quer lembrar. A ideia que permanece é de que, ao contrário do resto do mundo, a corrupção é tão profunda e arraigada nos hábitos que necessita de palavras próprias.

A corrupção envolve desde o cidadão comum até os altos funcionários do governo. A ineficiência na produção de bens, a precariedade do sistema de distribuição, a falta de estímulos aos funcionários e as regalias dos altos dirigentes criaram um mecanismo social e econômico emperrado, que só se move azeitado pela distribuição de propinas em todos os escalões<sup>201</sup>.

Também se serve de charges, como a sátira do jornal russo *Krokodil* – “na repartição pública: “Vim falar com o camarada funcionário de peito aberto”” – com rublos saindo da camisa. Era o ambiente das empresas estatais e do funcionário público como propício ao crime e a ineficiência – tudo que *Veja* deseja mostrar.

A mesma visão se repete quando o genro de Brejnev foi preso por corrupção. O sistema público é visto como fonte estrutural para subornos, corrupção e nepotismo, mais ainda administrado por um único partido político. O Partido Comunista era a própria culminância de todas as características burocráticas e estatais. Gorbachev promovia “um apertão no cerco aos círculos mais íntimos de Brejnev, cujos dezoito anos de poder absoluto na União Soviética estão sendo expostos a um descrédito cada vez mais acelerado. “Foi um período de extrema licenciosidade”, chegou a comentar o *Pravda*”<sup>202</sup>.

O tema retorna com a matéria “faca afiada: militares caem sob acusação de corrupção”. Um mês depois de um jovem alemão ocidental que, a bordo de seu Cessna, passou indetectado pelas defesas do Pacto de Varsóvia até quase colidir com as fachadas das lojas de departamentos na Praça Vermelha e pousar tranquilamente em frente à catedral de São Basílio, a velha guarda

<sup>200</sup> Linha dura. Veja, nº 926, 04/07/1986, 63.

<sup>201</sup> Linha dura. Veja, nº 926, 04/07/1986, 63

<sup>202</sup> Cerco apertado. Veja, nº 962, 11/02/1987, 46.

dentro do Exército Vermelho foi expurgada, ou como *Veja* prefere, substituída<sup>203</sup>. “O líder Mikhail Gorbachev continuou na semana passada a degolar dos chefes militares responsáveis pelo fiasco que jogou sérias dúvidas sobre a eficácia da defesa do país”. Há a denúncia de que os chefes utilizariam soldados até para serviços particulares, como construção de casas<sup>204</sup>.

A investigação do caso revelou, além da inépcia [...] uma malha de corrupção, burocracia e indisciplina nos gabinetes militares de Moscou igual à que a campanha de Gorbachev pelas reformas vem encontrando em toda a máquina estatal soviética. “Em todo lugar há uma atmosfera de complacência, fanfarronice, autossatisfação e falsas aparências”, disparou Boris Yeltsin, chefe do Partido Comunista em Moscou e um dos mais vigorosos defensores da política de Gorbachev<sup>205</sup>.

O que *Veja* não comenta é que a expulsão do marechal Sokolov permitiu a ascensão de Akhromeiev, muito mais disposto a seguir as orientações de Gorbachev (BROWN, 1996, 231) e a fazer concessões para a assinatura do Tratado INF, poucos meses depois. Ao cenário de corrupção e ineficiência desmascarados com a glasnost, *Veja* contrapõe outro bem diferente. O avanço das reformas é tratado na matéria com o sugestivo nome de “Paraíso à vista”<sup>206</sup> – mas o paraíso não era estatal e com direção centralizada. Gorbachev estaria “vendendo uma nova imagem” do país no exterior. Pacifista real e não meramente formal, respeitador dos tratados internacionais, com liberdades individuais mínimas, e de modernização econômica acelerada, tentando acompanhar o Ocidente. A promessa era de aumentar a renda soviética em 80% até o ano 2000. Baseia-se em duas páginas de publicidade pagas pelo governo soviético no *Herald Tribune*, contendo o reconhecimento do atraso do país, da necessidade de mudanças, dos objetivos de extinguir as filas, de novas relações econômicas com o Ocidente, com a introdução das joint-ventures. Para *Veja* “não é uma evolução, é uma revolução”. Acompanhou as gravações de um documentário para a TV de Moscou sobre a futura instalação do McDonald’s:

O programa mostrou as lanchonetes em funcionamento nos Estados Unidos, destacando a limpeza, a qualidade da comida e a rapidez no serviço como principais atrativos. “Mesmo na hora do almoço, multidões vão ao McDonald’s e não há filas”, contou o narrador do filme para um público acostumado a longas esperas em restaurantes, alguns dos quais, seguindo anedota corrente em Moscou, chegam a pendurar na porta, ao meio-dia, um aviso: “Fechado para almoço”. Outra cadeia americana de alimentos – a Pizza Hut – está negociando a construção de 100 pizzarias em várias cidades da União Soviética<sup>207</sup>.

<sup>203</sup> Livre para voar. *Veja*, nº 979, 10/06/1987, 64.

<sup>204</sup> Faca afiada. *Veja*, nº 981, 24/06/1987, 55.

<sup>205</sup> Faca afiada. *Veja*, nº 981, 24/06/1987, 55.

<sup>206</sup> Paraíso à vista. *Veja*, nº 950, 19/11/1986, 72.

<sup>207</sup> Paraíso à vista. *Veja*, nº 950, 19/11/1986, 73.

O relacionamento de Gorbachev com as pizzas Hut é bem mais antigo do que sua carreira de garoto-propaganda<sup>208</sup>. É com espanto reduzido que trata da Lei do Trabalho Individual na matéria “pequenos burgueses”, mas inverte sua posição anterior e não fala mais em revolução, mas apenas em reconhecimento de uma situação já existente, bem como de novas leis com a marca da ousadia do secretário-geral, que, como suas outras medidas, dificilmente iriam se traduzir em avanços econômicos. Porém era exatamente sobre a Lei do Trabalho Individual que a Lei de Cooperativas, que tanto chamaria a atenção de *Veja* em 1987-1988, seria criada. “Desde sempre a vida foi assim, como forma de vencer as filas e suprir a carência e a morosidade dos mecanismos econômicos oficiais”. A Lei do Trabalho Individual entraria em vigor no próximo 1º de Maio. Moscou meramente promovia a legalização da iniciativa privada que sempre existiu na clandestinidade.

Na verdade, só o tempo dirá em que profundidade o dia-a-dia soviético será alterado pela nova legislação. Como tantos outros episódios, a “lei do trabalho individual” por enquanto é mais um enigma da Era Gorbachev – este período em que, sob a liderança do secretário-geral Mikhail Gorbachev, mais se anunciam ou se esperam novidades do que propriamente elas são concretizadas na prática.

Quando se tem em conta que a URSS é um país em que sempre existiu o *chastnik* (trabalhador individual), responsável por uma atividade clandestina febril, começam as dúvidas sobre o alcance da nova lei. Segundo alguns, ela não fará mais do que legalizar o já existente – uma economia subterrânea que, segundo cálculos do *Izvestia*, jornal do Soviete Supremo, emprega 20 milhões de pessoas, dentro de uma força de trabalho de 129 milhões<sup>209</sup>.

A economia subterrânea, por sua vez, também é composta por um mercado negro de trabalho – feito com ferramentas e matérias-primas desviadas, por roubo e suborno, como explica o autor do termo “segunda economia”, Gregory Grossman, citado e comentado por *Veja*:

A nova lei, invés de despressurizar a economia, não servirá, ao contrário, para aumentar o controle do Estado sobre ela – uma vez que o trabalhador individual deverá obter sua licença, pagar impostos e se submeter a certos controles. O esforço pode ser mais no sentido de enquadrar e moralizar a economia do que em liberalizá-la.

Não se pode supor, no entanto, que as tímidas inovações em curso na URSS signifiquem que o país esteja caminhando para o capitalismo [...] Por esse raciocínio, o Brasil, com o grau de estatização que já atingiu, estaria hoje muito mais próximo do comunismo do que a URSS do capitalismo – uma suposição que está longe de ser verdade [...]. O que Gorbachev quer, claramente, é eficiência e produtividade, até por uma questão de salvação do sistema. A dúvida é saber a custo de que concessões e que aberturas<sup>210</sup>.

<sup>208</sup> Após ser apeado do poder e se transformar em fantasma político, Gorbachev encontrou em palestras e campanhas publicitárias (entre outros, a pizza Hut e as malas Louis Vuitton) sua nova fonte de renda.

<sup>209</sup> Pequenos burgueses. *Veja*, nº 951, 26/11/1986, 80.

<sup>210</sup> Pequenos burgueses. *Veja*, nº 951, 26/11/1986, 80.

*Veja* começa a ter expectativas de grandes anúncios liberalizantes e, muitas vezes, acaba frustrada com as declarações, leis e discursos efetivos. Essa decepção se manifesta com a minimização das mudanças, que sinalizam para a própria mudança de função do Estado que seria executada entre 1988 e 1991, e com a elevação das críticas aos reformistas e seu programa. É o caso da declaração que o Estado se preparava para ampliar seu controle sobre a economia privada, antes clandestina, e intimidaria a iniciativa particular, como sugerem as condenações de 100 mil pessoas envolvidas com desvios de conduta econômica<sup>211</sup>. Tudo aquilo que *Veja* condena. De fato, Gorbachev havia aumentado as vagas e os poderes da burocracia e da atuação do Estado nos meses anteriores (MEDVEDEV, 1987), sofrendo uma profunda inflexão a partir desse momento em direção à supressão do Estado e do partido na condução econômica e ao incentivo da iniciativa individual e do lucro.

O semanário já havia identificado anteriormente os adversários das reformas como os conservadores dentro do Kremlin e do aparato estatal. Na entrevista com o gorbachevista poeta siberiano Yevgeny Yevtuchenko, *Veja* novamente pergunta a composição dos adversários de Gorbachev.

VEJA – Quem é contra a abertura dentro da União Soviética?

YEVTUCHENKO – Fundamentalmente, os incompetentes. Antes, eles ocupavam cargos e posições sem enfrentar qualquer competição. Através da adulação ou do relacionamento com as pessoas certas, eles iam subindo e mudando de vida. Agora eles estão ameaçados pela competição: há mais de um candidato para um só cargo, e é escolhido aquele que for melhor para desempenhar as funções. É óbvio que os incompetentes se sentem ameaçados por esses novos procedimentos e agem contra ele.

VEJA – Os burocratas, os funcionários do Partido Comunista e do governo que têm alguns privilégios, eles também são contra a abertura?

YEVTUCHENKO – Sim, eles são contra. Mas de uma maneira um pouco mais complexa do que se pensa no Ocidente. Não existe, na União Soviética, um abismo entre o modo de vida de um privilegiado e o de um cidadão comum [...], frequentemente o burocrata privilegiado está apenas defendendo a vantagem de ter uma poltrona confortável. Acredito que os incompetentes lutarão mais contra a abertura do que alguns desses pequenos burocratas<sup>212</sup>.

A indução de *Veja* para que o entrevistado faça coro à construção da imagem de certos setores sociais é atendida apenas em parte. Yevtuchenko está bem próximo das ideias mais complexas de Lewin (LEWIN, 1988, 88; 102), levantadas sobre as pesquisas acadêmicas soviéticas de meados dos anos 1980. Mais do que a burocracia, aqueles que eram refratários à

<sup>211</sup> Pequenos burgueses. *Veja*, nº 951, 26/11/1986, 83.

<sup>212</sup> YEVTUCHENKO, Yevgeny. A liberdade chegou. *Veja*, nº 965, 04/03/1987, 5-8. Entrevista por Mário Sérgio Conti.

reforma estariam dispersos por diferentes grupos sociais. Tal análise não interessava a revista, que não mais usou Yevtuchenko ou suas ideias nas edições seguintes.

Esse é o período da *uskorenie*, aceleração (FERREIRA, 1990, 46). A perestroika, ou reforma radical, e a glasnost em bases amplas, já se confundindo com a “demokratizatsiya”, só apareceriam ao longo do ano de 1987 (BRZEZINSKI, 1990, 70), apesar dos três termos já constarem no discurso político de Gorbachev tão cedo quanto 1984 (BROWN, 1996, 121). A abordagem de *Veja* sofreria mudanças tão abruptas e fundamentais quanto o próprio programa de Gorbachev.

## 2.7 A glasnost de 1985 a 1987

Podem-se identificar duas fases na compreensão da glasnost por parte de *Veja*. De 1985 até meados de 1987 tratava-se de um relaxamento na “glavlit”, a censura, na permissão de uma maior circulação interna e externa de informação e na maior liberdade criativa e de expressão, onde se confundia com a liberdade de iniciativa das propostas ainda em formação da perestroika. De meados de 1987 em diante *Veja* a confunde com outra reforma fundamental, a “demokratizatsiya”, democratização, aumento das liberdades individuais e dos direitos e participação política. Na primeira fase ela não percebe a autolimitação e diminuição das atribuições do partido que vinha ocorrendo (MLYNAR, 1986, 154). Na segunda, ela afirma que a separação entre Estado e partido está ocorrendo, mas este não tem qualquer intenção de perder o monopólio do poder, até ceder diante das pressões das massas em 1990. A primeira fase seria a da formulação da crítica reformista liberalizante contra o socialismo real e suas características estatizantes, burocráticas, centralizadoras, igualitaristas. Da revelação da “verdadeira” situação da URSS. A segunda seria a das explosivas revelações do passado do sistema e de sua condenação total.

Se *Veja* afirmava logo após a ascensão do novo secretário-geral que “a URSS de Gorbachev será mais democrática”<sup>213</sup>, não dava maiores detalhes sobre que tipo de democracia seria essa, mas permite sugerir, nas reportagens seguintes, que tratar-se-ia de uma maior

---

<sup>213</sup> Um garoto no Kremlin. *Veja*, nº 863, 20/03/1985, 73.

liberdade de circulação de informação necessária à agilização da economia. Mas a seriedade dessa reforma é posta em dúvida.

Há, segundo as análises que circulam em Moscou, a possibilidade que a nova liderança se engaje em mudanças concretas – e o próximo congresso do PC, previsto para fevereiro do ano que vem, seria a ocasião para o anúncio de reformas econômicas, no quadro de um novo programa partidário<sup>214</sup>.

Apenas no fim de 1985 *Veja* percebe que a abertura está afetando a censura e a circulação de informação não-técnica ou fora do local de trabalho, que os soviéticos estão recebendo um noticiário mais completo e variado e com menos interferência dos órgãos de controle do governo sobre as condições de seu próprio país e do desconhecido estrangeiro.

Se depender de Gorbachev, [os soviéticos] terão provavelmente acesso também, em breve, a uma imprensa mais arrojada. O secretário-geral criticou semanas atrás o aspecto sisudo e o tom oficialista dos jornais soviéticos. Só não se sabe até que ponto o regime poderá promover mudanças *cosméticas* sem despertar na população o apetite por transformações mais radicais. Numa sociedade cujo governo proíbe listas telefônicas e máquinas xerox, temeroso de que sejam usadas para fins subversivos, qualquer campanha de modernização mais ampla pode tonar-se uma armadilha perigosa<sup>215</sup>.

Essa foi a primeira citação de uma abertura mais ampla. Mas ainda assim o tom é o de “mudanças cosméticas”, um termo também usado pelo jornal *O Globo* (COSTA, 2008, 145-146) e por Seweryn Bialer (BIALER, 1986, 91), que acompanhariam também as questões econômicas e diplomáticas – uma mudança confinada à um novo estilo, mas nada além disso.

A maior dimensão das reformas só ficou patente para *Veja* com o relatório ao XXVII Congresso do PCUS, no início de 1986, em que a crítica ao passado do país foi escancarada de maneira estrondosa. Também foi elaborado um vago programa de metas até o ano 2000. Era a matéria “De olho no futuro: no congresso do PC soviético, Gorbachev exhibe o seu poder e faz críticas a governos passados”.

Gorbachev formalizou, na terça-feira passada, o enterro dos dezoito anos de marasmo e má administração que Leonid Brejnev instalou na URSS [...] de crítica em crítica, Gorbachev foi compondo um desastroso epitáfio para o longo reinado de Brejnev<sup>216</sup>.

*Veja* apresenta como marcas da mudança a campanha contra o álcool e a corrupção, os “jornais, que hoje publicam acusações e comentários impensáveis um ano atrás”, ou a discussão via satélite entre moradores de Leningrado e Seattle. Se assinala que Gorbachev fez ironias com a

<sup>214</sup> Gorbachev vai à luta. *Veja*, nº 876, 19/06/1985, 36.

<sup>215</sup> *Veja*, nº 903, 25/12/1985, 36.

<sup>216</sup> De olho no futuro. *Veja*, nº 913, 05/03/1986, 50.

ortodoxia leninista, lembra também que “recitou surrados chavões sobretudo em política externa, com as críticas de sempre aos EUA e ao imperialismo, que chamou de “o mais feio e perigoso monstro do século XX””. A maior marca das propostas e ações da nova liderança até o momento era a da ambiguidade.

O cardápio misto – promessas de mudanças temperadas por concessões a antigos princípios – não esclarece o que realmente fará Gorbachev com o poder que acumulou nestes últimos meses [...] Estudiosos da União Soviética, que já ouviram a cantilena reformista em outros momentos do regime, preferem ver para crer<sup>217</sup>.

Os conceitos com significados ambivalentes que Gorbachev usou durante as fases iniciais de seu governo não foram notados apenas pelo semanário. Brown destaca o uso sistemático da dubialidade em suas palavras. Mas enquanto *Veja* percebe apenas hesitação e propaganda, Brown, retrospectivamente, vê o único meio de se promover reformas sem alarmar os conservadores (BROWN, 1996, 124). Para *Veja*, Gorbachev é reformista, mas principalmente no estilo. Não fará ou não conseguirá promover grandes reformas. Não tem expectativas quanto a isso e acredita que Gorbachev também não as tem, realisticamente – o que se torna um mero instrumento da propaganda e do “novo estilo”. Entretanto é mais um sinal de movimento do socialismo em direção às reformas que *Veja* prefere classificar como capitalistas ou concessões ao capitalismo e ao ataque à ortodoxia e aos radicais – se os maoístas já encontravam enormes pressões agora era a vez dos PCs ligados a Moscou e a esquerda como um todo por desaparecer se não o último baluarte, o mais importante defensor e símbolo do socialismo real e inspiração para estatistas – a propaganda de Gorbachev contra os conservadores é a mesma propaganda que ela precisa para lançar contra os setores avessos ao neoliberalismo, pois mesmo se limitadas, em princípio as reformas pretendem liberalizar a econômica e não a centralizar ou regulamentar mais ainda. Quanto ao cenário internacional e a retórica de Gorbachev, lamenta que este não a tenha alterado, fazendo as concessões que Reagan pretende ganhar por meio da pressão. Para ela, ainda assim existe o “novo estilo” midiático da liderança soviética que prende a atenção do público e aquece as vendas de notícias pelas expectativas que Gorbachev provoca, mesmo que não concretizadas. Ainda assim acontecimentos importantes passaram despercebidos por *Veja*. Fazer gracejos com Lenin durante o discurso do XXVII Congresso do PCUS<sup>218</sup> era algo bem mais importante do que uma mera novidade. Gorbachev, ao se confundir com as páginas de seu

---

<sup>217</sup> Idem, 50.

<sup>218</sup> De olho no futuro. *Veja*, nº 913, 05/03/1986, 50.

discurso de 8 horas, disse que havia pulado algumas das mais brilhantes ideias de Lenin. Os redatores de *Veja* não compreenderam a contundência do “bom-humor” de Gorbachev (BROWN, 1996, 97), que procedia a uma “dessacralização” da ideologia oficial (BROWN; SHEVTSOVA, 2004, 83). Foi muito mais que algo inaudito o secretário-geral do PCUS fazer uma brincadeira com Lenin em um congresso do partido. Iniciou-se a partir daí a revisão ideológica promovida por intelectuais, artistas, ativistas, políticos e pelo próprio Gorbachev. Outros processos em desenvolvimento na época, como a dispersão do movimento comunista nos países desenvolvidos, chamaram a atenção de *Veja*.

A fragmentação ideológica foi tratada como o reconhecimento por parte dos próprios partidos comunistas de que o marxismo-leninismo estava errado, o que teria provocado uma debandada dos PCs europeus ocidentais em direção à socialdemocracia e à “modernização”. É o tema da reportagem “Adeus, foice e martelo: a Europa Ocidental dá as costas ao comunismo e o PC italiano reage com uma guinada na direção da social democracia”.

Um fantasma não ronda mais a Europa: o fantasma do comunismo. Adeus projeções de que um dia a foice e o martelo ainda se imporiam em países como a França e a Itália. Adeus mitos como o de que o dogma marxista-leninista representava inexoravelmente o futuro. A grande novidade, na próspera Europa Ocidental destes anos 80, é que a ideia comunista acabou. Em países que durante quase todo este século tiveram suas vidas políticas reguladas pela hipoteca marxista, viceja agora o pós-comunismo, sem ter jamais conhecido o comunismo. A hipoteca foi resgatada – e o ocaso comunista surge com tal nitidez história que acaba até por provocar nostalgia<sup>219</sup>.

O PCI se definiu como partido moderno e reformador, seu secretário-geral no congresso do partido não citou uma vez sequer Lenin ou Marx, ao contrário de Kennedy e Roosevelt, presentes do discurso. O PCF caiu dos 26% do eleitorado francês para menos de 10%, uma “posição marginal”. Com o subtítulo “lixo da história”, aponta que o PCI, para não perder seu capital acumulado, retornará à prática de “drásticas viradas de rumo em que o PCI é especialista”, agora na forma da “descomunização” – o abandono do movimento comunista internacional pela união ampla das esquerdas, principalmente com os sociais-democratas. “Com a cautela e a sutileza que caracterizam a fina tradição política italiana desde Maquiavel, o que os comunistas italianos estão preparando é o salto formidável de jogar o comunismo no lixo da História”. “A anemia comunista é profunda e estrutural” e não seria mudada com novas eleições. Esse declínio se deu em duas etapas: a primeira na confrontação com a realidade de que não havia mais espaço

<sup>219</sup> Adeus, foice e martelo. *Veja*, nº 919, 16/04/1986, 42.

para a revolução na Europa Ocidental, a segunda com a falência da ideia que substituiu essa – de que invés da revolução, os PCs chegariam ao poder pela via eleitoral. O Eurocomunismo é passado e as chances comunistas irão minguar tanto quanto a indústria tradicional der lugar aos serviços e alta tecnologia. Mais do que a rigidez das lideranças, o PCF “acabou porque é comunista, e comunismo hoje, na Europa Ocidental, é algo descartado como ineficiente, repressor e incapaz de promover a justiça social”.

Tais partidos só tiveram significado ao fim da Segunda Guerra, “quando a URSS emergia com a mística de potência vencedora e os comunistas locais estavam associados ao heroísmo da resistência ao nazismo”. “Misticismo” supõe ao distanciamento da realidade e “associados” supõe uma ligação indireta. “Modernidade é o quadro da alternância de poder entre uma esquerda democrática e uma direita conservadora, sem traumas nem violência.” O PCI sonha em “esconjuram” o marxismo. Cogita-se mudar o nome do partido, já que “eles sabem que o comunismo morreu, na Europa Ocidental. Viva a social democracia”<sup>220</sup>. Como explicação para a continuidade do poder político do PCI credita o fato às mudanças repentinas no programa do partido, na independência de Moscou e na maior proximidade com a democracia liberal. Comunismo virou coisa do Terceiro Mundo. Ou então era inerente ao Leste Europeu. Mas mesmo aí se modernizava e ganhava um novo estilo. O tema da desilusão com a reforma social e o socialismo é novamente abordado no anúncio do livro *Rumo à Estação Finlândia*<sup>221</sup>.

Para *Veja*, a limitação estritamente instrumental da abertura de informações aparece em “um salto arriscado: ao estimular o uso dos computadores, o governo abre um flanco no controle das informações”.

A revolução que se acelerou nos últimos meses para responder ao impulso de modernização decretado por Gorbachev, começa ao mesmo tempo a abrir uma fresta num dos pilares de sustentação do regime comunista desde sua implantação em 1917 – o fechadíssimo sistema de controle da informação e da vida dos cidadãos soviéticos<sup>222</sup>.

Ainda segundo o semanário, a URSS entrara atrasada na era da informática, mas prevê, segundo os planos do secretário-geral, expostos no XXVII Congresso do PCUS, um milhão de computadores nas 60 000 escolas do país, até 1990. O problema é que a URSS teria apenas 10% do número de grandes e médios computadores que os EUA possuíam, e uma pequena fração dos computadores pessoais. Também não produziria um computador pessoal adequado ao uso em

<sup>220</sup> Adeus, foice e martelo. *Veja*, nº 919, 16/04/1986, 42.

<sup>221</sup> *Veja*, nº 946, 22/10/1987, 120.

<sup>222</sup> Um salto arriscado. *Veja*, nº 944, 08/10/1986 54.

escolas e os países que o fabricam “estão proibidos de exportar para os soviéticos”, sem citar por quem ou por que motivo. Ainda assim o grande desafio seria outro, o de manter o controle de informação, impedir o uso das impressoras para publicação de informação avessa aos interesses do governo, com a mesma eficiência com que foi feita a suspensão da discagem interurbana direta em 1982 ou de manter fotocopiadoras sob segurança em salas trancadas. No momento, as aulas eram ainda apenas teóricas – já transcorrido um ano do início do programa de informatização, e as entregas às escolas estariam muito baixas. Junto com o arrojo das medidas, as dificuldades para concretizar a reforma são vistas como aspecto essencial pela revista.

Para *Veja*, o governo teria que ser flexível para permitir a transferência da informação necessária de forma ágil, ao mesmo tempo em que controla as demais, dispensáveis. Do contrário ocorrerá o mesmo que a abertura para vídeos-cassetes – usados para ver filmes estadunidenses, certamente com um impacto político negativo para o regime. O mesmo caso se repete com as antenas parabólicas. Ainda assim, ou o sistema se abre, ou perderá a corrida tecnológica com o Ocidente<sup>223</sup>. Tal afirmação indica que a revista ainda via a União Soviética dentro do páreo, o que mudaria nos anos seguintes.

A primeira menção à *glasnost*, com a citação do termo em russo, ocorre ainda em 1986<sup>224</sup>. Já da *perestroika* é tão tardia quanto 1987<sup>225</sup>. A diferença de tempo entre a aparição de uma e de outra pode ser atribuída a importância relativa de cada programa em determinada época. Inicialmente ambas estavam subordinadas à maior ambição de Gorbachev, a *uskorenie* – o aumento quantitativo da produção (VOLKOGONOV, 2008, 404). A *glasnost* foi rapidamente requerida e testada pela intelligentsia do país e ganhou importância maior em 1986. Já a *uskorenie* foi definitivamente abandonada apenas em 1987, substituída pela *perestroika*, que deixou de significar apenas “reforma” para ser “reforma radical” (BROWN, 1996, 310) ou “reconstrução” e a partir do verão de 1988 em transformação sistêmica (BROWN, 2010, 485). Em 1988 ambas passaram a perder parte de seu espaço frente ao novo programa de *demokratizatsiya*, que não chegou a receber o termo em russo por *Veja*, como também os termos *samoupravlenie* (BROWN, 1996, 79) ou *khozraschet* (MLYNAR, 1987, 178), que abriram espaço para o arrendamento de fábricas e clínicas e então iniciar a *privatizatsia*. Além desse tripé,

---

<sup>223</sup> Um salto arriscado. *Veja*, nº 944, 08/10/1986 54.

<sup>224</sup> A tesoura perde o fio. *Veja*, nº 931, 09/07/1986, 36.

<sup>225</sup> Ponte queimada. *Veja*, nº 964 25/02/1987, 50.

internacionalmente propunha o *myshlenie famosnovoe* (LÉVESQUE, 1997, 25), o novo pensamento, que também não foi citado em russo pela revista. Antes da popularização do vocábulo russo, *Veja* preferia falar em “abertura” – um termo muito usado no Brasil poucos anos antes. O fim da censura, as maiores garantias para a liberdade de expressão, a maior independência dos poderes, as eleições concorridas anunciadas em 1988, permitiram a ela afirmar durante a visita de Sarney ao Kremlin que houve uma aproximação entre Brasil e URSS baseada na mudança de ambas as nações<sup>226</sup>.

A identificação da *glasnost* com o fim da Glavlit está presente na matéria “A tesoura perde o fio: escritores aproveitam o abrandamento da censura à imprensa e os sinais de abertura de Gorbachev para pedir a reabilitação de Boris Pasternak”.

Ao assumir o comando do Kremlin, em março de 1985, o líder da União Soviética, Mikhail Gorbachev, anunciou que de sua lista de prioridades constava a intenção de promover na sociedade soviética uma maior abertura – *glasnost*, em russo. Passados dezesseis meses, são cada vez mais frequentes os sinais de que, pelo menos no que diz respeito à informação, Gorbachev está tentando passar da palavra aos atos. Os dissidentes continuam silenciados e não se admitem críticas ao regime, mas o noticiário de televisão tornou-se mais vivo e os dois principais jornais, *Pravda* e *Izvestia*, passaram a estampar em suas primeiras páginas reportagens de verdade, em vez de entediantes artigos e comunicados oficiais de praxe. Na semana passada, o regime soviético deu mais um sinal de que a mordada e a tesoura da Censura estão se abrandando<sup>227</sup>.

O próprio Gorbachev abriu o Congresso de Escritores da União Soviética e pediu aos escritores que “ousassem e fossem criativos durante o congresso. O conselho foi aproveitado com rapidez”. Temas anatemizados como censura e controle pelo Estado entraram na pauta do Congresso, que declarou que são objetos da censura apenas a pornografia, o belicismo, o racismo e os interesses militares.

Desde que Gorbachev, em dezembro do ano passado, acusou a imprensa soviética de negligência e omissão, o jornal [*Izvestia*] [...] abriu frestas para a publicação de algo mais próximo à notícia e à crítica. “Não devemos esconder nossas deficiências”, disse Gorbachev<sup>228</sup>.

Ainda segundo Gorbachev, citado pelo semanário, “Os comunistas precisam da verdade, em qualquer circunstância.” A verdade” começou a aparecer: “drogas, alcoolismo, corrupção da burocracia e privilégios da classe dirigente”. Uma relação impensável de assuntos

<sup>226</sup> Carta ao Kremlin. *Veja*, nº 976, 20/05/1987, 50.

<sup>227</sup> A tesoura perde o fio. *Veja*, nº 931, 09/07/1986, 36.

<sup>228</sup> *Idem*, 37.

para os jornais, que em 1983 teriam publicado o recorde de produção de uma fábrica de tratores que não havia sequer saído da planta e “só existia nos relatórios oficiais”. A glasnost era a abertura para a verdade e para sua discussão na TV e jornais, como a presença das drogas e da AIDS na URSS – discutida publicamente por Yeltsin – “apesar que o problema é pequeno frente aos EUA, mas antes era tratado como inexistente”, como um fato da decadência ocidental<sup>229</sup>. Ainda assim:

Tudo isso não significa, naturalmente, que esse começo de degelo vá desaguar na liberdade de expressão na URSS. Os meios de comunicação continuam fechados para os adversários do regime. O episódio de Chernobyl mostrou [...] que a informação ainda é um instrumento sob controle absoluto do Estado, e o sentido que o regime comunista lhe dá<sup>230</sup>.

Tais convicções de continuidade foram baseadas, como diz a própria revista, sobre a declaração de quem *Veja* chama de aliado e ascendido ao poder máximo do país, o Politburo, por Gorbachev. Tratava-se do próprio Ligachev, execrado como inimigo confesso do secretário-geral pouco tempo depois. Sua afirmação consistia de que a mídia tem por objetivo explicar e implementar a política do Estado. Gorbachev teria ainda apenas um “novo estilo” sobre as velhas práticas. Não se trataria de um reformador sistêmico de verdade. Ligachev foi chamado ao Politburo por Gorbachev. Logo ambos não têm posições discordantes e as posições de um reformismo limitado de Ligachev devem ser iguais aos objetivos de Gorbachev. *Veja* não lembra que há uma lista restrita de quem pode subir na hierarquia político-administrativa – de onde deriva o próprio nome de “nomemklatura” – e que mesmo Gorbachev era obrigado a eleger seu pessoal de dentro dela. Isso limitava muito o poder individual de escolha e preenchimento de quadros, mesmo nas funções mais importantes (BROWN, 1996, 107). Ele teve que elevar seus aliados lentamente através do Comitê Central do PCUS até poderem ocupar as cadeiras do Politburo – e para isso era necessária uma alta rotatividade de nomeados. O que ela vê como uma declaração conjunta de Ligachev e Gorbachev, outros veem como o primeiro sinal de divisão interna clara no PCUS, com Gorbachev apoiando o gorbachevista Elem Klimov à direção do Sindicato dos Cineastas, enquanto Ligachev os lembrava de seus antigos deveres, diante da candidatura à direção de um cineasta dissidente (DUNLOP, 1995, 70).

Em certo momento sua convicção na continuidade do controle, relaxado, sobre a informação, vacilou rapidamente. Na matéria “A rebeldia do poeta cinquentão”, noticiava que

<sup>229</sup> Paraíso à vista. *Veja*, nº 950, 19/11/1986, 73.

<sup>230</sup> A tesoura perde o fio. *Veja*, nº 931, 09/07/1986, 37.

Yevgeny Yevtuchenko fez uma pesada crítica à situação do país na *Literaturnaya Gazeta*. Do racionamento de alguns artigos, aos privilégios do partido e seu acesso a bens em redes exclusivas, à necessidade de releitura da história do país e o apoio aos críticos do regime, vários temas tabus foram tratados. Isso não era novo na obra de Yevtuchenko, que já havia escrito de maneira crítica contra Krushev nos anos 1960 e contra Brejnev durante a Primavera de Praga (LAW, 1975, 349-351). Mas jamais havia feito uma crítica tão contundente e num periódico tão importante. “O que gerou imediatas especulações. Ou setores reformistas do próprio governo estariam por trás da investida ou há intelectuais dispostos a testar os limites das reformas pregadas por Gorbachev” (A rebeldia do poeta cinquentão. *Veja*, nº 903, 25/12/1985, 36). *Veja* se inclinou a primeira resposta até 1987.

O impacto da glasnost no mundo artístico soviético também teria efeitos sobre o cidadão comum, como foi tratado na matéria “Abertura nos palcos: num gesto de conciliação, Gorbachev manda convidar o dançarino Mikhail Baryshnikov e outros artistas asilados a voltar à URSS”. A defecção de Baryshnikov para o Ocidente teria sido uma prova da repressão do regime. Agora recebia uma oferta de retorno.

Seu significado é político: o convite injeta uma nova e espetacular dose de ousadia no processo de abertura empreendido pelo líder soviético Mikhail Gorbachev, que pouco a pouco começa a moldar uma face nova para a URSS [...]. “O clima em nosso país está começando a mudar. É possível discutir os problemas abertamente, com as cartas na mesa”, frisou o diretor<sup>231</sup>.

“O fim do tormento de Sakharov foi um gesto dirigido à intelligentsia, que Gorbachev vem cortejando para o seu projeto de modernização da URSS, e, principalmente, à opinião pública internacional”, porém o caso do bailarino “promete passar uma mensagem clara de degelo político ao cidadão soviético comum”. *Veja* já não via a glasnost apenas como uma campanha publicitária, mas uma abertura gradual ao estilo brasileiro: “o secretário-geral [...] faz uma jogada de mestre na sua política de abertura controlada. Franqueza, publicidade, transparência – são essas as características associadas à glasnost de Gorbachev, a nova palavra de ordem na URSS”.

Além da dissidente Yelena Bonner, outro membro da intelligentsia entrevistado por *Veja* foi o poeta Yevgeny Yevtuchenko, que foi dos primeiros a abraçar a glasnost e a fazer críticas públicas contra a situação da URSS, mas que se manteve dentro de limites. Segundo ele, naquele

---

<sup>231</sup> Abertura nos palcos. *Veja*, nº 960, 28/01/1987, 40.

momento não eram os editores que indicavam o que seria ou não publicado, mas a associação de autores e o próprio autor, seja no cinema, teatro, jornal ou revista. O entrevistador de *Veja*, Mário César Conti, questiona o autor afirmando que a censura ainda existia no país, uma vez que algumas notícias nacionais e internacionais não estavam sendo publicadas. A resposta do escritor ao semanário se parece com o que diziam os cientistas sociais e políticos soviéticos utilizados por Lewin. “Na Rússia tudo se sabe. As novidades, mesmo que não sejam publicadas na imprensa, circulam rapidamente”. Grupos de discussão disseminariam informações não oficiais e filtrariam as informações recebidas da mídia. O regime não atingia a opinião de seus cidadãos mesmo com o monopólio dos meios de comunicação, e a questão agora era como resgatar a confiança do homem comum no seu governo (LEWIN, 1988, 93;155).

Respostas como o fim da censura, liberdade de expressão e publicação, uma opinião pública e uma sociedade civil independentes que agora estavam sendo oficialmente reconhecidas e chamadas à participação política pela nova liderança, esta que só subiu ao poder por pressão vinda de baixo, punham em xeque a tese do totalitarismo. Portanto, não agradaram ao semanário. Segundo Bourdieu, quando uma entrevista sai do roteiro, primeiro pede-se tacitamente o retorno a este, e em seguida pode-se usar de uma pressão mais consistente. *Veja* procedeu assim, como o da sugestão que Yevtuchenko fazia um escamoteamento dos problemas do regime por vinculações partidárias. Bourdieu escreve sobre o modelo, o cenário ideal. Ou, no máximo, lembra a chamada à ordem por parte da mídia. E quando esta não tem sucesso ou tudo sai do previsto? Yevtuchenko não produziu qualquer declaração espinhosa, dramática ou demolidora contra a URSS, e isso frustrou as expectativas do semanário.

A *Time* conseguia declarações devastadoras do próprio Gorbachev, e *Veja* não as conseguia arrancar de um personagem secundário da glasnost. A construção de um cenário negativo do socialismo real vindo de alguém que vive e se destaca naquela realidade, e o ganho de capital de credibilidade da imprensa conservadora por ter suas posições confirmadas, não ocorre. Deste modo, em seguida, *Veja* indaga a Yevtuchenko se ele pertence ao partido comunista. As tentativas de envolvê-lo em questões como o multipartidarismo, a oposição sindical para além da liberdade sindical, defendidos por parte da intelligentsia, acabam sendo respondidas com um “não tenho ideia. Volto a dizer que não sou político”. Tenta-se então extrair qualquer coisa para a formação do roteiro da entrevista: “o senhor escreveu uma carta contra

Brejnev e a intervenção na Tchecoslováquia. Faria uma contra Gorbachev e o Afeganistão?”<sup>232</sup>. A entrevista termina precipitadamente. Possui apenas três páginas úteis, entrecortadas por muita publicidade. Em geral são compostas por quatro a cinco páginas.

O livro *Doutor Jivago* de Boris Pasternak poderia ser impresso no país, décadas depois de ter ganhado o mundo e o Nobel de Literatura, que não pôde ir recebê-lo na Suécia. O autor morreu “em 1960 no ostracismo, acusado de ter descrito com demasiada simpatia personagens hostis à revolução comunista”. A reabilitação de Pasternak avançou e recebeu a reportagem “Honras oficiais para um antigo maldito”.

Se a reabilitação póstuma de Pasternak não chega a ser propriamente uma novidade, uma vez que vinha sendo enunciada a conta-gotas desde o ano passado, agora ela chega a um momento em que ao autor outrora maldito se dispensam honras oficiais. Trata-se de uma abertura imensa” [...].

Até em sua edição de 1985, a Grande Enciclopédia Soviética ainda descrevia Pasternak como um escritor “formalista, idealista e individualista”, que sofria de “uma visão subjetiva do mundo” [...]. O doutor taciturno que Pasternak criou em seu romance, e [...] tinha muito do próprio autor, não poderia conhecer melhor vingança – mas na verdade a vingança não é só dele. É mais que isso. É dessas vitórias que a arte, e só ela, em seu poder de desafiar os regimes, as circunstâncias e a própria morte, é capaz de perpetrar<sup>233</sup>.

A noção de uma “abertura imensa” provocada pela reabilitação de artistas e a liberação de livros censurados sofreria um novo impacto com o processo de reabilitações políticas de personagens por décadas acusados de terem sido inimigos do regime. Era o sinal de que a história do país seria novamente escrita, agora por reformadores, que, se quisessem impor sua visão do passado, e assim retirar a licitude dos conservadores, teriam que abrir os arquivos para legitimá-la.

O projeto de democratização chamou tanto a atenção de *Veja* para o ineditismo e a aparente incoerência das afirmações dos assessores de Gorbachev quanto as declarações de Zivs de que o regime não fazia “distinção entre presos políticos e criminosos comuns”.

Fyodor Burlatsky disse que o país passa por um processo de democratização, pela mudança na mídia e reportagens, como na ascensão de uma geração “nova e inquieta” [...], mais que os exemplos, porém, intrigou a palavra de “democratização” – pura e simplesmente uma admissão de que a democracia não existe ou não existia no país [...]. Seria uma gafe de linguagem ou uma disposição de ir até as últimas consequências, mesmo à negação do passado, para conquistar corações e mentes ao Ocidente?<sup>234</sup>

<sup>232</sup> YEVTUCHENKO, Yevgeny. A liberdade chegou. *Veja*, nº 965, 04/03/1987, 5-8. Entrevista por Mário Sérgio Conti.

<sup>233</sup> Medo da subversão. *Veja*, nº 978, 03/06/1987, 47.

<sup>234</sup> Tropeção na chegada. *Veja*, 22/10/1986 nº 946, 70.

Fyodor Burlatsky era antigo membro da Academia de Ciências e do Departamento Internacional, um reformador dentro do sistema e um importante assessor de Gorbachev nos primeiros anos de governo (BROWN, 1996, 20). Essa era a primeira citação direta da capitalização promovida de forma não deliberada pelo próprio grupo de Gorbachev da mídia ocidental, que se viu reforçada com suas declarações. A indecisão de *Veja* em tentar estabelecer um prognóstico sério, e que poderia ter sido acertado, o do início de uma profunda revisão da história do regime comandada inicialmente pela própria cúpula, deve-se à sua visão estreita de que a reforma não sairia do papel, seria superficial ou apenas um jogo de propaganda.

A *Novosti* noticiou a libertação de Sakharov como uma “prova do processo de democratização”, “uma expressão ouvida com frequência – e ainda com surpresa – nos últimos tempos”. A *Tass* cobriu dois dias de distúrbios em Alma Ata e os classificou como nacionalistas – “dois procedimentos antes impensáveis”<sup>235</sup>. Era o sinal de que a história e também a ideologia oficial estava sendo abandonada pelo próprio Kremlin.

A pressão do Kremlin para que seus aliados do Leste Europeu adotassem suas reformas gerou um racha, ou o aprofundou, nas relações destes países entre si e com a URSS. Rapidamente também produziria fraturas e ambições inconciliáveis dentro de seus partidos.

As atribulações vividas na semana passada pelo líder soviético lançaram mais luz sobre dois aspectos paradoxais do gorbachevismo, representado um por uma ironia da História e o outro por um espinho que lhe atravessa a garganta. Ironia da História é que os países do Leste, de onde nas últimas décadas volta e meia partiram reformas heterodoxas e desafios que não raro terminavam em tragédia [...] agora se sentiram ameaçados, eles, pela heterodoxia da matriz. Não foi outro motivo senão o medo do contágio da espécie de subversão que vem de Moscou que esteve na origem da reserva com que Gorbachev foi recebido na Romênia e na Alemanha Oriental, dois duros entre os duros na ortodoxia comunista. O espinho cravado na garganta do líder soviético, por outro lado, são as resistências que se sentem a seu discurso reformista – tanto em países como os que visitou na semana passada como, o que é pior, dentro de sua própria casa<sup>236</sup>.

Como a Alemanha Oriental ou a Romênia, também a Checoslováquia e a Polônia receberam com reservas os ventos de Moscou. Ambos os países são dominados por regimes duros, nascidos para enfrentar situações de rebeldia [...]. Já para János Kádár, o veterano líder da Hungria, o discurso de Gorbachev é um bálsamo, ele que já muito antes iniciou, com sucesso, as medidas que os russos ensaiam agora – como a descentralização da economia e a prioridade dos bens de consumo<sup>237</sup>.

Gorbachev jogaria uma “partida de xadrez” que dividiria os países do Leste a seu favor ou contra, com boas acolhidas ou recepções gélidas. Na reunião com os líderes alemães orientais,

<sup>235</sup> Caminho de volta. *Veja*, nº 957, 07/01/1987, 43.

<sup>236</sup> *Veja*, nº 978, 03/06/1987, 46.

<sup>237</sup> Zona de sombra. *Veja*, nº 978, 03/06/1987, 48.

falou sobre a necessidade da “democratização” dos regimes. O ideólogo do “Partido Comunista alemão”, Kurt Hager teria dito que “só porque um vizinho trocou o papel de parede, você precisa trocar também?” essa não era uma imagem exclusiva dos conservadores de Erich Honecker. Se *Veja* percebia a *glasnost* como uma política séria, ainda considerava “mudanças cosméticas” um assunto como o da democratização. As reservas dos líderes orientais contra Gorbachev não são devidas apenas a identificação ou não com os discursos da reforma, e as de *Veja* não só com o significado preciso de “democratização”, mas

saber até onde Moscou realmente está disposta a ir. O próprio Gorbachev ainda não realizou nem a metade do que prega. Por outro lado, mesmo admitindo-se que Gorbachev queira ir tão fundo quanto apregoa, conseguirá ele? Na própria URSS parece haver forças que, se não caminham contra o Kremlin, pelo menos não avançam no mesmo compasso<sup>238</sup>.

E os sinais indicariam que a “democratização” teria um sentido muito restrito. Sakharov teria dito a Jacques Chirac que o ritmo das reformas cedeu. Os conservadores se organizavam - “Gromyko, Shcherbitsky e Ligachev: a tróica da resistência”. Dois jornais, o *Moscow News* e o *Moskovsky Komsomolyets*, receberam reprimendas pelas matérias veiculadas. Extensas “zonas de sombra” se formavam:

Os setores que se opõem à *glasnost* estão cada vez mais organizados. No começo, foram apanhados no contrapé, mas agora sabem contra quem e por que lutar”, afirma Vitaly Korotich [...] do *Ogonyok*, outra publicação que ultimamente conteve suas ousadias. Mas quem são os inimigos da *glasnost*? Naturalmente ainda sobram na URSS muitos burocratas da velha ordem, a quem as mexidas incomodam, ideológica e sobretudo fisiologicamente [...]. No próprio círculo máximo do poder são conhecidas as restrições levantadas pelo veterano Andrei Gromyko, tirado por Gorbachev do Ministério das Relações Exteriores [...] e colocado no posto mais figurativo de presidente, e por Vladimir Shcherbitsky, chefe do PC na Ucrânia e expoente da velha guarda. Para piorar, a trinca se completa com Yegor Ligachev, o número 2 do partido, que se estaria transformando num eventual catalizador dos descontentamentos e numa possível alternativa para os descontentes [...].

Ligachev já se distinguiu, no passado, por atitudes como escrever um artigo defendendo o voto a descoberto, com a mão levantada, nas reuniões do partido – quando Gorbachev prega justamente o voto secreto, mais democrático [...]. “Concentrar a atenção apenas no lado negativo das coisas é dizer apenas uma parte da verdade”, reclamou Ligachev, num recente encontro com escritores, ao condenar o material crítico que tem aparecido na imprensa soviética.

Como se vê, contra as mudanças anunciadas por Gorbachev há zonas de sombra que se estendem de Berlim Oriental até gabinetes do Kremlin vizinhos ao do líder soviético. De sua capacidade de driblá-las depende grande parte de sua aposta em reformar o tornar mais eficiente a sociedade de seu país<sup>239</sup>.

<sup>238</sup> Medo da subversão. *Veja*, nº 978, 03/06/1987, 46.

<sup>239</sup> Zona de sombra. *Veja*, nº 978, 03/06/1987, 48.

As novas forças em choque no campo político e a nova forma de se expressarem exerceram uma forte influência sobre *Veja*. Na matéria “Perestroika em excesso: Yeltsin pede a cabeça de Ligachev” comenta a entrevista do recém-caído Yeltsin para a BBC e CBS. “Não se tem notícia de políticos que tenham se atrevido a lavar a roupa suja do partido diante das câmaras de TV, uma prática comum em qualquer democracia, mas até a semana passada impensável num país habituado à unanimidade compulsória”. Seu subtítulo é: “Yeltsin: para Gorbachev, incômodo maior que os refuseniks”. O chefe do partido em Moscou se destacava “por um estilo populista e uma ousadia que mesmo Gorbachev não exhibe”. A demissão de Yeltsin provocou “uma sombra de crise interna [...], se o entusiasmo foi derrotado, ganhou com isso a razão – uma vez que o episódio Yeltsin foi uma ilustração didática do que se passa nos bastidores do Kremlin nesses tempos de mudança” – pela primeira vez foi um reformador e não um conservador que foi desalojado do cargo pela “pressão da máquina de triturar de Gorbachev”. “O episódio não foi apenas ilustrativo das disputas intramuros que acompanham a era Gorbachev – mas também dos limites da *glasnost*”, uma vez que foi dificultada a publicação da notícia, que demorou dias para sair nos jornais soviéticos e chegar aos ouvidos ocidentais<sup>240</sup>. Se a queda de Yeltsin lhe havia parecido um limite imposto por Gorbachev contra a *glasnost* e a perestroika e uma demonstração de força dos conservadores, as novas ações de Yeltsin e seu içamento para um ministério pareceram demonstrar que foram as manifestações de rua e uma nascente opinião pública as responsáveis<sup>241</sup>.

A mudança nas posições de *Veja* não é unidirecional. De uma edição para outra ela pode minimizar o que havia enaltecido, tachar de superficial o que antes chamou de revolucionário. O enviado à União Soviética em meados de 1987, Roberto Pompeu de Toledo, produziu matérias que recuaram as tendências dentro de *Veja* para perceber as reformas de Gorbachev como profundas e exemplares, tanto cultural quanto economicamente. A continuidade se impõe muito mais poderosamente do que a mudança, o regime é mais fechado do que se pensa. Os avanços da liberalização foram menores do que o que se havia registrado. A perestroika ainda é uma expectativa. A *glasnost* não produziu nada além de “leve agitação”. A União Soviética é um modelo menos excitante, mas não deixa de ser modelar. Boa parte da revista é consagrada aos exemplos internacionais de liberalização da economia e incentivo da iniciativa privada, seja no

---

<sup>240</sup> O discurso da razão. *Veja*, nº 1001, 11/11/1987, 45-46.

<sup>241</sup> Caça ao dragão em Moscou. *Veja*, nº 1031, 08/06/1988, 50.

caso das cooperativas particulares na URSS ou das privatizações em Portugal, na matéria “Caminho de volta: Cavaco e Silva ganha ampla maioria em Portugal com uma proposta de privatizar as empresa que a Revolução dos Cravos estatizou”<sup>242</sup>, que antecede à da capa, sobre as reformas empreendidas na União Soviética.

O país respirava novos ares, mas não havia deixado de ser uma ditadura. Nem os grupos destoantes da ideologia oficial que eclodiam pelo país podiam ser entendidos como um único movimento pelas reformas. Havia muitos interesses, identidades e projetos diferentes emergindo.

Qualquer avaliação da *glasnost* em curso no país, porém, deve começar com os pés na terra e um alerta singelo aceso na cabeça: está-se na União Soviética. Não há paralelo possível com as ditaduras que caem no Ocidente e da noite para o dia abrem lugar à crítica desimpedida e à explosão das controvérsias. Nenhuma ditadura caiu na URSS. Variadas tendências e entrecruzam no atual movimento de renovação cultural. Há uma corrente jovem, que se expressa por exemplo na liberação de conjuntos de rock antes clandestinos, ou quase clandestinos [...]. Essa mesma corrente tem sua expressão nas ruas com a presença dos hippies, punks e “metalistas”, como se diz no país, que podem ser vistos ao fim da tarde em lugares como a Praça Pushkin<sup>243</sup>.

“Outra vigorosa corrente vai na direção inversa e focaliza o passado, retomando, onde Nikita Kruschev” parou - “a denúncia do stalinismo”, como os cineastas e poetas. Independentes, o Estado totalitário tentaria controla-los e trazê-los para o seu seio. A revitalização de instituições sufocadas pela presença do partido e o chamado a participação popular também apresentavam limites e não deveriam ser tão autônomos como se supunha<sup>244</sup>. Já a imprensa não era mais do que parte da máquina do Estado. Seus objetivos e programas não eram mais do que o triunfo das teses de quem ocupava o poder, no momento, um reformista. Ainda segundo *Veja*, a abertura para a “verdade” existe porque faz parte desse programa e das necessidades do Estado, e não por um impulso voluntarioso da imprensa. Se agora problemas sociais ou manifestações em Moscou e Leningrado eram noticiados na TV, como diz o apresentador Fessunenko, era porque a diretriz partia de cima. É curioso ver *Veja* analisando os envolvimento da mídia com o poder político e econômico.

Enfim, e especialmente na imprensa, há uma corrente de dominância esmagadora que através da crítica social, ou da denúncia dos maus procedimentos administrativos e

<sup>242</sup> Caminho de volta. *Veja*, nº 986, 29/07/1987, 34-35.

<sup>243</sup> TOLEDO, Roberto Pompeu. A palavra e o gesto. *Veja*, nº 986, 29/07/1987, 52-53.

<sup>244</sup> Era com essa finalidade o apoio que “o regime soviético passou a dar ao rock, criando clubes oficiais e até mesmo um Laboratório de Rock, aberto recentemente em Moscou”. A afirmação, muito frequente depois de 1989, de que o rock era proibido nos países socialistas, ainda não existia: o rock “não chega a ser proibido, mas está longe de contar com a simpatia do regime (Rock e pauleira. *Veja*, nº 980, 17/06/1987, 50).

econômicos, procura educar a população para a *perestroika* [sic] com que Gorbachev pretende revolucionar a produção no país [...].

Prostituição, drogas, assaltos – quando se tratava de cidades menos sensíveis, até que se podia aqui ou ali falar desses problemas. Quando a coisa era em Moscou ou Leningrado, porém, nunca [...].

O levantamento das chagas sociais soviéticas, ainda que incipiente, constitui uma vertente da liberalização no país. Sim, Moscou tem prostitutas visíveis nos saguões dos hotéis frequentados por estrangeiros – e hoje sabe-se disso publicamente. Antes da *glasnost* a prostituição não combinava com a ideia de harmonia social e de “socialismo avançado” dos tempos de Brejnev. Solução: revoga-se a realidade – e muita gente, dado que as cortinas estavam fechadas e os corpos balançavam, achava que o trem continuava andando.

Uma das pedras de toque da política de Gorbachev pode ser traduzida numa fórmula simples: fazer o país “cair na real”. Só tendo uma boa medida de si mesmos, supõe ele, os soviéticos conseguirão avançar. Não há nessa estratégia, porém, nada do ímpeto destruidor com que, por exemplo, a Revolução dos Cravos se opôs ao salazarismo em Portugal. Não há rupturas<sup>245</sup>.

Jornais dirigidos para um público diferente do soviético comum, como o *Moscow News*, criado para os estrangeiros residentes em Moscou, ainda responderiam ao governo. Os principais diários, tanto o *Izvestia* como o *Pravda*, pertencem diretamente à máquina administrativa central. O *Konsomolskaia Pravda*, à organização da Juventude Comunista, também controlado pelo

órgão que realmente dá as cartas – e sua linha editorial reflete o peso das engrenagens [...]. Está-se diante desses rinocerontes institucionais que não podem ser nem comparados aos grandes jornais conservadores do Ocidente, mas a algo ainda maior, de casca tão grossa e sólida quanto a monarquia inglesa.

Nenhum diretor de jornal da URSS admitirá que hoje em dia tenha de se haver com a Glavlit, a censura do país “Todos nós sonhamos em publicar o que queremos”, diz Korotich, o editor de Ogoniok. “Às vezes conseguimos. É ótimo.” Olhando-se de perto o que é a imprensa soviética, no entanto, pode-se perguntar “E para que censura?” Editor de jornal na URSS [...] faz parte da manada central do poder. São figurões do regime muitas vezes indissociáveis do Kremlin<sup>246</sup>.

“Para que censurar o Pravda se o Pravda é o Comitê Central?” é uma lógica interessante se aplicada à própria *Veja* e a autocensura geral motivada por interesses econômicas e políticos. O que há na URSS não são jornais que se dirigem por uma linha editorial inflexível, como “os grandes jornais conservadores do Ocidente”, dos quais *Veja* não se inclui, mas a fusão mídia-poder, onde quem desfruta de uma cadeira na direção tem o mesmo status que um membro da coroa inglesa, e os mesmos interesses vinculados à preservação do status quo – situação que pode até existir nos bastidores políticos ocidentais, mas não em seus veículos de comunicação. Mesmo a *glasnost* não andaria um ritmo adequado. “A burocracia, ou talvez a vontade de abrir só aos

<sup>245</sup> TOLEDO, Roberto Pompeu. A palavra e o gesto. *Veja*, nº 986, 29/07/1987, 53-54.

<sup>246</sup> *Idem*, 53-54.

poucos o acesso às ideias não oficiais” seria a razão para que *Doutor Jivago* ainda não tenha sido impresso, apesar de liberado em 1986<sup>247</sup>.

As demais correntes são tão acanhadas e agem dentro do sistema, que não constituem em qualquer desafio à estabilidade do regime. Aqueles que mais deveriam exigir novas liberdades, como os religiosos, oprimidos por 70 anos de comunismo ateu, são um exemplo do conservadorismo e docilidade do povo soviético:

Indagou-se ao patriarca de Moscou [...] sobre a proibição do ensino religioso nas escolas. “Ensino da religião é com a família”, respondeu ele. “Perguntou-se em seguida sobre pessoas presas por motivos religiosos. “Isso é com a Justiça”, respondeu. Com autoridades religiosas assim, a vida tem sido fácil para os dirigentes soviéticos<sup>248</sup>.

O que constituiria a verdadeira preocupação para o regime não era um desafio presente, mas futuro, e não era formado por um grupo ou classe específicos, mas sim por toda uma geração. A juventude passava por “um solapamento progressivo do moral que se pode transformar em dinamite no futuro”. “Os jovens ficaram numa encruzilhada entre um ardor pelo socialismo que perdeu o ímpeto dos primeiros tempos por um lado e por outro a contemplação de um Ocidente que muitas vezes idealizam e diante do qual, dolorosamente, se insinua um sentimento de inferioridade”. A troca de gerações evidencia isso, como na produção cinematográfica. Os “generais do cinema”, “os velhos fósseis do cinema oficial, imbatíveis na produção de dramalhões cívicos e epopeias de devoção ao comunismo” estavam sendo substituídos por uma nova geração, que até recentemente tinha seus filmes engavetados, e que não poupavam o regime<sup>249</sup>.

Se anteriormente a revista já havia afirmado que a imagem externa da União Soviética não servia mais de exemplo a qualquer país digno de importância – em contraposição do apelo da renovação do papel internacional do país traçada por Gorbachev – uma vez que a ideologia comunista se dissolvia, agora ela abordava as questões ideológicas internas. Os problemas reais que a elaboração do projeto de reforma econômica radical impunham, motivavam malabarismos ideológicos, como uma democracia socialista, ou uma legalidade socialista.

E como será uma “falência socialista”? Também se pretende que as pessoas que as pessoas que trabalhem mal sejam demitidas, mas ainda não se resolveu como conciliar

<sup>247</sup> TOLEDO, Roberto Pompeu. A palavra e o gesto. Veja, nº 986, 29/07/1987, 56.

<sup>248</sup> TOLEDO, Roberto Pompeu. A medalha e o sorriso. Veja, nº 986, 29/07/1987, 63.

<sup>249</sup> TOLEDO, Roberto Pompeu. A palavra e o gesto. Veja, nº 986, 29/07/1987, 57-58.

isso com o dogma de que deve haver pleno emprego. Com questões como essa se chega ao nó central de tudo o que hoje é posto à mesa na URSS – o problema da ideologia<sup>250</sup>.

“Lenin tem a fé em seus propósitos renovada a cada dia na forma de um buquê” de casamento, depositados diante de monumentos, como prevê o costume. A maioria do povo confere ao sistema e ao dogma vitalidade. O quadro não é do a opressão e desespero das massas, mas de sua resistência às mudanças, para desconsolo dos gorbachevistas e de *Veja*.

O debate ideológico hoje em curso na URSS está no coração de todos os problemas. Da forma como se resolverão as questões teóricas colocadas pelo desejo de transformação expressado pela nova liderança do Kremlin depende tudo. A força do dogma é tão grande, diga-se desde logo, que ninguém o contesta na essência. Ou seja: ninguém se manifesta contra o socialismo. Antes, o que veio à tona, ultimamente, foi uma nova leitura dos princípios marxistas-leninistas<sup>251</sup>.

Conciliar o marxismo-leninismo com as reformas era o grande desafio, como a recente ideia de que o socialismo não significaria uma uniformidade crescente, pelo contrário, como aponta Yakovlev. “Ele se referia tanto à diversidade econômica quanto à diversidade social”. Uma reforma ideológica na URSS não é tão simples e por isso veio atrasada em comparação com as reformas de outros países comunistas, pois

a Hungria é um país pequeno e mais fácil de se administrar. A China é um país homogêneo sem as complicações de um império que oferece o risco real ou imaginário de desintegrar-se na medida em que se afrouxam as rédeas do dogma e do centralismo. Há ainda outro fator, no entanto – o consenso existente no país em torno das vantagens do atual sistema. É um mito ocidental acreditar que os soviéticos sejam um povo oprimido pelo comunismo, só à espera de uma chance para livrar-se dele. Isso pode acontecer em outros países, como a Polônia. Na URSS, socialismo significa coisas muito fortes para seduzir uma pessoa, como emprego garantido e uma série de benefícios sociais. O país nunca conheceu um descontentamento articulado e de massa como o que levou os poloneses a juntar-se no sindicato Solidariedade. Os dissidentes tão falados no Ocidente são intelectuais que jamais se colocaram à frente de movimentos políticos e dizem pouco ou quase nada ao soviético comum.

Ocidente, para um soviético comum, é um lugar onde há desemprego e inflação. Isso lhe foi dito a vida inteira, da mesma forma como foi dito que socialismo é estabilidade e tranquilidade. Está aí um paradoxo para as novas lideranças. Se querem introduzir conceitos como o de concorrência entre as empresas e o de punição para os que não trabalham, como fazê-lo sem assustar uma massa a quem sempre se proclamou que essas coisas geram uma inquietação da qual o socialismo estava salvo?<sup>252</sup>

A recepção da ideia e da prática de que “enriquecer é glorioso” não teria a mesma recepção que na China, o que tornava a tarefa de Gorbachev ainda mais difícil. Ele precisava vencer não apenas a burocracia, diretores, membros do partido, mas a mentalidade do povo

<sup>250</sup> TOLEDO, Roberto Pompeu. A medalha e o sorriso. *Veja*, nº 986, 29/07/1987, 66.

<sup>251</sup> TOLEDO, Roberto Pompeu. A flor e o dogma. *Veja*, nº 986, 29/07/1987, 68.

<sup>252</sup> TOLEDO, Roberto Pompeu. A flor e o dogma. *Veja*, nº 986, 29/07/1987, 69.

soviético constituída ao longo de 70 anos. As chances de êxito se reduzem na mesma proporção que a montanha a ser movida se avoluma.

A preservação dos símbolos comunistas não ajudava em nada na tarefa, como na foto de um cartaz, com o Kremlin ao fundo. Na legenda, “na Praça Vermelha, o sinal de que é proibido fumar: os símbolos de um poder assentado sobre a vigilância e o partido único continuam intactos”. Mesmo as placas trariam o sinal de uma sociedade policiada regime<sup>253</sup>.

“A recheagem de dogmas marxistas-leninistas a que hoje se procede na direção soviética significa um avanço”, mas tímido se comparado com as posições de alguns membros da intelligentsia, como Schmelev, do Instituto para os Estados Unidos e Canadá, que pensa a NEP, o mercado e a propriedade privada não como transitória, mas como “a via natural do socialismo”. Declarações que seriam tomadas por Gorbachev, como a da economia burocrática ingerenciável e que não pode produzir por “pressão, por exortação ou por chicotadas”. “O que Schmelev propõe é um catecismo de fazer balançar a foice e o martelo que simbolizam o país” como a aplicação do “conceito de lucro como única forma de medir a eficiência de uma empresa. “Em muitos séculos, a humanidade não encontrou outro critério para avaliar a eficiência senão o lucro”, afirma” – asseveração que a revista faz questão de pôr em destaque nas letras garrafais do fim da página.

“Não sejamos cegos para os malefícios trazidos à nossa economia por nossa confiança parasítica no emprego garantido”, escreve ele. “Devemos discutir sem medo e de forma profissional o que poderíamos ganhar com um pequeno exército de trabalho de reserva. Muitos especialistas acreditam que seria menos oneroso pagar um seguro a essas pessoas temporariamente sem emprego do que manter na produção uma massa de indolentes”. Isso, como o autor diz, perde a “virgindade ideológica, mas diga-se de passagem que essa virgindade só existe nos editoriais em forma de contos de fada<sup>254</sup>.

A resposta de Gorbachev ao artigo de Schmelev, publicada na revista *Novy Mir* em junho de 1987 decepciona *Veja*, que diz que apenas “num ponto foi claro: “Há pessoas que estão querendo criar o desemprego entre nós. Isso não faz parte de nosso sistema”. Gorbachev é guardião desse sistema ao afirmar a poucos dias que “houve quem propusesse medidas que fogem ao nosso sistema, como a renúncia à planificação. Isso não aceitaremos jamais. Porque isso não quer dizer revigorar o socialismo, e sim transformá-lo em outro sistema”. Portanto, o provável é que as reformas “caiam no vazio”, como as anteriores, por não ir até a raiz dos problemas – que seria os fundamentos mais profundos do sistema, ou o sistema em si mesmo<sup>255</sup>.

<sup>253</sup> TOLEDO, Roberto Pompeu. A flor e o dogma. *Veja*, nº 986, 29/07/1987, 70.

<sup>254</sup> TOLEDO, Roberto Pompeu. A flor e o dogma. *Veja*, nº 986, 29/07/1987, 71.

<sup>255</sup> TOLEDO, Roberto Pompeu. A flor e o dogma. *Veja*, nº 986, 29/07/1987, 72.

Outro tema abordado e que ia de encontro à glasnost e sua liberdade de circulação de notícias e informações internas e externas e a transparência das ações governamentais era o do secretismo do poder soviético, ou a tradição russa na área. O poder se esconde mesmo de seu povo, atrás das muralhas, pois suas mordomias são conhecidas, porém secretas, como as clínicas tão sigilosas que são tratadas como assunto da KGB, ou a proibição do tráfego perto das dashas dos membros da cúpula do partido. “Tão delicado é o assunto dos privilégios da hierarquia do partido que mesmo com todo o seu ímpeto reformista Gorbachev jamais tocou nele”. Segundo Volkogonov, se queira condenar apenas os privilégios escusos. Por isso mesmo alguns deles foram oficializados em 1988 (VOLKOGONOV, 2008, 393), ou ainda como tornar seus frutos legais e transmissíveis. A frase de Aliyev, recém-excluído do Politburo, se torna uma declaração desmoralizadora: “os privilégio existem porque um funcionário do Partido Comunista trabalha até 24 horas por dia”. “A vida íntima do partido continua secreta”, como a residência ainda desconhecida de Gorbachev<sup>256</sup>, o que era o padrão entre os secretários-gerais. Novamente não se deveria enaltecer as mudanças de Gorbachev, por serem tímidas demais.

Para a revista, o secretismo se refletia no desconhecimento da população soviética de como era a vida no Ocidente, do Ocidente sobre o que acontecia por trás da Cortina de Ferro, num governo e numa diplomacia de gabinete, realizadas a portas fechadas, em sua situação militar. Desdobramentos imprevistos entre a sociedade teriam se feito sentir com a explosão do reator número quatro de Chernobyl, que também marcou uma inflexão na visão de *Veja* sobre a glasnost promovida pelo governo central.

Chernobyl recebeu uma matéria de capa, “O mistério da explosão russa”. A imagem usada eram os restos do reator de Chernobyl, sob um céu vermelho. O título interno era “A explosão vermelha: o reator de uma usina nuclear soviética pega fogo, explode e joga na atmosfera nuvem radioativa que espalha o medo por toda a Europa”<sup>257</sup>. O sistema nuclear sueco detectou níveis elevados de radioatividade, atribuídos a uma de suas usinas. Tomou as ações de segurança, anunciou o vazamento para a comunidade internacional e pediu que os países vizinhos também se prevenissem – incluindo aí a URSS, que só admitiu ser a verdadeira fonte do problema seis horas depois de indagada pelos suecos e com a radioatividade já nos céus da Dinamarca, Finlândia e Noruega. A Europa se viu no pânico diante de já estar em contato com a

<sup>256</sup> TOLEDO, Roberto Pompeu. A flor e o dogma. *Veja*, nº 986, 29/07/1987, 70.

<sup>257</sup> A explosão vermelha. *Veja*, nº 922, 07/05/1986, 36.

nuvem radioativa. “enquanto isso, o governo soviético reconhecia o desastre em pílulas. Lacônico [...], ele só admitiu na noite de segunda-feira um desastre que ocorrera três dias antes”. Não se poderiam obter informações confiáveis dos russos. Apenas por meios indiretos pode-se inferir que o reator explodiu; o contato da embaixada soviética em Bonn com especialistas sobre incêndios em blocos de grafite e fotografias do Landsat, “um engenho colocado no espaço por empresas americanas”. Não faz menção às suas habilidades de espionagem.

Outro subtítulo era “Na URSS, como sempre, apenas silêncio”. Reproduziu a célebre piada sobre o *Pravda* e o *Izvestia*<sup>258</sup>, que “caia como uma luva” sobre a indiferença, silêncio e sonegação de notícias para o público. “Todo jornal digno desse nome, tinha o desastre nuclear em manchete na primeira página”. “Contrastando com a serenidade da burocracia russa – que na maioria dos casos é puro produto da ignorância em relação ao que está sucedendo em outras áreas da máquina do Estado -, ouviam-se sinais de desespero vindos de Kiev”. Os radioamadores da região entraram em contato com estrangeiros e passaram informações sobre o caos na região. “Num país onde todas as notícias são fiscalizadas por um departamento de censura que controla tudo, exceto as informações sobre assuntos atômicos, submetidas a uma outra tesoura específica e muito mais severa”. De fato a Rússia era um segredo embalado em um mistério. Clima que facilitava a falta de humanitarismo e paranoia do regime, apresentados nas fotos com os subtítulos: “Kiev: 2,5 milhões de habitantes a... 130 quilômetros da explosão”, “Numa aldeia da Ucrânia, a festa do 1º de Maio, a 100 quilômetros da ameaça letal de Chernobyl”<sup>259</sup>.

O desastre da semana passada pode ter lançado a atenção do mundo para a taxa de risco que a engenharia nuclear soviética banca em suas obras, em nome da economia. “Na URSS, o sistema de contenção dos reatores é a imprensa”, diz uma piada corrente entre os cientistas atômicos.

Chernobyl significou a explosão parcial do ambicioso programa nuclear soviético e o fim das esperanças de que os russos, num futuro próximo, consigam vender qualquer equipamento nuclear fora da Cortina de Ferro [...].

A radiação política do episódio contaminou a própria credibilidade da URSS numa época em que ela se apresenta como uma potência desejosa de absorver hábitos mais modernos<sup>260</sup>.

Hábitos mais modernos como os de Raissa Gorbachev fazendo compras com cartão de crédito internacional na Pierre Cardin de Paris semanas antes. A “ofensiva do charme”, o

<sup>258</sup> Pravda (verdade) sem Izvestia (notícia), e Izvestia sem Pravda.

<sup>259</sup> Cemitério atômico. Veja, nº 922, 07/05/1986, 39; 43.

<sup>260</sup> Cemitério atômico. Veja, nº 922, 07/05/1986, 41-42.

“charme burguês”, a aparência do “camarada Gucci”<sup>261</sup> que a revista tanto tinha elogiado como sinal dos tempos, deveria ser abruptamente abandonada: “todos fariam melhor negócio se Raissa saísse de Moscou vestindo macacões e seu marido alterasse o comportamento tradicional do governo soviético, avisando os países vizinhos do desastre”. A consequência do fechamento soviético era a produção de uma

**Sociedade dos boatos** – O silêncio dos meios de comunicação soviéticos não foi um acidente de percurso. Ele se deve a uma das mais antigas instituições do regime, presente em cada redação, editora ou repartição ministerial – a Glavlit, sigla da agência central de censura criada em 1920 por Vladimir Ilitch Lenin. A Glavlit tudo vê e tudo ouve – e sobretudo tudo censura.

São os obscuros funcionários da Glavlit – organismo que não é previsto na Constituição soviética e portanto é ilegal – que controlam arbitrariamente nossos escritores” escreveu em 1967 o Prêmio Nobel de Literatura Alexander Soljenitsin em sua “carta aberta” ao IV Congresso da União dos Escritores Soviéticos<sup>262</sup>.

Sua função seria a de “salvaguarda dos segredos de Estado” que se estendem por toda a vida soviética, gerando casos como o de matérias do *Pravda* que levaram cinco meses para serem liberadas. *Veja* continua: “Com isso, num país onde a obsessão pelo segredo chega ao cúmulo da proibição de listas telefônicas, o governo pretende controlar os fatos, mas acaba produzindo uma sociedade de boatos”. Esta seria hábil em disseminar mais desinformação, caos, desconfiança, medo e inquietação. O que *Veja* vê como uma situação de ocasião – acontecimentos que levantam a suspeita do povo, que é consciente do controle do Estado sobre a informação, Lewin vê como uma amostra da existência de uma opinião pública independente (LEWIN, 1988, 95). Chernobyl foi duplamente censurada pelo aparelho do Estado: uma vez como desastre e outra como questão de saúde pública.

Posteriormente deu-se a liberação de informações para o público interno e externo. O que não era o suficiente para *Veja*. “Os cuidados redobrados que estão sendo tomados agora não eliminam os efeitos tenebrosos do descaso com que o acidente foi tratado inicialmente [...] somente 36 horas mais tarde foi ordenada a remoção dos 25 000 habitantes da cidade de Pripyat, a 5 quilômetros da central nuclear”<sup>263</sup>. A continuidade das ações emanadas do governo central chamou a atenção de *Veja* pelo seu ineditismo. Kulov, presidente do Comitê de Segurança da Indústria Nuclear, “o mais graduado funcionário do governo a cair vítima da tentativa de encobrir a tragédia de Chernobyl”, foi demitido de “forma inédita para os padrões comunistas. No passado

<sup>261</sup> A ascensão de Gorbachev. *Veja*, nº 904, 01/01/1986, 72.

<sup>262</sup> A explosão vermelha. *Veja*, nº 922, 07/05/1986, 43.

<sup>263</sup> Sob controle. *Veja*, nº 923, 14/05/1986, 39.

dirigentes relapsos poderiam eventualmente ser afastados de seus postos, mas a punição raramente, ou jamais, se tornava pública. No caso de Kulov, Gorbachev optou pela demissão com estardalhaço<sup>264</sup>. Se os atrasos na *uskorenie* motivaram a demissão de importantes chefes ministeriais que não conseguiam fazer cumprir as metas de produção, as exigências de credibilidade para a glasnost e a legitimação da direção de Gorbachev promoviam mudanças em outros setores importantes do país, como o órgão civil que controlava a produção de energia nuclear.

O acesso da imprensa internacional à Chernobyl, as informações que passaram a ser liberadas pelo governo reverteram a imagem de que a glasnost era apenas uma ilusão, e não só para *Veja*, uma vez que o silêncio na URSS foi considerado “antinatural” (MEDVEDEV, 1987, 240). Isso no cenário das informações sobre a URSS. O bloqueio do acesso dos cidadãos soviéticos à propaganda ocidental, ou as informações independentes da rádio Europa Livre, era feito por meio de jammers – estações motorizadas ou fixas de embaralhamento dos sinais de rádio e TV. Mesmo a Estônia, ao alcance das ondas curtas emanadas de emissoras finlandesas, não tinha acesso à sua programação. Em Berlim Oriental a situação era diferente. Não se poderia usar jammers sem interferir na recepção dos sinais do lado ocidental da cidade. Além disso, com o enfraquecimento da propaganda e do apelo dos produtos culturais da parte oriental, programas ocidentais eram retransmitidos pelas emissoras orientais (BLACKBURN, 1993, 152). As novas diretrizes do Kremlin cancelaram o uso dos jammers e a programação em russo da BBC deixou de sofrer interferências, bem como a da rádio Europa Livre, da OTAN. Gorbachev ofereceu o ato como prova da sinceridade da glasnost. E *Veja* assim entendeu este ato<sup>265</sup>.

Gorbachev sempre afirmou que foi enganado pelas autoridades locais sobre a gravidade da explosão. O que é apoiado por muitos especialistas (BROWN, 1996). Entretanto, poucos anos antes o controle sobre o setor nuclear de uso civil foi transferido das mãos do exército para a da burocracia. É difícil acreditar que tenha chegado às mãos de Gorbachev informes exclusivamente desses gestores e das autoridades locais – ansiosas por não revelarem as próprias falhas e receosas de comunicá-las oficialmente ao centro do poder – já que no país diversas agências produziam relatórios e os encaminhavam ao Kremlin. Assumir um desastre dessas proporções, cuja nuvem radioativa alcançou a Europa Ocidental, significava uma demonstração de

<sup>264</sup> Olho da rua. *Veja*, nº 933, 23/07/1986, 54.

<sup>265</sup> Abertura nos palcos. *Veja*, nº 960, 28/01/1987, 41.

desorganização, desleixo e inferioridade tecnológica. Gorbachev já denunciava publicamente esses problemas, mas não em um setor que se pretendia capaz de exportar tecnologia e amenizar a crise orçamentária e o déficit da balança comercial da URSS, que se tornavam gradativamente incontroláveis. Medvedev faz comparações com a atenção que Chernobyl recebeu dos dirigentes:

Se um acidente assim tivesse acontecido na época de Krushev este teria ido de avião para Kiev imediatamente, para se encarregar da emergência. Em abril de 1986, nem os chefes políticos da Ucrânia (o primeiro-secretário Shcherbitsky e o Primeiro-Ministro Aleksandr Lyasho) chegaram a Chernobyl antes de transcorridos seis dias.

Uma semana depois, mais de 50 mil pessoas foram evacuadas porque o vento havia mudado de direção. Isto só foi feito depois que Rhyzhkov e Ligachev visitaram a área sinistrada, em 2 de maio. Shcherbitsky finalmente chegou. Ao que parece, Gorbachev era mantido informado dos acontecimentos, mas continuava calado (MEDVEDEV, 1987, 236; 239).

Provavelmente Medvedev não pensaria de uma maneira diferente sobre Krushev e Gorbachev com a abertura dos arquivos na época de Gorbachev, e na revelação de acidentes nucleares – com dimensões muito mais modestas – ainda nos anos 1950 (VOLKOGONOV, 2008), uma vez que ele mesmo, ainda em 1986, já o mencionava (MEDVEDEV, 1987, 240). As informações que o general Volkogonov reservou para si durante a glasnost parecem não ser tão inéditas quanto ele mesmo faz questão de afirmar. Medvedev vai mais longe em suas acusações. “Seu discurso não foi nem franco nem informativo. A proposta de uma reunião urgente com Reagan em Hiroshima para discutir a suspensão dos testes nucleares foi pura propaganda, indigna de um estadista num momento como aquele”. A indiferença e cautela de Gorbachev estariam ligadas a necessidade de apoiar o Plano Quinquenal que ele mesmo aprovou e que ainda necessitava ser votado no Soviete Supremo. Esse plano previa o salto do fornecimento de energia nuclear de 11% para 40% do consumo da URSS até o ano 2000. Também definia os locais das usinas bem próximos ou dentro de grandes cidades, e não na Sibéria e no Ártico, como os especialistas propuseram. A imprensa soviética teve uma postura bem diferente da ocidental. “A crítica foi dirigida contra Brejnev, mas não contra os novos programas [...]. Mas pôr a culpa em Brejnev não impediu que a reputação de Gorbachev saísse prejudicada” (MEDVEDEV, 1987, 240-241; 244).

O semanário usa o próprio Gorbachev para explicar as contradições, impasses, recuos e avanços nas reformas. “Não pode haver democracia sem glasnost. Ao mesmo tempo, democracia sem limites é anarquia. É por isso que as coisas são complicadas”<sup>266</sup>.

Dentro do plano da glasnost foram entendidas também as reformas no sistema legal e a redefinição das liberdades individuais. Curiosamente, o maior defensor público dessas transformações no período 1985-1987 é ninguém menos que Reagan, e não Gorbachev. Vêm dele as reclamações para uma maior liberdade religiosa e de pensamento ou dissidência<sup>267</sup>, ou, logo após conflitos entre jovens e policiais da Alemanha Oriental nas imediações do Muro de Berlim, a exigência de liberdade sobre o próprio corpo. Os jovens que queriam ouvir um concerto de rock do outro lado do muro podem ter invocado o nome de Gorbachev, mas quem teria dado ouvidos a suas palavras e aspirações era Reagan, que visitou Berlim:

e lançou um desafio ao líder soviético, perante uma plateia de 20 000 pessoas. “Secretário-geral Gorbachev, se o senhor procura a paz e a prosperidade para a União Soviética e a Europa Oriental e se procura a liberalização, venha até esta porta”, disse Reagan. “Senhor Gorbachev, abra esta porta. Senhor Gorbachev, derrube este muro.” Como no concerto de David Bowie, no sábado, ninguém ouviu as palavras do presidente americano do lado comunista. Mais uma vez, ventava fortemente em direção contrária<sup>268</sup>.

Apesar disso, esse ainda não é o momento em que a visão do totalitarismo se dogmatizou na revista, que noticiava que

Nos últimos anos, as restrições ao trânsito entre a Alemanha Oriental e a Alemanha Ocidental, inclusive pelos postos de controle do Muro de Berlim, vinham sendo gradativamente relaxadas. No ano passado, mais de 2 milhões de pessoas do lado comunista tiveram permissão para visitar a parte ocidental. Desses, mais de 500 000 não eram aposentados, os únicos cidadãos da Alemanha Oriental que podem circular livremente de um lado para outro [...]. além disso, o regime de Berlim abrandou o rigor ao longo da fronteira. Foram desativados, por exemplo, 54 000 fuzis que disparavam automaticamente para segurar tentativas de fuga<sup>269</sup>.

Em poucos anos a noção de que os países socialistas eram prisões não para os dissidentes, mas para o conjunto de suas populações, iria se impor. O livre trânsito de aposentados pelo Muro da Vergonha, a forte emigração legal de mão-de-obra da Iugoslávia ou as férias de ocidentais nas estações de inverno dos Cárpatos romenos deixariam de ser citados, uma vez que não combinam com essa imagem.

<sup>266</sup> TOLEDO, Roberto Pompeu. A palavra e o gesto. Veja, nº 986, 29/07/1987, 55.

<sup>267</sup> Veja, nº 945, 15/10/1985, 58; Veja, nº 1031, 08/06/1988, 52.

<sup>268</sup> Rock e pauleira. Veja, nº 980, 17/06/1987, 50.

<sup>269</sup> Rock e pauleira. Veja, nº 980, 17/06/1987, 50.

A reforma era mais séria do que *Veja* inferiu a princípio, como os demais conservadores. Ainda assim os objetivos da glasnost, agora entendida claramente também como liberdade de pensamento, eram delimitadamente econômicos, apesar de estar surtindo efeito apenas no mundo artístico. Frações deste não estariam se movendo para uma rebelião ou um enfrentamento com o Kremlin, pelo contrário. Estava apenas seguindo as novas ordens emanadas da liderança do país. “O objetivo do líder soviético parece claro: encorajar a iniciativa individual e a criatividade em níveis suficientes para azeitar o funcionamento da economia. O resultados, até agora, têm impulsionado sobretudo a vida cultural”. Seria o caso do filme *Arrependimento*, onde o vilão, um ditador fictício, mistura de Stalin e Hitler, retrata o período das purgas. Com o subtítulo “Lenin cínico”, comenta que uma série de TV apresentou “Lenin, o fundador e herói absoluto da União Soviética, sob um ângulo no mínimo inédito: um líder implacável que responde em tom cínico aos ataques feitos à ditadura imposta pelos bolcheviques nos primórdios da Revolução Russa”. Elem Klimov, novo secretário-geral do sindicato dos cineastas, disse que “O Ministério do Cinema não deve mais ser um departamento da censura”<sup>270</sup>. A noção de que a intelligentsia fazia pressão por mais glasnost e que testava seus limites, até onde poderia ir sem que Gorbachev interrompesse as polêmicas que levantava por meio da condenação pública, rebaixamento de funções ou repressão física, e que esta parecia não ter fronteiras definidas, só veio claramente no fim de 1987.

## 2.8 O discurso anticomunista – 1985-1987

Em 1985 o anticomunismo militante de Reagan ainda estava em processo de elaboração. Muitas de suas críticas ainda não haviam sido assimiladas pela mídia e nem respaldadas por suficientes membros da academia que poderiam lhe conferir autoridade. Brzezinski, como assessor secundário de Reagan, se engajou para que a campanha diplomática pelos direitos humanos no Leste Europeu, criada no governo anterior à Reagan, de Jimmy Carter, fosse mantido (BRZEZINSKI, 1990, 260), ao lado das ações militares de Reagan. Assim, boa parte do discurso de combate ao comunismo era ainda o mesmo dos tempos de Carter. Os mecanismos para

---

<sup>270</sup> Lenin Cínico. *Veja*, nº 960, 28/01/1987, 41.

justificativa e imposição de embargos comerciais eram os mesmos consagrados nos Tratados de Helsínki (BIALER; JERVIS, 1991, 205; SUNY, 2006, 512), assinados por Carter e Brejnev, apesar do maior empenho de Reagan para fortalecer o embargo com a adesão de mais países desenvolvidos. A presença do discurso reaganista aumenta em *Veja* a partir de 1987. Ao mesmo tempo, a maior parte da retórica soviética também estava presa aos mesmos chavões e fórmulas da época de Brejnev (BROWN, 1996, 15). Na imprensa havia muito mais continuidade com assuntos da época da *détente* ou da crise dos euromísseis.

O anticomunismo na imprensa pós-1988 caracterizava-se pelo foco sobre o conjunto da população, acoçada por um regime de inaudito e contínuo terror, dentro de um sistema de completa ditadura totalitária, com seu esmagador Estado, em 1985 o cenário era bem diferente. As preocupações de *Veja* na crítica ao sistema do socialismo real eram um reforço dos mesmos pontos sempre lembrados pelo Estado americano e a imprensa conservadora dos Estados Unidos. Estes pontos eram o tratamento dispensado aos dissidentes e aos *refuseniks*. Apontar toda a população como prisioneira era ferir a realidade perceptível. Deserções de atletas, cientistas e militares eram raras (apesar de, em geral, sensacionais e estrepitosas, quando aconteciam). A participação, ou frequência, popular em órgãos como a Juventude Comunista, os grupos de discussão e recreação das fábricas, de colônias de férias do Estado, eram altas (FERRO, 1981, 94). Era, porém, perfeitamente factível com o caso de ambos os grupos. Os *refuseniks*, manifestantes judeus que não conseguiam obter os documentos necessários para a emigração legalizada do país, pretendiam fixar-se em Israel (BROWN, 2010, 407-408), e ao contrário de outros grupos nacionalistas da época (CLAUDÍN, 1983, 66-67), como os alemães do Volga ou os tártaros, suas ações tinham respaldo junto à mídia ocidental. Se no Ocidente eram chamados por *refuseniks*, na URSS eram conhecidos por sionistas (BEISSINGER, 2004, 335; CLAUDÍN, 1983, 78). Os dissidentes, se não queriam a imigração, exigiam menos burocracia e dificuldades legais para viajar com destino ao exterior. Em 1985, em Genebra, é das manifestações de apoio aos dissidentes que a revista expõe fotos e menciona<sup>271</sup>. Era sobre eles que a máquina de repressão do Estado agia, e não sobre toda a população. Porém essa visão vai se alargando paulatinamente. Além destes, fugas através do Muro de Berlim<sup>272</sup> ou manifestações religiosas<sup>273</sup> quase nunca são expostas em suas páginas nesse período.

---

<sup>271</sup> Feira de protestos. *Veja*, nº 899, 27/11/1985, 76.

<sup>272</sup> Herói por dois dias. *Veja*, nº 935, 06/08/1986, 56.

<sup>273</sup> Silêncio rompido. *Veja*, nº 879, 10/07/1985, 42.

Assim ocorre a “liberação” de Yelena Bonner, mulher do famoso dissidente Andrei Sakharov, para tratamento de saúde no Ocidente, após “inúmeras greves de fome” do marido, uma vez que o país não contaria com a tecnologia médica para tratá-la do glaucoma. Os EUA se dispuseram a praticar o humanitarismo que faltaria à URSS com seus próprios cidadãos. Se dispôs a trocar espões soviéticos capturados por cidadãos soviéticos dissidentes<sup>274</sup>. *Veja* só não trata da importância que cientistas soviéticos envolvidos com o complexo industrial-militar<sup>275</sup>, como Sakharov e Scharansky, teriam para a inteligência americana. O caso Sakharov frequentemente volta à baía, inclusive como uma amostra da fraqueza e da superficialidade da glasnost, como na matéria “Mudez eloquente”.

Se a intenção do governo soviético era apresentar ao mundo uma imagem mais liberal de seu país, ao permitir finalmente que Yelena Bonner, mulher do físico dissidente Andrei Sakharov, viajasse ao Ocidente para submeter-se a tratamento médico, o resultado foi exatamente o oposto<sup>276</sup>.

Foi obrigada a assinar um termo de não fazer comentários públicos, porém repetiu diversas vezes frente às câmeras ocidentais o gesto de pôr o dedo sobre os lábios, seus parentes emigrados acusaram a KGB de fazer seu marido comer à força, de adulterar suas fotos para mostra-lo mais saudável e menos magro, de separá-lo da mulher pelo regime estabelecido no hospital em que fez as greves de fome, de censurar e falsificar o conteúdo das cartas para apresentar uma situação mais confortável. Se faz uma lista dos expedientes utilizados pela polícia secreta, também deixa claro que estes são usados apenas contra uma pequena parcela da população, que faz oposição ao regime.

Após guardar silêncio nos três primeiros dias no estrangeiro, ao chegar nos EUA passou a escrever artigos e dar entrevistas numa “formidável barragem de denúncias contra o regime comunista” onde “marcou nitidamente sua oposição ao comunismo”. Bonner agora “passou a ser a ovelha negra, num momento em que a propaganda oficial procura construir a imagem de um Sakharov cordato e disposto a abrir mão de sua militância contra o regime, para livrar-se da

<sup>274</sup> *Veja*, nº 896, 06/11/1985, 58.

<sup>275</sup> Termo usado por *Veja* (Caça ao dragão em Moscou. *Veja*, nº 1031, 08/06/1988, 55) e por outros autores (BROWN, 1996, 212; LEWIN, 2007; SEGRILLO, 2000, 333; RODRIGUES, 2006, 90). A autonomia e participação orçamentária do setor na economia, sua representação no Kremlin, o grau de prioridade conferido, suas técnicas próprias de gestão diferenciadas dos demais setores econômicos do país (como o uso de concorrência entre empresas para o recebimento de projetos e de recursos), a tremenda luta política travada entre as diversas facções do PCUS para contê-lo – vinda desde a morte de Stalin e com desfechos tão importantes quanto a vitória dos reformadores de Krushev sobre o conservador grupo antipartido, atribuem ao termo sua aplicabilidade à realidade soviética.

<sup>276</sup> Mudez eloquente. *Veja*, nº 901, 11/12/1985, 55.

solidão em Gorki”. O que poderia ser um gesto de boa vontade, na verdade se trataria de dobrar o espírito de contestação, bem típico ao regime. Ou, como a própria mulher de Sakharov diz, “de tanto sermos seguidos às escondidas, sinto-me como um micróbio numa lâmina sob um microscópio [...] é uma sensação terrível”. Um micróbio diminuto frente ao Estado e sob observação escrutinadora do aparelho da KGB<sup>277</sup>. Esses temas seriam lembrados com a entrevista de Bonner nas páginas amarelas<sup>278</sup>.

Um caso abordado pela revista uniu a imagem tanto dos dissidentes quanto a dos *refuseniks*<sup>279</sup>. Depois de nove anos de prisão, o dissidente soviético Anatoly Scharansky, de ascendência judaica e antigo membro de centros soviéticos de matemática e informática, deveria ser libertado numa troca de espões. Mesmo com a acusação formal de traição e espionagem para a CIA em seu processo, “tudo nele, porém, forma a imagem típica do prisioneiro de consciência”. O mesmo ocorre com Scharansky. Não há qualquer menção ao seu alegado envolvimento com o atentado de 1977 ao metrô de Moscou (DANIELS, 2007, 349). Como de costume, as acusações do lado inimigo nunca valem para nada a não ser como pista de uma verdade inversa e ocultada. Na foto que ilustra a matéria, manifestantes com um cartaz de Scharansky, com a frase em inglês “deixe meu povo ir”. Trata-se de um Moisés contra o pérfido e despótico faraó soviético. *Veja* traça também um histórico da atuação americana pela liberdade dos dissidentes soviéticos através de trocas de cidadãos por espões.

A *glasnost*, citada por *Veja* no termo russo pela primeira vez na segunda metade de 1986<sup>280</sup>, seria um movimento restrito apenas a uma maior liberdade de circulação de informação, principalmente no campo da informática, onde o atraso soviético e as dificuldades de controle estatal mais se faziam notáveis. Os direitos humanos, a liberdade de consciência, uma oposição não-organizada constituída pelos dissidentes – que, ao contrário da visão de uma sociedade atomizada por parte de *Veja* e dos teóricos do totalitarismo, talvez nem sequer tão desorganizada assim fosse (DANIELS, 2007, 348) –, continuaria fora dos planos de reforma. “Passados dezesseis meses, são cada vez mais frequentes os sinais de que, pelo menos no que diz respeito à informação, Gorbachev está tentando passar da palavra aos atos. Os dissidentes continuam

<sup>277</sup> Linha dura. *Veja*, nº 926, 04/07/1986, 64.

<sup>278</sup> Caminho de volta. *Veja*, nº 955, 24/12/1986, 5-8.

<sup>279</sup> *Veja*, nº 910, 12/02/1986, 24-25.

<sup>280</sup> A tesoura perde o fio. *Veja*, nº 931, 09/07/1986, 36.

silenciados e não se admitem críticas ao regime”<sup>281</sup>. Tal visão teve que ser alterada diante das mudanças provocadas pela abertura:

Num gesto francamente revolucionário dentro de um regime em que a reabilitação dos que caem em desgraça costuma ser quase secreta – e muitas vezes póstuma –, Gorbachev comunicou [...] que finalmente estava livre da punição que pesava contra ele há quase sete anos. E não parou por aí a intervenção de Gorbachev, que o colocou imediatamente na posição do líder comunista mais ousado no caminho da liberalização do regime em qualquer época<sup>282</sup>.

Com um telefonema, o secretário-geral libertava Sakharov do exílio interno na cidade de Gorki. “Mantê-lo nessa cidade, à qual os estrangeiros não tem acesso, era como cotar-lhe [sic] o ar em suas atividades em favor dos direitos humanos”. Ainda assim, a atitude de Gorbachev, para *Veja*, não era uma dádiva. “Alguns ainda veem sombras no processo soviético. Para Anatoly Scharanski” libertado no início do ano, “a URSS de Gorbachev é “ainda pior” do que era antes”. A libertação de Sakharov se deu uma semana após a morte em greve de fome do dissidente Anatoly Marchenko. Como *Veja* mesma afirma, uma coisa pode ter somente “compensada” a outra. “Em todo caso, o fato é que algo se move na URSS de Gorbachev”<sup>283</sup>. Outro dissidente a quem *Veja* dá voz é Leonid Pliutsch, que aponta que Gorbachev estaria fazendo uma maquiagem do sistema, “a impressão de que quer mudar para não mudar nada”. Para ele, Gorbachev seria um Stalin por dentro e um Krushev por fora. “Um tipo desses é até mais perigoso”. Porém a glasnost está aliviando a vida dos dissidentes que continuam na URSS. As leis de “propaganda e calúnia contra a URSS, dois “crimes contra o Estado” nos quais é enquadrada a maioria dos dissidentes” estava em revisão. Há ventos de mudança, como o título da matéria aponta. Podem até se tornar um furacão, mas ainda são feitos de vento<sup>284</sup>.

Na reportagem “Ponte para Israel: URSS pode autorizar êxodo em massa”, os Tratados de Helsinque e a legislação comercial estadunidense são levantados como a razão da abertura das fronteiras do país pra a saída de parte da minoria judia.

Como a legislação americana condiciona o comércio com a União Soviética à liberalização da política de emigração, as trocas entre os dois países sofreram um declínio proporcional ao de vistos [de emigração]. Ao abrir as fronteiras, ainda que fugazmente, os soviéticos se beneficiariam de uma reativação na pauta comercial<sup>285</sup>.

<sup>281</sup> A tesoura perde o fio. *Veja*, nº 931, 09/07/1986, 36.

<sup>282</sup> Caminho de volta. *Veja*, nº 955, 24/12/1986, 42.

<sup>283</sup> Caminho de volta. *Veja*, nº 955, 24/12/1986, 42.

<sup>284</sup> Ventos da mudança. *Veja*, nº 961, 04/02/1987, 45.

<sup>285</sup> Ponte para Israel. *Veja*, nº 904, 01/01/1986, 46.

Se há embargo à URSS, este é automático e reativo, unicamente porque esta desrespeitou os acordos internacionais sobre os direitos humanos que ela própria assinou. Os EUA confirmam seu papel de polícia do mundo e defensores da liberdade, de vitória moral e diplomática sobre os soviéticos. E a intenção destes é de tirar vantagem sobre os Estados Unidos e a comunidade internacional, uma vez que o que fizeram foi visando os resultados práticos do comércio e não as pessoas, confirmando seu papel de indiferentes à humanidade.

O primeiro baque para a revista foi provocado pelas declarações de autoridades do círculo gorbachevista, que provocaram comoção. Na reunião de cúpula em Reykjavík, Samuel Zivs, da Associação dos Juristas da União Soviética, respondeu a uma pergunta feita pela imprensa ocidental sobre os presos políticos em seu país. “Na União Soviética não fazemos distinção entre presos políticos e criminosos comuns”. A resposta-padrão das autoridades era a de que não existiriam presos políticos, e sim que todos eram criminosos (ENGLISH, 2000, 223). *Veja* pergunta se Zivs teria cometido uma gafe ou se estaria admitindo publicamente a existência de prisioneiros de opinião.

Samuel Zivs é de estilo mais rude, tanto nos ternos como no sotaque do seu inglês, e deixava-se levar por trilhas sem muita volta quando discorria sobre a especialidade que, como jurista, lhe cabia defender – os direitos humanos, particularmente o direito dos judeus a emigrar. “Na União Soviética nós só não deixamos sair do país aquelas pessoas que, por sua profissão ou sua posição, são portadoras de segredos tidos como de segurança nacional”, disse ele [...] “Mas como podem ser tantas as pessoas portadoras de segredo?”, insistiram os repórteres, referindo-se ao grande número de pedidos de emigração não atendidos. [...] Fingir-se de desentendido era sua maneira de escapar<sup>286</sup>.

Os judeus refuseniks se enquadravam melhor na antiga ideia, ainda czarista, de “prisão de povos”, já que era o único movimento de contestação com caráter nacional nos anos 1970 e até a segunda metade dos 1980. Mas um novo fluxo de imigração parecia abalar essa convicção da imprensa. É o caso da reportagem “filhos pródigos: Moscou recebe de volta emigrantes saudosos”.

Sacudida desde 1985 por uma série de inovações impensáveis há até pouco tempo, a União Soviética está agora diante de mais uma novidade da era inaugurada com a ascensão de Mikhail Gorbachev ao poder: a volta de emigrantes arrependidos [...] soviéticos que se desiludiram com a vida nos Estados Unidos e decidiram voltar [...] sete dos recém-chegados tinham se naturalizado americanos e a grande maioria é formada por judeus.

As principais razões para a volta variam, mas as principais são a saudade, a falta de adaptação e o desencanto com a vida nos Estados Unidos; “Que tipo de liberdade é essa que existe nos Estados Unidos, onde se vive preocupado com a moradia, com as contas

<sup>286</sup> Tropeção na chegada. *Veja*, 22/10/1986 n° 946, 70.

todos os meses e tudo o mais?”, perguntou ao desembarcar em Moscou o pintor Valery Klever, de Leningrado, que emigrou com a família em 1977. Outros disseram que encontraram dificuldades no trabalho – muitos experimentaram o desemprego – e tinham medo da violência urbana [...].

Indagado sobre a razão por que os pedidos demoram tanto a ser atendidos, Gerasimov disse que é preciso encontrar casa e trabalho para as pessoas que querem voltar<sup>287</sup>.

Inicialmente parece ser a exceção à regra. Depoimentos das pessoas desenganadas com o modelo estadunidense e a liberdade no sistema capitalista, mas o fim do texto prova o contrário: não havia liberdade para sair da URSS, e agora, mesmo com o fluxo de emigrados, há morosidade na permissão de volta e ainda existe a falta de liberdade que alguns pedem como garantia para seu retorno, como o diretor de teatro Yuri Lyubmov. A primeira vista ela apresenta uma cobertura imparcial com a vinculação desta matéria, mas a sugestão que passa é a de que a mente das pessoas permaneceu cativa, ao contrário de seus corpos, e por isso não se adaptaram no estrangeiro. Os perseguidos pelo regime seriam, portanto, de um número limitado. Em 1988 *Veja* necessitou precisar melhor esses números e enfrentar um duro golpe em sua argumentação. O Kremlin iria liberar todos os presos políticos até o fim do ano.

Pelo caminho enviesado que costuma trilhar quando estão em jogo questões embaraçosas, o Kremlin emitiu, na semana passada, sinais de que está disposto a extirpar um hábito que, fora da União Soviética, passou a simbolizar o país [...] o envio, para longas temporadas na prisão, de todos aqueles que discordam das práticas do regime<sup>288</sup>.

Entidades internacionais preferem esperar pelos acontecimentos, mas “os fatos, porém, reforçam a ideia de que a extinção dos traços que ainda restam dos gulags – os sinistros campos de prisioneiros onde o ditador Josef Stalin aniquilou milhões de seus opositores [...] são bem mais que uma simples esperança”. Os 600 prisioneiros políticos de 1986 foram reduzidos a menos da metade em 1987. Uma comissão de psiquiatras estadunidenses vai inspecionar os manicômios soviéticos para atender ao pedido de reintegração à Associação Mundial de Psiquiatria, da qual foi expulsa em 1983, como também da tentativa soviética de sediar uma conferência sobre direitos humanos, prevista para 1991. Porém os acordos vêm sendo violados desde 1975, como acusam os EUA e a Inglaterra e a reunião “jamais poderá ter lugar em Moscou enquanto pessoas continuarem a ser encarceradas por suas convicções”. O objetivo era tornar “a URSS um país sem presos políticos – e livrar Gorbachev do vexame de deparar com manifestações de protesto a cada viagem ao exterior”. Antes afirmava que as necessidades comerciais da URSS a impeliam

<sup>287</sup> Filhos pródigos. *Veja*, nº 957, 07/01/1987, 43.

<sup>288</sup> Luz no fim do túnel. *Veja*, nº 1052, 02/11/1988 50.

para a liberação dos presos e ao cumprimento dos tratados de Helsinque. Agora a revista mudou o tom e tratou o caso personalisticamente. Essa mudança ocorre pela necessidade de combate à “Gorbymania” crescente. Antes chamava-se a atenção para a tentativa de financiamento e inserção do país na economia ocidental, mais como uma ameaça do que uma oportunidade de bons negócios. Agora a imagem de Gorbachev pode ser aranhada ligando-a aos presos e às manifestações fora da URSS, deixando de lado as questões da economia mundial – como ficou claro com as fotos de protestos contra Gorbachev. Não havia mais como transformar 250 presos na imagem dos milhões de encarcerados ou fuzilados do stalinismo, ou na de milhares presos sob Brejnev, como posteriormente fariam alguns reformistas (YAKOVLEV, 1996, 187), e a própria *Veja*. Sob a alegação soviética de que os presos políticos agora cabem nos dedos das mãos, *Veja* diz que

evidentemente, não tem 250 dedos – é em torno dessa cifra que a maioria das entidades de direitos humanos, como a Anistia Internacional, estima o número de presos, aí incluídos os perseguidos por motivos religiosos, os opositores políticos condenados como criminosos comuns e os que ainda se acredita estarem em hospitais psiquiátricos. A anistia aos presos políticos [...] não elimina o problema da falta de liberdade no país da *glasnost*. “A repressão continua, embora bem mais branda do que no passado”, constata o historiador Roy Medvedev, um ex-dissidente que hoje apoia Gorbachev. A diferença é que os que ultrapassam a imprecisa linha vermelha que separa o permitido do ilegal agora são punidos com sentenças leves de dez dias – em lugar de dez anos [...]. Difícilmente, porém, essa mudança servirá de consolo para os manifestantes que, por ousar expressar opiniões que amanhã podem ser adotadas como oficiais, têm de enfrentar tropas de choque, equipadas com cassetetes e gás lacrimogênio, cenas rotineiras cuja extinção não parece figurar no calendário das reformas. Ao contrário: na semana passada, a mesma reunião do Soviete Supremo que referendou um pacote de propostas de modernização da economia aprovou, também, leis que facilitam a repressão a greves e passeatas e permitem à polícia invadir domicílios sem mandato judicial<sup>289</sup>.

Nesse momento Sakharov obteve a liberdade de viajar para o exterior. “Para conseguir esse direito, corriqueiro em qualquer país onde imperem as regras mínimas de civilização, Sakharov precisou enfrentar sete anos de confinamento e mais dois de reabilitação sob controle”<sup>290</sup>. A burocracia para viagens ao exterior além dos territórios dos aliados soviéticos no Leste Europeu não foi relaxada apenas para Sakharov, mas para os soviéticos em geral (YAKOVLEV, 1996, 76). Mas estes ainda não eram o foco para a revista.

O fim da censura, ou *glavlit*, e a liberação dos prisioneiros políticos, levou à mudança temporal da abordagem dos direitos humanos. Os campos de trabalho seriam caracterizados pelo

<sup>289</sup> Luz no fim do túnel. *Veja*, nº 1052, 02/11/1988, 51.

<sup>290</sup> *Idem*, 51.

seu frio e isolamento, que constituiriam muros naturais. “A 6 400 quilômetros de Moscou e sob temperaturas de até 70 graus negativos”, ao lado da Kamchatka e do mar de Okhotsk, na região ao lado de Oymyakon e Yakutsk, as mais frias do país, fica o campo de Magadan. Ainda assim “é o campo de regime mais brando”. O termo *gulag* ainda não era usado por *Veja*. Era necessário reconhecer uma realidade – esse sistema havia sido extinto gradativamente após a morte de Stalin (LEWIN, 2007, 198). A reformulação do anticomunismo, em andamento, que homogeneizaria a URSS stalinista com o período leninista e com o de Krushev e Brejnev, ainda não se atrevia a isso. Giorgi Mikhailov, professor de Física da Universidade de Leningrado fotografou os campos de trabalhos forçados nos seis anos em que ficou preso, com “imagens raras do cotidiano de prisioneiros políticos e comuns nos confins da Sibéria” para “mostra-las agora no exterior”. Mas a imagem exibida é bem diferente das construções posteriores sobre o Gulag, como na legenda da foto: “fora dos limites da prisão, os presos trabalham para fugir da rotina”. Alguns trabalhos são realizados em áreas tão inóspitas que “para onde se olhe, só há montanhas de neve ou a ameaça de animais ferozes. Por isso os prisioneiros são deixados em completa liberdade e só uma vez por semana são visitados pelos guardas”. Outra das legendas das fotos batidas pelo dissidente aponta: “guardas: pouco trabalho e inspeções a cada semana”. “Quem procurar nelas um retrato chocante do sofrimento não o encontrará – são antes fotos da banalidade das agruras, os instantâneos de um dia-a-dia como ele é”. *Veja* admitia ainda a existência de presos comuns no sistema penal soviético. O campo de Aratat, no Rio Kolyma, em Magadan, se destinava a alcoólatras e criminosos envolvidos com álcool, e teoricamente a serem reabilitados clinicamente. “Mikhailov era o único que nem era alcoólatra nem criminoso”<sup>291</sup>. Também não deixa de se espantar com os rumos que a liberalização tomava.

A façanha que ele tem em mente para o futuro é voltar à União Soviética para acompanhar pessoalmente os processos que está movendo contra a KGB [...] contra a ilegalidade das prisões e perseguições de que foi vítima, e assim colocar em duto teste a política da *glasnost*<sup>292</sup>.

A ideia de uma prisão sem grades para os dissidentes pareceu até sucumbir. Mas era chegado o momento de se procurar uma nova fórmula para a crítica ao socialismo real. Ganhou corpo então a noção de uma prisão para todos os cidadãos. Ainda assim o antigo discurso anticomunista demorou muito até ser abandonado por completo. Ele ainda ressoava, já se

<sup>291</sup> Retratos do exílio. *Veja*, nº 992, 09/09/1987, 38-40.

<sup>292</sup> *Idem*, 38.

misturando com o novo anticomunismo, em *Veja* e na mídia conservadora americana no seriado *Amerika* e em sua cobertura jornalística pelo semanário. Na minissérie “a democracia acabou, os direitos individuais foram varridos do mapa e os dissidentes mandados para o Gulag, criancinhas americanas cantam a *Internacional* e insossos bifés de soja substituem o tradicional hambúrguer”, com a invasão e conquista dos EUA pelos soviéticos, prevista para o fim do ano corrente. A série formulada em 1984 apresentaria os problemas da queda do patriotismo diante do escândalo Iran-Contras e “principalmente na União Soviética de Mikhail Gorbachev que fervilham mudanças com potencial para tornar anacrônicas as imagens sombrias da vida sob o comando do Kremlin mostradas na minissérie americana”.

Sob a ocupação, os agricultores americanos trabalham para alimentar a URSS e só ficam com as sobras, multidões de exilados internos passam fome e frio, hospitais psiquiátricos se transformam em centros de tortura de dissidentes, tropas invasoras estupram e matam sem motivo para intimidar a população e os chefões do Kremlin ainda ameaçam jogar bombas nucleares sobre uma ou duas cidades dos EUA a título de lição para os rebeldes que tentam resistir<sup>293</sup>.

Mas, como o protagonista afirma, “nossas pesquisas sobre o método soviético de ocupação – nos países da Europa Oriental durante a II Guerra Mundial e no Afeganistão – mostram que historicamente os soviéticos têm sido muito mais duros do que mostramos no filme.” Cabia à Gorbachev contra-atacar “na batalha da propaganda”. Se *Veja* aponta o exagero do anticomunismo dos roteiristas de *Amerika*, sempre sugere que, em boa medida, essa é de fato a realidade sob o jugo soviético. As reformas tem o “potencial para tornar anacrônicas as imagens sombrias”, que, se não são ainda anacrônicas, constituem a verdade. Mais do que um distanciamento das afirmações da rede de televisão e dos atores, insinua-se, sempre dando voz aos mesmos, que a realidade é ainda pior do que a ficção.

Com o tempo a crítica ao sistema do socialismo real muda. Ele não é mais uma ameaça à paz internacional diante do expansionismo militar soviético e de seus aliados financiados pela “mão de Moscou”, ou de suas conquistas na tecnologia bélica e sua rivalidade com o capitalismo. Ele já não é um rival à altura, ou a ser temido. Invés de um modelo de industrialização, agora é um modelo de atraso tecnológico e de pobreza. E pode ser comprovado segundo o anedotário russo, de acordo com um de seus colunistas<sup>294</sup>, ou o humor e zombaria anticomunista

<sup>293</sup> Polêmica amerikana. *Veja*, nº 964, 25/02/1987, 52-53.

<sup>294</sup> TOLEDO, Roberto Pompeu. A revolução de Gorbachev. *Veja*, nº 986, 29/07/1987, 46-72.

ocidental<sup>295</sup>. O regime não oprime apenas àqueles que se manifestam abertamente, mas a toda a população, e por meios muito mais variados, de terror absoluto e de assassinatos em massa, e não hospitais psiquiátricos<sup>296</sup> ou aprisionamentos com prazos definidos. E isso não teria sido um processo gradual, mas foi assim desde sempre. Com a adesão e publicidade das teorias mais rígidas sobre o totalitarismo não há mais espaço para a oposição não-oficial e não-organizada frente ao Estado e ao aparelho de segurança interno. Desde sempre existiu um véu de totalitarismo, oprimindo todas as mentes e todos os povos. Dissidentes e refuseniks desaparecem da memória de *Veja*, como do discurso anticomunista. Apesar disso, a primeira reação foi abandonar um dos pressupostos da teoria, a do regime reproduzir indefinidamente e continuar a ser totalmente estático (LEWIN, 1988, 19-20), em virtude de sua fragrantemente irrealidade frente aos novos eventos. “Em todo caso, o fato é que algo se move na URSS de Gorbachev”<sup>297</sup>, em contraposição ao estatismo e congelamento de décadas anteriores. Dessa maneira *Veja* pode tratar da recepção à Sakharov feita por Gorbachev no Kremlin, da aceitação de uma carta de reivindicações e das manifestações de uma possível candidatura do dissidente para o novo Congresso dos Deputados do Povo, ainda em discussão, como o encontro do líder da URSS com “o homem que continua a simbolizar a resistência aos abusos do totalitarismo”<sup>298</sup>.

Em cada época o anticomunismo se manifestou de uma forma diferente. Como Carla Luciana Silva afirma, ele não começou em consequência da Intentona Comunista de 1935 (SILVA, 2001, 35). A sombra do ateísmo ou da “baderna” eram seus principais argumentos logo após a Revolução de Outubro. Novas fases promoviam sua substituição por outros. Nos anos 1980 e 1990 poucos grupos consideravam que o ateísmo era a face mais assustadora do comunismo e que por isso merecia ser denunciado em primeiro lugar. Várias imagens do anticomunismo poderiam sobreviver marginalmente. Por exemplo, a alegação de que era inviável economicamente – o que ninguém além de discípulos de Hayek e Mises consideraria algo sério diante do vertiginoso crescimento econômico até meados dos anos 1970. Os anos entre 1985 e 1987 demonstram que, em *Veja*, o discurso anticomunista movimentava-se exatamente como

---

<sup>295</sup> *Veja*, nº 906, 15/01/1986, 44.

<sup>296</sup> A pressão internacional durante a gestão Carter sobre o aprisionamento de dissidentes em hospícios levou ao Kremlin permitir que o dissidente exilado Soljenitsin abrisse um escritório em Moscou, chamado Working Commission to Investigate the Use of Psychiatry for Political Prisoners ainda nos anos Brejnev (DANIELS, 2007, 348), organização não mencionada por *Veja* em qualquer momento.

<sup>297</sup> Caminho de volta. *Veja*, nº 955, 24/12/1986, 42.

<sup>298</sup> Frente a frente. *Veja*, nº 1011, 20/01/1988, 34.

apêndice da diplomacia e da propaganda de Washington. Não existia um conteúdo nacional, ou relacionado com necessidades e circunstâncias que ofereceriam uma base de sustentação nacional. No Brasil seria de bom senso a ocorrência e recorrência da crítica ao ateísmo (boa parte da sociedade brasileira estava longe de uma laicização promovida pela revolução social), mas esta aparece apenas em algumas ocasiões em *Veja*: as aparições em Medjugorje<sup>299</sup>, o atentado contra João Paulo II<sup>300</sup>, manifestações na Tchecoslováquia<sup>301</sup>, subordinação do patriarca ao Kremlin<sup>302</sup>, e as promessas de encontro de Gorbachev com o Papa<sup>303</sup>.

O comunismo deveria ser temido, a partir das páginas de *Veja*, porque era sustentado pela segunda economia mundial, a vertente “rica” do comunismo, capaz de manter *pari passu* a corrida armamentista com os Estados Unidos, promover com o “ouro de Moscou” a revolução armada e a guerra revolucionária mundo afora, sustentando ditaduras nas áreas do comunismo “pobre” ou movimentos terroristas, pondo em risco a paz mundial. O sistema em si era temível porque, uma vez instalado no poder, era irremovível, exceto pela intervenção externa; pela perseguição movida contra pequenos grupos opositores e étnicos, desrespeitando seus direitos humanos – reconhecidos pela própria URSS e demais países do Leste Europeu em Helsinque. O regime havia trocado o terror stalinista pelo autoritarismo de Brejnev. As reformas de Gorbachev eram superficiais e destinavam-se a continuar esse abrandamento do regime (apesar da campanha contra o álcool e os fuzilamentos de funcionários corruptos, que usaram muito da coação), sem tocar em sua essência centralista. Sua leitura era a de um regime com passado totalitário ou um ecletismo com outras interpretações que descartavam o totalitarismo puro e simples da era de Stalin, porque era visivelmente impossível comparar ambas as épocas e generalizar o stalinismo para todo o período soviético. Mas isso iria mudar. Em boa parte porque essas mudanças de foco eram facilmente executadas sobre um extrato comum de anticomunismo disseminado em certos grupos e classes, ou o imaginário político sobre o comunismo, menos volúvel (MARIANI, 1998, 19-21) a essas alterações das acusações principais.

---

<sup>299</sup> A virgem croata. *Veja*, nº 988, 12/08/1987, 52.

<sup>300</sup> O elo búlgaro. *Veja*, nº 874, 05/06/1985, 48.

<sup>301</sup> Silêncio rompido. *Veja*, nº 879, 10/07/1985, 45.

<sup>302</sup> TOLEDO, Roberto Pompeu. A medalha e o sorriso. *Veja*, nº 986, 29/07/1987, 64.

<sup>303</sup> Porta para a fé. *Veja*, nº 990, 26/08/1987, 52.

### CAPÍTULO III

#### A percepção de um líder realmente revolucionário: 1987-1988

##### 3.1 O novo pensamento diplomático e o fim da Guerra Fria - 1988

O cenário desse jogo de cenas entre ambos os líderes perdurou para a revista até 1988. A partir de então, ela conferiu mais importância ao “novo pensamento” diplomático enunciado por Gorbachev (GORBACHEV, 1988, 155). Para isto contribuíram as negociações de paz para resolver os conflitos regionais, a saída total do Afeganistão, a visita de Sarney, o desarme e abertura de bases militares para inspetores ocidentais, o novo foco das relações exteriores e a percepção de que esse novo foco era uma maior inserção no comércio mundial, com vantagens não só ideológicas como econômicas para a empresa em si e os setores e empresas que a suportam. A URSS, ainda como superpotência, mas já visivelmente combatida pela crise econômica, estaria abandonando o campo das lutas ideológicas em troca de um mundo dos bons negócios, antes vítima de preconceitos sistemáticos do regime<sup>304</sup>. Gorbachev passa a ser reconhecidamente um pacifista, porém prático. Mas a desconfiança unilateral permanece. Apenas um lado têm um histórico e uma conduta que seja digna de suspeita, segundo *Veja*.

O primeiro sinal de mudança veio com a ratificação das cláusulas do Tratado INF, sobre mísseis de médio alcance, no fim de 1987. “É espantoso como os russos fizeram concessões”. “A primeira concessão está nos próprios números. A União Soviética vai eliminar mais de 1 500 ogivas nucleares, contra um número três vezes menor por parte dos Estados Unidos. Mas os mecanismos de verificação de cumprimento do acordo não ficam atrás”. Os estadunidenses terão

---

<sup>304</sup> DIMENSTEIN, Gilberto. Cai em Moscou a fronteira do preconceito. *Veja*, nº 1051, 26/10/1988, 62.

gente na “própria União Soviética examinando mísseis no momento em que saem da linha de montagem”.

As cláusulas de verificação são realmente inéditas. Durante treze anos, inspetores americanos ficarão permanentemente instalados em acomodações junto à fábrica de mísseis de Votkinsk, quase 1 000 quilômetros a leste de Moscou [...].

Os inspetores americanos verificarão se a produção do SS-20 de fato será interrompida – e também se não sairão foguetes “disfarçados”, imitando a categoria ainda permitida<sup>305</sup>.

Ainda não se pode confiar nos russos, mas a cara do regime estaria se transformando de verdade. Com o Afeganistão, após reconhecer que foi “um “erro monumental”” a intervenção militar, foi fixado também o cronograma da retirada.

Até aqui, porém, os termos ainda eram vagos. Em fevereiro de 1986, Gorbachev limitou-se a prever a retirada das tropas “num futuro próximo” e, em outubro do mesmo ano, a remoção de 8 000 soldados não passou de uma jogada de propaganda que não mudou em absolutamente nada o rumo da guerra<sup>306</sup>.

Mas não foi o ideal pacifista da nova liderança que promoveu o desengajamento do país. A pressão internacional e dos EUA deixaram

claro que declarações de boa vontade, apenas, não bastava. Enquanto não se livrar do pesadelo afegane, a URSS de Gorbachev não poderá desenvolver a pleno vapor o ambicioso projeto de política externa com que pretende reformular sua posição no mundo<sup>307</sup>.

Em seguida é a vez de se minimizar as ações militares americanas frente à intervenção soviética. O Afeganistão é um Vietnam

tamanho família. Em oito anos de guerra, suas tropas conseguiram matar cinco vezes mais afeganes que os 200 000 vietnamitas mortos pelos soldados americanos nos dez anos de inferno no Vietnam. Essa carnificina, entretanto, não produziu resultados militares concretos – e naturalmente alimentou ainda mais a disposição de resistência.

Foi essa ajuda, da ordem de 1 bilhão de dólares este ano, que permitiu à guerrilha desequilibrar o conflito. A peça determinante<sup>308</sup> foi o míssil portátil americano Stinger, com apenas 20 quilos de peso mas capaz de derrubar um caça em pleno voo<sup>309</sup>.

Ficou, porém, a impressão de que a União Soviética deixa o Afeganistão não como um ato de concessão à paz mas sim como o grande derrotado em uma guerra que seu próprio

<sup>305</sup> Explosões para a paz. Veja, nº 1004, 02/09/1987, 50-52.

<sup>306</sup> Data marcada. Veja, nº 1011, 20/01/1988, 39.

<sup>307</sup> Idem, 39.

<sup>308</sup> Afirmar que o Stinger desequilibrou a guerra para o lado dos insurgentes é falso. Na realidade ele permitiu aos mujahedins suportarem a perda de Zhawar. Contra a ação dos stingers, que impediam o apoio aéreo às tropas soviéticas e afegãs, outras táticas foram desenvolvidas, como ações noturnas e o sistema antimísseis baseado em partículas de alumínio. Entretanto, a insuficiência de cobertura aérea permitiu aos mujahedins dobrarem suas ações contra as tropas soviéticas entre 1985 e 1987. Lembrando que os primeiros stingers só foram entregues no fim de 1986 (MCCGWIRE, 1991, 275; TANNER, 2009, 267-268).

<sup>309</sup> Veja, nº 1011, 20/01/1988, 39.

exército começou. Mais de 1 milhão de mortos dessa guerra superam de longe a cifra de 200 000 mortos na Guerra do Vietnã<sup>310</sup>.

Tal afirmação permite a seguinte pergunta: e o Vietnam teve resultados militares concretos em favor da superpotência engajada? Os números das mortes provocadas pela ação militar americana no Sudoeste Asiático variam, mas sempre estão ao menos cinco vezes mais elevados do que os dados levantados por *Veja*. Abandonou suas antigas análises do caso afegão, que afirmavam primeiramente uma vitória do regime e a sovietação gradual do país e, em seguida, a maior popularidade de Najibullah como um bom conciliador nacional, para prever que “daqui a um ano, o presidente afegane estará descansando ao sol em alguma praia do Mar Negro ou estará morto”. Mas não comenta suas avaliações errôneas anteriores ou a falha de seus analistas. A retirada do Afeganistão significaria ainda outra manobra oculta de Gorbachev: colocar Reagan contra a parede na reunião de cúpula em Moscou e exigir a retirada do apoio estadunidense aos Contras na Nicarágua<sup>311</sup>. Outra situação que chamou a atenção de *Veja* foi o crescente afastamento da União Soviética de seus antigos aliados no Oriente Médio e a aproximação do até então maior inimigo na região: Israel. Afirma que

O presidente Reagan obteve um inesperado incentivo para continuar insistindo na busca de uma solução para pôr fim aos conflitos entre judeus e palestinos nos territórios ocupados por Israel. A ajuda, dessa vez, não partiu de nenhum de seus aliados tradicionais, mas de seu principal adversário político, a União Soviética. Sem que ninguém esperasse, [...] Gorbachev tratou de quebrar mais um tabu [...]. Transmitiu pessoalmente ao chefe palestino a necessidade de os países árabes engajados na causa palestina reconhecerem a existência do Estado de Israel, um dos entraves que têm impedido qualquer tipo de negociação. [...] “o reconhecimento do Estado de Israel e a consideração pelos seus interesses na área da segurança são elementos necessários para estabelecer a paz e os princípios da boa vizinhança na região, desde que baseados nos princípios da lei internacional”, completou o líder soviético, diante do atônito Arafat, que não esperava pelo conteúdo do discurso que acabara de ouvir [...]. Os países árabes aliados de Moscou e as lideranças palestinas emudeceram<sup>312</sup>.

Uma iniciativa exclusivamente de Gorbachev é transformada em cartaz para Reagan. Não há como traçar uma história da URSS e de Gorbachev segundo *Veja* sem abordar também aos EUA e a Reagan. Um vive e é pintado em relação ao outro, e, mais especificamente, no sentido em que Gorbachev pode reforçar a imagem de Reagan, ou como pode minimizar seu poder de apelo e transferi-lo para o líder estadunidense. Para *Veja*, é uma nova campanha

<sup>310</sup> Meia volta, vou ver. *Veja*, nº 1024, 20/04/1988, 54.

<sup>311</sup> Meia volta, vou ver. *Veja*, nº 1024, 20/04/1988, 54.

<sup>312</sup> Sem intermediários. *Veja*, nº 1024, 20/04/1988, 40.

diplomática, aumentando a influência da União Soviética no panorama internacional, já meditado pela liderança como parte do plano do desengajamento no Afeganistão.

O “novo pensamento” é mais detidamente abordado na matéria “o urso camarada: desengajamento militar, alianças e bons negócios, é esta a nova diplomacia soviética”. Constrói uma descrição das múltiplas reuniões concomitantes como tomadas de um filme, com acontecimentos que ocorrem simultaneamente em vários pontos do globo: “Cena 1, Ponte sobre o Rio Oxus, na fronteira da União Soviética com o Afeganistão”, partida das tropas soviéticas; “Cena dois, Pequim”, destendimento no conflito sino-soviético; “Cena 3, Lisboa, Londres e Brazzaville, no Congo. Diplomatas dos Estados Unidos, União Soviética, Cuba, Angola e África do Sul entram na terceira semana de negociações para tentar pôr fim à guerra no território angolano que se arrasta há treze anos”.

Diferentes em seu grau de importância, mas todos nascidos da mesma fonte de inspiração, os fatos, distribuídos pelos quatro cantos do planeta ao longo da semana passada, mostram que o líder soviético, Mikhail Gorbachev, depois de três anos de governo, está revolucionando não apenas em matéria de abertura e reestruturação econômica – a política externa soviética também começou a mudar, e muito. Em lugar das alianças automáticas com regimes ditos revolucionários, do confronto sistemático com os Estados Unidos e, quando necessário, da pesada mão militar – tudo regado a enormes contas em rublos -, a ordem agora é outra. O urso temível de garras afiadas quer mesmo é conquistar bons amigos, de todas as cores ideológicas, fazer bons negócios e reparar a sua imagem. A era do expansionismo acabou, diz a mensagem implícita. A ordem é negociar, negociar, negociar e até mesmo ceder, como na retirada das tropas do Afeganistão<sup>313</sup>.

“Definida em palavras-chave como “novo pensamento”, “segurança mútua” e “interdependência”, a nova política exterior soviética não distingue aliados de adversários” e prega soluções negociadas para o mundo “utilizando toda sua influência de superpotência”, como no Oriente Médio, com a reaproximação junto à Israel e aos países conservadores, como Arábia Saudita, Kuwait e Egito, que passaram a apoiar o plano soviético de paz, “graças à moderação nas palavras e nos atos”.

Toda a movimentação diplomática soviética tem sido acompanhada com curiosidade, surpresa e boas doses da velha desconfiança pelo governo americano. A base da suspeita é simples: a URSS, raciona-se em Washington, está tentando agora com modos afáveis e na mesa de negociação o que não conseguiu a ferro e fogo. “Eles pretendem nos engajar em atitudes coletivas, organizações internacionais e acordos multilaterais para nos forçar a agir contra nossa própria vontade”, diz Richard Salomon, diretor de Planejamento Político do Departamento de Estado Americano”, afinal, ainda são “rivais geopolíticos”, palavras que “revelam um receio fundamental: o que fazer com um inimigo que, de

<sup>313</sup> O urso camarada. Veja, nº 1029, 25/05/1988, 48.

“império do mal”, se transforma em grande patrono das soluções negociadas. Nós vamos fazer uma coisa terrível com os americanos: vamos privá-los de um inimigo”, ameaçou recentemente, com fina ironia, Georgi Arbatov, um dos mais experientes especialistas soviéticos em matéria de Estados Unidos. A “ameaça” está sendo cumprida<sup>314</sup>.

Mas o pacifismo e moderação soviéticos teriam motivos sólidos e interesses claros, apesar de diferentes dos que Washington atribuía. Com o subtítulo “aliados falidos”, discorre sobre a reunião entre diplomatas soviéticos e estadunidenses para dar início às negociações de paz entre África do Sul e Angola.

A decisão do Kremlin, antes de ser uma nova armação publicitária de Gorbachev, tem tantos motivos políticos quanto econômicos. Todos os governos africanos que se proclamam marxistas – Angola, Moçambique e Etiópia – estão literalmente à beira da bancarrota. Só com Etiópia e Angola, Moscou desembolsa cerca de 1 bilhão de dólares por ano para cada uma<sup>315</sup>.

No mapa e diagrama “O mapa da paz de Moscou”, quadros indicando uma posição pacifista soviética vão dando lugar a quadros que apresentam uma postura forçada por interesses, do abandono da revolução comunista internacional à aproximação com econômicas em desenvolvimento como Brasil e Argentina – para onde a “diplomacia soviética mira agora” – ou a saída do Afeganistão como reaproximação com os países muçulmanos, “uma saída brilhante para uma guerra dada como perdida”, ou ainda no conflito Camboja-Vietnam, “a criação de uma “zona de paz” no Sudeste Asiático – que traria a vantagem adicional, do ponto de vista dos soviéticos, de limitar o movimento dos navios de guerra dos EUA na região”.

Dois movimentos da diplomacia soviética da semana passada reforçam a tese de que Moscou quer o acordo onde for possível – e lucrativo. Além da visita dos chefes militares a Pequim, Moscou procurou reaproximar-se do governo da Coreia do Sul, ignorando o radicalismo de seu aliado comunista da Coreia do Norte<sup>316</sup>.

Se antes se servia da espionagem industrial para aquisição de tecnologia, agora “vai abrir um escritório comercial na Coreia para ter acesso aos produtos eletrônicos de alta tecnologia produzidos no país”. Alerta para a mudança de tática para a captação de influência regional em áreas americanas: “também na busca de bons negócios e amizades renovadas, a diplomacia soviética mudou seu discurso com relação aos países da América Latina, particularmente o Brasil e a Argentina”, influência que pode ser sentida no crescente número de bolsas para estudantes desses países para Moscou enquanto menos estudantes se dirigem para os EUA. “É o abraço do

<sup>314</sup> Idem, 48.

<sup>315</sup> O urso camarada. Veja, nº 1029, 25/05/1988, 49.

<sup>316</sup> Aliados falidos. Veja, nº 1029, 25/05/1988, 50.

urso”, que de fato, como temiam os estadunidenses, ameaça conquistar com a paz o que não o havia com o militarismo e expansionismo. A “mão de Moscou” agora agiria por outros meios. Alguns autores perceberam esse movimento como uma retirada militar soviética no Terceiro Mundo, diante da crise econômica do modelo e de uma maior “seletividade geoestratégica” (BRZEZINSKI, 1990, 218-19) e outros como um abandono de mundos estranhos por uma reaproximação com a verdadeira civilização europeia (ENGLISH, 2000, 140). Já *Veja* tomou por sincera as declarações de 1987, nas quais Gorbachev propunha a instalação de *joint ventures* entre empresas soviéticas e americanas, a entrada de capital estrangeiro, o livre comércio, a cooperação econômica com a Europa Ocidental em projetos e negócios no Terceiro Mundo, bem como convidava este a seguir o modelo da perestroika (GORBACHEV, 1988, 240).

Em meados de 1988 *Veja* anunciou o fim da Guerra Fria, e elegeu seu herói responsável pelo feito, na Carta ao Leitor.

Reagan aparecia aos olhos do mundo como o último homem a quem os soviéticos deveriam procurar para uma conversa [...]. De lá pra cá Reagan fez uma longa viagem em suas posições – e, hoje, prepara-se para deixar a Casa Branca como o presidente americano que participou do mais amplo e audacioso conjunto de decisões destinado a aproximar Estados Unidos e União Soviética.

Entender a essência de tal mudança, reconhecendo-a como o que ela realmente é, e não como um truque de momento, é um sinal de vitalidade – e, no fim das contas, uma demonstração de que só é possível avançar no rumo das soluções quando existe a capacidade de se compreender que as palavras são menos importantes que as ideias e que as ideias devem subordinar-se às realidades<sup>317</sup>.

Alguns autores (LÉVESQUE, 1997, 24; BROWN, 1996, 77) asseveram que Reagan seria o pior interlocutor e parceiro para os soviéticos. Mas *Veja* aponta que essa era uma visão geral que, todavia, não se confirmava diante dos fatos. Pelo contrário. Estes fatos demonstram que o desarmamento não era uma diplomacia de propaganda, “cosmética” – como ela própria assegurou tantas vezes em 1985 e 1986. “Reconhecer a essência da mudança” é entender que o grande agente e o iniciador da mudança diplomática é Reagan, e não Gorbachev. Desde a capa da edição, o destaque é Reagan, sob a pétrea face de Lenin. Na matéria “caça ao dragão em Moscou: Reagan e Gorbachev anunciam a morte do dragão da Guerra Fria e iniciam uma nova era nas relações entre EUA e URSS” a foto evidencia um calmo Reagan (talvez até desnordeado com Lenin ao fundo), num canto da página, num fundo claro, enquanto que, no canto da outra página,

<sup>317</sup> Carta ao leitor. *Veja*, nº 1031, 08/06/1988, 33.

em contraposição absoluta, um inflamado Gorbachev, sob fundo totalmente escuro, exceto pela foice e martelo da bandeira vermelha ao seu lado. O tratado foi assinado no Salão de São Jorge.

Na verdade, a bela sala abriga apenas o santo e, se nela havia dragões, eles eram Reagan e Gorbachev, cada um vendo o monstro no outro. O mesmo Gorbachev que se cansou de denunciar a política belicista de Reagan, naturalmente ditada pelo “complexo industrial-militar”, como “um fator negativo permanente nas relações internacionais”, dizia agora que “aprendemos a nos entender melhor, a levar em conta as preocupações mútuas, a procurar soluções”. O mesmo Reagan que se colocou publicamente como um aliado de Gorbachev na luta em favor da paz e da liberdade, apenas cinco anos atrás apresentara a União Soviética como o “império do mal”. O mesmo Reagan também fez questão de destacar o peso de seu relacionamento pessoal com Gorbachev. “Queremos que saibam que pensamos em ambos como amigos” [...]. O presidente dos Estados Unidos não usa palavras assim por mera cortesia com seus anfitriões numa visita de Estado<sup>318</sup>.

Inversamente ao que afirmava anteriormente, agora as mudanças seriam profundas e verdadeiras. “O dirigente soviético falando em modernidade e civilização no relacionamento com os Estados Unidos, o presidente americano falando em amizade e aliança com a União Soviética – isso é mudança”. Se *Veja* apontava que a União Soviética se apartara do mundo civilizado nas relações internacionais, isso se deve mais ao próprio discurso reformista em radicalização que afirmava exatamente esse distanciamento e o retorno à comunidade de nações civilizadas (YAKOVLEV, 1991, 94) do que ao próprio movimento anticomunista. Gorbachev argumentava que as relações internacionais deveriam ser pautadas pelos valores universais, e não pela luta classes (GORBACHEV, 1988, 170). Era a desautorização de todo o histórico oficial da diplomacia soviética. Para *Veja*, as palavras de Gorbachev são o reconhecimento e a marca de inegabilidade da crítica ocidental. Crítica que os próprios reformistas assimilavam paulatinamente, bem como os modelos de historiadores liberais, segundo Poch-de-Feliu, que tenta explicar o processo:

Se na análise mais neutra e discreta, a Guerra Fria foi uma responsabilidade dupla, compartilhada por igual entre as duas superpotências, na mentalidade dos ocidentalistas “cosmopolitas” russos, que foram a corrente ideologicamente dominante na primeira fase da transição, a responsabilidade soviética era superior. Isso significava que, por um lado, havia que vincular e coordenar o desarmamento com a outra superpotência, com a qual se via um futuro de interesses comuns e que, por outro, se sentira uma necessidade de dar seguridades e de lançar “gestos de honestidade” para apagar a prova dos próprios pecados do passado que, no fundo, se consideravam os “principais responsáveis”.

Muito disso era inconsciente em Moscou; resultado da larga espera da geração de Gorbachev, do descrédito com que os discursos e a propaganda sobre o papel do país no mundo haviam coberto o genuíno e verdadeiro, do esgotamento da fé no próprio sistema e do correspondente prestígio das versões da história facilitadas pelo discurso

<sup>318</sup> Caça ao dragão em Moscou. *Veja*, nº 1031, 08/06/1988, 50.

norte-americano-ocidental, pois, em qualquer caso, existia e fomentava todo tipo de dúvidas, inseguridades e complexos de culpa (POCH-DE-FELIU, 2003, 104-105, tradução livre).

*Veja* traça um histórico dos acordos diplomáticos para o controle de armas entre as superpotências. Lembra-se do acordo de 1967 que previa a limitação de armas nucleares no espaço, “ou mesmo bases militares”, mas silencia sobre os acordos AMB, que proibiriam qualquer sistema antissatélite. Assim não há nenhuma crítica à quebra dos acordos pelos EUA. A IDE não merece sequer uma referência. Sobre os acordos Salt II faz questão de lembrar que o Congresso americano não ratificou o documento assinado por Carter e Brejnev, “em represália à intervenção no Afeganistão”<sup>319</sup>, portanto a implantação dos euromísseis não descumpria qualquer contrato. Mais que isso. Um ato que disparava as tensões na Europa na realidade era uma pressão pela paz. Quem deve ser objeto das dúvidas, das cobranças diplomáticas e do empenho da palavra diante da comunidade internacional é a URSS e não os EUA. Tanto que nem agora, nem em 1986, *Veja* menciona a retirada oficial dos Estados Unidos do acordo SALT II feita por Reagan.

Seria um momento em que os preconceitos de ambos os lados ruíam, diante do entendimento mútuo. “O homem que previu que no futuro o comunismo seria lembrado apenas como “um capítulo triste e um tanto bizarro da História da humanidade” agora caminhava pela Praça Vermelha. Ao ver um quadro no Palácio de Inverno que mostrava a ostentação da nobreza e a vida do povo comum, Nancy disse entender a razão da Revolução de Outubro. “Nancy, com certeza, não se converteu ao comunismo por força de uma sela luxuosa [...]. Quando a mulher de Ronald Reagan admite compreender, de alguma maneira, as causas da Revolução Russa, o dragão da guerra fria [sic] leva outro golpe”<sup>320</sup>. Porém a redução dos mísseis estratégicos pela metade não ocorreu. A proposta foi “emperrado pelas complexas disputas em torno de como executar um programa com essa dimensão”. Permite a vinculação das críticas moderadas do secretário-geral ao fraco interesse desarmamentista do presidente americano. “Sempre que pôde, Gorbachev fez questão de deixar registrada a sua decepção. “O senhor Reagan perdeu uma oportunidade importante de dar um passo adiante”. Pela primeira vez sugere que a ofensiva diplomática está não com Reagan, mas com Gorbachev. Outros autores mostram que, na realidade, as táticas diversionistas da Casa Branca ficaram exauridas assim que o tema dos direitos humanos saiu de uma pauta realista, no início de 1986, restando apenas a posição

---

<sup>319</sup> Caça ao dragão em Moscou. *Veja*, nº 1031, 08/06/1988, 53.

<sup>320</sup> *Idem*, 55.

defensiva diante do domínio da iniciativa, em temas e propostas antes impensáveis, promovida pelos soviéticos (LÉVESQUE, 1997, 26). As engrenagens da Guerra Fria deram a ré, mas nada impede de retomarem a antiga direção, uma vez que é a Primavera de Moscou pode dar lugar ao retorno do expansionismo soviético e a ameaça ao mundo livre que depende do “guarda-chuva” nuclear estadunidense. A União Soviética deixou de ser uma ameaça, mas talvez, apenas momentaneamente:

Há um longo caminho pela frente até que um presidente americano possa pensar em guardar a mala negra com os códigos que acionam a ordem de disparar os mísseis do arsenal nuclear dos Estados Unidos – uma bagagem que o acompanha por toda parte [...]. Mas a cúpula realizada sob o signo da Primavera de Moscou abriu a possibilidade de encurtar um pouco esse caminho<sup>321</sup>.

Para *Veja*, Gorbachev não teria deixado de ser um grande jogador, um blefador, mesmo com o clímax das reuniões de cúpula e do fim da Guerra Fria, como apontava desde 1985. Este é o caso da matéria de Flávia Sekles sobre o discurso de Gorbachev na ONU, em dezembro de 1988.

Imagine-se um mundo no qual as liberdades fundamentais são respeitadas em toda parte e a cooperação substitui a força. Nesse mundo impera a tolerância, os diversos sistemas econômicos se complementam, o progresso de uns não é alcançado à custa dos direitos de outros e o “primado dos valores humanos universais” se impõe sobre a batalha entre comunismo e capitalismo [...]. Imagine-se que quem imagina esse mundo, que de tão diferente, novo e admirável parece até “um pouco romântico demais”, não é um roqueiro sonhador, mas o líder da metade comunista do planeta [...].

A plateia que, por mais preparada que estivesse para as surpresas do líder soviético, mal podia acreditar no que estava ouvindo [...]. Para acompanhar a sua visão, e a sua proposta, de uma nova ordem mundial, por enquanto confinada ao campo imaterial das grandes ideias, que podem dar certo ou não, Gorbachev fez um gesto concreto. Ele falou de paz e passou a faca nos canhões, anunciando que, até 1991, a União Soviética vai reduzir o seu império militar em 500 000 homens, 10 000 tanques e outros cortes unilaterais.

Materializou-se assim, diante do atônito público que lotava o plenário da ONU, o enorme presente de natal [...]. Foi, primeiro, um belo presente para a própria União Soviética, que vai gastar menos com os militares e investir mais na combatida economia civil<sup>322</sup>.

De acordo com o semanário, Gorbachev é um líder comunista que vende sonhos e imaginação, que conquista corações e mentes com demagogia e populismo (que foi, aliás, o tom dos primeiros embates da propaganda dos órgãos de Estado americanos e da imprensa), reforçada com a foto do secretário de Estado e do diretor da CIA, com a legenda de “Shultz com Vernon

<sup>321</sup> Caça ao dragão em Moscou. *Veja*, nº 1031, 08/06/1988, 56.

<sup>322</sup> Brinde russo no natal de Nova York. *Veja*, nº 1058, 14/12/1988, 58-59.

Walters: “Por enquanto, tudo está apenas no papel”. Sua arte do blefe atingiu níveis tão altos que a plateia de Nova York já estava parcialmente preparada para os anúncios inesperados e chocantes. E o mais espantoso é que suas palavras, desta vez, estavam seguidas de fatos palpáveis – até mesmo porque eram do restrito interesse econômico soviético. O “brinde de natal” foi em primeiro lugar às próprias necessidades prementes. *Veja* acusa que a versão madura do novo pensamento diplomático de Gorbachev era fantasiosa. E não é apenas ela que o considerou por demais visionário (LÉVESQUE, 1997, 34). O próprio Gorbachev, posteriormente, teve que realizar sua autocrítica (GORBACHEV, 2000, 169-170). Para *Veja*, Gorbachev seria quase um gracejador. Sua visão de que o Terceiro Mundo avançava para posições em que seria obrigatório aos países desenvolvidos atender suas reivindicações, num ambiente de interdependência nacional crescente e de uma consciência ou opinião pública global emergente (GORBACHEV, 1988, 161-163; 166), merece o seguinte comentário: “De quebra, sobrou um souvenir para o Brasil, colocado por Gorbachev na lista de “grandes potências, como a Índia, a China e o Japão”, cuja voz precisa ser ouvida no “diálogo sobre as questões internacionais””.

Como o *New York Times* afirmou, pode ser um discurso fundante de uma nova ordem, como os de Woodrow Wilson e Franklin Roosevelt – “o império da lei, não o da força; o pluralismo, não o unilateralismo; a liberdade econômica e política” - e causou, ainda segundo o *Times*, a impressão de ser “emocionante. Arriscado. Ousado. Ingênuo. Diversionista. Heroico. Tudo se aplica.

O momento de maior audácia de Gorbachev aconteceu na condenação aberta, sem meias palavras, da doutrina militar agressiva e expansionista da União Soviética nas últimas décadas. “O uso ou a ameaça do emprego da força não podem mais ser um instrumento de política externa” [...]. Estamos presenciando o nascimento de um novo modelo de segurança, não mais fundamentado no armamentismo, como foi quase sempre no passado, mas, ao contrário, na sua redução<sup>323</sup>.

A retirada unilateral de 10% dos efetivos no território dos aliados do Leste Europeu não representaria nada de concreto, não mudaria a superioridade militar convencional do Pacto de Varsóvia sobre a OTAN, seria apenas simbólica. Mesmo assim, os conservadores no Kremlin, mesmo enfraquecidos, estariam longe de nocauteados. Até porque

a primeira cabeça a rolar não foi a de um “duro”, mas sim a de um dos mais importantes aliados do líder soviético na cúpula militar, o marechal Serguei Akhromeiev, até semana passada chefe do Estado-Maior das Forças Armadas. Um “antigo ferimento de guerra”, segundo o porta-voz soviético Gennadi Gerasimov, achou por bem se manifestar exatamente na quarta-feira e o veterano marechal deixou o cargo. Tradução: Akhromeiev, cujo apoio ao acordo de eliminação dos mísseis nucleares de médio

<sup>323</sup> Brinde russo no natal de Nova York. *Veja*, nº 1058, 14/12/1988, 59-60.

alcance foi decisivo, achou além da conta o corte nas forças convencionais. Para os militares soviéticos, dar alguma coisa sem receber nada em troca é demais<sup>324</sup>.

Desde o meio do ano, quando a liderança soviética aumentou sua iniciativa para a diminuição das forças convencionais em solo europeu, *Veja* já criticava tais esforços. Gorbachev procuraria um diálogo em separado com a Europa. Em viagem à Polônia prometeu que, se os 76 caças F-16 na Espanha não forem removidos para a Itália, iria desmobilizar igual número de aparelhos no Leste. Mas segundo a OTAN, a proposta seria superficial e sem consistência, “merecendo um fulminante não”. Afinal, aviões não tomam posse de territórios, ao contrário dos tanques. Os quais a URSS tem o dobro na área. Tal tratado também significaria eliminar a presença americana nas negociações. Uma tentativa de “dar um passo maior que as pernas”, de ludibriar os membros da OTAN e de afastá-los da liderança americana (Cartas na manga. *Veja*, nº 1036, 13/07/1988, 58). Os pedidos de Gorbachev por concessões mútuas (GORBACHEV, 1988, 272), da retirada de tropas tanto por parte do Pacto de Varsóvia como pela OTAN, não tem respaldo na revista, nem a relutância americana em remover parte de suas próprias tropas em bases europeias para destravar o processo de paz (LÉVESQUE, 1997, 77).

Um tema nevrálgico do discurso de Gorbachev para o Brasil é chamado pela revista de “a mais doce balada russa aos ouvidos dos endividados”. Fidel Castro já havia tocado nas consequências revolucionárias da crise da dívida. Brejnev, no efeito exploratório dos juros. E Gorbachev, no início de seu governo, nas falsas implicações da “mão de Moscou” para o processo de insurreição na América Latina, cujas raízes verdadeiras estariam na crise da dívida com os países ricos (GORBACHEV, 1986a, 29). Porém, com o tempo, desenvolveu seu pensamento também no sentido de evitar o que chamou convulsão social explosiva em acumulação diante da crise dos serviços da dívida externa do Terceiro Mundo. Essa nova ordem mundial, baseada na simetria das relações internacionais, repeliria a ameaça da revolução (GORBACHEV, 1988, 202). E é esse ponto que desperta a atenção principal de *Veja*.

Da mesma forma, foi com um desafio ao exercício da imaginação que ele tratou de outra grande dor de cabeça de uma parte do planeta – a dívida externa. Gorbachev falou como um banqueiro que não tem devedores como o Brasil, o México ou a Argentina<sup>325</sup>.

O papel de liderança na luta anti-imperialista e da orientação terceiro-mundista, construídos na época de Ponomarev à testa do Departamento Internacional do Comitê Central, o

<sup>324</sup> Idem, 61.

<sup>325</sup> Brinde russo no natal de Nova York. *Veja*, nº 1058, 14/12/1988, 62.

órgão que se relacionava com partidos comunistas e movimentos revolucionários do Terceiro Mundo (DONALDSON, 1981, 430), foi abandonado com Shevardnadze (DESAI, 1989, 82). Isso ainda não seria o suficiente para o semanário. Ou a URSS deveria apoiar os banqueiros ou não se imiscuir na crise da dívida. Do contrário trata-se de um ato populista. Seria um outra mão estendida de pura demagogia para com os países em débito com os bancos ocidentais. As propostas de Gorbachev são fáceis de serem feitas e executadas quando não se é um banqueiro. “Como o líder soviético, no entanto, não tem acionistas zelosos aos quais prestar conta, ele resolveu dar o exemplo”. Ou, citando o próprio secretário-geral sobre as medidas que pretendia tomar, “a União Soviética está disposta a instituir uma moratória de até 100 anos no serviço da dívida dos países menos desenvolvidos e, em vários casos, estamos prontos a perdoar essas dívidas completamente”. O governo Sarney, em atitude “megalomaniaca”, teria atribuído esse discurso de 7 de dezembro de 1988 à visita de Sarney à Moscou no mês anterior. O presidente não poderia estar mais enganado. A afirmação da revista põe em evidência tanto o racha com um governo que não foi liberal como pretendia que fosse, quanto a sugestão clara de que os maiores beneficiados, na realidade, não seriam os países do Terceiro Mundo, como o Brasil, pelo contrário. Como aponta o especialista estadunidense, do qual *Veja* se torna a voz replicante:

“A ideia serve mais aos interesses da URSS”, reclamou Dimitri Simes, um especialista em assuntos soviéticos da Fundação Carnegie para a Paz Internacional. “A dívida do Terceiro Mundo com Moscou chega, no máximo, a 25 bilhões de dólares em moeda forte, em comparação com cerca de 150 bilhões de dólares no caso dos Estados Unidos”<sup>326</sup>.

A imagem da nova diplomacia soviética como fanfarronice já era antiga. Esse foi o tom da cobertura da campanha de Gorbachev para reverter o dinheiro da corrida armamentista para o desenvolvimento do Terceiro Mundo. “A proposta [...] consegue a proeza de juntar o sonho dos pacifistas e das legiões de endividados do Terceiro mundo”. Foi enviada à ONU, onde “ela ganhou o endosso de um patrocinador realmente qualificado”, já que a URSS gasta mais em defesa que os EUA e aplica metade da verba que este dedica à ajuda para o desenvolvimento. Um pouco adiante no texto, afirma que o tratado INF já não tem mais empecilhos – a Alemanha, que não estava diretamente envolvida, aceitou retirar seus mísseis Pershing, que era a exigência soviética, “e agora falta apenas assinar o acordo”, do mesmo modo que, no subtítulo está presente a frase “Gorbachev: “Assino amanhã”. A sugestão é pôr em dúvida a credibilidade do secretário-

<sup>326</sup> Brinde russo no natal de nova York. *Veja*, nº 1058, 14/12/1988, 62.

geral. Irá Gorbachev direcionar os recursos que tanto precisa para a modernização da URSS para o Terceiro Mundo? Irá mesmo assinar o tratado de desarmamento segundo a “opção zero”? É uma insinuação de fanfarronice e de que não é um interlocutor sério, que sua política de iniciativa não é mais que uma política de propaganda inconsequente. Em oposição, há alguém realmente envolvido com a solução dos problemas mundiais. “O governo americano deu a entender que o auxílio aos países pobres já é suficiente: “Nenhum país tem sido mais generoso com o Terceiro Mundo do que os EUA, com sua ajuda econômica e humanitária”, o que não foi uma frase isolada e de mal humor estadunidense, já que “quase todos os países reunidos [...] na ONU reagiram com silenciosa cautela à proposta soviética, que teria tudo para ser vista apenas como mais um lance de relações públicas de Gorbachev”<sup>327</sup>. Quanto aos gastos militares da URSS, Rodrigues e Segrillo<sup>328</sup> tem dados muito diferentes (RODRIGUES, 2006, 196; SEGRILLO, 2000, 123).

O impacto das seguidas tentativas de *Veja* de lançar o crédito de confiança de Gorbachev sobre Reagan foi seguidamente malgrado pelas previsões equivocadas de que o líder soviético retrocederia diante do volume de concessões unilaterais exigidas. Ao aceitá-las, de fato quebrou a retórica da imprensa e do governo estadunidense, que se encontraram desarmados. Tal ímpeto ruiu com a eclosão do caso Irã-Contras, no fim do mandato de Reagan. A dicotomia entre os dois líderes, propagada por *Veja*, apresentou dois sentidos nesse espaço de tempo. Inicialmente, era a forma de atrelar a opinião de seu público ao campo do poder estadunidense, à um Reagan herói, contra uma URSS fora das leis internacionais, patrocinadora de guerras e atentados terroristas, dentro do quadro da Guerra Fria entre as superpotências. Posteriormente, com a perda do inimigo ideológico e militar, a confrontação segue em suas páginas, mas como forma de propagar agora a política econômica neoliberal, e a imagem de seu maior expoente, como o único modelo econômico possível de ser seguido, uma vez que até seu maior rival abandonava paulatinamente seu próprio programa.

---

<sup>327</sup> Quase um sonho. *Veja*, nº 991, 02/09/1987, 54.

<sup>328</sup> Mesmo usando fontes múltiplas e em alguns casos idênticas, como os relatórios da CIA. Para Rodrigues, os gastos militares eram muito maiores do que os de Segrillo e um fator primordial para a estagnação econômica. Para Segrillo, pelo contrário, a ideia de que o setor militar era uma “esponja para os recursos” e um fardo para a economia nacional, era digna de dúvida, como o caso de Israel, que empregava uma parcela maior do PIB na área militar e não apresentou uma desaceleração econômica, comprovava (SEGRILLO, 2000, 128).

### 3.2 O exemplo dos bons negócios – 1987-1988

*Veja* procurou opor exemplos de países socialistas que adotavam a modernização ou liberalização econômica e a desideologização ou erosão da ideologia oficial, sempre evidenciados como modelos de sucesso, contra casos de regimes que mantinham intactos seus sistemas de economia dirigida, centralizada e estatal, ou que os abandonavam de maneira muito lenta e cautelosa, que assumiam o papel do atraso e, crescentemente, de fracasso. Internamente, era um modo de identificar e criticar partidos e programas políticos e econômicos contrários aos seus interesses. Não era apenas o caso de partidos ligados por tradição e laços ideológicos com Moscou, como o PCB, mas sim um amplo leque de partidos de esquerda. O PC do B era vinculado à paupérrima Albânia, sempre que se citava o país balcânico<sup>329</sup>; o PT ao regime sandinista, que, se inicialmente, foi rapidamente visto de uma maneira mais moderada, logo foi retratado como totalitário<sup>330</sup>; os socialistas, e mesmo os desenvolvimentistas, como dogmáticos que não podiam se desvencilhar de velhas práticas e ideias econômicas e políticas e que não estavam evoluindo ou se revolucionando como a própria URSS sob a perestroika e glasnost. Todos estes partidos e projetos estariam mais atrasados do que seus próprios modelos no Leste Europeu e na China. As críticas se estendem ao próprio governo Sarney, que, incapaz de abrir o

<sup>329</sup> É como *Veja* se expressa diante da morte de Hoxda na matéria “O último dos stalinistas: morre em Tirana Enver Hoxda, o ditador que transformou a Albânia num mosteiro silencioso e pastoril”. Salvador seria a segunda cidade albanesa do mundo, pois mais de 10% de seus vereadores eram do PC do B, que ficou em segundo lugar nas eleições para o governo do estado em 1982, “único do mundo a seguir a linha albanesa” (*Veja*, nº 867, 17/04/1985, 40). Ou do livro de um ex-intérprete que “aranhava o mito” erguido em torno de Hoxda. “Sorte do intérprete por não estar ao alcance dos deputados do PC do B”, que provocaram “xingamentos” e empurra-empurra na Constituinte, por algo “bem menos grave”, como a afirmação de um deputado do PFL que Hoxda pediu desculpas a Deus antes de morrer. O que, “para os cerca de 25 000 militantes do PC do B – o maior partido comunista do mundo identificado com a linha albanesa” era uma “blasfêmia”. “Antes que Haroldo Lima revidasse em defesa da Albânia, os contendores foram apartados” (Mito arranhado. *Veja*, nº 1003, 25/11/1987, 71). A imagem construída era a de que o partido era composto por fanáticos atrelados a um dogma bizantino, agressivos, e idólatras de regimes e nações estrangeiras. Quando utiliza a matéria “O museu stalinista resiste” para afirmar que a Albânia seguia um caminho anacrônico diante da desintegração do Leste Europeu, novamente o PC do B é citado (O museu stalinista resiste. *Veja*, nº 1106, 22/11/1989, 108).

<sup>330</sup> Ortega, de início, foi chamado de “líder revolucionário” a ser “galanteado”, “presidente” da Nicarágua, em sua visita ao Brasil. *Veja* o mostra como um moderado, que confraterniza com Montoro e o PMDB, ao contrário do radical e preconceituoso PT (*Veja*, nº 864, 27/03/1985, 56-57). Essa montagem prosseguiu com a matéria de capa “O PT cresce e agita”. Na capa, Lula, pensativo, sob um fundo vermelho. Na reportagem no interior da revista, as pretensões do PT de aumentar sua base de afiliados “através de greves e manifestações”. Assim, “de braços dados com os sindicatos, o PT torna-se cada vez mais encorpado nas cidades e no campo e faz barulho por toda parte” por meio de uma retórica radical e de propostas socialistas radicais (*Veja*, nº 903, 25/12/1985, 16-18; 20). Poucas páginas depois, *Veja* mostra os países do socialismo real abrindo cadeias de lojas de roupas de grife (*Veja*, nº 903, 25/12/1985, 36).

mercado nacional aos importados, aparece como o gestor de uma economia que perde em competitividade até para a indústria automobilística soviética<sup>331</sup>. A única exceção neste quadro era ninguém menos do que o próprio PCB sob a direção de Roberto Freire, que procurava seguir gradualmente os mesmos passos de Gorbachev em direção à uma esquerda moderna<sup>332</sup>.

Os envolvimento econômico da União Soviética com o Terceiro Mundo eram variados e antigos (VOLKOGONOV, 2008, 206). Essas relações foram transmutadas no governo de Gorbachev. A política de substituir as exportações de energia e produtos básicos das siderúrgicas, como petróleo e chapas de aço, por produtos acabados, como automóveis, bem como de encontrar novos parceiros comerciais invés dos antigos aliados responsáveis por bilhões de rublos em exportação de armas (GOODMAN, 1991, 22; 173), significou uma aproximação com economias em desenvolvimento com uma pauta muito mais variada de produtos com possível intercâmbio. Para *Veja*, esse era o exemplo dos bons negócios que Gorbachev e Shevardnadze demonstravam como essenciais e naturais. Não havia qualquer outra opção à noção liberal de riqueza gerada através do comércio internacional. Essa era mais uma lição que diversos setores políticos e econômicos nacionais precisavam aprender, e que estava sendo ministrada por ninguém menos do que o líder da nação que teria buscado um relacionamento econômico alternativo durante 70 anos<sup>333</sup>, e que agora reconhecia que só existia um único caminho viável.

---

<sup>331</sup> Um soco na letargia. *Veja*, nº 1155, 07/11/1990, 86.

<sup>332</sup> É o caso da reforma eleitoral proposta por Gorbachev no início de 1987. Também criticou a estagnação e o “longo reinado” de Brejnev e “investiu contra a sombria herança de totalitarismo legada por Josef Stalin” ao criticar o dogmatismo na teoria e nas ciências sociais. “Entre os comunistas brasileiros a reação foi a mais positiva possível. “O voto secreto é uma revolução dentro do partido”, festejou o deputado federal Roberto Freire, do PCB. “O voto aberto introduz uma certa inércia, um certo autoritarismo político”, acrescentou”. *Veja* mostra a liderança do partido criticando sua própria estrutura, até então. O que era uma autodesmoralização e uma luta interna foi suavizada e encoberta pela imprensa, que usou o termo “reação positiva” (Diretas no Kremlin. *Veja*, nº 961, 04/02/1987, 45). Freire foi elencado para a entrevista das páginas amarelas, alguns meses depois, para falar das influências de Moscou para o reconhecimento da democracia e o fim do sectarismo e radicalismo no PCB (*Veja*, nº 1048, 05/10/1987, 8). Entretanto, se o PCB de Freire reconheceu o mercado e parte do programa defendido pela revista, isso não significava que suas relações com *Veja* fossem extremamente amistosas. Assim o partido e seu líder, durante a viagem de Sarney à URSS em 1988, foram associados com pagamentos feitos pelo Kremlin, que já havia sido o pretexto para a proibição das atividades do partido em 1947: “Do lado brasileiro, a distância percorrida foi avaliada pelo deputado Roberto Freire, líder do PCB na Câmara, antes mesmo de desembargar regularmente em solo soviético pela primeira vez – nas duas ocasiões anteriores em que esteve lá, como quadro comunista, sua passagem sumiu dos registros oficiais”. De maneira conveniente, imediatamente antes dessa passagem, a revista citou os tetos dos palácios do Kremlin, “onde brilha o famoso ouro de Moscou” (DIMENSTEIN, Gilberto. Cai em Moscou a fronteira do preconceito. *Veja*, nº 1051, 26/10/1988, 64).

<sup>333</sup> Não se pode deixar convencer pela suposição de *Veja* e de correntes liberais. Foi com a própria formação do COMECON, ainda nos tempos de Stalin, que se iniciou um crescente processo de especialização econômica e de divisão internacional do trabalho dentro do bloco soviético.

De fato, o círculo gorbachevista admirava a formação de grandes blocos econômicos e clamava por uma maior integração econômica mundial, onde a própria URSS tivesse espaço e fosse defendida por organismos regulamentadores do comércio internacional contra embargos arbitrários. Da mesma forma, havia o incentivo para que os aliados do Terceiro Mundo reestabelecessem relações econômicas com as nações capitalistas desenvolvidas (GORBACHEV, 1988, 161) e a busca por novos parceiros independentemente de alianças políticas. A União Soviética também se inclinava para a interdependência econômica com a Comunidade Econômica Europeia – dentro de seu programa da “casa comum europeia” (GORBACHEV, 1988, 224), para a normalização das relações econômicas com os Estados Unidos – apesar das resistências deste.

Entre as nações em desenvolvimento, Argentina e Brasil eram os principais alvos da diplomacia comercial soviética<sup>334</sup>. O que, apesar da influência política e comercial americana, não era mais assombroso. “O Brasil mudou com o fim do regime militar e a União Soviética também mudou com Gorbachev – e este é o momento mais propício para revitalizar as relações entre os dois países.” As embaixadas também mudaram. A do Brasil em Moscou cresceu e a soviética em Brasília mudou sua conduta, com o novo embaixador Issakov. “Issakov frequentemente procura contato com jornalistas e não perde o bom humor. “No Brasil, eu conversei muito mais com empresários do que com comunistas”, ele gosta de dizer”. “Nos últimos anos, Brasília e Moscou engrenaram em outro ritmo suas relações, o que permitiu que, só no ano passado, nada menos que quinze missões comerciais brasileiras visitassem a União Soviética”. E, ainda antes da visita de Gorbachev, entraria “no ar uma iniciativa de impacto para os dois países: a rede Globo acaba de firmar um acordo de intercâmbio com a União Soviética e programou para setembro uma “Semana Brasileira” na TV soviética”, com a apresentação de novelas da Globo<sup>335</sup>. Novamente, quem estava pouco afinado com os novos tempos era o Brasil, que não conseguiu produzir uma boa proposta de venda de computadores para as escolas soviéticas<sup>336</sup>.

Em 1987 Shevardnadze fez uma visita oficial ao Brasil, procurando “apagar a imagem do bicho-papão comunista que atravessou sucessivas Repúblicas”. A visita do chanceler selou a aproximação entre os dois países, iniciada em 1985, “depois de uma longa idade de gelo nas

---

<sup>334</sup> O urso camarada. Veja, nº 1029, 25/05/1988, 50.

<sup>335</sup> Carta ao Kremlin. Veja, nº 976, 20/05/1987, 50.

<sup>336</sup> Veja, nº 977, 27/05/1987, 43.

relações bilaterais marcada por momentos meramente formais, ou de azedume completo”. Para *Veja*, se houve progressos no campo político, no comercial as relações continuam emperradas. Depois de um “enfadonho” jogo entre Vasco e Atlético Mineiro, onde “foi confundido pelo locutor do serviço de alto-falantes com o ator Arnold Schwarzenegger”, procedeu

com habilidade surpreendente para um homem que foi guindado diretamente da República da Geórgia, onde foi chefe da política, para dirigir a diplomacia soviética, Shevardnadze traçou um paralelo sutil entre os dois países. Todos esses temas, disse ele, só podiam ser abordados “graças à *glasnost* e à abertura no Brasil<sup>337</sup>.”

Em seguida, “foi a vez de o general Leônidas entrar desarmado num autêntico aparelho comunista”, ao adentrar a embaixada soviética em Brasília. Antônio Carlos Magalhães “fez questão de representar o deputado comunista Fernando Santana ao chanceler soviético”. Foi feita a proposta do fornecimento de foguetes soviéticos e da utilização da base de Alcântara para o lançamento de satélites de comunicação – uma parceria de interesse do grupo Abril<sup>338</sup>. O tom positivo das negociações comerciais com a URSS contrasta com a imagem da esquerda, feita poucas páginas adiante, ao inverter o que disse Gorender em seu *Combate nas Trevas*, onde estariam “os segredos do terrorismo e da luta armada da esquerda no Brasil”<sup>339</sup>.

O aumento do intercâmbio comercial entre os dois países permitiu a visita de José Sarney ao Kremlin, noticiada na matéria “Cai em Moscou a fronteira do preconceito: numa viagem histórica, o presidente Sarney visita Gorbachev e inaugura uma nova etapa nas relações entre o Brasil e a URSS”<sup>340</sup>. Para *Veja*, o mundo está se tornando menos ideologizado e dividido entre facções radicais. “Cenas assim – o líder da maior potência comunista do mundo cumprimentando o ministro do Exército do Brasil por sua defesa dos valores democráticos – deram a imagem perfeita do caminho percorrido pelos dois países”.

O primeiro passo foi a troca de visitas entre os ministros do estrangeiro em 1985 e 1987, já sob a condução do “novo pensamento”, que “significa que a luta de classe não está mais no eixo da política externa da URSS – ou seja, em lugar do confronto com o capitalismo, busca-se agora “relações construtivas” e mutuamente vantajosas” e a busca pela aproximação com Brasil e Argentina. “Um ano depois de entrar num aparelho comunista, o general Leônidas desfrutava o

<sup>337</sup> Quebra-gelo. *Veja*, nº 996, 07/10/1987, 42.

<sup>338</sup> O Grupo Abril, que desejava expandir suas atividades para a televisão aberta e para o crescente negócio da TV a cabo, precisava de um satélite de comunicação. Esse projeto foi realizado com uma parceria com a Viacom, em 1990, com a criação da MTV Brasil.

<sup>339</sup> *Veja*, nº 996, 07/10/1987, 88.

<sup>340</sup> DIMENSTEIN, Gilberto. Cai em Moscou a fronteira do preconceito. *Veja*, nº 1051, 26/10/1988, 62-66.

serviço de primeira categoria oferecido aos hóspedes privilegiados do centro do comunismo mundial”. Os militares

renderam-se às evidências de que Gorbachev está realmente empenhado numa reforma geral na URSS, na qual não tem lugar a “desestabilização” de regimes políticos diferentes do outro lado do planeta. “Eles mudaram”, admitiu o ministro da Marinha. Sabóia chegou a uma conclusão surpreendente: “Temos muito a aprender com os soviéticos”. Levando-se em conta que há menos de um mês o chefe do Estado-Maior do Exército, general Waldir Martins, disse que as Forças Armadas do Chile são um exemplo para o mundo, percebe-se que está instalada a confusão na cabeça da cúpula militar brasileira<sup>341</sup>.

Talvez a confusão também estivesse instalada na cabeça dos articulistas de *Veja*, ao contrário de *O Globo*, na época já fortemente vinculado à imagem das reformas liberalizantes soviéticas como um modelo a ser seguido também no Brasil (COSTA, 2008, 140). Ao apontar um processo de democratização na URSS e de redemocratização no Brasil, convergindo ambos os países para sistemas políticos e econômicos mais parecidos, questiona a afirmação do ministro da Marinha de que os soviéticos possam ser modelo para alguma coisa. Mas em seguida, com o sugestivo subtítulo de “Ouro de Moscou”, a sugestão de que a URSS caminha para a necessária modernização e que este caminho também está sendo seguido por setores da esquerda no país reaparece:

“Esta aproximação vai derrubar uma perigosa convicção que ainda impera em setores influentes no Brasil, de que a União Soviética comanda uma operação para derrubar os regimes democráticos da América Latina”, analisou o deputado Roberto Freire. “Com essa viagem, estamos tirando o combustível da indústria do anticomunismo.” Segundo Freire, para isso contribuiu o fato de que os empresários brasileiros “estão vindo aqui para ganhar dinheiro e passam, portanto, a defender esse contato”. O senador Albano Franco, presidente da Confederação Nacional da Indústria, endossou a análise ao minimizar as diferenças ideológicas. “Para nós, não existem aqui 270 milhões de comunistas, mas 270 milhões de consumidores”. O senador errou na conta – os comunistas de carteirinha são 19 milhões na URSS – mas acertou na conclusão: o mercado soviético, nessa fase de abertura, é um filão de ouro. A burocracia ainda atrapalha e a concorrência é grande – só neste mês terão passado por Moscou, além de Sarney, mais três chefes de governo acompanhados de comitivas empresariais [...]. Nós estamos atrás do ouro de Moscou<sup>342</sup>.

Se antes havia ligado o PCB ao ouro de Moscou, agora a revista evidencia como compreende a perestroika e a reformulação da imagem do destino dos recursos financeiros e das energias econômicas da URSS – para as oportunidades do comércio internacional, que, entretanto, poderiam também ser nocivas: “o clima de euforia logo começou a ser obscurecido

<sup>341</sup> Eles mudaram. *Veja*, nº 1051, 26/10/1988, 64.

<sup>342</sup> O ouro de Moscou. *Veja*, nº 1051, 26/10/1988, 64-65.

pelas especulações em torno de uma reação negativa por parte do mais tradicional aliado e parceiro comercial do Brasil. Os Estados Unidos”. A retaliação econômica veio no dia seguinte ao da assinatura de acordos comerciais com os soviéticos, mas “em função das práticas comerciais internas do Brasil”, portanto não de um mau humor estadunidense ou de uma indisposição destes frente ao livre comércio<sup>343</sup>.

*Veja* usou Gorbachev como exemplo para o Brasil também por meios mais indiretos, como numa entrevista concedida por Nixon, que teria “ressurgido das cinzas” ao lançar um livro de receitas para a paz mundial no século XXI. Gorbachev era um pilar para a confiança que se deveria depositar nas propostas de Nixon, que, como o semanário lembra, foi recebido e reconhecido como interlocutor em 1986 durante uma entrevista com o líder soviético. E as propostas de Nixon para o Brasil, respaldadas pela imagem de Gorbachev e de suas reformas liberalizantes logo acima, são bem claras: “o governo, que controla quase dois terços da indústria nacional, deveria reduzir seu papel na economia doméstica através [sic] da privatização”. Nesse momento, a confiança que se deposita em Gorbachev também deveria se converter em confiança nos estímulos liberais<sup>344</sup>.

Pouco antes da visita do presidente brasileiro ao Kremlin, o desengajamento militar e a busca pela aceitação e pelo envolvimento no comércio internacional pelos soviéticos recebeu o seguinte comentário da revista: “o urso temível de garras afiadas quer mesmo é conquistar bons amigos, de todas as cores ideológicas, fazer bons negócios e reparar a sua imagem”<sup>345</sup>. Entretanto, com a maior inserção do bloco soviético nas trocas com o mundo capitalista, não é uma crescente prosperidade material e ganhos de competitividade que *Veja* vê se desenvolvendo nessa região.

Feita a Europa da CEE, duas outras restarão no mapa. Uma é a Europa do Leste, aquela que se vê por trás do Muro de Berlim – um grupo de países economicamente falido e politicamente bloqueado, da Polônia à Romênia. A outra é a Europa Ocidental que ficou de fora da Comunidade [...]. A Europa do Leste jamais pareceu tão desgastada<sup>346</sup>.

Nunca esteve tão frágil economicamente. Reportagens sobre a crise na Romênia e Polônia ganharam matérias de destaque. O Leste se torna tema de preocupação no Oeste. Alguns pensam em um plano Marshall da Europa Ocidental para a Oriental, outros, como o ex-presidente

<sup>343</sup> DIMENSTEIN, Gilberto. Cai em Moscou a fronteira do preconceito. *Veja*, nº 1051, 26/10/1988, 66.

<sup>344</sup> Com a corda toda. *Veja*, nº 1024, 20/04/1988, 46.

<sup>345</sup> O urso camarada. *Veja*, nº 1029, 25/05/1988, 48.

<sup>346</sup> Fora da grande jogada. *Veja*, nº 1028, 18/05/1988, 68.

francês d'Estaing pensam que “a década de 90 trará grandes conturbações na União Soviética e nos países do Leste”.

A Europa do Leste tem seu próprio organismo comunitário, o Comecon – mas, antes baseado na planificação do que no mercado, ele não têm produzido outro efeito senão multiplicar a burocracia e deixar a penúria como está<sup>347</sup>.

A convergência e aproximação dentro da política de “Casa Comum Europeia” que Gorbachev propunha, para *Veja*, a aproximação dava-se por apenas um lado, e demonstrava a pobreza da região frente à Europa Ocidental: “a lenta europeização do bloco soviético na era da glasnost evolui, não sem ironias”, como a proposta de um bilionário italiano para um novo plano Marshall para o Leste, quando foi Stalin que se excluiu deste, como forma de se esquivar de “uma intromissão na máquina totalitária que acabava de aperfeiçoar”<sup>348</sup>. Na realidade, foi negado à Stalin ajuda no Plano Marshall, que foi oferecida apenas à sua área de influência, da qual apenas a Iugoslávia, cujo controle deveria ser parcelado com a Inglaterra, acabou aceitando (LAMPE; PRICKETT; ADAMOVIC, 1990, 39-47). Ao mesmo tempo, nos anos 1960 e 1970 os países do Leste contraíram grandes dívidas com o Ocidente. Se o Plano Marshall é sugerido como a salvação repudiada, a crise da dívida dos anos 1980 não é mencionada.

Procede de maneira diferente ao afirmar, quase um ano antes e sem referências ao plano estadunidense, que a crise da dívida afetou primeiro os países comunistas do que os do Terceiro Mundo, além de que as taxas de crescimento dos primeiros foram inferiores nos anos 1970, durante o processo de endividamento, do que a dos segundos. O título da matéria utilizou-se do verso de *A Internacional* para caracterizar a Romênia: “As vítimas da fome: trabalhadores vão às ruas contra a penúria cada vez maior sob a ditadura de Ceausescu”.

País comunista com ares de reino de ópera bufa, pobre, atrasado e submetido a um ditador de fazer inveja a um político brasileiro, em sua sanha de nomear aparentes para altos cargos, e de fazer sombra a um tirano caribenho, em seus delírios megalomânicos, a Romênia acrescentou mais um à sua série de males, recentemente, com os graves tumultos ocorridos em Brasov [...]. Na origem deles está uma situação de penúria que faz os romenos reclamarem de fome e, agora que começa o inverno europeu, de frio. Na origem da penúria, por sua vez, está uma situação muito curiosa para os brasileiros – a de um país que insiste em pagar sua dívida externa, prestação por prestação, prazo por prazo [...]. Caindo no outro extremo – o de pagar a dívida “custe o que custar”, como diz o ditador Nicolae Ceausescu -, é com a miséria do povo que vêm sendo saldadas os compromissos junto aos credores internacionais (*Veja*, nº 1004, 02/09/1987, 60).

<sup>347</sup> A caminho da grande nação. *Veja*, nº 1028, 18/05/1988, 68.

<sup>348</sup> Cartas na manga. *Veja*, nº 1036, 13/07/1988, 58.

Pior, no entanto, é que a alucinante situação vivida atualmente pela Romênia nem digna de Stalin é. Está mais para um Haiti de Baby Doc ou uma Filipinas de um Ferdinand Marcos<sup>349</sup>.

Seria de se indagar como é que um país que começara um vínculo econômico maior com o Ocidente ainda no fim dos anos 1960, muito antes que a própria China, e aumentara sua participação no comércio mundial e diversificara suas atividades econômicas inclusive no tão afamado negócio do turismo, poderia ter se empobrecido, ao invés de enriquecer. Num primeiro momento *Veja* se omite dessa questão, exceto para apontar a aproximação do antes independente Ceausescu com o Kremlin enquanto o país mergulhava na crise<sup>350</sup>. Num segundo momento, atribui a decadência econômica nacional à teimosia de Ceausescu frente aos banqueiros ocidentais, seus credores. Preferiu sucatear o parque industrial e impor o racionamento geral ao seu povo como forma de acumular recursos para o pagamento total da dívida externa numa política irracional, já que teria que recorrer aos mesmos assim que quitasse a dívida, como forma de tapar os buracos que abriu na economia romena<sup>351</sup>.

A crise econômica na Polônia é associada à crise social e à atividade crescente do Solidariedade. Porém nunca o é com as propostas de socialismo de mercado, que retiraram em grande medida os controles econômicos das mãos do governo. Pelo contrário. A população exigiria uma reforma econômica ao estilo da perestroika russa. Parece não haver relação entre as medidas liberalizantes e a crise de inflação.

O atual estopim do confronto entre governo e trabalhadores começou a ser aceso em fevereiro passado, quando o plano de reformas econômicas arquitetado pelo vice-primeiro-ministro Zdzislaw Sadowski, com o aval do FMI, foi apresentado ao país. O pacote estabeleceu aumento de preços que chegavam a 200%. Para os poloneses, que já enfrentam a crise de abastecimento todos os dias e convivem com uma inflação próxima dos 50% - a maior taxa de toda a Europa -, foi a gota d'água<sup>352</sup>.

Mesmo a antes exemplar e próspera Hungria não escapa da crise econômica em 1988. O anteriormente elogiado Janos Kádár tem o passado de líder do movimento que pediu a intervenção soviética em 1956 exposto. Ele havia sido “beneficiado pelo boom econômico da década de 1970 e condutor de reformas econômicas que, antes que qualquer outro país da região, davam atenção ao mercado e ao consumo, virou o líder comunista mais popular da Europa. Agora a maré de novo se inverteu com a crise econômica “nesta década de 80”, inflação de 30% ao ano,

<sup>349</sup> As vítimas da fome. *Veja*, nº 1004, 02/09/1987, 61.

<sup>350</sup> Medo da subversão. *Veja*, nº 978, 03/06/1986, 47.

<sup>351</sup> As vítimas da fome. *Veja*, nº 1004, 02/09/1987, 61.

<sup>352</sup> Pela perestroika. *Veja*, nº 1027, 11/05/1988, 60.

dívida externa de US\$ 16 bilhões, “talvez a maior do mundo, per capita”<sup>353</sup>. É discutível se foi de fato o líder mais apreciado no Ocidente nos anos 1970. Ceausescu, em virtude das visitas do rei Juan Carlos da Espanha e de Gaulle muito bem poderia ficar com o título. Mas reformas de mercado são mais importantes que as visitas dos líderes do Ocidente.

A Alemanha Oriental, que ainda apresentava uma inflação controlada, bons índices de crescimento econômico e uma indústria moderna, não recebe qualquer comentário, exceto sobre qual seria a razão de sua prosperidade. “A Alemanha Oriental está montada num sucesso econômico que já há anos a transformou no segundo país da Europa comunista e num dos dez primeiros do mundo”<sup>354</sup>. Já existiria, entretanto, uma união em andamento com a Alemanha Ocidental, com o aumento do número de viagens à casa dos milhões ao ano, e do

dinheiro que flui da Alemanha Ocidental para a Alemanha Oriental e ajuda a mantê-la como a primeira potência industrial do Leste Europeu e a ser detentora de um nível de vida muito superior ao dos soviéticos. como a Alemanha Oriental não é considerada um país estrangeiro pela Ocidental, seus produtos não são taxados como importações – o que a transforma numa virtual 13º membro do Mercado Comum Europeu [...]. O trânsito de pessoas, de dinheiro e de imagens de TV pode ter o efeito de potencializar nos alemães orientais o sentimento já amplamente compartilhado de que, por mais prósperos que sejam pelos padrões comunistas, não passam de parentes pobres dos alemães ocidentais [...] A disparidade na renda per capita é menor – 10 025 dólares para os ocidentais contra 8 680 do outro lado do muro -, mas as diferenças no padrão de vida são grandes<sup>355</sup>.

Além de um bilhão de dólares de direitos de trânsito e outro volume de igual valor como remessas de dinheiro entre parentes, do Ocidente para o Oriente. A Alemanha Oriental não devia seu desenvolvimento e nível de vida ao sistema econômico centralizado e estatal.

Entre 1987 e 1988 *Veja* percebeu que as reformas de Gorbachev eram de fato profundas e não apenas maquiladoras e parciais. Principalmente: que essas reformas eram carregadas de um teor positivo, uma vez que se aproximavam – apesar de não reproduzir – de sua visão econômica e política. Um Gorbachev que lançava a culpa da crise no Oriente Médio sob os palestinos e que tentava se colocar no lugar de Israel, por meio de seu “pensamento complexo” e legitimava as ações de Telavive; que se desengajava do Terceiro Mundo e dos palcos de conflitos regionais, abrindo caminho para a aproximação desses países e da própria URSS com os Estados Unidos, dava vazão aos anseios da revista por uma paz que abria novas oportunidades de negócios. Esse novo campo nos países socialistas seria a principal faceta da nova revolução que despontava.

<sup>353</sup> O urso camarada. *Veja*, nº 1029, 25/05/1988, 49.

<sup>354</sup> Medo da subversão. *Veja*, nº 978, 03/06/1987, 48.

<sup>355</sup> Além da fronteira. *Veja*, nº 993, 16/09/1987, 42.

Jamais o Grupo Abril teria imaginado que defenderia os interesses soviéticos, uma vez que seriam mútuos: colocar em órbita um satélite de comunicações em um foguete soviético. Que seus anunciantes agora teriam um vasto e lucrativo mercado consumidor na URSS para bens de consumo, de computadores a telenovelas, e que esta forneceria tecnologia de ponta e outros produtos a preços convidativos. Esse novo mundo dos negócios, entretanto, negou a crença de *Veja* no enriquecimento pelo comércio entre as nações, pelo contrário.

## CAPÍTULO IV

### O discurso anticomunista: 1988-1989

#### 4.1 O totalitarismo de 1988 a 1991

Em 1985, *Veja* produziu uma definição da KGB: “o maior aparato de repressão, espionagem e segurança de um Estado em todo o mundo”. E não algo como uma rede de terror ou de assassinato em massa. Mesmo seus números não eram tão inchados como os apresentados posteriormente. Em suas funções externas, seria uma rede de 1500 espiões soviéticos e de seus satélites operando a partir das embaixadas, “uma verdadeira avalanche que inclui também a gorda estrutura da ONU”. A maior preocupação suscitada era como o Ocidente poderia responder ao desafio da espionagem internacional. Desafio este que colocaria os soviéticos numa posição confortável.

Ao contrário de sua congênere, que goza de todos os superpoderes conferidos pelas ditaduras a seus serviços de segurança – e aplica a maior parte de seus recursos e pessoal no policiamento permanente sobre a própria população soviética –, a CIA [...] tem de obedecer a leis e controles constitucionais<sup>356</sup>.

Nunca poderia existir um perfeito sistema antiespionagem numa sociedade livre, segundo *Veja*<sup>357</sup>. Ao contrário do que *Veja* afirma, a máquina de espionagem estadunidense era tão formidável em números quanto a KGB. Johnson fala em 10 000 cidadãos espionados ilegalmente no início dos anos 1970 pela CIA, incluindo todos os políticos dos EUA e os

---

<sup>356</sup> Epidemia de espiões. *Veja*, nº 875, 05/06/1985, 42.

<sup>357</sup> *Idem*, 41-42.

principais homens públicos e personalidades. Documentos recentes divulgados pelo Wikileaks demonstram que as embaixadas estadunidenses não atuam de forma diferente das soviéticas como centro de espionagem. A própria ameaça do expansionismo militar soviético esmaeceria frente à presença estadunidense: 725 bases – sem contar instalações e prisões secretas – dispersas por 153 países, com um efetivo de 250 mil soldados e outros 250 mil do pessoal de apoio (JOHNSON, 2004, 296; 154; 4).

Nesse período não aparecem chacinas e genocídios como meios de ação habitual do serviço secreto soviético, em *Veja*. As ações seriam de outro tipo. É o caso da reportagem “No velho estilo: KGB agride dissidentes e compromete abertura”. Gorbachev liberou 140 dissidentes, o maior ato de libertação desde o fechamento dos campos de trabalho por Krushev,

porém, a KGB se encarregou de mostrar que as portas da liberalização estão apenas entreabertas: seus agentes dissolveram a murros e empurrões uma passeata que pedia a libertação de outros dissidentes no centro de Moscou e repetiram a dose no dia seguinte e na sexta. Jornalistas ocidentais também receberam sua dose de truculência, sendo atirados ao chão quando tentavam documentar a repressão<sup>358</sup>.

A notícia da libertação de 140 pessoas, segundo o porta-voz de Gorbachev, Gerasimov, “não por suas ideias, e sim por suas ações” não foi noticiada internamente, mas se espalhou e reuniu no mesmo dia 20 “*refuseniks* – judeus soviéticos impedidos de deixar o país”.

Agentes da KGB, disfarçados de transeuntes, provocaram tumulto e dispersaram o grupo aos trancos e bofetões. No dia seguinte, eles ocuparam o local do protesto, prenderam sete pessoas, multaram outras seis por distúrbios, detiveram sete a caminho da manifestação e outras duas antes de sair de casa<sup>359</sup>.

O governo soviético teria afirmado que os agressores eram pessoas comuns e não membros da KGB. Para *Veja*, as agressões contra jornalistas ocidentais punham em xeque a glasnost. As principais armas da polícia secreta não seriam kalashnikovs, mas sim uma parafernália eletrônica para a intriga internacional e “socos e cotoveladas” para a dispersão de manifestantes<sup>360</sup>.

A KGB parece atuar apenas sobre a oposição não organizada politicamente e não sobre a grande massa dos soviéticos. Este não é o seu alvo e sua maior preocupação, no mínimo, ao contrário dos dissidentes. Seus métodos não eram tão cruéis como pintados posteriormente:

<sup>358</sup> No velho estilo. *Veja*, nº 963, 18/02/1987, 50.

<sup>359</sup> *Idem*, 50.

<sup>360</sup> Caça ao dragão em Moscou. *Veja*, nº 1031, 08/07/1988, 55.

Curioso é que, nessa primeira aproximação, a KGB não veio para ameaçá-lo, mas para seduzi-lo. “Você conhece muita gente de nosso interesse – artistas, intelectuais, estrangeiros”, disse-lhe o agente. O convite estava implícito: por que não servir como informante da política? Mikhailov recusou, porém. “Eu tive muitos parentes dizimados pelo stalinismo”, afirmou ele. “Jamais poderia colaborar com os carrascos da minha família.” A partir daí sua vida tornou-se um inferno.

Na tentativa de descobrir algum pretexto para incriminá-lo, a KGB o espionava, preparava-lhe armadilhas, realizava batidas ilegais em seu apartamento. Enfim, depois de uma guerrilha que durou mais de quatro anos, ele acabou preso, em fevereiro de 1979, sob a acusação de exercício de comércio ilegal. Fotógrafo amador, a atividade mais próxima do comércio a que se dedicou foi a de fotografar as obras de determinados artistas para a confecção de catálogos em troca de um ou outro quadro. Nenhum dinheiro entrava nessas operações<sup>361</sup>.

A repressão em massa era coisa do passado, muito distante dos tempos atuais, ou mesmo da lentidão dos anos Brejnev. Não era mais uma peça importante ou complementar do maquinário do sistema. Ao contrário do que se afirmaria quase consensualmente, a ideia de que “o stalinismo morreu ontem” (GORENDER, 1991, 33) não se sustentava no campo político e mesmo econômico. O totalitarismo havia trocado a repressão maciça pela coerção seletiva. Quem se sentia como um “micróbio” sob o escrutínio do olhar metódico da KGB eram os dissidentes, membros da intelligentsia. As relações da massa do povo com a polícia do regime não eram citadas por *Veja*, e se o eram, era para lembrar de sua letargia e apoio ao sistema. Na realidade, alguns autores até comentam as dificuldades enfrentadas pelos reformistas para convencer a população comum de que os dissidentes não eram criminosos, como as administrações passadas afirmaram por décadas (BROWN, 1996, 9). A tese da influência dos dissidentes sobre a opinião pública, até esse momento, não se sustém.

O ponto de inflexão de *Veja* foi o exacerbamento do discurso anticomunista na imprensa conservadora, como forma de fazer frente à gorbymania e ao socialismo renovado. Mas também, e principalmente, pelo próprio reconhecimento oficial dos gorbachevistas de que se vivia em um Estado fora do império da lei ou da possibilidade de expressão democrática (YAKOVLEV, 1991, 72), como ficou evidente com as propostas de reforma política em 1987 e seu desenvolvimento, aplicação e revisão constitucional em 1988. Existe um motor de impulso mútuo na condução da política da URSS pelos reformistas e na imagem que disseminavam ou reconheciam de seu país interna e externamente. Ao combater os conservadores e apoiar a modernização/ocidentalização, eles se punham contra toda a história do país. Conduziam e eram modificados por essa luta pelo poder sobre a máquina do Estado e por grupos de suporte dentro da sociedade. Adotavam

---

<sup>361</sup> Retrato do exílio. *Veja*, nº 992, 09/09/1987, 38.

posturas cada vez mais ligadas ao antimarxismo, anticomunismo, antissocialismo, nacionalismos e ao liberalismo e conservadorismo ocidentais – chegando até a incorporar as posições da historiografia liberal ocidental sobre a experiência socialista (POCH-DE-FELIU, 2003, 73) – como forma de se diferenciar e atacar os conservadores internos. Ao mesmo tempo precisavam adotar essas posturas se pretendiam manter seus grupos de apoio entre a intelligentsia e algumas camadas sociais, que faziam por elas mesmas esse mesmo percurso. A partir de 1990, o que se tornou o ponto de divisão entre trajetórias políticas bem-sucedidas e malsucedidas foi a capacidade política de capitanear esses grupos. Assim foi com os nacionalistas e neocomunistas de Milosevic, com os anticomunistas de Walesa, com os nacionalismos quase fascistas de Gamsakhúrdia ou de Tudman, com o populismo liberal e antissocialista de Yeltsin, ou, com os casos diferentes da vitória dos conservadores na Transnístria ou na importância da continuidade do controle sobre a máquina estatal local, como Shevardnadze ou Nazarbayev. O crescente número de desfechos trágicos em manifestações de rua, no ano de 1989, e as notícias surgidas com a queda dos regimes e a abertura do aparato de segurança interna, foram fatores secundários.

A revista *Veja* retoma, de uma maneira esparsa mas radicalizada, os mesmos temas do período 1985-1987. Apresenta a Europa Oriental era uma zona privilegiada para a espionagem e a intriga internacional: um foco de bisbilhotice sobre a segurança nacional e a soberania dos países ocidentais; por parte de Moscou sobre seus países satélites; ou na própria sede de um imperialismo no Leste – uma espionagem movida tanto contra seu povo como o aparato ou a própria cúpula do poder. Zona privilegiada para a repressão – e o medo dela decorrente – promovida pelos aparelhos de segurança interna, um aspecto fundamental da definição e um dado da vida cotidiana nesses países. A polícia política e o poder do partido único aparecem onipresentes e todo-poderosos – cada momento da vida pública e pessoal, cada telefonema, cada carta. Um agente infiltrado em cada fábrica, rua, família. Todos estariam sendo rastreados o tempo todo. A violência e insegurança eram um dos fatores naturais do funcionamento de uma sociedade policialesca. A repressão é realizada através do terror sistemático, indiscriminado e maciço. Os direitos humanos seriam reprimidos pela inexistência da liberdade de ir e vir dentro de um Estado revolucionário que julga que sua população também o seja, o ato de emigrar se torna deserção.

Totalitarismo e onisciência por parte do Estado sobre os atos e pensamentos de seus cidadãos seriam boas definições desses regimes. Um contorno mais pormenorizado aparece com

a entrevista com Claude Lefort. O totalitarismo estaria presente nas leis, no poder, sobre as pessoas, sobre o saber, sobre o fim da história com a vitória comunista, sobre a previsão de desenvolvimento tecnológico ilimitado, certezas de sua doutrina. Em que qualquer questão levantada se admite a divergência do que procede do centro de decisão<sup>362</sup>. *Veja* adentrou em uma rígida tendência de análise dessas sociedades realizada por alguns soviólogos (FERNANDES, 2000, 25-27) que passariam a figurar em suas páginas. Qualquer informação sobre o país, sua (verdadeira) história, suas condições de vida ou de segurança, seriam ocultados por uma política de segredo de Estado, onde se torna, mesmo para os cidadãos dos países de regime socialista, impossível saber o que de fato se passa ou aconteceu em sua nação.

Arbex, em seu *Showrnalismo*, comenta o entrelaçamento, produzido nas redações da grande imprensa, entre ficção e realidade no noticiário. Usa o exemplo da Guerra do Golfo. Para a mídia, era uma guerra estritamente cirúrgica, sem baixas civis, travada com armamento tão moderno que fazia as cenas de bombardeio noturno contra a superpovoada Bagdá parecer com a tela dos videogames da época. De certa maneira, episódios como a “Estrada da Morte” foram transmitidos para o telespectador como um jogo. Para o público do Leste Europeu jamais realidade e ficção teriam parecido mais próximos do que nos anos entre 1988 e 1991. Uma série de eventos que antes pareceriam impossíveis ou constrangedores são transmitidos ao vivo ou nos telejornais: Milosevic aparece diante das câmeras e com um gesto acalma a refrega entre ativistas sérvios e policiais. Os soviéticos presenciam de contendas acaloradas à xingamentos no Novo Congresso dos Deputados do Povo. Uma câmera secreta dentro de um televisor flagra o contrabando de armas para as repúblicas separatistas na Iugoslávia. Mao é vandalizado na Cidade Proibida. Schabowski, com um mero erro de leitura, abre as portas do Muro de Berlim. A revolução é vista ao vivo na Romênia, diante da sacada de Ceaucescu. Mercenários sírios e líbios combateriam em Bucareste. Aparecem as vítimas de Timisoara. Gorbachev é vaiado pela multidão, do alto do mausoléu de Lenin, durante o desfile do Dia da Vitória. A TV registra as colunas de tanques entrando em Moscou, o retorno de Gorbachev pelas mãos do desafeto Yeltsin e a humilhação pública do secretário-geral poucas horas depois ao ser desmentido e pressionado a assinar a ilegalidade de seu próprio partido. Por fim, o estrondoso duelo televisivo entre os dois líderes. Talvez o primeiro sinal de estranhamento entre o público e a mídia tenha sido noticiado pela própria *Veja*, quando populares dos Estados Unidos e da União Soviética se confrontaram

---

<sup>362</sup> LEFORT, Claude. O fim do totalitarismo. *Veja*, nº 1106, 22/11/1989, 6. Entrevista por Fernando Pacheco Jordão.

via satélite num programa televisivo, ainda em 1986<sup>363</sup>. Tais cenas, para o público local, suscitava a dúvida se isto estava ocorrendo de fato ou não. Públicos menos ligados à sua situação tiveram um contato mediado pela imprensa com um significado diferente. A mídia escrita não podia apresentar o Iraque como um filme de ação ou um videogame, mas poderia apresentar o Leste Europeu como uma imagem espelhada da literatura consumida pela classe média. Mesmo aí ocorreu um radicalização em *Veja*. Kundera foi trocado por Orwell.

Entre 1985 e 1988 Kundera foi mencionado por *Veja* nada menos do que 158 vezes. A revista mesmo ressalta os expressivos números de vendagem do escritor tchecoslovaco entre o público brasileiro, figurando na sua lista de livros mais vendidos<sup>364</sup>. Sempre que uma obra sua é mencionada, vem a baila o caso do idealista que se desilude com o regime, do artista que é rebaixado para as funções de um mero trabalhador braçal por suas ideias. Da perseguição política. Do sofrimento da intelligentsia nas mãos da burocracia estatal<sup>365</sup>.

Em geral, muitos dos números dos aparatos de segurança interna dos países do Leste apresentados pela revista *Veja* estão mais próximos de uma tentativa de tornar a literatura em realidade. As menções à George Orwell, para tratar desses assuntos, é uma constante. A primeira aparição da realidade transformada em dramatização, em literatura, se dá pelo anúncio do filme *1984*, do diretor Michael Radford:

Orwell se transformou numa espécie de bola ideológica que cada um chuta para onde quer. Comentaristas de variadas cores políticas insistem em que seu livro tratava do comunismo soviético ou do Partido Trabalhista da Inglaterra. Houve quem proclamasse o autor como um precursor da nova direita. Acontece, porém, que Orwell tinha captado certamente o grande segredo, o gás que envenena cada racha ideológico – a fome de poder<sup>366</sup>.

Com o tempo ela não teria dúvidas sobre que sistema de fato Orwell versava em seu livro. Stalin não havia morrido ontem. Ainda estava vivo, presente e integro em cada detalhe dos regimes do bloco soviético. E se Gorbachev está no poder, seu principal objetivo é derrubar o stalinismo, não só representado pelos conservadores, mas ainda atuante por obra destes. Isso fica explícito no caso romeno surgido com a queda e julgamento e Ceaucescu, seguida pela exibição de informações pela junta que tomou seu lugar.

---

<sup>363</sup> De olho no futuro. *Veja*, nº 913, 05/03/1986, 51.

<sup>364</sup> *Veja*, nº 859, 20/02/1985, 75.

<sup>365</sup> O furacão Kundera. *Veja*, nº 935, 06/08/1986, 123.

<sup>366</sup> *Veja*, nº 884, 14/08/1985, 127.

O fim do regime de Ceaucescu demonstra essa escalada orwelliana que passaria a compor a imagem do novo discurso anticomunista. A revista *Veja* publicou em 31 de dezembro de 1989 sua reportagem sobre as revoltas na Romênia, que terminaram em 25 de dezembro com o fuzilamento do ditador Nicolae Ceaucescu. A revista anuncia que as “dezenas de milhares de mortos” – que formariam, ainda segundo a revista, a maior carnificina na Europa desde a Segunda Guerra Mundial - surtiram efeito: “A Tirania cai num mar de sangue: Ceaucescu é fuzilado e a Romênia conquista a liberdade, mas milhares morrem na luta”. Ceaucescu é chamado de “Calígula”. “Durante 24 anos impusera sua mão de ferro sobre a Romênia, prostrando um país inteiro sob o manto do medo e da intimidação, o ditador ensandecido pelo poder, o tirano que mandara atirar contra o povo, estava mesmo morto”. “Que notícia maravilhosa”, disse ele. “O anticristo morreu no dia do Natal”, citando um jornalista<sup>367</sup>. Cinco meses depois, na matéria “A segunda morte do ditador”, suas afirmações sobre o julgamento de Ceaucescu, de sua mulher e da conquista da liberdade pelo povo romeno foram revistas, chegando a “uma conclusão amarga: os métodos utilizados pelo novo governo da Romênia não foram diferentes daqueles colocados em prática pela velha tirania para acabar com os seus inimigos”, como o uso de um tribunal fictício e sem direito à defesa<sup>368</sup>. A noção da atomização da sociedade e do afastamento – ou ocultação – da realidade econômica e política interna e externa sob o domínio totalitário, aparecem também:

Isoladas as pessoas se sentem demasiado fracas para enfrentar um poder aparentemente inabalável. Ao descobrir que não estão sozinhas, ganham as praças em número cada vez maior e constatam que não há governo no mundo capaz de prender – ou de matar – uma população inteira [...].

Como um Calígula enlouquecido, sem contato com a realidade, cego ao furacão que soprava ao seu redor, Ceaucescu quis resistir. Acabou no paredão, mas levou com ele milhões de homens, mulheres e crianças<sup>369</sup>.

O controle absoluto sobre os meios de comunicação e sobre a consciência popular teria permitido ao dirigente se acomodar após os primeiros confrontos, e o resto do país não saberia do ocorrido na Transilvânia, o que “era uma reedição, em escala ampliada, da chacina da Praça da Paz Celestial”.

Banida dos meios de comunicação, a notícia se espalhava de boca em boca, provocando protestos em outras cidades. Em sua arrogância, Ceaucescu achava que a velha mistura

<sup>367</sup> A tirania cai num mar de sangue. *Veja*, nº 1111, 31/12/1989, 48-49.

<sup>368</sup> A segunda morte do ditador. *Veja*, nº 1128, 02/05/1990, 42.

<sup>369</sup> A tirania cai num mar de sangue. *Veja*, nº 1111, 31/12/1989, 50.

de medo e desinformação daria certo mais uma vez. O engano não durou mais do que dois minutos. Ao atribuir os incidentes em Timisoara a “forças reacionárias patrocinadas pelo imperialismo” [...], recebeu como resposta uma estrondosa vaia [...]. A expressão de arrogância que se transforma, subitamente, em espanto diante da virada da multidão ficará registrada na História como a primeira derrubada de um ditador mostrada ao vivo<sup>370</sup>.

Os números do aparelho de repressão romeno fornecidos por *Veja* são fantásticos. O fichamento da população, e principalmente, da burocracia pesadamente vigiada, iam além da fidelidade incondicional ao governo. Chegava ao esmiuçamento de cada canto da vida privada. Mesmo o grosso da população possuía registros e a vida do aparato do Estado-partido era pesadamente esquadrihada.

O ditador contava também com uma parafernália de dar inveja ao “Grande Irmão”, o onipresente tirano imaginado por George Orwell no livro 1984. Eram, no total, mais de 300.000 microfones ocultos espalhados pelo país. Um dos passatempos favoritos do casal Ceaucescu era ouvir, durante o café da manhã, uma seção das melhores gravações efetuadas na véspera pela Securitate, com interesse especial pelos casos de figurões da nomenklatura flagrados em infidelidade conjugal<sup>371</sup>.

*Veja* continua a pincelar seu mundo orwelliano. Com 23 milhões de habitantes (censo de 1992), existiria uma estrutura colossal de espionagem e monitoramento permanentes. Poderia-se acompanhar o que o aparato estava fazendo, ao estilo das teletelas do mesmo livro. Havia ainda um pessoal que pudesse operá-las todas. 300 000 microfones teriam de ser reparados, alimentados (quando o país enfrentava uma gravíssima crise energética) e acompanhados. Boa parte da mesma população seria necessária como membros da polícia política para fazer essa estrutura, muito mais diversificada do que microfones dispersos país afora, funcionar. A gana por sangue, típica do stalinismo, se faz presente com as “dezenas de milhares de mortos”, vitimados pela repressão entre os dias 17 a 19 de dezembro de 1989 na região de Timisoara. Os mais de 60 000 mortos, as imagens do cemitério e da exumação dos corpos despedaçados – apresentados numa seção com três fotos<sup>372</sup> – comprovariam que o regime de Ceaucescu era um regime de terror. Posteriormente, foi constatado que o número de vítimas era mínimo diante de tais cifras. A foto dos mortos de Timisoara fora uma fraude feita com a exumação dos corpos do cemitério local. Não foi encontrado qualquer indício concreto dos mercenários sírios e líbios que teriam combatido ao lado da Securitate. A elaboração dessas informações talvez se devesse mais aos húngaros e aos soviéticos (com rixas étnico-territoriais ou políticas com Ceaucescu, mas atados

<sup>370</sup> Idem, 50.

<sup>371</sup> A tirania cai num mar de sangue. *Veja*, nº 1111, 31/12/1989, 51.

<sup>372</sup> Idem, 54.

pelo não intervencionismo oficial do Kremlin) do que à imprensa do Ocidente (LÉVESQUE, 1997, 195).

Isso é posição da *Veja* ou faz parte do sensacionalismo inerente à venda de notícias? Mesmo levando em conta essa característica natural ao sistema de informações civis no Ocidente, o sensacionalismo flutua no mesmo sentido que a ideologia da revista e de sua visão sobre os regimes socialistas.

A repressão na China teria sido outra ação modelar dos regimes totalitários como são obrigatoriamente os regimes comunistas. Também foi uma fonte fundamental para os prognósticos de *Veja* para o desenrolar das reformas no Leste entre meados de 1989 até 1991. O massacre da Praça da Paz Celestial, a Tiananmen, recebe o seguinte título pela revista: “Temporada de caça: a ditadura chinesa prende, arrebenta, persegue e começa a condenar à morte os sobreviventes do movimento que ousou lutar por liberdade”. Ou seja, quem sobreviveu (e a impressão que fica é que todos os que sobreviveram seriam condenados à morte) à noite do massacre, não sobreviverá à caça dos aparelhos de segurança internos.

O mundo fictício de tortura e de perseguição paranoica em 1984 parece virar verdade: a China se transformou na materialização dos sonhos mais delirantes dos órgãos de repressão, “há soldados em cada esquina, debaixo de cada cama”, “1,1 bilhão de chineses se viram nas mãos de um gigantesco DOI-Codi”, o país virou um porão de acusação e de tortura para extrair confissões<sup>373</sup>. Ou, usando as palavras do recém-premiado com o Nobel da Paz, Dalai-lama, “o teto do mundo virou um gigantesco campo de prisioneiros”<sup>374</sup>. O caso da China ainda é usado pela revista como prova da ocultação da realidade, que seria feita metodicamente pelos regimes socialistas. A versão do governo chinês não passa de uma “Infernal máquina de propaganda”, como aponta o título. Essa versão se baseia na luta entre estudantes e forças armadas. Oficialmente, ocorreram apenas 300 mortes, das quais só 24 eram de estudantes. A maioria das vítimas seria de militares, que teriam atirado apenas em legítima defesa. A versão do governo chinês não passaria de pura fábula, segundo a revista. Mas a própria publicou, como uma das mais chocantes fotos do massacre, na primeira edição depois dele, 4 de junho (a edição é do dia seguinte, dia 5, porém a produção das matérias se deu ainda no mesmo dia), um cadáver

---

<sup>373</sup> Temporada de caça. *Veja*, nº 1084, 21/06/1989, 48.

<sup>374</sup> Voz do Himalaia. *Veja*, nº 1100, 11/10/1989, 72.

incinerado e enforcado em uma janela de um ônibus carbonizado. Porém se notava, entre o pouco de roupas identificáveis, que tinha farda e quepe do Exército Popular Chinês<sup>375</sup>. Na matéria “O desconhecido da camisa branca um cidadão anônimo enfrenta sozinho os Urutus chineses, desafia os assassinos do povo e avança a História”, ao início de cada página, a letra inicial aparece agigantada, coberta com uma mancha de sangue, vermelho, com a estrela amarela ao centro. Compara o caso com um tchecoslovaco morto pelos tanques soviéticos em 1968<sup>376</sup>. Deng, antes um reformista modular exaltado em reportagens sobre a abertura econômica chinesa, agora é um tirano travestido de reformador, que está apenas reafirmando sua tirania. Havia passado “de Herói a vilão”<sup>377</sup>. Como afirma no subtítulo, Deng é “como Hitler”. Sua conduta sanguinária tem a ver com seu próprio passado de membro do PC, sendo forjado nele por 64 anos, apoiador de Stalin e também de Pol Pot – do qual não faz nenhuma menção do apoio diplomático anglo-americano (HOBSBAWM, 2001, 438; BROWN, 2010, 348). “O sangue dos mártires, contudo, é o alimento da rebelião”. O título seguinte é “Noite dos assassinos: o movimento pela democracia é sufocado em um banho de sangue, milhares de pessoas são mortas e a ditadura festeja a paz dos cemitérios”. O que Deng classificava como vitória sobre a reação burguesa, na realidade constituiria

seu butim: uma montanha de corpos – de 1400, pelos cálculos iniciais, a 7000, segundo fontes de informação do Ocidente – rasgados a ponta de fuzil, esmagados sob as esteiras dos tanques dos soldados do Exército de Liberação do Povo, degradado à condição de assassino de civis desarmados<sup>378</sup>.

Ao lado uma galeria com fotos chocantes. Um homem com o crânio e cérebro espatifados, outro embebecido em sangue. O subtítulo é: “um mar de corpos transforma as ruas de Pequim em um cenário de horror”. Nos bastidores teria ocorrido um canibalismo político. Os conservadores, com medo de perder o poder, devoraram os democratas; os oportunistas trocaram de lado; enquanto alguns voltam à cena, outros são expurgados e marginalizados, em meio a notícias de atentados e doenças que os teriam tirado do mando e abalaram o regime<sup>379</sup>.

Nas semanas posteriores<sup>380</sup>, a cada nova prisão de um líder estudantil, as mesmas posições sobre o regime chinês são endossadas. O título é “Justiça Vermelha: fotos exclusivas

<sup>375</sup> Temporada de caça. Veja, nº 1084, 21/06/1989, 49.

<sup>376</sup> O desconhecido da camisa branca. Veja, nº 1083, 14/06/1989, 46.

<sup>377</sup> Praça da liberdade. Veja, nº 1078, 10/05/1989, 83.

<sup>378</sup> O desconhecido da camisa branca. Veja, nº 1083, 14/06/1989, 48.

<sup>379</sup> Noite dos assassinos. Veja, nº 1083, 14/06/1989, 49-51.

<sup>380</sup> O outro lado da moeda. Veja, nº 1089, 26/07/1989, 53.

mostram a execução de manifestantes depois do massacre da Praça da Paz”, logo abaixo: “A sequência é um monumento às atrocidades cometidas em todos os tempos pelo homem contra o homem”. Os fuzilamentos são expostos como numa sucessão de slides: a leitura da condenação, os condenados ficam de joelhos, um tiro de fuzil na nuca, os corpos no chão, perfurados por baioneta no coração. Os oficiais apontam para onde devem ser encostados os fuzis, já que o segundo tiro deveria “estragalhar o coração”. Seus corpos ensanguentados passam a ser revirados pelos oficiais com os pés<sup>381</sup>.

*Veja* aponta que tanto o número de funcionários registrados como o de informantes e espões que não constavam em listas, mas que faziam parte do aparato de segurança são incalculáveis. Suas profissões, custeamento, e privilégios absorviam uma boa parte das divisas dos países do Leste. Seu poder era mais ou menos equivalente ao do Partido e das Forças Armadas, formando uma tríade do poder. Por isso não sumiriam tão cedo após o colapso de seus regimes. Seu poder seria conservado por mais algum tempo: sabiam desde as minúcias das vidas das pessoas comuns, passíveis de demissão num momento de transição mas onde quase todos os empregos ainda são empregos do Estado, até da vida pública, particular e não manifesta dos figurões políticos, novos e velhos. Segundo seus números, só na Alemanha Oriental existiram 85.000 agentes, 109.000 “dedos-duros”, 2.037 edifícios. Estrutura que consumia 1/3 do orçamento do Estado<sup>382</sup>. Os números e casos relatados, de “olheiros” do aparato de segurança infiltrados nos partidos da frente multipartidária, das igrejas, das próprias famílias, reforçam a imagem do mundo da literatura orwelliana. Um lugar onde quem criticasse o governo, mesmo em particular, “teria sido imediatamente preso como inimigo do Estado”<sup>383</sup>. *Veja* usa o depoimento de alemães refugiados na Hungria e Áustria para dizer que espões estão por todos os lados, sendo perigoso falar de fuga até para o namorado. “É um clima terrível”<sup>384</sup>. Estranhamente, uma semana antes, o semanário afirmava que a onda de fugitivos iniciou-se quando a população alemã oriental ficou informada sobre a destruição da cerca elétrica na fronteira austro-magiar pelo governo húngaro, e por onde poderia alcançar a Alemanha Ocidental, pelos canais de televisão

---

<sup>381</sup> Justiça vermelha. *Veja*, nº 1133, 06/06/1990, 30.

<sup>382</sup> O poder das sombras. *Veja*, nº 1115, 31/01/1990, 45.

<sup>383</sup> O soviete de Berlim. *Veja*, nº 1104, 08/11/1989, 63.

<sup>384</sup> STRUWE, Carlos. Cortina rasgada. *Veja*, nº 1097, 20/09/1989, 64.

desta, que eram recebidos na Alemanha Oriental<sup>385</sup>. O regime da Alemanha Oriental é descrito como “a utopia terrorista da centralização total”, ou com a frase “é horrível viver preso dentro de um país”<sup>386</sup>. Curiosamente, *Veja*, apenas dois anos antes, havia descrito o país de uma maneira bem diferente. “Se o regime ali também é duro e repressor, não existe culto à personalidade de seu líder, Erich Honecker”<sup>387</sup>.

Berlinenses ocidentais e orientais compartilham “a euforia de ver se desmanchar no ar a sinistra solidez de um dos grandes símbolos de opressão em todo o mundo”<sup>388</sup>. Mas jamais se deve confiar na sinceridade da mudança dos comunistas. É assim que *Veja* se posiciona diante da tentativa do chefe da seção de espionagem internacional da Stasi, Markus Wolf, que anteriormente ela mesma havia reconhecido como um gorbachevista e uma luz “em meio às trevas” do conservadorismo do grupo de Honecker<sup>389</sup>, ao tentar formar um novo governo após a queda do Muro<sup>390</sup>. Ele poderia até representar os anseios de um socialismo renovado presente na população, mas agora havia uma alternativa mais interessante do que os reformistas do SED: o antigo partido Liberal renovado ou a implantação do partido de Kohl no lado oriental.

Há a noção de imobilidade espacial no regime socialista e no regime totalitário. Para qualquer viagem era necessário atravessar um grande obstáculo burocrático e obter a permissão e o passaporte. Mas na verdade férias eram permitidas em qualquer país socialista: os alemães orientais iam para a Tchecoslováquia, os soviéticos para a Criméia e países socialistas mais ao ocidente, como a Hungria. Ou mesmo turistas ocidentais eram admitidos com seus dólares, como as estações de esqui nos Cárpatos, destinadas por Ceaucescu a este tipo de turista.

Os serviços internos de segurança seriam os principais alvos da fúria da população nos vendavais de manifestações e de paralisia dos governos da Europa Oriental em 1989. O prédio da Stasi seria invadido, revirado e destruído pela multidão. Quadros de Brejnev e de outros líderes soviéticos, inclusive Gorbachev, seriam destruídos. Os arquivos foram tomados pelos invasores. Eles esperavam encontrar vários crimes da Stasi neles, e os queriam os salvar antes que, segundo os boatos entre os manifestantes, ela os destruísse – o que já teria se iniciado. Não tiveram paciência para isso e decidiram eles mesmos os destruir. A revista chama o acontecimento de

---

<sup>385</sup> Adeus para quem fica. *Veja*, nº 1096, 13/09/1989, 63.

<sup>386</sup> STRUWE, Carlos. Cortina rasgada. *Veja*, nº 1097, 20/09/1989, 66.

<sup>387</sup> Medo da subversão. *Veja*, nº 978, 03/06/1987, 48.

<sup>388</sup> Primavera em Berlim. *Veja*, nº 1106, 22/11/1989, 106.

<sup>389</sup> Ovelhas vermelhas. *Veja*, nº 1074, 05/04/1989, 54.

<sup>390</sup> O soviete de Berlim. *Veja*, nº 1104, 08/11/1989, 63.

“uma luta pela verdade e liberdade do povo que se livra da opressão”<sup>391</sup>. A destruição dessa estrutura ocorreu muito mais rapidamente do que os articulistas de *Veja* imaginaram. Talvez em razão da experiência da transição brasileira. Se o serviço de informações no Brasil persistiu e foi desmontado gradualmente, os dos países da Europa Oriental ruíram velozmente. No caso da Alemanha Oriental, com uma onda de prisões e perseguições de dirigentes, membros e pessoas de alguma forma vinculada com o antigo regime.

A caçada recebeu o título de “Os espões saem da toca: com a unificação, agentes comunistas começam a ser presos e o governo de Bonn descobre que não tinha segredos”. Klaus Kuron, da Agência de Defesa da Constituição, da Alemanha Ocidental, era chefe do setor da contraespionagem. Tinha por tarefa convencer agentes orientais a trabalhar para o Ocidente, como agentes duplos. Mas desde 1982, o chefe da contraespionagem alemã-ocidental era de fato um espião da Alemanha Oriental. Gabriele Gast fazia relatórios “com informações coletadas de vários órgãos de espionagem” e mandava para Kohl, mas ao mesmo tempo, também para Honecker. O caríssimo sistema de segurança da Alemanha Ocidental era cheio de furos. Isso “levanta a pergunta sobre qual é, no final das contas, a utilidade da espionagem [...]. A Stasi, com 4.000 agentes no exterior, era um dos serviços secretos mais perfeitos do mundo”<sup>392</sup>, mas não evitou a queda da Alemanha Oriental, e nem a de Honecker. A foto do prédio central da Stasi o apresenta atrás de árvores secas e sombrias. A revista faz se parecer com a pirâmide ameaçadora do “Ministério do Amor” do livro *1984*. Para ela, a ira popular contra o Partido Socialista Unificado (SED em alemão) teria como alvo natural o seu braço armado e bem equipado de espionagem e segurança interna. Na caça à simbologia e personagens que representavam o antigo regime, nem os atletas são poupados<sup>393</sup>.

A história dos países socialistas, para alguns adeptos do totalitarismo, tenderia a sempre se repetir, como na Insurreição Húngara e na Primavera de Praga, pois seus regimes não poderiam ser desmontados por movimentos e processos internos, só poderiam ser derrotados por forças externas. Isso se deveria a noção desses mesmos críticos de que o regime socialista foi organizado de modo a se autoreproduzir e autoperpetuar indeterminadamente e a eliminar qualquer fonte de discórdia ou instabilidade. Não poderiam estar mais enganados (FERNANDES,

---

<sup>391</sup> O poder das sombras. *Veja*, nº 1115, 31/01/1990, 44-45.

<sup>392</sup> Os espões saem da toca. *Veja*, nº 1152, 17/10/1990, 47-48.

<sup>393</sup> O ouro de Berlim. *Veja*, nº 1173, 13/03/1991, 54-55.

2000, 35). Para *Veja*, a previsão crescente é de que as reformas falhariam e Gorbachev seria apeado do poder por um golpe dos conservadores. O sistema permaneceria imutável. O quadro de crise na Polônia em 1988 anunciava para *Veja* e seu especialista de plantão com cada vez mais espaço, Brzezinski, que uma nova intervenção soviética, a primeira do estilo em solo polonês, se aproximava, e com ela, o fim político de Gorbachev e da perestroika<sup>394</sup>. O primeiro sindicato independente do Leste a ser reconhecido, conforme a revista, foi o Solidariedade, e não os tradicionais sindicatos porém com livres eleições, formulados por Gorbachev.

A guinada não significa que as autoridades polonesas se tenham metamorfoseado, de uma hora para outra, em democratas”, isto é, capitalistas, em vistas das reformas econômicas que preconizavam juntamente com o reconhecimento da oposição política. Sua “guinada de 180 graus se explica pela impotência<sup>395</sup>.

Impotência diante da crise econômica e da desobediência civil. Em meados de 1989 a situação, claramente, não era essa. As frentes multipartidárias da Hungria e Polônia e o monolitismo dos partidos operários locais naufragavam diante da entrada dos novos atores políticos em eleições concorridas e das novas configurações e arranjos do poder político. E mesmo assim a intervenção soviética não vinha. Seria o comunismo reformável? Evolutivo? Dinâmico? Tais concepções batiam de frente com a noção de totalitarismo. *Veja* recorre novamente a Brzezinski e seu livro lançado no fim de 1988, *O grande fracasso*. O comunismo não estaria sendo reformado, mas sim abandonado, no Leste Europeu. É o momento da capa com a foice e o martelo se estilhaçando<sup>396</sup>. Ainda assim Brzezinski tem previsões conflitantes para a URSS. Chega a elaborar cinco diferentes cenários, além de outras possibilidades de entrelaçamento destes cenários entre si (BRZEZINSKI, 1990, 107). *Veja* fica indecisa entre o abandono do comunismo na URSS ou na reforma liberalizante e cada vez mais ligada à implantação do capitalismo. A opção de golpe restaurador contra Gorbachev perde espaço.

A escalada gradual do discurso do totalitarismo teve um desenvolvimento rápido quando as forças de segurança internas entraram em ação e reprimiram as manifestações. Eram os melhores para a revista transmitir ao leitor o seu ponto de vista, tentando comprovar essa visão. Esses foram os momentos em que a crise dos sistemas socialistas chegou ao ponto da rebelião e da deposição, como na Romênia; na perda do controle sobre o processo de reformas, que Ash chama de “refoluções” – reformas seguidas de revoluções, como na Hungria e Polônia (ASH,

<sup>394</sup> Pela perestroika. *Veja*, nº 1027, 11/05/1988, 60.

<sup>395</sup> Mão estendida. *Veja*, nº 1065, 01/02/1989, 41.

<sup>396</sup> *Veja*, nº 1074, 05/03/1989, capa.

1990, 16); do choque entre manifestantes e policiais, como na Alemanha Oriental dos últimos momentos de Honecker ou de massacres menores como o ocorrido na Geórgia onde nacionalistas acabaram mortos após a intervenção de tropas de choque; de massacres importantes notadamente o produzido pela confrontação entre exército e estudantes na Praça da Paz Celestial ou tropas especiais e ocupantes no prédio da TV estatal lituana; ou mesmo na situação em que alguns dos regimes do Leste se encontraram obrigados a promover alterações na cúpula, diante de manifestações populares, com lideranças moderadas ou manifestadamente de transição substituindo os governos de linha dura, como a “Revolução de Veludo” tchecoslovaca, ou uma mudança ordenada mais “pelo alto”, como a crise política que levou Jikov a deixar o poder na Bulgária. Polícia secreta, tropas de choque, exército; confrontação, repressão, dispersão; governos que sucumbiam, abdicavam ou se reformavam às pressas. Todas as situações eram usadas para apresentar um Estado policialesco e alheio à população envolvido com uma crise que demonstrava o mais completo fracasso de seu modelo.

#### **4.2 Totalitarismo e a reforma do sistema político – 1987-1991**

O entendimento de como funcionava o sistema político da URSS também mudou entre 1985-1987 e 1988-1991. O multipartidarismo oficial, ou o sistema de frentes pluripartidárias, das democracias populares, formadas pelos aliados soviéticos do Leste Europeu, jamais é mencionado antes de sua ruptura definitiva, na segunda metade de 1989, com algumas poucas exceções, ao afirmar que era um pluralismo de fachada, em que o partido, operário, comunista ou socialista local dava as cartas aos demais partidos legais, ou já sabia de antemão quem seria eleito<sup>397</sup>.

O foco de poder na URSS, em 1985, seria o Politburo, um grupo de 15 membros com direito a voto e outros sem este direito, que dentro de um clima de consenso interno – posteriormente de unanimidade – ditariam os rumos do país. As demais instâncias, como o Comitê Central do PCUS, responsável pela democracia interna do partido, ou o Soviete Supremo,

---

<sup>397</sup> Primavera no Leste. Veja, nº 1071, 15/03/1989, 43; Primavera em Berlim. nº 1106, 22/11/1989, 108.

com o corpo legislativo do Estado, em tese separado do partido, ou ainda a Suprema Corte e o Judiciário, apenas seguiriam suas ordens. Formaria-se uma estrutura piramidal de poder, mais parecida com uma “corte de Gorbachev”<sup>398</sup> e antidemocrática por excelência.

Se não há sequer democracia intrapartidária e tudo o que se é votado já foi decidido previamente no Politburo, ocorreria um choque em *Veja* quando confrontada com a revolta no Comitê Central contra a reforma do sistema político proposto por Gorbachev, no início de 1987. Não foi isso o que aconteceu na matéria “Diretas no Kremlin: Gorbachev faz sua aposta mais arriscada propondo o voto secreto no sistema eleitoral soviético mas o Comitê Central reluta”.

A rajada de ar fresco que passou a soprar sobre a União Soviética desde a ascensão de Mikhail Gorbachev ao poder, há pouco menos de dois anos, ganhou na semana passada a força de um furacão. E, como todo furacão, não agradou a quem estava no seu caminho<sup>399</sup>.

Ao longo de 6 horas, expôs como forma de “acelerar o processo de democratização” – o grande instrumento através do qual Gorbachev pretende revitalizar a sociedade soviética” a entrada de não-membros do partido em altos cargos administrativos, múltiplos candidatos regionais, direito de crítica e “voto secreto nas eleições internas do partido”. Seus objetivos eram diferentes dos de 1985.

Ele começou a girar o torniquete com críticas à preguiça, à embriaguez e aos privilégios da elite. Depois, convocou o povo a aderir a um novo espírito de abertura e transparência – sintetizado na palavra russa *glasnost*. Agora, dispôs-se a mexer nas estruturas enferrujadas do próprio Partido Comunista. Trata-se de uma empreitada de folego que, se bem-sucedida, terá peso semelhante, na história da URSS, à ruptura com o passado conduzida por Nikita Krushev<sup>400</sup>.

Até a revista percebe a mudança em Gorbachev. Apesar de considerar as transformações propostas muito maiores do que as de Krushev, se bem-sucedidas, ainda assim seriam apenas tão importantes quanto ao do antigo secretário-geral. Gorbachev ainda censurou a estagnação “e o longo reinado” de Brejnev e “investiu contra a sombria herança de totalitarismo legada por Josef Stalin” ao criticar o dogmatismo na teoria e nas ciências sociais.

Entre os comunistas brasileiros a reação foi a mais positiva possível. “O voto secreto é uma revolução dentro do partido”, festejou o deputado federal Roberto Freire, do PCB.

---

<sup>398</sup> Tropeção na chegada. *Veja*, nº 946, 22/10/1986, 70.

<sup>399</sup> Diretas no Kremlin. *Veja*, nº 961, 04/02/1987, 44.

<sup>400</sup> *Idem*, 44.

“O voto aberto introduz uma certa inércia, um certo autoritarismo político”, acrescentou<sup>401</sup>.

*Veja* mostra o partido criticando sua própria estrutura até então, uma auto-desmoralização, suavizada e encoberta com a imparcialidade da “reação positiva”. “As dificuldades dessa batalha logo ficaram evidentes. Ao fim da sessão plenária, o Comitê Central aprovou uma versão bem mais diluída das propostas de Gorbachev” que “foi franco a ponto de transmitir um tom de reprimenda aos membros do Comitê Central. Isso não bastou para que ele fosse seguido ao pé da letra”. Entretanto, “o discurso do secretário-geral tem grande importância simbólica, mas não muito peso político”, ou, segundo o analista François Fejto, “as candidaturas múltiplas não são novidade no mundo socialista. “Na Iugoslávia e na Hungria já existe o sistema de apresentação de mais de uma candidatura para diversos cargos, com bons resultados”<sup>402</sup>. Em 1989, essas estruturas seriam consideradas apenas joguetes e marionetes e não como um fator limitador. Quem proporcionou a atenuação diante do choque de um sistema político considerado submisso e antidemocrático se rebelar contra seu líder máximo foi o próprio Gorbachev. Ele acusou o Comitê Central de insubordinação e de se opor à democratização. O que poderia ser visto como ruptura, para algum soviétólogo, ou normalidade do centralismo democrático, para algum político conservador do PCUS, foi vista pelo secretário-geral e por *Veja* como continuidade de um sistema não-participativo. Matérias como essas passariam a ser suprimidas, já que o Comitê Central continuou renitente em aprovar na íntegra as reformas (BROWN, 2010, 519-521), para que a ideia de totalitarismo pudesse ter base. Gorbachev ganharia a imagem de um político que apreciava apostas altas e arriscadas. O próximo ato da queda de braço com as instituições partidárias que reprovavam suas medidas veio poucos dias depois, com a eletrizante ameaça de renúncia.

Segundo a reportagem “Ponte queimada”, “foi uma manobra tática característica dos governantes que, empenhados em dismantelar ditaduras, deparam com bolsões de resistência a seus planos de liberalização”.

O líder soviético convocou um seleto punhado de jornalistas para fazer uma revelação bombástica: ele estava disposto a renunciar caso seu ambicioso projeto de reformas – chamado de *perestroika* quando se refere à reestruturação da economia e da máquina política e de *glasnost* no campo das ideias e da sociedade – fosse rejeitado.

Gorbachev aproveitou para tornar oficial um boato que já corria em Moscou. O clima de resistência às mudanças era tal, confirmou o líder soviético, que a sessão plenária do

<sup>401</sup> Idem, 45.

<sup>402</sup> Diretas no Kremlin. *Veja*, nº 04/02/1987, 46.

Comitê Central precisou ser adiada três vezes [...] o que ele fez foi avançar mais um peão na sua disputa com os setores mais refratários às mudanças<sup>403</sup>.

O discurso de Gorbachev foi mudado pelo Comitê Central para não conter algumas de suas propostas. Ele não só deu um recado indireto da seriedade de suas reformas por meio da imprensa, como também “durante uma visita que fez na semana passada às repúblicas bálticas, onde experiências de liberalização econômica através da iniciativa privada em pequena escala são mais avançadas do que em outras regiões do império soviético” aproveitou para ameaçar renunciar, “reforçando a imagem de um homem disposto a queimar pontes atrás de si para não retroceder. Consciente dos riscos que enfrenta, Gorbachev deu até um prazo para a prova de fogo de seu programa”: a prova de fogo seriam os próximos dois anos<sup>404</sup>.

Desde a queda do grupo antipartido, ainda nos anos 1950, não havia uma substituição tão grande de burocratas e membros do partido. *Veja* não deixa de afirmar que esta ação fortalecia o poder pessoal de Gorbachev, na medida em que eram empossados aliados seus, pró-reformas. Mas jamais fala em purga ou expurgo. Mesmo quando, com a aterrissagem de Matthias Rust na Praça Vermelha, pode remover os conservadores da cúpula do poder militar, como os generais Sokolov e Koldunov, reempregando militares mais maleáveis diante de sua política de concessões, como o marechal Akhromeiev (BROWN, 1996, 231). Com a exceção do momento em que, diante do desabastecimento iminente, Gorbachev deixa de lado os discursos pró-mercado, arrendamento da terra e trabalho individual pela ameaça sobre a burocracia para que aumentasse a produção<sup>405</sup>. Gorbachev não teria condições de fazer condições diante do antagonismo da oposição conservadora, apesar “de consolidar seu poder interno muito mais rapidamente do que sugeria a tradição soviética”<sup>406</sup>, exatamente uma situação que poderia ser levantada como uma mostra de totalitarismo por parte de Gorbachev, como também foram os milhares de processos ou os fuzilamentos de burocratas corruptos em 1985-86, e que não são tratados dessa forma<sup>407</sup>.

Pelo contrário. A eliminação da Velha Guarda do Kremlin por meio do rebaixamento de funções ou perda de cargos é vista como algo benéfico. Era “arejar a administração” e desobstruir campos relevantes, como o da diplomacia internacional, até então ocupada pelo “Senhor Nyet”

---

<sup>403</sup> Ponte queimada. *Veja*, nº 964, 25/02/1987, 50.

<sup>404</sup> Ponte queimada. *Veja*, nº 964, 25/02/1987, 50.

<sup>405</sup> Estrela sem brilho. *Veja*, nº 1087, 12/07/1989, 54.

<sup>406</sup> Retomada do diálogo. *Veja*, nº 898, 20/11/1985, 69.

<sup>407</sup> Linha dura. *Veja*, nº 926, 04/07/1986, 63.

Gromyko, que tanto trabalho havia oferecido aos diplomatas estadunidenses. Foi primeiramente relegado para o cargo cerimonial de presidente e posteriormente apenas deputado.

Logo nos primeiros meses no cargo já havia indicado quatro aliados ao Politburo – em cadeiras que estavam vagas (BROWN, 1996, 147), “aposentou o poderoso chefe do partido em Leningrado”, Romanov, os anciões aliados de Brejnev, o primeiro-ministro Tikhonov, trocou Gromyko por Shevardnadze, que, por ser inexperiente, “deixa o chefe com total liberdade de manobra em política externa”, 14 dos 64 ministros, incluindo o chefe do Gosplan, Nikolai Baibakov. Gorbachev era, em um dos títulos, “Mikhail, o Grande: ele está atrelado a um sonho de grandeza, como os czares. Não tem paciência com a velha guarda, que ordena que “saíam do caminho”, se preocupa com a modernização tecnológica do país, num ritmo de revolução”<sup>408</sup>. O XXVII Congresso do PCUS, em 1986, foi outra ocasião para Gorbachev aumentar suas bases dentro do governo. Até o momento, para *Veja*, o que mais impressionava concretamente na era Gorbachev eram as substituições – só restavam três membros do Politburo de Brejnev, 21 ministros demitidos, de 319 membros do Comitê Central, 100 foram afastados “e outros tantos devem perder o cargo nos próximos dez dias, no decorrer do atual congresso. Todas as posições, obviamente, são preenchidas por partidários de Gorbachev”<sup>409</sup>. Enquanto lutava com o Comitê Central pela aprovação de reformas cada vez mais profundas, as “baixas na burocracia continuam”: Valentina Tereshkova, cosmonauta pioneira e presidente do Comitê de Mulheres Soviéticas, associada à imagem de Brejnev, e o membro do Politburo Kunaev, foram demitidos. Restaria apenas o conservador Shcherbitsky, “um obstáculo que Gorbachev parece ter deixado para derrubar da próxima vez”<sup>410</sup>. A última figura a ser expelida do poder era justamente a que mais fez sombra à Gorbachev, até o renascimento político de Yeltsin a partir de 1989, Ligachev, reformista moderado e contrário às reformas radicais, e número dois do PCUS.

Ligachev tentou liderar os conservadores e reformistas moderados descontentes com Gorbachev e por isso foi considerado ameaçador, por gorbachevistas e por *Veja*. Defendia a agricultura coletiva frente aos arrendamentos privados<sup>411</sup>. Asseverava o significado positivo de

---

<sup>408</sup> LEITE, Paulo Moreira. O espírito de Genebra. *Veja*, nº 899, 27/11/1985, 71.

<sup>409</sup> De olho no futuro. *Veja*, nº 913, 05/03/1986, 51.

<sup>410</sup> Diretas no Kremlin. *Veja*, nº 961, 04/02/1987, 46.

<sup>411</sup> A terra libertada. *Veja*, nº 1072, 22/03/1989, 43.

Stalin como sendo muito superior ao negativo<sup>412</sup>. Queria limites claros na glasnost e na democratização<sup>413</sup>. Não era o líder que *Veja* desejava ver guiar a modernização da URSS.

Em 1988 Ligachev foi afastado da direção ideológica do PCUS e substituído na propaganda e cultura por Yakovlev e na ideologia por Vadim Medvedev. Os rumores de afastamento já corriam, “na clássica receita do partido de fritar os desafetos através de boatos antes de sacramentar a queda final”, bem no momento que se prepara a XIX Conferência do Partido, que tratará da democratização deste, e que segundo Gorbachev, “algumas pessoas estão em pânico. Existem pessoas acreditando que tudo está entrando em colapso, quando na verdade o socialismo está se livrando de tudo que o deformou no passado”. Uma “guerra pela imprensa” teve início três semanas antes, com a publicação do artigo de Nina Andreyeva, professora, durante a ausência de Gorbachev, na Iugoslávia. “O texto tinha certamente o dedo de Ligachev, ao afirmar “que a revelação dos crimes de Stalin estava destruindo a fé do povo na nação”. Após isso, “o afastamento de Ligachev tornou-se apenas uma questão de tempo”<sup>414</sup>. Ligachev, usaria a “estratégia típica da linha dura em períodos de abertura” de apoiar as reformas mas denunciar os abusos.

A carta equivalia praticamente a um manifesto neostalinista – e em pouco tempo recebia manifestações de adesão por todo o país que chegavam a denunciar os “erros grosseiros” cometidos por Gorbachev. De volta a Moscou, o líder soviético e seus aliados demoraram nada menos do que 23 dias para desfêchar o contra-ataque e neutralizar a ofensiva de Ligachev<sup>415</sup>.

*Veja* compara os conservadores com os nazistas. Os conservadores estariam a espera de seu incêndio no Reichstag, mas ao menos por enquanto Gorbachev teria apagado as chamas. Em seguida *Veja* classificava o caso Andreyeva como uma tentativa de golpe de Estado, ou, como diz o título, um “Golpe de jornal: conservadores tentaram acabar com as reformas”, a serem votadas no XIX Congresso. Para *Veja*, há de fato uma “conspiração”, como os jornalistas estrangeiros acusam, já que promovida durante a ausência da liderança. A “batalha surda” entre os dois campos se dá com a adesão das “diversas camadas do poder institucional e também no interior dos órgãos de imprensa”, onde os jornalistas teriam que escolher o lado a apoiar, como apontou o diretor do *Izvestia*.

<sup>412</sup> Caminho livre. *Veja*, nº 1025, 27/04/1988, 61; A volta do leão. nº 993, 16/09/1987, 41.

<sup>413</sup> Medo da subversão. *Veja*, nº 978, 03/06/1987, 48.

<sup>414</sup> Caminho livre. *Veja*, nº 1025, 27/04/1988, 61.

<sup>415</sup> Furacão no Kremlin. *Veja*, nº 1048, 05/10/1988, 45.

A signatária – Nina Andreyeva, uma misteriosa professora de Química – expressava dificuldades em discutir com seus alunos novidades como o rock e os livros que desmascaram o terror stalinista. A carta, segundo os informantes de Kaiser, foi ampliada e reescrita por Ligachev<sup>416</sup>.

Que convocou os diretores de jornais para ordenar a publicação. Sucedeu-se uma grande discussão em todos os níveis. “Quando Gorbachev voltou da viagem à Iugoslávia, tentou em vão saber quem estava de que lado. Como acontece nesses momentos, o líder soviético não podia contar com o paquidérmico serviço de informações, também inutilizado pela divisão interna”. Gorbachev se recolheu à sua dacha e apenas um mês depois o artigo de Yakovlev execrando Ligachev foi publicado pelo *Pravda*. “A briga, não mais através [sic] das páginas dos jornais, mais diretamente, continua esta semana”<sup>417</sup>.

As disputas entre conservadores e gorbachevistas continuam na matéria “Furacão no Kremlin: Gorbachev mexe fundo na estrutura do poder: afasta Gromyko, remaneja Ligachev e se torna o novo presidente da União Soviética”. *Veja* aponta para uma vitória fácil sobre os conservadores. “Bastou apenas 1 hora, uma única reunião e um só discurso. Com a energia concentrada de um furacão e a segurança dos jogadores acostumados a apostar muito alto” o secretário-geral “promoveu uma reviravolta na cúpula do poder político de importância decisiva para o seu ambicioso, atribulado e até ameaçado programa”, afastou cinco membros do Politburo, numa reunião às pressas do Comitê Central, onde só ele falou. As nomeações efetuadas, que alguns autores consideram contraditórias (BRESLAUER, 2002, 69) e outros como parte das normas de ascensão e preenchimento de vagas dentro da nomenclatura (BROWN, 1996, 107), *Veja* prefere explicar ao seu modo. “Consumada a onda de demissões, as outras “mudanças de pessoal” se deram num terreno mais complexo. Gorbachev precisou recorrer a um sutil remanejamento no complicado tabuleiro de xadrez em que se confrontam reformistas e conservadores”<sup>418</sup>. Ligachev ganhou a pasta da agricultura, mas o futuro de todo o programa de reformas pode depender da recuperação da agricultura – e Ligachev não parece exatamente o homem indicado para fazer isso. “Com um conservador como ele à frente da agricultura, a descoletivização do campo programada por Gorbachev será muito mais difícil”. Chebrikov, linha-dura chefe da KGB, perdeu o cargo em troca de comissões, como a de assuntos jurídicos, por onde passariam as reformas de Gorbachev. “Antes de marcar a reunião do Comitê Central –

<sup>416</sup> Golpe de jornal. *Veja*, nº 1034, 29/06/1988, 58.

<sup>417</sup> Golpe de jornal. *Veja*, nº 1034, 29/06/1988, 58.

<sup>418</sup> Furacão no Kremlin. *Veja*, nº 1048, 05/10/1988, 44-45.

acompanhada pela convocação, sem precedentes, de uma sessão do Soviete Supremo para o dia seguinte” Gorbachev também cerrou as fileiras dos reformistas apresentando a perestroika sob ameaça de reversão. Os resquícios conservadores teriam sido completamente varridos do Politburo e do Comitê Central apenas no fim de 1989<sup>419</sup>.

As mudanças no sistema político “abrem caminho a uma “operação desmonte”, de cima para baixo, em toda a fossilizada máquina partidária da URSS”. Mesmo com o secretário-geral mudando sua fonte principal de poder do partido para o Estado, da secretaria envolvida pelo poder dos membros do Politburo e do Comitê Central pela presidência com amplos poderes, não se tratava de abandonar o partido.

Gorbachev não pretende, de maneira alguma, diminuir a importância do PCUS ou alterar o seu “papel de vanguarda”. Mas ele quer – e não deixa dúvidas quanto a isso – sacudir uma máquina emperrada, separar o partido da estrutura administrativa ao nível do varejo, injetar vida própria nos órgãos do governo e tirara da frente os burocratas que fazem corpo mole ou sabotam francamente as reformas. Não é de estranhar que encontre resistências imensas<sup>420</sup>.

Se as propostas de reforma do sistema político foram colocadas sobre a mesa em 1987, em 1988 elas passaram pelo teste dos debates e da aprovação. E emergiram destes radicalizada. Não só implantavam o voto secreto e as múltiplas candidaturas, mas demoliam antigas instâncias do poder político, criavam outras, permitiam a livre escolha de candidatos, mesmo fora do PCUS, o que, na prática, era o equivalente de eleições disputadas fora da esfera do partido único, contra uma multiplicidade de grupos de oposição ou de grupos independentes, não organizados. E o mais impressionante, reconheciam oficialmente que o país até aquele momento não havia usufruído de qualquer sistema democrático real. 1989 seria o ano das eleições para o Novo Congresso dos Deputados do Povo, 1990 o dos soviets das repúblicas e 1991 o de presidente das repúblicas. Ao mesmo tempo, *Veja* estava cada vez mais convencida de que as discussões que tomaram conta do país, e que decidiriam seu futuro, não estavam no novo sistema legislativo e nos novos poderes do Executivo, mas nas ruas.

O processo de democratização avançou ao Gorbachev lançar as propostas para ampliar e aprofundar a “segunda revolução”. Antes a revista observava a redução das atribuições do partido e o avanço da glasnost como necessidades puramente econômicas e imediatas enfrentadas por Gorbachev. Tal visão foi modificada em 1988. Agora “seu objetivo fundamental: a reforma da

<sup>419</sup> O general inverno. *Veja*, nº 1109, 13/12/1989, 66.

<sup>420</sup> Furacão no Kremlin. *Veja*, nº 1048, 05/10/1988, 45.

estrutura política, chave para a transformação geral da URSS que ele tem em mente”. O que seria confirmado pelas teses da cúpula, “que incluem desde medidas para combater a burocracia até a reforma do sistema judiciário que pretende garantir aos cidadãos soviéticos direitos fundamentais como algumas formas de liberdade de expressão e consciência”<sup>421</sup>. O próprio Gorbachev já havia abandonado seu rumo estratégico de mobilização das forças nacionais para o aumento da produção (GORBACHEV, 1986a, 37), ou *uskorenie*, pela reforma política e democratização um anos antes (GORBACHEV, 1988, 116). Agora a reforma deveria ser levada adiante pelo campo político e a participação popular, e não mais o econômico e a mobilização dos trabalhadores. Seu antigo projeto foi virado de pernas para o ar. “A glasnost a fim de forçar a perestroika” (HOBSBAWM, 2007, 310). O semanário, entretanto, preferiu esperar algo de mais concreto além dos relatórios e discursos do secretário-geral, como aqueles que anteviam a separação entre partido e Estado (GORBACHEV, 1987a, 57-59). E isso ocorre em 1988.

*Veja* cria o caso de Ivan – que irá, como sua comunidade, votar para o Soviete Supremo, em um candidato que nunca foi do partido, que tirou seu passaporte sem burocracia e que viajará tranquilamente ao exterior, que já conhece pela ampla liberdade de informação. “Esse dia fictício na vida de um cidadão russo está mais próximo, pela primeira vez em séculos”, se Gorbachev, “o homem que prometeu, e está cumprindo, promover uma “segunda revolução”” quebrar as resistências conservadoras. 5000 delegados iriam se reunir na “Conferência Extraordinária do Partido”, a primeira desde 1941, para “discutir as vastas reformas políticas, econômicas e sociais”<sup>422</sup>. As instituições soviéticas passaram a ser vistas cada vez mais como marionetes do centro – como o próprio Gorbachev as apresentou (GORBACHEV, 1988, 125-127) – mas esse quadro progressivo pôde ser mudado, por exemplo, agora com a necessidade da legitimidade das mudanças. Democratização social e intrapartidária e irreversibilidade das reformas dão a tônica. “Por seu alcance e ambição, o programa apresentado na semana passada lembra uma outra revolução, com suas propostas em favor de limites para o poder do partido, um Legislativo independente e até uma verdadeira carta dos direitos humanos”, segundo o critério de que “tudo é permitido, a não ser que seja proibido pela lei”, o que é “uma noção vigente a muito tempo nas democracias ocidentais”. As propostas são:

---

<sup>421</sup> Vitória da perestroika. *Veja*, nº 1035, 06/07/1988, 53.

<sup>422</sup> As teses da mudança. *Veja*, nº 1030, 01/06/1988, 40.

- 1) Mandatos - todos os funcionários do Estado e partido com cargos eletivos terão mandatos de cinco anos, com direito a uma reeleição e se com ampla maioria, uma terceira.
- 2) “Fortalecimento do Legislativo” – democratização pelos sovietes regional e nacional.
- 3) “Direitos fundamentais” – liberdade de expressão, imprensa, consciência, reunião, manifestação pública, educação religiosa, inviolabilidade domiciliar, de correspondência e chamadas telefônicas,
- 4) “Fundar um “Estado socialista de Direito” – o que implica a admissão de que a URSS ainda não atingiu essa situação” como a garantida ou mesmo o reconhecimento desses direitos.
- 5) “Novas organizações” – associações privadas “não só não serão reprimidas como passarão a contar com o incentivo oficial”<sup>423</sup>.

*Veja* faz questão de lembrar que tudo até o momento não passa de propostas, e que as chances de Gorbachev mudar a URSS são mínimas. Não menciona o fato de que a maioria dessas propostas já eram debatidas por institutos soviéticos desde 1986 (MLYNAR, 1987, 187-188). E mesmo que o cenário interno seja modificado, o mesmo não acontecerá com o externo. A inviolabilidade

dá às teses um tom de ficção num país que vive sob o tãco de uma rígida censura. Afinal, Gorbachev promete o fim do grampo, mas não consegue sequer que a Censura pare de mudar suas próprias palavras [...] De qualquer forma, quando na URSS não houver mais grampos, os soviéticos estarão fazendo escuta telefônica só em Washington<sup>424</sup>.

Ela recorre ao especialista Seweryn Bialer para explicar tais reformas que pareciam desmontar o totalitarismo, sua grade de explicação para o sistema socialista. E é tranquilizada por ele.

A União Soviética transformou-se no país mais interessante do mundo. O que acontece lá, no momento, é uma experiência gigantesca que atinge todas as esferas do comportamento humano. Esta experiência, no entanto, está dando seus primeiros passos, e a sociedade e o sistema político em que ela ocorre continuam profundamente soviéticos – com todas as conotações negativas do termo<sup>425</sup>.

<sup>423</sup> As teses da mudança. *Veja*, nº 1030, 01/06/1988, 41.

<sup>424</sup> *Idem*, 41.

<sup>425</sup> BIALER, Seweryn. Por trás da glasnost. *Veja*, nº 1031, 08/06/1988, 58.

Gorbachev tem como meta principal o desempenho da economia, mas só tem resultados políticos, sociais e culturais até o momento. “A menos que Gorbachev seja obrigado a recuar, esses avanços vão transformar profundamente a natureza do sistema que ele herdou, lançando-o no rumo da modernidade”. Como se pode avaliar as mudanças? Mais fácil é avaliar o que não se pode mudar. A URSS não está se tornando uma democracia ocidental. “O governo do país quer implantar métodos democráticos ao nível do varejo político, mas não tem a mínima intenção de mudar as grandes instituições nacionais”. E nem capitalista: “não se deve confundir uma maior ênfase nas forças do mercado ou o uso de métodos econômicos de administração com capitalismo em larga escala”. Não ruma para uma sociedade aberta: a liberdade religiosa não foi criada, o emprego e propriedade privadas são marginais, “não mudou a dominância do povo russo” sobre as demais nacionalidades. O que se vê são as tradicionais reformas modernizadoras de cima pra baixo da Rússia czarista e da URSS<sup>426</sup>.

Poucos dias depois boa parte dos prognósticos de Bialer se demonstraram equivocados diante da força reformista. Era hora de encontrar outro analista confiável. Bialer não voltaria a ser mencionado. *Veja* indica os diferentes programas e opções que se desenhavam. Tatiana Zaslávskaja, até poucos anos impedida de publicar e hoje diretora do único instituto de pesquisa de opinião pública e assessora do Kremlin, disse que o partido irá manter sua função de vanguarda, mas deve existir “uma ‘frente nacional’ independente que funcionaria como uma espécie de alternativa ao Partido Comunista”. Gorbachev quer o apoio de reformadores incondicionais como a socióloga, mas também deseja um ritmo gradual nas transformações, sem atender aos que “empurram por um salto à frente”. Antes das propostas chegarem ao Congresso, assistiu-se a “um inédito – e fascinante – confronto entre a corrente que acha que Gorbachev está indo longe e rápido demais e os partidários da nova ordem. O debate se desenrolou no lugar menos previsível de todos: o Soviete Supremo”. Os deputados, “habituaados durante décadas de submissão a simplesmente endossar as decisões vinda da cúpula, através de dóceis e sincronizados acenos das carteirinhas vermelhas”, debateram sobre a lei de incentivo às cooperativas, “ou empresas criadas pela livre iniciativa dos cidadãos”. “O Soviete Supremo havia se transformado num Parlamento de verdade”, com as discussões sobre cooperativas privadas, assalariamento e lucros. “Não é outra coisa o que Gorbachev propõe”<sup>427</sup>.

---

<sup>426</sup> BIALER, Seweryn. Por trás da glasnost. *Veja*, nº 1031, 08/06/1988, 58.

<sup>427</sup> As teses da mudança. *Veja*, nº 1030, 01/06/1988, 42.

Contrariando suas expectativas, as propostas de Gorbachev são aprovadas na íntegra. Como o título “Vitória da perestroika: a conferência do PCUS aprova a reforma do sistema político e abre caminho para a consolidação das mudanças defendidas por Gorbachev” sugere, elas deveriam se tornar realidade. O novo presidente da URSS disse que “nunca vimos nada parecido durante quase seis décadas” no “moderno” Palácio dos Congressos, onde os deputados “discutiram, num clima de liberdade jamais visto desde a ascensão de Stalin”. Disse que o povo não tolerará a derrota da perestroika. Uma “frase de pouco significado, visto que o povo soviético não dispõe de meios eficazes para fazer saber ao governo que o detesta ou o apoia”. *Veja* prevê a normalização da vida política com a demokratizatsiya:

As mudanças são pra valer. Para começar, segundo decisão intensamente debatida e aprovada pela conferência, nenhum funcionário do partido poderá ficar mais do que dez anos em seu cargo, divididos em dois mandatos de cinco. É fácil imaginar, contudo, o impacto da nova decisão sobre os veteranos burocratas que jamais imaginaram algum meio de ganhar a vida fora da máquina partidária [...]. Gorbachev entrou na conferência, iniciada na terça-feira, como secretário-geral e, três dias depois, saiu dela presidente. Não um presidente figurativo, sem poder real, como é atualmente o veterano Andrei Gromyko [...]. Gorbachev será um verdadeiro chefe do Executivo, com liberdade para nomear o primeiro-ministro, determinar medidas econômicas e sociais, dirigir a política externa e até mesmo para tentar reinar sobre a defesa nacional<sup>428</sup>.

O objetivo seria uma real separação dos poderes. Com o subtítulo “Implosão no supremo” discorre sobre as mudanças no Legislativo. “Tirar o partido de todas as esferas da vida pública não significa, absolutamente, diminuir a sua importância”. Reavivar e tornar independentes órgãos e instituições é compatível com esse objetivo.

Segundo o jornal *The New York Times*, o partido “continua no poder, mas num ambiente mais competitivo. Parece contraditório, mas Gorbachev não hesita diante das contradições que o levaram, por exemplo, a promover o debate mais livre já registrado nas fileiras do partido [...] e, ao mesmo tempo, a fechar a Praça Vermelha ao público durante os dias da conferência<sup>429</sup>.”

Outra prova seria o ato de reavivar os sovietes, que quase nunca teriam existido de fato no país, com a implosão do principal destes organismos, o Soviete Supremo. Em abril de 1989 o “mais importante órgão legislativo” mudaria: “Gorbachev ampliou a base e fechou a cúpula. No meio, colocou um Soviete Supremo mais reduzido e teoricamente mais ágil, encarregado de funcionar como um Parlamento de fato”.

<sup>428</sup> Vitória da perestroika. *Veja*, nº 1035, 06/07/1988, 50-51.

<sup>429</sup> *Idem*, 51.

Após cada período de estupefação, em decorrência das ações e propostas inusitadas do Kremlin, no qual dá mais vazão às motivações expressas pelos reformistas, *Veja* retrocede em suas posições e cria, copia ou retoma um discurso mais ácido quanto à profundidade ou sinceridade das mudanças, e alinhado com a mídia conservadora ocidental. Assim, durante a reunião de cúpula em Moscou, no fim de 1988, quem parece impelir à glasnost é ninguém menos que Reagan.

Em plena era da *glasnost*, Soljenítsin ainda é um dos poucos autores contemporâneos cujas obras continuam proibidas na União Soviética. Suas ideias políticas, no entanto, são repudiadas por grande parte da elite intelectual que forma na linha de frente das reformas impulsionadas por Gorbachev [...]. Reagan, sem dúvida foi movido pelo intuito de provocar os dirigentes soviéticos ao citar copiosamente o escritor proibido e pedir a publicação de suas obras.

Os dirigentes soviéticos podem não ter gostado da crítica implícita em expressões como “primeiro sopro de liberdade” e “longo silêncio”, pois detestam que “venham em nossa casa dar lições”, segundo as palavras do porta-voz oficial Gennadi Gerasimov.

Cauteloso de um lado, de outro Reagan não poupou palavras ao se pôr em campo numa pregação em favor dos direitos humanos e da liberdade religiosa. Para isso, as ocasiões foram escolhidas a dedo<sup>430</sup>.

E não faltavam ocasiões também, como o encontro com os dissidentes políticos. Reagan é que cobra a firmeza na glasnost. E a URSS estaria tremendamente atrasada no reconhecimento dos direitos humanos. “Gorbachev também disparou palavras ácidas para Reagan por suas declarações em favor dos direitos humanos – “um jogo de cena pelo qual não tenho a menor admiração”<sup>431</sup>.

A democratização ganharia uma matéria de capa na primeira metade de 1989: “O terremoto da reforma sacode o comunismo: o vento da liberdade que varre a Europa do Leste”. Na capa, a foice e o martelo se estilhaçam. Em seu interior, a desintegração do sistema político comunista é sugerida com o ícone que acompanha cada letra no começo de página – um cubo de gelo vermelho, com a foice e o martelo, derretendo. O título é “Os soviéticos infligem nas urnas uma derrota fragorosa à cúpula dirigente e avançam um passo histórico nas mudanças que sacodem o comunismo”.

Desde 1917 não se via algo semelhante na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Primeiro, se marcaram eleições em que se permitiu a participação de candidatos que defendessem algo diferente das diretrizes do Partido Comunista, depois, durante a campanha, foram promovidos animados comícios eleitorais, manifestações de rua e

<sup>430</sup> BIALER, Seweryn. Por trás da glasnost. *Veja*, nº 1031, 08/06/1988, 52-53.

<sup>431</sup> Caça ao dragão em Moscou. *Veja*, nº 1031, 08/06/1988, 55.

debates entre os candidatos – alguns deles até transmitidos pelo rádio. Por fim, no domingo da semana passada, dia 26, 180 milhões de soviéticos foram às urnas para, através do voto, afirmar o que pensam do governo comunista e da política de abertura do presidente Mikhail Gorbachev e dos que, pela direita ou pela esquerda, se opõem ao ritmo da *glasnost*. Os resultados foram acachapantes: não houve figurão do Partido Comunista que não amargasse derrotas humilhantes<sup>432</sup>.

Em Moscou, Boris Yeltsin, caído em desgraça “por atacar a lentidão com que Gorbachev dava passos no sentido da reforma” – anteriormente *Veja* o havia classificado como um radical imprudente<sup>433</sup> – ganhou por 89,4% dos votos contra o “o candidato oficial da burocracia. Os soviéticos disseram “não” àqueles que se dizem os legítimos herdeiros da revolução que instaurou o comunismo no país”. Onde o PCUS disputou sozinho e com candidato único, como em Leningrado ou Kiev, não teve 50% dos votos e uma nova eleição seria realizada. “Os eleitos, por sua vez, foram opositores de longa data, dissidentes que até há pouco estavam na cadeia, representantes de minorias nacionais, candidatos que defenderam o pluripartidarismo, ou os “pobres”. Na realidade, ao contrário do que sugere o semanário, a maioria dos eleitos eram membros do partido (POCH-DE-FELIU, 2003, 86), apesar de não serem dos quadros tradicionais (BROWN, 2010, 518), e nem serem confiáveis, como a adesão tardia de do economista e futuro prefeito de Leningrado, Anatoly Sobchak, sucedida por sua defecção. Numa estrutura de partido único, todos que desejam participar do poder político se moldam às necessidades para ser um membro e um candidato deste mesmo partido, por mais diferentes que suas reais convicções (ou falta delas) fossem. Também permitia um refúgio para pessoas que de outra forma não teriam uma cobertura contra inimigos, a polícia, etc. Para Hobsbawm, a crença no partido e no socialismo estava enterrada desde a Primavera de Praga (HOBBSAWM, 2001). Para Lewin, desde a despolitização do partido e sua transformação prática em mais uma agência do Estado, ainda nos anos 1930 (LEWIN, 2007). *Veja* não conseguiu perceber nesse momento que as facções que compunham o PCUS já estavam em desagregação e que, ao ser mantido o sistema que permitia a concorrência de candidatos “sem partido” (que, no período pré-Gorbachev, tratava-se mais de um direito formal vindo dos tempos stalinistas do que uma ocorrência geral em pleitos) e sua vitória, como membros e expoentes das frentes populares e demais movimentos sociais, as eleições de 1989 foram propriamente, mesmo que não formalmente, pluripartidárias. A cúpula do PC foi “pega de surpresa” pela derrota de seus candidatos. “Essa surpresa se manifestou nos órgãos de imprensa, que estamparam interpretações

---

<sup>432</sup> Terremoto no Leste. *Veja*, nº 1074, 05/04/1989, 42.

<sup>433</sup> Perestroika em excesso. *Veja*, nº 1031, 08/06/1988, 55.

radicalmente opostas dos resultados eleitorais”. Órgãos ligados ao partido, como o *Pravda*, ignoraram os eleitos ou criticaram os eleitores. Os do governo, como o *Izvestia*, tiveram “manchetes eufóricas”.

O balanço geral que Gorbachev fez das eleições é ambíguo, prudente e realista: “Os soviéticos falaram nas eleições, e houve quem não gostasse disso”. Ambíguo porque o arauto da *glasnost* não disse se considera que sua política saiu fortalecida nas urnas. Prudente porque Gorbachev evitou apontar responsabilidades pela derrota do PC, melindrando dirigentes do partido aos quais venha a ter de se aliar no futuro. E realista porque sabe que a voz das urnas expressou um descontentamento popular que é sintoma de uma crise profunda. Essa crise é do comunismo, na União Soviética e em toda a Europa, e está escapando ao controle tanto dos partidos comunistas como dos reformistas que articularam a *perestroika*<sup>434</sup>.

“No centro desse terremoto no mundo do comunismo rico está a figura de Gorbachev [...]. As eleições não foram nem livres nem ameaçam o monopólio do poder do Partido Comunista”, já que direcionadas para um Congresso onde mais de um terço das vagas são controladas por deputados biônicos. “Como não há liberdade de organização partidária e o sistema de indicações de candidatos se presta a inúmeras manipulações, na prática, é impossível suplantar a máquina da burocracia do PC no terreno da gerência do poder”. Apenas ao final do ano *Veja* reconheceria que o sistema de indicação popular de candidatos permitiu a participação e a eleição de candidatos de partidos não-oficializados, embrionários, como se constituiriam vários grupos ligados às Frentes Populares e aos movimentos nacionalistas<sup>435</sup>. Traça um paralelo entre as eleições de 1989 na URSS e as de 1974 no Brasil.

Na URSS, Gorbachev reuniu um cacife maior para se opor à fração do partido que é contra a *glasnost* (o Silvio Frota russo chama-se Ligachev), mas o descontentamento expresso nas urnas parece ter sido bem maior do que o que ele esperava.

No Brasil, através de uma série de espasmos, de crises e de manifestações que culminaram na campanha pelas diretas, explodia a camisa-de-força institucional – e Tancredo Neves foi eleito presidente por um Colégio Eleitoral fraudulento, criado para impedir que a oposição chegasse ao poder. Na URSS é impossível prever que a evolução será semelhante, as eleições colocaram o mesmíssimo problema: aquele que diz respeito à democracia, à capacidade da sociedade de estabelecer, nas urnas, quais os limites que se te para a liberdade.

Enquanto o comunismo vai degelando na URSS e na Europa, o Brasil, com suas instituições muito mais democráticas, corre o risco de caminhar no sentido das soluções que foram testadas e fracassaram. A julgar por muitas das ideias e programas que são defendidos por políticos brasileiros, de esquerda e de direita, o país pode até ser o último do mundo a querer ser ortodoxamente comunista. Estatização, monopólio de setores inteiros da economia na mão do Estado e proteção de funcionários públicos ineficientes, com base no nepotismo ou no favorecimento, são coisas que o comunismo rico vem

<sup>434</sup> Terremoto no Leste. *Veja*, nº 1074, 05/04/1989, 43.

<sup>435</sup> O bloco da mudança. *Veja*, nº 1101, 18/10/1989, 61.

combatendo, enquanto no Brasil encontram defensores intransigentes. O Brasil, último país da América a abolir a escravidão e a proclamar a República, um dos últimos a pegar o bonde da industrialização, pode ser também um dos últimos a adotar o comunismo o comunismo antes das reformas que vêm mudando sua face<sup>436</sup>.

Segundo a análise de *Veja*, Gorbachev ficaria com o papel de Geisel. Ao lado do texto, a foto do possível Tancredo da transição soviética – “Yeltsin uma fera radical empurra a perestroika”. *Veja* fala em transição já no início de 1989, como também de uma provável perda do controle do processo de mudança por parte do partido e de seu líder, na medida em que criaram mecanismos políticos que podem se constituir em veículos de pressão sobre o monopólio partidário, ou o papel de vanguarda do PCUS previsto em lei, o que significaria uma troca não só de líder nacional, mas de partido no poder. Isso seria muito mais do que os próprios reformistas, que deteriam para si a exclusividade da posse do poder, estariam dispostos a ceder e a reformar. As próprias energias que liberaram os suplantariam. Se o cenário de uma ejeção dos partidos comunistas parece mais certo na Hungria, o restante do bloco, incluindo a URSS, constituiria um quadro de total imprevisibilidade. Como a que Brzezinski aponta em certo momento, entre os múltiplos desdobramentos possíveis que elenca (BRZEZINSKI, 1990, 107-108).

No dia 25 de março o Novo Congresso dos Deputados do Povo elegeu os representantes que tomariam assento no Soviete Supremo. O nível e tema dos debates durante as eleições giravam em torno de que “Gorbachev quer virar Napoleão, Ligachev ganhou o posto da Agricultura e não sabe nada dela, pedido de abertura do KGB e de seu orçamento”. Os conservadores tiraram Yeltsin das eleições, mas este conseguiu mobilizar 60 000 manifestantes<sup>437</sup>, e Gorbachev, em 24 horas, depôs um deputado para empossar a Yeltsin. As manifestações de rua “forçaram Gorbachev a comandar, 24 horas depois, uma contramanobra – um dos eleitos renunciou em favor do campeão de popularidade”<sup>438</sup> e assim Yeltsin ocupou uma vaga como deputado biônico. Uma vez que era “campeão de popularidade”, não foi uma ação antidemocrática, pelo contrário.

A abertura, debates e transmissão televisiva das atividades do Congresso também foram material para *Veja*. Ligachev respondeu às pesadas acusações de Yeltsin, reunindo em torno de si os conservadores também dentro do Congresso. Fez críticas a permissividade de alguns editores da imprensa.

<sup>436</sup> Terremoto no Leste. *Veja*, nº 1074, 05/04/1989, 44-45.

<sup>437</sup> *Veja*, nº 1071, 15/03/1989, 43.

<sup>438</sup> Yeltsin comanda o show. *Veja*, nº 1082, 07/06/1989, 83.

Apoiar a abertura e condenar os excessos – uma atitude típica dos defensores da linha-dura nos regimes autoritários em transição. Mais típico ainda é, ao sugerir a necessidade de um retrocesso, atacar primeiro a imprensa para depois, no ricochete, ferir seus adversários na cúpula<sup>439</sup>.

Procedendo do mesmo jeito, o faz com situações como o combate ao stalinismo, que chama de culto à personalidade, sugerindo que este já se instalou na figura de Gorbachev. Também trouxe para si tal combate ao lembrar as mortes de sua família nos anos 1930. Coisa inédita. O que *Veja* não poderia imaginar é que a revelação de passados ocultos de perseguição pelo regime, como o de Ligachev, iriam se tornar moda entre os políticos soviéticos<sup>440</sup>. Quem assistiu aos

debates pela televisão não se decepcionou em matéria de emoção, suspense e até puro e simples divertimento. Gorbachev, que em pouco mais de três anos conseguiu transformar a URSS num país quase normal, com protestos de rua, shows de rock, greves, concursos de beleza e até uma primeira-dama, ofereceu dessa vez um show político em escala nunca vista pela atual geração de soviéticos<sup>441</sup>.

Show como o do deputado Melnikov, um dirigente da Sibéria, que deu nomes como o de Gromyko como adeptos da estagnação. “É inútil lutar contra as montanhas de papel, sugiro que as pessoas responsáveis por elas sejam fuziladas”, disse Melnikov, que corre o risco de se tornar um herói no mundo capitalista, ou pelo menos, nos países subdesenvolvidos”. Antes *Veja* repetia parte do discurso de Gorbachev sobre o “leninismo puro”, de que a democracia do tempo de Lenin fora destruída pelo stalinismo (GORBACHEV, 1988, 25, 1987a, 125). Mas agora ela tem outras ideias em mente. “Eles podem falar o que quiserem sobre o clima de liberdade nos tempos de Lenin, mas nós nunca tivemos um debate como este”, comentou uma estarecida escritora moscovita<sup>442</sup>. Um ano e meio depois dos debates, seu impacto ainda é mencionado por *Veja*. Dois deputados teriam sido eleitos por suas acusações de corrupção contra a liderança do país. Ligachev teria recebido propina. Diante do incômodo das denúncias até os reformistas se colocaram contra a dupla. Estes teriam então ligado Gorbachev à corrupção. O que o semanário insinua, através do título da matéria, é que se trata de uma “Vingança dos marajás”<sup>443</sup>.

Na primeira metade de 1989 a revista recua em suas observações de meados de 1988. “O Soviete é quase supremo” ao vetar a lei de Gorbachev proibindo greves por 15 meses, que

<sup>439</sup> Vitória da perestroika. *Veja*, nº 1035, 06/07/1988, 52.

<sup>440</sup> BROWN, 1996, 25; 32; GASPARI, Élio. Mikhail e Boris. *Veja*, nº 1191, 17/07/1991, 33-34.

<sup>441</sup> Vitória da perestroika. *Veja*, nº 1035, 06/07/1988, 52.

<sup>442</sup> *Idem*, 52-53.

<sup>443</sup> A vingança dos marajás. *Veja*, nº 1120, 07/03/1990, 55.

afirmava combater a animosidade entre as repúblicas. “Como se fosse o representante do Poder Executivo em um regime democrático qualquer, Albakin reclamou de seus colegas do Legislativo”<sup>444</sup>. A democratização não seria “pra valer” em todos os níveis. Polônia e URSS realizariam na primavera eleições livres, porém limitadas. Certo número de cadeiras já estariam reservadas para o PC ou para instituições que dele dependiam, como os sindicatos, na URSS. Essa limitação garantiria a manutenção do poder nas mãos do partido, gerando um sistema político como o que Stroessner criava no Paraguai na mesma época. Essa seria a melhor comparação dos regimes liberalizantes do Leste. No caso polonês, se o Solidariedade poderia disputar as eleições, o faria com a concorrência dos vários partidos fantoches atrelados ao PC. Se existe o pluripartidarismo, este é um jogo de fachada para o poder do partido local.

Candidatos à caça de votos, comícios com discursos inflamados contra as autoridades, panfletagens nas ruas. Parece difícil de acreditar que o alvoroço típico das eleições nos regimes democráticos esteja começando, em graus diferentes, a colorir a paisagem do bloco soviético, um lado do mundo onde, segundo a teoria consagrada por Jeane Kirkpatrick, ex-embaixadora americana na ONU, o totalitarismo resistiria eternamente, imune ao processo de biodegradação das ditaduras de direita [...].

A nova estrutura política ainda terá de avançar muito até merecer a etiqueta de democrática [...]. A mistura de transição à espanhola com casuísmos paraguaios soa estranha<sup>445</sup>.

Mas uma vez iniciado o processo, dificilmente seria contido. “É conhecido o princípio político segundo o qual, uma vez iniciada a abertura, o processo tende a ir até o fim”<sup>446</sup>. Em abril de 1989 seus enviados especiais e seu editorial concordavam que, na Hungria, já se via uma situação “normalizada”, em que o ambiente político e econômico era o de uma nação ocidental<sup>447</sup>. Na reportagem “Hungria, laboratório das mudanças no mundo comunista, adota a liberdade partidária e reaviva o sonho democrático de 1956”<sup>448</sup>, aponta que as mudanças já configuram um governo de transição, socialismo-capitalismo, uma vez que o partido no poder teria reconhecido que poderia perder as eleições que ele mesmo marcou para 1990.

No campo político, as mudanças são ainda mais estonteantes. Em janeiro, foram assegurados, por lei, o direito de reunião, a liberdade de imprensa e a de organização política, tornando a Hungria o primeiro regime comunista a conviver com partidos de oposição [...]. Novas agremiações pipocam da noite para o dia, algumas delas com patrocínio, permitido legalmente, de entidades estrangeiras. É o caso da Fidesz, uma

<sup>444</sup> Veja, nº 1100, 11/10/1989, 66.

<sup>445</sup> Primavera no Leste. Veja, nº 1071, 15/03/1989, 42-43.

<sup>446</sup> Idem, 43.

<sup>447</sup> Carta ao leitor. Veja, nº 1074, 05/04/1989, 22.

<sup>448</sup> Aberto para reformas. Veja, nº 1074, 05/04/1989, 46.

organização juvenil abertamente anticomunista, beneficiada com o dinheiro enviado de Wall Street pelo magnata George Soros, um imigrante húngaro que fez fortuna no mundo das finanças dos EUA. Seria o mesmo que, no Brasil, o PMDB ser patrocinado ostensivamente pela Fundação Ford<sup>449</sup>.

Em contrapartida, alguns países da região continuavam intransigentes, rechaçando qualquer intuito de democratização, como a Alemanha Oriental, imersa no totalitarismo. Se as populações de Hungria e Polônia teriam demonstrado uma emancipação do partido-Estado, os alemães orientais formariam as “ovelhas vermelhas” da família leste europeia, imunes à rebeldia contra o sistema, uma vez que sua mentalidade prussiana os fazia “respeitar religiosamente a autoridade” do regime<sup>450</sup>. Apenas quatro meses depois sua tese de mentalidade prussiana não teria mais lugar diante da realidade e também não seria mais lembrada.

Eleições que frações conservadoras do PCUS acusaram de serem antidemocráticas, porque repentinas e sem uma verdadeira preparação de campanha (BROWN, 1996, 187) são apontadas como exemplares pelos colunistas da revista<sup>451</sup>. Raramente *Veja* dá voz aos que reclamam da forma como a democratização estava sendo levada adiante, como é o caso do secretário do partido de Moscou, Ivan Poloskov.

Em que lugar do mundo se escolhe um presidente com três semanas de distância entre a hora que se decide convocar a eleição e a hora do voto? Estamos vivendo o pico de um período antidemocrático. Quando for anunciado o resultado, pense nisso: se tivéssemos mais três ou quatro meses de campanha, Yeltsin nunca seria presidente<sup>452</sup>.

Faz questão de lembrar que o candidato oficial, o ex-primeiro-ministro Ryzhkov, que era quem Poloskov defendia, conseguiu uma percentagem mínima de votos. Mas não cita que ficou em segundo lugar, ou que, o candidato preferido de Gorbachev, apesar de não tê-lo tornado público, Vadim Bakatin, ficou em último, com 3,24% dos votos (BROWN, 1996, 289). É provável que Gorbachev não tenha tornado público seu apoio para que sua popularidade em queda não atrapalhasse mais ainda a Bakatin.

Se as eleições de 1989 para deputados do legislativo da União pareceram à *Veja* um processo de abertura mais profundo, ou o início de um movimento de transição, de um regime ditatorial para a democracia liberal, como fez questão de comparar ao caso brasileiro, as eleições para o executivo das repúblicas já esboçava outro quadro. O da morte do comunismo, do repúdio

<sup>449</sup> Aberto para reformas. *Veja*, nº 1074, 05/04/1989, 46.

<sup>450</sup> As ovelhas vermelhas. *Veja*, nº 1074, 05/04/1989, 54.

<sup>451</sup> GASPARI, Élio. Mikhail e Boris. *Veja*, nº 1191, 19/07/1991, 30.

<sup>452</sup> GASPARI, Élio. Amanhã será pior. *Veja*, nº 1071, 12/06/1991, 31.

ao socialismo, da premência do esfacelamento do que restava do império soviético – a linha de suas próprias fronteiras internas – e um processo avançado de transição. Com esse pleito, o painel do comunismo “dissolveu-se como se uma chuva o tivesse lavado”.

Boris Yeltsin elegeu-se presidente da Rússia e poderá se eleger até czar, desde que disponha de um adversário perplexo e desmoralizado como o Partido Comunista. Ele é um pedaço – o mais visível – da motoniveladora que a opinião pública está passando em cima dos comunistas<sup>453</sup>.

Para *Veja*, as forças da democracia seriam fortemente anticomunistas e nacionalistas, dispostas a dar seu voto ao candidato que ameaçasse o regime, mesmo que para isso ele precisasse de mais poder. No caso russo, os nacionalistas também seriam simpáticos não só ao restabelecimento do capitalismo, mas do czarismo também. O PCUS teria se transformado em uma “sobra da Arena”, ele era

O melhor dos adversários, uma força política popularmente desamparada e disposta a fazer qualquer coisa para sobreviver (uma coisa parecida com o PFL brasileiro, sobra do PDS, que por sua vez é sobra da Arena, o maior partido do Ocidente). Antes da eleição, numa tentativa de melhorar o resultado do PC, seus hierarcas estimularam o aparecimento de candidaturas liberais supondo que dividiriam o eleitorado e levariam Yeltsin a ter que disputar um segundo turno contra Rhyzhkov também<sup>454</sup>.

O que alguns autores entenderam como um novo racha dentro do partido, após a debandada dos ultrarradicais de Yeltsin, com Bakatin sendo apoiado discretamente por Gorbachev e Rhyzhkov como o candidato da maioria do partido (BROWN, 1996, 289) – o que o sistema de candidaturas múltiplas permitia – *Veja* prefere enxergar como um estratagema de um PCUS unido. Ainda assim nem tudo estaria ocorrendo bem com a democratização do sistema político. A “caminhada pela estrada da democratização” (GORBACHEV, 1988, 116) estaria encontrando os mais inusitados desafios, segundo *Veja*, como a necessidade do próprio Gorbachev se deslocar até Leningrado para destituir o chefe local do PCUS que se recusava sair do cargo após perder as eleições – quadro similar a outra dúzia de chefes regionais<sup>455</sup>. Na segunda metade de 1989 mudaria novamente de opinião. O governo polonês se manteve fiel ao sistema que ele mesmo havia estabelecido e aceitou a migração de sua antiga base formada pela frente multipartidária para a base do Solidariedade. *Veja* considera como prova do sucesso da

<sup>453</sup> GASPARI, Élio. Mikhail e Boris. *Veja*, nº 1191, 19/07/1991, 30.

<sup>454</sup> GASPARI, Élio. Mikhail e Boris. *Veja*, nº 1191, 19/07/1991, 32.

<sup>455</sup> A greve que agitou o frio. *Veja*, nº 1088, 19/07/1989, 45.

glasnost a cisão do PCUS em duas facções virtualmente independentes, a maioria e a minoria, dissolvendo a antiga unanimidade do monólito partidário<sup>456</sup>.

O maior desafio da democratização, para *Veja*, era a ameaça de uma total inversão das reformas por meio de um golpe. A ameaça de golpe foi sugerida por *Veja* ainda no início de 1986<sup>457</sup>, e foi regularmente lembrada, como exemplo do que poderia acontecer em Gorbachev caso suas reformas não fossem estritamente “cosméticas”<sup>458</sup>. A primeira vez que discorreu mais longamente sobre a possibilidade do secretário-geral ser apeado do poder foi em 1988. Gorbachev estava mudando seu principal assessor, substituindo Aganbeguian por Abalkin, e já possuía as metas de conclusão das reformas para o ano 2000. Essa meta era a conversão da maior parte da economia para mãos privadas (POMERANZ, 1990, 77-78; BOETTKE, 1993, 41), o que não encontrou resistência forte mesmo entre os conservadores. “O sistema no qual está ocorrendo a reforma soviética está longe do clima de revolução. As instituições soviéticas ainda estão solidas, não há vazios de poder”, o perigo era a absorção da liderança pela inércia, o que poderia engatilhar a revolta popular com a estagnação. O futuro de Gorbachev, dentro de 2 a 3 anos, estaria seguro. “Um golpe contra ele seria improvável. No entanto, é difícil identificar a base de poder de Gorbachev fora da máquina partidária”, já que seu maior apoio na sociedade, os “intelectuais, que estão longe de constituir uma base de poder”. Seu cargo e valor simbólico tem força, mas sua maior força virá de sua figura e relações públicas<sup>459</sup>.

Os massacres de 1989 de nacionalistas na Geórgia e de estudantes em Pequim, as greves dos mineiros e a tomada do poder pelo Solidariedade mudaram sua opinião. A reforma já não ocorria de cima para baixo, e sim de baixo para cima. Coisa que os conservadores jamais suportariam. Ela faz seu prognóstico com o título “Onde vai dar” – em um grande massacre como o chinês, com a reação dos conservadores acuados contra o povo e contra os gorbachevistas. O golpe futuro se tornaria certo<sup>460</sup>. No fim de 1989 acreditava que este poderia ocorrer com o rigoroso inverno e a entrada em vigor do racionamento de produtos básicos, o inverno que enxotou inimigos do território russo e que agora ameaçava derrubar Gorbachev<sup>461</sup>, que só não enfrentava maiores dificuldades por ter varrido de uma vez por todas os últimos conservadores no

---

<sup>456</sup> O desafio da massa. *Veja*, nº 1089, 26/07/1989, 50.

<sup>457</sup> SANTA CRUZ, Selma. A ascensão de Gorbachev. *Veja*, nº 904, 01/01/1986, 71.

<sup>458</sup> *Veja*, nº 961, 04/02/1987, 44; nº 993, 16/09/1987, 41.

<sup>459</sup> BIALER, Seweryn. Por trás da glasnost. *Veja*, nº 1031, 08/06/1988, 58.

<sup>460</sup> O outro lado da moeda. *Veja*, nº 1089, 26/07/1989, 52.

<sup>461</sup> O general inverno. *Veja*, nº 1109, 13/12/1989, 62.

Kremlin e ter em mãos todos os postos-chaves do país: presidente da URSS, secretário-geral do PCUS, presidente do Conselho de Defesa<sup>462</sup>. Um mês depois, o labirinto de problemas parecia colocar Gorbachev contra a parede:

Gorbachev é um “mago da política” – sempre pronto para tirar um novo truque da cartola, sempre aproveitando impasses aparentemente sem saída para lançar novas iniciativas políticas, surpreendendo o mundo e enfraquecendo seus adversários. A multiplicação de problemas, tanto no campo das nacionalidades como no da economia, sugere, no entanto, que pode estar se esgotando seu estoque de truques – e até mesmo seu autocontrole<sup>463</sup>.

O que teria sido a causa de uma contenda com operários e separatistas em sua aparição pública em Vilnius. Os nacionalistas pareciam forçar a balança para o golpe contra o novo presidente da URSS. Seu estoque de truques e sua vida política não teriam terminado, como *Veja* constatou um mês depois. Se as manifestações pareciam balançar seu poder, ele conseguiu as direcionar contra os conservadores, ajudando a reunir 100 000 manifestantes aos gritos de “lembrem-se da Romênia” às portas do Kremlin, onde os deputados votavam a extinção do artigo 6 da Constituição, que previa o papel protagonista do PCUS. Ou, nas palavras de *Veja*, a “trocar o regime de partido único pelo pluralismo político” e a abrir mão do monopólio do poder. Invés de se enfraquecer, se fortaleceu, aprofundando a divisão entre partido e Estado, assegurando a si mesmo o controle do Estado com uma presidência com poderes ampliados e direcionando o PCUS à sobrevivência política futura, ao fazê-lo votar uma nova plataforma prevendo o pluralismo partidário, a independência para o governo, a transparência e a acessibilidade do partido, a propriedade privada<sup>464</sup>. Tais medidas reforçavam seu poder e o tiravam do alcance dos conservadores e das interferências do partido. O Politburo já não era mais consultado, pois as atribuições legislativas do partido e sua prerrogativa de debater os temas nacionais foram transferidas para o Parlamento, o Congresso dos Deputados, e as executivas, para o presidente. Com seu poder esvaziado, os conservadores promoveriam uma reação. Mais que isso. A separação partido-Estado permitiria a Gorbachev se desvencilhar da impopularidade crescente do partido<sup>465</sup>.

Seu novo foco de poder no Estado recebeu a atenção do semanário um mês depois, com a regulamentação de suas prerrogativas, como governar por meio de decretos. Se o principal

<sup>462</sup> O general inverno. *Veja*, nº 1109, 13/12/1989, 66.

<sup>463</sup> Guerra de Secessão. *Veja*, nº 1113, 17/01/1990, 43.

<sup>464</sup> Adeus a Lenin. *Veja*, nº 1117, 14/02/1990, 42-43.

<sup>465</sup> Ataque pela direita. *Veja*, nº 1136, 27/06/1990, 43.

esteio da democratização até aquele momento parecia ser claramente a figura de Gorbachev, agora a revista recuava. Em “O superczar da perestroika” pronuncia que “o Ocidente possui uma visão excessivamente acrítica do presidente soviético”. “É uma contradição em relação à sua própria pregação [...]. É uma imagem muito mais próxima de um superczar do que de um superpresidente”, e uma decepção com a derrota das “diretas já” para o novo cargo executivo de quatro anos<sup>466</sup>. Brown tem uma visão bem diferente dos novos poderes que o cargo de presidente recebeu. Para ele os debates giravam em torno de uma presidência ao modelo da V República Francesa, ao estilo de Gaulle, com um chefe de Estado forte, ou uma presidência com poderes limitados por uma estrutura federalista, ao estilo estadunidense (BROWN, 1996, 198). Talvez não fosse uma contradição pregar a democratização do sistema político e centralizar o poder da liderança colegiada do Politburo e do Comitê Central em uma única pessoa, mas certamente era uma contradição defender o federalismo e a autonomia das repúblicas e desfrutar de poderes de um presidente de Estado unitário. A previsão de que Gorbachev saia mais forte logo foi desfeita, tanto para *Veja* quanto para o próprio presidente.

Gorbachev, como seu sucessor Yeltsin, mudou sua base de poder do partido para o Estado, e, como presidente constitucional, acumulava legalmente poderes para governar por decreto, em alguns casos poderes maiores em teoria do que qualquer líder soviético anterior desfrutara formalmente, mesmo Stalin [...]. Ninguém deu a menor atenção a isso, fora das recém-estabelecidas assembleias democráticas, ou antes constitucionais e públicas, o Congresso do Povo e o Soviete Supremo (1989). Ninguém governava, ou melhor, ninguém mais obedecia na União Soviética (HOBSBAWM, 2001, 469).

O que era assinado em seu gabinete não se tornava realidade, ou mesmo era respeitado. As “nuvens negras” sobre a URSS agora representavam tanto a probabilidade de um golpe iminente contra Gorbachev, como a possibilidade dele mesmo desferir tal golpe de Estado. Em uma reunião com os presidentes das repúblicas da Estônia e da Letônia, após propor concessões, “partiu para a pressão aberta” de usar seus novos poderes para impor a lei marcial e fechar os parlamentos locais. “Então vocês vão ver o que é verdadeiramente uma ocupação”<sup>467</sup>. Também passaria por problemas de legitimidade, além de uma popularidade baixíssima. Na matéria “Democracia dói: vaiado na Praça Vermelha, Gorbachev sente na pele o lado espinhoso da liberdade”, atenta para um problema cada vez mais frente aos Sovietes das repúblicas, que solapavam as atribuições do centro e tornavam os novos poderes presidenciais apenas formais.

---

<sup>466</sup> O superczar da perestroika. *Veja*, nº 1122, 21/03/1990, 120.

<sup>467</sup> Torniquete russo. *Veja*, nº 1127, 25/04/1990, 35.

“Seu Dilema é, quanto mais ele libera e reforma o país, mais acentua sua imagem de herdeiro do velho sistema, de presidente eleito indiretamente, sem legitimidade”<sup>468</sup>. E cada vez mais se demonstra um democrata *sui generis*, como na ocasião, logo após as vaiaas no Primeiro de Maio, em que “baixou um decreto estabelecendo penas de cadeia para quem ofender o presidente”<sup>469</sup> ou outro, procurando evitar a remoção de estatuas de Lenin de locais públicos<sup>470</sup>. O XXVIII Congresso do PCUS teria lhe imposto duas escolhas de suma importância: primeiramente teria sido a ocasião de se ter decidido entre Estado e Partido, presidência e secretaria-geral, reformistas ou conservadores. Pelo próprio título da matéria, “A lenta agonia”, insinua-se que deveria ter abandonado o partido. Mas também se reconhece uma vitória tática do líder soviético por ter evitado momentaneamente o racha e mantido o partido unido sob o seu comando, mesmo sob pressão dos grupos de Ligachev e de Yeltsin, à direita e à esquerda. O segundo foi conseguir mudar o estatuto do partido para um conteúdo socialdemocrata e se manter na secretaria, manobrando entre ambos os grupos<sup>471</sup>.

Um novo elemento surgiria eliminando as ameaças de golpe no curto prazo: a ajuda do presidente Bush. O poder de superpresidente não estaria sendo efetivo porque os soviéticos não teriam ideia de como deveria funcionar um Executivo de verdade, liberto do Politburo. Bush disponibilizou seu chefe de gabinete, o ultraconservador John Sununu, para assessorar a organização do gabinete de Gorbachev<sup>472</sup>. Com o título “Operação resgate”, mostra um amigável Bush eliminando impostos para as exportações soviéticas direcionadas aos estadunidenses, como forma de salvar a economia da URSS e o cargo de Gorbachev<sup>473</sup>. Só não indica o valor dessas exportações. Kohl também aparece como salvador, ao tentar a liberação de empréstimos junto ao G7<sup>474</sup>.

Gorbachev não seria apenas ameaçado com os boatos de golpe. Ele também os criava como cavalo de batalha no jogo político. Se advertia que um possível retrocesso nas reformas seria desastroso desde sua ultimato de renúncia em janeiro de 1987, agora esconjurava as advertências de golpe da mesma maneira. “Se as forças antirreformistas vencerem, a União

---

<sup>468</sup> Democracia dói. Veja, nº 1129, 09/05/1990, 40.

<sup>469</sup> Operação Resgate. Veja, nº 1133, 06/06/1990, 44.

<sup>470</sup> A festa esquecida. Veja, nº 1153, 24/10/1990, 56.

<sup>471</sup> A lenta agonia. Veja, nº 1138, 11/07/1990, 32-33.

<sup>472</sup> Um americano no Kremlin. Veja, nº 1135, 20/06/1990, 46.

<sup>473</sup> Operação Resgate. Veja, nº 1133, 06/06/1990, 42.

<sup>474</sup> Veja, nº 1139, 18/07/1990, 42.

Soviética e seu povo terão dias sombrios pela frente”<sup>475</sup>. No fim de 1990 a expectativa de golpe de Estado na URSS volta a figurar nas páginas de *Veja*. Mas agora, as expectativas de que esse putsch seja dado pelo próprio Gorbachev são tão elevadas quanto as de que ele o iria sofrer. Após atrasar o cronograma de privatizações e do plano de choque econômico, segundo Kagarlitsky por consciência de sua fraqueza política e uma perspectiva de consequências sociais explosivas (KAGARLITSKY, 1993, 142-144), Gorbachev procurou arrumar bases sólidas de onde poderia exercer seu poder. Acreditou que o partido, a KGB e o Exército Vermelho, os antigos núcleos de decisão e de força, ainda os pudesse oferecer em bases nacionais e refrear a desintegração da União e do poder central. Isso significou o rompimento com o grupo que até então o havia apoiado, os reformistas, por uma união com o grupo que sempre havia tentado amenizar ou barrar suas reformas, os conservadores. Para os agradar e selar a adesão, as figuras de seu governo mais associadas com a desintegração do sistema precisavam sair da cena política. Yakovlev foi afastado de qualquer posto relevante e Shevardnadze provavelmente seria o próximo da lista. Este detona uma das dramas mais espetaculares do governo Gorbachev. A visão de *Veja* seria completamente mudada com essa situação.

Nos meses anteriores Gorbachev já havia frustrado as expectativas de *Veja* de por em prática a terapia de choque que havia ele mesmo aprovado no início do ano. Se mostrava ainda indeciso quanto ao método de unificação alemã quando as potências ocidentais já se haviam decidido pela absorção da RDA pela RFA. Deixou de ser o promotor da aceleração das reformas, posto perdido para o grupo de Yeltsin, e cada vez mais dava a impressão de atrasá-las. Impediria o reconhecimento da independência das repúblicas separatistas e figurava como repressor. Ele já vinha costurando acordos com setores considerados “à direita” pelo semanário e pelo discurso reformista, como a KGB.

O sentimento de desordem diante do recuo econômico, que em janeiro de 1991 foi de 50% da produção industrial, favoreceu a ascensão do conservador Valentin Pavlov ao cargo de primeiro-ministro – o que também era parte das trocas políticas com o setor conservador para formar uma base de apoio à Gorbachev. Essa aliança com os antigos inimigos estava sendo costurada desde fins de 1990. Os rumos da reforma mudaram abruptamente mais uma vez, como forma de concessão a esses mesmos grupos. A transição para a economia de mercado seria gradual, os arrendamentos de terra não seriam convertidos em propriedade privada, o Estado

---

<sup>475</sup> A lenta agonia. *Veja*, nº 1138, 11/07/1990, 32.

manteria parte do controle acionário das empresas, os trabalhadores teriam assegurado o controle das fábricas através da participação acionária (as três medidas anulavam o plano de Schmelev, que previam que o Estado deveria fazer caixa e conter a deterioração orçamentária por meio da venda pura e simples das empresas para investidores, como já estava ocorrendo), os ministérios teriam algum papel – o de informação, o foco dos investimentos deixaria de ser em bens de consumo para se concentrar na modernização do setor de bens de capital, a União retomaria o controle da situação econômica nas repúblicas (GORENDER, 1992, 81-83).

Até esse momento *Veja* foi mais condescendente com o presidente da URSS do que outros jornais, como *O Globo* (COSTA, 2008, 151), que já o estavam ligando diretamente aos stalinistas e ao retorno da “antiga” URSS. A partir de então a imagem parcialmente positiva mas com várias ressalvas, construída pela revista, se desfaz rapidamente.

É ilustrativo o título “Chute na barraca: numa renúncia bomba, o chanceler Shevardnadze alerta para o risco de uma ditadura e põe em dúvida as intenções de Gorbachev”. Em plena sessão televisionada do congresso, Shevardnadze levantou-se, fez suas denúncias e apresentou sua estrepitosa abdicação. Um “pétreo” Gorbachev presenciou o ato, sentado a alguns metros do chanceler. Teria se unido ao grupo Soyuz, “União”, que reunia deputados e generais que previam a preservação da União Soviética como uma meta a ser alcançada a qualquer custo. Este grupo teria feito uma proposta de pacificação do país: “uma carta branca, na forma de poderes presidenciais quase absolutos, para reestabelecer a “lei e a ordem” no país e debelar o incêndio separatista, recorrendo até mesmo à força militar”, com o que Gorbachev teria concordado. Shevardnadze teria dito que tramava um golpe junto com a linha-dura e que se tornaria ditador. Com o que *Veja* parece concordar, já que dispôs a foto de um acusador Shevardnadze apontado para adiante. E seguindo-se a linha, chegasse à foto de um carrancudo Gorbachev. Os reformistas estariam mais preocupados com a questão da autonomia nacional – uma interminável queda de braço entre a União e as repúblicas sobre a repartição dos poderes no novo desenho da URSS, “ou do que sobrar dela”, do que consolidar a liberdade recém-conquistada. 14 das 15 repúblicas já teriam declarado soberania ou independência e não mais obedeciam as ordens emanadas do centro. “O nome disso é bagunça”<sup>476</sup>. Mesmo os reformistas desejavam ações fortes para barrar o caos. Shevardnadze teria dito que, com isso, “os democratas se dispersaram”, abrindo caminho para o golpe. A questão seria quem e com que dose de

---

<sup>476</sup> Chute na barraca. *Veja*, nº 1162, 26/12/1990, 40-41.

autoridade (e limites) se deveria agir. Em cinco anos e meio de governo, Gorbachev teria feito seu discurso mais conservador, apelando “pela “lei e ordem” para sufocar as “forças negras” do separatismo”.

O Golpe de Agosto de 1991 não foi a primeira tentativa de depor Gorbachev. Muitos não queriam sua reeleição indireta ou sua aprovação como presidente da URSS pelo plebiscito de março de 1991, ou sua permanência como secretário-geral do partido. Boa parte do PCUS (como o grupo Soyuz) já tentava formar um Congresso extraordinário do Partido com essa finalidade em 1990 e na primeira metade de 1991, mas que só se realizou no começo de 1992. Os comitês regionais tentaram votar sua deposição em abril e junho de 1991. Para a revista *Veja*, esses ensaios de remoção configuravam tentativas de golpe de Estado. Na realidade o que se estava em jogo era o cargo de secretário geral do PCUS, num momento em que o poder já estava em adiantado processo de migração do partido para o Estado – e a maioria queria a entrega do cargo ou a expulsão de Gorbachev, mesmo cedendo nesse ponto diante do jogo político (BROWN, 1996, 206). Isso apenas o partido podia decidir.

Anteriormente a revista previa e insistia no cenário de golpe, militar ou civil e do fim das experiências reformistas. Também a possibilidade do próprio Gorbachev ou de um sucessor cancelar as reformas, a criar um novo massacre como o da Paz Celestial. Neste cenário, a população arcaria primeiro com a crise, depois com a repressão. Ou em um ambiente de guerra civil, de “libanização”<sup>477</sup>, conceito que *Veja* toma de Brzezinski (BRZEZINSKI, 1990, 252), dividindo e polarizando ainda mais os diferentes setores da sociedade soviética até o confronto armado, ou uma revolução popular anticomunista vitoriosa, como na Romênia, cabendo a Gorbachev o papel de Ceausescu. Essas previsões se baseariam na opinião de seus analistas e em boatos frequentes que circulavam na URSS, e que provocavam instabilidade política. O que *Veja* não podia admitir é que o partido comunista mais importante em poder e tradição se reformasse e adotasse a plataforma socialdemocrata sem reação e sem massacre. Tal opção, que considerava bem-sucedida, lhe parecia mais adequada a sobrevivência política de partidos periféricos, controlando regimes sem apoio popular. Era o caso ideal do cenário húngaro<sup>478</sup>. Citando Yeltsin, afirma que a resistência de Gorbachev aos separatismos transformaria a URSS numa Romênia. Se não tomasse uma atitude, o país, e sua cadeira, explodiriam. Se a tomasse, teria que ser através

---

<sup>477</sup> GASPARI, Élio. O duelo dos titãs. *Veja*, nº 1163, 02/01/1991, 30.

<sup>478</sup> O general Inverno. *Veja*, nº 1109, 13/12/1989, 66.

da repressão, e com isso fortaleceria os conservadores e estaria acabado política ou fisicamente<sup>479</sup>. Mencionou ainda um golpe de direita ou mesmo de reforma autoritária, o

“cenário Pinochet” [...]. Nele, a presença de Gorbachev na presidência é secundária. O essencial é que o partido, os militares, a KGB e até mesmo um pedaço da coligação democrata se convençam de que é preciso pôr ordem na casa. Como diz o primeiro ministro da Rússia, Ivan Silayev, “sem o fortalecimento do Poder Executivo, a transição para a economia de mercado é impossível”<sup>480</sup>.

Se o golpe não sobrevinha, ainda segundo *Veja*, era porque não havia o que se colocar no lugar. Ninguém, conservadores, radicais ou militares, possuía um substituto, programa ou liderança: o povo já não acreditaria em políticos<sup>481</sup>. Mesmo na URSS não haveria alternativas (SILVA, 2009, 27). Os sinais do golpe estariam na publicação no jornal do Ministério da Defesa de um manifesto contra as reformas e uma carta com a assinatura dos principais generais, acusando-as de destruir o país.

O partido consome seu tempo girando em torno da ideia de um golpe de Estado que resulte pelo menos na deposição de Gorbachev. Tentou-se um em dezembro, outro em abril. O último foi no dia 17 de junho. O próximo está marcado para quinta-feira da semana que vem, através de uma reunião do comitê central”<sup>482</sup>.

Desde o fim de 1989 *Veja* previra um golpe iminente. Os problemas só se avolumaram, como as referências à proximidade do golpe. Os constantes ziguezagues das alianças e do jogo político e programático da liderança geraram uma série de idas e vindas nas avaliações da revista. A segunda metade de 1991 presenciou uma calmaria relativa na situação da URSS. Os nacionalistas e demais movimentos sociais arrefeciam, sem abandonar os ministros conservadores oriundos de seu pacto com esse segmento parecia ser capaz de entrar em acordo com os reformistas agora encabeçados por Yeltsin, a perda de sua zona de influência no Leste estava mais do que consumada e mesmo assim os militares não saíram dos quartéis ou a independência formal do Báltico não foi reconhecida. Depois de tantos desafios e revesses desastrosos, o tão aguardado golpe não veio e Gorbachev permanecia de pé. E *Veja* deixou de mencioná-lo. Já não estava em sua análise para os desdobramentos das reformas, já que o líder

---

<sup>479</sup> Cáucaso em chamas. *Veja*, nº 1114, 24/01/1990, 38.

<sup>480</sup> GASPARI, Élio A segunda Revolução Russa. *Veja*, nº 1191, 17/07/1991, 46.

<sup>481</sup> Operação Resgate. *Veja*, nº 1133, 06/06/1990, 47.

<sup>482</sup> GASPARI, Élio. Um partido destruído. *Veja*, nº 1191, 17/07/1991, 42.

estava “temporariamente desafogado do recente furacão de greves e reivindicações nacionalistas”<sup>483</sup>. E assim chegou o mês de agosto de 1991...

Para Brown, as eleições de 1989 foram as mais democráticas da história da região (BROWN, 1996, 188), uma vez que foi mais capaz de mobilizar as massas para os debates e para a votação do que qualquer outra, como as de 1990, 1991 ou 1993. A atividade das massas e a democracia genuína já estariam em retrocesso quando *Veja* aponta para a ebulição do caldeirão. Chega a reconhecer essa nova despolitização popular, mesmo sem a considerar muito relevante, quando comenta que as massas, ao contrário do que havia feito antes, não mais “gruda na TV” para ver a troca de acusações dentro do partido, o que já teria se tornado rotina e por isso não chamava a atenção<sup>484</sup>. Não é um fato relevante pois para ela a democracia não se concretiza no debate geral e no comparecimento popular, mas no ato do voto. As eleições para os soviets das repúblicas, em 1990, e para a presidência das mesmas, em 1991, não recebe a mesma atenção que *Veja* dispensou as de 1989. Não se tratava de um material tão sensacional como a ocorrência de eleições com candidaturas populares e de não-membros do partido. Mais do que do novo sistema político, que continuava a ser criado, o avanço do que o semanário considerava democratização provinha de uma noção mais estreita de participação popular, se comparada com a de Brown: das manifestações nacionalistas e anticomunistas. O que poderia ser considerado como movimentos sociais ou demonstrações populares é avaliado por *Veja* de duas formas diametralmente opostas e concomitantes, segundo seus contextos: o brasileiro (ou mesmo latino-americano) ou o do Leste Europeu. Atores vistos como arruaceiros, antidemocráticos e de uma legalidade no mínimo duvidosa se contrapõem a uma visão heroicizada de suas mesmas manifestações no cenário do socialismo real.

A essa altura, a descrença na profundidade da democratização na URSS era maior dentro do círculo reformista soviético do que na própria revista, como Yakovlev deixa claro ao afirmar, no início de 1991, que ainda não existia Estado de Direito ou democracia reais (YAKOVLEV, 1991, 72). São as declarações vindas dos atores mais importantes das reformas que garantem à *Veja* a credibilidade mesmo diante do público casual renitente. Para *Veja*, quase sempre (excetuando-se a perplexidade diante da derrota eleitoral dos tradicionais candidatos do PCUS, e

---

<sup>483</sup> Apelo ao capital. *Veja*, nº 1185, 05/06/1991, 26.

<sup>484</sup> A lenta agonia. *Veja*, nº 1138, 11/07/1990, 33.

da aceitação dessa derrota, no início de 1989) tratou-se de uma “Primavera de Moscou”<sup>485</sup>, que, como em Praga, sofreria um retrocesso.

Sem democracia intrapartidária, sem a relação do partido com as massas já que este não as representaria, pelo contrário, abafaria a voz do povo, definições para o regime político do socialismo real como “tirania comunista”, ditadura, totalitarismo, são cada vez mais frequentes. Palavras raramente, ou nunca, citadas, agora pululavam em suas páginas. Só o termo “totalitarismo” aparece três vezes em uma única edição<sup>486</sup>. O Golpe de Agosto representou para *Veja* a prova de que o totalitarismo comunista era irreformável não apenas econômica, mas também politicamente. O sistema não conseguiu suportar as reformas, que o descaracterizavam e o viravam do avesso, em seu “contrário”<sup>487</sup>. Sua reação causou seu próprio desmonte final.

#### 4.3 Propaganda, revisão histórica e ideológica – 1988-1991

Na revista *Veja* ocorre uma confusão com o conceito de totalitarismo: num momento é quando o Estado, por meio da propaganda, do plano e centralismo econômicos e do terror se torna senhor das mentes de seus súditos. Em outro momento ele é um Estado autoritário: proíbe a livre expressão da população, mas não tenta, ou não consegue, controlar suas mentes. O mesmo pode-se dizer de sua visão da cultura soviética. Ora é um monólito moldado pelo regime, ora apresenta dissidências extensas, debates, repúdios à versão oficial, ou mesmo áreas intocadas pela ideologia e discurso oficiais. Na mesma medida que seu interesse sobre as reformas liberalizantes do Leste Europeu cresce, se desenvolve também seu conhecimento da riqueza e diversidade do cenário soviético – um mosaico de subculturas, culturas independentes, de filtros sobre as informações oficiais e redes de informação alternativas que já era demonstrado anos antes por intelectuais descrentes na teoria do totalitarismo (LEWIN, 1988, 21; MLYNAR, 1987, 127-128). Inicialmente, a tendência principal, apesar das contradições frequentes, é perceber uma sociedade mais simples e uma propaganda mais autoritária. Com o tempo, até mesmo pela própria

<sup>485</sup> *Veja*, nº 1031, 08/06/1988, 53; Ar de primavera. nº 1033, 21/06/1988, 56.

<sup>486</sup> *Veja*, nº 1107, 29/11/1989, 47; 68; 69.

<sup>487</sup> Terremoto no Leste. *Veja*, nº 1074, 05/04/1989, 44.

efervescência nacionalista e cultural dentro da URSS, passa a ver um quadro mais diversificado e caótico, mas com um passado recente – tão recente quanto as reformas políticas de Gorbachev – de lavagem cerebral no mais rigoroso catecismo do totalitarismo.

Hobsbawm afirma que o conceito de totalitarismo é um conceito ideal, que não tem aplicação perfeita na realidade. Sua principal razão, a de tornar todos no país partidários da direção e ideias do Estado, não pode ser possível.

Todo regime [no século XX], com exceção da Teocracia, agora derivava sua autoridade delas [as massas, como as Democracias Populares], mesmo os que aterrorizavam e matavam seus cidadãos em grande escala. O próprio conceito do que antes era moda chamar de “totalitarismo” implica populismo, pois se não tinha importância o que “o povo” pensava dos que governavam em seu nome, por que então se dar ao trabalho de fazê-lo ter as ideias julgadas adequadas por seus governantes? (HOBSBAWM, 2001, 559).

A ideia de que, no Leste, a intenção e as ações de se forçar toda uma população a ter um mesmo pensamento, sincero e devotado, e que fosse o que emanava da cabeça do ditador (e mesmo com seus constantes reveses e uma admissão que este nunca mudasse ou estivesse errado) não subsistem a uma análise mais aprofundada. Ao inverso, como diz Hobsbawm: o que os Estados socialistas conseguiram na prática foi a despolitização popular. Grassava entre as massas o desinteresse pelo marxismo-leninismo. “Pois não tinham relevância visível para ela, a menos para quem estivesse interessado numa carreira em que se esperava tal conhecimento esotérico” (HOBSBAWM, 2001, 384).

Como *Veja* entendeu perfeitamente, na URSS (e como ela não deseja entender, essa não é uma característica singular do comunismo), lutas em torno da História são uma continuação de lutas pelo poder. Os reformadores iniciaram uma releitura e reescrita da história oficial como forma de legitimarem suas reformas e de atacarem e desacreditarem seus opositores. Não puderam, contudo, manter o controle sobre esse processo. Esta não era a primeira vez que a história soviética era revista e modificada segundo orientação da cúpula, e tendo em vista a luta contra facções dentro do partido único, fosse com a Nova História do Partido Comunista (DIAS, 1994, 238), fosse com a abertura parcial dos arquivos sobre os mais diferentes temas (KEEP; BRISBY, 1965, 7-20).

O mundo do socialismo real seria um mundo de promessas vazias, como adverte a legenda da foto da edição sobre as greves massivas de meados de 1989. “A redenção prometida

pelos revolucionários de 1917: sonho desfeito”. Diante dela, outra foto seguida da legenda “fila, em Moscou: o abastecimento piorou com as reformas”. A primeira foto indica o militante mostrando a terra para os camponeses, em 1917. A segunda, para o racionamento na capital do país. Toda a história do sistema teria sido a de uma ilusão. A posse da terra, prometida em 1917, acabou sendo coletivizada logo em seguida. A prosperidade e o progresso econômico não teriam ocorrido. Os esforços sobre-humanos exigidos do povo foram em nome de um projeto inviável. Os problemas da perestroika apenas refletiam os problemas inerentes à natureza do sistema<sup>488</sup>. Ou na legenda em que aponta para uma tentativa de se encobrir o fracasso com “comemorações de inúmeras datas” ou quaisquer feitos, como o monumento à produção de tratores, que expõe em foto. E quando necessita de autoridade para convencer o público de seu ponto de vista, é ao próprio Gorbachev que recorre: “a propaganda dos sucessos – reais ou imaginários – tornava-se preponderante”<sup>489</sup>.

Essa ideia da propaganda e da ocultação estratégica da verdade é reforçada pela revista *Veja*, como também entre as populações do Leste Europeu, com a exposição das fotos manipuladas pelo regime, apagando pessoas “inconvenientes”, seja por sua lembrança junto às personalidades do regime, ou por sua derrota na luta pelo poder. Novamente o mundo fictício de Orwell é citado como se fosse a vida cotidiana das pessoas no Leste. O regime manteria secretarias com a única tarefa de falsificar a História, de apagar todas as informações verdadeiras que pudessem comprometer a legitimidade do regime, ou mesmo que, como este e seus líderes são infalíveis, sempre que mudassem de projeto, o anterior teria que ser apagado, e o atual, estendido ao passado e tornado coerente com um dogma da infalibilidade da liderança e do Partido. Exatamente o trabalho de Winston Smith no Ministério da Verdade, que cuidava da mentira. Os formuladores dessas adulterações confiavam no esquecimento das pessoas, com o uso de muita contrapropaganda para “apagar” a campanha anterior e na supressão dos indícios e provas de lembranças para terem sucesso na missão de mudar a História. Essa versão é defendida não só pela mídia ocidental, mas pelos dissidentes dentro dos países socialistas. Esse é o caso de Milan Kundera e de seu uso feito por *Veja*<sup>490</sup>. A literaturalização ou ficcionalização da realidade ela revista foi reforçada com o uso de literatura dos dissidentes do Leste como uma demonstração da natureza do regime e da vida cotidiana dos cidadãos do mundo comunista.

<sup>488</sup> O desafio da massa. *Veja*, nº 1089, 26/07/1989, 52-53.

<sup>489</sup> A segunda revolução. *Veja*, nº 1000, 04/11/1987, 7-8.

<sup>490</sup> *Veja*, nº 1092, 16/08/1989, 116; nº 1108, 06/12/1989, 137; nº 1120, 07/03/1990, 102.

Ainda segundo *Veja*, a luta do comunismo contra o fascismo seria mais um engodo, uma vez que ambas as ideologias convergiam e mantiveram uma “aliança” no passado. A divisão de zonas de influência no Leste entre Hitler e Stalin, cada qual buscando se aproximar ao máximo das fronteiras pré-Primeira Guerra, é considerada por *Veja* como uma política que tornava Alemanha nazista e URSS regimes totalitaristas irmãos aliados numa mesma guerra. Tão parecidos que travariam em seguida um conflito sangüinário onde apenas um deles poderia subsistir. Como forma de realçar essa afirmação, exhibe uma foto de manifestantes lituanos com uma placa de “bye, bye USSR”, com o SS no formato gráfico usado pelas SS nazistas<sup>491</sup>, ou ainda, um cartaz com um soldado usando um uniforme híbrido com insígnias nazistas e soviéticas<sup>492</sup>. Esse seria o pano de fundo para a questão do separatismo no Báltico, fundamentado num discurso em torno da ilegitimidade do Pacto de Não-Agressão Nazi-Soviético, ou acordo Hitler-Stalin, ou ainda Ribbentrop-Molotov. Uma fraude histórica e propagandística que teria permitido à União Soviética desfrutar do controle da região, mas que agora estaria sendo desmascarada oficialmente:

Os manuais de História soviéticos registram, entre suas inúmeras lendas, que em 1940 as três pequenas repúblicas do Mar Báltico – Estônia, Letônia e Lituânia – se associaram “voluntariamente à comunidade fraternal” da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. No resto do mundo, a verdade sempre foi conhecida: naquele ano, o ditador soviético Josef Stalin simplesmente anexou três novas províncias ao seu vasto império, valendo-se de um protocolo secreto incluído no pacto de não-agressão assinado em 1939 com a Alemanha de Adolf Hitler. O espinhoso caminho de reconstituição da História real [...] aproxima-se agora de mais um encontro com a hora da verdade. Na última sexta-feira, o jornal *Argumenti i Fakti* publicou pela primeira vez na URSS o texto do protocolo secreto<sup>493</sup>.

Mas se este tratado foi ilegítimo, a independência do Báltico também o foi, pois o plebiscito previsto pelas negociações no pós-Primeira Guerra não se realizou (LUXEMBURGO, 1991). Mais ainda. Não é do acordo Hitler-Stalin que procede o controle soviético sobre o Báltico, mas do direito de conquista reconhecido em Yalta e Potsdam, que ainda conferiu à URSS os territórios de Kaliningrado, Bessarábia, a Ucrânia Sub-Carpática e o cancelamento da Linha Curzon, traçada após a guerra de 1921, substituída pela delimitação reivindicada pelos soviéticos antes desta guerra e imposta temporariamente após a partilha polonesa de 1939. Essas questões jamais são levantadas por *Veja*, que, diante da nova associação entre comunismo e nazismo,

---

<sup>491</sup> Prisão de nações. *Veja*, nº 1122, 21/03/1990, 118-119.

<sup>492</sup> Hora da verdade. *Veja*, nº 1092, 16/08/1989, 58.

<sup>493</sup> *Idem*, 58.

promove uma saturação em torno dessa versão e informação. Sempre que o separatismo no Báltico é mencionado, faz-se uma revisão de toda a “aliança” entre os líderes totalitários.

Ainda assim, o maior ganho de crédito, de capital de confiabilidade, para *Veja*, e para a imprensa conservadora e liberal em geral, não provém de historiadores ocidentais que tentavam demonstrar a factualidade do pacto Hitler-Stalin por décadas a fio. Mas dos próprios gorbachevistas. Em 1987 as primeiras frentes nacionalistas surgiam no Báltico, e tinham por meta a revisão histórica do ato que viria a ser sua legitimação de ação. Para os reformistas, era um momento para se ganhar a simpatia das novas forças populares e obter seu apoio e adesão dentro do novo sistema de participação política nos soviets locais, como ainda direcioná-las contra a oposição conservadora – ao identificá-la como stalinista – e a paralisia do aparato partidário. Em novembro de 1987, Gorbachev anunciou a abertura dos arquivos e a instauração de uma “comissão da verdade” dirigida por Yakovlev (GORBACHEV, 1987b, 31). Este, mesmo sem encontrar os Protocolos Secretos, que tratariam das trocas econômicas, tecnológicas, e da delimitação das zonas de influência e da partilha polonesa, dos quais não havia qualquer prova documental para além de textos apócrifos achados em Berlim Ocidental, declarou-os como verdadeiros diante dos indícios, como a coordenação na ocupação da Polônia (YAKOVLEV, 1991, 124-125). O governo soviético reconhecia oficialmente que havia partilhado o Leste com Hitler. *Veja* fala na confirmação da existência do Pacto com a abertura dos arquivos, na matéria “URSS admite o acordo secreto com Hitler”, o que “o mundo todo já sabia”<sup>494</sup>, e em sua anulação, fornecendo ao Báltico o “direito moral de se tornar independente”<sup>495</sup>. Mas não lembra da crítica do próprio Yakovlev de que foi a URSS a última nação a firmar um pacto de não-agressão com a Alemanha hitlerista, após Inglaterra e França terem feito o mesmo (YAKOVLEV, 1991, 125). Os movimentos no Báltico saíram ao controle, como *Veja* saliente ao comentar a rebeldia até mesmo dos partidos comunistas locais, que teriam erguido a bandeira do nacionalismo como saída eleitoral diante de seus eleitores<sup>496</sup>. Mesmo Gorbachev, na medida em que se sentava na mesma cadeira que Stalin e, se não usou do aparelho do poder judicial ou policial mesmo nos casos mais graves, tentava através da regulamentação de antigas leis e da

---

<sup>494</sup> Hora da verdade. *Veja*, nº 1092, 16/08/1989, 58.

<sup>495</sup> Torniquete russo. *Veja*, nº 1127, 25/04/1990, 32.

<sup>496</sup> O cordão da independência. *Veja*, nº 1094, 30/08/1989, 48; Prisão de nações. nº 1122, 21/03/1990, 120.

pressão econômica, frear os separatismos, foi comparado à Hitler e à ocupação stalinista, como *Veja* fez questão de mencionar ao publicar os cartazes dos separatistas<sup>497</sup>.

As comissões especiais continuaram a abrir arquivos e a examinar denúncias como forma de passar a limpo o passado do país, ou de degradar a imagem daqueles que não queriam reformas profundas no socialismo real. Sua ação continuou a fornecer periodicamente material para *Veja*, que assim sempre tem mais argumentos para o combate ao que chama ora comunismo, ora socialismo, e a todos que se consideram, ou que ela avalia seus herdeiros.

Assim covas comuns são descobertas em Kurupaty, Minsk. *Veja* multiplica o número de covas pelo número de corpos desenterrados dentro de uma delas para estimar em 30 000 o número de mortos. Na mesma página, o caso de judeus acusados de espionagem, por meio de documentos forjados, e fuzilados no começo dos anos 1950, que foram reabilitados. Mais uma prova da semelhança entre Hitler e Stalin residiria no antissemitismo<sup>498</sup>. Ex-diplomatas soviéticos e estadunidenses se reuniram em Moscou para tornar público arquivos sobre a Crise dos Mísseis. Gromiko mentiu para Kennedy de que não colocaria armas ofensivas em Cuba. Kruschev enganou Castro ao tomar a decisão de retirar os mísseis sem o consultar. Enganou a Kennedy pois já tinha prontas 40 ogivas. Em cartas, Fidel Castro estaria disposto a sacrificar 800 000 vidas cubanas em um conflito atômico limitado para “se manter no poder”. *Veja* afirma que “todos” os documentos do lado estadunidense já teriam sido divulgados, enquanto os dos soviéticos apenas agora<sup>499</sup>. 58 escritores soviéticos forneceram uma nova versão do fim da família real. O crime “foi objeto ao longo de 70 anos de acobertamentos, versões delirantemente fantasiosas e especulações variadas, a tal ponto que ficou quase impossível separar a verdade provável da conjuntura”. Os corpos teriam sido esquartejados, a cúpula bolchevique teria dado o veredicto e Lenin o teria aceitado<sup>500</sup>, versão que foi transmitida pela TV, como “um exemplo de barbárie”, segundo a reportagem “Mea culpa: comunistas reabilitam o último czar”<sup>501</sup>. Pouco antes do primeiro turno das eleições de 1989, na matéria “Lenin em reforma”, comenta o pedido para o

---

<sup>497</sup> Prisão de nações. *Veja*, nº 1122, 21/03/1990, 119; GASPARI, Élio. Um partido destruído. nº 1191, 17/07/1991, 42.

<sup>498</sup> Inventário da repressão. *Veja*, nº 1065, 01/02/1989, 86.

<sup>499</sup> Pesadelo revisitado. *Veja*, nº 1066, 08/02/1989, 40-41.

<sup>500</sup> Um mistério volta à tona. *Veja*, nº 1076, 19/04/1989, 58.

<sup>501</sup> Mea culpa. *Veja*, nº 1140, 25/07/1990, 42.

enterro do seu corpo, que também significava o abandono de seu legado<sup>502</sup>. A publicação de trechos inéditos das memórias de Krushev recebeu uma matéria com cinco páginas:

O casal Rosenberg ajudou mesmo a União Soviética a fabricar a bomba atômica, o ditador Josef Stalin foi cúmplice no assassinato que desencadeou os grandes expurgos da década de 30 [o assassinato de Kirov]. Fidel Castro queria a guerra quando aconteceu a crise dos mísseis. Suspeitas antigas e detalhes de segredos históricos são revelados<sup>503</sup>.

A contra-história (FERRO, 2005, 292) cultivada por minorias étnicas, religiosas e políticas (CLAUDÍN, 1983, 82-83), propagada antes da glasnost no subterrâneo das publicações samizdat, e depois dela em jornais, repercute em *Veja*, ao comentar as novas revelações sobre o terror vermelho durante a guerra civil<sup>504</sup>.

Os crimes de Stalin “vêm sendo denunciados com ênfase cada vez maior na URSS comandada por Mikhail Gorbachev”. Como era a biografia do líder, de Volkogonov, que afirmaria nada desconhecido no estrangeiro ou nos círculos bem informados do país. A novidade de seu livro era ser público. O tratado de não-agressão, fez com que o antifascismo fosse abandonado na imprensa. “O historiador não poupou adjetivos ao resumir o caráter de Stálin. Hipócrita, sem moral, incompetente, louco – tudo isso foi o ditador”. Como ilustração, expõe uma foto de uma coluna de tanques avançando, com a legenda: “A invasão alemã: país despreparado, ditador aturdido”. Não percebeu que as fotos eram não de um panzer, mas de tanques T-34<sup>505</sup>.

Com a abertura dos arquivos da III Internacional e outros departamentos, as acusações recairiam sobre os partidos comunistas de vários países, como o tradicional PCI, na matéria “O passado condena” onde afirma que “mais um mito da esquerda vem abaixo. Agora é a vez de Palmiro Togliatti” líder do PCI. Documentos resgatados em Varsóvia e publicados pela revista *Panorama* revelariam que Stalin dissolveu o PC polonês às vésperas da Segunda Guerra, para retirar um obstáculo ao “seu acordo com Hitler para partilhar a Polônia e mandou executar centenas deles. Com o endosso de Togliatti”<sup>506</sup>.

O uso instrumental do passado é destacado quando Gorbachev defendeu a publicação de obras inéditas de Lenin – coisa impossível de ser negada pelos conservadores, mas com a

<sup>502</sup> Lenin em reforma. *Veja*, nº 1104, 08/11/1989, 63.

<sup>503</sup> Pesadas lembranças. *Veja*, nº 1149, 26/09/1990, 88.

<sup>504</sup> *Veja*, nº 1191, 17/07/1991, 35.

<sup>505</sup> Fiasco total. *Veja*, nº 1034, 29/06/1988, 66.

<sup>506</sup> O passado condena. *Veja*, nº 1137, 04/07/1990, 39.

intenção de tornar explícito seu conteúdo pró-NEP como justificadora da perestroika e anti-estatista.

Com habilidade de malabarista, exigida de qualquer político que não vê no aprofundamento da ditadura solução para seu país, que Gorbachev conduziu a URSS para a mudança, com palavras estrondosas ou frases docemente embutidas, como a que consta de seu discurso de sexta-feira, ao tratar de uma das mais ardentes reivindicações dos reformistas da linha de frente: a construção de um memorial às vítimas de Stalin [...]. Resta esperar para ver o que acontecerá primeiro: a construção do monumento anti-stalinista ou o avanço real de uma União Soviética menos stalinista<sup>507</sup>.

Da ambiguidade e indecisão de Gorbachev quanto a construção de um monumento às vítimas do stalinismo, como reivindicado por alguns grupos que surgiam na sociedade civil, dois anos depois seria erigido como um memorial às vítimas do comunismo, em 1990 (DIAS, 1994, 248). O que, na altura dos acontecimentos, não significa para *Veja* uma afronta ao líder-máximo do PCUS, já que “confidenciou [...] com a primeira-ministra inglesa Margareth Thatcher [...], que não tem mais certeza se é mesmo comunista”<sup>508</sup>.

A confrontação com os conservadores de Ligachev em torno do significado do passado do país promoveu situações de interesse para *Veja*. Assim foi quando o número dois do partido também trouxe para si o combate ao stalinismo ao lembrar as mortes de dentro de sua família causadas pelo regime. Um acontecimento como esse fez o semanário aceitar a ideia de que Ligachev também queria reformas, mas mais graduais e menos iconoclastas que as de Gorbachev<sup>509</sup>. Coisa inédita. Ligachev abriu a moda de políticos com passado de perseguição, da releitura pessoal do passado, como Yeltsin ou o próprio Gorbachev viriam a fazer algum tempo depois<sup>510</sup>.

Quem possibilitou e levou adiante a revisão histórica foram os reformistas, que, apoiados sobre os setores políticos e sociais cada vez mais anticomunistas, passaram a absorver tal discurso, como essa afirmação provinda do ideólogo do PCUS:

La revolución socialista no sólo no mejoró la vida de los trabajadores, sino que en todas partes, incluida la Rusia soviética, provocó una catastrófica caída del consumo y la total escasez, particularmente denigrante para los sectores más pobres de la sociedad y para el conjunto de los trabajadores. La socialización de los medios de producción condujo irremisiblemente a la enajenación de los obreros y campesinos con respecto a sus medios

<sup>507</sup> Vitória da perestroika. *Veja*, nº 1035, 06/07/1988, 53.

<sup>508</sup> Comunismo, adeus. *Veja*, nº 1111, 31/12/1989, 109.

<sup>509</sup> Vitória da perestroika. *Veja*, nº 1035, 06/07/1988, 52.

<sup>510</sup> GASPARI, Élio. A segunda Revolução Russa. *Veja*, nº 1191, 17/07/1991, 36.

de vida y trabajo. Lo que ocurrió en los países socialistas no tiene precedentes ni en el feudalismo ni con el capitalismo. La dictadura del proletariado no liberó a la gente, sino que la esclavizó (YAKOVLEV: 1993, apud POCH-DE-FELIU: 2003:73).

Chega-se a propor mais que o retorno ao passado não trilhado, como também ao passado conhecido, com na matéria “Embalados pelo fim do comunismo no Leste Europeu, os reis destronados agora sonham com a volta da monarquia”, mesmo tento “economias estropiadas” pela frente<sup>511</sup>. O próprio fim formal da URSS foi relacionado com a revisão histórica. Em 1922 três repúblicas socialistas, Rússia, Ucrânia, Bielo-Rússia, assinaram o tratado que as reunia e criava a URSS. Se elas revogassem o acordo, a URSS desapareceria. O título de *Veja* é “A União Soviética é declarada cancelada pelas repúblicas que a constituíam e Gorbachev fica sem o chão a seus pés”<sup>512</sup>.

Inicialmente, entre 1985 e 1987, *Veja* percebe o crescente número de reabilitações como o abrandamento da censura, e limitada a assuntos menos importantes e espinhosos. Os primeiros reabilitados eram escritores, cujas obras proibidas estavam sendo liberadas oficialmente dentro do país. Além de proporcionar a liberação da crítica necessária, segundo os acadêmicos ligados aos reformistas, para gerar um comportamento menos rígido e tímido diante da burocracia e a livre expressão das energias criativas necessárias para a implementação da Terceira Revolução Industrial no país, também atenderia ao clamor de Gorbachev para a derrota da ortodoxia ideológica dentro dos meios literários e científicos<sup>513</sup>. O semanário dava voz as justificativas que o próprio secretário-geral usava em seus discursos (GORBACHEV, 1986a, 37; 40; 72; 128; GORBACHEV, 1987a, 31; 38). O impulso da glasnost, passando da abertura cultural para a revisão da história oficial e a reabilitação não de literatos ou cientistas que haviam tocado em questões tabu ou abraçado a dissidência, mas de figuras (e acontecimentos, como a Primavera de Praga, a Insurreição Húngara, o Pacto Hitler-Stalin, o stalinismo, a estagnação, a Guerra Fria) com significado primordialmente político e teórico que haviam sido condenadas como inimigas e criminosas pelo regime, precisou de novas explicações a partir do fim de 1987, começo de 1988. Já não seria fruto do fim da censura ou da revitalização dos meios culturais, mas do intrincado jogo político que envolve a história e a ideologia como legitimadoras do poder. Pode-se sentir a presença da análise dos soviólogos, como as que Brzezinski desenvolvia desde seu *Ideologia e poder na União Soviética*, ainda no começo dos anos 1960. Com a grande diferença que, nessa

<sup>511</sup> Sem reinado nem coroa. *Veja*, nº 1125, 11/04/1990, 43.

<sup>512</sup> FUSER, Igor. O fim do império. *Veja*, nº 1213, 18/12/1991, 30.

<sup>513</sup> De olho no futuro. *Veja*, nº 913, 05/03/1986, 50-51; Diretas no Kremlin. nº 961, 04/02/1987, 45.

época, aquele que foi considerado por *Veja*, como Reagan, um profeta do fim do comunismo, possuía algumas opiniões bem diferentes. O domínio sobre a história dava aos políticos e dirigentes comunistas a segurança da ação e seu método ideológico de análise os ofereceu boas formas de conduta, enquanto direcionadas ao aumento do poder político, no cenário internacional. Ideologia e política, ideias e atos eram necessariamente convergentes, ou ao menos deveriam aparentar ser. Mudar a ação requereria mudar a ideologia. E deter o domínio da escrita da História (BRZEZINSKI, 1963, 11-13). Para a revista

O debate histórico em curso na União Soviética não é pacífico nem, evidentemente, tem a ver apenas com a História – mas com questões muito vivas que assolam o país. No fim do mês passado, Egor Ligachev, número 2 nominal do partido e, ao que consta, chefe da facção conservadora, havia metido sua colher no lado contrário. “Além dos erros, os anos 30 também devem ser associados a progressos reais”, afirmou Ligachev, em defesa de Stalin. “Nessa época o país se industrializou, coletivizou a agricultura e obteve níveis sem precedentes em matéria de arte, cultura, educação e literatura”. Ao pronunciamento de Ligachev seguiu-se uma avalanche na outra direção na qual brilharam nomes como o de Iuri Afanassiev, diretor do Instituto Nacional dos Arquivos. Num artigo no *Komsomolskaia Pravda*, o jornal da juventude comunista, Afanassiev investiu contra os manuais históricos “pueris” e afirmou que os estudantes da URSS costumam aprender duas histórias: uma verdadeira, assimilada em família pela simples transmissão oral, e outra feita de “distorções oficiais”. O resultado disso, segundo o historiador, é que “frequentemente os jovens deixam o colégio com uma ideia dominante: não acredite em nada, nem no bem nem no mal”.

Não é de hoje que os líderes comunistas se engalfinham em torno da História, frequentemente a retocando ou mutilando, para justificar disputas e posições presentes. Ao se colocar a questão nesse veio tradicional, explica-se a possível reabilitação de Bukharin, por exemplo, como justificativa para uma pretendida revisão das estruturas agrárias geradas pela coletivização, assim como a reabilitação de Trotsky serviria para reforçar os ataques ao burocratismo [...]. Mas é possível também que desta vez acabe levando a melhor um valor ao mesmo tempo mais alto e muito mais simples, este sim uma grande novidade na URSS – apenas o desejo de ver triunfar a verdade.

O patrono supremo da tendência da simples verdade pode ser identificado na figura de Alexander Yakovlev, tido como o inventor da *glasnost* e recentemente feito membro do Politburo [...] denunciou os trabalhos acadêmicos em que se notam a “despersonalização dos processos históricos, os espaços em branco em torno de períodos inteiros e o esquematismo”. Mais importante ainda, no entanto, é que tenha tido o cuidado de acrescentar: “Quero deixar claro que não esperamos nenhuma revisão da sociedade, do Estado, do partido ou do desenvolvimento econômico e social. Houve casos assim no passado, e todos vocês sabem o resultado”<sup>514</sup>.

A revisão histórica teria significado apenas nas lutas políticas uma vez que os reformadores, mesmo os mais desinteressados, teriam medo de aprofundar o questionamento contra a história oficial e suas repercussões na sociedade e no poder político e terminar como Krushev, era o “melhor estilo soviético de enfrentar perigos do presente combatendo fantasmas

<sup>514</sup> A volta do leão. *Veja*, nº 993, 16/09/1987, 41-42.

do passado”<sup>515</sup>. O início de 1988 presenciou uma “reabilitação em massa”, como *Veja* a define, de todos os condenados nos julgamentos de 1938, excetuando-se o chefe da polícia secreta à época da primeira rodada de prisões e condenações, Yagoda. “Essa foi a mais importante iniciativa já tomada pelas autoridades soviéticas para cumprir a promessa feita por Gorbachev de preencher os “espaços em branco” da História nacional”<sup>516</sup>. Duas semanas antes procurava indícios de que tal reabilitação ocorreria nos próximos dias. Ela os enxerga no que era publicado na imprensa oficial, no caso, um poema de Yevtuchenko em honra de Bukharin<sup>517</sup>, na matéria “Versos livres”. O mesmo método havia sido usado anteriormente, para prever a iminência da reabilitação de Trotsky, após a menção no *Izvestia* do líder do Exército Vermelho como “herói e mártir da revolução”<sup>518</sup>.

Mais uma vez, foi a luta interna por poder, no caso, pela reescrita da história como justificadora dos diferentes projetos ou ritmos de reforma, que permitiu a revista montar seu discurso, através das declarações oficiais do governo soviético. A Suprema Corte, o Judiciário e o partido reconheciam o que a imprensa conservadora revelou há décadas. Os acusados dos Processos de Moscou sempre foram inocentes. Se eram inocentes, as formas de extração dos depoimentos também deveriam obrigatoriamente coincidir com o que já se afirmava na época, como a ameaça à família dos réus. A sequência de reabilitações permite ainda que *Veja* produza uma situação de saturação de seu noticiário, sempre retornando e reforçando a imagem do regime de terror do stalinismo, que, na edição sobre a reabilitação de Bukharin é repetido duas vezes: uma na matéria sobre o mesmo. Nas páginas imediatamente seguintes, com a morte de Malenkov e de seu papel na “corte do czar vermelho”. Usa cinco páginas para produzir a lembrança, por duas vezes, de todo o processo de expurgos, coletivização e terror<sup>519</sup>. O debate dos anos 20 e 30 e a “crise da tesoura”, que confrontaram Bukharin e Preobrajenski e as teses das atividades privadas e mercantis camponesas no domínio ou não da economia capitalista e do embrião de uma futura classe burguesa antagônica (MEYER, 2000, 87) não são comentados por *Veja*. Se ela é descrente quanto a profundidade da reforma na URSS, não possui interesse em citar as alegações de Bukharin de que o mercado de cereais e os lotes particulares dos camponeses poderiam constituir um caminho para o socialismo.

---

<sup>515</sup> O genro na ratoeira. *Veja*, nº 1045, 14/09/1988, 56.

<sup>516</sup> Última palavra. *Veja*, nº 1014, 10/02/1988, 32.

<sup>517</sup> Versos livres. *Veja*, nº 1011, 20/01/1988, 44.

<sup>518</sup> A volta do leão. *Veja*, nº 993, 16/09/1987, 41.

<sup>519</sup> Última palavra. *Veja*, nº 1014, 10/02/1988, 32-36.

A liberação de documentos e obras literárias e científicas a conta-gotas possibilitou o uso da saturação durante o ano de 1989 e além. Foi o caso do livro de Anatoli Ribakov *Os filhos da Rua Arbat*, publicado após passar anos na gaveta dos departamentos da Glavlit. Fruto de “pesquisas do autor”, narra a história de militantes presos por banalidades e enviados para a Sibéria. Na foto, um assustado Ribakov olhando para o alto, onde foi inserida uma foto de Stalin, com o fardão de generalíssimo<sup>520</sup>. Dentro de um box *Veja* comenta a liberalização das obras do tcheco Franz Kafka em sua terra natal, a Tchecoslováquia. Antes proibido por ser “judaico” e por ser “considerado uma antevisão aterrorizante da burocracia stalinista”. Também as de Freud eram lançadas na URSS, onde “até poucos anos, psiquiatria era sinônimo de eletrochoque – principalmente para dissidentes políticos”<sup>521</sup>. Soljenítsin e seu *Arquipélago Gulag* seriam publicados em agosto de 1989<sup>522</sup>.

As possibilidades suscitadas pelas disputas políticas que tinham como troféu uma nova versão oficial da história da URSS geraram em *Veja* expectativas elevadas. Ela previu não só a reabilitação de Trotsky para as comemorações do Grande Outubro, como um discurso destrutivo ideologicamente, como havia feito com as preleções elencadas em seu *Glasnost*. A nova rodada na revisão histórica que pretendia colocar os conservadores na defensiva não veio, entretanto. Como a reabilitação de Trotsky, jamais feita. “Um dos discursos mais aguardados do ano, aquele em que o líder soviético Mikhail Gorbachev comemoraria os setenta anos da Revolução Russa, acabou por se revelar uma das peças mais controvertidas já produzidas pelo novo e festejado patrão do Kremlin” e acreditava-se que ao abordar a história do país dos últimos 70 anos,

Não deixaria pedra sobre pedra. Tanto ele se dedicaria a demolir de uma vez por todas o mito resistente de Josef Stalin quanto – ousadia suprema – reabilitaria inimigos oficiais do regime [...]. Na verdade, não foi tão longe. Se ele reservou palavras duras a Stalin [...], também o elogiou.

Quem esperava que Gorbachev falasse ao coração, aquecendo-o com uma visão do período revolucionário revista e depurada de injustiças, decepcionou-se. Em compensação, tratou-se de um discurso sob medida para a razão<sup>523</sup>.

“Equilibrando-se entre os extremos e preocupando-se em aplicar sempre uma no cravo e outra na ferradura”, mostrou o gorbachevismo como “um movimento que procura a renovação,

<sup>520</sup> Exorcismo do terror. *Veja*, nº 1065, 01/02/1989, 84.

<sup>521</sup> Renascimento oficial. *Veja*, nº 1068, 22/02/1989, 36.

<sup>522</sup> O desafio da massa. *Veja*, nº 1089, 26/07/1989, 50.

<sup>523</sup> O discurso da razão. *Veja*, nº 1001, 11/11/1987, 44.

sem dúvida, mas que tem seus limites e que, sobretudo, tenta avançar na ordem e sem rupturas”, ao definir um caminho não radical para a perestroika.

A *glasnost* sofreu outros momentos de embaraço na semana festiva em que o que se esperava era que vivesse um dos seus momentos de triunfo. Um deles foi protagonizado pelo próprio “Senhor Glasnost”, Alexander Yakovlev – dirigente que, colocado na geladeira na era Brejnev, hoje senta-se no Politburo e é tido como criador da política de transparência<sup>524</sup>.

Que não conseguiu ver diferenças entre o uso de “milhares” e de “milhões” para a contagem das vítimas de Stalin.

Há uma diferença palmar entre milhar e milhão. Desconhece-la causou estranheza especial em se tratando de alguém que a toda hora vinha se notabilizando por uma cruzada em favor da verdade histórica.

Em outros países o debate histórico pertence aos historiadores. É absurdo imaginar um presidente americano que se visse na necessidade de reavaliar o papel de Washington e Lincoln, tanto quanto seria demente se o presidente José Sarney fosse à televisão denunciar dom Pedro I ou o marechal Deodoro da Fonseca. Na URSS a história pertence ao Partido Comunista e a maneira como um dirigente se refere a Stalin ou Kruschev indica os caminhos que ele pretende seguir.

A grande derrotada, no entanto, foi a própria História – uma derrota que se configurou quando Gorbachev anunciou a formação de duas comissões dentro do Comitê Central, uma para rever as injustiças praticadas contra as figuras amaldiçoadas e outra pra reescrever a história do partido. Isso significa que a História continua sendo de responsabilidade dos dirigentes. Pobres dos historiadores honestos, que além de não ter acesso a praticamente nenhum arquivo oficial, no país, têm de se submeter ao limites impostos de cima<sup>525</sup>.

*Veja* defendeu a postura de Gorbachev. Apesar de decepcionante, foi o “discurso da razão”, feito para acalmar as tensões com os conservadores. “Que outra coisa poderia ele fazer? Adiar os festejos dos setenta anos até que a Perestroika já tivesse desarmado os conservadores e tornado a vida melhor e mais alegre?”

As reabilitações prosseguiram, com as de Lev Kamenev e Grigori Zinoviev<sup>526</sup>, ou os grupos políticos e intelectuais judeus acusados de sionismo e cosmopolitismo<sup>527</sup> – numa nova configuração do poder no Oriente Médio na qual a URSS se afastava de seus antigos aliados árabes – e ganharam contornos mais radicais e inusitados, ao mesmo ritmo que Gorbachev procurava transformar as instituições políticas, sociais e econômicas do país. É o caso da reportagem “Comunismo cor-de-rosa”.

<sup>524</sup> O discurso da razão. *Veja*, nº 1001, 11/11/1987, 44.

<sup>525</sup> *Idem*, 45.

<sup>526</sup> Ar de primavera. *Veja*, nº 1033, 22/06/1988, 56.

<sup>527</sup> Exorcismo do terror. *Veja*, nº 1065, 01/02/1989, 86.

Karl Kautsky venceu. Depois de quase oito décadas, a União Soviética reabilitou o teórico socialdemocrata alemão que rompeu com os bolcheviques pois se opunha à ditadura do proletariado. Na sexta-feira passada, o presidente Gorbachev conseguiu a aprovação do Comitê Central do PC de um novo programa, que aposenta a lua de classes e abraça um socialismo “humanista e democrático”, bem mais próximo do reformismo soft do “renegado” Kautsky – como Lenin o xingava – do que do marxismo-leninismo. O pensamento de Karl Marx sobrevive apenas como mais uma entre “as ricas contribuições do pensamento socialista e democrático mundial”<sup>528</sup>.

A abertura dos arquivos trouxe a luz documentos de 1978 que indicavam o envio de dinheiro para o PC inglês, que o teria usado para fomentar as greves de 1970.

Uma das coisas mais constrangedoras a respeito dos comunistas é que eles frequentemente acabam confessando as coisas ruins que a direita dizia a respeito deles. Em novembro foi a vez do Partido Comunista inglês admitir a existência do “ouro de Moscou”, uma entidade que os comunistas do mundo inteiro juravam de pés juntos habitar apenas os delírios da direita<sup>529</sup>.

Uma tabela mais completa do financiamento à partidos comunistas no Ocidente veio meses depois<sup>530</sup>. O jogo do poder político e dos diversos programas para o país arrojavam a revisão histórica cada vez mais distante no tempo. O que era proveitoso para *Veja*, uma vez que fatias cada vez maiores da história soviética eram condenadas pela própria liderança. A crítica iniciada com os anos finais de Brejnev foram estendida até os anos 1930 e a industrialização estatal e a coletivização agrária sob Stalin. Tal crítica se enfureceu em seguida e não deixou de atingir o próprio Lenin, mesmo na versão de leninismo puro de Gorbachev. Agora a revolução em si era posta em dúvida e pretendia-se “tocar em alternativas que a própria Revolução de Outubro havia derrotado” (DIAS, 1994, 226-227). Uma restauração capitalista na sede do poder comunista mundial servia a revista como um ataque a todos os que não comungavam da agenda político-econômica que ela mesma defendia, como prova de que o comunismo/socialismo havia sido um erro reconhecido mesmo pelas populações e líderes políticos dos países que o haviam adotado e procurado uma alternativa ao capitalismo liberal.

Apesar do susto inicial quanto às possibilidades de renovação do socialismo, a *perestroika* e a *glasnost* foram lidas como uma *revolução recuperadora*, que retomava o rumo das democracias ocidentais, corrompido em outubro de 1917. O retorno ao *elo perdido* acontecia através da adoção do receituário neoliberal (COSTA, 2008, 160).

A prova de que não havia outros caminhos possíveis além da cartilha liberal atualizada foi produzida no cenário do Leste Europeu. Mas além do exemplo prático fornecido por uma

<sup>528</sup> Comunismo cor-de-rosa. *Veja*, nº 1193, 31/07/1991, 50.

<sup>529</sup> Dinheiro sujo. *Veja*, nº 1211, 04/12/1991, 42.

<sup>530</sup> O ouro de Moscou. *Veja*, nº 1204, 16/10/1991, 39.

leitura própria dos acontecimentos, o discurso e sua legitimação como verdade indubitável também foi parcialmente fornecido, mais do que montado. Se diferentes correntes internas ao campo dos reformistas promoviam a algum tempo uma tentativa da retomada dos “caminhos não trilhados” de Fevereiro de 1917, ou mesmo da Rússia czarista e liberal do pós-1905 – por mais que alguns autores duvidem da possibilidade de serem caminhos possíveis (HOBSBAWM, 2001, 64-65; MAYER, 1987, 38; 128; 174-176), foi a liderança, ao tentar se manter como líder desse campo, que provocou algumas das afirmações mais extraordinárias do quanto a revolução comunista havia sido equivocada. A própria razão de ter ocorrido a Revolução de Outubro era criticada por aquele que em tese deveria ser seu maior zelador e autodeclarado purificador das teses políticas e econômicas de Lenin. Gorbachev

tinha conscientemente rejeitado, desde os primeiros dias de sua liderança, a *psicologia* do Bolchevismo – a hostilidade a todos os compromissos e a coligação construtiva, exceto como expediente temporário, a visão de que os fins justificam os meios, e as atitudes contra opositores políticos de *kto kogo* (que pode ser livremente traduzido como “quem irá esmagar quem”). De fato, tanto para Gorbachev e para os conselheiros mais íntimos, “neo-Bolchevismo” se tornou um termo abusivo. Ele foi aplicado [entre 1990-91] não só à seus inimigos da linha-dura comunista, mas para alguns de seus adversários nas fileiras dos democratas radicais, cuja atitude para com todos aqueles que não concordavam com eles pareciam ter algo em comum com a psicologia Bolchevique, por mais distintos que fossem seus objetivos políticos daqueles dos Bolcheviques. Instado a definir o “neo-Bolchevismo”, Gorbachev respondeu que significava “agir inconstitucionalmente, usando a violência, em face da legislação e dos procedimentos democráticos”. Ele também criticou os Bolcheviques originais por não tentarem “unir todo o espectro das forças democráticas” após a revolução de Fevereiro de 1917: “Em vez disso, eles se moveram para uma divisão, particularmente com a esquerda dos social-revolucionários. Eles deveriam ter trabalhado com eles e os mencheviques” (BROWN, 1996, 121, tradução livre).

Veja prefere entrevistados que afirmem que “no czarismo, as coisas funcionavam melhor<sup>531</sup> ou expoentes do Kremlin, como Aganbeguian – citado em 1987 e 1991<sup>532</sup> – ou Chernenyaev, que afirmavam que a produção agrícola czarista era mais eficiente que a soviética, que os subsídios permitiam que crianças jogassem bola com pães ou que os camponeses o transformassem em alimento para o gado (GORENDER, 1991, 41; KENNEDY, 1989, 466), ou que “a coletivização da agricultura já não era vista apenas como um erro, mas um crime” (CHERNYAIEV, 2000, 202). Com uma exceção a do jovem assessor econômico keynesiano de Roosevelt, John Kenneth Galbraith, que lembra dos sucessos econômicos do regime e da

<sup>531</sup> GASPARI, Élio. Um partido destruído. Veja, nº 1191, 17/07/1991, 43.

<sup>532</sup> Veja, nº 986, 29/07/1987, 63; Veja, nº 1191, 17/07/1991, 29.

precariedade czarista<sup>533</sup>. O processo de reescrita da História como uma revolução restauradora também transparece para o semanário com a “dança dos nomes”<sup>534</sup> de cidades, praças, ruas e palácios, que voltavam a ser nomeados com os nomes usados no tempo dos czares. Assim aconteceu com Leningrado, tornada novamente São Petersburgo, e, segundo uma previsão acertada de Elio Gaspari, redator da matéria, aconteceria também com a cidade de Yeltsin e Ligachev, Sverdlovsk, ou a “ex e futura” Ekaterinburg<sup>535</sup>. Sobre a tentativa de manutenção do nome da segunda cidade do país como memória de Lenin, o que considerava uma impossibilidade, diz que

O Partido Comunista tinha diversas linhas para defender Lenin. A primeira, por certo, era a sua própria pessoa, na qual se encarna o mais resolutivo revolucionário do século XX. Seria suicídio. Há na cidade cinco museus relacionados com a vida de Lenin e não somam vinte as pessoas que entram diariamente em suas salas. Em compensação, mais de 600 visitantes acotovelam-se no Palácio Yesupov [...]. Um dos mais belos palácios do mundo [...] tornou-se a comprovação soviética da observação de Joaozinho Trinta: “Povo gosta é de luxo, quem gosta de miséria é intelectual” [...]. Lenin poderia ser defendido por sua obra, mas quando o próprio PC está falando em mudar o S de Socialista do nome da URSS para o S de Soberana, é melhor não se usar a palavra maldita<sup>536</sup>.

Juntamente com a reescrita histórica se procedia à revisão e por fim ao desmonte da ideologia oficial. Ainda em meados de 1987 considera que o que estava acontecendo na URSS era uma atualização do marxismo-leninismo, como parte do processo de modernização nacional. “A força do dogma é tão grande, diga-se desde logo, que ninguém o contesta na essência. Ou seja: ninguém se manifesta contra o socialismo. Antes, o que veio à tona, ultimamente, foi uma nova leitura dos princípios marxistas-leninistas”<sup>537</sup>.

Ao acusar a necessidade de uma modernização no marxismo-leninismo e posteriormente abandoná-lo como um anacronismo imprestável, a liderança soviética forneceu à *Veja* um apoio importantíssimo para o ataque não só contra teóricos marxistas ou partidos alinhados ou simpáticos as formulações leninistas, mas contra a noção de utopia ou de alternativas ao capitalismo em sua versão dos anos 1980-90. O que vê como uma desideologização do regime – e alguns autores como assimilação da ideologia conservadora ocidental (POCH-DE-FELIU,

<sup>533</sup> GALBRAIT, John Kenneth. A voz da experiência. *Veja*, nº 1135, 20/06/1990, 6-8. Entrevista por Anabela Paiva.

<sup>534</sup> A dança dos nomes. *Veja*, nº 1202, 02/10/1991, 44.

<sup>535</sup> GASPARI, Élio. A vitória do contra. *Veja*, nº 1187, 19/06/1991, 30-32.

<sup>536</sup> *Idem*, 31.

<sup>537</sup> TOLEDO, Roberto Pompeu. A flor e o dogma. *Veja*, nº 986, 29/07/1987, 68.

2003, 105) – seria a contrapartida necessária da política de livre pensamento e de liberdade de expressão em que a glasnost pós-1987 havia se tornado. A revista percebeu o primeiro choque ideológico no Kremlin com os gracejos feitos com Lenin por Gorbachev, no XXVII Congresso do PCUS<sup>538</sup>. Prosseguiu com a afirmação de que a União Soviética precisava se “democratizar”<sup>539</sup>. Mas o processo só foi entendido como escancarado em 1987, e explosivo em 1989-90. É o caso da discussão entre assessores que pressionavam Gorbachev por mudanças mais profundas, aceitas anos mais tarde. “O que Schmelev propõe é um catecismo de fazer balançar a foice e o martelo que simbolizam o país” como a aplicação do “conceito de lucro como única forma de medir a eficiência de uma empresa. “Em muitos séculos, a humanidade não encontrou outro critério para avaliar a eficiência senão o lucro” – o que a revista faz questão de pôr em destaque nas letras garrafais do fim da página.

“Não sejamos cegos para os malefícios trazidos à nossa economia por nossa confiança parasítica no emprego garantido”, escreve ele. “Devemos discutir sem medo e de forma profissional o que poderíamos ganhar com um pequeno exército de trabalho de reserva. Muitos especialistas acreditam que seria menos oneroso pagar um seguro a essas pessoas temporariamente sem emprego do que manter na produção uma massa de indolentes”. Isso, como o autor diz, perde a “virgindade ideológica”, mas diga-se de passagem que essa virgindade só existe nos editoriais em forma de contos de fada<sup>540</sup>.

Mesmo as maiores certezas dentro do regime, e do que são características essenciais para qualquer socialismo, renovado ou não, seriam abaladas. As críticas profundas contra o sistema e mentalidade soviéticos, contidas no *Perestroika: novas ideias para o meu país e o mundo*, são classificadas pro *Veja* como as “revelações” provenientes da boca do próprio Gorbachev. Sua visão de um “leninismo purificado” ainda é considerada sincera:

É em Lenin que Gorbachev busca inspiração e amparo ideológico – não no jovem revolucionário dos discursos inflamados, ainda longe do poder, mas no político experiente que, no fim da vida, se angustiava com os rumos da Grande Revolução de Outubro<sup>541</sup>.

Ter-se-ia reconhecido oficialmente que a coletivização da agricultura, invés de um grande sucesso de mecanização, organização e produção, foi uma catástrofe completa<sup>542</sup>, apesar do próprio Gorbachev afirmar, ainda no fim de 1987, que a agricultura soviética nem era e nem

<sup>538</sup> De olho no futuro. *Veja*, nº 913, 05/03/1986, 50.

<sup>539</sup> Tropeção na chegada. *Veja*, nº 946, 22/10/1986, 70.

<sup>540</sup> TOLEDO, Roberto Pompeu. A flor e o dogma. *Veja*, nº 986, 29/07/1987, 71.

<sup>541</sup> A segunda revolução. *Veja*, nº 1000, 04/11/1987, 6.

<sup>542</sup> A volta do leão. *Veja*, nº 993, 16/09/1987, 41; A terra libertada. nº 1072, 22/03/1989, 42.

havia sido “um desastre” (GORBACHEV, 1988, 43). A luta de classes em escala global e o combate ao imperialismo teriam sido abandonados como eixo da política externa soviética em 1988<sup>543</sup> e tornaram-se assuntos de livro de História com a desaprovação da revolução no Terceiro Mundo<sup>544</sup>. O igualitarismo foi visto como uma distorção, como na citação da fala do primeiro-ministro Ryzhkov: “A noção de igualitarismo foi degenerada, transformando-se em parasitismo”<sup>545</sup> e então oficialmente renegado<sup>546</sup>. *Veja* manteve grande esperança da revisão ou do abandono do leninismo, mencionando tal possibilidade desde a época da visita de Gorbachev a Castro. “Eles vão acabar revendo até o leninismo”, Fidel advertiu na tela, numa previsão que parece cada vez mais perto de se concretizar”<sup>547</sup>. E de fato quase todo o conteúdo leninista foi apagado com a reabilitação de Kautsky<sup>548</sup> e a socialdemocratização do PCUS<sup>549</sup>. Aponta que os princípios básicos do leninismo, como o papel protagonista do partido, ou o “monopólio do poder”, o centralismo democrático, a vanguarda e a noção de um partido de aço foram considerados errôneos pelo Kremlin. A ideologia e o método analítico marxistas teriam sido relegados à “lata de lixo da História”<sup>550</sup>, ou, na versão reaganista, ao “monte de cinzas da História”<sup>551</sup>. Além da autoridade dos guardiões do marxismo, como o secretário-geral, Gorbachev, e o ideólogo do partido, Yakovlev, *Veja* também usa outras fontes competentes e internas, como o filósofo que classifica como socialista, Claude Lefort, na entrevista “O fim do totalitarismo: o filósofo francês traça um retrato do maior acontecimento do final do século: a desintegração acelerada dos regimes comunistas na Europa”, conduzida por Fernando Pacheco Jordão. “VEJA – Tanto o capitalismo quanto o comunismo tomaram rumos bem diferentes daqueles que Marx previa. Está na hora de enterrar o marxismo?” Seu especialista diz que Marx é coisa do passado e que subestimou o campo político e o direito à vida e à diversidade<sup>552</sup>. Ou a entrevista com o filósofo polonês Adam Schaff, que detinha ainda a autoridade de ser um ex-membro do POUP.

<sup>543</sup> DIMENSTEIN, Gilberto. Cai em Moscou a fronteira do preconceito. *Veja*, nº 1051, 26/10/1988, 64.

<sup>544</sup> Brinde russo no natal de Nova York. *Veja*, nº 1058, 14/12/1988, 59.

<sup>545</sup> As teses da mudança. *Veja*, nº 1030, 01/06/1988, 41.

<sup>546</sup> Aberto para reformas. *Veja* nº 1074, 05/04/1989, 49.

<sup>547</sup> Sozinho numa ilha. *Veja*, nº 1075, 12/04/1989, 46.

<sup>548</sup> *Veja*, nº 1193, 31/07/1991, 50.

<sup>549</sup> GASPARI, Élio. Um partido destroçado. *Veja*, nº 1191, 17/07/1991, 42.

<sup>550</sup> *Veja*, nº 1111, 31/12/1989, 104; nº 1129, 09/05/1990, 41; nº 1197, 28/08/1991, 20.

<sup>551</sup> *Veja*, nº 1031, 08/06/1988, 58.

<sup>552</sup> LEFORT, Claude. O fim do totalitarismo. *Veja*, nº 1106, 22/11/1989, 6. Entrevista por Fernando Pacheco Jordão.

É terrível [...] são retrógrados. Não há apenas o problema de alguns anos de atraso em seu desenvolvimento. É um problema de época. Esses países vivem em outra época e não conseguem sair disso. Pensou-se sempre, e escreveu-se enormemente, que o capitalismo freia o desenvolvimento das forças produtivas, enquanto o socialismo, com seu sistema de economia planejada, permitiria sua plena expansão. Ora, o contrário é que se produziu<sup>553</sup>.

As consequências no cenário brasileiro, segundo as opiniões de *Veja*, têm como um importante porta-voz o ensaio “O salto por cima do Muro”, de José Guilherme Merquior, do Itamarati:

Como poderão os últimos paleoesquerdistas que ainda dão o tom às esquerdas majoritárias latino-americanas diante desse vento liberal da História? [...]. Até o salto em massa por cima do Muro de Berlim, a esquerda velha estava na defensiva por causa de três fenômenos sucessivos. Primeiro, na década de 70, o descrédito intelectual do marxismo contaminou finalmente os bastiões da cultura marxista no mundo latino, França e Itália. À penúria política do comunismo se somou a miséria cognitiva do marxismo. Do marxismo em geral, e não só de sua esclerose leninista<sup>554</sup>.

*Veja* enxergou essas mudanças na ideologia oficial com um relativo atraso frente ao seu anúncio nos discursos do próprio Gorbachev. Isso se deve à desconfiança nutrida pela revista, que preferiu sempre esperar por situações mais concretas que comprovassem o abandono da ideologia tradicional. Se, pelo contrário, tivesse uma maior fé na reforma “espiritual” processada pelo secretário-geral, ou se lesse mais seus livros, o teria visto passar de uma crítica prematura ao igualitarismo à sua negação como objetivo do socialismo, a política que havia sido descrita como “um passo atrás e dois adiante” se transformar no caminho natural do socialismo, determinismos estruturais transformados em uma questão de experiência dos agentes históricos, o marxismo-leninismo passar de um método confiável de análise da realidade para um óculo antiquado, dogmático e “escolástico” (GORBACHEV, 1987a, 31-32), certezas absolutas como o fim eminente do capitalismo converterem-se em uma dúvida quanto a teleologia da História, a luta de classes como impraticável no mundo atual. Rapidamente novas certezas absolutas foram introduzidas, principalmente em seu círculo reformista, como a fé inabalável no mercado como promotor da liberdade e do desenvolvimento e no lucro como fonte de energia criativa<sup>555</sup>.

<sup>553</sup> SCHAFF, Adam. Rumo ao século XXI. *Veja*, nº 1007, 23/12/1987, 5. Entrevista por Roberto Pompeu de Toledo.

<sup>554</sup> MERQUIOR, José Guilherme. O salto por cima do Muro. *Veja*, nº 1107, 29/11/1989, 198.

<sup>555</sup> FRANCISCON, Moisés W. A trajetória política e intelectual de Gorbachev—II Glasnost. *História e-história*. <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=172>>. Acesso em 17/06/2012.

Para *Veja*, as transformações no Leste permitiam afirmar que o “marxismo é página virada”<sup>556</sup>, que, excetuando-se alguns bolsões, como a Cuba de Fidel Castro, “um dos derradeiros fósseis do marxismo”, “o sistema faliu, acabou, esgotou-se. A coisa não deu certo”<sup>557</sup>, na crítica à obra de Schwarz por usar o marxismo para analisar a obra de Machado de Assis<sup>558</sup>, na incapacidade de autocrítica por parte do marxismo, o que levou à ditadura<sup>559</sup>, a falar que foi “o marxismo extirpado do programa do Partido Comunista soviético uma semana antes da chegada de Bush” à Moscou<sup>560</sup>, ou concordar com Fukuyama quanto ao fracasso do marxismo e das ideologias, como na Carta ao leitor<sup>561</sup> e tentar obter uma resposta positiva quanto a sua pergunta “o marxismo está superado?”, feita para Francisco Weffort, que considera marxista e ideólogo do PT: “O intelectual petista, há seis meses nos EUA, diz que todo mundo no Brasil está na contramão da História e que o salve-se-quem-puder tomou conta do país”<sup>562</sup>.

Outra característica do sistema, para a revista *Veja*, é o segredo de Estado como uma mentira com fins de dominação política. A desinformação interna podia ser método de administração dos assuntos internos e das multidões. Estava presente mesmo em detalhes considerados como insignificantes e paranoicos. A residência do secretário geral do PCUS era um segredo guardado (ao contrário do primeiro ministro britânico, por exemplo). Só era divulgada após sua morte ou afastamento. Ficavam em áreas luxuosas onde a entrada era restrita ou guardas de trânsito garantiam que ninguém entrasse. Assim Brejnev e Andropov moraram no mesmo prédio da Avenida Kutuzov. Gorbachev até 1987 não divulgou a sua. A vida das lideranças do Partido era secreta como a dos czares. A lista telefônica era inexistente – segredo de Estado, como a “seção 4” do Ministério da Saúde, uma rede de clínicas especiais que cuidava da elite do partido, exército e burocracia, “cujas operações são secretas como as atividades da KGB”. Como *Veja* citou: “Na Rússia, o segredo preside sobre tudo – a administração, a política, a sociedade”: Marquês de Custine, francês que visitou a Rússia, 1839”<sup>563</sup>.

<sup>556</sup> GASPARI, Élio. A Segunda Revolução. *Veja*, nº 1191, 17/07/1991, 29.

<sup>557</sup> Comunismo, adeus. *Veja*, nº 1111, 31/12/1989, 108.

<sup>558</sup> As ideias no lugar. *Veja*, nº 1144, 22/08/1990, 102.

<sup>559</sup> Fracasso e mudança. *Veja*, nº 1152, 17/10/1990, 80.

<sup>560</sup> Bons companheiros. *Veja*, nº 1194, 07/08/1991, 32.

<sup>561</sup> Carta ao leitor. *Veja*, nº 1114, 24/01/1990, 23.

<sup>562</sup> WEFFORT, Francisco. Descendo a ladeira. *Veja*, nº 1175, 27/03/1991, 7-8. Entrevista por Igor Fuser.

<sup>563</sup> TOLEDO, Roberto Pompeu. A flor e o dogma. *Veja*, nº 986, 29/07/1987, 70; 68.

#### 4.4 O papel internacional da URSS – 1989-1991

*Veja* sempre manteve uma postura de suspeita contra a diplomacia dos reformistas do Kremlin. Em um de seus melhores momentos, pressionada pela onda da gorbymania, ainda acusava a liderança de ser “um vendedor de sonhos”<sup>564</sup> ou “mais um lance de relações públicas de Gorbachev”, ou pura propaganda<sup>565</sup>. Mas assim que a situação se tornou mais propícia, as acusações de que a ação internacional soviética não havia sofrido uma inflexão sincera em todos os seus níveis retornou. O desengajamento dos conflitos regionais não significaria paz, pois eram substituídos por outras atividades condenáveis. Gorbachev ainda aparecia ligado à atuações que atrapalhavam a luta americana pela paz mundial. Ou a ditadores do Terceiro Mundo, quando não ditadores e terroristas. Para *Veja* havia o problema real explicar para os leitores como, apesar do desengajamento soviético e do fim da Guerra Fria, os conflitos continuavam mundo afora. Já que a URSS era, para ambos, o principal fator de instabilidade mundial, tornava-se apropriado sugerir que a retirada soviética e o fim de sua influência em termos políticos e ideológicos não foram tão concretos quanto as palavras da liderança.

Para a revista, esse seria o caso de Kadaffi, terrorista e ainda vinculado à URSS<sup>566</sup>. A URSS era a responsável pelo municionamento da Síria, que prolongava o conflito no Líbano ao tentar anexá-lo – e não a presença israelense<sup>567</sup>. As negociações de paz no Camboja representariam antes de tudo um realinhamento da URSS com a China<sup>568</sup>. Terrorismo seria coisa da esquerda, ainda tendo o marxismo e a URSS por modelos, como as chocantes imagens tomadas da destruição e morte dentro do quartel de La Tablada, na Argentina<sup>569</sup>. A URSS estaria fornecendo lança-granadas (RPG) para a guerrilha de El Salvador. Teria uma responsabilidade especial na ofensiva da guerrilha e na reação natural dos esquadrões da morte da extrema direita. Se ela é causa da guerra civil e da ação dos paramilitares, os Estados Unidos lutariam para “estabilizar” o país, enviando ajuda de US\$ 1,2 milhões diariamente – apesar de não informar em

---

<sup>564</sup> Brinde russo no natal de Nova York. *Veja*, nº 1058, 14/12/1988, 62.

<sup>565</sup> Quase um sonho. *Veja*, nº 991, 02/09/1987, 54.

<sup>566</sup> Atentado a bomba no Jumbo. *Veja*, nº 1061, 04/01/1989, 40.

<sup>567</sup> A caminho do abismo. *Veja*, nº 1093, 23/08/1989, 55.

<sup>568</sup> Padrinhos à mesa. *Veja*, nº 1079, 17/05/1989, 60.

<sup>569</sup> A aventura louca do terror. *Veja*, nº 1065, 01/02/1989, 34.

que consiste tal ajuda. Bush deveria cobrar de Gorbachev respostas por tal ação<sup>570</sup>. Para compor sua reportagem, *Veja* usa as acusações das autoridades americanas, já que os conflitos

Oferecem uma imagem dolorosamente anacrônica ante o panorama de abertura e concessões atualmente em voga na Europa do Leste [...]. O secretário de Estado James Baker acusou a União Soviética de ter “especial responsabilidade” nesta nova fase da luta, “porque suas armas e seu dinheiro, através de Cuba e da Nicarágua, continuam a fomentar violência, destruição e guerra”. Baker denunciou o envio de um carregamento de lança-granadas soviético à América Central, “o que é incompatível com a nova mentalidade” do Kremlin.

Iniciou-se assim a troca de desmentidos como nos tempos pré-perestroika<sup>571</sup>.

Com a saída das últimas tropas soviéticas do Afeganistão, a URSS deixava o país sorvido na guerra civil. A ajuda alimentar enviada por ela e por seus aliados, inclusive a Etiópia, era de pouca monta em vista dos problemas causados. “Quando um país recorre à ajuda da Etiópia, tem-se a medida dos apuros em que se encontra”<sup>572</sup>.

A política de “casa comum europeia” novamente alardeada por Gorbachev em visita à França, seria uma forma da URSS auferir regalias econômicas sobre a Europa, através de empréstimos, auxílio e integração comercial, além de vantagens militares, com a desmilitarização do continente, mas o “sedutor” Gorbachev não conseguiria convencer franceses ou estadunidenses de suas propostas<sup>573</sup>. Mesmo o fim da Europa de Yalta e a unificação alemã seriam “pontos para a tese da “casa comum europeia””, uma vitória da linha diplomática de integração continental de Gorbachev, que seriam a porta para a obtenção dessas concessões<sup>574</sup>. Mesmo em situações que dificilmente poderiam se tornar constrangedoras diante de uma imprensa liberal, *Veja* consegue lembrar da culpa soviética como razão da Guerra Fria e a divisão da Europa. Na matéria “Sinatra agora dá o tom: a glasnost batiza sua linha de política externa de Doutrina Sinatra, aquela em que cada país segue seu destino”, cita Shevardnadze ao dizer que a Doutrina Brejnev estava sendo enterrada e que havia sido a URSS que violara os tratados balísticos com a instalação de radares em Krasnoyarsk, e não os EUA ao instalar mísseis na Europa<sup>575</sup>. A Doutrina Sinatra, entretanto, não significaria apenas o reconhecimento da agressão ao direito internacional promovido nos tempos de Brejnev, e de seu abnegado pedido de desculpas. Era uma situação salutar, diante do impedimento econômico e político de manter o

<sup>570</sup> Horror sem fim. *Veja*, nº 1106, 22/11/1989, 111.

<sup>571</sup> *Idem*, 111.

<sup>572</sup> Penúltimo capítulo. *Veja*, nº 1067, 15/02/1989, 42.

<sup>573</sup> Estrela sem brilho. *Veja*, nº 1087, 12/07/1989, 54.

<sup>574</sup> De Yalta a Malta. *Veja*, nº 1105, 15/11/1989, 139.

<sup>575</sup> Sinatra agora dá o tom. *Veja*, nº 1103, 01/11/1989, 57.

controle férreo sobre seu bloco: “Com Gorbachev, a União Soviética deixou de ser a pátria-mãe do socialismo, enfrenta uma multidão de problemas internos e, premida pelas insatisfações generalizadas dentro e fora de suas fronteiras, foi obrigada a deixar que seus antigos “satélites” na Europa façam o que bem entendam”<sup>576</sup>.

O caso polonês era a demonstração do fim da Guerra Fria, com o fim de um regime antagônico ao capitalismo, a abdicação do PC e o pluripartidarismo nas eleições. Mas isto não era o suficiente. Afirmava que a Guerra Fria só acabaria de fato com a eliminação do próprio PC – que estava próxima, com a renúncia de Jaruzelski e com Mazowiecki como primeiro-ministro<sup>577</sup>.

Nessas condições, *Veja* critica a timidez das ações da administração Bush. Os Estados Unidos não conseguiam se habituar a reconfiguração do espaço geopolítico europeu e o fim do sistema da Guerra Fria. Não ajudavam os refugiados alemães, o plano econômico polonês ou o governo do Solidariedade, a Hungria e a Polônia que “se lançaram para valer” no capitalismo. Também demonstra aflição com as incertezas que emergiam com o desmonte do bloco soviético. Segundo Kissinger, citado por *Veja*, assim que os soviéticos percebessem que perderam o Leste para a Alemanha Ocidental, um revide seria inevitável, a guerra eclodiria. Ruim para a Europa, e ruim para “o controle sobre a segurança da Europa Ocidental” feita pelos Estados Unidos que seria solapada por uma Alemanha forte<sup>578</sup>. Os problemas não eram relativos apenas a que aliança militar a nova Alemanha deveria pertencer, ou na possibilidade de sua neutralidade. “Sua mera existência levaria a uma diminuição do poderio econômico e militar dos outros países europeus, da URSS e dos Estados Unidos. O que está em jogo com a unificação da Alemanha [...] é a redefinição do poder dos países mais fortes do planeta”<sup>579</sup>.

As acusações soviéticas contra a Operação Causa Justa e o bombardeio ao Panamá, de constituírem um intervencionismo estadunidense quando a própria URSS o abandonava (LÈVESQUE, 1997, 204) não são citados por *Veja*<sup>580</sup>, uma vez que não são importantes tendo em vista a deposição de um tiranete narcotraficante. Tratou-se unicamente de “um caso de polícia”.

O papel soviético de conturbador da paz mundial e de apoio para ditadores retorna ainda em 1991. Após a defesa da intervenção militar por forças multinacionais contra o Iraque (KEEGAN, 2006, 490) – com a qual, segundo *Veja*, pretendia ganhar mais espaço diplomático

<sup>576</sup> De Yalta a Malta. *Veja*, nº 1105, 15/11/1989, 138.

<sup>577</sup> Transição a passo firme. *Veja*, nº 1094, 30/08/1989, 48.

<sup>578</sup> O bloco da mudança. *Veja*, nº 1101, 18/10/1989, 61.

<sup>579</sup> De Yalta a Malta. *Veja*, nº 1105, 15/11/1989, 140.

<sup>580</sup> Um caso de polícia. *Veja*, nº 1111, 31/12/1989, 5.

no Oriente Médio<sup>581</sup>, o Kremlin adotou restrições contra o apoio a uma guerra terrestre (GOODMAN, 1991, 182). *Veja* culpou Gorbachev pelo rompimento do consenso internacional ao redor de uma necessária e firme resposta à agressão iraquiana contra o Kuwait.

Ao contrário do que se poderia esperar, a primeira rachadura na coalizão costurada por George Bush não surgiu entre os estados árabes que integram a aliança [...], mas na união Soviética, que forneceu, desde o início, cobertura política para o mutirão militar armado contra Saddam Hussein<sup>582</sup>.

Ainda segundo *Veja*, a nova reviravolta da diplomacia soviética, que passou a usar a ONU para combater o consenso internacional, teria ocorrido com a oferta feita pelo Iraque de uma paz com condições determinadas. Se foram concomitantes, não seriam necessariamente vinculadas. Os interesses envolvidos seriam outros. “Há ainda outro motivo por trás da insuspeita vocação soviética para pomba da paz”: a presença de assessores soviéticos em Bagdá desde os tempos da guerra Irã-Iraque, a influência soviética sobre o país no jogo geoestratégico, bem como o mercado representado pelo Iraque para as armas soviéticas, que seriam postas à prova pelo exército estadunidense. Algo que desgostaria o “Exército Vermelho, cada vez mais influente nas decisões do Kremlin”, durante a “guinada à direita” de Gorbachev<sup>583</sup>. O que seria uma falsa “vocação para a paz”, mais uma manifestação do pacifismo de Gorbachev, significaria na realidade uma interferência à pacificação pela comunidade internacional da região, em comoção pelas ações do ditador. Novamente, a URSS estava fora da vida civilizada global, tão apregoada e defendida por seu líder.

*Veja* se viu diante de um problema inextrincável: como explicar que um sistema que ela própria definira como totalitário estava se democratizando? Que um regime tido por imutável passava pela mais profunda das transformações? Como o governo poderia estar abrindo mão do poder? Utilizou-se dois procedimentos: o primeiro era negar a real profundidade das mudanças. Tratava-se tudo de uma adaptação ao sistema político superficialmente mais pluralista existente nos satélites do Leste Europeu. As rédeas do poder permaneceriam firmemente nas mãos do PCUS. O segundo era usar a revisão histórica em andamento na URSS para reforçar a imagem do sistema totalitário e estendê-lo gradativamente para toda a existência do regime. Inicialmente contraditório, ganhou os contornos mais lógicos quando o processo em si passou a ser definido

<sup>581</sup> Corrida aos aliados. *Veja*, nº 1148, 19/09/1990, 50.

<sup>582</sup> A armação do Iraque. *Veja*, nº 1170, 20/02/1991, 35.

<sup>583</sup> *Idem*, 36.

como uma transição. O atual sistema político iria se transformar em outro, diferente em essência. Não era o comunismo (ou o partido comunista) que se tornava voluntariamente democrático. Ele é que abandonava o monopólio do poder e desmontava o sistema diante das necessidades mais prementes de modernização. Reservava-se o direito de conduzir lentamente o processo, e assim permanecer o maior tempo possível no poder, ou dividi-lo com grupos que deveriam assumir a responsabilidade pelas dores da transição econômica e da austeridade. A abdicação total, rápida e pacífica do poder não estava, porém, dentro de suas análises. E nem mesmo de seus analistas, que previam o fim dos anos 1990 como a provável ruína dos partidos dirigentes (BRZEZINSKI, 1990). Foi com espanto que a transição polonesa se descortinou aos seus olhos semana a semana. Quando o Muro caiu, acertadamente previu que era o fim não só do socialismo real – e qualquer forma de socialismo – nos satélites do Leste, mas também o “fim do comunismo”. *Veja* percebeu que as alianças políticas que uniam os demais partidos em torno do partido comunista local foram dragadas pelo caos. Havia-se perdido completamente o controle da situação. De fato, quando um Estado perde o controle até mesmo de suas fronteiras, sua própria existência está em jogo.

O cenário de transição, pacífica ou não, não era tão claro para a revista. Dentro de um movimento pendular, seus prognósticos de que o sistema totalitário no fundo era irreformável levaram-na a apostar em um golpe de Estado e na reversão das reformas para o quadro pré-perestroika. Dessa maneira *Veja* se aproxima do estilo de previsão de seu analista predileto, Brzezinski: múltiplas afirmações em que uma fatalmente se concretizará.

O avanço da democratização e a aproximação diplomática da URSS com o Ocidente não extinguiram por completo as questões envolvendo ambas as superpotências. Principalmente, não foram capazes de apaziguar o discurso político de quem até então havia lucrado com o anticomunismo. Acusações de políticos estadunidenses sobre o envolvimento soviético com guerrilhas latino-americanas e terroristas tem espaço garantido em *Veja*. Especialmente em um ano eleitoral em que as imagens da esquerda terrorista, conforme o discurso anticomunista da imprensa nacional nos anos 1970 (MARIANI, 1998), poderiam ser lembradas.

## CAPÍTULO V

### As mudanças no rumo das reformas

#### 5.1 Perestroika – 1987-1988

O período compreendido entre 1987 e 1988 é aquele em que os planos originais concebidos juntamente com a ascensão ao poder da nova liderança soviética, de primordialmente encher as prateleiras pela maior produção quantitativa, a *uskoreníe*, e secundariamente e muito lentamente empreender a perestroika (no sentido do ingresso na Terceira Revolução Industrial e no crescimento qualitativo da economia) e a glasnost (como liberdade de informação e crítica) são modificados. Abandona-se a *uskoreníe*, as revisões e realocações para o setor de maquinário e tecnologia no plano quinquenal comandado por Aganbeguian, a glasnost e a perestroika ganham suas feições radicais (como a própria definição de perestroika como “reforma radical” e não mais apenas “reforma”) e introduz-se a demokratizatsiya. As menções ao mercado, ainda sob o termo de “relações dinheiro-mercadoria” e sua importância dentro do plano reformista são crescentes (BROWN, 1996, 80). Se as reformas econômicas entre 1985 e 1986 eram vistas por *Veja* como desburocratizantes, descentralizadoras, de reforma administrativa e tecnológica e de abertura à produtos de luxo do Ocidente, ainda assim, a égide do controle econômico seria confiada quase completamente ao Estado e todas as ações concretas, como a Lei do Trabalho Individual, eram por demais tímidas e incipientes. Algumas reformas profundas no cenário econômico soviético foram noticiadas ainda no fim de 1986, como a campanha governamental que mostrava as cadeias de *fast-food* americanas, que pretendia trazer para o país, como tendo por principal atrativo a “qualidade da comida” – o que foi considerado por *Veja* como uma “revolução”<sup>584</sup>. A importância dessas medidas cai no esquecimento temporariamente, para retornar em meados de 1987, quando Roberto Pompeu de Toledo cumpriu o papel de enviado especial.

O objetivo da perestroika seria “colocar uma URSS mais moderna e afinada no rumo do século XXI”, com menos presença estatal, substituído em parte pelas forças do mercado. Era

---

<sup>584</sup> Paraíso à vista. *Veja*, nº 950, 19/11/1986, 73.

aplicar uma dose de realismo econômico ao sistema – realismo econômico que deveria servir de modelo para toda e qualquer agenda. A economia irrealista, estatal, centralizada, teria promovido graves distorções:

Para impor respeito o país assenta-se num arsenal de 10 000 cabeças nucleares. E para mostrar de que fantásticas proezas é capaz tem astronautas que voam pelo espaço com mais segurança e desembaraço do que os americanos [...]. Visita-se Moscou ou Leningrado, porém, e sente-se nas coisas simples a disparidade existente entre o status de superpotência da URSS e as realidades de seu dia-a-dia.

Com experiências como essa, começa-se a ser apresentado a uma outra União Soviética. Por cima está um país onde táxi é táxi, caviar se compra nas lojas de alimentos e ingressos para espetáculos encontram-se nas bilheterias apropriadas. É o país oficial. Por baixo existe outro, onde, além dos táxi-piratas, se consegue caviar mais barato abordando-se um garçom de restaurante que o roubará da cozinha para trazer uma lata ao cliente. É o país real. É nele que os russos vivem o seu dia-a-dia e nele se aprende, entre mil coisas, que é melhor desistir de um espetáculo de prestígio se não se contar com padrinhos do Partido Comunista para se conseguir o ingresso ou não se gastar uma fortuna no câmbio negro.

Como no Brasil, o jeitinho soviético quase sempre envolve a prática da corrupção ou do tráfico de influência. Isso não chamaria tanto a atenção se a URSS não fosse a pátria do socialismo, carregando nas costas setenta anos de moralismo oficial e o compromisso de dar tudo a todos em igualdade de condições. Também não seria tão grave se os expedientes *na levo* fossem usados de maneira esporádica e envolvessem pequenas parcelas da população. O problema é que todos, de uma forma ou de outra, são forçados a praticá-los no dia-a-dia. O que ocorreu na URSS foi que, com a supressão oficial do conceito de mercado, desenvolveu-se por baixo do pano um simulacro de mercado enorme, incontrolável e desgastante, uma espécie de “socialismo selvagem”. Ou, caso se prefira, de capitalismo mesmo – com o agravante de ser um capitalismo sem regras, sem legalidade e sem avanço econômico.

À distribuição lotérica dos artigos de consumo soma-se outro problema – sua qualidade<sup>585</sup>.

Assim, a qualidade de carros, bens de consumo e ruas é latino-americana, e os serviços, africanos. Onde se sai com dinheiro e sacola na mão no caso de aparecer algum produto essencial mas raro, que aparece nos mercados para desaparecer novamente em seguida, ou onde primeiro se consegue lugar na fila, e em seguida se procura saber do que ela é. Uma rede de pequenos subornos e roubos é inerente ao modelo econômico. O texto de Pompeu é uma demonstração de como fazer parecer o capitalismo selvagem ou modalidades de economias agressivas algo natural até nos sistemas socialistas, ou como tornar algo que poderia ser apontado como sistemático a toda e qualquer economia real em uma situação desmoralizante e única. Tudo isso devido a inexistência de um livre mercado. “Na URSS [...] quem manda é o plano. Ou seja, tudo obedece ao rígido planejamento imaginado pelo marxismo-leninismo para substituir o mercado” – o que demonstra o desconhecimento da inspiração da planificação na economia de guerra alemã, como

<sup>585</sup> TOLEDO, Roberto Pompeu. A revolução de Gorbachev. Veja, n° 986, 29/07/1987, 48-49.

aponta Hobsbawm (HOBSBAWM, 2001, 367) – “e levar a uma maneira científica de reger a sociedade. Cada um dos oitenta ministérios”, responsáveis pelos vários setores da produção, estabelece metas a atingir, “designa quais empresas (todas estatais, naturalmente) produzirão quanto, determina onde se abastecerão das matérias-primas e designa em que casas comerciais escoarão seus produtos”.

Não pode dar certo, nem com setenta anos de prática – mesmo porque o sonho megalomaniaco de controlar tudo vai até o topo. Acima dos ministérios, de fato, ergue-se o teoricamente poderoso e célebre Gosplan, organismo central que pretende reger o plano todo e, portanto, a economia toda, como Zeus regia o Olimpo. O resultado dessa quimera é que se entronizou uma “ditadura do produto sobre a mercadoria” ou, se se preferir, “do produtor sobre o consumidor”, como diz o influente economista Abel Aganbeguian<sup>586</sup>.

“Ditadura do produtor sobre o consumidor”, frase que *Veja* faz questão de dar destaque no box com letras garrafais. Afirmação que já aparecia no discurso reformista (GORBACHEV, 1987a, 34). É retomada a frase de Reagan de que nem a maior mente poderia dar conta de uma economia planejada (KENGOR, 2006, 218). As fábricas estatais funcionam segundo metas estabelecidas em termos quantitativos e em rublos, o que faz com que um determinado produto falte:

num lugar e sobra em outro, isso quando não falta em toda parte – e a consequência é que o Gosplan, todo-poderoso na vida oficial, acaba não tendo força, na vida real, para fazer com que os cidadãos da segunda maior potência do mundo consigam uma escova de dentes na hora e no lugar em que precisam dela. Na verdade, o sistema espera que as pessoas se adaptem aos meios, e não o contrário. A organização “científica” da produção, esboçada por Lenin e truculentamente levada à forma em que se apresenta por Stalin, conduz a primores de ineficiência e desrespeito ao consumidor<sup>587</sup>.

Portanto, constituía-se num modelo a ser seguido as alterações previstas pelos reformistas no planejamento, que pretendem deixar metas, escolha de locais de fornecimento e venda por conta das empresas, o que, até 1990-91 deveria fazer brotar “uma espécie de concorrência no país”, com a autogestão e o autofinanciamento, como explica Aganbeguian. A política econômica de subsidiar preços de produtos de consumo essencial e popular também é apontada como fonte das frequentes distorções que atravancavam o desenvolvimento econômico. Tais medidas teriam um caráter populista, e que cobrariam seu preço:

<sup>586</sup> TOLEDO, Roberto Pompeu. A medalha e o sorriso. *Veja*, nº 986, 29/07/1987, 63.

<sup>587</sup> *Idem*, 63.

A vida na URSS espanta os estrangeiros pela modéstia dos preços. O salário médio situa-se em torno dos 220 rublos, ou 310 dólares. Com habitação se gasta uma ninharia – entre 10 e 20 rublos (10 a 30 dólares). O telefone custa 2,50 rublos por mês, seja qual for sua utilização (3,75 dólares), e a tarifa do rápido e limpo metrô de Moscou está fixada há mais de meio século em 5 copeques (7,5 centavos de dólar). Como não há muitos artigos de consumo em oferta não há onde gastar, fora os artigos essenciais – mas assim mesmo os soviéticos se queixam de que ganham pouco. Não há quem não reclame de que só com o salário não dá para viver. E não dá mesmo, entre outras coisas pelas exigências da economia *na levo*, que no país cumpre o papel de preencher os enormes claros deixados pela economia oficial. Como todos são forçados a pagar *na levo* também são tentados a cobrar *na levo*, criando-se então um círculo que sistema algum consegue parar.

Quem vê a URSS de uma perspectiva brasileira deve fazer alguns descontos como ponto de partida. Não há fome nem miséria no país. Todos tem um teto, embora apertado, às vezes até dividido com outros e, sobretudo, não na cidade onde a pessoa possa querer morar. A educação está ao alcance de qualquer um, assim como a assistência médica, ambas gratuitas. A questão é que a URSS não tem que ser comparada ao Brasil, e sim os Estados Unidos e à Europa Ocidental, seus concorrentes na corrida civilizatória do século XX – e nesse sentido o sistema soviético deu errado [...] – um país onde as coisas só funcionam no câmbio negro a população é submetida ao suplício diário e sem sentido das filas.

Só muito recentemente se criaram na URSS supermercados modernos à ocidental [...]. Por enquanto supermercados são uma exclusividade de bairros modernos [...] e o abastecimento, neles, pode ser tão fortuito quanto em outras partes. Pelo menos, porém, o espaço amplo e o sistema de pagamento na caixa poupam o freguês das filas desumanas<sup>588</sup>.

Os preconceitos econômicos estariam presentes nas esferas de poder, como demonstraria a Lei do Trabalho Individual. “Nada de “iniciativa privada”, uma expressão que, segundo o pensamento e os costumes vigentes, continua soando feio como um palavrão”. *Veja* nota o uso de expressões que disfarçam ou atenuam o caráter cada vez mais profundo do programa de reformas, porém ainda duvida do alcance deste: tal lei tratava apenas da regulamentação de uma economia subterrânea que já existia e da ocupação de mão-de-obra reserva.

Ainda assim era o reconhecimento da iniciativa privada, como demonstram os exemplos de sucesso das cooperativas formadas através da entrega da empresa nacionalizada para os seus trabalhadores – ou antes, seus diretores – como o caso das clinicas estatais que ficaram a cargo de médicos-gerentes, que passaram a cobrar por seus serviços, moderniza-los, contratar funcionários, ou cooperados. Seu relacionamento com o Estado era o do pagamento de impostos, retendo para si o lucro, dentro de um sistema de saúde privatizado concorrente com o setor público. Mas não consegue esconder o fato de que nem tudo ia bem e servia de exemplo. Porque então as cooperativas não conseguiriam funcionar como deveriam? Sua resposta é a de que não havia mais mão-de-obra capacitada para os serviços após 70 anos de comunismo, como existia

<sup>588</sup> TOLEDO, Roberto Pompeu. A medalha e o sorriso. *Veja*, nº 986, 29/07/1987, 61-62.

durante a NEP. Com a perestroika, pretende-se não só reformar a economia – mas também transformar os hábitos e as mentalidades. “É uma questão de cultura”<sup>589</sup>. E *Veja* aponta o que constituiria um obstáculo a nova cultura do empreendedorismo:

No país do emprego garantido e salário mais ou menos igual para todos, a aspiração máxima é ter uma *dasha* para os fins de semana. E a diversão pode ser tão simples como passar o domingo no Parque Gorki, onde um dos prazeres oferecidos é se pesar numa balança, contra o pagamento de 4 copeques<sup>590</sup>.

É com satisfação que *Veja* apresenta as declarações avessas ao sistema centralmente dirigido que eram emanadas de Gorbachev, como a da economia burocrática ingerenciável e que não consegue produzir por meio de “pressão, por exortação ou por chicotadas”<sup>591</sup>. Esse lastro permitiria entrever que a reforma seria impraticável. Mesmo considerando o socialismo, o pleno emprego, a presença do Estado na economia como entraves ao desenvolvimento, ela ainda é forçada a prever uma situação onde as reformas, como propostas em 1987 e que ainda contemplavam esses aspectos como necessários e positivos, seriam bem sucedidas. “E se a URSS consegue renovar-se? Em primeiro lugar, dada a base industrial que já possui, seu material humano e os recursos naturais imensos, pode-se prever um milagre de crescimento como poucos já vistos”<sup>592</sup>. Com o lançamento de *Perestroika*, *Veja* adota também o significado de reconstrução:

*Perestroika*, ou reestruturação, é o ambiciosíssimo projeto através do qual Gorbachev pretende não só reformular toda a emperrada estrutura da economia da União Soviética mas também atingir o fundo da lama soviética, promovendo, segundo suas próprias palavras, uma verdadeira mudança espiritual<sup>593</sup>.

Segue-se uma seleção de trechos da obra de Gorbachev, e como ela é perfeitamente adaptável à crítica da economia estatal, da estabilidade do emprego, do funcionalismo público, do centralismo, do burocratismo, do cartorialismo, dos preços tabelados, da falta de competição, das estatais deficitárias, dos subsídios a qualquer ramo ou produto, do isolamento do resto do mundo, da dispensabilidade ou alternativa ao livre mercado, da importância da nova tecnologia que cortava empregos, do individualismo contra o coletivismo, da importância do lucro, da inexistência do Estado de Direito nos países socialistas, dos mecanismos de mercado.

<sup>589</sup> TOLEDO, Roberto Pompeu. A medalha e o sorriso. *Veja*, nº 986, 29/07/1987, 64-65.

<sup>590</sup> *Idem*, 66.

<sup>591</sup> TOLEDO, Roberto Pompeu. A flor e o dogma. *Veja*, nº 986, 29/07/1987, 70.

<sup>592</sup> *Idem*, 71.

<sup>593</sup> A segunda revolução. *Veja*, nº 1000, 04/11/1987, 4.

Assim pode mencionar que Lenin não propôs o caminho dos “métodos autoritários de administração” mas de liberdade democrática – e econômica. Muito da retórica anticomunista estava sendo confirmada: “normalmente, cabe ao produtor “agradar” ao consumidor. No nosso caso, foi o consumidor quem se descobriu totalmente à mercê do produtor e tinha que se contentar com aquilo que esse escolhesse lhe dar”, produtos de má qualidade, produção que figurava entre as maiores do mundo em vários quesitos mas que era desperdiçada ou imprestável<sup>594</sup>.

Seguindo com suas seleções de Gorbachev, “a principal deficiência da economia é a falta de estímulo interno para o desenvolvimento”, uma vez que tudo é planejado e controlado pelo centro, extinguindo a criatividade e iniciativa, forjando um sistema onde

a renda dos funcionários não depende do resultado final do trabalho coletivo, o cumprimento dos compromissos contratuais, qualidade de produção e lucros. Esse tipo de mecanismo tende a gerar um trabalho de média ou até baixa qualidade, quer queiramos ou não. Como poderá a economia ir para a frente se ela cria condições que dão preferência às empresas menos produtivas em detrimento das mais ativas? [...]. As empresas devem estar em condições de estimular a concorrência em favor das exigências do consumidor, e seus funcionários têm de depender rigorosamente dos resultados da produção, ou seja, dos lucros [...]. Se os interesses individuais não forem levados em conta, os esforços serão em vão” [...]. “As pessoas não querem apenas ganhar mais: elas querem ganhar honestamente. Elas querem receber o que lhes é devido, e não sugar o Estado<sup>595</sup>.

A tese de Gorbachev, de que a liberdade é também liberdade econômica e que esta precisava ser promovida (GORBACHEV, 1988, 69; 1987a, 63), se alinha aos interesses de *Veja* e por isso é posta em destaque. A argumentação da retomada da NEP e a justificativa do “leninismo puro” são lembradas: Lenin “não tinha medo de incentivar a atividade trabalhista individual quando o Estado e o setor público estavam fracos”.

A reforma radical da economia, apesar de ampliada, ainda seria muito limitada em 1988. Para analisá-la, *Veja* utiliza seu especialista, Seweryn Bialer. Com a perestroika, “Gorbachev pretende romper a máquina burocrática, aproximando-a do processo de produção e mudando sua orientação política”.

O líder soviético quer acabar com o espírito corporativista da burocracia. Sua estratégia mais evidente tem sido uma ampla mudança de pessoal. Mas ainda falta enfrentar o problema vivido por todos os grandes reformistas: como usar a maioria das pessoas que quebraram a máquina para consertá-la. Em outras palavras, a atual burocracia é

<sup>594</sup> A segunda revolução. *Veja*, nº 1000, 04/11/1987, 7.

<sup>595</sup> *Idem*, 8-9.

indispensável na realização de reformas mais amplas. Pretende “trocar os decretos pelas leis de mercado”<sup>596</sup>.

Seria “um modelo eclético de “socialismo de mercado””, superando mesmo a NEP em flexibilidade. Mecanismos típicos de uma econômica capitalista deveriam ser inseridos no aparelho econômico soviético, para o tornar mais dinâmico e adaptável. Os altos impostos sobre o lucro e a nacionalização que marcaram o fim da NEP estavam sendo combatidos. Os setores estatais estavam sendo expostos à concorrência, o que constituía uma reforma exemplar. Porém “os aspectos decisivos da atividade econômica – como formação de preços, controle de qualidade e concorrência -, o papel principal não ficará com as forças de mercado, mas com as estruturas administrativas – novas e velhas”. O que evidenciava tanto os limites da reestruturação ainda dentro do socialismo, como os desafios de Gorbachev, que “é obrigado a defender simultaneamente a necessidade de austeridade e de elevação do padrão de vida soviético”. O povo, frustrado pela distância que separa promessa e realidade, ficaria com raiva, expressando-a livremente, pois, afinal, é menos perigoso manifestar-se do que nos governos anteriores. Essa frustração com as reformas era a evidência de que a perestroika não poderia se desenvolver a não ser que fosse acompanhada sincronicamente pelas demais reformas sistêmicas, como a glasnost, e que ainda assim seria muito gradual, a ponto de permitir uma reconstrução mental dos soviéticos ao melhor estilo da engenharia social – que, sob outros direcionamentos, é tão criticada.

Os traços típicos do “novo homem soviético” são incompatíveis com a modernização do seu país. Iniciativa privada, criatividade espontânea e disciplina social são indispensáveis a qualquer sociedade moderna, mas andam em falta na União Soviética. Mudar o homem soviético requer, portanto, mudanças no processo de socialização e de educação, além de um novo sistema de estratificação social.

O atual sistema apresenta a pior combinação possível de características: dar recompensas econômicas a quem tem poder político é uma fórmula garantida para alimentar os que não têm poder algum. Ao mesmo tempo, o sistema é iminentemente igualitário, no sentido de que não premia os trabalhadores segundo a qualidade e a dificuldade do seu ofício. Para um país que tem a modernização como objetivo, essa combinação é letal<sup>597</sup>.

Porém não haverá incentivo material sem o aumento da produção, e não haverá aumento da produção sem incentivo material. “Gorbachev terá de contar com a expansão do setor privado e apelar ao patriotismo se quiser escapar desse círculo vicioso”, o que constituiria uma nova crise da tesoura – expressão não usada por Bialer ou *Veja*. Durante a era Brejnev, o Estado “não pagou bem aos trabalhadores, mas também não exigiu muito deles. E os soviéticos se habituaram a esse

<sup>596</sup> BIALER, Seweryn. Por trás da glasnost. *Veja*, nº 1031, 08/06/1988, 5.

<sup>597</sup> *Idem*, 61.

tipo de contrato social”. Rompê-lo, porém, pode causar “uma instabilidade social”. A glasnost era o “começo da emancipação política e profissional dos intelectuais”, tão importante quanto a emancipação dos servos em 1860. Àquela altura estaria claro que o Kremlin não deseja reformas parciais como Krushev ou Polônia dos anos 1970. As reformas são abrangentes, e se maiores, também com mais possibilidades de sucesso.

Os fatores mais importantes em seu favor, no entanto, são psicológicos: a convicção generalizada de que não existe alternativa a Gorbachev [...] não só como pessoa e líder mas também a seu programa e para onde ele aponta. Esse programa é imperfeito, mas é o único disponível<sup>598</sup>.

Os que não o seguem o fazem por desacreditar na possibilidade de sucesso. Como ilustração, apresenta a legenda: “A Volks em Moscou: primeiros estágios de um processo que vai soltar as rédeas das forças de mercado”, encimada por uma propaganda em inglês do Golf em um outdoor, com o típico cidadão soviético andando a pé diante dele. Ainda assim Bialer faz um prognóstico favorável para as reformas, já que o país possui

muitos dos pré-requisitos materiais para se modernizar: força de trabalho habilitada, população urbana de bom nível educacional, ciência desenvolvida, uma vasta classe profissional e bolsões de alta tecnologia [...] é rica em recursos naturais e sua economia é gigantesca, com um alto nível de formação de capital<sup>599</sup>.

O tom otimista de Bialer, mesmo com a quantidade de obstáculos, parece não ser compartilhado pela revista que o usou como especialista. Por mais necessárias que fossem as forças de mercado e por maior que fosse seu interesse em sua publicidade, três meses depois *Veja* se demonstra pessimista com o ritmo da reconstrução. Porque a liderança era incapaz de avançar – ou seja, de proceder às grandes privatizações para além de clínicas hospitalares e restaurantes, e de estabelecer o livre mercado – piorou ainda mais a produção e distribuição de bens de consumo. Também demonstrava os primeiros sinais de indecisão e do que viria a ser considerada fraqueza no rumo da mudança.

*Veja* pergunta se “a perestroika tem alguma chance de um dia transferir-se do discurso dos políticos para a vida real?” e responde que “os sinais que se sentiam em volta não eram de todo promissores”.

<sup>598</sup> BIALER, Seweryn. Por trás da glasnost. *Veja*, nº 1031, 08/06/1988, 63.

<sup>599</sup> *Idem*, 62.

Para o soviético comum, o homem da rua, até agora, as reformas de Mikhail Gorbachev consistiram sobretudo numa carta de intenções. Houve, é certo, avanços na área da liberdade de imprensa e das manifestações culturais. Mas na vida prática, consubstanciada na rotina das filas, da falta de gêneros, da má qualidade dos artigos e do trabalho sem motivação, continua-se na mesmice de sempre<sup>600</sup>.

Com a entrada em vigor da nova Lei de Empresas, “elas teriam liberdade para negociar diretamente umas com as outras, para se aprovisionar como para vender, segundo as leis do mercado – cabendo a Gosplan apenas um papel secundário de definição de políticas a seguir e orientação geral”. Mas dois economistas reformistas, Gravit Popov, da equipe de Aganbeguian, e Nikolai Schmelev, alertam para o entrave dos conservadores que tornarão “ficção” a autogestão e o autofinanciamento.

Tanto um quanto o outro economista fundamentam suas críticas num mesmo argumento, o de que o controle do Gosplan está sendo substituído, na prática, por uma outra forma de controle – as “encomendas do Estado”. Trata-se de uma artimanha que, inventada para amortecer o choque da passagem de um sistema para outro, arrisca pôr as reformas a perder”. “Encomendas do Estado” são cotas que o Estado reserva para si mesmo na produção das empresas e que devem ter total prioridade sobre todas as outras. Segundo os cálculos de Popov, nada menos que dois terços da produção futura das fábricas já estão comprometidos dessa forma, de maneira que sobra pouco espaço para a prometida liberdade de manobra. Schmelev, por sua vez, aponta outro problema: o controle severo que os ministérios ainda pretendem manter sobre o capital das empresas. “Nada poderá ser comprado ou vendido sem autorização de cima”, escreve Schmelev. “Na verdade”, diagnostica ele, cruelmente, “o número de diretrizes transmitidas às empresas aumentou, em vez de diminuir”<sup>601</sup>.

Os diretores que empregaram como experiência o sistema de autogestão eram críticos. Uma fábrica têxtil teria afirmado que, pelo novo sistema, o ano de 1987 acabou sem 20% das matérias-primas de que necessitava”. O sistema de autofinanciamento produziu as primeiras greves no país – que tomariam dimensões dramáticas em 1989. Tal era o tom das críticas que se poderia “suspeitar de uma ofensiva conservadora para ressaltar os riscos da mudança” – já que a culpa não pode ser da introdução dos mecanismos de mercado.

A resistência às reformas dessa maneira ultrapassa as fronteiras da discussão ideológica e começa a entrar no campo muito mais complicado da vida real. O que está em jogo na URSS, na verdade, não é apenas um debate entre os que querem e os que não querem mudar. É também, em nível do soviético comum, a aposta num sistema que, se promete maior fartura e melhor qualidade de produção, também exige mais trabalho e mais responsabilidade. Não será fácil fazer a *perestroika* entrar em campo<sup>602</sup>.

---

<sup>600</sup> Hora da decisão. Veja, nº 1010, 13/01/1988, 34.

<sup>601</sup> Idem, 34.

<sup>602</sup> Idem, 34.

A economia de mercado obrigaria os desleixados trabalhadores soviéticos a trabalhar mais e melhor. *Veja* absorvia o discurso “antiplebeu” (HOBSBAWM, 2001, 463) formulado pelos reformistas desde 1985 (GORBACHEV, 1985, 18). Necessariamente, *Veja* não fez a pergunta de “maior fartura e melhor qualidade” para quem (KAGARLITSKY, 1993, 43).

“Gorbachev sentiu diretamente o pulso das tensões e até da animosidade criadas entre a população soviética pelas promessas não cumpridas de mais prosperidade” em sua visita a cidade de Krasnoiarsk (Furacão no Kremlin. *Veja*, nº 1048, 05/10/1988, 45). “A televisão soviética exibiu na semana passada, durante quatro noites seguidas, cenas que, se atestaram os benefícios da abertura política, apontaram perigosamente para o período de instabilidade vivido no momento”. Gorbachev havia se dirigido para o sul da Rússia e, como de costume, procedido ao “corpo a corpo” com as multidões nas ruas. Mas o cenário foi inédito, até aquele momento, pois “cercado de multidões que, em tom irritado e muitas vezes agressivo, o interpelavam pelos resultados de seu governo – ou mais exatamente, pela falta desses resultados”, recebeu

poucos aplausos e muitas reclamações. As queixas tinham um endereço certo e nasciam de uma amarga constatação. Três anos depois de deflagrada a *perestroika*, o ambicioso programa de reformas econômicas e políticas, a União Soviética ainda não avançou um milímetro sequer na resolução do desafio que o próprio Gorbachev considera sua “prioridade número 1”: trazer mais comida à mesa dos cidadãos<sup>603</sup>.

Diante das críticas quanto às filas, ele disse que os frutos virão no futuro e então “inaugurou uma nova postura em seus “banhos de multidão” – mais franca e agressiva” – o povo é que não estava levando a *perestroika* adiante, ao esperar tudo do governo e não atacar os gerentes e dirigentes. “Todo mundo continua vindo a mim para dizer: “Mikhail Sergueievitch, faça alguma coisa”. Já está na hora de esquecer de uma vez os czares e os ditadores”. Para Gorbachev, os líderes anteriores foram ditadores, uma revisão histórica que não poderia ser omitida por *Veja*, como também a exigência de iniciativa individual. “Mas a escassez, que inferniza a vida do cidadão comum, persiste como uma prova de que mais democracia, simplesmente, não basta pra encher as prateleiras dos supermercados”. A continuação da frase de Gorbachev, “mais democracia e mais socialismo” (GORBACHEV, 1988, 38), é deixada de lado. A sugestão de *Veja* é a de que algo ainda falta na *Perestroika*. Ao lado de “mais democracia” deve figurar o estabelecimento dos mecanismos de mercado e propriedade. Era a privatização, como ela deixa claro a seguir, ao caracterizar aqueles que se opõe à plataforma da *perestroika*,

<sup>603</sup> Da boca do povo. *Veja*, nº 1046, 21/09/1988, 52.

como Ligachev, que disse que “copiar o modelo econômico capitalista baseado na propriedade privada é totalmente inaceitável”. “Sem novas medidas, que ataquem os pontos de estrangulamento da perestroika, Gorbachev corre o risco de ver escapar pelos dedos, rapidamente, todo o crédito de confiança amealhado até agora”. *Veja* tenta dar o rumo aos reformadores e faz as ameaças do que acontecerá caso tal rumo não seja tomado – o que serve como modelo ao cenário nacional, segundo os resultados da pesquisa de Carla Luciana (SILVA, 2009, 39). Assim foi a tentativa de “mexer no irracional sistema de preços subsidiados”, durante o XX Congresso, que sob o peso dos conservadores, foi adiada para a próxima década. Uma procrastinação que só tornaria mais penosa a reforma. Ou ainda como as “fazendas estatais”, onde apenas o arrendamento privado da terra poderá produzir mais alimentos, como o secretário-geral entendeu *bem*. Assim, para agitar as massas, “Gorbachev parece ter feito outra opção – para mudar as coisas, é preciso contar com a impaciência”<sup>604</sup>.

Os novos compromissos de Gorbachev, ao fim do ano, aumentaram a confiança de *Veja*. Seu discurso, proferido na ONU, em que previa uma convergência crescente ao invés do antigo antagonismo entre os sistemas das superpotências, veio de encontro à maior parte de seus interesses políticos e econômicos – com exceção do tratamento da dívida do Terceiro Mundo.

“Hoje, a preservação de qualquer tipo de sociedade “fechada” é impossível”, prosseguiu. “A economia mundial está se transformando num só organismo e, fora dele, nenhum Estado, não importa qual o seu sistema social, pode se desenvolver normalmente”. O líder da maior potência comunista desmontando a lógica das sociedades fechadas e pregando a integração da economia mundial – eis algo que é motivo de espanto, mesmo quando quem fala é Gorbachev, com sua comprovada capacidade de surpreender plateias, domésticas ou externas<sup>605</sup>.

“Foi um discurso do tipo que, se levado além da retórica – e a experiência anterior demonstra que o líder soviético até agora tem feito isso”, como o *New York Times* afirmou, pode ser um discurso fundante de uma nova ordem, como os de Woodrow Wilson e Franklin Roosevelt – “o império da lei, não o da força; o pluralismo, não o unilateralismo; a liberdade econômica e política” – e causou, ainda segundo o *Times*, a impressão de ser “emocionante. Arriscado. Ousado. Ingênuo. Diversionista. Heroico. Tudo se aplica”<sup>606</sup>. *Veja* sempre tende a insinuar um tom demagógico ou irrealista nas propostas que a desagradam. Usando o *Times*, diz que se tratava, também, de um discurso diversionista, na medida em que tocava no assunto da

<sup>604</sup> Da boca do povo. *Veja*, nº 1046, 21/09/1988, 53.

<sup>605</sup> Brinde russo no natal de Nova York. *Veja*, nº 1058, 14/12/1988, 59.

<sup>606</sup> *Idem*, 59-60.

dívida externa e do papel das potências capitalistas junto às instituições financeiras sediadas em seus territórios, chamando a atenção para um pretenso proselitismo soviético, feito com dinheiro alheio.

Para *Veja*, as reformas econômicas, mesmo avançando, não surtiam efeitos reais sobre o sistema soviético. Sua natureza totalitária o manteria imutável e refratário às mudanças, e quanto mais tempo estas consumissem, mais debilitada seria a posição dos reformistas, e mais ficariam mais próximos de um destino semelhante ao de Krushev. Uma figura que sempre retoma é a de que Gorbachev pedalava sem sair do lugar.

A nuvem do sucesso só poderá continuar dançando no céu se ele conseguir avançar suas reformas na URSS, continuando a convertê-las em avanços nas negociações em torno da desnuclearização. Se parar, descobrirá que monta um bicicleta da qual se cai quando se para de pedalar<sup>607</sup>.

Tal imagem foi tomada de uma reportagem na qual utilizou o texto do dissidente Vladimir Bukovsky, que escreveu uma peça onde o casal Gorbachev pede asilo durante a assinatura do Tratado INF em Washington, acuado pela impossibilidade de sucesso em suas reformas e a oposição conservadora.

Muitos anos depois alguém pergunta a Gorbachev as verdadeiras razões da fuga. Ele então resume os principais pontos de seu ambicioso plano de reformas até concluir que acabara “numa bicicleta sem rodas, cada vez mais depressa, em meio a uma multidão que vaiava”. Ao final, abandonado pela televisão, Gorbachev termina esquecido – um risco que na verdade, por enquanto, ele não corre<sup>608</sup>.

Este é o período em que *Veja* destaca que *Perestroika* era o livro mais vendido, “atraindo tanto empresários liberais quanto comunistas de carteirinha”<sup>609</sup>, e que, em 1989, apontaria que os discursos dos reformistas poderiam muito bem agradar em cheio ao empresariado ocidental – expressão que pode ter emprestado de Brzezinski ao afirmar que “O *Pravda* publicou a 11 de agosto de 1988, o trabalhadores soviéticos ouviram Aleksandr Yakovlev, um membro do Politburo então responsável pela doutrina marxista-leninista, proclamar que atualmente “a ideologia do proprietário deve ser suprema”, e que “os líderes comunistas na União Soviética, na China e na Europa Oriental estavam rotineiramente fazendo afirmativas que não estariam fora de lugar na reunião anual da Assembleia Americana de Fabricantes” (BRZEZINSKI, 1990, 24).

<sup>607</sup> Balanços de sucessos e fracassos. *Veja*, nº 1006, 16/12/1987, 52.

<sup>608</sup> Astro vermelho. *Veja*, nº 1009, 06/01/1988, 41.

<sup>609</sup> O mundo no ano de Gorbachev. *Veja*, nº 1008, 30/12/1987, 74.

## 5.2 Perestroika – 1989-1991

A partir de 1989 *Veja* vai rapidamente deixando de lado a noção de que a perestroika era um projeto econômico de comunismo modernizado e adaptado ao século XXI para se tornar claramente um regime de transição, da economia planificada para uma economia mista ao estilo capitalista e, finalmente, para uma economia protótipo da Escola de Chicago, com a única dúvida se esta deveria ser implantada ao longo de alguns anos ou de alguns meses. Se a perestroika até 1988 era uma prova de que a esquerda brasileira – principalmente os partidos que considerava como possuindo alguma ligação ideológica com regimes componentes do socialismo real, fosse Havana, Moscou, Tirana ou Manágua – deveria se modernizar também e reconhecer alguns mecanismos da economia capitalista (que estavam sendo implantados no Leste) como naturais, a partir de 1989 comprovaria o fracasso inegável, permanente e irrevogável de qualquer alternativa ao capitalismo, o fim do comunismo e do socialismo, ou seja, de qualquer partido ou grupo que desafiasse o fim das ideologias frente a única realidade natural e palpável:

A discussão sobre as privatizações das estatais brasileiras também girou em torno do exemplo dado pela URSS. Em mais uma *Mensagem aos arcaicos*, (*O Globo*, 23/06/1990, p. 4.) as esquerdas eram classificadas como uma *petrificação ideológica*, lançando mão de *arcaísmos bolorentos*, como a pecha de *entreguismo*, para tentar impedir a venda de estatais para capitais brasileiros. Enquanto isso, a *pátria do socialismo* emitia sinais para todas as colorações de estatizantes dos mais variados matizes: o projeto da nova legislação soviética, em acelerado processo de elaboração, autorizava a compra de 100% das ações das estatais privatizadas pelo capital estrangeiro (COSTA, 2008, 142).

No início de 1989 ainda toma por um chiste as afirmações de um retorno ao capitalismo. Durante a visita à Cuba, Fidel teria dito a Gorbachev que

“Se um país socialista quer trilhar o caminho do capitalismo, temos que respeitar esse direito.” Num discurso característico, de muitas palavras e gestos de efeito, o presidente Fidel Castro brindou com essa provocação, na semana passada, o mais ilustre visitante em Cuba nos últimos quinze anos, o líder soviético Mikhail Gorbachev<sup>610</sup>.

---

<sup>610</sup> Sozinho numa ilha. *Veja*, nº 1075, 12/04/1989, 46.

Em meados de 1991 sua impressão era bem diferente. Sua manchete era “A segunda revolução: com inflação, greves e desemprego, a União Soviética encerra o comunismo e se lança em busca do capitalismo”<sup>611</sup>.

Se, até o ano de 1988, *Veja* apresentava as reformas liberalizantes de Moscou como modulares, enquanto um horizonte, ressaltava que a URSS estava muito atrás da liberdade econômica desfrutada no Brasil. A partir de 1989, e principalmente 1990, o quadro muda dramaticamente. A amplitude dos planos de privatização sistemática e o sentimento cada vez mais forte em busca de sua aplicação rápida formariam um exemplo a ser aplicado pelo governo brasileiro contra as estatais e o serviço público. O governo brasileiro relutaria em educar seu povo para primazia das relações de mercado, o livre comércio internacional, a importância do capital estrangeiro e das privatizações das estatais, repudiando o bom exemplo fornecido pelos reformistas do Kremlin. *Veja*, a partir de 1989, toma para si a tarefa da “ação pedagógica” (SILVA, 2009, 28; 2006, 228).

Esse aprendizado do público leitor, que também servia como pressão sobre o campo político e uma tentativa de orientação da agenda nacional se faz com a exibição de bons exemplos e ideias. Este é o caso da entrevista com o brasileiro descendente de húngaros que teve a propriedade privada de uma loja de departamentos confiscada e estatizada em 1948, e devolvida legalmente pelo governo húngaro, como parte do programa de desestatização. O Brasil seria mais estatizante que os países socialistas pois enquanto estes estavam incorporando a agenda de privatizações, o Brasil rumava no sentido oposto – como uma possível vitória eleitoral de Lula – gerando uma luta entre o progresso e o atraso. O Leste, que desde a reformulação do antigo discurso anticomunista, vinha tomando a forma do atraso, da ineficiência e do fracasso econômico, passa a representar o progresso. A pergunta de *Veja* se torna a condutora do objetivo que pretende alcançar:

VEJA - Onde é mais fácil fabricar jeans? Na União Soviética, com sua economia estatal, ou no Brasil? [...].

Enquanto na União Soviética há uma tendência de abertura da economia ao capital privado, aqui trilha-se o caminho contrário [...]. Nesse sentido, o Brasil é mais estatizante do que os países comunistas – exhibe os mesmos sintomas, alguns deles agravados [...]. A União Soviética está conseguindo mudar depois de setenta anos de total ausência de qualquer filosofia empresarial. São setenta anos que deixaram o povo distante da realidade do consumo. Ali, o governo está mexendo nas tradições,

---

<sup>611</sup> GASPARI, Élio. A Segunda Revolução. *Veja*, nº 1191, 17/07/1991, 26-27.

reeducando o povo. No caso brasileiro, essa transformação seria menos radical – basta querer<sup>612</sup>.

*Veja* aponta para um provincianismo decorrente do protecionismo e de cotas de mercado, bem como do fracasso comum em gerar uma economia próspera através da crença no intervencionismo estatal, além de promover a personificação da economia:

A economia nacional quer funcionar segundo as leis do livre mercado – essa é a alegre intenção de todo mundo – mas ainda está amarrada a um planejamento semi-soviético. É o seu lado frígido. Os russos viveram setenta anos sob um regime de planejamento paranoico. Os burocratas de Moscou escreviam planos quinquenais de desenvolvimento e se julgavam capazes de suprir os cidadãos de todos os bens necessários, da batata ao automóvel, mas falharam de tal forma que o regime acabou incinerado numa monumental fogueira anticomunista.

O russo da atualidade é muito parecido com o brasileiro. Os dois são caiapós saídos da taba que observam com inveja as econômicas ricas e estáveis do Primeiro Mundo<sup>613</sup>.

Uma vez que a agenda da “descoletivização” e da “descomunização” havia sido escolhida para ditar os rumos da reforma, ainda faltava decidir como implementá-las e suportar o descontentamento ao mesmo tempo. Os regimes socialistas teria partido para uma tentativa de pacto social em torno da abertura econômica. Também tentou elaborar uma predição para o desfecho das reformas ao tentar comparar o desenlace da situação iugoslava com a dos demais países do Leste – em uma rara ocasião na qual reconhece a diversidade interna dos regimes socialistas.

Independente e não-alinhada, a Iugoslávia fez tudo antes de seus vizinhos do bloco soviético, desde a autogestão nas empresas estatais a sucessivos pactos sociais com os trabalhadores. Foi em vão. Como nos outros países do Leste Europeu, deu tudo errado<sup>614</sup>.

A tentativa de pacto social, com o Solidariedade na Polônia, com o multipartidarismo emergido da fragmentação do partido na Hungria, com as frentes nacionais na URSS, como na Iugoslávia, estariam fadados ao fracasso, e com eles, a possibilidade de reformas bem sucedidas. Essa visão de *Veja* de baixa expectativa em torno de pactos sociais não era algo novo ou aplicável apenas ao Leste, como destacava desde 1985: “A febre paralisante: o pacto social da Nova República que poria uma trégua entre sindicatos e empresários acabou”<sup>615</sup>.

<sup>612</sup> RANSCHBURG, André. *Veja*, nº 1087, 12/07/1989, 6. Entrevista por Fábio Altman.

<sup>613</sup> NETO, Antenor Nascimento. A chave da fortuna. *Veja*, nº 1199, 11/09/1991, 80.

<sup>614</sup> Terremoto no Leste. *Veja*, nº 1074, 05/04/1989, 50.

<sup>615</sup> *Veja*, nº 870, 08/05/1985, 36.

Jaruzelski dependeria da ajuda do Solidarnosc para sustentar suas medidas de liberalização, baseadas na lei de privatização, do capital estrangeiro e da livre iniciativa<sup>616</sup>. O plano era usar o Solidarnosc tanto como um interlocutor com credibilidade junto às massas, coisa que o regime não teria, quanto um bode expiatório para o aumento de preços e o fechamento de fábricas deficitárias programados pelo governo, ação da qual não gostaria de receber os créditos. Mas o sindicato vinha se negando a isso. Essa meta, cara ao programa liberal tanto de Walesa quanto de Mazowiecki, desaparece por alguns meses da agenda do Solidarnosc, assim que passa a formar o governo, e conta com o silêncio de *Veja*, que considera isso mais importante que o consenso de ambos em torno de tais medidas<sup>617</sup>. Finalmente os subsídios foram cortados, as medidas liberais aplicadas, a terapia de choque do Plano Balcerowicz confirmada, mas “no último dia de governo do general” não “lotou as prateleiras”. Mas este anticlímax era devido ao PC polonês, e não à agenda liberal. Aquele deixou 40 bilhões de US\$ em dívidas, 10% com o Brasil, e 40% de inflação apenas em agosto<sup>618</sup>.

*Veja* indica a existência de dois modelos de abertura para os países socialistas: o polonês, com capitalismo e liberalismo político e econômico, ou o chinês, com economia capitalista e o governo comunista tirânico. Gorbachev se inclinava ao primeiro modelo. A linha-dura, em oposição à Gorbachev, a segunda. Portanto o cenário soviético seria o de um banho de sangue chinês, ou de uma “libanização”, como seu especialista Brzezinski prognosticou, e não o de uma transição pacífica polonesa<sup>619</sup>. As transformações causadas pela transição econômica eram dignas de nota:

Nesse comunismo de feições ricas – pelo menos em comparação com os Estados marxistas da África, da Ásia e a vertente cubana – está acontecendo hoje, num ritmo vertiginoso, aquilo que Marx e Engels apontaram como característico do capitalismo no Manifesto: “Todas as novas relações se tornam antiquadas antes que cheguem a ossificar, tudo o que é sólido desmancha no ar, tudo que é sagrado é profanado”. Na Europa comunista tudo que é sólido desmancha no ar e tudo se transforma no seu contrário. Na Hungria a maré reformista chegou ao ponto de o governo permitir a existência de uma Bolsa de Valores, de aprovar o pluripartidarismo e incentivar cadeias ocidentais como McDonalds, Benetton e Adidas [...]. Na Iugoslávia, o primeiro-ministro Ante Markovic defende pontos de vista que, em termos de ortodoxia capitalista, são de fazer inveja a um Roberto Campos. Na Polônia, o general Jaruzelski reclama dos manifestantes que chamam os governantes de “comunas”, e o líder do Solidarnosc,

<sup>616</sup> Mão estendida. *Veja*, nº 1065, 01/02/1989, 41.

<sup>617</sup> No mesmo barco. *Veja*, nº 1087, 12/07/1989, 50.

<sup>618</sup> O impossível acontece. *Veja*, nº 1093, 23/08/1989, 48-49.

<sup>619</sup> O desafio da massa. *Veja*, nº 1089, 26/07/1989, 48.

Lech Walesa, é cada vez mais chamado de “conservador e contemporizador” pelas bases de sua central sindical<sup>620</sup>.

Tudo muda num ritmo vertiginoso. “A crise do regime se manifesta quase cotidianamente”, como no acordo comercial no qual o merchandising iria “transformar um astronauta russo num similar de Ayrton Senna: uniforme e capacetes cobertos de logotipos de empresas ocidentais”, ou nos contratos multibilionários que preveem a formação de empresas de capital misto com os maiores conglomerados estadunidenses, que poderão remeter os lucros para o país de origem. “No centro desse terremoto no mundo do comunismo rico está a figura de Gorbachev” A Hungria já havia dado a “marcha à ré na rota traçada por Lenin”, como poderia se constatar pelas manifestações anti-russas liberadas pelo governo, nas

cintilantes vitrines da Rua Vai – a meca do consumo no coração de Budapeste”, “repletas de consumidores ávidos por gastar, com as últimas novidades importadas do Ocidente, o lucro amealhado em atividades particulares [...].

No intervalo de um ano, foram feitas mais mudanças do que em duas décadas de reformas conduzidas sob o comando de Kádár, o primeiro cacique do bloco soviético a arejar a economia com frestas por onde entravam revigorantes lufadas de capitalismo [...]. Sob o novo maestro, a orquestra acelerou o ritmo. Rapidamente, a economia está se libertando das rédeas do Estado: as empresas já operam quase que totalmente afinadas com as leis de mercado, a maioria dos subsídios foi suprimida e os alimentos e bens de consumo passaram a ser vendidos sem nenhum tipo de tabelamento de preços. O câmbio foi liberado e os negócios da Bolsa de Valores crescem como bola de neve<sup>621</sup>.

Qual seria a razão para o regime optar por uma política econômica que procurava proporcionar “revigorantes lufadas de capitalismo”, ainda segundo o modelo de modernização do comunismo, cada vez mais relegada pela impressão de uma transição econômica?

A crise econômica fornece a chave para entender a disposição do regime húngaro em pisar tão fundo no acelerador da abertura. Durante alguns anos, o “socialismo goulash” de Kádár – uma mistura de repressão política e relativa liberdade econômica tão original como a comida típica do país – transformou a Hungria num mar de prosperidade no Leste Europeu<sup>622</sup>.

Com esse processo, se endividou junto aos bancos ocidentais para manter o nível de consumo da população. Um sistema que estourou em 1982 com a moratória da dívida junto ao FMI. Com um parque industrial obsoleto e incapaz de competir com o Ocidente, não restaria outra saída além das reformas. Se o regime abandonava o poder que desfrutava sobre a condução

<sup>620</sup> Terremoto no Leste. Veja, nº 1074, 05/04/1989, 42.

<sup>621</sup> Aberto para reformas. Veja, nº 1074, 05/04/1989, 46-47.

<sup>622</sup> Idem, 47.

econômica do país, conseguia preservar suas posições por mais algum tempo, ao menos até novas eleições gerais. Tal situação impunha uma dinâmica cada vez mais própria e acelerada:

A rapidez do processo de mudança na Hungria faz a novidade de ontem parecer, amanhã, peça de antiquário. Entre 1970 e 1987, o país restabeleceu a propriedade privada no campo, entrou para o FMI, se abriu para o capital, adotou o imposto de renda e inaugurou uma Bolsa de Valores. E o ritmo só faz acelerar<sup>623</sup>.

Principalmente após a queda de Kádár. O pluripartidarismo e empresas com 100% de capital estrangeiro foram aprovados em janeiro de 1989, à revisão histórica do passado do país teria ocorrido em fevereiro e março, e o início da dispersão do PC local, igualmente em março. As legendas das fotos são explícitas: “O centro de Budapeste, paraíso do consumo: roupa nova para os novos ricos”, com a imagem das vitrines iluminadas e transeuntes com roupas de grife, ou “modelo desfila casaco de peles: as caras felizes do capitalismo”. Também há filas, com uma diferença quanto a abertura russa, “as filas não são para comprar batatas”. Essas novas liberdades econômicas usufruídas por parte da população criariam um foco de apoio às reformas e uma garantia da impossibilidade de retrocessos:

Ressuscitando as diferenças sociais, as reformas estão alargando o abismo entre a pequena burguesia endinheirada e o cidadão comum. O risco de uma situação social explosiva é crescente, num país educado à sombra do igualitarismo, mas entre os dirigentes húngaros predomina a convicção de que a liberalização política e econômica é uma viagem sem bilhete de volta. “Retroceder, a esta altura seria como tentar enfiar a pasta de dentes de volta ao tubo”, define Imre Pozsgay, o mais ardoroso defensor das reformas na cúpula do PC<sup>624</sup>.

Com a queda do Muro a noção de transição econômica se impõe de vez sobre a de incorporação de elementos capitalistas ao comunismo. Não se tratava mais de modernizar o sistema, mas de trocá-lo. Esse é o tema da matéria “O bloco da mudança: a nova estação de reformas na Europa Oriental sacode a ordem estabelecida no pós-guerra, abrindo uma era de riscos e oportunidades”. A divisão da Europa em zonas delimitadas ocupadas por regimes econômicos antagônicos havia se encerrado. O capitalismo triunfava mas ainda não de maneira segura e inequívoca. O congresso do PC da Hungria se transformou em “cinco dias que abalaram o mundo”. O PC foi dissolvido e substituído pela legenda de Partido Socialista Húngaro, a propriedade privada foi reconhecida como força motriz da economia, foi preconizado o socialismo democrático. Tais medidas teriam sido tomadas porque o partido pretendia vencer as

<sup>623</sup> Aberto para reformas. Veja, nº 1074, 05/04/1989, 47.

<sup>624</sup> Idem, 49.

eleições livres e não ser massacrado, como o PC polonês, que *Veja* agora que também mudaria de nome e de programa, como inspiração da reforma húngara. O pacote econômico polonês, o Plano Balcerowicz, era “um programa econômico que pretende fincar o país no caminho do capitalismo” que “parece ter saído de um manual de economia liberal”. Ambicionava instituir quase instantaneamente, até 1991, o livre mercado, ações, bolsa de valores, e privatizar ou fechar as estatais<sup>625</sup>. A reviravolta dos partidos comunistas, adotando o receituário neoliberal, também proporciona para *Veja* a oportunidade da desmoralização política, como é o caso da reportagem “Primavera em Berlim”, onde ela pede ao leitor que “tente adivinhar o autor das seguintes frases”:

- \* Partimos do princípio de que os cidadãos podem fazer tudo o que não é expressamente proibido pela lei;
- \* O país deve abrir-se a um mundo onde a interdependência mútua é cada vez mais evidente;
- \* O comércio exterior é uma questão de sobrevivência<sup>626</sup>.

Este era o pacote do novo primeiro-ministro, Hans Modrow, que sucedeu a linha-dura. O PC teria adotado um discurso liberal e democrático “normal”. “Um rápido, ansioso e abrangente plano de mudanças” com a adoção da liberdade de reunião, associação e imprensa, divisão dos três poderes, fim do uso dos órgãos de segurança estatais contra a oposição, liberalização e participação feminina, abolição das lojas, escolas, hospitais para a burocracia, além de adoção da perestroika, que define a essa altura como a “conciliação” do plano com as leis de mercado, privatizar as pequenas empresas e dar autonomia para os diretores das grandes. A imagem é de um país que estava deixando o Antigo Regime do século XVIII<sup>627</sup>.

Com o colapso do regime alemão oriental, a transparência e a “verdade” teriam atingido a situação real de sua economia. O que foi apresentada como a mais dinâmica economia do Leste em 1988, e em algumas poucas citações em matérias de *Veja*, na realidade estaria completamente endividada, interna e externamente, com uma inflação de 12% ao ano, e uma cotação real de 10 marcos orientais para cada marco ocidental. Com o título “Choque de capitalismo”, aponta que tal desvalorização forçaria os trabalhadores especializados a migrar para o lado ocidental, os produtos orientais subsidiados iriam parar no Ocidente, vendidos a “preço de banana”,

<sup>625</sup> O bloco da mudança. *Veja*, nº 1101, 18/10/1989, 60.

<sup>626</sup> Primavera em Berlim. *Veja*, nº 1106, 22/11/1989, 106.

<sup>627</sup> *Idem*, 106.

aumentando o buraco nas contas do combalido regime. Esses foram os motivos para a construção do muro em 1961 e seriam a razão da inviabilidade do regime<sup>628</sup>.

Na URSS, as inconstâncias de Gorbachev serviram para que a noção da modernização do sistema conseguisse sobreviver até a queda do Muro. A luta política prosseguia entre Gorbachev e Ligachev. Enquanto um desejaria entregar a terra ao trabalhador, o outro foi à Tchecoslováquia para mostrar como a agricultura coletiva pode encher as prateleiras. Esse argumento teria sido desmanchado ao Gorbachev mostrar o “atestado de falência” da coletivização do campo, ao preço de 13 milhões de vidas. A atualização da intervenção estatal na economia, com a criação do GOSAGROPOM (superministério da Agricultura) por Gorbachev, era rechaçada com sua extinção pelas mãos do próprio Gorbachev, que afirmara que foram as fazendas coletivas que sabotaram a produção na safra de 1988-89 e por isso deveriam ser arrendadas<sup>629</sup>. Poucos meses depois, é com desalento que *Veja* vê o secretário-geral tentando reativar a agricultura não mais com o livre mercado e a iniciativa individual baseada na posse da propriedade, mas ameaçando a burocracia com expurgos caso a produção não aumentasse<sup>630</sup>.

Essa incapacidade de se decidir entre estatismo e livre iniciativa particular seriam as causas para a crescente crise econômica. A URSS passava pela maior crise de abastecimento desde a Segunda Guerra<sup>631</sup>. A perestroika tornou-se o caos e piorou a produção. Até a batata – o item mais procurado – estava em falta. Esse caos seria provocado não pela reforma, mas pelo fracasso do comunismo, e a indecisão de suprimi-lo rápida e definitivamente. A perestroika tentaria construir-se sobre um morto, o modelo estatizante e centralista. Compara a agricultura soviética com a americana, sua produção e a proporção da PEA envolvida (18% contra 3%), o que constituiria o “atestado de falência” do sistema comunista.

Diante da linha gradualista de Gorbachev, que pede calma ao povo e diz que “só haverá mudanças em cinco anos”, a figura de Yeltsin começa a ganhar cores diferentes da de líder “populista” e “imprudente”, como *Veja* o havia retratado até então, na medida em que diz que “se elas não ocorrerem já, estourará a revolução”. Era a primeira vez que uma terapia de choque era cogitada. Ainda assim, Yeltsin estaria equivocado quanto as suas predições. Para *Veja*, o povo soviético esperava melhoras em sua condição pacientemente fazia 70 anos, enquanto passava

---

<sup>628</sup> Primavera em Berlim. *Veja*, nº 1106, 22/11/1989, 108.

<sup>629</sup> A terra liberada. *Veja*, nº 1072, 22/03/1989, 43.

<sup>630</sup> Estrela sem brilho. *Veja*, nº 1087, 12/07/1989, 54.

<sup>631</sup> *Veja*, nº 1096, 13/09/1989, 48.

pelas piores calamidades, da revolução, guerra, terror, estagnação. Sempre com a esperança de chegar ao paraíso comunista. Ele esperaria mais um pouco, mas dentro de certos limites. As primeiras greves em 70 anos são a prova de que estes limites estavam sendo rompidos, mas não decisivamente, ainda. Ou seja, para *Veja*, por piores que fossem as chances da perestroika atingir seus objetivos traçados pelo novo economista número um do Kremlin, Abalkin, que previa que a maior parte da economia deveria estar em mãos privadas até o ano 2000, sua maior chance de sucesso reside na complacência do povo para passar por dificuldades. Os tormentos da liberalização econômica não seriam nada demais pois ao menos prometem um paraíso mais palpável que o comunista<sup>632</sup>. “Abalkin [...] segue adiante numa retórica digna de um Delfim Netto: “O mercado financeiro é o mais importante componente do mecanismo de mercado” e seria um “passo necessário a ser dado”<sup>633</sup>. As inovações continuavam.

Esta cada vez mais difícil ser comunista no país que, durante décadas, foi o farol que guiou os comunistas do mundo inteiro [...].

Numa votação histórica, o Soviete Supremo [...] liquidou um dos dogmas que sustentaram o regime implantado em 1917: a propriedade estatal dos meios de produção<sup>634</sup>.

Ao fim de 1989 afirmava que, “mais popular no Ocidente do que entre os soviéticos, Gorbachev enfrenta o desafio do frio, das prateleiras vazias e das rebeliões nacionalistas”. Gorbachev seria popular no Ocidente por suas reviravoltas e a inflexão da imagem da URSS, já que “as duas superpotências passam a se encarar mais como parceiras do que como inimigas”, deve-se a ele a queda do Muro de Berlim e a prisão de seus construtores, Praga estava há três semanas em uma revolução pacífica, e agora ele se reunia com Bush ao largo de Malta. Porém, em seu próprio país, é visto “como um governante incapaz de dar conta do recado em questões básicas, como a unidade do país e a comida na mesa de seus habitantes”. Citando Roy Medvedev, diz que “Gorbachev acreditava que, depois de cinco anos de glasnost, o povo soviético estaria vivendo melhor. Aconteceu o contrário, a situação se deteriora a cada dia”. Sem dizer claramente, menciona o retorno dos talões de racionamento em 1989. “Pela primeira vez desde a Segunda Guerra, produtos como a carne, a manteiga e o sabonete estão sendo racionados em muitas regiões. Em alguns locais, a ração mensal de carne é de apenas um quilo por pessoa”<sup>635</sup>. Não

<sup>632</sup> *Veja*, nº 1089, 26/07/1989, 50-51.

<sup>633</sup> Terapia de choque. *Veja*, nº 1109, 13/12/1989, 66.

<sup>634</sup> Voto de protesto. *Veja*, nº 1121, 14/03/1990, 57.

<sup>635</sup> O general inverno. *Veja*, nº 1109, 13/12/1989, 62.

deseja citá-los porque uma das imagens do novo discurso anticomunista é a presença dos talões como algo natural ao sistema. Apenas agora *Veja* indicava quando e como o sabão faltou para os mineiros que acabavam seu turno de trabalho, e que foi o estopim para a greve maciça dos mineiros. Com a greve, a produção de carvão caiu 15%, e com ele trens, fábricas, termoelétricas, o aquecimento, entraram em crise. 40 milhões de soviéticos estavam abaixo da linha da pobreza. “A única coisa que cresceu é a criminalidade”.

O subtítulo usado era “Feitiço contra o feiticeiro”. A causa da crise econômica era a esperança de Gorbachev poder reformar o socialismo. Ao acabar com o centralismo, concedendo aos diretores de fábrica, agora eleitos pelos operários, a autonomia para decidirem os próprios gastos, invés de melhorarem a produção, aumentaram os salários – seus e dos trabalhadores. O que causou algo inédito: inflação num país socialista. A existência de “muito dinheiro na praça para poucos produtos” teve efeitos psicológicos sobre as massas. “Involuntariamente, a perestroika despertou na população o afã de comprar e estocar produtos”. Para se prevenir da escassez, já que dispõe de maiores salários e, ou os utilizam ou ficam inúteis, compram tudo o que podem, o que só piora o racionamento. “Moradores de Moscou na fila para comprar alimentos: de 1200 produtos de consumo diário, 1000 estão em falta”. As autoridades torram as reservas de ouro para comprar seis vezes mais bens de consumo estrangeiros do que no ano anterior, porém as mercadorias não chegam às lojas. O caótico sistema de distribuição afeta os hospitais, onde ocorre a “falta de remédio, agulhas descartáveis, desinfetantes e até algodão [...], produtos de higiene”, o que causou uma epidemia de piolhos dentro dos hospitais<sup>636</sup>.

*Veja* lembra que Gorbachev era advogado, e não um economista – numa posição muito diferente de 1985<sup>637</sup>. Por isso, “ele sabe aonde quer ir, mas não o caminho para chegar até lá”. O programa de Abalkin postergaria o “paraíso socialista” para depois do ano 2000 – mesmo prevendo a privatização da maior parte da economia nacional nesse período de tempo – e a população acha que “a coisa está tão ruim que não é mais possível esperar” – o que também era uma negação de sua previsão da manutenção da paciência popular russa<sup>638</sup>. A possibilidade de um comunismo atualizado teria morrido com a queda do Muro e dos regimes leste-europeus.

Como um bumerangue, o furacão que pôs abaixo os regimes comunistas do ex-bloco soviético volta agora toda a sua força em direção ao ponto de origem. A dúvida já não

<sup>636</sup> O general inverno. *Veja*, nº 1109, 13/12/1989, 63.

<sup>637</sup> Um garoto no Kremlin. *Veja*, nº 863, 20/03/1985, 70.

<sup>638</sup> O desafio da massa. *Veja*, nº 1089, 26/07/1989, 51.

parece ser quanto a possibilidade de o comunismo sobreviver na URSS, mas, sim, quanto a maneira que ele será extinto<sup>639</sup>.

Ainda assim, “a própria economia soviética [...] não é um “caso perdido””, mesmo em crise se mantém como a principal produtora de um grande número de artigos. “Esta não é uma sociedade a beira da fome ou do colapso”, avalia um veterano diplomata estrangeiro”. O que faltaria era uma “agenda de pronta execução” e a segurança da continuidade das reformas. Ou seja, a terapia de choque ou uma transição dentro de um período aceitável, a legalidade da propriedade e a manutenção dos reformistas no poder. Se a economia continuar a se abrir e a ser privatizada, as boas relações com o Ocidente forem aprofundadas, permitindo a importação de tecnologia, o fim dos embargos e o desarmamento, a economia soviética pode “sair do atoleiro” e ser tornar florescente. O plano dos assessores de Gorbachev seria uma boa saída, principalmente tendo em vista o plano mais gradual e com objetivos mais restritos proposto pelo primeiro-ministro Ryzhkov. É o que indica o box “Terapia capitalista”, em que cita que o plano Abalkin prevê a desnacionalização da maior parte da economia, a privatização das empresas deficitárias e a conversibilidade do rublo até o ano 2000<sup>640</sup>. Tratava-se de uma “Segunda Revolução, ao fim da qual é difícil imaginar o que sobrar da primeira, a de 1917”<sup>641</sup>. Mas novamente Gorbachev teria se demonstrado um líder fraco, perdendo a disputa para o plano Ryzhkov no Soviete Supremo. Até que uma nova oportunidade aparecesse. Com o agravamento da crise e a implantação da terapia de choque na Polônia, o gradualista plano de Ryzhkov foi suspenso e novamente o pacote intermediário de Abalkin e o radical de Shatalin (BOETTKE, 1993, 41) foram postos à mesa:

No dia 14, o governo esteve a um passo de baixar um pacote que inclui o fim dos subsídios, preços livres e privatização da maioria das estatais [...], o plano foi adiado. Gorbachev teme a inflação e o desemprego que o pacote provocará<sup>642</sup>.

A propensão do próprio Gorbachev para uma terapia de choque ao invés do gradualismo atrai a atenção da revista. Se tal linha fosse adotada na pátria do socialismo, serviria como uma fórmula para a pressão pela aplicação do mesmo receituário e nos mesmos prazos exíguos no Brasil também. Seria ao mesmo tempo um veículo de demandas político-econômicas quanto ao programa de desestatização de Collor, recém-eleito, e prometido durante a campanha, como um

<sup>639</sup> Guerra de secessão. Veja, nº 1113, 17/01/1990, 45.

<sup>640</sup> O general inverno. Veja, nº 1109, 13/12/1989, 64-66.

<sup>641</sup> Comunismo, adeus. Veja, nº 1111, 31/12/1989, 105.

<sup>642</sup> Gorbachev no olho do furacão. Veja, nº 1127, 25/04/1990, 34.

apoio na medida em que fosse aplicado (SILVA, 2009, 29). Para *Veja*, os assessores do Kremlin teriam tentado provar que a única salvação da combalida economia soviética era a terapia de choque, mas Gorbachev continuou “indeciso”<sup>643</sup>. O título de *Veja* para o ocorrido é ilustrativo: “Opção capitalista: com um pacote econômico liberal, o Kremlin dinamita os pilares do comunismo e finca os alicerces de um sistema de mercado”. O que viria rapidamente a se tornar o antiquado Plano Abalkin, com duração prevista de 10 anos, acabou por substituir o Plano Rhyzhkov. Por quatro ou cinco anos os russos ficariam “com a face mais feia do capitalismo”, com inflação e desemprego. As “benesses da economia de mercado, como as prateleiras cheias, o mercado livre, a propriedade” chegariam por volta de 1993. Estas afirmações, vindas do governo em cadeia nacional, provocaram pânico entre a população, e uma corrida para a formação de estoques, o que fez as poucas mercadorias ainda acessíveis sumirem de vez. Mas o plano teria tudo para funcionar. Gorbachev decidiu “convidar especialistas estrangeiros para opinar sobre a correção das medidas propostas, entre eles os estadunidenses Jeffrey Sachs e Nilton Friedman, o guru do neoliberalismo”. Ainda segundo *Veja*, Sachs seria o pai de planos de estabilização econômica bem sucedidos. A ajuda ocidental no novo mundo dos negócios soviéticos não teria parado por aí<sup>644</sup>. O recém nomeado embaixador estadunidense em Moscou, Robert Strauss, “encarnação do capitalismo”, iria “ensinar o russos a ganhar dinheiro”<sup>645</sup>. Faz então um resumo das tentativas de reforma econômica e como cada uma delas fracassou. 1985 foi o ano da “campanha pela disciplina no trabalho e contra o alcoolismo”, 1987 foi o ano “tentativa de descentralizar as decisões econômicas”, que “resultou em caos, inflação e escassez de mercadorias”. Agora seria a vez não da reforma, mas da descomunicação e do livre mercado<sup>646</sup>.

Para o pacote de transição objetiva ao capitalismo ser aplicada faltava apenas a chancela de Gorbachev. Mas esta não veio. Tal atitude levou a revista a caracterizar o presidente da URSS com a ajuda de opiniões nada simpáticas a ele. Cita a *Newsweek* para afirmar que

Exibe uma “compreensão incompleta da sociedade soviética, não tem conhecimentos de economia, sua visão do futuro é estreita e vaga, e para a maioria de seu povo aparece como um líder que não convence” [...]. Muitos analistas, entretanto, acreditam que existe uma boa dose de exagero na maneira como as dificuldades de Gorbachev são apresentadas – talvez com a própria ajuda dele, a fim de obter do Ocidente um tratamento mais camarada<sup>647</sup>.

<sup>643</sup> Democracia dói. *Veja*, nº 1129, 09/05/1990, 41.

<sup>644</sup> Opção capitalista. *Veja*, nº 1132, 30/05/1990, 31.

<sup>645</sup> *Veja*, nº 1186, 12/06/1991, 33.

<sup>646</sup> Opção capitalista. *Veja*, nº 1132, 30/05/1990, 30-32.

<sup>647</sup> Operação Resgate. *Veja*, nº 1133, 06/06/1990, 47.

Não um herdeiro da tática soviética de auferir vantagem em tudo, nem um irresoluto e incompetente estadista. Mas, talvez ambas, as coisas, de acordo com *Veja*. A situação econômica continua a se degradar. Por fim, convida seu novo assessor econômico número um, Petrakov, que eclipsa parcialmente a Abalkin, além de outros, como Primakov, para reformular o plano de choque de Shatalin, já coligado com Yeltsin. O novo plano era uma tentativa de coligação política e econômica de Gorbachev, e suas bases reformistas em refluxo, e de Yeltsin, com seu crescente apoio reformista radical. O plano previa a transição para a economia de mercado em 500 dias, invés dos 300 dias originais (BROWN, 1996, 150-151). *Veja* usa o título “Pão e planos: falta tudo e Gorbachev tenta outro programa”. O antigo slogan bolchevique poderia ser ressuscitado pois faltaria até mesmo pão “há algumas semanas”. Tal situação teria sido a gota d’água que faltava para a adoção da terapia de choque. O plano Shatalin-Yeltsin teria sido copiado por Petrakov-Gorbachev, que apresentaram uma versão mais branda quanto ao controle administrativo, mas igualmente pró-mercado.

Além de privatizar estatais, indústrias, comércio e fazendas coletivas, os planos abrem espaço para empreendimentos com capital misto, preveem cortes profundos nos gastos públicos e liberalização gradual dos preços [...], a transferência da maior parte da autoridade econômica do governo central para as repúblicas<sup>648</sup>.

Tal tentativa de mitigar o desemprego e a inflação servia apenas para descontentar os radicais de Yeltsin e os gradualistas de Rhyzhkov. No prazo de um mês *Veja* passou a conceder importância às justificativas de Yeltsin frente as de Gorbachev, como a acusação de que seu objetivo era o de “preservar o sistema burocrático”. Na matéria “A festa esquecida: aplaudido no exterior e criticado em casa, Gorbachev, o novo Nobel, anuncia o roteiro do capitalismo na URSS” ela aponta alguns detalhes dos diferentes planos postos sobre a mesa. O de Shatalin-Yeltsin previa a extinção imediata de empresas deficitárias, de subsídios e preços definidos pelo Estado, e a completa soberania das repúblicas sobre suas economias e recursos naturais, o que também foi vetado no Plano Petrakov-Gorbachev. Entretanto, a realidade já estaria pondo em prática o confederativismo de Yeltsin: “Cada república agora adota sua própria política econômica, lixando-se para as consequências sobre as demais”<sup>649</sup>.

No vazio de poder, cada república, cada região, e em alguns casos, até mesmo cada cidade se julga no direito de atropelar, em seu próprio interesse, os regulamentos que,

<sup>648</sup> Pão e planos. *Veja*, nº 1148, 19/09/1990, 54.

<sup>649</sup> A festa esquecida. *Veja*, nº 1153, 24/10/1990, 54-56.

bem ou mal, mantiveram o país em funcionamento durante 70 anos de comunismo. As repúblicas tomam decisões e o poder central as bloqueia. O poder central manda e as repúblicas não obedecem. O nome disso é bagunça<sup>650</sup>.

O fracasso do comunismo teria deixado a URSS como “uma Etiópia grande e gelada” que necessitava da ajuda da caridade internacional até para alimentar seu povo<sup>651</sup>. Mas a lista de calamidades enfrentadas pelos soviéticos não havia chegado ao fim ainda. Por algumas semanas *Veja* havia alertado para a ocorrência do mesmo problema de excesso de moeda que ocorreria no Brasil<sup>652</sup>, e que se “deveria ir mais longe e imitar o governo brasileiro: confiscar dinheiro e criar uma nova moeda”. É o tema da reportagem “Rublos na fogueira: ao estilo brasileiro, Gorbachev baixa seu pacote contra a inflação: confisca a poupança e tira de circulação 1/3 de todo o dinheiro”.

A cena não se passou no Brasil, os calendários não marcavam a data de 15 de março de 1990 e o homem que apareceu nos vídeos lendo o draconiano discurso não se chamava Fernando Collor de Mello.

Tanto lá como aqui, a primeira vítima foi o instrumento mais importante de uma sociedade civilizada: a confiança do povo nos bancos e no governo<sup>653</sup>.

Para *Veja*, alguma medida teria que ser tomada com o fim dos subsídios, revisão de preços tabelados e o aumento da importância do mercado negro. O pacote anti-inflacionário de Gorbachev, no entanto, apresentava vários problemas. A maioria do dinheiro não estava em bancos, mas “debaixo dos colchões”, invés de ser um pacote imediatista e inadvertido, foi dado o prazo de três dias para a retirada de parte da poupança – o que serviu apenas para levar o país ao clima de pânico, eliminou a parca confiança popular no governo e nas instituições bancárias e ainda deixou intocada a maior cauda da inflação soviética, que seria a emissão descontrolada de rublos pela Casa da Moeda como forma de sustentar o gigantesco déficit orçamentário e da balança comercial dos últimos anos. Como *Veja* sugeriria meses depois, “lá é bem pior” que o Brasil de Collor<sup>654</sup>.

O fim de 1990 e o início de 1991 seriam marcados pela “guinada à direita” de Gorbachev. Estranhamente, várias medidas econômicas impopulares que *Veja* vinha defendendo por meses a fim, diante da vacilação de Gorbachev em tirá-las do papel, passaram a configurar em “passos do retrocesso” político da liderança, em direção ao antigo sistema totalitário. Medidas

<sup>650</sup> Chute na barraca. *Veja*, nº 1162, 26/12/1990, 41.

<sup>651</sup> *Idem*, 40.

<sup>652</sup> Uma reforma à brasileira. *Veja*, nº 1170, 20/02/1991, 67.

<sup>653</sup> Rublos na fogueira. *Veja*, nº 1167, 30/01/1991, 48.

<sup>654</sup> *Idem*, 48-49.

como o confisco, as preocupações com a inflação, o fim dos subsídios e dos preços controlados agora representariam uma escalada na repressão, e não mais na liberdade econômica, como afirmando anteriormente. O novo primeiro-ministro e ministro da Economia, Valentin Pavlov, é chamado “inimigo da economia de mercado”, e este é sugerido como seu maior atributo para assumir a pasta<sup>655</sup>. Mas nada conseguiria impedir o esfacelamento econômico do país. “A contabilidade do caos” teria forçado a um breve armistício entre conservadores e radicais<sup>656</sup>. Deste momento provêm as acusações diretas mais pesadas, como “no Ocidente, o fantasma de um Mikhail Sergueievich Pinochev instalado na Praça Vermelha deixou de ser um exercício de ficção política a partir da renúncia de Shevardnadze”<sup>657</sup>, “Gorbachev: linha dura na política e vacilação na economia”, ou a crítica ao “seu comportamento ambíguo, sempre à procura do lugar mais confortável acima do muro, aparece também quando o assunto é economia”, ou “arrancar de um Parlamento dócil o direito de legislar por decreto. Isso lhe tem permitido empurrar a crise com a barriga, ajudado pelos donativos do Ocidente”<sup>658</sup>, ou ainda comparar a luta pelo poder entre ele e Yeltsin como uma reedição da luta entre Trotsky e Stalin, em que cabia à Gorbachev o último papel: “como o ditador, o pai da perestroika hoje governa apoiado principalmente no aparelho do partido, enquanto que seu rival – como Trotsky no passado – aposta na força das multidões”<sup>659</sup>. Yeltsin havia de fato ganho a predileção da revista, a ponto de ser comparado e legitimado como o novo Trotsky lutando contra o novo Stalin. A constituição da página reforça essa comparação. Na página da esquerda, Yeltsin em gesto de vitória. Na da direita, um carrancudo Gorbachev – foto certamente tirada durante a pose pétrea da liderança soviética na parada militar do Grande Outubro, uma vez que o revestimento do Mausoléu de Lenin é facilmente reconhecido. Não se trata do desfile do Dia da Vitória nem o do Primeiro de Maio porque Gorbachev está encapotado.

A nova guinada de Gorbachev de meados de 1991, agora tecendo alianças para um retorno ao campo reformista, provoca, igualmente, uma reviravolta na cobertura de *Veja*. Os meses de aliança com os conservadores não teriam resultado em qualquer avanço ou ganho para o Kremlin.

---

<sup>655</sup> Boris, o terrível. *Veja*, nº 1176, 03/04/1991, 28.

<sup>656</sup> A contabilidade do caos. *Veja*, nº 1180, 01/05/1991, 49.

<sup>657</sup> Chute na barraca. *Veja*, nº 1162, 26/12/1990, 42.

<sup>658</sup> Rublos na fogueira. *Veja*, nº 1167, 30/01/1991, 49.

<sup>659</sup> Boris, o terrível. *Veja*, nº 1176, 03/04/1991, 27.

Ciente destes obstáculos, o presidente Mikhail Gorbachev entrou numa nova lua de mel com os reformistas, na clássica manobra de limpar o terreno político para poder mergulhar no atoleiro econômico, e passou a atacar todos os flancos em busca de dinheiro<sup>660</sup>.

O país e sua liderança estariam agora novamente no caminho certo, fazendo empréstimos para conduzir a economia soviética para a tão aguardada modernização. Os ministros Primakov e Pavlov pediram ao FMI US\$ 30 bilhões para reequipar a indústria e outros 250 bilhões em cinco anos para regularizar a oferta de produtos aos cidadãos, além de acenar com a venda das Ilhas Sacalinas ao antigo reivindicante, o Japão.

O pacote pretende transformar a combalida economia da URSS em paraíso do capital externo – que poderá criar empresas sem participação soviética, importar e exportar como quiser e remeter os lucros para o país de origem com grandes facilidades. O projeto ainda dá aos investidores a garantia legal de que nem um súbito revertério das reformas poderá colocar um comissário do povo para nacionalizar as empresas estrangeiras, como ocorreu na Revolução de 1917<sup>661</sup>.

Os soviéticos possibilitavam assim, segundo *Veja*, um verdadeiro exemplo a ser seguido com sua “liberalização total de importações e exportações, com incentivos fiscais e sem impostos” para o Brasil, e um apoio inegável para a necessidade de abertura economia fomentada por Collor.

*Veja* procedeu como partido político entre o fim de 1990 e o início de 1991 no tocante aos temas soviéticos? A tese de Carla Luciana Silva é que ela, para difundir e fortalecer sua agenda político-econômica, atua como um verdadeiro partido: promove alianças, candidatos, outros partidos, enquanto e na mesma proporção que defendem uma bandeira comum, ou exerce pressão para que esta seja adotada, definida ou cumprida. Assim ela pôde defender Collor, atacar seu vice Itamar e apoiar FHC da mesma maneira que cada um implantou sua agenda neoliberal. Agora, aparentemente, ela abandona essa sua bandeira juntamente com o exemplo desregulamentador e anti-inflacionário que a imagem de Gorbachev proporcionava. Este é um falso dilema. As mesmas medidas de Gorbachev eram mais tenazmente e prontamente defendidas por Yeltsin, que é mostrado como uma melhor opção política e econômica que Gorbachev. As bandeiras de Gorbachev podem ser criticadas porque não são tão radicais quanto as de Yeltsin. Agora existia um rival político mais afinado com as proposições de *Veja* e essa alternativa possibilitava a execução do antigo personagem heroicizado e tornado algo muito maior do que

---

<sup>660</sup> Apelo ao capital. *Veja*, nº 1185, 05/06/1991, 26.

<sup>661</sup> *Idem*, 26.

um “criador de eventos” (BROWN; SHEVTSOVA, 2004, 21). Ainda possibilitava uma maior afinidade com os editoriais da mídia conservadora e com as pressões exercidas pelas lideranças ocidentais para que fosse permitida a liberação dos recursos para a economia soviética, legitimando essas mesmas pressões e exigências. 1990 é ainda o período em que *Veja* está indecisa entre o impulsivo Yeltsin frente a morosidade de Gorbachev em implementar a terapia de choque, ou a necessidade da permanência de Gorbachev para que a terapia capitalista continue com segurança<sup>662</sup>. A partir do fim de 1990 não há mais essa dúvida. A imagem de Gorbachev estava desgastada no exterior, em uma proporção muito inferior ao seu desgaste interno, e era interessante desassocia-la da “caça aos marajás” do PCUS para a defesa destes, do receituário de Sachs e do FMI para o fracasso do confisco da poupança – já reconhecido dentro do Brasil.

Durante esse período *Veja* promovia a naturalização da ineficiência e do fracasso econômicos, com a ajuda do especialista Ash, citado a partir de seu livro *Nós, o povo: os regimes “não estavam condenados por problemas econômicos, que, bem ou mal, não foram inaugurados na década de 80, nem na de 70 ou 60”, ou seja, existiram desde sempre*<sup>663</sup>. Se em 1985 a economia soviética estava atravessando um período de baixo crescimento, em 1987-88 ela já teria o baixo crescimento como uma de suas características, em 1989 seria uma “ficção econômica” e em 1990-91 seria inferior até à economia dos tempos czaristas e só teria servido para nivelar por baixo as condições do consumidor durante 70 anos.

### 5.3 Mudanças sociais – 1988-1991

*Veja* dificilmente procurava definir e montar a imagem dos favorecidos com as reformas, ao contrário daqueles que eram contrários às mesmas, já que mais facilmente associáveis aos seus inimigos internos – os funcionários públicos, a burocracia, o corporativismo, o estatismo, etc. Tanto um quanto o outro são simplificados até caberem em apenas uma palavra: renovadores e conservadores, reformistas e conservadores, esquerda e direita. Apenas a partir de 1990 o semanário consegue descrever um cenário social mais complexo, com uma multiplicidade

---

<sup>662</sup> Cáucaso em chamas. *Veja*, nº 1114, 24/01/1990, 38.

<sup>663</sup> Primavera no Leste. *Veja*, nº 1142, 08/08/1990, 89.

de reivindicações, projetos, identidades e interesses. E, com o Golpe de Agosto, novamente esse caldeirão social é comprimido em dois grupos de uma simplicidade mágica: comunistas derrotados e “o” povo. As representações das relações entre sociedade e Estado também sofreram transformações. Até 1987 as massas eram inertes e apáticas, absorvidas pelo totalitarismo do Estado. No fim deste ano percebe sinais de eclosão de um opinião pública e de uma sociedade civil na URSS, que se desdobram nos mais diferentes grupos: nacionalistas, ecologistas e sindicalistas das Frentes Nacionais, contraculturas e movimentos marginais e, vez ou outra, até dá espaço para a presença, ou a indicação desta, de grupos sociais pró-regime e pró-conservadores bem mais variados do que apenas o aparato partidário-estatal.

No início preferia pensar que o apoio às reformas era oriundo de uma questão de transição geracional dos dirigentes do país, daqueles que fizeram carreira nos anos 1930, 1940 e começo dos 1950, sob o stalinismo, para aqueles que a fizeram nos urbanizados e tranquilos anos 1960 e 1970. A exterioridade dos novos líderes era um “marco dos novos tempos” e era para isso que *Veja* lançava sua atenção, como o apuro no inglês e francês e os ternos impecáveis do novo porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, Giorge Grechev<sup>664</sup>. A aparência dos novos funcionários do Kremlin “sugerem que têm fundamento as análises de que há no fenômeno Gorbachev um substrato de geração, ou seja: a ascensão ao comando de uma geração mais educada, segura de si e sofisticada”<sup>665</sup>. Vez ou outra convida algum especialista de segurança para opinar, mas acabou retornando ao tema geracional por duas vezes, enquanto tratou de uma reforma para liberar a iniciativa de quem queria trabalhar mais, como Yevtuchenko<sup>666</sup>, ou uma revolução de classe média, mencionada uma vez:

Segundo Jiri Pehe, intelectual checo exilado nos Estados Unidos, o que está acontecendo na União Soviética é uma revolução de classe média” como na Hungria e Tchecoslováquia, “Essa classe, fundamental para a revolução tecnologia e a modernização pretendidas, teria expectativas mais elevadas de consumo. “Em retribuição ao seu trabalho, os profissionais querem acesso à informação, aos bens e às viagens”<sup>667</sup>.

Em 1987 falava em “Uma sociedade longe da rebeldia: pesquisa de opinião revela conservadorismo”. O ineditismo de uma “pesquisa de opinião à ocidental” por iniciativa vinda de

---

<sup>664</sup> Tropeção na chegada. *Veja*, nº 946, 22/10/1986, 69.

<sup>665</sup> TOLEDO, Roberto Pompeu. A revolução de Gorbachev. *Veja*, nº 986, 29/07/1987, 51.

<sup>666</sup> YEVTUCHENKO, Yevgeny. A liberdade chegou. *Veja*, nº 965, 04/03/1987, 5-6. Entrevista por Mário Sérgio Conti.

<sup>667</sup> TOLEDO, Roberto Pompeu. A palavra e o gesto. *Veja*, nº 986, 29/07/1987, 55.

fora, da imprensa francesa, precisava ser iniciada com as seguintes instruções: “Isto é uma enquete, não um controle. Não há boas ou más respostas. Essencial é a sua sinceridade. Garantimos que sua participação é anônima”. Os dados obtidos apontavam para redutos de condenação popular contra os dissidentes e uma maioria contrária ao multipartidarismo, evidenciando “uma sociedade conservadora, quando não extremamente influenciada pelas posições oficiais de seus líderes”. “Os temas das reformas de Gorbachev merecem todos esmagadora aprovação”, “a ponto de considerá-lo como a segunda personalidade mais importante da História da URSS, logo abaixo de Lenin e acima de Stalin”<sup>668</sup>.

A mobilização pró-Yeltsin, pouco depois, teria formado uma impressão diferente sobre os caminhos sociais da perestroika. Yeltsin fez acusações contra a morosidade da perestroika e dos principais líderes do partido, incluindo aí Ligachev e Gorbachev, “e depois teve ele mesmo de se retratar, no humilhante estilo das autocríticas dos tempos de Josef Stalin”. A autocrítica é da era Kruschchev e não Stalin. Com sua caída em desgraça, todo tipo de boatos apareceram: “Boris Yeltsin está doente. Está gravemente doente. Está morto. No começo da semana passada, corriam os mais funestos rumores”. “Desde então Yeltsin era um homem marcado” e para destituí-lo, a autocrítica foi publicada na íntegra, fez-se “o linchamento moral do acusado”.

Se o Kremlin esperava com isso encerrar o caso, calculou mal. Nos dias seguintes, começaram a espocar demonstrações de solidariedade a Yeltsin, como os abaixo-assinados que, articulados nos institutos dos Arquitetos e dos Engenheiros, pediam que se publicasse o discurso do ex-chefe moscovita na reunião do dia 21 de outubro, da mesma forma como fora publicada a ata da que o demitiu [...]. Outros fatos de tirar o fôlego ocorreram, como uma manifestação de estudantes, organizada entre alunos da Universidade de Moscou – algo inédito no país desde 1917. Ao mesmo tempo, começaram a circular os rumores sobre a doença de Yeltsin<sup>669</sup>.

O que fez as pessoas irem aos escritórios do Partido Comunista em Moscou para exigir informações sobre o estado de saúde de Yeltsin. “Os moscovitas querem saber a verdade sobre a morte de Yeltsin”, dizia um dos panfletos datilografados distribuídos durante a manifestação”. No Teatro Studio os atores interromperam a peça para comparar Yeltsin a Hércules. Um deles “acusou a plateia de ficar parada enquanto “um novo Hércules que havia chegado para limpar a cidade era posto para fora””.

A soma desses fatos trazia a extraordinária inovação de que, pela primeira vez desde que a URSS é a URSS, as artimanhas do Kremlin encontravam, do lado de fora, um ator até

<sup>668</sup> Uma sociedade longe da Rebeldia. Veja, nº 1001, 11/11/1987, 47.

<sup>669</sup> Montanha russa. Veja, nº 1003, 25/11/1987, 58.

agora ausente da política do país – a opinião pública, ou pelo menos, um embrião dela. Nos mais interessados pela sorte da perestroika – intelectuais, estudantes, profissionais de alto nível – calou fundo a desgraça de Yeltsin [...]. Se o Kremlin, ao tentar reabilitar Yeltsin oferecendo-lhe um novo cargo, quis satisfazer aos descontentes – configura-se um fato inédito na História soviética<sup>670</sup>.

Sem acreditar que setores da sociedade poderiam estar desenvolvendo ações independentes de instruções e ordens emanadas do Estado *Veja* procura informações nos veículos oficiais – ou então absorve o que a mídia internacional estampou em suas páginas. O *Pravda*

publicou um artigo de meia página desfechando um ataque contundente contra os esforços da instituição de determinados processos de democratização da sociedade soviética [...] “Brincar de democracia pode terminar em catástrofe”. Apenas dois dias antes, porém, um editorial do próprio *Pravda*, em outro exemplo da rota em ziguezague seguida atualmente pela liderança política da URSS, defendia o avanço das reformas, como se tudo estivesse ocorrendo bem nos bastidores do Kremlin<sup>671</sup>.

A primeira tentativa de demarcar os grupos pró e anti-perestroika ocorreu ainda em 1987. “Na maioria, o barco de Gorbachev é habitado por um povo simples, de expectativas moderadas e que se contenta com pouco”, e que se sentiria incomodada com menor segurança, estabilidade e uma sociedade em processo de diferenciação de renda.

Contra o pano de fundo de uma maioria silenciosa simples e fácil de contentar, porém, também brota uma linha de frente mais aguerrida e ambiciosa. Entre o homem que se satisfaz em vir de trem de Vladivostok, com suas medalhas no peito, e o jovem que sonha tomar o trem de Paris coloca-se outro problema da *perestroika* [sic]. Ela não pode ser tão brusca que assuste a boa gente de Vladivostok. Mas também não pode ser tão lenta que desanime ainda mais o jovem que não pode ir a Paris<sup>672</sup>.

O descontentamento ainda era subterrâneo e atingia apenas parcelas da população com maiores expectativas. A aceleração das reformas foi vista como uma tentativa de modernização controlada, apesar de que reformas seriam mais difíceis que revoluções.

Grandes reformas que nascem de crises são substitutos funcionais das revoluções: servem para impedir que haja uma nova revolução. O sistema no qual está ocorrendo a reforma soviética está longe do clima de revolução. As instituições soviéticas ainda estão solidas, não há vazios de poder<sup>673</sup>.

<sup>670</sup> Montanha russa. *Veja*, nº 1003, 25/11/1987, 58.

<sup>671</sup> *Idem*, 59.

<sup>672</sup> TOLEDO, Roberto Pompeu. A medalha e o sorriso. *Veja*, nº 986, 29/07/1987, 61.

<sup>673</sup> BIALER, Seweryn. Por trás da glasnost. *Veja*, nº 1031, 08/06/1988, 63.

O único perigo seria uma provável absorção da liderança pela inércia. No entanto, para *Veja*, ainda era “difícil identificar a base de poder de Gorbachev fora da máquina partidária”, como era o caso dos “intelectuais, que estão longe de constituir uma base de poder”.

Quando assumiu o poder, pensou que enfrentaria uma muralha de conservadorismo, que ele poderia destruir a golpes de martelo. Em vez disso, Gorbachev encontrou uma resistência esponjosa e a indiferença, capazes de absorver os golpes e ainda devolve-los. Inércia e indiferença predominam mesmo entre os estratos sociais mais cultos e os intelectuais<sup>674</sup>.

Os adversários das reformas sempre foram analisados como os membros da burocracia, temerosos de perder seus cargos e privilégios. Com o processo de reconstrução muito adiantado, passa a percebê-los como um grupo mais variado em sua formação, ocupação e interesses. E também a usar de formas ficcionais para os caracterizar. Como havia feito com o aparato de segurança, usando a literatura de ficção de George Orwell para descrevê-lo, agora usava filmes sobre a luta de um bem e de um mal absolutos para definir os conservadores, ou os encaixar em um personagem, como na matéria “Ataque pela direita: os reacionários do PC saem das sombras e partem para a guerra aberta contra Gorbachev”. A ala conservadora do PCUS atenderia por esta caracterização:

Quase tudo neles lembra os vilões do filme *Guerra nas Estrelas*. Vestem-se invariavelmente de cinza e negro, são poderosos, como os bandidões das histórias em quadrinhos, preferem conspirar nas sombras a expor sua política à luz do dia. Com uma imagem parecida em mente, em 1983 o então presidente americano, Ronald Reagan, chamou a União Soviética de “Império do Mal”. Na semana passada, no entanto, eles decidiram sair do mundo das trevas que durante décadas fez a delícia dos soviólogos. Depois de cinco anos em que juraram apoio à *Perestroika* de dia e fizeram tudo para sabotá-la de noite [a ala conservadora do PCUS teria oficializado sua oposição à Gorbachev. Eles criticavam a [...] “reforma econômica, redemocratização, política externa, a retirada das Forças Armadas Soviéticas do Leste Europeu – ou dos “países que nossos pais libertaram do fascismo” [...] sem acrescentar que, depois do terror vencido na Segunda Guerra Mundial, seguiu-se o flagelo stalinista<sup>675</sup>.

A distinção dos grupos conservadores prossegue, sem nunca tocar em bases populares ou em grandes focos de apoio dentro da sociedade, mas sim em apparatchiks entrincheirados nos órgãos de poder:

“Inimigos da Perestroika”: Marajás do Partido, fizeram carreira na máquina do PC, sempre servindo ao manda-chuva de plantão. Repetem de cor os chavões do marxismo, mas o que querem mesmo é manter seus privilégios;

<sup>674</sup> BIALER, Seweryn. Por trás da glasnost. *Veja*, nº 1031, 08/06/1988, 63.

<sup>675</sup> Ataque pela direita. *Veja*, nº 1136, 27/06/1990, 42.

“Viúvas da Guerra Fria”: O oficialato preocupado com a defesa do país, a sua verba e o Leste; Pelegos reciclados [...] eram personagens meramente decorativos. Agora, ameaçados de extinção, os velhos pelegos fazem campanha contra o aumento de preços e o desemprego, efeitos colaterais da reforma da economia;

“Fiéis Comunistas”: Embora um número reduzido, ainda existem na URSS seguidores sinceros de Max e Lênin [...] integram a Frente dos Trabalhadores Unidos [...];

“Turma da Saudade”: São igualmente poucos e estão mais preocupados em cultuar Stalin do que em fazer política<sup>676</sup>.

Quando os sindicalistas, dentro do novo movimento sindical defendido por Kagarlitsky (KAGARLITSKY, 1993, 89) passaram a defender seriamente os interesses dos trabalhadores e não os da plataforma neoliberal da União Cívica – que ganha espaço dentro do “delírio coletivo em torno do mercado” a ponto de ser aceita pelos mineiros em greve – eles se tornam “pelegos reciclados”<sup>677</sup> para a mídia – contrários a um efeito natural da reforma, alarmistas, aproveitadores. Existe um amplo silêncio em *Veja*, como muitos autores também, sobre os movimentos do sindicalismo independente, citados por Kagarlitsky. As Frentes Populares são mencionadas como um aglomerado de grupos diversos, de ecologistas a separatistas, mas não de trabalhadores e administradores avessos ao processo de aproximação do trabalho e da propriedade formulado por Gorbachev, que cada vez mais se apresentava como venda das empresas estatais. Esse sindicalismo acabou por se aproximar dos setores reformistas radicais, uma vez que ambos se opunham à Gorbachev. A União Cívica, uma das novas facções liberais e protopartidos formados a partir de dentro do PCUS e das formações de políticos eleitos sem partido, dentro do quadro de unipartidarismo (como também eram o Grupo Inter-regional de Deputados de Oposição e a Plataforma Democrática, todos de oposição liberal), teve um grande êxito nessa tarefa. Segundo Poch-de-Feliu, os mineiros em greve do Donbass e outras regiões adotaram o programa neoliberal oferecido pelos deputados da União Cívica, que se aproximaram das lideranças grevistas. O “delírio coletivo” em torno das benesses do livre mercado, ocultadas pelas autoridades por tantas décadas e a ânsia pelo controle concreto das minas, possibilitou a defesa do ideário liberal pelo movimento grevista. A greve dos sonhos dos editores de *Veja*, no entanto, teve consequências muito diferentes. Poucos anos depois, com a imposição do Plano Gaidar sob Yeltsin e a experiência da terapia de choque, a região virou foco do eleitorado dos diferentes herdeiros políticos do PCUS (POCH-DE-FELIU, 2003).

<sup>676</sup> Ataque pela direita. *Veja*, nº 1136, 27/06/1990, 42.

<sup>677</sup> *Idem*, 42.

Se as primeiras manifestações nacionalistas esparsas e diminutas apareceram no fim de 1987, em 1988 elas já estavam se transformando em turbilhão. Mas *Veja* não enxergava isso. Preferia ver como manifestações dentro do clima renovador da glasnost e dentro dos limites aceitos pelo Kremlin, com pedidos de maior autonomia e descentralização, contra os conservadores e não contra a sede do poder em Moscou, dentro do jogo político e não o atravessando<sup>678</sup>. Se não representavam risco, não eram pacíficos:

Oficialmente, a palavra pogrom, tão russa quanto os cossacos ou a Igreja Ortodoxa [...] não era pronunciada por um alto funcionário do país, para designar um evento presente, desde a revolução comunista de 1917. Na semana passada, esse tabu foi quebrado quando o procurador-adjunto da União Soviética, Alexander Katdushev, segunda maior autoridade do Ministério Público, chamou de nada menos do que pogroms o que aconteceu em fins de fevereiro na cidade de Sumgait, na República Soviética do Azerbaijão – quando os azeris nativos saíram à caça da minoria armênia local. Honra a era Gorbachev que mais um tabu tenha sido quebrado, desta vez linguístico, ao se chamar uma coisa pelo nome que merece<sup>679</sup>.

Em 1986 Gorbachev defenestrou o presidente do Cazaquistão, de etnia cazaque, e colocou no lugar um russo. *Veja* mencionou os distúrbios, reconhecidos como nacionalistas pelo próprio Kremlin, mas não tocou na história do convívio de russos e cazaques e nas relações da república com o centro<sup>680</sup>. Em 1988 comentava que os povos integrantes da URSS teriam

uma rivalidade que antecede de muito a época comunista. Se não se pode culpar o domínio soviético pelas tensões entre os dois povos, porém, a verdade é que o comunismo esteve longe de resolvê-las, como se proclamava até a era Brejnev – repetindo um lugar-comum stalinista segundo o qual o novo regime havia conseguido fazer da URSS um “jardim de nações”.

Nada mais natural que num império à moda antiga como o soviético, em cujas fronteiras se espremem quinze repúblicas e mais de 100 nacionalidades, haja tensões. O perigoso é que elas afluem num momento em que se tenta uma distensão da vida política e econômica através da perestroika ensaiada por Gorbachev – o que pode levar a confundir distensão com bagunça e dar argumentos aos inimigos das reformas<sup>681</sup>.

A primeira inquietação de *Veja*, com a suposição de que a situação estava saindo do controle do Kremlin, veio no fim de 1988, com a continuidade dos conflitos no Cáucaso. “Mas a tranquilidade de Gorbachev talvez releve um excesso de confiança diante dos impasses que se multiplicam num país formado por quinze repúblicas e 106 nacionalidades, com potencial para pôr abaixo todo o programa de reformas”. O que Poch-de-Feliu chama de “derrubamento” dos poderes da União pelas repúblicas e em “guerra de leis” (POCH-DE-FELIU, 2003, 167) para

<sup>678</sup> Hora de conversar. *Veja*, nº 1043, 31/08/1988, 38.

<sup>679</sup> Pogrom, hoje. *Veja*, nº 1020, 23/03/1988, 1020, 54.

<sup>680</sup> Caminho de volta. *Veja*, nº 955, 24/12/1986, 42.

<sup>681</sup> Pogrom, hoje. *Veja*, nº 1020, 23/03/1988, 1020, 55.

*Veja* aparece de uma maneira menos sistemática: “já nesta terça-feira, o Soviet Supremo – o Parlamento soviético – enfrentará outras dissidências, ao votar reformas na Constituição já rejeitadas pelas autoridades de cinco repúblicas”<sup>682</sup>.

A radicalização desses movimentos é aproveitada como mais um elemento para o discurso anticomunista. Para a revista *Veja*, a partir de 1989. Os movimentos sociais que eclodiam a todo instante eram fruto da falência do socialismo e dos regimes do Leste, do redespertar de nacionalismos, da religiosidade, da política independente das cooptações do partido, de justas reivindicações trabalhistas e sociais. Esses movimentos teriam desmascarado esses regimes, antes ocultados pela propaganda oficial, e formariam o “porão da perestroika”<sup>683</sup>.

Gorbachev teria passado a apresentar duas orientações políticas conflitantes. Enquanto “aplaude discretamente” a emancipação dos satélites soviéticos na Europa Ocidental, dentro da União Soviética reprime os nacionalismos ao não conceder a independência das repúblicas. Em parte ele seria “refém da situação” pois saberia que, se agisse com violência, seria o fim da perestroika e a volta da linha-dura ao poder, já que ela precisaria do poder para emplacar a repressão; o desarmamento com o Ocidente fracassaria; sua imagem de democrata no Ocidente também, ou ele sua própria vida<sup>684</sup>. Porém, depois do Golpe de Agosto, também diz que havia dúvida

se o império tinha mesmo razões para se pulverizar como vêm acontecendo. Há nele repúblicas e nacionalidades que têm razões históricas para querer se separar. Outras, como a Ucrânia e a Bielo-Rússia, que com a Rússia formam o trio de ferro eslavo, dão a impressão contrária.

Afinal, a Rússia nasceu na ucraniana Kiev [...]. A etnia é a mesma, e as diferenças entre os idiomas russo, ucraniano e bielo-russo talvez não sejam maiores do que as existentes entre o português do Brasil e o de Portugal [...]. É capaz que, pelo menos os eslavos, ainda cheguem à conclusão de que o que atrapalha não era a união. Era a tirania. E que [...] é melhor e mais reconfortante viver junto<sup>685</sup>.

Mais uma previsão falha. As manifestações dos nacionalistas seriam pacíficas nas áreas mais europeizadas, como a que um cordão humano atravessou as três repúblicas bálticas para lembrar os 60 anos do Pacto Hitler-Stalin<sup>686</sup>. O mesmo não se poderia dizer de um Cáucaso apresentado como pobre, atrasado e asiático<sup>687</sup>. Gorbachev, no início de 1990, foi até Vilnus,

<sup>682</sup> Clima de guerra. *Veja*, nº 1056, 30/11/1988, 58.

<sup>683</sup> Democracia dói. *Veja*, nº 1129, 09/05/1990, 42.

<sup>684</sup> O general inverno. *Veja*, nº 1109, 13/12/1989, 63.

<sup>685</sup> O fim do império. *Veja*, nº 1213, 18/12/1991, 35.

<sup>686</sup> O cordão da independência. *Veja*, nº 1094, 30/08/1989, 48.

<sup>687</sup> Pogrom, hoje. *Veja*, nº 1020, 23/03/1988, 54.

capital Lituana. Se falava pessoalmente com populares, no meio da rua, trazia “na manga” mais uma “armadilha” dos tempos tsaristas: a dependência econômica, a ocupação militar e a migração populacional forçada. serviriam como freio para a liberdade. Usou o subtítulo “Mágico em apuros”, para se referir a Gorbachev, um “mágico da política”, “sempre pronto para tirar um novo truque da cartola”. Mas com o aumento da crise econômica e dos nacionalismos “pode estar esgotando seu estoque de truques – e até mesmo seu autocontrole” – nessa visita mandou um operário nacionalista calar a boca, quando interrogado sobre as deportações de 100.000 lituanos por Stalin no pós-guerra<sup>688</sup>. A revista usa a antiga designação de “prisão de nações” para o multinacionalismo do Estado soviético. Em março de 1990 a república declarou unilateralmente sua independência da União, seguida pela Estônia e Letônia. Gorbachev disse que a separação, legal pela Constituição de 1936, seria feita dentro da lei federal, em revisão: num prazo de cinco anos e plebiscito em que 2/3 optem pela separação. Para ele, esse era o prazo que a Perestroika necessitava para mostrar resultados e acalmar a URSS. Caso contrário, ameaçava o Báltico a indenizar a União por tudo o que foi investido na região, a retomada de territórios habitados por grandes russos e o fim da venda subsidiada de produtos como pão e petróleo. Nesse momento o número de vítimas dos conflitos nacionalistas pela URSS chegaria a 401 mortos e 500.000 refugiados<sup>689</sup>.

Quando a União embargou a Lituânia, a revista definiu a situação como um “Torniquete russo” contra a economia e liberdade local, expressa no título da reportagem. A maior preocupação dos líderes do movimento, classificados como “estudantes, professores, românticos e idealistas”, eleitos para o Novo Congresso dos Deputados do Povo e para os Parlamentos das Repúblicas, seria a de

não responder às provocações soviéticas, que não seriam poucas: a caça aos recrutas que desertaram do Exército Vermelho, a disputa pelo controle das fronteiras, a ocupação [pelo Exército Vermelho] de prédios públicos e fábricas da Lituânia, o confisco de armas de fogo, a ordem para que a milícia popular criada logo depois da proclamação da independência fosse dissolvido, o corte nas comunicações com o exterior, a expulsão de jornalistas [...]. Agora que o Pacto Hitler-Stalin já foi declarado nulo, que a Lituânia conseguiu o direito moral de se tornar independente<sup>690</sup>.

As outras duas repúblicas bálticas, para isolá-las do separatismo lituano, Gorbachev primeiro ofereceu privilégios, como estatutos especiais em uma futura nova carta da União, e

<sup>688</sup> Guerra de secessão. Veja, nº 1113, 17/01/1990, 43.

<sup>689</sup> Prisão de nações. Veja, nº 1122, 21/03/1990, 120.

<sup>690</sup> Torniquete russo. Veja, nº 1127, 25/04/1990, 32.

depois teria partido para a pressão aberta<sup>691</sup>. Separaram-se em 15/02/1990, sem o reconhecimento da União. Em todas elas, as minorias nacionais, às vezes de 50% da população, tiveram seus direitos civis cassados, sob alegação de serem perigosas à liberdade nacional (BERTONHA, 2009, 151). Mas essa repressão não aparece em *Veja*, como as manifestações favoráveis à manutenção da União. Com exceção do sentimento anti-russo dos nacionalistas bálticos<sup>692</sup>. Existiam em 1989 dois grupos nacionalistas e burgueses: os que pregavam a autonomia econômica e nacional, através da autogestão e controle econômico, em cartas redigidas pela intelligentsia, predominante na Letônia; o outro, a Frente Popular, estaria fazendo uma revisão do papel histórico da URSS nos anos 1930 e na Segunda Guerra, apresentando uma URSS comparsa dos nazis, e louvando os aliados ocidentais como defensores dos países pequenos, como forma de se independender da União, centrado na Estônia. Esta passagem da *Veja* pode ser interessante: “O presidente da Lituânia, Vitautas Landsberguis, que tem horror ao socialismo, ganha 800 rublos, 200 a menos que um garçom do primeiro restaurante privado de Vilna, sua capital”<sup>693</sup>.

Diz-se que a cobertura das revistas difere da dos jornais porque contradições nas informações e notas e informações desencontradas que, emersas no calor do momento mas que descontroem ou se opõe ao próprio foco e interesses da revista, não tem espaço para aparecer por engano ou desaviso. A emissão semanal conferiria à revista o tempo necessário para seus editores construir a notícia e peneirarem a informação ao seu modo. Mas nem toda informação recebe essa preocupação para tapar lacunas ou contradições e nem toda ela pode ser percebida como portadora de desdobramentos futuros importantes. Assim heróis e vilões secundários mudam de lado em suas páginas de uma maneira bem mais dinâmica. Esse é o caso de Gamsakhúrdia, o principal líder nacionalista no Cáucaso. *Veja* inicialmente o tratou por ditador maluco e com objetivos belicistas para com as repúblicas e regiões autônomas vizinhas. Uma semana depois, como intelectual, ex-presos político, campeão das liberdades nacionais contra a União, inverteu as pressões econômicas do centro, ameaçando-o de corte do chá das fazendas da Geórgia, “um perfeito aristocrata”, poliglota e educado, e que, “para a Geórgia, é a reencarnação de todos os mitos da nacionalidade, boa parte dos quais – como ele – é racista”<sup>694</sup>. Depois voltou a ser

---

<sup>691</sup> A festa esquecida. *Veja*, nº 1153, 24/10/1990, 55.

<sup>692</sup> Menos iguais que os outros. *Veja*, nº 1202, 02/10/1991, 42.

<sup>693</sup> GASPARI, Élio. A Segunda Revolução. *Veja*, nº 1191, 17/07/1991, 27.

<sup>694</sup> GASPARI, Élio. Um partido destruído. *Veja*, nº 1191, 17/07/1991, 41.

retratado como ditador em formação, o “Mussolini do Cáucaso” ou “Saddam Hussein da Geórgia”<sup>695</sup>.

Na URSS as primeiras greves (*zabastóvska*) retratadas por *Veja* ocorreram com os trabalhadores das minas, apesar do fenômeno ter se iniciado ainda no verão de 1988 (FILTZER, 1994, 94). Em algumas semanas boa parte da produção de carvão do país (que é das principais fontes de energia para aquecimento e energia) estava interrompida. Debaixo da foto, *Veja* fala da “Assembleia de mineiros em Kerenovo, na Sibéria: greve no berço do comunismo... contra condições de trabalho que lembram o capitalismo do século passado”, ou seja, sem paralelo no resto do mundo e marca do atraso secular do regime. “300.000 mineiros cruzaram os braços até o final da semana na “República dos Trabalhadores”. Os sindicalistas independentes deram entrevista, onde afirmam que o racionamento de sabão estabelece uma unidade a cada três meses (o que se tornou subtítulo, reforçando a impressão de racionamento e pobreza), o leite seria apenas para as crianças, “há anos não se vê carne nos armazéns”. Teriam esperança não mais no comunismo, mas na greve, que faziam através das brechas existentes na lei (e no novo Estado de Direito), pelo descontentamento com o trabalho da burocracia e de seus privilégios nas minas, o racionamento, a lentidão na perestroika. Agora, além da burocracia e dos nacionalistas, Gorbachev teria de enfrentar a insatisfação das massas com o comunismo: “A maré atual de rebeldia entre as massas trabalhadoras soviéticas encerra um dramático atestado de falência do regime que há mais de meio século se implantou para acabar justamente com o tipo de exploração que justificava a realização de greves”<sup>696</sup>.

As minas e o governo firmaram acordos em 11/07/1989 para aumentar os salários e a cota de consumo para toda a classe mineira, mas os maiores centros carvoeiros, Donbass, na Ucrânia, Karaganda, no Cazaquistão, Vorkuta, na Sibéria, não voltaram ao trabalho. O problema é que o país simplesmente não produzia para atender essas promessas. Geladeiras, lâminas de barbear, calçados e alimentos teriam de ser importados pelo governo para os atender. O que gerava o medo da greve se estender a outros setores diante das conquistas dos mineiros, como de suas ameaças se o governo os traísse, ou mesmo se não chegassem mercadorias, inutilizando os ganhos salariais<sup>697</sup>. Eles reivindicariam leis conferidas pelo capitalismo ainda no século XIX: remuneração por trabalho noturno, habitação e saúde melhores, melhor alimentação, garantia de

---

<sup>695</sup> Mau começo. *Veja*, nº 1201, 25/09/1991, 52.

<sup>696</sup> O desafio da massa. *Veja*, nº 1089, 26/07/1989, 46-47.

<sup>697</sup> *Idem*, 47.

descanso aos domingos, férias regulares (a revista não menciona que estas foram conquistas da Constituição de 1936, ou que o racionamento de sabão e outros bens foi promovido pela própria Perestroika e que não existia antes de 1989)<sup>698</sup>.

Assim os movimentos sociais são vistos por duas óticas muito distintas. No Brasil a atividade sindical e a greve representam a “baderna” e táticas arcaicas<sup>699</sup>, enquanto que na URSS eram o legítimo apelo por direitos fundamentais, e na Polônia, os representantes do conjunto dos poloneses, porta-voz de todo o povo e de suas aspirações por liberdade<sup>700</sup>. Assim, no Brasil, ocorre “A tática da baderna: a greve na Mannismann abre a discussão sobre a mais nova técnica dos sindicatos – a ocupação”. O deputado e candidato a presidente Lula apoiava as ocupações. Faria tal afirmação para agradar os grevistas e “não sabe o que diz”, pois viola o direito à propriedade. No texto e nas imagens faz referência aos capuzes usados pelos grevistas. A representação é de bandidos. Se esforça por mostrar que os sindicatos e as greves são nocivos aos trabalhadores<sup>701</sup>. O tema volta com a matéria sobre a greve nos serviços básicos, “outra greve contra o povo”<sup>702</sup>. A situação é inversa, poucos meses depois, ao tratar das greves na URSS. A greve é livre manifestação de um povo oprimido e explorado. A greve é a vontade do povo. Os sindicatos são importantes para pressionar o governo. *Veja* montou a seguinte equação: Lula + sindicatos = greves = politicagem. Mas para o cenário do Leste Europeu funciona outra: Walesa + Solidariedade + greves = liberdade. Um dos motivos para a diferença é que os grevistas no Brasil desejariam o avesso do que queriam os do Leste, estatismo e um ambiente de negócios inibidor da iniciativa privada, contrários às políticas de desregulamentação e de desestatização. Aqui a greve teria interesses políticos e métodos que sacrificavam o povo, como a paralisação dos serviços básicos que a prefeita de São Paulo, Erundina, teria apoiado<sup>703</sup>. Mas nem sempre sua percepção do sindicalismo no Leste é tão positiva assim. Como nas disputas entre Mazowiecki e Walesa pelo poder<sup>704</sup>, ou nos desafios que um poder sindical teria pela frente na Polônia em processo de descomunização. Assim pergunta como se comportará o Solidariedade grevista uma

---

<sup>698</sup> Veja, nº 1083, 07/06/1989, 48.

<sup>699</sup> Veja, nº 1073, 29/03/1989, 38.

<sup>700</sup> Pela perestroika. Veja, nº 1027, 11/05/1988, 60; Hora de conversar. nº 1043, 31/08/1988, 38; Manobra forçada. nº 1053, 09/11/1988, 71; Comunismo em concordata. nº 1074, 05/04/1989, 53.

<sup>701</sup> Veja, nº 1073, 29/03/1989, 38.

<sup>702</sup> Veja, nº 1075, 12/04/1989, 42.

<sup>703</sup> Idem, 42.

<sup>704</sup> A caneta contra o martelo. Veja, nº 1157, 21/11/1990, 49.

vez no governo? E como o PT, diante das eleições em poucos meses, se comportaria na mesma situação<sup>705</sup>.

#### 5.4 Colapso – 1989-1991

O Golpe de Agosto, sua derrota e o novo golpe desfechado por Yeltsin pareceram à *Veja* a última página a ser virada na história do comunismo/socialismo. Como ela mesma afirmou, o “golpe socialista” havia fracassado e a última esperança de sobrevivência do regime e da ideologia se esvaio. A URSS estaria condenada, uma vez que o líder da mais importante das repúblicas, Yeltsin, havia assumido o poder de fato e procedido ao desmonte final das últimas grandes estruturas do “antigo regime”, o Partido e a KGB. O experimento socialista foi descartado como alternativa histórica. Cuba é mostrada cada vez mais isolada e como membro de um seleto grupo de países pequenos, inexpressivos e esquecidos. O comunismo havia morrido. Ao mesmo tempo os clamores pela introdução no Brasil das reformas ao estilo de Gorbachev, e de Yeltsin, crescem em suas páginas. Com as políticas de um isolado e desamparado Gorbachev apenas na memória, e uma memória abalada pela rapidez das transformações regidas sob sua batuta, sua imagem era mais facilmente apropriada e modificada por *Veja* em um expoente da vitória e da inevitabilidade do thatcherismo.

Roy Medvedev crê que o Kremlin perdeu o controle sobre a situação do país já em 1988 (MEDVEDEV, 2002 apud POCH-DE-FELIU, 2003, 11). Tal posição é válida em vista das explosões nacionalistas no Cáucaso, na declaração de soberania pela república da Estônia e na incapacidade do governo central de impor sua autoridade sobre as duas regiões do país. A popularidade da liderança já havia se degradado, como ficou demonstrado com as vaias públicas na visita do secretário-geral à Krasnodar. Mas 1989, com o poder legislativo em parte (já que as novas atribuições do cargo de presidente da URSS criado por Gorbachev para si mesmo previa o governo por decreto) nas mãos de um arredo Congresso dos Deputados e de um PCUS em fragmentação com o fim do monolitismo e a entrada da decadente economia soviética no caos com a repentina abolição dos ministérios centrais, além do agravante do impacto do repúdio das

---

<sup>705</sup> O impossível acontece. *Veja*, nº 1093, 23/08/1989, 50.

novas lideranças do Leste Europeu à influência e presença soviética em seus países sobre os nacionalistas internos, pode ser melhor fixado como o ano em que o sistema entrou de fato em colapso.

Para *Veja*, apesar das ameaças de desintegração, tinha por certa a manutenção do núcleo eslavo do país até a eleição de Yeltsin para presidente da Rússia. A subsistência da URSS com fronteiras alteradas, um novo nome e um regime “desideologizado” e confederado parecia provável. A perda do Báltico ou do Cáucaso deixariam, entretanto, o mapa territorial quase inalterado. A perda da Rússia, pelo contrário, significaria o fim de qualquer tentativa de manter a URSS unida, uma vez que sozinha representava 70% do território. Mesmo a ascensão de Yeltsin ao cargo executivo da RFSS da Rússia não significava que ele fosse de fato separar a Rússia da URSS<sup>706</sup>. A eclosão do nacionalismo ucraniano na parte ocidental da república não significava que a parte oriental, povoada por russos, fosse aderir ao separatismo. *Veja* afirma que isso contrariava a lógica e que se assemelhava a um jogo político. O futuro soviético seria o de uma desintegração lenta, dentro de uma ou duas décadas, como afirma, ao citar um dos líderes do movimento Rússia Democrática, Leonid Batkin<sup>707</sup>. Ou em sua afirmação, ironizando a previsão do chefe da CIA, Robert Gates: “O líder do Kremlin pode respirar mais aliviado. Se a CIA de Gates garantir que a URSS não passa deste ano, é certo que rompa o século”<sup>708</sup>. Mas qualquer dúvida que apresentava sobre a sobrevivência da URSS terminou juntamente com o golpe. Deve-se ter em mente também que, *Veja*, que criticou o procedimento dos governos ocidentais por não ter sido duro com os golpistas<sup>709</sup>, deliberadamente não concedeu sequer uma nota de poucas linhas em sua edição de 21/08/1991, nº 1196, publicada no último dia em que a Junta esteve no poder, e dois dias após o golpe ter sido deflagrado. Assim *Veja* escolheu o mais seguro campo do posicionamento pós-resolução dos fatos e das vitórias e derrotas claras, bem como da confortável análise retrovisora, diante de um golpe que não aguardava mais. Como chefe de fato do governo de coalizão emergido com o fracasso do golpe, ele pode “indicar quem bem entendeu” para os postos-chave. Mas nada que se assemelhasse a um golpe ou contragolpe, como *Veja* faz questão de frisar:

---

<sup>706</sup> Boris, o terrível. *Veja*, nº 1176, 03/04/1991, 28.

<sup>707</sup> GASPARI, Élio. Agonia do império. *Veja*, nº 1191, 17/07/1991, 36-38.

<sup>708</sup> *Veja*, nº 1183, 22/05/1991, 31.

<sup>709</sup> A louca era de agosto. *Veja*, nº 1197, 28/08/1991, 22.

Uma vez garantido quem vai mandar nos tanques, na tropa e na polícia, Yeltsin atacou em outras frentes. Numa iniciativa que resvala para a ilegalidade – um paradoxo típico dos momentos de confusão revolucionária -, ele suspendeu por tempo indeterminado os principais jornais comunistas que vacilaram ou aderiram na hora do golpe<sup>710</sup>. Mas é assim, aos saltos no escuro, que avançam as revoluções, obscurecendo heróis que pareciam insuperáveis, criando novos heróis que também poder vir a ser superados<sup>711</sup>.

Mesmo o fechamento de jornais e a ilegalização do maior partido do país pode ser desculpado, uma vez que se passava por um momento revolucionário em que tais medidas eram necessárias. O que tornava “patéticos” os argumentos de Gorbachev, pela legalidade parlamentar, contra os de Yeltsin, pela “legalidade revolucionária”. Além disso, essa resolução foi atribuída ao povo por *Veja*, na matéria de capa “Resolução: o povo caça os comunistas”. O presidente russo seria apenas uma expressão da vontade popular e da onda democrática que varria o país. Como para a revista a democracia e a vontade popular, de um lado, e o comunismo, de outro, são antagônicos, não poderia haver espaço para o PCUS na nova ordem, já classificada meses antes como “pós-comunista”. Ela ainda reserva um espaço especial para o papel da imprensa, como justificativa de sua própria importância, como guia da consciência.

Quem derrotou o golpe na União Soviética na semana passada foi o povo russo, liderado por Boris Yeltsin. Mas a imprensa conseguiu cumprir admiravelmente o papel de alimentar o sistema que lhe dá vigor e significado: a democracia [...]. Quando repórteres, operadores de câmeras e fotógrafos ganharam as ruas o efeito foi ainda mais devastador. Os profissionais da imprensa acompanharam todos os passos, discursos e lutas dos milhares de pessoas que enfrentavam os liberticidas e seus tanques<sup>712</sup>.

Yeltsin era o “salvador da pátria” que entrou “para a galeria dos heróis do século”<sup>713</sup>. Uma imagem bem diferente de sua comparação, meses antes, com Gorbachev:

Num país onde as disputas políticas cristalizam-se em competições pessoais que só se resolvem com o desaparecimento do derrotado, já houve partidas melhores [...]. São falsos como notas de 7 cruzeiros, mentem como general de Riocentro, correm de suas origens como desesperados e não sabem para aonde vão<sup>714</sup>.

Para *Veja*, mesmo com o retorno da censura e a cassação e banimento do maior partido da URSS, a grande vitória eram as liberdades democráticas, antes ameaçadas pelos putchistas. A democracia venceu com a ajuda americana, como *Veja* faz questão de mencionar com o apoio de informações emanadas de Washington por fax e telefone, além de uma ligação direta entre

<sup>710</sup> A louca era de agosto. *Veja*, 1197, 28/08/1991, 22.

<sup>711</sup> A louca era de agosto. *Veja*, nº 1197, 28/08/1991, 25.

<sup>712</sup> Carta ao leitor. *Veja*, 1197, 28/08/1991, 17.

<sup>713</sup> O salvador da pátria. *Veja*, nº 1197, 28/08/1991, 38.

<sup>714</sup> GASPARI, Élio. Mikhail e Boris. *Veja*, nº 1191, 17/07/1991, 30.

Yeltsin e Bush<sup>715</sup>. A natureza do putsch era formada por agentes comunistas e por objetivos socialistas. Com depoimentos de Yeltsin, ao lado de cada página, *Veja* compõe um box caracterizando cada membro da Junta como saudosistas da linha-dura. O título em letras garrafais não deixa dúvidas. Era “O golpe socialista”<sup>716</sup>, ou, como o semanário preferiu chamar, por cinco vezes na matéria, o “Grande Golpe Socialista de Agosto”. Socialismo e comunismo foram reduzidos à mesma coisa e proclamados como falhos e descartados na “lata de lixo da História”.

Não ocorreu o banho de sangue que *Veja* previa meses antes, apesar de toda a ênfase nos três mortos nas barricadas, mas esse desfecho não seria motivado pelo humanitarismo dos conservadores ou sua recusa em fazer vítimas. “Ao anoitecer, o golpe dos blindados parecia ter triunfado. Na sua força, porém, estava um irreparável sinal de fraqueza. Os tanques, desacompanhados das tropas de infantaria, são pouco mais que palanques móveis. Falou ao Grande Golpe Socialista de Agosto a capacidade de ser violento ou de atrair simpatizantes”. O que faltou foi uma “base militar para metralhar o povo nas ruas”, pois o cenário de rebeldia não teria sido avaliado<sup>717</sup>. *Veja* parece desconhecer que os tanques que ocuparam Moscou e as principais cidades do país vinham equipados com várias metralhadoras internas e que, mesmo sem infantaria, teriam dado conta de tais ordens, se tivessem sido emitidas. Como também desconhece os números mais modestos de participação popular na resistência (POCH-DE-FELIU, 2003, 217-218), os rachas que se seguiram no Exército Vermelho ou que as três mortes ocorreram não pela resistência heroica ao assalto armado golpista, mas contra tanques que já estavam em retirada e foram cobertos por uma lona pelos manifestantes, o que os deixou desgovernados (KAGARLITSKY, 1993, 202), e talvez o mais embaraçoso – os ameaçadores tanques, segundo *Veja*, sequer contavam com munição (POCH-DE-FELIU, 2003, 218), o que permite falar em “mito das barricadas” (KAGARLITSKY, 1993, 203). O contragolpe de Yeltsin, ou, como *Veja* prefere chamar, a “Revolução de Agosto”, foi feita não por alguns grupos sociais e agentes políticos interessados, mas pelo conjunto do povo que queria conquistar sua liberdade definitiva diante de uma Junta reacionária e de um regime totalitário acabado: “Na semana

---

<sup>715</sup> O golpe socialista. *Veja*, nº 1197, 28/08/1991, 27; 36.

<sup>716</sup> O golpe socialista. *Veja*, nº 1197, 28/08/1991, 26.

<sup>717</sup> O golpe socialista. *Veja*, nº 1197, 28/08/1991, 28-29.

passada, o povo na rua derrubou a ditadura, derrubou os ícones do regime”<sup>718</sup>, ou pela “corajosa resistência dos povos que compõe a URSS”<sup>719</sup>.

É no passado, nas lutas pela implantação da democracia liberal no continente europeu e pela derrubada final do Antigo Regime, que *Veja* retira sua análise da situação corrente das manifestações. “As barricadas do século XIX ressurgem em Moscou para derrubar a maior ditadura do século XX”<sup>720</sup>. E é do século marcado, entre outros, pela Segunda Guerra e o nazifascismo, que retira sua comparação para o regime soviético. E é com um maniqueísmo reaganista que narra o desfecho do Putsch de Agosto: “A multidão aplaudia entusiasmada. Os mocinhos haviam vencido e os bandidos estavam sendo capturados”<sup>721</sup>. “Depois de caçar comunistas de ferro, a massa partiu atrás dos de carne e osso, pregando safanões em funcionários identificados do Partido”<sup>722</sup>.

Sua percepção, uma semana após o Golpe e em sua primeira reportagem sobre ele, era a de que Gorbachev teria saído alquebrado, sem bases partidárias, sem instituições que emanassem e fizessem sentir o seu poder e a sua presença no cargo de presidente da URSS. Yeltsin era o único senhor em toda a região e dele dependia seu futuro. E como havia acenado com o reconhecimento da independência do Báltico, tal cenário se repetiria com as demais repúblicas. Como uma URSS formada por países como Azerbaijão e Uzbequistão seria inviável, seu fim já estava traçado<sup>723</sup>. Restava saber quanto tempo Gorbachev seguiria no poder, e se a nova Rússia e as novas repúblicas adorariam algum tipo de confederação ao estilo da UES de Gorbachev – com Yeltsin em seu lugar<sup>724</sup> – uma aliança defensiva ou união alfandegária e a tão aguardada terapia de choque.

Os meses seguintes são de confirmação da desintegração iminente dos últimos vestígios do Império Soviético, com o separatismo no Báltico<sup>725</sup>, nas repúblicas eslavas – com o apoio até mesmo dos moradores russos<sup>726</sup>, na tentativa de tornar a Moldávia na antiga Bessarábia romena<sup>727</sup>, na retirada das tropas que protegiam Cuba e de seus subsídios, preparando o regime de

<sup>718</sup> A louca era de agosto. *Veja*, nº 1197, 28/08/1991, 25.

<sup>719</sup> O golpe socialista. *Veja*, nº 1197, 28/08/1991, 28.

<sup>720</sup> *Veja*, nº 1197, 28/08/1991, 4.

<sup>721</sup> O golpe socialista. *Veja*, nº 1197, 28/08/1991, 26.

<sup>722</sup> A louca era de agosto. *Veja*, nº 1197, 28/08/1991, 21.

<sup>723</sup> O golpe socialista. *Veja*, nº 1197, 28/08/1991, 28.

<sup>724</sup> Livres para voar. *Veja*, nº 1199, 11/09/1991, 36-37.

<sup>725</sup> O desafio no caminho da liberdade. *Veja*, nº 1202, 02/10/1991, 38-39.

<sup>726</sup> Cabeça cortada. *Veja*, nº 1212, 11/12/1991, 48.

<sup>727</sup> Livres para voar. *Veja*, nº 1199, 11/09/1991, 38.

Castro “para um final apocalíptico de penúria e isolamento”<sup>728</sup>. O Tratado assinado por Yeltsin, Kravchuk, e Shushkevich, os presidentes da Rússia, Ucrânia e Bielorrússia, revogando o tratado que criou a URSS em 1922, teria significado uma “segunda deposição”:

Mas há diferenças grandes entre um episódio e outro. No primeiro, tiraram Gorbachev do comando do país. Agora, tiraram o país sob o comando de Gorbachev. Outra diferença é que, se o episódio de agosto foi liberticida, este atual, em princípio, é libertário. Na verdade, o poder vinha escorrendo como água das mãos do último líder que teimava em ser soviético<sup>729</sup>.

Gorbachev sofreu um golpe, mas perfeitamente desculpável ou mesmo louvável, já que era um golpe propagador de liberdade, diante de sua teimosia que lhe custou o poder antes de lhe arrebatá-lo. Ele havia se tornado “presidente de um país extinto” – o que era claro para todos, menos para ele mesmo, que continuava a tentar costurar o novo tratado da UES<sup>730</sup>. Era “hora de ir embora”<sup>731</sup>.

*Veja* sempre manteve uma dubiedade em sua postura quanto à Gorbachev. De início, a abertura não passava de um movimento firmemente controlado pela férrea mão do Kremlin. A boa vontade de Gorbachev sempre é posta em dúvida. Ou então suas possibilidades de sucesso com as reformas, diante de um possível golpe ou pelo abandono de seus objetivos, seja por pressão conservadora, seja por insucessos seguidos. Em meados de 1986 a lua de mel com um novo chefe de Estado parecia ser dispensável e a cotação do secretário-geral chegou a um dos níveis mais baixos para *Veja*, com o fracasso em Genebra e a crise de Chernobyl. Quando percebe que as intenções reformistas de Gorbachev eram sérias, isto é, defensoras de uma distensão econômica, política e diplomática que a agradavam, ele se torna um líder “respeitável”, mas com poucas probabilidades de ser bem-sucedido. Quando a gorbymania se instala mundo afora, tenta ressaltar uma superioridade de Reagan. Quando o Muro de Berlim cai, o mostra como um líder que não consegue avançar adequadamente com as reformas. Tem um momento de idílio com o presidente da URSS apenas durante a campanha dos carros da Lada e bruscamente passa a traçar sua imagem mais negativa no inverno de 1991, como um chefe reacionário, inimigo da liberdade econômica e política, um obstáculo à políticos mais arrojados, como Yeltsin. Seu

<sup>728</sup> Adiós, muchachos. *Veja*, nº 1200, 18/09/1991, 40.

<sup>729</sup> O fim do império. *Veja*, nº 1213, 18/12/1991, 31.

<sup>730</sup> Cabeça cortada. *Veja*, nº 1212, 11/12/1991, 49.

<sup>731</sup> Hora de ir embora. *Veja*, nº 1214, 25/12/1991, 25.

retorno a um campo mais positivo na avaliação do semanário é fugaz, sendo suplantado de vez, no poder e na opinião de *Veja*, por Yeltsin. Seu carisma seria marcante:

Em território alemão, Gorbachev deixou legiões de frios corações germânicos totalmente seduzidas e a vaga promessa de que o Muro de Berlim, símbolo da divisão das duas Alemanhas e da Guerra Fria entre o Ocidente e o mundo comunista, não vai se perpetuar no tempo. “Nada é eterno”, disse ele. “O Muro de Berlim pode desaparecer tão logo se desfaçam as condições que levaram a sua construção”<sup>732</sup>.

Foi “o estadista, o sedutor de multidões, o homem de negócios, o mestre da propaganda – Mikhail Gorbachev, em suas várias encarnações públicas”<sup>733</sup>, até perder essas características para seu arquirrival. A relação com Yeltsin nem sempre foi de veneração, como o presidente russo foi tratado em seu governo autoritário mas economicamente liberal. *Veja* produziu comparações entre ambos:

Unidos pela origem – a máquina do PC – e separados pela ambição, Gorbachev e Yeltsin travam uma grande briga nos bastidores da perestroika. Foram feitos um para o outro [...]. A popularidade de um é subproduto da impopularidade do outro [...]. Num país onde as disputas políticas cristalizam-se em competições pessoais que só se resolvem com o desaparecimento do derrotado [...]. São falsos como notas de 7 cruzeiros, mentem como general de Riocentro, correm de suas origens como desesperados e não sabem para aonde vão.

Hoje há uma vida heroica de Mikhail Gorbachev para consumo da Perestroika. Sua mãe era cristã e escondia os santos atrás dos retratos de Lênin e Stalin. Verdade, mas ele só contou isso em 1984. Seu avô paterno Andrei passou 9 anos no Gulag. Verdade, mas até 1990, quando essa história foi revelada, o avô de plantão era o materno, presidente de uma fazenda coletiva.

O que foi de fato a vida de Boris não importa, pois o melhor é o que ele diz que ela foi. Gorbachev foi batizado em segredo? Boris informa que foi batizado em público por um padre bêbado [...]. Gorbachev [...] aos 17 anos ganhou a Ordem da Bandeira Vermelha do Trabalho? Yeltsin foi um boêmio, vagou pela Rússia no teto de um trem [...]. Boris fez sua tese de mestrado projetando uma antena de emissora de televisão, sem jamais ter visto uma. Os dois se conheceram em meados dos anos 70, quando Gorbachev era o dono de Stavropol e Yeltsin o senhor de Sverdlovsk [e faziam permutas industriais] [...]. Roy Medvedev rememora: “Minha primeira conversa com Yeltsin foi estranha [...]. Procurou-me como historiador e perguntou quem tinha sido Sverdlov e por que as pessoas falavam tão mal dele. Eu não podia acreditar no que ouvia [...] Ele havia sido o primeiro-secretário do partido na cidade que levava o nome do bolchevique. Não sabia história”<sup>734</sup>.

Yeltsin certamente não fazia o perfil de político intelectual composto cuidadosamente por Gorbachev e seus assessores. Raras vezes despertava em *Veja* o mesmo sinal de desconfiança quanto a manutenção da orientação das reformas em direção ao livre mercado:

<sup>732</sup> A esperança do Leste. *Veja*, nº 1084, 21/06/1989, 59.

<sup>733</sup> *Idem*, 59.

<sup>734</sup> GASPARI, Élio. Mikhail e Boris. *Veja*, nº 1191, 17/07/1991, 30-34.

Já no pedestal de presidente da Rússia, ele voltou a dar vexame. Durante o último encontro de cúpula entre Bush e Gorbachev em Moscou, há um mês, Yeltsin sentou-se ao lado de Barbara Bush num almoço [...]. Segundo testemunhas, o presidente russo espalhou manteiga e caviar sobre a mão mutilada e dispensou os talheres, sem a menor cerimônia. Barbara Bush desviou os olhos<sup>735</sup>.

Em sua ascensão, Yeltsin alçou-se à condição de novo ícone do povo russo, mas também ganhou a justificada pecha de populista, ao tirar da cartola, com uma cara-de-pau de político brasileiro em véspera de eleição, soluções mágicas para os problemas mais espinhosos<sup>736</sup>.

Yeltsin raramente foi atacado quanto a sinceridade de seu combate aos regalias da nomenclatura. Para *Veja*, ele sempre foi “feroz inimigo das mordomias concedidas aos dirigentes do partido”<sup>737</sup>. Ao contrário dos comentários sobre as roupas que Gorbachev usava e as joias que Raissa comprava e que constituíam parte importante de sua “ofensiva do charme”, a estadia de Raissa nas clínicas secretas do partido, ou outras comodidades lembradas por *Veja*:

Em junho de 1985, o secretário-geral mudou de casa. Saiu da dacha de 2 andares em que vivia e foi para um palacete nas Colinas de Lênin, o Morumbi moscovita. Deixou para trás dois salões, 7 quartos, biblioteca, jardim-de-inverno, bilhar, cinema, cozinha e frigorífico. Seu substituto na mordomia, o secretário para a Indústria da Construção, diz que ficou “deprimido” ao ver tanto luxo. Mesmo assim, morou vários anos na mansão. Seu nome: Boris Yeltsin<sup>738</sup>.

A revisão histórica promovida pelos reformistas soviéticos e o fim da própria União Soviética, com os anos pós-Stalin sendo apagados da memória, permitiram o renascimento das teorias do totalitarismo, com uma força aparente maior do que a real, uma vez que estão alicerçados pelo apoio e consumo mútuo na mídia. Essas são razões mais importantes do que as afirmadas por Fernandes, como a da onda interpretativa do totalitarismo dentro das academias do Leste pós-socialismo ou a afirmação de que, porque irreformáveis de dentro pra fora, entraram em colapso (FERNANDES, 2000, 30; 35). Alguns autores falam em reestalinização sob Brejnev como um retorno ao mesmo sistema da época de Stalin, quando sequer houve tal movimento (DIAS, 1994). Mesmo que a centralização e o papel dos ministérios tenham sido rapidamente reestabelecidos sob Brejnev, alguns elementos essenciais ao sistema econômico stalinista não estavam mais presentes na URSS desde os anos 1950 – e não voltaram a aparecer. Tornou-se mais difícil criticar Stalin do que louvá-lo, mas isso não significou sua reabilitação. O sistema político e administrativo abrandou-se continuamente no período (LEWIN, 2007) ou mesmo

<sup>735</sup> O salvador da pátria. *Veja*, nº 1197, 28/08/1991, 41.

<sup>736</sup> Boris, o terrível. *Veja*, nº 1176, 03/05/1991, 28.

<sup>737</sup> Primavera no Leste. *Veja*, nº 1071, 15/03/1989, 43.

<sup>738</sup> GASPARI, Élio A segunda Revolução Russa. *Veja*, nº 1191, 17/07/1991, 33.

entrou em “torpor” (HOBSBAWM, 2001, 463). O totalitarismo entrou em descrédito a partir da segunda metade dos anos 1950 porque a URSS se desestalinizou sob Kruschév e empreendeu profundas reformas econômicas, sociais e políticas. Com o impacto da abertura dos arquivos e com o fim da União Soviética, sua história foi homogeneizada, sem a existência de um contraponto que negava objetivamente essa falsificação – como era a vida no país nos anos 1960 a 1980:

O trabalho erudito na União Soviética precisa ser confrontado com opiniões amplamente consolidadas e fervorosas – um “discurso público” altamente estruturado, que não existe em outros campos do conhecimento. Esse discurso se baseia em uma série de erros metodológicos que são exibidos nos diversos veículos como verdades óbvias. O primeiro erro consiste em focalizar os líderes, atores e ideologia, como se fossem agentes independentes, abstraídos de seu contexto histórico. Nem as circunstâncias que os moldaram e condicionaram, nem o passado, nem o mundo em torno são levados em conta [...]. Depois, os acontecimentos são revelados como se tivessem sido geneticamente programados e a sequência leninismo-bolchevismo-stalinismo é construída como uma fatalidade [...].

A reflexão sobre a URSS foi prejudicada – e ainda é – por dois erros frequentes, que precisam ser esclarecidos [...]. O primeiro é considerar o anticomunismo para fazer um estudo da União Soviética. O segundo – uma consequência do primeiro – consiste em “stalinizar” todo o fenômeno soviético, como se tivesse sido um gulag do começo ao fim.

O anticomunismo (e suas ramificações) não é erudição histórica: é uma ideologia disfarçada como tal. Não apenas não corresponde à realidade dos “animais políticos” em questão, mas, desfraldando a bandeira da democracia, paradoxalmente explorava o regime autoritário da URSS (ditatorial) a serviço de causas conservadoras ou pior (LEWIN, 2007, 333; 459).

As observações de Lewin encaixam-se perfeitamente para explicar o quadro soviético pincelado por *Veja* a partir de 1988. Boa parte da história foi propositadamente esquecida ou distorcida – tão rápido quanto os anos Brejnev ficaram para trás, restando apenas o discurso reformista cada vez mais agressivo contra o ex-líder, uma vez que necessitavam fazer parecer que a vida sob seu governo fora muito pior do que sob Gorbachev. Chegara o momento do *revival* interpretativo do totalitarismo, na academia, na política e na mídia, da qual *Veja* é um excelente exemplo. Se Hanna Arendt, um dos principais expoentes da corrente, delimitava a existência do totalitarismo para o caso soviético e nazista, agora ele sofria uma imensa expansão, para toda a órbita de influência soviética – prelúdio para sua incorporação a regimes “fechados”. Era o momento da afirmação de que fascismo e comunismo são movimentos da esquerda, ou ligados:

Após o colapso do regime comunista na Europa, em 1989-91, reconcentrou-se a discussão sobre as duas ditaduras. Criou-se uma definição historicamente mais sofisticada do totalitarismo, que destaca a proporção em que os dois sistemas eram impelidos pela visão positiva de uma utopia social e cultural exclusiva (muitas vezes

descrita com o termo “religião política”), reconhecendo ao mesmo tempo que as práticas políticas e sociais do regime eram muitas vezes bastante diferentes das aspirações utópicas. Não mais é necessário apoiar-se num modelo bruto político-científico de “totalitarismo” para definir as ditaduras; nos últimos 12 anos, o detalhado conhecimento histórico dos regimes alemão e soviético transformou-se, graças de um lado às revelações da *glasnost* na União Soviética e nos Estados sucessores, e de outro a uma onda de estudos críticos na Alemanha, que abriram muitos aspectos do regime de Hitler até então envoltos em silêncio. Essa pesquisa permite-nos dizer com confiança, como faz Todorov, que os dois sistemas eram também “significativamente diferentes um do outro”, enquanto partilhavam uma cor totalitária comum (OVERY, 2009, 16).

O autor, partidário tenaz da corrente do totalitarismo, apesar de pretender diferenciar ambos os regimes, aumenta sua confusão e homogeneidade, afirmando inclusive a exploração do campo e o controle governamental da economia por parte do nazismo, e fazendo um paralelo pessoal entre as biografias de Hitler e Stalin, estabelecendo datas simultâneas com significados similares para ambos. Essa cegueira é do mesmo calibre que acomete *Veja*, e que é levantada por Fernandes como uma das principais incongruências dentro dessa corrente radical dentro da já caquética escola totalitarista: a tentativa errônea de encaixar no mesmo modelo sociedades e sistemas de trabalho e propriedade tão profundamente distintos quanto o de uma Rússia predominantemente agrária de Stalin e o da Alemanha tradicionalmente urbanizada e educada de Hitler. O conceito, criado para o quadro dos regimes fascistas e importado pelos soviétólogos para explicar a URSS de Stalin, é tão estendido que acaba descaracterizado (FERNANDES, 2000). *Veja* e os totalitaristas, dos quais se serve para argumentar e escrever, se empenham em mostrar Stalin como igual ou pior que Hitler, aproximar nazismo e comunismo, dissociando o primeiro da direita e, por fim, pincelar o regime soviético como stalinista do começo ao fim, desde suas raízes leninistas, indiferenciáveis do stalinismo. Como a teoria do totalitarismo pôde sobreviver apesar de ser tão inconsistente? Com sua revitalização após a crença de ter acertado suas previsões intrínsecas – o sistema se mostrou irreformável, e ao se impor a reforma a ele, se desintegrou. *Veja* estabeleceu um movimento de mão-dupla: recolhe ideias, argumentos e informação desses autores, acadêmicos ou não, com vínculos governamentais ou não, e divulga seu trabalho entre o público não-especializado.

## CAPÍTULO VI

### 7.1 O exemplo para o Brasil

*Veja* jamais deixou de lado as relações que poderia estabelecer entre o noticiário sobre o Leste Europeu, em especial sobre a URSS, e o nacional, bem como a influência de tais relações sobre seu fiel núcleo de leitores, o público menos específico e o ocasional, além da contribuição na formação de um discurso anticomunista adaptado às circunstâncias brasileiras apto a ser replicado em outros meios de comunicação. Da ameaça representada pelo expansionismo e belicismo da superpotência comunista, até 1988, à impossibilidade de qualquer sistema econômico que não tenha o livre mercado por base e à necessidade de modernização da esquerda nacional, da extinção dos estatistas, dos nacionalistas econômicos e dos adeptos da seguridade social. Ao mesmo tempo, seria necessária a elaboração de um novo inimigo. Se anteriormente a entidade que antagonizava política e econômica a agenda de *Veja* e da mídia nacional era uma grande força externa que se infiltrava internamente através de agentes políticos pagos e simpatizantes mal-intencionados ou mal informados, agora não existia tal força, mas sim alguns exemplos externos periféricos e um novo inimigo interno: “o lugar do inimigo começa a ser ocupado pelas forças de oposição que surgem após a ditadura, e é sobretudo o PT, nascido no bojo de greves e lutas operárias, que vai sendo conduzido a ocupar este lugar” (MARIANI, 1998, 222). Nesse momento, tanto a noção de habitus de Bourdieu, que estabelece uma ligação mais estrita entre o público e a mídia, entre o que se quer ouvir e o que é dito, e a visão mais ampla e que admite maiores poderes de convencimento à imprensa, como a formação de uma hegemonia e a imposição de uma ideologia para setores que não comungavam da mesma, como na abordagem gramsciana de Carla Luciana Silva, se entrelaçam.

O novo discurso anticomunista, baseado no fracasso e inviabilidade do socialismo ou de qualquer outra via fora do capitalismo liberal, foi construído lentamente. *Veja* amputou a história passada ou presumida, ou por não considerar importante ou para endossar suas posições – que seriam desmascaradas com a presença de uma análise histórica, como no caso da criação do seguro-desemprego por Gorbachev.

Desde 1930, quando Josef Stalin anunciou que o último cidadão sem trabalho acabava de conseguir um, a URSS era um país onde o desemprego oficialmente não existia. Para o Kremlin, essa era a prova de que o comunismo é superior ao capitalismo. Na semana passada o mito veio abaixo<sup>739</sup>.

A revista mostra uma história congelada: sempre teria existido desemprego na URSS. Havia “caído o mito” do pleno emprego. E mais uma vez, o material para a montagem de um contradiscurso demolidor da imagem do socialismo real, veio dos reformistas, como as acusações de que havia milhões de desempregados nas repúblicas da Ásia Central (KORONEV, 1990, 31). O governo e a propaganda e a repressão se encarregavam de omiti-los, criando uma das mais duradouras mentiras – e na prática, a revista dava fôlego ao novo mito da falência e da ilusão do regime socialista. Outro exemplo é o subtítulo da revista “Há anos não se vê carne nos armazéns”<sup>740</sup>. Para *Veja*, o comunismo sempre havia exibido a mesma face que em seu período de agonia.

O uso de imagens para acentuar ideias do texto, títulos e subtítulos foi frequente, como para passar mensagens que não eram claras no texto, como as fotos de Ligachev à direita, e de Gorbachev à esquerda para acentuar a imagem do combate entre conservadores e reformistas, ou da noção *sui generis* de esquerda e direita que surgiu no ambiente da reforma e que ganhou mundo<sup>741</sup>. Montagem repetida com as fotos de Yeltsin e Gorbachev, tentando reforçar a classificação dada pela revista do que era esquerda e direita, como de uma suposta perda de significado e aplicação desta, ou também quem assumia determinadas posições. Assim, as fotos de um vitorioso Yeltsin e um esgotado Gorbachev são separados por uma multidão levando quadros “ensanguentados” de Lenin<sup>742</sup>.

Casos de personalização, onde um indivíduo é tratado como independente da história, das situações, processos e condicionamentos, também ocorreram, como Boris Yeltsin incorporando a reação ao golpe – ele se torna todo o movimento (se bem que, para vários autores, este não foi muito além disso). Outro tipo de personalização é a caracterização de processos ou personagens como estereótipos. Isso ficou evidente quando a revista *Veja* compara os conservadores com os vilões de filmes, como Darth Vader - “quase tudo neles lembra os vilões

---

<sup>739</sup> *Veja*, nº 1190, 10/07/1991, 33.

<sup>740</sup> O desafio das massas. *Veja*, nº 1089, 26/07/1989, 46.

<sup>741</sup> A lenta agonia. *Veja*, nº 1138, 11/07/1990, 32.

<sup>742</sup> Império aos pedaços. *Veja*, nº 1198, 04/09/1991, 43.

do filme *Guerra nas Estrelas*. Vestem-se invariavelmente de cinza e negro”<sup>743</sup>, ou enquadra a atuação e o funcionamento do serviço de segurança à literatura e episódios dos livros políticos e policiais de Orwell (tratando da *Secutitare*), ou a Guerra Fria e o Império do Mal aos discursos dos políticos norte-americanos, ou mesmo do cinema (o papel desestabilizador da atuação soviética e o de promotor da paz, pelos Estados Unidos).

Outra forma de personalização é a criação de heróis e vilões. Um bom exemplo é o tratamento na revista dos Ossies, que foram transformados nos dois extremos, de heroicos a vagabundos. Teriam realizado feitos que passariam à história pela derrubada do comunismo e do Muro, como “Reivindica-se de tudo nas ruas da Alemanha, desde direitos básicos, como a liberdade de imprensa, até a revisão do passado, um dos processos mais marcantes dos regimes comunistas que entram em convulsão. Em um mês, esses alemães – crianças, punks, donas de casa, estudantes, trabalhadores – realizaram o impossível, o inimaginável, o assombroso”<sup>744</sup>. Passaram a vilões, culpados por estarem desempregados, um custo social ao contribuinte alemão ocidental e motivo de estagnação para o regime capitalista – este nunca está errado. A culpa seria por ter a Alemanha Oriental o maior índice de falta ao trabalho na Europa – a baixa produtividade do povo oriental é a causa de seu desemprego no regime capitalista<sup>745</sup>.

A saturação para modelação da opinião pública pode ser encontrada ainda na questão báltica: sempre que qualquer manifestação ocorre na região, a revista repete a ladainha sobre crimes de Stalin, opressão, julgo na prisão de nações, russificação, aliança Hitler-Stalin, etc, mesmo no espaço de uma edição para outra. Mas os movimentos nacionalistas como um todo tem o mesmo tratamento. Várias semanas depois do Massacre da Paz Celestial, toda notícia, pela qual se pudesse reviver o drama e falar da selvajaria do regime, era anunciada. O mesmo se pode dizer sobre os casos de corrupção na *nomemklatura* e mesmo dos líderes dos países do Leste, da falência do regime, e mesmo da superioridade do czarismo.

“Testemunhas da multidão histórica”, que apenas repetem o que os editores e o público querem ouvir – e por isso são selecionadas, não trazendo a complexidade de opiniões – a não ser as que podem se encaixar sem contradições na mesma ideologia ou opinião, as frequentes (ou mesmo testemunhas de realidade suspeitável). Ocorreu uma exceção, em que, de fato, vários lados da sociedade soviética tiveram espaço, apesar dos que tivessem posição favorável ao

---

<sup>743</sup> Ataque pela direita. Veja, nº 1136, 27/06/1990, 42.

<sup>744</sup> Já raiou a liberdade. Veja, nº 1105, 15/11/1989, 136.

<sup>745</sup> A rainha da sucata. Veja, nº 1149, 26/09/1990, 56.

socialismo, ao regime político do PCUS ou à chamada do país à ordem, fossem desqualificados logo na introdução ao texto, como o historiador e deputado Roy Medvedev: “foi um dissidente quando a moda era ser comunista e é um comunista quando a moda é ser dissidente”<sup>746</sup>. Mas o que predomina é o 1º caso, como a gerente de cooperativa de salão de beleza Nina Kuznetsova, ou o magnata das bolsas German Sterligov, o agricultor arrendatário Valentin Matesenov, a médica de clínica privada Natalia Filimonova<sup>747</sup>, o militar que faz bico de taxista *na levo* Konstantín Bezrukov<sup>748</sup>, o empresário da oficina de reconversão de ladas Stasys Brundza<sup>749</sup> – todos integrantes das novas classes sócias surgidas com a Perestroika, todos contra o socialismo, o PCUS e a favor do capitalismo. Testemunhas escolhidas à dedo, que serviam como disseminadoras da vitória ou do exemplo político e econômico do neoliberalismo, lá e aqui. O segundo caso de testemunhas pode ter esse exemplo:

Chega à praça uma mulher com um enorme cesto de flores artificiais. Diz se neta do férreo Felix e quer colocar flores no que resta do pedestal [...] “Fora com essa admiradora dos fascistas”, grita uma jovem. E imediatamente a mulher é cercada por homens agressivos. Os policiais que controlam o trânsito descem de suas cabines para acudi-la. “Eu a conheço”, afirma um dos guardas. “Há anos ela vem aqui colocar flores aos pés de Djerjinski.” Ninguém se arrisca a começar a condenada caça às bruxas com a pobre mulher<sup>750</sup>.

A história serve para comparar fascismo e comunismo – mais uma acusação recorrente nos meios liberais, e mostrar que estes não são vingativos, ao contrário dos comunistas. A ideia de que comunismo e fascismo eram regimes parecidos ou irmãos não estava no foco do antigo discurso anticomunista. Mas passou a ser um das múltiplas características organizadas e disseminadas pelo anticomunismo a partir de 1988. Pertencia tanto à retórica tanto dos conservadores ocidentais (BRZEZINSKI, 1990, 20) quanto dos reformistas (YAKOVLEV, 1991, 46-47), inicialmente sobre o stalinismo<sup>751</sup>, e posteriormente, sobre a experiência do comunismo. No novo discurso anticomunista a direita conservadora procura aproximar fascismo e comunismo: “É uma espécie de fascismo socialista, um bando de gente chata, insegura, temerosa

<sup>746</sup> GASPARI, Élio. Mikhail e Boris. Veja, nº 1191, 17/07/1991, 32.

<sup>747</sup> FUSER, Igor. O negócio é biznes. Veja, nº 1214, 25/12/1991, 26-29.

<sup>748</sup> Lá é muito pior. Veja, nº 1213, 18/12/1991, 39.

<sup>749</sup> O desafio no caminho da liberdade. Veja, nº 1202, 02/10/1991, 40.

<sup>750</sup> A História nas ruas. Veja, nº 1198, 04/09/1991, 51.

<sup>751</sup> Diante da pergunta se comunismo e fascismo são as mesmas coisas diante do totalitarismo inerente, Yakovlev respondeu que ainda não se poderia afirmar com segurança pois os arquivos ainda não foram de todo abertos, mas já se podia afirmar que, enquanto Hitler promoveu perseguições a elementos exteriores, Stalin trucidou seu próprio povo (YAKOVLEV, 1991, 41).

de que se a população tiver acesso ao noticiário ou mesmo à propaganda vinda de fora vai perder a capacidade de raciocinar”<sup>752</sup>.

A polarização de conceitos ou maniqueísmo noticioso, dois extremos escolhidos pelo jornalista, em desigualdade, aparece por exemplo na definição que a revista dá de esquerda (reformistas) e direita (conservadores – o que seria mais claro e lógico se as posições fossem o contrário), de atribuir ao primeiro a luta pela democracia e ao segundo pela opressão e ditadura de sempre no regime comunista. À medida que surgem novas correntes cada vez mais identificadas com o capitalismo, essa definição avança para abarcá-las como esquerda, e seus opositores, como direita.

Antes do fim de 1989 o uso de conceitos e expressões marxistas e da retórica política soviética já eram recorrentes, como a de que o socialismo vinha se “desfazendo no ar”<sup>753</sup>, o que era uma forma de desacreditar uma reforma dentro do sistema e uma verdadeira revitalização do socialismo. Quando era patente a destruição do sistema, o discurso se tornou revolucionário, adotando termos e valorizando métodos costumeiros aos revolucionários de esquerda: “O comunismo terminou com toda uma série de lutas que os comunistas adoram: greves, passeatas, manifestações enormes, no caso da Romênia, com o povo pegando em armas para fazer justiça com as próprias mãos”<sup>754</sup>, ou ainda:

Qualquer manual bolchevique ensina que uma greve geral bem-sucedida, manifestações populares nas principais cidades e barricadas com gente disposta a morrer são o caminho mais curto para o socialismo. Na semana passada elas foram a rota do retorno ao capitalismo, a alma da revolução anticomunista que começou na União Soviética<sup>755</sup>.

Isso fica evidente ao *Veja* dar caráter popular e de revolução na queda de Ceaucescu, na fuga dos alemães orientais tanto pela fronteira húngara como pelo asilo em embaixadas ocidentais, nas manifestações destes e dos tchecos contra seus regimes conservadores, no contra-golpe de Yeltsin ao tentar estabelecer a existência de um amplo movimento popular combativo e encabeçado por ele. Seriam movimentos populares e democráticos contra uma tirania, ou mesmo de trabalhadores contra o regime que dizia os representar. Mais do que descrever, ela se identifica com eles, como o tribunal que julgou e fuzilou Ceaucescu ou a “caçada” aos comunistas depois do golpe de agosto, ao dizer que bruxas existiam e deviam ser caçadas – contra o pedido em

<sup>752</sup> Rock e pauleira. *Veja*, nº 980, 17/06/1987, 50.

<sup>753</sup> Terremoto no Leste. *Veja*, nº 1074, 05/04/1989, 42.

<sup>754</sup> Comunismo, adeus. *Veja*, nº 1111, 31/12/1989, 104.

<sup>755</sup> A loura era de agosto. *Veja*, nº 1197, 28/08/1991, 19).

sentido contrário de Gorbachev. Tratava-se de mais uma nova característica no discurso anticomunista: a que de o socialismo e o marxismo são lentes de leitura da realidade ao inverso, e de que o comunismo não era mais para ser temido, como nos anos 1950, mas zombado. Seus símbolos também são execrados e achincalhados, como a derrubada dos monumentos ao regime. “Cada vez que um regime comunista cai, desde a Polônia até a Etiópia, lá se vão os bonecões de ferro”<sup>756</sup>. Ou sugere a suplantação da antiga simbologia por uma nova, como o crescente número de visitantes ao McDonald’s, diante de um Mausoléu de Lenin cada vez menos frequentado<sup>757</sup>.

Quase toda a semana, no ano de 1991, *Veja* publicava uma charge vinda de jornais estrangeiros ironizando a queda e a falência “naturais” do comunismo, como das tentativas frustradas em convertê-lo para o modelo Ocidental. O comunismo e o socialismo também podiam ser combatidos pelo humor. Após o “Grande Golpe Socialista de Agosto”, *Veja* reduziu o número de charges vindas da mídia externa. Pode-se inferir isso pois os créditos de sindicatos estrangeiros desaparece e é substituído pela assinatura do chargista, Nicolliello, que, em sua estreia, usou de um tema que ligava o movimento comunista nacional ao soviético. Generais, burocratas e políticos do PCUS, despejados com o fracasso do golpe, procuram num globo um refúgio, e não tem dúvidas quanto a ele: “Achei! Nós vamos para o PC do B”<sup>758</sup>. Outra de suas charges mostrava um didático representante do FMI, diante do quadro-negro, dizendo “Primeira lição: os empréstimos devem ser pagos”, para um Gorbachev, sentado a carteira, anotando a aula<sup>759</sup>.

A desmoralização prossegue com a rápida conversão dos partidos comunistas ou de orientação comunista ao capitalismo. O que foi uma oportunidade para *Veja*. A melhor análise desse processo encontra-se em Kagarlitsky. Para a burocracia (a principal beneficiada com a privatização) até o fim de 1989 sabotar a perestroika era a forma de perpetuar seu poder e empregos. Quando “perestroika” passou a significar não a liberalização de uma parte da economia, mas da conversão capitalista dela toda, a forma de perpetuação e reprodução do poder político e econômico tornou-se a privatização e o apoio às mudanças radicais (KAGARLITSKY, 1993, 49). A burocracia estaria preocupada com a preservação de seu status, riqueza (primeiro

---

<sup>756</sup> A louca era de agosto. *Veja*, nº 1197, 28/08/1991, 20.

<sup>757</sup> McDonald’s bate Lenin. *Veja*, nº 1165, 16/01/1991, 41.

<sup>758</sup> *Veja*, nº 1198, 04/09/1991, 54.

<sup>759</sup> *Veja*, nº 1204, 16/10/1991, 39.

usufruto depois posse) e poder, e não com debates ideológicos, à fidelidade política ou alguma utopia – no máximo uma distopia.

A transmigração dos membros da cúpula dos partidos comunistas em novos ricos é chamada por *Veja* de “A temporada das maracutaias: vivaldinos e vira-casacas lucram com a transição”. A obtenção por baixo preço ou por entrega das melhores empresas por quem defendia há pouco tempo o socialismo era um material importante para se desacreditar seu ideário.

Nunca houve tantos trambiques, maracutaias e falcaturas na Polônia como nestes tempos de transição, quando as fronteiras entre o que é legal e o que é ilegal ainda não estão demarcadas com clareza e os poderosos do velho regime mudam de cor, como camaleões, para continuar poderosos no novo<sup>760</sup>.

Estes seriam os “barões vermelhos”, que “descobriram, antes dos outros, que a melhor coisa do capitalismo é ser capitalista”<sup>761</sup>. O processo de privatização na Alemanha Oriental não deixa de ter também alguns aspectos negativos, segundo *Veja*<sup>762</sup>. Talvez o mais curioso é que, depois de dar algum espaço – mesmo sendo diminuto e negado em edições posteriores<sup>763</sup> – para as críticas ao processo, tenha não só os ocultado, mas feito uma campanha aberta pelas privatizações nacionais (SILVA, 2009, 49), mesmo tendo por costume mostrar exemplos de sucesso no exterior, não quis relembrar suas próprias acusações de fracasso ou alertas sobre quem poderia se beneficiar com elas. Tendo servido uma vez para a desmoralização do ideário socialista, já que sequer seus líderes acreditavam nele ou que o povo cresse que eles acreditavam, essas informações não eram mais necessárias. Sua opinião sobre “barões vermelhos” e processos desvantajosos de desnacionalização mudou velozmente com as promessas da “Privatizatsia”. Tudo era válido como meio de atrair o capital estrangeiro e alavancar o capitalismo:

Nursultan Nazarbayev, presidente do Cazaquistão, comunista da velha guarda e privatista da nova época, é a estrela do momento. Quando a conversa deixa de envolver mitos, santos e mártires, para lidar com marcos, francos e dólares, a doce decadência do império muda de aroma. Com a liberdade que a Perestroika lhe deu, Nazarbayev fechou um negócio com a empresa americana Chevron Oil (sem vestígio de concorrência), entregando-lhe por 25 anos a exploração da província petrolífera de Thengiz, perto do Mar Cáspio. Coisa de 25 bilhões de barris de petróleo e 2 trilhões de metros cúbicos de gás, o dobro do que os americanos acharam no Alaska. Um dos maiores negócios da década, capaz de render algo como 100 bilhões de dólares. O jornal *Moscow News* chamou-o de “A Roubalheira do Século”, um grupo de técnicos escreveu a Gorbachev reclamando que “a URSS e o Cazaquistão perderão o controle do maior depósito de

<sup>760</sup> A temporada das maracutaias. *Veja*, nº 1157, 21/11/1990, 50.

<sup>761</sup> *Idem*, 50-51.

<sup>762</sup> Rainha da sucata. *Veja*, nº 1149, 26/09/1990, 57.

<sup>763</sup> Ressaca alemã. *Veja*, nº 1175, 27/03/1991, 28-29.

petróleo do país sem que lhes estejam oferecendo nada em troca”. “Isso é uma grande ladroagem. Eles deram milhões em gorjetas. Se você exclui as hipóteses das propinas, então o que nós temos de discutir é a saúde mental das pessoas que aceitaram esse acordo”, denuncia Igor Kolosnitsyn, da Academia Nacional de Economia. O secretário de Estado James Baker e boa parte da imprensa americana dizem que as críticas à concessão de Thengviz são uma reação ortodoxa, prova de que há uma sabotagem às reformas de Gorbachev. Confiança, mesmo, quem merece é Nazarbayev, um comunista tão persuasivo que acertou dois anos de trégua com a oposição. Não há democratas no Cazaquistão, só comunistas trabalhando pela liberdade do mercado e pela glória da Chevron<sup>764</sup>.

Um cenário duplo se descortina – o do necessário do fluxo de investimento estrangeiro que dinamizaria a exploração de petróleo no Cáspio e que constituiria-se no “negócio do século”, e as relações escusas dos comunistas locais com a Chevron. Ao mesmo tempo, quem se colocava contra a concessão fazia parte dos grupos que sabotavam o avanço da perestroika. Privatizações poderiam ter aspectos ao mesmo tempo positivos e negativos. Uma ambiguidade que também desaparecia quando se tratasse do processo brasileiro (SILVA, 2009, 151-156).

*Veja* lançou mão de toda fonte de autoridade para anunciar o erro e o fracasso que havia sido a experiência socialista ou comunista, já igualados como a mesma coisa. E as oportunidades não faltaram. A seção de “frases da semana” ou “notas internacionais” (nesse caso precedidas por um box com o título “o que eles disseram”) continha em quase toda a edição alguma citação proferida por antigos ou novos líderes do Leste e outras personalidades, enfatizando a imagem negativa do regime ou de seus princípios:

“O socialismo foi um erro.” *O ex-chanceler soviético Eduard Shevardnadze.*

“Poderia ser ‘Terra de Marlboro’.” *Gennady Gerasimov, porta-voz soviético, sobre o possível futuro nome da URSS.*

“Se eu fosse fazer tudo de novo, jamais seria comunista.” *Todor Jikov, o chefe comunista da Bulgária deposto no ano passado.*

“A propriedade privada e a concorrência abrem as portas para o sucesso. Vocês, jovens, devem se tornar administradores, professores, políticos. Sigam todas as carreiras, abram fábricas e negócios.” *Jan Krzysztof Bielecki, primeiro-ministro polonês, ao ser apresentado ao Parlamento, quando pronunciou pela primeira vez a palavra capitalismo.*

“O que aconteceu na Rússia foi uma projeção do que aconteceu há trinta anos no Rio Grande do Sul.” *Leonel Brizola, governador do Rio de Janeiro, que em 1961 liderou a resistência contra uma tentativa de golpe militar.*

“Foi Deus quem venceu no Leste Europeu.” *Papa João Paulo II.*

“Se uma outra força social pregar o capitalismo e seu programa for apoiado pelo povo, será esse o caminho que a sociedade seguirá.” *Yuri Shabanov, editor do Pravda, jornal oficial do Partido Comunista Soviético.*

“Eu odiava os russos da minha geração: 99% eram hipócritas que passaram a vida inteira convivendo com mentiras.” *O violoncelista e maestro soviético Mstislav Rostropovich,*

<sup>764</sup> GASPARI, Élio. Agonia do império. *Veja*, n° 1191, 17/07/1991, 39-40.

*de 64 anos, que deixou seu país em 1974 e teve a cidadania restaurada em 1990, com a glasnost.*

“Muitas das coisas que antigamente eram pretas se tornaram brancas, e o que era branco agora virou preto.” *Jens Adolph, estudante de História na Universidade de Leipzig, na ex-Alemanha Oriental*<sup>765</sup>.

Outro efeito almejado era o cômico e o irônico sobre o mesmo modelo de declarações. Nesse caso, esse efeito pôde ser obtido ao se extirpar a frase de seu contexto ou recortar seus trechos mais confrontadores com a “realidade” segundo *Veja*:

“Em Cuba não temos McDonald’s, mas ninguém morre de fome. Comeremos capim se necessário para defender nossa revolução.” *Elises Estrada, embaixador cubano em Argel.*

“A Alemanha Oriental não é, nem de longe, tão rica como a Ocidental, mas não iremos para a reunificação como mendigos.” *Hans Modrow, primeiro-ministro da Alemanha Oriental.*

“Meu marido era um homem gentil, simpático com as pessoas e profundamente democrático.” *Neshmirje, viúva do líder albanês Enver Hoxda, que mandou torturar até a morte milhares de dissidentes do regime de linha dura*<sup>766</sup>.

Na última citação ocorre ainda uma grande transformação de *Veja* acima da discursividade do regime de terror imposto no Leste e de suas dimensões. Se em 1987 ainda falava em “muitos fuzilamentos sumários”<sup>767</sup>, em 1991 os “muitos” viraram “milhares”.

A própria revista reconta a história como forma de aumentar o descrédito para com o socialismo. Para ela o que aconteceu na Polônia em 1981 foi exatamente igual ao massacre da Praça da Paz Celestial. Só não derramou tanto sangue porque usou de prisões em massa<sup>768</sup>. Não são apenas os partidos socialistas do Leste Europeu os que sofrem um processo de desclassificação. Trata da socialdemocratização do PCI e do escândalo de privilégios e mordomias dos funcionários públicos italianos. Ela promove a ligação entre o comunismo e a burocracia estatal, como o combate a ambos. Diante do quadro de dissipação moral e de seu eleitorado, o PCI teria decretado a “morte do comunismo”<sup>769</sup>. A desmoralização segue com a reportagem de título “Engels e Noriega”, sobre a oferta de uma vaga na Internacional Comunista de Estocolmo para o ditador centro-americano<sup>770</sup>. A ligação da nova luta de Reagan-Bush contra o narcotráfico como paralela à luta contra o comunismo seria confirmada pela veracidade das

<sup>765</sup> Notas internacionais. *Veja*, nº 1183, 22/05/1991, 31; *Veja*, nº 1153, 24/10/1990, 61; *Veja*, nº 1160, 12/12/1990, 55; *Veja*, nº 1165, 16/01/1991, 41; *Veja*, nº 1198, 04/09/1991, 54; *Veja*, nº 1119, 28/02/1990, 53; *Veja*, nº 1119, 28/02/1990, 53; *Veja*, nº 1207, 06/11/1991, 44; *Veja*, nº 1190, 10/07/1991, 33.

<sup>766</sup> *Veja*, nº 1119, 28/02/1990, 53; *Veja*, nº 1119, 28/02/1990, 53; *Veja*, nº 1210, 27/11/1991, 48.

<sup>767</sup> *Veja*, nº 1003, 25/11/1987, 71.

<sup>768</sup> Avalanche eleitoral. *Veja*, nº 1083, 14/06/1989, 64.

<sup>769</sup> Coro de desafinados. *Veja*, nº 1084, 21/06/1989, 51.

<sup>770</sup> *Veja*, nº 1085, 28/06/1989, 51.

acusações americanas, asseguradas por ninguém menos que um general cubano: a “conexão socialista” existiria mesmo e contrabandeava cocaína da Colômbia para os Estados Unidos<sup>771</sup>. O tom mais pesado é usado geralmente quando algum governo cai, se torna uma página da história, que ainda está para ser escrita, e *Veja* se apressa em dar sua contribuição para fazê-lo. Daí o tom mais agressivo que o normal. Quando o Solidariedade conquista o poder na Polônia, restando ao regime socialista apenas a cadeira de Jaruzelski, a revista se refere aos antigos cargos mais importantes da liderança colegiada do país, o de primeiro-ministro, presidente e secretário-geral, de “gangue dos três”. Walesa se tornou o primeiro operário a governar a Polônia desde o comunismo – como se algum outro tivesse chegado ao cargo anteriormente<sup>772</sup>. “Foi preciso o comunismo acabar para que um operário chegasse ao cargo de presidente num país onde, durante 45 anos, os trabalhadores estiveram – oficialmente – no poder”<sup>773</sup>.

Os conflitos internos ao bloco soviético também se serviam a este objetivo. Na reportagem de Carlos Struwe, Alemanha Oriental e Hungria trocam insultos com a abertura da cerca eletrificada que compunha a Cortina de Ferro pela Hungria. Segundo Berlim, Budapeste teria se vendido ao Ocidente por US\$ 250 milhões para o pagamento do serviço da dívida em troca da abertura das fronteiras. Budapeste acusava Berlim de se ter vendido igualmente ao Ocidente, com a venda de prisioneiros políticos para Bonn, num valor de US\$ 2,5 milhões só em 1988. Os quatro países formariam a “gangue dos quatro”<sup>774</sup>. Mesmo *Veja* teve que reconhecer as distorções na imaginação dos alemães orientais em fuga sobre a riqueza do Ocidente, como o caso do serralheiro que possuía um apartamento de 110m<sup>2</sup> e pagava um aluguel de 46 marcos orientais<sup>775</sup>.

Ao perderem o poder, os partidos comunistas também teriam perdido o controle do fluxo interno e externo de informação, e com isso os casos de corrupção teriam aflorado para a opinião pública, como na matéria “A beira do colapso: ex-chefes comunistas são presos por corrupção e o regime se desintegra num mar de lama”. O PC alemão oriental teria se esfacelado diante dos escândalos de “mordomias, tráfico de influências e roubalheiras”. A polícia secreta tentou queimar as provas mas foi impedida pelo povo. O Comitê Central e o Politburo se demitiram inteiros, como o sucessor de Honecker, Egon Krenz. Honecker só não foi preso por estar doente.

---

<sup>771</sup> A conexão socialista. *Veja*, nº 1086, 05/07/1989, 48; Sem apelação. nº 1087, 12/07/1989, 55.

<sup>772</sup> O impossível acontece. *Veja*, nº 1093, 23/08/1989, 48-49.

<sup>773</sup> Operário no poder. *Veja*, nº 1161, 19/12/1990, 54.

<sup>774</sup> STRUWE, Carlos. Cortina rasgada. *Veja*, nº 1097, 20/09/1989, 64; nº 1105, 15/11/1989, 140.

<sup>775</sup> *Idem*, 65.

Seus colaboradores não tiveram a mesma sorte. O Partido Liberal Democrata, um dos partidos fantoches da democracia popular, assumiu o poder. 120 membros do PC foram indiciados, em escândalos de corrupção que somariam US\$ 50 bilhões. O colapso de poder teria sido precedido e ainda mais acompanhado do colapso moral, como evidenciariam os afiliados do PC alemão, que caíram de 2,3 milhões para 1,3<sup>776</sup>. Ganham letras garrafais ou repetições frases como “comunismo, adeus”. “caminha para a lata de lixo da História”, “sem defensores”, “o comunismo terminou”. Desmoralizado, ele não poderia retornar, como indicava na seção de frases da semana, embutida na de “notas internacionais”, que também funcionou como uma importante fonte de deslegitimação da experiência socialista.

A revisão ideológica dentro do PCUS e os embates políticos entre reformistas e conservadores permitiram a produção de um discurso que confundia propositalmente esquerda e direita políticas, quando não as invertia (KAGARLITSKY, 1993, 73-76). Alguns conceitos básicos que dividem o campo político com alguma clareza, em especial o de igualdade (BOBBIO, 2001, 110), são dispensados. Em seu lugar, aparecem os de inovação-conservação, que também podem ser desdobrados em defensores do futuro-passado. O impacto dessa inversão no cenário nacional é desenvolvido por Costa:

*A troca de sinais*, operada, vigorosamente, no território brasileiro, durante a segunda metade da década de 1980, tornou-se um processo vitorioso. Esta operação conseguiu difundir uma visão de mundo, consoante aos ventos internacionais, que unificou as classes dominantes do país e posicionou as esquerdas numa situação de defesa e de resistência. No âmbito da sociedade, ela logrou hegemonizar a agenda nacional, colocando na ordem do dia temas como as privatizações das estatais, a diminuição do Estado e a abertura do país ao capital externo (COSTA, 2008, 163).

Os partidários do projeto socialista, dentro e fora da URSS, antigos representantes, por excelência, do campo de esquerda, tornavam-se tão-somente os arautos dos dogmas do marxismo-leninismo. Eles eram os *herdeiros do entulho*. Por isso, encontravam-se na contracorrente dos acontecimentos, que declaravam a falência do socialismo como um projeto possível de sociedade.

A díade estava definitivamente alterada. Os socialistas não mais representavam as ideias de progresso, de mudança e de reformas, visto que defendiam a conservação de um regime retrógrado e fracassado. Encontrava-se também desfigurada a sua principal característica, a defesa do igualitarismo, pois, na prática, eles alimentavam a manutenção de privilégios corporativos e monopólios, cristalizando a desigualdade na sociedade.

Os defensores da *modernidade* neoliberal encarnavam um nítido perfil: lutavam pelo fim de tudo aquilo que ruína com o Muro de Berlim, em 1989: o estatismo, o isolamento econômico, os monopólios, o protecionismo, dentre outros totens da ideologia comunista. Os *novos reformistas* do planeta apropriaram-se da imagem das reformas e da defesa da igualdade jurídica. Adotaram uma simbologia liberal, herdada da era das revoluções burguesas, apresentando-se como adversários dos privilégios e das corporações em defesa das máximas consagradas pelo liberalismo (COSTA, 2008, 162).

<sup>776</sup> O general inverno. Veja, nº 1109, 13/12/1989, 68.

*Veja* assimilou essa confusão proposital de ambos os campos políticos, e pôde classificar defensores do neoliberalismo de esquerda, enquanto que defensores da assistência social de direita. É o caso da reportagem “Ataque pela direita”, em que trata da aliança de Gorbachev com os conservadores. Estes seriam a direita soviética, os “reacionários” diante de uma “segunda revolução”<sup>777</sup>. Esse embaçamento do campo político servia como pressão para a atualização das esquerdas nacionais, para a identificação de um novo inimigo ideológico identificado não mais com o comunismo mas com “os “inimigos” dos novos tempos” (MARIANI, 1998, 204) e para a elaboração da seguinte pergunta: quem será a esquerda moderna, ou o partido que terá superado a antiga dicotomia do espectro político e à queda do Muro de Berlim.

Não era apenas o comunismo e o socialismo que saíam sapecados com o fracasso do bloco soviético. Isso incluía o movimento para a soberania do Terceiro Mundo, o Grupo dos Países Não-Alinhados, que, para *Veja*, precisava acabar. Não há mais dois polos que justificassem tal atitude dos países pobres. Mesmo a URSS se “inclinaria” para os Estados Unidos. A reunião de países pobres e incapazes não ajudou em nada a resolver seus próprios problemas, como desejavam seus membros. Agora serviria apenas como “passarela” de ditadores se exibindo, como o “excêntrico Kadaffi, na reunião do grupo na sua antiga protetora, a Iugoslávia”<sup>778</sup>.

Várias dessas ideias foram condensadas na guia das perguntas formuladas em uma das entrevistas das páginas amarelas. Ao mesmo tempo, esta entrevista se configura como o exemplo inverso ao da desmotivadora entrevista com o poeta Yevtuchenko. Se o semanário não conseguiu arrancar deste as respostas que desejava, Lefort foi mais bem moldado pelo roteiro de perguntas previamente programado. *Veja* conseguiu a reprodução e a legitimação de suas opiniões, impressões ou no mínimo, de um discurso similar, por uma fonte autorizada. Na entrevista “O fim do totalitarismo: o filósofo francês traça um retrato do maior acontecimento do final do século: a desintegração acelerada dos regimes comunistas na Europa”, de Fernando Pacheco Jordão, Claude Lefort, crítico do stalinismo, responde a estas perguntas de *Veja*. O entrevistador pergunta se “o comunismo acabou”, e recebe a resposta de que o que acabou foi o totalitarismo em suas duas versões, o nazista e o comunista, este último que se espalhou por mãos soviéticas,

---

<sup>777</sup> Ataque pela direita. *Veja*, nº 1136, 27/06/1991, 42.

<sup>778</sup> STRUWE, Carlos. Cortina rasgada. *Veja*, nº 1097, 20/09/1989, 65.

“por sua instigação, à sua imagem e sob seu controle”. O revisionismo histórico reforça a ligação entre Lenin e Stalin e a natureza truculenta inerente ao comunismo:

Ninguém vivo na URSS jamais viu a democracia. Não tem balizas de um movimento político democrático. Sua última experiência política foi a Revolução de 1917, que é confundida com o leninismo e este com o stalinismo. Portanto não pode servir para uma orientação para a democracia e a diversidade [...]. Lenin odiava o mundo ocidental não só por ser capitalista, mas por ser democrático. Não suportava opiniões diferentes<sup>779</sup>.

*Veja* continua com seu roteiro de perguntas: “Não seria anacrônico declarar-se socialista no momento mesmo em que esse regime está sendo desmantelado em tantos países?” e recebe a resposta de que o socialismo é apenas um horizonte, uma sugestão. E que prevê o nível de vida dos países centrais. “Mas estes objetivos sociais foram obtidos na maioria dos países pela via do capitalismo, e não pela do socialismo”. Lefort responde que não era obra do capitalismo, mas sim da democracia, que atendeu e exprimiu as reivindicações de sua reforma – democracia que também não existia no Leste, ao lado do capitalismo. “O Leste se reforma no sentido e preceitos capitalistas. O comunismo é a maneira mais complicada de se chegar ao capitalismo? Como diz a anedota?” Não, pois não foram movimentos puramente econômicos. Os reformistas primeiro reformaram a política, para dar vazão à sociedade e à livre iniciativa, à liberdade, e então reformar a economia. “Tanto o capitalismo quanto o comunismo tomaram rumos bem diferentes daqueles que Marx previa. Está na hora de enterrar o marxismo?” Marx é passado e subestimou o campo político e o direito à vida e à diversidade. *Veja* pergunta sobre se virá o golpe ou a guerra civil. A resposta é negativa, contrária a previsão da revista, mas ao mesmo tempo é condenatória do marxismo. Tentar adivinhar o futuro através de determinações é parte do aparelho do totalitarismo. Por fim, *Veja* lança sua pergunta principal e mais reveladora da condução da entrevista: “Se o senhor fosse um militante de esquerda no Brasil, qual seria seu discurso hoje, em função dos últimos acontecimentos no mundo comunista?” Esses eventos seriam positivos para a esquerda brasileira, pois cada vez mais é impossível para o antigo modelo comunista ter simpatizantes. A estatização dos meios de produção e o partido como encarnação da vontade popular foi catastrófico, político, social e economicamente. Matou “milhões e milhões”<sup>780</sup>. É o exemplo de uma entrevista com um analista em que deveriam aparecer amplos contrastes, mas que a revista guia em boa parte para uma convergência de ideias, a reconduz à mesma ordem

<sup>779</sup> LEFORT, Claude. O fim do totalitarismo. *Veja*, nº 1106, 22/11/1989, 6. Entrevista por Fernando Pacheco Jordão.

<sup>780</sup> *Idem*, 5-8.

esperada em especialistas confiáveis sem maiores problemas. Lefort se comportou como um deles.

A mudança operada em poucos anos no anticomunismo, no abandono da imagem da superpotência ameaçadora pela do fracasso econômico e político, pode ser explicada em sua formação pela ofensiva conservadora no Ocidente e pelas declarações reformistas no Oriente. Só pode ser entendida em sua rapidez de propagação e consolidação com a noção de habitus (BOURDIEU, 1974, 191). O público nuclear de *Veja* compartilhava de seu anticomunismo e estava disposto a crer naquilo que confirmasse e justificasse suas opiniões e que saciasse sua sede de uma visão negativa do comunismo. A rápida disseminação desse discurso, autorizado pela crítica reformista, tornou-se difícil de combater até pelos simpatizantes da extrema esquerda.

A persuasão do público interno se fazia indicando um malogro no Leste e relacionando-o com situações dentro do país. Assim, em 1985 e pouco depois da ascensão de Gorbachev, comentava, sobre a condenação de três líderes do Solidariedade pela Justiça polonesa:

Foi como se no Brasil os líderes sindicais Lula, Joaquinão e Jair Meneguelli, de uma vez só, pegassem três anos de cadeia – por convocar uma greve de 15 minutos que, ainda por cima, não chegou a se realizar num processo previamente armado para puni-los sem apelação<sup>781</sup>.

Mesmo não sugerindo textualmente, a comparação ganhou ar de sugestão. Foi feita conscientemente para provocar um impacto sobre seu público, nas relações entre socialismo real e sindicatos aqui e lá. As primeiras eleições diretas para a presidência desde 60 ocorreram durante o processo de desmanche gradual dos regimes do Leste e o segundo turno coincidiu quando esse processo perdeu o controle dos dirigentes e foi tomado de forma imediatista pela multidão: eleições e queda do Muro de Berlim se deram na mesma semana.

Para a revista, era anacrônica a plataforma de Lula, diante da perestroika, como é expresso na entrevista com Roberto Campos: “Lula baseia sua mensagem num conceito negativo, o de luta de classes, ideia abandonada até mesmo nos países socialistas. Lula, além disso, acentua a transferência da culpa para diabos externos”<sup>782</sup>. Essa crítica torna-se mais frequente com a aproximação das eleições presidenciais de 1989. A revista se queixou de ter a Polônia, depois de 40 anos de socialismo, o primeiro presidente operário, massa não estava tão feliz com a ideia de um presidente operário aqui. As implicações da insistência em não seguir a modernização e a

---

<sup>781</sup> *Veja*, nº 876, 19/06/1985, 50.

<sup>782</sup> *Veja*, nº 1084, 21/06/1989, 6.

transição efetuados por seus modelos políticos – e a definição de quais seriam esses modelos – continuariam a seguir o candidato. Durante o segundo turno das eleições de 1989, Lula teria dito que “Em 1917, na União Soviética, os trabalhadores chegaram ao poder através de uma armada”. “Em 1989 os trabalhadores chegarão ao poder, no Brasil, através de uma revolução pelo voto”. *Veja* parte para o ataque: “É o tipo de comparação que só pode entusiasmar quem ainda acredita na URSS como modelo para alguma coisa, mas que, pelo menos no primeiro turno, não causou danos fatais ao PT”<sup>783</sup>. Tudo era ocasião para lembretes da associação do fracasso, barbárie e da tirania comunistas, como na edição da semana da queda do Muro de Berlim. Comentando sobre a disputa eleitoral no primeiro turno, exhibe uma foto da militância do PT sob um dragão do ano novo chinês<sup>784</sup>. O “Massacre têm pouca repercussão no Brasil”, para desalento de *Veja*, em sua intenção de confundir socialismo com morticínio, como aponta Luís Eduardo Greenhalgh, do PT, ao se justificar, diante de *Veja*, por não participar de protestos contra o regime chinês. O PCB teria afirmado que não havia outra saída para Pequim e Prestes dito que “governo que não se defende não é governo”. Lado a lado com as respostas dos partidos de esquerda, pairava uma coluna com fotos chocantes do confronto<sup>785</sup>. A escalada na retórica de *Veja* seguia ao que se sucedia na mídia externa e na interna. Esta última, comprometida com a campanha presidencial de 1989 e nos elementos da desagregação no Leste que possibilitavam tecer uma visão negativa do candidato de esquerda, visão que estaria sendo construída sobre estes elementos desde 1987 (SILVA SÁ, 2002, 58). Ou, como aponta Costa:

“Brasil, agredir o futuro” (*O Globo*, 02/01/1990, 1ª página). O editorial, escrito no segundo dia de janeiro de 1990, expunha a possibilidade de uma ruptura constitucional do Brasil com a vitória de Lula. Este rompimento possuiria um caráter: implantaria o *arrastão socialista* no país. Na primeira página, *O Globo* destacava que muitos brasileiros ainda não haviam dado conta do risco por que passara a nação nas últimas eleições. Sob o pretexto de eliminar as graves injustiças sociais que atormentavam o nosso povo, o Brasil quase fora atirado para a zona de turbulência, que “iria travar o desenvolvimento, destruir as potencialidades da livre iniciativa e pôr o Brasil, neste entardecer de século, de costas para o futuro” (*O Globo*, 02/01/1990, 1ª página) (COSTA, 2008, 144).

<sup>783</sup> *Veja*, nº 1106, 22/11/1989, 54.

<sup>784</sup> *Veja*, nº 1105, 15/11/1989, 57.

<sup>785</sup> *Veja*, nº 1084, 21/06/1989, 51

Ou ainda a comparação entre dois líderes sindicais, Walesa e Lula, afirmando que o último não conseguiu “digerir a derrota mundial do socialismo”<sup>786</sup>. Também quando faz suas as palavras do deputado:

César Maia (PMDB-RJ). “Os dinossauros estão de volta” [...], referindo-se aos que são contra a privatização. “Quando todos pensavam que haviam sucumbido definitivamente na opereta de mau gosto do verão de Moscou, eis que reaparecem, de Ianaiev<sup>787</sup>, enredo e tudo<sup>788</sup>.”

A CUT é comparada aos golpistas de agosto. Não se “adaptar ao século XXI” era uma situação ainda mais gritante quando confrontada com o caso dos partidos de esquerda que aderiam à modernização. *Veja* lembra que o PCB trocou Fidel por Gorbachev como símbolo. Roberto Freire disse que “o Fidel, por muito tempo, foi o exemplo de vitória do socialismo. Agora é o Gorbachev”. Sandinistas, como Lula, pareceriam desatualizados frente aos próprios comunistas, que, como na matéria acima, sob Gorbachev, criticavam Cuba, confraternizavam com Thatcher e poderiam rever até o leninismo<sup>789</sup>. O momento requereria que toda a esquerda política adotasse a plataforma da nova socialdemocracia, no que o PCB também avançava mais rapidamente que os demais, como na reportagem “Freire vai propor o fim do PCB” – seguindo a reviravolta do PC Húngaro<sup>790</sup>. Nova socialdemocracia, à espanhola, porque a velha, ligada à presença do Estado em vários setores e no Estado do bem-estar social, estava com dos dias contados, diante do avanço conservador e de suas exigências de “privatização de escolas e hospitais, corte nos gastos públicos, impostos mais baixos”. A terceira via entre capitalismo e socialismo não funcionava, como o comunismo também<sup>791</sup>, a antiga socialdemocracia era “um modelo falido”<sup>792</sup>. Ocorria então uma contradição e as noções de esquerda e direita perdiam o sentido. A esquerda brasileira estaria se descaracterizando por estar na “contramão”<sup>793</sup> da tendência imposta pela esquerda internacional, inclusive os comunistas do Leste, ao não seguir as agendas mais modernas e se ancorando em antigas tradições já superadas e antiquadas.

A marcha das privatizações e da liberalização da economia soviética tornaria obrigatório ao Brasil seguir o mesmo caminho. Não adotar a agenda neoliberal significava ficar para trás na

<sup>786</sup> *Veja*, nº 1161, 19/12/1990, 54.

<sup>787</sup> Gennady Ianaiev foi um dos líderes do Golpe de Agosto, ocupando o cargo da presidência no período.

<sup>788</sup> Debate ideológico. *Veja*, nº 1202, 02/10/1991, 24.

<sup>789</sup> Sozinho numa ilha. *Veja*, nº 1075, 12/04/1989, 48.

<sup>790</sup> O general inverno. *Veja*, nº 1109, 13/12/1989, 61.

<sup>791</sup> O fim da utopia. *Veja*, nº 1201, 25/09/1991, 52.

<sup>792</sup> *Veja*, nº 1118, 21/01/1990, 45.

<sup>793</sup> *Veja*, nº 1127, 25/04/1990, 85.

modernização econômica até dos países comunistas que estavam promovendo velozmente a transição. A revolução do mercado foi consagrada, e agora “precisa virar de cabeça para baixo a economia do maior país do planeta, enterrando o dirigismo em seu berço natal”<sup>794</sup>. Mesmo os trabalhadores, para quem o país teria sido forjado, detestavam o sistema e clamavam pelo capitalismo: “O operário Alexander Shavlonov e sua família: “Não queremos mais o socialismo””<sup>795</sup>. O trabalhador brasileiro consciente deveria fazer o mesmo.

A nova sociedade soviética que eclodia deveria ser um exemplo a ser seguido pelos empresários, classe média e operários do Brasil. Assim *Veja* faz desfilarem em suas páginas os vários casos de sucesso de dirigentes de empresas que tiveram que promover a reconversão da produção bélica em civil, do empreendedorismo das cabeleiras que ao oferecerem um serviço melhor e num ambiente mais agradável ganhavam o dobro do salário médio, do bem-sucedido investidor de bolsa de valores, do agricultor que arrendou terras estatais, da médica que passou para a iniciativa privada com a privatização dos hospitais, que melhorou e muito as consultas<sup>796</sup>.

A realidade brasileira serviu de meio de condução da montagem dos textos jornalísticos de *Veja*, como o uso de termos como “abertura” e “diretas já” para caracterizar a reestruturação política soviética. Outro tipo de paralelo pode ser observado também. Essa ferramenta permitia tornar o noticiário mais deglutível ao seu público, como também estabelecer analogias de interesse. Durante as comemorações dos 100 anos da Proclamação da República e o primeiro turno das eleições de 1989 ocorreu a queda do Muro de Berlim. O título da reportagem era “Já raiou a liberdade”<sup>797</sup>.

Como mostra Carla Luciana Silva, *Veja* apoiou o governo Collor mesmo quando os escândalos de corrupção começavam a estourar (SILVA, 2009, 34). Tal apoio poderia ser feito também através do noticiário externo, principalmente para o caso do Leste Europeu. Se a transição ou retorno para o capitalismo podia ser chamado até de “pesadelo”, descortinava um futuro de abundância e comodidades. Bastava apenas esperar. Afinal, se tratava do “pesadelo da transição” e não de um pesadelo do capitalismo<sup>798</sup>. Era outro exemplo que se deveria seguir no Brasil: continuar e agilizar a agenda neoliberal, por piores que fossem as consequências, pois estas seriam transitórias. Como desculpa para a situação econômica, com o congelamento da

---

<sup>794</sup> A louca era de agosto. *Veja*, nº 1197, 28/08/1991, 25.

<sup>795</sup> FUSER, Igor. Lá é muito pior. *Veja*, nº 1213, 18/12/1991, 41.

<sup>796</sup> FUSER, Igor. O negócio é biznes. *Veja*, nº 1214, 25/12/1991, 26-29.

<sup>797</sup> Já raiou a liberdade. *Veja*, nº 1105, 15/11/1989, 130.

<sup>798</sup> Pesadelo da transição. *Veja*, nº 1207, 06/11/1991, 42.

poupança, o fracasso ao combate à inflação através de juros altos e arrocho, tabelamento de preços e salários (criando o ágio e caos econômico), e a queda da produção industrial (abril de 1990 teve queda de 26% comparado a abril de 1989), altos impostos e reajustes mensais das tarifas públicas, diminuição do PIB per capita, escândalos de corrupção, só o cenário de desagregação e de guerra civil no Leste poderia servir como um alívio, pois seria o destino de qualquer tentativa de implantar um modelo de desenvolvimento diferente. O país teria condições de realizar reformas econômicas com mais facilidade do que as nações aprisionadas por 40 ou 70 anos de comunismo. Estávamos mais aptos para suportar uma terapia de choque e a desnacionalização em massa:

A nossa crise monetária não se compara com a brasileira (370% ao ano). Vocês têm inflação, mas podem ir à loja e encontram mercadorias. Nós temos preços em alta sem ter o que comprar”, adverte Abel Aganbeguian, diretor da academia”. “Das regiões mais pobres da Sibéria aos gabinetes mais poderosos do Kremlin, dos monarquistas que se fantasiam de soldados do czar aos generais de verdade que duvidam das reformas de Mikhail Gorbachev, soviéticos ou secessionistas, todos estão de acordo com uma coisa: o que está aí não se salva e a solução é a economia de mercado, ou , como eles preferem, “o mercado””.

O que é esse “mercado”, eixo em torno do qual gira todo o movimento de renovação soviético? [...]. Para a maioria dos cidadãos, o “mercado” significa a oportunidade de vender ou de comprar 1 quilo de carne por 50 rublos. É verdade que o preço da tabela socialista é de 20, mas por esse preço ou não há carne, ou há apenas osso. Ou, ainda, trabalhar numa cooperativa a um salário de 1 000 rublos por mês, contra os 300 que a sociedade do futuro paga a um cirurgião<sup>799</sup>.

Poderíamos aguentar as dificuldades transitórias e no futuro atingir o patamar dos países do Primeiro Mundo, ou trilhar os caminhos já reconhecidos como fracassados e direcionados à lugar nenhum, como no Leste. Como a revista disse, “Lá é muito pior: com o país em frangalhos, os órfãos da extinta União Soviética enfrentam um inverno em que falta tudo, de comida à esperança”<sup>800</sup>. Há filas, há confisco, há inflação como aqui, mas não há o que comprar (não tanto. Para fazer ágio sobre as mercadorias tabeladas, elas eram retiradas das prateleiras e levadas ao mercado negro) na URSS, mesmo com manchetes do boletim interno desmentindo parcialmente essa afirmação: “O desabastecimento aumenta, 80% dos açougues de São Paulo estão sem carne” bovina, de frango, óleo de soja e trigo<sup>801</sup>.

Gorbachev, “ao expor a crise do socialismo e abrir o debate em torno do papel do Estado na economia, o líder soviético deu a grande guinada ideológica dos anos 80”. “A grande fronteira

<sup>799</sup> GASPARI, Élio. A Segunda Revolução. Veja, nº 1191, 17/07/1991, 26-27.

<sup>800</sup> FUSER, Igor. Lá é muito pior. Veja, nº 1213, 18/12/1991, 36.

<sup>801</sup> Veja, nº 1170, 20/02/1991, 21.

entre capitalismo e comunismo, desde 1989, quando caiu o Muro de Berlim, não existe mais, por desistência de um dos contendores. Resta debater a privatização”, não restando qualquer outra oposição à agenda que o “debate ideológico”, enviesado e não realista<sup>802</sup>. O falso sentimento de “familiaridade” da imprensa com Gorbachev (ARBEX, 2001, 223) talvez não fosse tão falso assim, ao menos após 1990. Com certeza não era falso diante de assessores reformistas na virada dos anos 1980 para os 1990, neoliberais ou “neoclássicos” (ALIGICA; EVANS, 2009, 52). Várias frases dos reformistas são citadas por *Veja*, e mesmo extirpadas de seu contexto, não diferem muito de suas reais intenções. Esse é o caso do primeiro-ministro Nikolai Ryzhkov e suas afirmações de que “a noção de igualitarismo foi degenerada, transformando-se em parasitismo”, ou de que as cooperativas “num curto espaço de tempo, poderão resolver os problemas que impedem a implantação da perestroika”<sup>803</sup>. Ou Gorbachev, quando teria respondido que, se quisesse se tornar ditador, o teria feito em 1985. “A liderança do partido naquela época tinha mais poder do que qualquer um na face da terra. Mais poder do que Pinochet”<sup>804</sup>. *Veja* não faz uma leitura intensamente diferente do que acontecia no país. Se levarmos em conta o que Yevgeni Primakov, futuro presidente do Soviete da União, escreveu no *Pravda*, no início de 1988, segundo Rodrigues, mesmo o fim da Guerra Fria poderia ser creditada a uma vitória de Reagan, já que a URSS teria duas opções: ou se manter na corrida armamentista e criar sua IDE a custos proibitivos ou capitular (RODRIGUES, 2006, 200) – essa pelo menos era a visão parcial dos próprios reformistas no Kremlin. Para Yakovlev, “a sociedade soviética, em 1985, apesar de “profundamente doente”, não queria perceber sua doença e exteriormente parecia quase saudável”, o que tornava fundamental que Gorbachev “exagerasse” ao analisar a crise do país. Essa mudança foi tão repentina que, ainda em 1985, os soviétólogos falavam em “crise de eficiência e não em crise sistêmica ou terminal” (BROWN, 1996, 90). A perestroika tornou-se para *Veja* sinônimo de reforma economia neoliberal e mencionou um cenário “pós-perestroika” uma única vez, e mesmo assim com maior sentido de glasnost – em mais uma confusão de termos – já que falava da produção cinematográfica num ambiente cultural em que a transição já havia se concretizado, do que no sentido econômico, muito dificilmente concebível<sup>805</sup>. Essa percepção da perestroika não era apenas de *Veja*:

---

<sup>802</sup> Debate ideológico. *Veja*, nº 1202, 02/10/1991, 24.

<sup>803</sup> As teses da mudança. *Veja*, nº 1030, 01/06/1988, 41.

<sup>804</sup> Chute na barraca. *Veja*, nº 1162, 26/12/1990, 41.

<sup>805</sup> Surpresa de Moscou. *Veja*, nº 1163, 02/01/1991, 72.

“*Quem fará a nossa perestroika? Quem nos matriculará na escola moderna de Gorbachev?*” (*O Globo*, 10/03/1988, p. 4). A pergunta de *O Globo* identificava a ausência de um líder que fosse capaz de inserir o Brasil na escola do presidente da URSS, conduzindo-o no rumo correto. Em consonância com a estratégia de impor como verdadeira a sua visão de mundo, o jornal também teceu várias imagens referentes à figura do dirigente máximo da *perestroika* (COSTA, 2008, 145).

Se *O Globo* clamava por uma perestroika à brasileira em 1988 (COSTA, 2008, 139), *Veja*, a partir de 1989, passa insistentemente a alertar que o Leste ameaçava deixar o Brasil para trás no desenvolvimento econômico capitalista. É o caso da reportagem “A segunda revolução: enquanto o Brasil se atrasa, os países socialistas levantam as barreiras econômicas, prometem lucros ao Ocidente e atraem investimentos”<sup>806</sup>.

## 7.2 As relações do noticiário com a publicidade – o caso Lada

A campanha da Lada é um dos casos reveladores de como se dá a formação de certa fatia da publicidade – por meio da compra do veículo comunicativo, a “venda dupla” comentada por Carla Luciana Silva (SILVA, 2009, 17). Em dezembro de 1989 os carros da Lada ainda eram descritos por *Veja*, diretamente ou por meio de insinuações, como a pior das carroças, ao lado dos trabants. “Os Vassilieff não têm carro: um pequeno Moscovitch custa o equivalente a 34 salários de Igor, 6 000 rublos, e um Lada sai por 10 000 rublos. Sem mencionar preços, o casal prefere dizer que dispensa o automóvel “por razões ambientais”<sup>807</sup>. Pouco mais de sete meses depois, os Lada são carros baratos, robustos, econômicos e seguros. É o que afirma uma reportagem da revista sobre os modelos soviéticos.

Os carros que ela começa a vender em novembro terão um preço bastante razoável para os brasileiros que não têm dinheiro para levar para casa os modelos mais caros da indústria nacional [...].

A Lada é a primeira grande fábrica estrangeira que aparece no Brasil com um pacote concreto para vender seu peixe [...].

Os carros da Lada foram desenhados para rodar nas maltratadas rodovias da União Soviética, um país onde o asfalto ainda é uma raridade. Por essa razão, aguentam o tranco das estradas brasileiras. Os concorrentes [...] são feitos para circular em estradas que, comparadas às brasileiras, são suaves como mesas de bilhar [...].

Graças a um elemento típico da economia socialista, o tempo de vida deles está mais para as tartarugas do que para as borboletas<sup>808</sup>.

<sup>806</sup> A segunda revolução. *Veja*, nº 1108, 06/12/1989, 116.

<sup>807</sup> O general inverno. *Veja*, nº 1109, 13/12/1989, 65.

<sup>808</sup> Os carros do Leste. *Veja*, nº 1144, 22/08/1990, 92-93.

Essa mudança extraordinária ocorre concomitantemente com a introdução de uma campanha publicitária da Avtovaz, a montadora da Lada. A campanha contava com um garoto-propaganda vendável o suficiente para que a anúncio fosse repetido em outro mês: “aproveite que os russos não entendem nada sobre lucro. Eles ainda fazem carros que duram pelo menos 20 anos”, “espere só até novembro e compre os primeiros Lada que vão chegar ao Brasil. Porque do jeito que os russos aprendem rápido, logo eles podem aprender a ganhar dinheiro”<sup>809</sup>. Outro anúncio dizia que “tem gente que ainda acha que a tecnologia russa se resume a duas ferramentas” – a foice e o martelo enferrujados e abandonados aparecem em destaque.

Se a capacidade tecnológica da Rússia estivesse ainda na idade da foice e do martelo, seria interessante imaginar como os russos conseguiram lançar o primeiro foguete tripulado para fora da nossa atmosfera, a primeira nave a descer na Lua e construir estações espaciais com recorde de permanência dos astronautas. Claro que estas conquistas só foram possíveis com o profundo conhecimento de aerodinâmica, informática, metalurgia, mecânica, etc. E mais cedo ou mais tarde esse conhecimento é passado para as indústrias de bens de consumo. O maior exemplo disso é a Lada [...]. Você vai ver que na Rússia as carroças já foram substituídas por carros há muito tempo<sup>810</sup>.

A reconversão, que era uma marca da falência do regime, agora é vista como um passo evolutivo necessário, que havia deixado para trás a “idade da foice e do martelo” – idade materialmente inferior à do capitalismo. A matéria é comodamente inserida na abertura da matéria “O renascer de uma grande nação”, sobre a incorporação da Alemanha Oriental à Ocidental. A ideia já defendida e disseminada há algum tempo pela revista de que o Leste se abria para a modernidade a um ritmo mais rápido que o Brasil retorna com a afirmação “Você vai ver que na Rússia as carroças já foram substituídas por carros há muito tempo”. Era uma defesa do fim da reserva de mercado para as montadoras estabelecidas no país, aprovada por Collor em 9 de maio de 1990, com o discurso de que a abertura ofereceria ao consumidor nacional algo melhor que “carroças”, como definiu os veículos produzidos no Brasil. A indústria automobilística russa seria competitiva até mesmo por não mais produzir veículos de baixa qualidade. Era moderna e arrojada por ser uma das primeiras a explorar as possibilidades do recém-criado mercado consumidor brasileiro para importados. A estatal soviética era também um exemplo para o empresariado interno conceber e renovar seus negócios à luz dos novos tempos.

---

<sup>809</sup> Veja, nº 1202, 10/10/1990, 26-27.

<sup>810</sup> Veja, nº 1149, 26/09/1990, 48-49.

Um alerta para que o Brasil não ficasse para trás. Essas ideias foram retomadas pelos editores de *Veja* dois meses depois.

Durante os últimos anos, o empresariado brasileiro queixou-se da interferência do Estado na economia [...].

Boa parte desse projeto econômico liberalizante vem sendo colocado em prática pelo governo de Fernando Collor, tanto que na semana passada começaram a chegar no país os automóveis soviéticos Lada. Confrontados com as medas que tanto defenderam no passado, porém, muitos empresários mudaram repentinamente de posição [...].

O livre-mercado implica competição, risco, busca permanente de excelência e racionalização da produção. Tanto quanto no passado, essas verdades continuam a ter validade. Com a diferença que, agora, elas estão deixando de ser discursos eloquentes para se transformar em realidades concretas<sup>811</sup>.

O governo Collor apenas atendia as antigas aspirações do empresariado brasileiro. Este, entretanto, mudara de ideia. Abandonara essas “verdades”, resgatadas e postas em prática pelo presidente. Essa reviravolta seria creditado à argumentação de que mesmo a produção soviética era melhor que a nacional. O que é reforçado com a legenda da imagem do caminhão-cegonha carregado com carros da Lada: “carros russos: a competição está chegando”.

*Veja* não relacionava o Lada com Collor apenas como um apelo à abertura econômica. Leopoldo Collor de Mello, irmão mais velho do presidente, é mostrado como um empresário dinâmico, arrojado e um entusiasta da chegada dos carros soviéticos.

Leopoldo também anda radiante depois da chegada dos automóveis russos Lada no país. É que o vice-presidente da empresa que importou o automóvel, a Lada do Brasil, é um grande amigo seu. Trata-se de Emílio Julianelli [...], que até dois meses atrás despachava no escritório de Leopoldo, em São Paulo. O empreendimento dos Lada caminha bem e, se tudo der certo, pode render mais de 200 milhões de dólares por ano. Depois de chamar os carros fabricados no país de carroças, o presidente Fernando Collor passeou de Ferrari e também experimentou os dois modelos Lada em Brasília<sup>812</sup>.

Em 1990 foi publicado um anúncio da Lada com duas páginas na revista, com fundo vermelho. A da direita, totalmente ocupada com o rosto de Gorbachev. Na da esquerda está escrito o seguinte:

Você compraria um carro deste homem?

Se a sua resposta é sim, ele tem um carro para vender. Um carro 0 km, em perfeitas condições de competir nos mercados de 116 países, alguns deles muito mais exigentes que o nosso. Como a França, a Inglaterra, Canadá e Alemanha. Se a sua resposta é não, você precisa se informar mais sobre Mikhail Gorbachev. E sobre a Lada, a maior fabricante de carros da União Soviética. Ela é uma das mais modernas empresas russas,

<sup>811</sup> Carta ao leitor. *Veja*, nº 1153, 07/11/1990, 27.

<sup>812</sup> *Veja*, nº 1156, 14/11/1990, 43.

tanto que foi a primeira a ter uma linha de montagem robotizada. Igualzinha à das montadoras que você já está conhece. Com isso a Lada produz quase 1 milhão de carros por ano. Grande parte é exportada e uma boa parte roda na União Soviética, ficando, muitas vezes, até 15 anos com o mesmo dono. Se a sua resposta é não sei, espere até novembro. Você vai ver para crer<sup>813</sup>.

Era uma referência ao debate televisionado entre John Kennedy e Richard Nixon nas eleições presidenciais de 1960. E Gorbachev não deveria ter do consumidor brasileiro a mesma resposta que o eleitor dos EUA deu à Nixon, quando inquirido se compraria um carro usado de um homem tido por excepcionalmente mentiroso. É nesta fase em que Gorbachev tem, de longe, a imagem mais positiva composta por *Veja*. Ele encarna o espírito de confiança no desarmamento e na democratização. Com essa propaganda, a Lada tentava estabelecer para seu produto o mesmo tempo de utilidade que os carros ocidentais produzidos na época. Ela tentou se tornar símbolo de modernidade, não só soviética, como das indústrias automobilísticas ocidentais, que são seu ponto de comparação e equivalência.

Temas antes carregados de apreensão pela mídia conservadora aparecem ironizados na propaganda, como a que se aludia às “primeiras bases russas no Brasil”, “estes pontos vermelhos que você está vendo no mapa são os primeiros lugares onde os russos estão se instalando no Brasil”, com concessionárias e mecânicas autorizadas<sup>814</sup>. Ao Niva, seguiu-se a campanha do Lada Samara<sup>815</sup>, que, “por via das dúvidas o carro vem com uma caixa de ferramentas completa”<sup>816</sup>. O Lada Niva era feito para “o pessoal que gosta de contestar até as leis da natureza”, “o russo que vai levar o jovem brasileiro *para o mau caminho*” e promover a revolução das estradas do off-road<sup>817</sup>. A ameaça da expansão do comunismo, sempre reforçada no passado, virara humor.

O Samara, o Niva e o Laika representaram uma situação difícil de ser lidada pela revista e pelos publicitários. Acostumados a lidar com as montadoras ocidentais (apesar de nem todas de capital privado, como a Renault-Gordini), a Lada representava até então o oposto do ideal publicitário automotivo. Era necessário dizer que ou a verdade sobre os modelos havia sido ocultada ou distorcida, ou que os novos tempos também atingiram os carros soviéticos. Foram usadas ambas as possibilidades. O último anúncio, de três páginas, usava a modelo soviética Elena Utkina, na primeira página com a mensagem: “Este é o segundo melhor exemplo da nova

<sup>813</sup> *Veja*, nº 1153, 24/10/1990, 18-19.

<sup>814</sup> *Veja*, nº 1155, 07/11/1990, 18-19.

<sup>815</sup> *Veja*, nº 1161, 19/12/1990, 84-85.

<sup>816</sup> *Veja*, nº 1159, 05/12/1990, 87.

<sup>817</sup> *Veja*, nº 1158, 28/11/1990, 24-25. Grifos meus.

estética soviética”. As duas páginas seguintes traziam o seguinte: “Este é o primeiro: Lada Samara”:

Assim como a top model soviética Elena Utkina desfila seu charme e elegância pelas passarelas do Ocidente, o Lada Samara passeia seu design e elegância pelo mundo. Com um estilo capaz de transformar ruas e avenidas em passarelas.

Porque, apesar de a Elena ser tudo isso que você viu na foto, o Samara é tudo o que algumas pessoas precisam para rever seus conceitos (e preconceitos) sobre a estética do design soviético [...].

Mais um ponto: como bom soviético, ele não esquece nenhum detalhe quando o assunto é segurança [...]. A esse respeito, ele ainda leva uma vantagem sobre a Elena: a aproximação é mais fácil [...].

Mais uma grande prova de transformação estética é o fato de esta estrela da indústria soviética ser encontrada em várias cores. Agora, além da estrela vermelha, eles também se orgulham da estrela branca, da estrela azul, da estrela verde e de muitas outras.

Lada Samara. Depois de você terminar de admirar a Elena Utkina, venha conhecer esta beleza de carro em um dos mais de 100 revendedores Lada espalhados pelo Brasil.

Se na Elena você só pode colocar os olhos, nele você pode colocar as mãos<sup>818</sup>.

A publicidade do Lada encontrou espaço mesmo em notas esportivas da revista *Veja*, que aponta três possíveis campeãs para o rali Paris-Dacar: a Citroën, a Mitsubishi e a Lada. “Também têm alguma chance os soviéticos Lada-Samara, baseados nos modelos que acabam de chegar ao Brasil. Um dos lada está sendo conduzido no rali pelo ex-piloto de Fórmula 1 Patrick Tambay”, cujo carro merece uma foto, pulando por sobre as dunas, e a legenda que lembra estar sendo pilotado por alguém famoso<sup>819</sup>.

Por fim, quando termina o contrato de publicidade, e, convenientemente, Gorbachev é associado firmemente aos setores conservadores e repressores, deixando de ser tratado com uma certa condescendência, relativamente a outros órgãos de imprensa, que denunciavam o novo perfil conservador de Gorbachev desde as primeiras nomeações de membros da linha-dura para os ministérios (COSTA, 2008, 149). As palavras mais duras lançadas por *Veja* durante a vigência da campanha publicitária se referiram aos separatistas do Báltico, que estariam “sob o domínio do medo”<sup>820</sup> ou à “Glasnost manchada de sangue”, mas sem as referências explícitas contra Gorbachev de *O Globo*. O garoto-propaganda usado pelos anunciantes não poderia ser atingido. Sua imagem precisava ser preservada. Até mesmo a análise política de *Veja* é contagiada pela publicidade contratada. Repentinamente os carros soviéticos voltam ao seu antigo status de “ladas deselegantes e pesadões”<sup>821</sup>. “Carro novo na revendedora hoje, só os da Lada, que estão sobrando

<sup>818</sup> *Veja*, nº 1161, 19/12/1990, 83-85.

<sup>819</sup> Os favoritos do Paris-Dacar. *Veja*, nº 1164, 09/01/1991, 51.

<sup>820</sup> Sob o domínio do medo. *Veja*, nº 1124, 04/04/1990, 46.

<sup>821</sup> O desafio no caminho da liberdade. *Veja*, nº 1202, 02/10/1991, 41.

no pátio”<sup>822</sup>. *Veja* passou a afirmar que o Lada era um carro montado com os métodos modernos, mas com o padrão soviético: antiquado, pesado – logo desperdiçador de combustível, oneroso, com manutenção constante e vida útil pequena. Faz questão de lembrar que ele é “irmão” do Trabant, “abandonados na sarjeta, trocados por seus donos por carros ocidentais de segunda mão. Enquanto isso, o seu irmão soviético – o Lada – atravessa o Atlântico para buscar sua sobrevivência no Brasil”<sup>823</sup>. Comprar o irmão do Trabant, “o carro de motor dois tempos e fibra de plástico”, “o carro oficial do vale dos dinossauros”, que “cospe fumaça como um trem a vapor”<sup>824</sup>, não parece ser bom negócio. Ainda poderia ser alvo da dependência tecnológica da URSS frente ao ocidente, principalmente em bens de consumo, que se manifestaria na compra de patentes de produtos ocidentais ou da espionagem industrial.

Ao abrir o país às importações, o governo pretendia sacudir o marasmo da indústria nacional com as maravilhas produzidas no Primeiro Mundo. No caso das importações no setor automobilístico, esse plano evoluiu de forma esquisitíssima. Para concorrer com os carros brasileiros, que o presidente Fernando Collor chamou de carroças, nada de refinados automóveis europeus ou supermodernos veículos japoneses. As únicas coisas que chegaram ao país em número apreciável até agora foram as carroças soviéticas [...]. Com a abertura, o governo tinha a ideia de dar um choque elétrico nas montadoras brasileiras e fazê-las despertar para um mundo em que os carros são equipados com computadores de bordo, freios eletrônicos e até sistemas de navegação. Só que o jipe da Lada não tem nada disso. Por enquanto, os brasileiros que o compraram estão animados por poder dirigir um carro exótico<sup>825</sup>.

Após legitimar o projeto do governo Collor, *Veja* foi ainda mais objetiva na recusa ao antigo anunciante. O Samara, criado pelo italiano Giorgio Giugiaro, pai do Passat, não faria “papel feio” frente aos modelos populares mais baratos e simples, como o Gol, mas perderia “por nocaute” para os demais. Cita o sertanista Orlando Vilas-Boas, dono de um Niva, para legendar a foto do mesmo com seu carro, abaixo da imagem do Laika e do Samara: “um pouco durinho”.

O Laika é outra história: ele é o Fusca da União Soviética [...] e seu desenho é quadrado, tão sem graça quanto refogado de chuchu, ou quanto dançar com a irmã [...]. O Niva perde. Ele é parente de um carro de boi – bom para os trancos da roça, ruim para o asfalto<sup>826</sup>.

O Laika, que não recebeu anúncios em *Veja*, foi fustigado seguidamente. O veículo era o “pé-de-boi da Lada”<sup>827</sup>. É importante ressaltar que esta não foi a única campanha publicitária que

<sup>822</sup> Tabela? Que tabela? *Veja*, n° 1191, 17/07/1991, 74.

<sup>823</sup> O triste fim do Trabant. *Veja*, n° 1173, 13/03/1991, 37.

<sup>824</sup> *Veja*, n° 1107, 29/11/1989, 107.

<sup>825</sup> Outra dose soviética. *Veja*, n° 1163, 02/01/1991, 66.

<sup>826</sup> *Idem*, 66.

tratou com humor as características do socialismo real como percebido pelo anticomunismo. A campanha da Smirnoff e da Embratel seguiram a mesma linha. Esta última tinha por chamada “Moscou em linha direta com 007”: “O código é 007. Você disca e fala diretamente com a União Soviética, sem o auxílio de telefonista. *Não tem segredo*. A partir de hoje a União Soviética está ligada ao Brasil pelo DDI”<sup>828</sup>. Roberto Boaventura em seu *A revista Veja na campanha eleitoral de 1989* lembra que a propaganda veiculada na mídia não tem apenas o objetivo restrito de induzir o consumidor a adquirir produtos e serviços do anunciante. Essa percepção atinge

um grau maior na compreensão da real proximidade entre um texto de propaganda e um texto publicitário [...]. A publicidade ainda tem sido vista como atividade apenas a serviço do consumo, do mercado, abrangendo, no máximo, a venda de imagens e/ou emoções. Nessa concepção conservadora, somente a propaganda continua vinculada à noção da venda de uma ideologia propriamente dita [...].

Logo, ultrapassando também quaisquer eventuais limites que um anúncio publicitário pudesse ter. E é exatamente o que defendemos. Vários anúncios publicitários puderam ser registrados como participantes ativos da conjuntura política brasileira que abrangeu o período do final de 1986 ao final de 1989 (SILVA SÁ, 2002, 129-130).

Seu foco incide no uso de campanhas publicitárias como propaganda eleitoral, conduzindo o leitor a uma maior proximidade ou distanciamento com determinado candidato. O meio de atingir esse fim extrapola o campo puramente eleitoral e da disputa entre candidatos.

Na publicidade, como vários anunciantes e agências estiveram atentos a todo o processo vivido pelo mundo e, em especial, pelo Brasil, foi natural que isso também se refletisse no nível dos discursos da linguagem publicitária, embora, às vezes, o conflito não fosse colocado de forma explícita, exigindo do co-enunciador um repertório cultural associativo aguçado para que pudesse objetivar as nuances dos discursos. O que não significa dizer que se esse interlocutor não conseguisse, ou mesmo não tivesse preocupação em objetivar coisa alguma, estaria isento da eficácia persuasiva de tais anúncios. Aliás, pelo contrário; a objetivação, ou a consciência, para usar a terminologia de Bakhtin, só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico. Depois dessa impregnação é que cabem quaisquer tomadas de posição [...].

Já o anúncio da revista *Veja* [...], em encarte na mesma edição da peça anterior, numa mistura nítida de publicidade com o texto jornalístico, aproveita-se da orelha contida na capa da Ed. 1093 – “Polônia: Lech Walesa mina o comunismo” – para transformá-la em título do texto do anúncio, que, no cerne, pede ao (e)leitor que “valorize suas conquistas, estando em sintonia com o seu tempo”; ou seja, que esse (e)leitor também mine quaisquer propostas que não defendam o capitalismo. Observemos que a parte do rosto masculino em close, ilustrando a peça junto com a orelha, sugere analogia fotográfica com a imagem de Collor, defensor do sistema capitalista [...].

Desta forma, encontramos em diversos textos de publicidade verdadeiras campanhas ideológicas, quando não político-partidárias. Por isso, esse conjunto de anúncios só pode ser compreendido em sua real abrangência se visto como extensão de outros discursos, mais especificamente dos jornalísticos, pautados pela mídia nacional (SILVA SÁ, 2002, 131-133).

<sup>827</sup> Sem barreiras. *Veja*, nº 1213, 18/12/1991, 91.

<sup>828</sup> *Veja*, nº 1111, 31/12/1989, 127. Grifos meus.

Usa Bakhtin para demonstrar como o anúncio remete o leitor para informações externas a ele mesmo: um conjunto de opiniões, percepções, preconceitos, ideologias disseminadas na sociedade. Através da identificação promovida ele se torna portador de um discurso muito maior do que o contido em suas linhas. Além das motivações políticas para essa interação entre publicidade e campanha eleitoral, há também as ideológicas. O debate em voga sobre o Leste Europeu suscitava oportunidades para os grupos empresariais que pagavam pelos anúncios (e os publicitários, que os elaboravam) de defender seu projeto e as candidaturas que o apoiavam.

Esse entrosamento não permanece apenas durante a vigência das campanhas eleitorais. A campanha da Lada ocorreu em 1990, com Collor já empoçado. Faltavam ainda dois anos para o pleito nos estados. Sem dúvida o pleito de 1989, com as arenas políticas distintas e o cenário político, econômico e discursivo promovido pela queda do Muro de Berlim e o desmoronamento a olhos vistos de regimes meses antes sólidos, como o da Alemanha Oriental, foi um momento propício para o uso político da publicidade na mídia. As questões que perpassavam a luta entre as candidaturas para a presidência também estavam presentes na que se desdobrava entre os novos grupos desejosos de ascender ao poder no Leste, ou na reviravolta dos antigos quadros governantes em suas tentativas de se reinventar e de permanecer no poder ou com algum espaço neste: o papel do Estado, da propriedade privada, do mercado interno e externo, da regulamentação econômica, etc. Estavam no noticiário, repetidas intensamente. Este era um momento em que o conteúdo ideológico não declarado da propaganda estava especialmente apto a ser recebido ou ecoado. Em 1990, mesmo sem eleições, a campanha publicitária servia como defesa do programa de privatizações e de abertura comercial do governo Collor.

A temática do Leste Europeu foi intensamente usada no período. A campanha da Smirnoff fazia uma releitura do passado e do presente da URSS. Na página da esquerda, ao lado da imagem de sua garrafa, havia a seguinte mensagem:

Em 1917, Smirnoff deixou a Rússia. Não exatamente por vontade própria. E ganhou o Ocidente. Tornou-se a vodka mais vendida em todo o mundo. Presente, pura ou com gelo, em mais de 140 países. 73 anos depois, Smirnoff volta ao seu país de origem. Por vontade própria e pela porta da frente. Agora, os russos voltaram a beber vodka como antigamente. É sempre bom voltar para casa. Spasibo<sup>829</sup>, Gorbachev<sup>830</sup>.

<sup>829</sup> “Obrigado”, em russo. Pronuncia-se *spasiba*. Gorbachev voltaria a ser usado como propaganda logo após o fracasso da Junta de Agosto, em publicidade de cosméticos e restaurantes (Veja, nº 1197, 28/08/1991, 82-83; 97).

<sup>830</sup> Veja, nº 1132, 30/05/1990, 2-3.

Na página da direita, um Gorbachev enxugando lágrimas com um lenço, com os dizeres: “Volta pra casa, Smirnoff. E desculpe alguma coisa”. O discurso era claro: a Rússia voltava a ser como antigamente. Era a revolução recuperadora do passado. Era o reconhecimento pela liderança da falência e da inutilidade de 73 anos de comunismo e um retorno oficial e desejoso às práticas e organizações capitalistas. Do erro que foi se afastar das benesses do capitalismo<sup>831</sup>.

Doze dias após a queda do Muro de Berlim, o Unibanco publicou um anúncio de seguros de assistência internacional. “Se você bater contra um muro em Berlim, ligue pra gente”. “A gente não poderia ficar em cima do muro em um assunto tão importante como este”<sup>832</sup>. Na foto, um homem de negócios, atônico, contra o muro. O banco Bamerindus usou a foto do aperto de mão entre o papa com Gorbachev em seu anúncio publicitário. Seu título é “o futuro a gente faz todo dia”: “Tem gente que é amigo de fé. Tem gente que é irmão camarada. É gente que faz a diferença. Mikhail Gorbachev e o Papa João Paulo II, Estado do Vaticano, dezembro de 1989”<sup>833</sup>. O futuro é de quem tem iniciativa e estaria aberto à modernidade. O uso das questões da transição soviética esteve presente até na publicidade do jornalismo do SBT e de seu ancora, o ex-membro do Comando de Caça aos Comunistas, Boris Casoy, apresentado como Boris Yeltsin, num layout de jornal impresso. O inovador que ameaça a liderança conservadora de seus oponentes.

Boris Casoy, líder da ala ultra-reformista do telejornalismo brasileiro [...] que hoje representa a transição para reformas ainda mais rápidas e definitivas no telejornalismo [...]. Ele, passando por um importante teste de popularidade, está enfrentando no reduto das 20 horas o Politburo dos noticiários<sup>834</sup>.

A compra da opinião de *Veja* pela Avtovaz e sua campanha publicitária em torno do Lada Niva e do Samara é mais uma prova do profundo grau de entrosamento entre a visão formulada pela revista do Leste Europeu e de suas perspectivas e interesses internos. Como a URSS enfrentava, entre outros, alguns dilemas parecidos aos do Brasil, e era facilmente associada no imaginário conservador a todo e qualquer partido ou posição de esquerda, por mais diferentes que fossem seus projetos e ideários, tudo era motivo para promover uma aproximação entre ambos os cenários. Nesse momento, *Veja* destacava o que considerava como, ou afirmava ser, o caminho certo a ser seguido no melhor interesse do Brasil.

<sup>831</sup> O jeans Staroup, logo após a matéria sobre a derrota da Junta de Agosto, publicava o anúncio: “os soviéticos estão mostrando que honram as calças que vestem” (*Veja*, nº 1197, 28/08/1991, 70-71).

<sup>832</sup> *Veja*, nº 1106, 22/11/1989, 104-105.

<sup>833</sup> *Veja*, nº 1118, 21/2/1990, 24-25.

<sup>834</sup> *Veja*, nº 1133, 6/6/1990, 68-69.

## CONCLUSÃO

A montagem discursiva de *Veja* contou com a elaboração e fornecimento de ideias e argumentos por parte de seus analistas de confiança, em artigos ou entrevistas para a revista. Mas o contradiscurso do comunismo e do socialismo, que os homogeneizava e os invertia quanto a imagem autoconstruída e ainda portadora de uma disseminação, maior ou menor, nos países centrais do capitalismo ou no Terceiro Mundo, veio prioritariamente de outro tipo de fonte. Os reformistas não disponibilizam para *Veja* apenas as ocasiões, devidamente aproveitadas, mas a legitimação e oficialização de que a crítica antissoviética era a “verdade” ocultada por décadas, ou exposta pelos veículos conservadores, porém rejeitada pelas massas com a mente dominada ideologicamente e vendadas para a realidade, ou inclusive a inegabilidade do próprio discurso anticomunista e do fracasso do socialismo real.

E. P. Thompson apostou suas fichas na atuação de forças poderosas. A população do Leste desejava algum tipo de socialismo renovado. Suas manifestações diante dos novos governantes, contra uma cidadania de segunda classe (raramente noticiadas, ao contrário das manifestações contra os regimes de socialismo real), evidenciavam a busca de uma terceira via a ser implantada tanto no Leste quanto no Oeste. O fim do socialismo real poderia significar um fortalecimento do ideário socialista e de sua aplicação (BLACKBURN, 1993, 84). Cenário que, ao mesmo tempo em que era uma hipótese possível, cada vez menos era uma hipótese provável. *Veja*, que decidiu permanecer fiel a um setor dos soviétólogos que se demonstrou mais correto – ou flexível e que sabia jogar com um sem fim de possibilidades (BRZEZINSKI, 1990), mais precisamente – em suas análises, e nos próprios reformistas do Leste como uma autoridade secundária, acabou tecendo prognósticos que o tempo demonstrou serem mais corretos. Da mesma forma, a capa com as matrioskas se proliferando aos pés de Yeltsin de meados de 1991 se baseava em uma percepção correta que captava o essencial do jogo político do momento: na medida em que Gorbachev reformulava mais uma vez o Novo Tratado da União e em nome de uma aliança política tênue e efêmera com as lideranças das repúblicas, permitia a realização quase imediata de eleições para a constituição de um executivo estatal desvinculado do partido em cada uma delas. A fragmentação política entre lideranças ambiciosas pelo novo poder do Estado era muito mais certa do que o sucesso duradouro do novo pacto federativo.

*Veja* encontrou um ótimo parceiro para reforçar a crítica ao andamento da Constituinte de 1988 na mais improvável das figuras – o líder máximo do Partido Comunista. Parte da crítica de Gorbachev é replicada, parte é assimilada e reelaborada – quando não exatamente em concordância com os meios de comunicação, ou então quando melhor ou unicamente aplicáveis aos seus interesses, ao menos quando descontextualizada e resinificada (COSTA, 2008, 160) – e parte é filtrada e eliminada. Foi isso o que seu deu com a exposição de Gorbachev de que a autogestão socialista, com a escolha de diretores e gerentes pelos operários era mais democrática do que o regime de trabalho no Ocidente (GORBACHEV, 1988, 98) ou de que o socialismo revigorado era capaz de maiores realizações do que o capitalismo (GORBACHEV, 1988, 97), trechos não selecionados por *Veja*. O semanário deu atenção toda especial, com direito a citações e letras garrafais espalhadas pela diagramação de suas páginas, à revisão crítica da história da URSS e à condenação da economia centralizada e estatizada feitas pelo líder soviético em seu Perestroika. Entretanto, não destina qualquer espaço à sua condenação da política beligerante estadunidense, mencionando apenas trechos em que trata da paz e do desarmamento globais, sem tocar nas causas dos obstáculos em se conquistar esses objetivos. Ou a imiscuição danosa da cultura estadunidense, marcada pela violência e degeneração, na superior cultura europeia, da qual a *Rússia* faria parte natural, com notáveis contribuições<sup>835</sup>.

Se havia, como é natural e necessário, largas doses de reelaboração e representação, ou mesmo adulteração, convergindo as ações e projetos dos reformistas na URSS para dentro da agenda de *Veja*, outras passagens não precisavam disso. O ideário defendido por ambos era o mesmo – liberalismo econômico e combate cerrado aos defensores do socialismo real, fossem brejnevistas e reformadores parciais, fossem setores da esquerda política e dos nacionalistas econômicos brasileiros. O avanço ideológico do neoliberalismo expresso na mídia, e em *Veja* em especial, não se deu apenas com a “crise terminal” e “irreversível” do socialismo real, com o desmoronamento dos regimes que o adotavam (NETTO, 1993, 67), mas com a própria prática e retórica dos reformistas que assumiram o controle destes mesmos regimes.

Muitas vezes *Veja* muda de posição a cada semana. Tal fenômeno não é devido apenas as constantes hesitações e o movimento pendular das políticas do Kremlin. Os ziguezagues de *Veja* aconteciam a um ritmo inferior e atrasado aos de Gorbachev. Talvez o principal fator dessas mudanças seja o uso da estratégia da iniciativa política por parte dos reformistas soviéticos.

---

<sup>835</sup> A segunda revolução. *Veja*, nº 1000, 04/11/1987, 4-11.

Lançando mão de declarações estarrecedoras, desarmavam os antigos discursos criados e repetidos pelos conservadores e antissoviéticos no Ocidente, esvaziando o conteúdo da pressão de Ronald Reagan e de seu sucessor, George H. W. Bush. Como *Veja* comungava do mesmo corpo de proposições, o mesmo baque sentido entre os redatores de discursos políticos, estrategistas e teóricos em Washington se fez sentir em sua redação. O choque, entretanto, era passageiro. Tais setores conservadores se rearticulavam para criar contrapontos e novos discursos que pudessem neutralizar ou minimizar a ofensiva das relações públicas soviéticas. Bastava para o semanário as reproduzir, como fazia ao menos desde 1985. Assim, em uma semana poderia elogiar a reformas, ou ao menos se confessar espantada, e uma semana depois minimizá-las e apontar que precisavam avançar muito ainda para atingir o nível do Ocidente. Tal comportamento evidencia também o pouco, ou nenhum uso, de rigor conceitual em suas análises, como, por exemplo, o que é socialismo ou comunismo e quando identificá-los e aplicá-los corretamente, mas sim primordialmente seu uso político (PINTO; GIL, 2005, 13). “Despolitizar” politizando (PINTO; GIL, 2005, 15), “desideologizar” ideologizando – afastar o público do ideário socialista, comunista ou mesmo de esquerda e exibir o ideário neoconservador e neoliberal como naturais e irrefutáveis.

*Veja* teve uma absorção inicial do discurso reformista da descentralização como a razão fundamental das mudanças nos quadros administrativos. Suas trocas objetivariam instaurar reformistas descentralizadores no lugar de conservadores centralistas. A escolha de um russo substituto ao presidente cazaque do Cazaquistão ou a expulsão do único mulçumano do Politburo, Aliyev, não foram considerados procedimentos que lembravam as políticas de russificação czaristas ou uma intrusão do nacionalismo russo nos assuntos de Estado, sob a batuta de Gorbachev. Se houvesse a intenção de uma crítica negativa, a imagem desses acontecimentos poderia ter sido muito diferente. Da mesma maneira, os pogroms de 1988-89 – como chamados pelos próprios reformistas – não foram vistos como uma interferência danosa de Gorbachev entre as reivindicações setoriais por redefinições de fronteiras entre armênios e azeris, disparando a crise entre as repúblicas e despertando o nacionalismo adormecido (POCH-DE-FELIU, 2003, 144), mas foram sempre culpa de Stalin, do comunismo, da falta de uma válvula de escape para os descontentamentos, o que provocou uma explosão com a glasnost.

Não foi apenas Gorbachev quem se viu diante de uma “tarefa assustadora”<sup>836</sup>. *Veja* se viu dividida por uma situação semelhante – reafirmar que Reagan é o verdadeiro expoente da perfeita condução da política internacional e explicar como Gorbachev também oferece um modelo a ser aplicado ao Brasil, sem que a supremacia de Reagan fosse superada pela gorbymania, que a revista fazia questão de combater. Que a URSS era e não era um exemplo para o Brasil. Tal tarefa, ao contrário da de Gorbachev, tornou-se mais fácil com o tempo, quando a União Soviética reviu sua política de alianças, principalmente a partir de 1988, e passou a se afastar rapidamente da amizade e cooperação com os regimes que o Ocidente classificava como repressivos ou terroristas – por mais tradicionais e geoestratégicas que fossem essas alianças.

Nessas condições, processou-se a substituição dos modelos usados pela crítica liberal e conservadora contra o que costuma chamar de comunismo, do Canal de Iucatã à Península de Kamchatka. Esse não era um fenômeno novo. O anticomunismo já havia perdido o teor religioso como uma característica fundamental anos antes. Mas entre 1985 e 1991 ele passou por uma total reconfiguração. Abandona o foco sobre o respeito aos direitos humanos dentro dos países socialistas e sobre o expansionismo militar e político soviético, com todas suas consequências nefastas para a paz e segurança mundiais pelo deboche contra a inviabilidade e desastre da aplicação do socialismo à realidade. Um regime que estaria desde sempre fadado ao fracasso e que jamais fora uma ameaça séria ao capitalismo. Um combate aprofundado em diferentes frentes, destacando-se a econômica e teórica. Que estava presente anteriormente apenas nos mais radicais anticomunistas, como em *A Rússia de Stalin* (LABIN, 1948). O marxismo tornou-se não apenas uma filosofia desumana, mas também unicamente capaz de analisar com alguma exatidão seu próprio fim, assinalado “com toda uma série de lutas que os comunistas adoram”<sup>837</sup>.

Para o Brasil as experiências e os discursos reformistas ainda serviram para legitimar ações tão amplas quanto o combate à nova Constituição, que ameaçaria instaurar a seguridade no emprego que tanto teria estagnado a economia socialista, ou a caça aos marajás-caciques políticos, o programa de privatizações e a fórmula de combate à inflação por meio do confisco da poupança, do governo Collor. Para as consequências da abertura econômica brasileira, *Veja* faz questão de ressaltar que “lá é muito pior”<sup>838</sup>, por terem permanecido por mais tempo sob a

---

<sup>836</sup> Comunismo, adeus. *Veja*, nº 1111, 31/12/1989, 109.

<sup>837</sup> *Idem*, 104.

<sup>838</sup> FUSER, Igor. Lá é muito pior. *Veja*, nº 1213, 18/12/1991, 36.

embaraçante tutela econômica estatal, mas que há “vantagens e dores” nessa transição<sup>839</sup>, e o Leste a iniciou antes do Brasil, o ameaçando com a posição de retardatário na corrida pela modernização no século XXI. Uma vez que o combate ao inimigo comum comunista era o cimento do imaginário que ligava vários setores conservadores (SILVA, 2001), a percepção de que o inimigo se movimentava na direção do livre mercado funcionava como importante elemento de condução dos heterogêneos grupos conservadores para essa mesma direção, compreendida então como necessária e natural. Arbex faz a crítica à apropriação pela imprensa dos acontecimentos no Leste Europeu como o “fim do socialismo” decretado pela própria liderança (ARBEX, 2001, 250), o que Costa retoma (COSTA, 2008). Gorbachev se afirma socialista ainda hoje (GORBACHEV, 2000). Seu socialismo tem conotações próprias. Após a publicação de muitos livros e relatórios sobre sua reforma, foi intercalado, no Congresso dos Deputados do Povo, em 1989, se era capaz de dar o exemplo de algum país socialista. Sua resposta não veio com o socialismo de mercado chinês ou húngaro, a autogestão iugoslava, a eficiência alemã oriental ou o isolacionismo albanês. Seus exemplos eram a Noruega, Suíça, Espanha, Canadá (BROWN, 1996, 209). Se o modelo a ser copiado era esse, *Veja* não poderia mesmo ver suas reformas de outra maneira além de uma restauração capitalista sobre os escombros de um enjeitado socialismo real.

---

<sup>839</sup> LOPES, J. A. Dias. Polônia, ano zero. *Veja*, nº 1124, 04/04/1990, 38.

## BIBLIOGRAFIA

AGANBEGUIAN, Abel G. **A revolução na economia soviética: perestroika**. Mira-Sintra: Europa-América, 1988.

ALIGICA, Paul Dragos; EVANS, Anthony J. **The Neoliberal Revolution in Eastern Europe: Economic Ideas in the Transition from Communism**. Northampton: Edward Elgar Publishing, 2009.

ALMANAQUE ABRIL. São Paulo: Editora Abril, 1994.

ALMEIDA, Tânia. **Opiniões e sentenças em capas de Veja sobre o primeiro Governo Lula: Brasil, 2002 a 2006**. 2008. Tese (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, UFRS, Porto Alegre, 2008.

AMALRIK, Andrei. **1984: Chegará a URSS até lá?** Tradução Leonardo Goulart. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1971.

AMAZONAS, João. Perestroika: a contra-revolução revisionista. In **Extrato de Informe Político - O Brasil Numa Encruzilhada**, VII Congresso do PCdoB, realizado em São Paulo, entre os dias 11 e 14 de maio de 1988.

AMSTUTZ, J. Bruce. **Afghanistan: The First Five Years of Soviet Occupation**. Whashington: DIANE Publishing, 1994.

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995.

ARBEX JR., José. **Padrões de Manipulação na Grande Imprensa**. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.

\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **Revolução em 3 tempos: URSS, Alemanha, China**. São Paulo: Editora Moderna, 1993.

\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **Showrnlismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

ASH, Timothy. **Nós, o povo: A Revolução de 1989 em Varsóvia, Budapeste, Berlim e Praga**. São Paulo: Cia da Letras, 1990.

ÅSLUND, Anders. **Market socialism or the restoration of capitalism?** Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **Russia's capitalist revolution: why market reform succeeded and democracy failed**. Washington: Peterson Institute, 2007.

BACON, Edwin; SANDLE, Mark. **Brezhnev Reconsidered**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2002.

BAGLAI, Marat. Um Estado socialista de Direito – essências e perspectivas. **Lua Nova**. São Paulo, nº 19, p. 69-80, novembro de 1989.

BEARDEN, Milt; RISEN, James. **O Grande Inimigo: A História Secreta do Confronto Final entre CIA e KGB**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

BEISSINGER, Mark R. **Nationalist Mobilization and the Collapse of the Soviet State**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

BERTONHA, João Fábio. **Rússia: ascensão e queda de um império**. Curitiba: Juruá, 2009.

BIALER, Seweryn. **Stalin's successors: leadership, stability, and change in the Soviet Union**. Nova York: Cambridge University Press, 1981.

\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **The Soviet paradox: external expansion, internal decline**. Londres: I.B.Tauris, 1986.

BIALER, Seweryn; JERVIS, Robert. **Soviet-American relations after the cold war**. Durham: Duke University Press, 1991.

BIALER, Seweryn; MANDELBAUM, Michael. **The global rivals**. Londres: I.B.Tauris, 1989.

BLACKBURN, Robin (org). **Depois da queda: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

BLACKBURN, Robin. Entrevista com Zhores Medvedev. **Cuadernos Políticos**. México, D.F., nº 59/60, p. 28-40, janeiro-agosto de 1990.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: as razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Unesp, 2001.

BOETTKE, Peter J. **Why perestroika failed: the politics and economics of socialist transformation**. Londres: Routledge, 1993.

BORGES, Solange da Silva. **Ficção e realidade: as tramas discursivas dos programas de TV**. 2008. Tese (Doutorado). Escola de Comunicações e Artes, USP, São Paulo, 2008.

BORRELI, Sérgio; LEVI, Arrigo; FERRIERI, Giuliano; et al. **Os homens do Kremlin**. Rio de Janeiro: Editora Três, 1974.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. A opinião pública não existe. In: THIOLENT, Michel. **Crítica Metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1981.

\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **A economia das trocas linguísticas**. In: ORTIZ, Renato (org.). *Sociologia: Coleção Grandes Cientistas Sociais*. Vol. 39. São Paulo: Ática, 1983.

BRESLAUER, George W. **Gorbachev and Yeltsin as Leaders**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

BROWN, Archie. **Seven years that changed the world: perestroika in perspective**. Nova York: Oxford University Press, 2007.

\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **The Gorbachev Factor**. Nova York: Oxford University Press, 1996.

\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **The Rise and Fall of Communism**. Londres: HarperCollins Publishers Ltd., 2010.

BROWN, Archie; SHEVTSOVA, Lilia. **Gorbachev, Yeltsin & Putin: a liderança política na transição russa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

BRZEZINSKI, Zbigniew K. **Ideologia e poder na política soviética**. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1963.

\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **O grande fracasso**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990.

\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **Power and Principle: Memoirs of the National Security Adviser, 1977-1981**. Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 1983.

CACHI, Camilo Valqui. **Mitos del derrumbe del socialismo soviético en la ideología neoliberal**. Cajamarca: UPAGU, 2008.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARR, E. H. **A Revolução Russa de Lênin à Stalin: (1917-1929)**. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

CHERNYAEV, Anatoly. **My Six Years with Gorbachev**. Penn State Press: University Park, 2000.

CHOMSKY, Noam. **Novas e velhas ordens mundiais**. Tradução Paulo Roberto Coutinho. São Paulo: Scritta, 1996.

CLAUDÍN, Fernando. **A oposição no socialismo real**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CORTÁZAR, Fernando García de; VESGA, José Manuel Gonzáles. **História de Espanha: uma breve história**. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

COSTA, Izabel Cristina Gomes da. **Quem fará a nossa Perestroika?** Imagens de Mikhail Gorbachev no jornal O Globo. Tempo. Niterói, vol. 13 n° 25, p. 139-164, 2008.

DANIELS, Robert Vincent. **The rise and fall of Communism in Russia**. New Haven: Yale University Press, 2007.

DAVIES, Robert William. **Soviet history in the Gorbachev revolution**. Bloomington: Indiana University Press, 1989.

DESAI, Padma. **Perestroika in perspective: the design and dilemmas of Soviet reform**. Londres: I.B.Tauris, 1989.

DIAS, Ana Rosa Ferreira. **O discurso da violência: as marcas da oralidade no jornalismo popular**. São Paulo: EDUC/Cortez, 1996.

DIAS, Reginaldo. **A crise da memória durante a perestroika e a emergência das alternativas derrotadas**. Cadernos de Metodologia e Técnica de Pesquisa, N° 6, UEM, Maringá, 1995, pp. 225-253.

\_\_\_\_\_. A crise do socialismo analisada no calor da hora. **Revista Espaço Acadêmico**. Maringá: UEM, n. 102, Novembro de 2009.p. 40-49.

DONALDSON, Robert H. (org). **The Soviet Union in the Third World: successes and failures**. Boulder: Taylor & Francis, 1981.

DUBCEK, Alexander. **La Perestroika**. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 1989.

DUCROT, Oswald. **Princípios de semântica linguística: dizer e não dizer**. São Paulo: Cultrix, 1977.

DUNLOP, John B. **The rise of Russia and the fall of the Soviet Empire**. Princeton: Princeton University Press, 1995.

EDITURA STIINTIFICĂ SI ENCICLOPEDICĂ. **Rumania: em numeros y hechos**. Bucarest: Editora Científica e Enciclopédica, 1979.

ENGLISH. Robert D. **Russia and the Idea of the West**. Nova York: Columbia University Press, 2000.

ESTADO DE S. PAULO. **O diário do passado**. 1991 a agonia da URSS. Disponível em <[www.estadao.com.br](http://www.estadao.com.br)>. 1-1-1991 a 31-12-1991. Acessado em 25 fev. 2004.

FERNANDES, Luis. **O enigma do socialismo real: um balanço crítico das principais teorias marxistas e ocidentais**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2000.

FERREIRA, Jorge. O socialismo soviético. In REIS FILHO, Daniel Aarão et al. **O século XX: o tempo das crises**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

FERREIRA, Oliveiros S. **Perestroika: da esperança à “nova pobreza”**. São Paulo: Ed. Inconfidentes, 1990.

FERRO, Marc. **A manipulação da História no ensino e nos meios de comunicação**. São Paulo: IBRASA, 2005.

\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **O Ocidente diante da Revolução Russa: a história e seus mitos**. Tradução Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FILTZER, Donald A. **Soviet workers and the collapse of Perestroika: the soviet labour process and Gorbachev's reforms, 1985-1991**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FLERON, Frederic J.; HOFFMANN, Erik P.; LAIRD; Robbin Frederick. (org). **Soviet foreign policy: classic and contemporary issues**. New Brunswick: Transaction Publishers, 1991.

FOLHA DE S. PAULO. **Acervo on-line**. Disponível em <[www1.uol.com.br/folha/bd](http://www1.uol.com.br/folha/bd)>. Acessado em 21 de agosto de 2004.

FONTANA, Joseph. **História: análise do passado e projeto social**. Bauru: EDUSC, 1998.

FREEDMAN, Robert Owen. **Soviet policy toward Israel under Gorbachev**. Nova York: The Center for Strategic and International Studies, 1991.

GAIDAR, Yegor. **Collapse of an empire: lessons for modern Russia**. Washington: The Brookings Institution, 2007.

GALEOTTI, Mark. **Gorbachev and his Revolution**. Nova York: St. Martin's Press, 1997.

GATRELL, Peter; BARON, Nick. **Warlands: Population Resettlement and State Reconstruction in the Soviet–East European Borderlands, 1945–50**. Nova York: St Martin's Press LLC, 2009.

GOODMAN, Melvin Allan. **Gorbachev's retreat: the Third World**. Nova York: Praeger Publishers, 1991.

GORBACHEV, Mikhail. **A proposta**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1988-1990. 5v.

\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **A URSS rumo ao século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1986a.

\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **Glasnost: a política da transparência**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987a.

\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **Gorbachev: on my country and the world**. Nova York: Columbia University Press, 2000.

\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **O Golpe de Agosto: a Verdade e as Lições**. São Paulo: editora Best Seller, 1991.

- \_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **O poder aos soviéticos.** Rio de Janeiro: Editora Revan, 1988b.
- \_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **Outubro e a Perestroika:** a revolução continua. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1987b.
- \_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **Perestroika:** novas ideias para o meu país e o mundo. São Paulo: editora Best Seller, 1988.
- \_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **Tempo para a paz.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986b.
- \_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **URSS:** uma nova etapa. São Paulo: Editora Revan, 1985.
- GORENDER, Jacob. **O Fim da URSS:** origens e Fracassos da Perestroika. São Paulo: Atual, 1992.
- \_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **Perestroika:** origens, projetos, impasses. São Paulo: Atual, 1991.
- GRAHAM, Seth Benedict. **A cultural analysis of the russo-soviet anecdote.** Pittsburgh: University of Pittsburgh, 2003.
- GRANT-FRIEDMAN, Andrea Rebeccah. **Soviet sociology, perestroika, and the politics of social inequality.** Los Angeles: University of California\ProQuest, 2008.
- HALLIDAY, Fred. **The Making of the Second Cold War.** Verso Editions: Londres, 1983.
- HERNANDES, Nilton. **A revista Veja e o discurso do emprego na globalização:** Uma análise semiótica. 2001. Tese (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2001.
- \_\_\_\_, \_\_\_\_\_. Análise de publicidade da revista Veja. **CASA:** Cadernos de semiótica aplicada. Vol. 1, nº 2, dezembro de 2003.
- HEWETT, Edward A.; WINSTON, Victor H. **Milestones in Glasnost and Perestroika:** The Economy. Vol. 1. Washington: The Brookings Institution, 1991.
- HOBBSBAMW, Eric J. **Era dos extremos:** o breve século XX. Tradução Marcos Santarrita. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- \_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **Sobre História.** Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- \_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **Tempos interessantes:** uma vida no século XX. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007.
- HOUGH, Jerry F. **Democratization and revolution in the USSR, 1985-1991.** Washington: The Brookings Institution, 1997.

Instituto Rumano de Relaciones Culturales con el Extranjero. **Rumania contemporánea**. Bucarest: Editorial Meridiane, 1974.

JOHNSON, Chalmers A. **The Sorrows of Empire: militarism, secrecy, and the end of the Republic**. Nova York: Verso, 2004.

KAGARLITSKY, Boris. **A desintegração do monólito**. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **Farewell perestroika: a soviet chronicle**. Londres: Verso, 1990.

KEEGAN, John. **Uma história da guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KEEP, John; BRISBY, Liliana. **História Contemporânea na concepção soviética**. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1965.

KENGOR, Paul. **The crusader: Ronald Reagan and the fall of communism**. Nova York: HarperCollins Publishers Inc., 2006.

KENNEDY, Paul. **Ascensão e queda das grandes potências**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

KORONEV, Leonid. **Encruzilhadas da Perestroika: as alternativas da economia soviética**. São Paulo: Marco Zero, 1990.

KOTKIN, Stephen. **Steeltown, USSR: Soviet Society in the Gorbachev Era**. Berkeley: University of California Press, 1991.

LABIN, L. **A Rússia de Stalin**. Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora, 1948.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

LAMPE, John R.; PRICKETT, Russell O.; ADAMOVIC, Ljubisa S. **Yugoslav-American economic relations since World War II**. Durham: Duke University Press, 1990.

LAW, David A. **Russian Civilization**. Nova York: MSS, 1975.

LÉVESQUE, Jacques. **The enigma of 1989: the USSR and the liberation of Eastern Europe**. Berkeley: University of California Press, 1997.

LEWIN, Moshe. **O fenômeno Gorbachev**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **O século soviético**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

LONGLEY, Kyle et al. **Deconstructing Reagan: Conservative Mythology and America's Fortieth President**. Armonk: M. E. Sharpe, 2007.

LUXEMBURGO, Rosa. **A Revolução Russa**. Tradução Isabel Maria Loureiro. Petrópolis: Vozes, 1991.

MAGNOLI, Demétrio. **O mundo contemporâneo: relações internacionais 1945-2000**. São Paulo: Editora Moderna, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1989.

MAKHOUL, Fábio Jammal. **A cobertura da revista Veja no primeiro mandato do presidente Lula**. 2009. Tese (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Ciência Política, PUC, São Paulo, 2009.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza**. 2ª ed. São Paulo: ed. Ática, 1989.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)**. Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP, UNICAMP, 1998.

MAYER, Arno. **A força da tradição: a persistência do Antigo Regime (1848-1914)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MCCGWIRE, Michael. **Perestroika and Soviet national security**. Washington: The Brookings Institution, 1991.

MCNAIR, Brian. **Glasnost, perestroika, and the Soviet media**. Londres: Routledge, 1991.

MEDVEDEV, Zhores. **Gorbachev**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

MEYER, Victor. **Bases históricas da instabilidade da economia soviética: um retorno aos anos trinta**. História Econômica & História de Empresas. Belo Horizonte, vol. 3, issue 2, 2000, p. 85-103, 2000.

MLYNAR, Zdenek (org). **O projeto Gorbachev**. São Paulo: Edições Mandacaru, 1987.

MUNHOZ, Sidnei. Guerra Fria: Um Debate Interpretativo. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.). **O Século Sombrio: uma História geral do século XX**. São Paulo: Campos, 2004.

NETTO, José Paulo. **Crise do socialismo e ofensiva neoliberal**. São Paulo: Cortez, 1993.

NORA, Pierre. O acontecimento e o historiador do presente. In: LE GOFF, Jacques; DUBY, Georges; LADURIE, Emmanuel Le Roy; et al. **A Nova História**. Lisboa: Edições 70, 1991.

NORTH, David. **Perestroika versus socialism: Stalinism and the restoration of capitalism in the USSR**. Detroit: Labor Publications, 1989.

NOVE, Alec. **A economia do socialismo “possível”**. São Paulo: Ática, 1989.

OLIC, Nelson Basic. **A desintegração do Leste**: URSS, Iugoslávia, Europa Oriental. 10ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 1996.

ORWELL, George. **1984**. Tradução Wilson Velloso. 17ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1984.

OVERY, Richard J. **Os ditadores**: A Rússia de Stalin e a Alemanha de Hitler. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

PALAZHCHEKO, Pavel. **My years with Gorbachev and Shevardnadze**: the memoir of a Soviet interpreter. University Park: The Pennsylvania State University Press, 1997.

PINTO, Luiz Antonio Gomes; GIL, Antonio Carlos Amador. A liberdade e o totalitarismo nos pronunciamentos de Ronald Reagan – ou, “quantos dedos existem nesta mão?”. **Revista Agora**. Vitória, nº 2, p. 1–34, 2005.

PLOSS, Sidney I. **The roots of perestroika**: the Soviet breakdown in historical context. Jefferson: McFarland, 2010.

POCH-DE-FELIU, Rafael. **La Gran Transición**: Rusia, 1985-2002. Barcelona: Editora Crítica, 2003.

POMERANZ, Lenina (org). **Perestroika**: desafios da transformação social na URSS. AGANBEGUIAN, Abel; ABALKIN, Leonid; et al. São Paulo: USP, 1990.

RAMOS, Roberto. **Manipulação e controle da opinião pública, a grande imprensa e o Plano Cruzado**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

RÉMOND, René (org). **Por uma história política**. BERSTEIN, Serge; BECKER, Jean-Jacques; et al. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

RODRIGUES, Robério Paulino. **O colapso da URSS**: um estudo das causas. Tese de Doutorado. USP. Área de Concentração: História Econômica. São Paulo, 2006.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SAKHAROV, Andrei. **Meu País e o Mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

SALES, Jean Rodrigues. O Partido Comunista do Brasil e a crise do socialismo real. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 28, nº 56, p. 507-528, 2008.

SCHMIDT-HÄUER, Christian. **Gorbachev**: the path to power. Londres: I.B.Tauris, 1986.

SECRETARIA FEDERAL DE INFORMAÇÕES. **Datos sobre Yugoslavia**: datos sobre la República Socialista Federativa de Yugoslavia. Tradução José Fernandez. Belgrado: Beogradsky Izdavacko – Graficki Zavod, 1984.

- SEGRILLO, Angelo. **O declínio da URSS**: um estudo das causas. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SERRANI, Silvana M. **A linguagem na pesquisa sociocultural**: um estudo da repetição na discursividade. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- SHULTZ, Richard H. **The Soviet Union and revolutionary warfare**: principles, practices, and regional comparisons. Stanford: Hoover Press, 1988.
- SILVA SÁ, Roberto Boaventura da. **A revista Veja na campanha eleitoral de 1989**: anúncios publicitários como extensão de textos jornalísticos. 2002. Tese (Doutorado). Escola de Comunicações e Artes, USP, São Paulo. 2002.
- SILVA, Ana Cristina Teodoro da. **“Teen” - um personagem contemporâneo**: representação juvenil na imprensa. Assis: Unesp, 1995.
- SILVA, Carla Luciana. A queda do muro e a morte do comunismo em Veja. **Revista História & Luta de Classes**, v. Ano 6, p. 46-54, 2010.
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. A revista Veja e a construção da hegemonia neoliberal. **História, Poder e Práticas Sociais**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2006, v. 1, p. 227-250.
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **Veja**: o indispensável partido neoliberal (1989-2002). Cascavel: Edunioeste, 2009.
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **Onda vermelha**: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977.
- STEELE, David Ramsey. **From Marx to Mises**: post-capitalist society and the challenge of economic calculation. La Salle: Open Court Publishing Co., 1992.
- SUNY, Ronald Grigor. **The Cambridge History of Russia**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- TAFFARELLO, Paulo Moraes. **A crise orgânica do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e o declínio do “socialismo real”**. 2009. Dissertação (Mestrado). UNESP, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. 2009.
- TANNER, Stephen. **Afghanistan**: a military history from Alexander the Great to the war against the Taliban. Philadelphia: Da Capo Press, 2009.
- THOMPSON, Edward Palmer. **Exterminismo e Guerra Fria**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- TROTSKY, Leon. **La Revolución Traicionada**. Madrid: Fundação Frederico Engels, 1991.

TWINING, David T. **Beyond glasnost**: Soviet reform and security issues. Westport: Greenwood Press, 1992.

VICENTINO, Cláudio. **Rússia**: antes e depois da URSS. São Paulo: Scipione, 1995.

VOLKOGONOV, Dmitri. **Os sete chefes do Império Soviético**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

VOROTNIKOV, Vitali. **Mi Verdad**. La Habana: Abril, 1995.

WEILER, Michael; PEARCE, W. Barnett. **Reagan and public discourse in America**. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 1992.

WHITE, Anne. **Democratization in Russia under Gorbachev, 1985-91**: the birth of a voluntary sector. Nova York: Palgrave Macmillan, 1999.

WILENTZ, Sean. **The age of Reagan**: a history, 1974-2008. Nova York: HarperCollins Publishers Inc., 2008.

WITHE, Stephen. **After Gorbachev**. Londres: Cambridge University Press, 1995.

YAKOVLEV, Alexander. **O que queremos fazer da União Soviética**: o pai da perestroika se explica. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **Striving for law in a lawless land**: memoirs of a Russian reformer. Armonk: M.E. Sharpe, 1996.

ZASLÁVSKAIA, Tatiana. **A estratégia social da perestroika**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

ZEMTSOV, Ilya; FARRAR, John. **Gorbachev**: The Man and the System. Piscataway: Transaction Publishers, 2007.

ZUBOK, Vladislav M. **A failed empire**: the Soviet Union in the Cold War from Stalin to Gorbachev. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2007.

## FONTES

- A Alemanha Oriental chega à crise dos 40 anos. *Veja*, nº 1111, 31/12/1989.
- A armação do Iraque. *Veja*, nº 1170, 20/02/1991.
- A aventura louca do terror. *Veja*, nº 1065, 01/02/1989.
- A caminho da grande nação. *Veja*, nº 1028, 18/05/1988.
- A caminho do abismo. *Veja*, nº 1093, 23/08/1989.
- A caminho do zero. *Veja*, nº 05/08/1987.
- A conexão socialista. *Veja*, nº 1086, 05/07/1989.
- A contabilidade do caos. *Veja*, nº 1179, 01/05/1991.
- A dança dos nomes. *Veja*, nº 1202, 02/10/1991.
- A doce revanche. *Veja*, nº 1103, 01/11/1989.
- A era dos negócios. *Veja*, nº 1139, 18/07/1990.
- A esperança do Leste. *Veja*, nº 1084, 21/06/1989.
- A explosão vermelha. *Veja*, nº 922, 07/05/1986.
- A festa esquecida: aplaudido no exterior e criticado em casa, Gorbi, o novo Nobel, anuncia o roteiro do capitalismo na URSS. *Veja*, nº 1154, 24/10/1990.
- A greve que agitou o frio. *Veja*, nº 1088, 19/07/1989.
- A guerra em casa. *Veja*, nº 875, 12/06,1985.
- A guerreira indomável sai de cena. *Veja*, nº 1159, 28/11/1990.
- A História nas ruas. *Veja*, nº 1198, 04/09/1991.
- A lenta agonia. *Veja*, nº 1138, 11/07/1990.
- A liberdade chegou. *Veja*, nº 965, 04/03/1987, 5-8. Entrevista por Mário Sérgio Conti.
- A perestroika abençoada. *Veja*, nº 1108, 6/12/1989, 72.
- A rainha da sucata. *Veja*, nº 1149, 26/09/1990.
- A rebeldia do poeta cinquentão. *Veja*, nº 903, 25/12/1985.
- A Revolução começou. *Veja*, nº 1199, 28/08/1991.
- A segunda morte do ditador. *Veja*, nº 1128, 02/06/1990.
- A segunda revolução. *Veja*, nº 1000, 04/11/1987.
- A tática da baderna. *Veja*, nº 1173, 29/03/1989.
- A temporada das maracutaias. *Veja*, nº 1157, 21/11/1990.
- A terra libertada. *Veja*, nº 1072, 22/03/1989.
- A tesoura perde o fio. *Veja*, nº 931, 09/07/1986.
- A tirania cai num mar de sangue. *Veja*, nº 1111, 31/12/1989.
- A vez dos soviéticos. *Veja*, nº 892, 09/10/1985.
- A via chinesa. *Veja*, nº 896, 06/11/1985.
- A vingança dos marajás. *Veja*, nº 1120, 07/03/1990.
- A virgem croata. *Veja*, nº 988, 12/08/1987.
- A Vitória do contra. *Veja*, nº 1188, 19/06/1991.
- A volta do leão. *Veja*, nº 993, 16/09/1987.
- Aberto para reformas. *Veja*, nº 1074, 05/04/1989.

- Abertura em tempo recorde. *Veja*, nº 1108, 06/12/1989.
- Abertura nos palcos. *Veja*, nº 960, 28/01/1987.
- Adeus a Lenin. *Veja*, nº 1117, 14/02/1990.
- Adeus para quem fica. *Veja*, nº 1096, 13/09/1989.
- Adeus, foice e martelo. *Veja*, nº 919, 16/04/1986.
- Adiós, muchachos. *Veja*, nº 1200, 18/09/1991.
- Além da fronteira. *Veja*, nº 993, 16/09/1987.
- Aliados falidos. *Veja*, nº 1029, 25/05/1988.
- ALTMAN, Fábio. A caneta contra o martelo: dividida entre o proletário Walesa e o intelectual Mazowiecki, a Polônia faz a primeira eleição do pós-comunismo. *Veja*, nº 1158, 21/11/1990.
- Apelo ao capital. *Veja*, nº 1185, 05/06/1991.
- Ar de primavera. *Veja*, nº 1033, 21/06/1988.
- Armênia arrasada. *Veja*, nº 1058, 14/12/1988.
- As ideias no lugar. *Veja*, nº 1144, 22/08/1990.
- As ilusões perdidas. *Veja*, nº 1173, 13/03/1991.
- As teses da mudança. *Veja*, nº 1030, 01/06/1988.
- As vítimas da fome. *Veja*, nº 1004, 02/09/1987.
- Astro vermelho. *Veja*, nº 1009, 06/01/1988.
- Ataque pela direita. *Veja*, nº 1136, 27/06/1990.
- Atentado a bomba no Jumbo. *Veja*, nº 1061, 04/01/1989.
- Atrás do lucro. *Veja*, nº 989, 19/08/1987.
- Avalanche eleitoral. *Veja*, nº 1083, 14/06/1989.
- Balanço de sucessos e fracassos. *Veja*, nº 1006, 16/12/1987.
- BIALER, Seweryn. Por trás da glasnost. *Veja*, nº 1031, 08/06/1988.
- Bons companheiros. *Veja*, nº 1194, 07/08/1991.
- Boris, o terrível. *Veja*, nº 1176, 03/04/1991.
- Brinde russo no natal de Nova York. *Veja*, nº 1058, 14/12/1988.
- Cabeça cortada. *Veja*, nº 1212, 11/12/1991.
- Caça ao dragão em Moscou. *Veja*, nº 1031, 08/06/1988.
- Caminho de volta. *Veja*, nº 957, 07/01/1987.
- Caminho livre. *Veja*, nº 1025, 27/04/1988.
- CAMPOS, Roberto. Um país fora de moda. *Veja*, nº 1084, 21/06/1989. Entrevista por Tales Alvarenga.
- Caos entre as ruínas. *Veja*, nº 1059, 21/12/1989.
- Carta ao Kremlin. *Veja*, nº 976, 20/05/1987.
- Carta ao leitor. *Veja*, nº 1031, 08/06/1988.
- Carta ao leitor. *Veja*, nº 1074, 05/04/1989.
- Carta ao leitor. *Veja*, nº 1114, 24/01/1990.
- Cartas na manga. *Veja*, nº 1036, 13/07/1988.
- Cáucaso em chamas. *Veja*, nº 1114, 24/01/1990.
- Cemitério atômico. *Veja*, nº 922, 07/05/1986, 39.
- Cerco apertado. *Veja*, nº 962, 11/02/1987.
- Chegando ao alto. *Veja*, nº 852, 02/01/1985.
- Chute na barraca. *Veja*, nº 1162, 26/12/1990.
- Clima de guerra. *Veja*, nº 1056, 30/11/1988.
- Com a corda toda. *Veja*, nº 1024, 20/04/1988.
- Como um louco buscapé. *Veja*, nº 853, 09/01/1985.

Comunismo cor-de-rosa. *Veja*, nº 1193, 31/07/1991.  
 Comunismo em concordata. *Veja*, nº 1074, 05/04/1989.  
 Comunismo, adeus. *Veja*, nº 1111, 31/12/1989.  
 Coro de desafinados. *Veja*, nº 1084, 21/06/1989.  
 Corrida aos aliados. *Veja*, nº 1148, 19/09/1990.  
 Da boca do povo. *Veja*, nº 1046, 21/09/1988.  
 Data marcada. *Veja*, nº 1011, 20/01/1988.  
 De novo a sós. *Veja*, nº 945, 15/10/1986.  
 De olho no futuro. *Veja*, nº 913, 05/03/1986.  
 De vitoriosos a indigentes. *Veja*, nº 1155, 31/10/1990.  
 De Yalta a Malta. *Veja*, nº 1105, 15/11/1989.  
 Debate ideológico. *Veja*, nº 1202, 02/10/1991.  
 Degelo sob a neve. *Veja*, nº 854, 16/01/1985.  
 Democracia dói. *Veja*, nº 1129, 09/05/1990.  
 DIMENSTEIN, Gilberto. Cai em Moscou a fronteira do preconceito. *Veja*, nº 1051, 26/10/1988.  
 Dinheiro sujo. *Veja*, nº 1211, 04/12/1991.  
 Diretas no Kremlin. *Veja*, nº 961, 04/02/1987.  
 Duelo de gigantes. *Veja*, nº 1152, 17/10/1990.  
 Eles mudaram. *Veja*, nº 1051, 26/10/1988.  
 Elo da cadeia. *Veja*, nº 892, 09/10/1985.  
 Epidemia de espiões. *Veja*, nº 875, 05/06/1985.  
 Escudo prussiano. *Veja*, nº 920, 23/04/1986.  
 Espiões em polvorosa. *Veja*, nº 886, 28/08/1985.  
 Estrela sem brilho. *Veja*, nº 1087, 12/07/1989.  
 Exorcismo do terror. *Veja*, nº 1065, 01/02/1989.  
 Explosões para a paz. *Veja*, nº 1004, 02/09/1987.  
 Faca afiada. *Veja*, nº 981, 24/06/1987.  
 Feira de protestos. *Veja*, nº 899, 27/11/1985.  
 Fiasco total. *Veja*, nº 1034, 29/06/1988.  
 Filhos pródigos. *Veja*, nº 957, 07/01/1987.  
 Fim de festa na Praça. *Veja*, nº 1081, 31/05/1989.  
 Fora da grande jogada. *Veja*, nº 1028, 18/05/1988.  
 Fracasso e mudança. *Veja*, nº 1152, 17/10/1990.  
 Freire vai propor o fim do PCB. *Veja*, nº 1109, 13/12/1989.  
 Frente a frente. *Veja*, nº 1011, 20/01/1988.  
 Fronteira do caos. *Veja*, nº 1187, 12/06/1991.  
 Furacão no Kremlin. *Veja*, nº 1048, 05/10/1988.  
 Fúria na China. *Veja*, nº 1083, 14/06/1989.  
 FUSER, Igor. Lá é muito pior. *Veja*, nº 1213, 18/12/1991.  
 FUSER, Igor. O fim do império. *Veja*, nº 1213, 18/12/1991.  
 FUSER, Igor. O negócio é *biznes*. *Veja*, nº 1214, 25/12/1991.  
 GALBRAIT, John Kenneth. A voz da experiência. *Veja*, nº 1135, 20/06/1990, 6-8. Entrevista por Anabela Paiva  
 GASPARI, Élio A segunda Revolução Russa. *Veja*, nº 1191, 17/07/1991.  
 GASPARI, Élio. A vitória do contra. *Veja*, nº 1187, 19/06/1991.  
 GASPARI, Élio. Agonia do império. *Veja*, nº 1191, 17/07/1991.  
 GASPARI, Élio. Amanhã será pior. *Veja*, nº 1071, 12/06/1991.

- GASPARI, Élio. Mikhail e Boris. *Veja*, nº 1191, 17/07/1991.
- GASPARI, Élio. O duelo dos titãs. *Veja*, nº 1163, 02/01/1991.
- GASPARI, Élio. Um partido destroçado. *Veja*, nº 1191, 17/07/1991.
- Glasnost manchada de sangue. *Veja*, nº 1076, 19/04/1989.
- Gole difícil. *Veja*, nº 886, 28/08/1985.
- Golpe de papel. *Veja*, nº 1034, 29/06/1988.
- Gorbachev no olho do furacão. *Veja*, nº 1127, 25/04/1990.
- Gorbachev usa a mídia para ganhar popularidade. *Veja*, nº 931, 09/07/1986.
- Gorbachev vai à luta. *Veja*, nº 876, 19/06/1985.
- Gromyko, presidente. *Veja*, nº 879, 10/07/1985.
- Guerra de Secessão. *Veja*, nº 1113, 17/01/1990.
- Guerra dos grampos. *Veja*, nº 971, 15/04/1987.
- Guerra sem vencedor. *Veja*, nº 853, 09/01/1985.
- HAVEL, Vaclav. Os blocos abrem ala. *Veja*, nº 1150, 03/10/1990. Entrevista com Carlos Salinas de Gortari.
- Herói por dois dias. *Veja*, nº 935, 06/08/1986.
- Hora da decisão. *Veja*, nº 1010, 13/01/1988.
- Hora da verdade. *Veja*, nº 1092, 16/08/1989.
- Hora de conversar. *Veja*, nº 1043, 31/08/1988.
- Hora de ir embora. *Veja*, nº 1214, 25/12/1991.
- Horror sem fim. *Veja*, nº 1106, 22/11/1989.
- Império aos pedaços. *Veja*, nº 1198, 04/09/1991.
- Inferno na Europa. *Veja*, nº 1211, 27/11/1991.
- Inventário da repressão. *Veja*, nº 1056, 01/02/1989.
- Já raiou a liberdade. *Veja*, nº 1105, 15/11/1989.
- Justiça vermelha. *Veja*, nº 1133, 06/06/1990.
- KIRKPATRICK, Jeanne. Profeta da linha dura. *Veja*, nº 879, 10/07/1985, 5. Entrevista por Flávia Sekles.
- LEFORT, Claude. O fim do totalitarismo. *Veja*, nº 1106, 22/11/1989, 6. Entrevista por Fernando Pacheco Jordão.
- LEITE, Paulo Moreia. O espírito de Genebra. *Veja*, nº 899, 27/11/1985.
- Lenin Cínico. *Veja*, nº 960, 28/01/1987.
- Lenin em reforma. *Veja*, nº 1104, 08/11/1989.
- Linha dura. *Veja*, nº 926, 04/07/1986.
- Livre para voar. *Veja*, nº 979, 10/06/1987.
- Livres para voar. *Veja*, nº 1199, 11/09/1991.
- LOPES, J. A. Dias. História de sucesso. *Veja*, nº 1103, 01/11/1989.
- LOPES, J. A. Dias. Polônia, ano zero. *Veja*, nº 1124, 04/04/1990.
- Luz no fim do túnel. *Veja*, nº 1052, 02/11/1988.
- Manobra forçada. *Veja*, nº 1053, 09/11/1988.
- Mão estendida. *Veja*, nº 1065, 01/02/1989.
- Mau começo. *Veja*, nº 1201, 25/09/1991.
- McDonald's bate Lenin. *Veja*, nº 1165, 16/01/1991.
- Mea culpa. *Veja*, nº 1140, 25/07/1990.
- Medo da subversão. *Veja*, nº 978, 03/06/1987.
- Meia volta, vou ver. *Veja*, nº 1024, 20/04/1988.
- Meia volta. *Veja*, nº 935, 06/08/1986.

Menos iguais que os outros. *Veja*, nº 1202, 02/10/1991.  
MERQUIOR, José Guilherme. O salto por cima do Muro. *Veja*, nº 1107, 29/11/1989.  
Minueto de salão. *Veja*, nº 1096, 16/08/1989.  
Mísseis ao mar. *Veja*, nº 945, 15/10/1985.  
Montanha russa. *Veja*, nº 1003, 25/11/1987.  
Mudança de assunto. *Veja*, nº 895, 30/10/1986.  
Mudez eloquente. *Veja*, nº 901, 11/12/1985.  
Na espionagem, expulsões viram rotina. *Veja*, nº 910, 12/02/1986.  
Na estaca zero. *Veja*, nº 858, 13/02/1985.  
Namoro perigoso. *Veja*, nº 970, 08/04/1987.  
Nas águas do ódio. *Veja*, nº 988, 12/08/1987.  
Naufrágio da razão. *Veja*, nº 1203, 25/09/1991.  
NERY, Mario. Caça os burocratas. *Veja*, nº 1181, 08/05/1991.  
NETO, Antenor Nascimento. A chave da fortuna. *Veja*, nº 1199, 11/09/1991.  
No mesmo barco. *Veja*, nº 1087, 12/07/1989.  
No velho estilo. *Veja*, nº 963, 18/02/1987.  
Noite dos assassinos. *Veja*, nº 1083, 14/06/1989.  
Noites de Moscou em Washington. *Veja*, nº 1006, 16/12/1987.  
O adeus à Lênin. *Veja*, nº 1117, 14/02/1990.  
O bloco da mudança. *Veja*, nº 1101, 18/10/1989.  
O cordão da independência. *Veja*, nº 1094, 30/08/1989.  
O desafio da massa. *Veja*, nº 1089, 26/07/1989.  
O desafio no caminho da liberdade. *Veja*, nº 1202, 02/10/1991.  
O desconhecido da camisa branca. *Veja*, nº 1083, 14/06/1989.  
O discurso da razão. *Veja*, nº 1001, 11/11/1987.  
O elo búlgaro. *Veja*, nº 874, 05/06/1985.  
O fardo do passado. *Veja*, nº 1140, 25/07/1990.  
O fiador da transição. *Veja*, nº 1153, 17/10/1990.  
O fim da utopia. *Veja*, nº 1201, 25/09/1991.  
O fim do império. *Veja*, nº 1213, 18/12/1991.  
O furacão Kundera. *Veja*, nº 935, 06/08/1986.  
O general inverno. *Veja*, nº 1109, 13/12/1989.  
O gênero na ratoeira. *Veja*, nº 1045, 14/09/1988.  
O golpe socialista. *Veja*, nº 1197, 28/08/1991.  
O impossível acontece. *Veja*, nº 1093, 23/08/1989, 48-49  
O mundo no ano de Gorbachev. *Veja*, nº 1008, 30/12/1987.  
O museu do stalinismo resiste. *Veja*, nº 1106, 22/11/1989.  
O ninho do terror. *Veja*, nº 920, 23/04/1986.  
O ouro de Berlim. *Veja*, nº 1173, 13/03/1991.  
O ouro de Moscou. *Veja*, nº 1051, 26/10/1988.  
O ouro de Moscou. *Veja*, nº 1204, 16/10/1991.  
O outro lado da moeda. *Veja*, nº 1089, 26/07/1989.  
O passado condena. *Veja*, nº 1137, 04/07/1990.  
O poder da praça. *Veja*, nº 1175, 20/03/1991.  
O poder das sombras. *Veja*, nº 1115, 31/01/1990.  
O renascer de uma grande nação. *Veja*, nº 1149, 88, 26/09/1990.  
O salvador da pátria. *Veja*, nº 1197, 28/08/1991.

O soviete de Berlim. *Veja*, nº 1104, 08/11/1989.  
 O superczar da perestroika. *Veja*, nº 1122, 21/03/1990.  
 O triste fim do Trabant. *Veja*, nº 1173, 13/03/1991.  
 O triunfo de Mitterrand. *Veja*, nº 906, 15/01/1986.  
 O urso camarada. *Veja*, nº 1029, 25/05/1988.  
 Olho implacável. *Veja*, nº 929, 25/06/1986.  
 Olho por olho. *Veja*, nº 940, 10/09/1986.  
 Olhos de Moscou. *Veja*, nº 874, 05/07/1985, 48-49.  
 Opção capitalista. *Veja*, nº 1132, 30/05/1990.  
 Operação Resgate. *Veja*, nº 1133, 06/06/1990.  
 Operário no poder. *Veja*, nº 1161, 19/12/1990.  
 Os carros do Leste. *Veja*, nº 1144, 22/08/1990.  
 Os espões saem da toca. *Veja*, nº 1152, 17/10/1990.  
 Os riscos da cordialidade. *Veja*, nº 898, 20/11/1985.  
 Ouvidos atentos. *Veja*, nº 933, 23/07/1986.  
 Outra dose soviética. *Veja*, nº 1163, 02/01/1991.  
 Ovelhas vermelhas. *Veja*, nº 1074, 05/04/1989.  
 Padrinhos à mesa. *Veja*, nº 1079, 17/05/1989.  
 País em retalhos. *Veja*, nº 1182, 08/05/1991.  
 Pão e planos. *Veja*, nº 1148, 19/09/1990.  
 Paradoxo americano. *Veja*, nº 1131, 23/05/1990.  
 Paraíso à vista. *Veja*, nº 950, 19/11/1986.  
 Partilha de bens: a briga pelos espólios do ex-PCI. *Veja*, nº 1178, 10/04/1991.  
 Paz sob fogo. *Veja*, nº 871, 15/05/1985.  
 Pela perestroika. *Veja*, nº 1027, 11/05/1988.  
 Penúltimo capítulo. *Veja*, nº 1067, 15/02/1989.  
 Pequenos burgueses. *Veja*, nº 951, 26/11/1986.  
 Perestroika em excesso. *Veja*, nº 1031, 08/06/1988.  
 Perestroika em fase de recuo. *Veja*, nº 1177, 03/04/1991.  
 Pesadas lembranças. *Veja*, nº 1149, 26/09/1990.  
 Pesadelo da transição. *Veja*, nº 1207, 06/11/1991.  
 Pesadelo revisitado. *Veja*, nº 1066, 08/02/1989.  
 Pinochet em guerra com a URSS. *Veja*, nº 938, 27/08/1986.  
 Poder de fogo. *Veja*, nº 886, 28/08/1985.  
 Pogrom, hoje. *Veja*, nº 1020, 23/03/1988, 1020.  
 Polêmica amerikana. *Veja*, nº 964, 25/02/1987.  
 Ponte para Israel. *Veja*, nº 904, 01/01/1986.  
 Ponte queimada. *Veja*, nº 964 25/02/1987.  
 Porta para a fé. *Veja*, nº 990, 26/08/1987.  
 Portas abertas. *Veja*, nº 1191, 10/07/1991.  
 Praça da liberdade. *Veja*, nº 1078, 10/05/1989.  
 Primavera em Berlim. *Veja*, nº 1106, 22/11/1989.  
 Primavera no Leste. *Veja*, nº 1071, 15/03/1989.  
 Primavera no Leste. *Veja*, nº 1142, 08/08/1990.  
 Primeiro recado. *Veja*, nº 30/01/1985.  
 Prisão de nações. *Veja*, nº 1122, 21/03/1990.  
 Quase um sonho. *Veja*, nº 991, 02/09/1987.

- Quebra-gelo. *Veja*, nº 996, 07/10/1987.
- RANSCHBURG, André. *Veja*, nº 1087, 12/07/1989, 6. Entrevista por Fábio Altman.
- Rede de intrigas. *Veja*, nº 887, 04/09/1985.
- Removendo o manto do segredo. *Veja*, nº 1040, 10/08/1988.
- Renascimento oficial. *Veja*, nº 1068, 22/02/1989.
- Ressaca alemã. *Veja*, nº 1175, 27/03/1991.
- Retirada à vista. *Veja*, nº 958, 14/01/1987.
- Retomada do diálogo. *Veja*, nº 898, 20/11/1985.
- Retrato do exílio. *Veja*, nº 992, 09/09/1987, 38.
- REVEL, Jean-François. Democracias em perigo. *Veja*, nº 881, 24/07/1985, 8. Entrevista por Paulo Moreira Leite.
- Rock e pauleira. *Veja*, nº 980, 17/06/1987.
- Rublos na fogueira. *Veja*, nº 1167, 30/01/1991.
- Sangue na Europa. *Veja*, nº 1186, 05/06/1991.
- SANTA CRUZ, Selma. A ascensão de Gorbachev. *Veja*, nº 904, 01/01/1986.
- SANTA CRUZ, Selma. O ano da espionagem. *Veja*, nº 904, 01/01/1986.
- SCHAFF, Adam. Rumo ao século XXI. *Veja*, nº 1007, 23/12/1987, 5. Entrevista por Roberto Pompeu de Toledo.
- Sem apelação. *Veja*, nº 1087, 12/07/1989.
- Sem barreiras. *Veja*, nº 1213, 18/12/1991.
- Sem intermediários. *Veja*, nº 1024, 20/04/1988.
- Sem reinado nem coroa. *Veja*, nº 1125, 11/04/1990.
- Silêncio rompido. *Veja*, nº 879, 10/07/1985.
- Sinal de Alerta. *Veja*, nº 1054, 16/11/1988.
- Sinatra agora dá o tom. *Veja*, nº 1103, 01/11/1989.
- Sob controle. *Veja*, nº 923, 14/05/1986.
- Sob fogo cruzado. *Veja*, nº 29/01/1986.
- Sob o domínio do medo. *Veja*, nº 1124, 04/04/1990.
- Socialismo de batina. *Veja*, nº 1160, 23/01/1991.
- Soviete quase sumpremo. *Veja*, nº 1100, 11/10/1989.
- Sozinho numa ilha. *Veja*, nº 1075, 12/04/1989.
- STRUWE, Carlos. Cortina rasgada. *Veja*, nº 1097, 20/09/1989.
- Surpresa de Moscou. *Veja*, nº 1163, 02/01/1991.
- Tabela? Que tabela? *Veja*, nº 1191, 17/07/1991.
- Temporada de caça. *Veja*, nº 1084, 21/06/1989.
- Terapia de choque. *Veja*, nº 1109, 13/12/1989.
- Terremoto no Leste. *Veja*, nº 1074, 05/04/1989.
- Terror e vingança. *Veja*, nº 893, 16/10/1985.
- TOLEDO, Roberto Pompeu. A flor e o dogma. *Veja*, nº 986, 29/07/1987.
- TOLEDO, Roberto Pompeu. A medalha e o sorriso. *Veja*, nº 986, 29/07/1987.
- TOLEDO, Roberto Pompeu. A palavra e o gesto. *Veja*, nº 986, 29/07/1987.
- TOLEDO, Roberto Pompeu. A revolução de Gorbachev. *Veja*, nº 986, 29/07/1987.
- Torniquete russo. *Veja*, nº 1127, 25/04/1990.
- Trama nas sombras. *Veja*, nº 889, 18/09/1985.
- Transição a passo firme. *Veja*, nº 1094, 30/08/1989.
- Tremores no império. *Veja*, nº 1076, 19/04/1989, 55
- Tropeção na chegada. *Veja*, nº 946, 22/10/1986.

Tudo errado. *Veja*, nº 942, 24/09/1986.  
Última palavra. *Veja*, nº 1014, 10/02/1988.  
Um americano no Kremlin. *Veja*, nº 1135, 20/06/1990.  
Um caso de polícia. *Veja*, nº 1111, 31/12/1989.  
Um clube cada vez mais seletivo: os ditadores que resistem ao tempo. *Veja*, nº 1110, 20/12/1989.  
Um garoto no Kremlin. *Veja*, nº 863, 20/03/1985.  
Um homem que sabe negociar. *Veja*, nº 1006, 16/12/1987.  
Um mistério volta à tona. *Veja*, nº 1076, 19/04/1989.  
Um salto arriscado. *Veja*, nº 944, 08/10/1986.  
Um soco na letargia. *Veja*, nº 1155, 07/11/1990.  
Um tiro no escuro. *Veja*, nº 920, 23/04/1986.  
Uma czarda de sucesso. *Veja*, nº 856, 03/04/1985.  
Uma reforma à brasileira. *Veja*, nº 1170, 20/02/1991.  
Uma sociedade longe da Rebeldia. *Veja*, nº 1001, 11/11/1987.  
Urnas apoiam Gorbachev, mas confusão continua. *Veja*, nº 1176, 27/03/1991.  
*Veja* nº 1108, 06/12/1989.  
*Veja* nº 1120, 07/03/1990.  
*Veja*, nº 1111, 31/12/1989.  
*Veja*, nº 1001, 11/11/1987.  
*Veja*, nº 1003, 25/11/1987.  
*Veja*, nº 1031, 08/06/1988.  
*Veja*, nº 1032, 15/06/1988.  
*Veja*, nº 1033, 22/06/1988.  
*Veja*, nº 1061, 04/01/1989.  
*Veja*, nº 1063, 18/01/1989.  
*Veja*, nº 1065, 01/02/1989.  
*Veja*, nº 1066, 08/02/1989.  
*Veja*, nº 1067, 15/02/1989.  
*Veja*, nº 1070, 08/03/1989.  
*Veja*, nº 1071, 15/03/1989.  
*Veja*, nº 1072, 22/03/1989.  
*Veja*, nº 1073, 29/03/1989.  
*Veja*, nº 1074, 05/03/1989.  
*Veja*, nº 1075, 12/04/1989.  
*Veja*, nº 1080, 24/05/1989.  
*Veja*, nº 1082, 07/06/1989.  
*Veja*, nº 1084, 21/06/1989.  
*Veja*, nº 1085, 28/06/1989.  
*Veja*, nº 1086, 05/07/1989.  
*Veja*, nº 1087, 12/07/1989.  
*Veja*, nº 1088, 19/07/1989.  
*Veja*, nº 1089, 26/07/1989.  
*Veja*, nº 1090, 02/08/1989.  
*Veja*, nº 1092, 16/08/1989.  
*Veja*, nº 1093, 23/08/1989.  
*Veja*, nº 1094, 30/08/1989.  
*Veja*, nº 1097, 20/09/1989.

*Veja*, nº 1104, 08/10/1989.  
*Veja*, nº 1105, 15/11/1989.  
*Veja*, nº 1106, 22/11/1989.  
*Veja*, nº 1107, 29/11/1989.  
*Veja*, nº 1113, 17/01/1990.  
*Veja*, nº 1115, 31/01/1990.  
*Veja*, nº 1116, 07/02/1990.  
*Veja*, nº 1118, 21/01/1990.  
*Veja*, nº 1119, 28/02/1990.  
*Veja*, nº 1121, 14/03/1990  
*Veja*, nº 1122, 21/03/1990  
*Veja*, nº 1127, 25/04/1990  
*Veja*, nº 1130, 16/05/1990.  
*Veja*, nº 1135, 20/06/1990.  
*Veja*, nº 1141, 01/08/1990.  
*Veja*, nº 1142, 08/08/1990.  
*Veja*, nº 1149, 26/09/1990.  
*Veja*, nº 1153, 24/10/1990.  
*Veja*, nº 1155, 07/11/1990.  
*Veja*, nº 1156, 07/11/1990.  
*Veja*, nº 1158, 28/11/1990.  
*Veja*, nº 1159, 05/12/1990.  
*Veja*, nº 1160, 12/12/1990.  
*Veja*, nº 1161, 12/12/1990.  
*Veja*, nº 1165, 16/01/1991.  
*Veja*, nº 1167, 30/01/1991.  
*Veja*, nº 1170, 20/02/1991.  
*Veja*, nº 1174, 20/03/1991.  
*Veja*, nº 1177, 27/02/1991.  
*Veja*, nº 1183, 22/05/1991.  
*Veja*, nº 1183, 22/05/1991.  
*Veja*, nº 1186, 12/06/1991.  
*Veja*, nº 1187, 19/07/1991.  
*Veja*, nº 1190, 10/07/1991.  
*Veja*, nº 1191, 17/07/1991.  
*Veja*, nº 1193, 31/07/1991.  
*Veja*, nº 1195, 14/08/1991.  
*Veja*, nº 1197, 28/08/1991.  
*Veja*, nº 1198, 04/09/1991.  
*Veja*, nº 1199, 11/09/1991.  
*Veja*, nº 1201, 25/09/1991.  
*Veja*, nº 1202, 02/10/1991.  
*Veja*, nº 1204, 16/10/1991.  
*Veja*, nº 1207, 06/11/1991.  
*Veja*, nº 1210, 27/11/1991.  
*Veja*, nº 1213, 18/12/1991.  
*Veja*, nº 1214, 25/12/1991.

- Veja*, nº 1220, 05/02/1992.  
*Veja*, nº 1261, 07/11/1990.  
*Veja*, nº 1262, 07/11/1990.  
*Veja*, nº 2054, 02/04/2008.  
*Veja*, nº 858, 13/02/1985.  
*Veja*, nº 865, 03/04/1985.  
*Veja*, nº 866, 10/04/1985.  
*Veja*, nº 870, 08/05/1985.  
*Veja*, nº 874, 05/06/1985.  
*Veja*, nº 876, 19/06/1985.  
*Veja*, nº 878, 03/07/1985.  
*Veja*, nº 884, 14/08/1985.  
*Veja*, nº 888, 11/09/1985.  
*Veja*, nº 891, 02/10/1985.  
*Veja*, nº 891, 02/10/1985.  
*Veja*, nº 896, 06/11/1985.  
*Veja*, nº 903, 25/12/1985.  
*Veja*, nº 906, 15/01/1986.  
*Veja*, nº 910, 12/02/1986.  
*Veja*, nº 928, 18/06/1986.  
*Veja*, nº 945, 15/10/1985.  
*Veja*, nº 946, 22/10/1987.  
*Veja*, nº 955, 24/12/1986.  
*Veja*, nº 961, 04/02/1987.  
*Veja*, nº 966, 11/03/1987.  
*Veja*, nº 974, 06/05/1987.  
*Veja*, nº 977, 27/05/1987.  
*Veja*, nº 986, 29/07/1987.  
*Veja*, nº 989, 19/08/1987.  
*Veja*, nº 991, 02/09/1987.  
*Veja*, nº 993, 16/09/1987.  
*Veja*, nº 996, 07/10/1987.  
*Veja*, nº 997, 14/10/1987.  
Ventos da mudança. *Veja*, nº 961, 04/02/1987.  
Versos livres. *Veja*, nº 1011, 20/01/1988.  
Vitória da perestroika. *Veja*, nº 1035, 06/07/1988.  
Vitória tática. *Veja*, nº 941, 17/09/1986.  
Volta à praça. *Veja*, 1011, 20/01/1988.  
Voto de protesto. *Veja*, nº 1121, 14/03/1990.  
Voz do Himalaia. *Veja*, nº 1100, 11/10/1989.  
WEFFORT, Francisco. Descendo a ladeira. *Veja*, nº 1175, 27/03/1991, 7-8. Entrevista por Igor Fuser.  
Yeltsin comanda o show. *Veja*, nº 1082, 07/06/1989.  
YEVTUCHENKO, Yevgeny. A liberdade chegou. *Veja*, nº 965, 04/03/1987, 5-8. Entrevista por Mário Sérgio Conti.  
Zona de sombra. *Veja*, nº 978, 03/06/1987.

## ANEXOS

1- Tabela demonstrativa da progressão de matérias e temas abordados por Veja, a cada ano.

O antigo discurso anticomunista:

Tema	Ano	Número de matérias
Espionagem internacional	1985	13
	1986	10
	1987	6
	1988	1 – relembrando um caso de 1985
	1989	1 – relembrando um caso de 1987
	1990	0
	1991	0
Terrorismo e narcotráfico ligado à países socialistas	1985	2
	1986	2
	1987	1
	1988	1
	1989	5
	1990	0
	1991	0
Dissidentes e refuseniks	1985	5
	1986	7
	1987	4
	1988	2
	1989	0
	1990	0
	1991	0
Conflitos regionais e Guerra Fria	1985	19
	1986	9
	1987	14
	1988	10
	1989	3
	1990	0
	1991	1

2- Tabela demonstrativa da progressão de matérias e temas abordados por Veja, a cada ano.

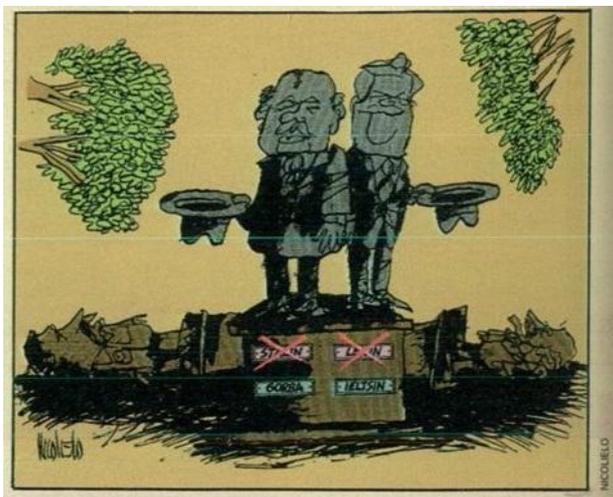
O novo discurso anticomunista:

Tema	Ano	Número de matérias
Repressão às massas e censura	1985	2
	1986	3
	1987	8
	1988	15
	1989	49
	1990	43
	1991	31
Economia e reforma econômica	1985	7
	1986	7
	1987	17
	1988	16
	1989	19
	1990	30
	1991	38

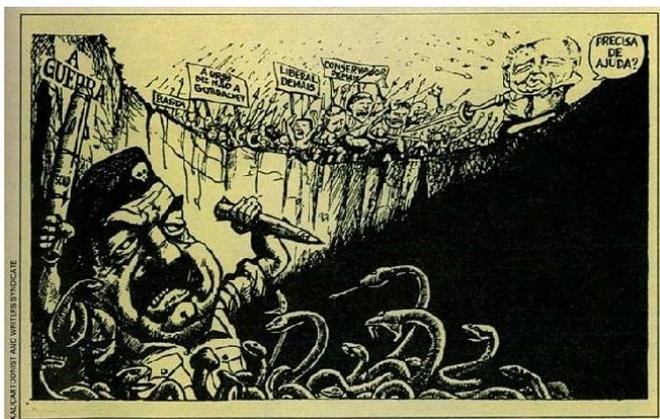
3- Capas e cantos de capas com a imagem de:

Gorbachev – 1985-1991	Reagan – 1985-1988
6	7

4- O anticomunismo através do humor:



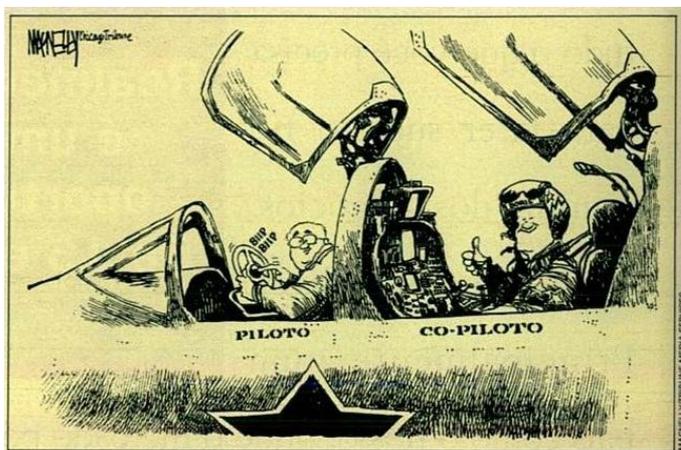
Veja, nº 1202, 02/10/1991, p. 44.



Veja, nº 1177, 27/02/1991, p. 43.



Veja, nº 1187, 19/07/1991, p. 35.



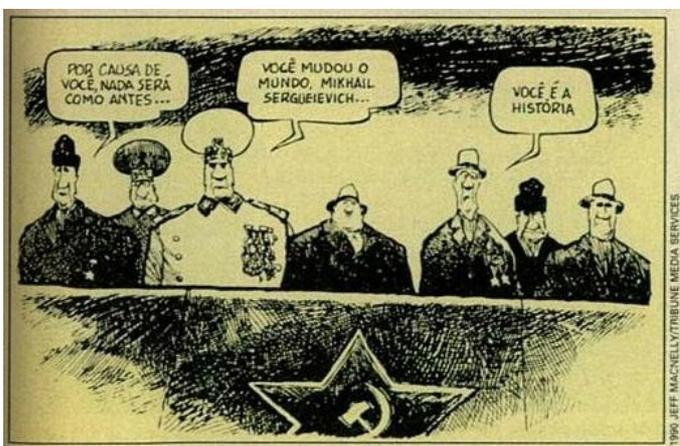
Veja, nº 1199, 11/09/1991, p. 46.



Veja, nº 1195, 14/08/1991, p. 37.



Veja, nº 1204, 16/10/1991, p. 39.



Veja, nº 1165, 16/01/1991, p. 41.